

---

**WILLIAM L. COLEMAN**

---

# **MANUAL DOS TEMPOS & COSTUMES BÍBLICOS**



---

O contexto cultural, social, político e religioso das terras e dos povos da Bíblia, com base nas mais recentes descobertas arqueológicas.

---

INFORMAÇÕES UTILÍSSIMAS PARA TODOS QUE QUEREM ENTENDER MELHOR A MENSAGEM DA BÍBLIA.

**Título do original em inglês:**  
***Today's Handbook of Bible Times and Customs.***  
**Copyright © 1984 William L. Coleman.**  
**Publicado por Bethany House Publishers.**

**Tradução de Myrian Talitha Lins**

**Primeira edição, 1991**

**Todos os direitos reservados pela**  
**Editora Betânia S/C**  
**Caixa Postal 5010**  
**31611 Venda Nova, MG**

**É proibida a reprodução total ou parcial**  
**sem permissão escrita dos editores.**

**Composto e impresso nas oficinas da**  
**Editora Betânia S/C**  
**Rua Padre Pedro Pinto, 2435**  
**Belo Horizonte (Venda Nova), MG**

**Printed in Brazil**

# CRÉDITO DAS FOTOGRAFIAS


As fotos usadas neste volume trazem, no final das respectivas legendas, iniciais que identificam a fonte, conforme a relação abaixo. Os editores agradecem penhoradamente a participação dessas pessoas e organizações.

AJW	Cortesia do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis
AR	Ann Roth
BAS	Biblical Archaeology Society
CD	Charlette Dillon
CGI	Consulado Geral de Israel
DM	Foto de Dever/Mull, cortesia do Archaeological Institute of America
EHLE	Eye-ographic Holy Land Exhibit
ICI	Instituto Cultural Italiano
JJ	Jacquelyn Johnson
JLAT	Foto tirada de "Jewish Life in Art and Tradition", publicada por Hechal Schlomo e cortesia do World Zionist Press Service, Jerusalém e do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis
KM	Foto de Kook-Magnes, cortesia do World Zionist Press Service, Jerusalém e do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis
LB	Foto de Lev Borodolin, cortesia do World Zionist Press Service, Jerusalém e do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis
REI	Instituto de Religião e Ética
RI	Robert Ibach, Jr.
RN	Foto de Richard Nowitz, cortesia do World Zionist Press Service, Jerusalém e do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis
TW	Terry White
WB	Foto de Werner Braun, cortesia do World Zionist Press Service, Jerusalém e do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis
WZPS	Cortesia do World Zionist Press Service, Jerusalém e do <i>American Jewish World</i> , Minneapolis

# ÍNDICE

Introdução .....	9
1. A Moradia .....	13
2. A Vida em Família .....	30
3. Alimentação .....	41
4. Cuidando da Aparência: Vestuário e Cosméticos .....	58
5. A Prática da Medicina .....	75
6. Os Filhos .....	84
7. A Mulher na Sociedade .....	92
8. O Casamento .....	101
9. O Sexo .....	111
10. Alfabetização e Educação .....	121
11. Os Idosos .....	135
12. As Profissões .....	139
13. A Escravidão .....	156
14. Os Pobres .....	164
15. A Agricultura e Pecuária .....	174
16. A Ocupação Romana .....	217
17. Viagens e Comunicações .....	230
18. Grupos Políticos e Religiosos .....	243
19. A Importância da Sinagoga .....	255
20. Festas Religiosas .....	263
21. A Música .....	275
22. Magias e Superstições .....	281
23. Os Funerais .....	290
24. Preconceitos e Conflitos Sociais .....	296
25. Crimes e Castigos .....	306
26. Esportes .....	320
Índice por Assunto .....	331
Índice de Referências Bíblicas .....	345

# INTRODUÇÃO



**V**ocê conhece bem seu vizinho do lado? É provável que não. Imagine, então, como seria difícil se conhecerem as características de um indivíduo que viveu há milhares de anos, numa cultura muito diferente da nossa. Para se realizar uma tarefa desse porte é preciso mente aberta, a disposição de procurar estudar todos os detalhes e muita humildade. E mesmo assim não se deve esperar sucesso absoluto. O "perfil" que obteremos deverá ser uma imagem não muito nítida do original. Como estamos lidando com uma realidade que se acha distanciada de nós no tempo e no espaço, não conseguimos divisá-la claramente, em todas as suas cores e nuances.

Nosso objetivo neste livro é fazer um estudo do homem dos tempos bíblicos, para tentar conhecê-lo melhor. Na verdade, não foi muito difícil estudar aspectos tais como a moradia, governos, escolas e tipos de trabalho daquela época. Mas quando foi preciso definir *emoções*, aí a coisa mudou de figura. Que tipo de sensações ou circunstâncias provocariam riso, choro, esperança num israelita dos tempos bíblicos? O que provocaria ódio? Que aromas mais apelavam aos seus sentidos? Que símbolos fariam com que se colocasse em posição de sentido, cheio de orgulho e de sentimentos patrióticos? Que expressões, cerimônias religiosas ou cenas campestres o motivavam a entoar louvores a Deus?

Acredito que quanto mais conhecermos os sentimentos, a mentalidade e o estilo de vida dos israelitas, melhores condições teremos de entender a Bíblia. Se, ao ler determinados textos, não pudermos visualizar um rosto roxo de raiva, por exemplo, ou ouvir alguém soltando brados de indignação, ou sussurrando palavras ternas, ou se não pudermos imaginar a dor muscular de um pescador que passou o dia todo puxando redes carregadas de peixes, aquela passagem terá pouco significado para nós.

Quanto mais informações tivermos sobre os judeus do passado, melhor iremos compreender Jesus Cristo, pois ele era judeu. Usava as mesmas roupas que eles, comia o que eles comiam, ria das mesmas piadas, cantava as mesmas cantigas de sua terra.

A preparação deste livro me proporcionou enorme satisfação. Tive a oportunidade de estudar assuntos que sempre quisera analisar; tive muitas surpresas interessantes; entendi melhor alguns dos

modos pelos quais Deus operou junto ao povo escolhido, o que contribuiu para meu crescimento espiritual.

E à medida que o leitor for folheando este manual, seja lendo todo ele, capítulo a capítulo, ou pesquisando apenas certos tópicos, gostaria que levasse em conta as seguintes observações:

1. *Não existe um tipo de pessoa que poderíamos denominar um "judeu típico".* Às vezes é muito fácil criar um estereótipo, e afirmar que os judeus agiam assim ou assado. É verdade que, por terem uma cultura em comum, eles apresentavam muitas similaridades entre si. Mas, apesar disso, cada indivíduo é diferente dos outros em aparência e temperamento.

2. *Havia grande pluralismo cultural.* Durante a maior parte de sua existência como nação, o povo israelita foi uma sociedade aberta a influências externas, e não isolada, fechada em si. Eles foram sensivelmente afetados pela cultura de outras nações, pela sua língua, forma de governo, religião, vestimentas e pela sua atividade esportiva. E em muitas ocasiões chegaram a adotar práticas de outros povos.

3. *Não se pode recriar uma imagem deles com base apenas em sua legislação.* Algumas pessoas que empreendem estudos sobre os israelitas produzem livros como este, baseados nas leis, supondo que todos as observavam rigorosamente. Não se pode pressupor que todos guardassem, por exemplo, o dispositivo que determina que se socorra ao necessitado. Muitas dessas leis são apenas ideais de vida, e não atitudes assumidas na prática.

Podemos dizer o mesmo com relação ao ensinamento dos rabis. Era comum haver muitos ensinamentos contraditórios entre eles, sobre diversos assuntos, e, por causa disso, o povo não lhes dava muito crédito.

4. *A cultura israelita não era estática.* A vida de Abraão, por exemplo, foi muito diferente da de Pedro. Precisamos evitar erros como o de ler um texto em Gênesis e depois extrapolar seus conceitos, aplicando-os ao Evangelho de João. Com a passagem do tempo, a forma de vida daquele povo foi-se modificando, e se alterou muito. Obviamente, transcorridos séculos, as mudanças eram bem sensíveis. É um grande engano supor que os judeus ou palestinos de hoje são parecidos com os personagens do Novo Testamento. Pensar assim pode resultar numa interpretação inexata das Escrituras.

Em minha busca dos fatos relativos à vida e aos sentimentos dos povos bíblicos tive que estudar muito e empreender diversas pesquisas. Consultei e li inúmeros livros e catálogos de bibliotecas, desde a do Seminário de Princeton, até a Faculdade Hastings, bem como de muitas outras escolas. Folhee com grande admiração as obras de estudiosos do assunto como Joachim Jeremias, Daniel-Rops, Deissmann, e tantos outros que seria impossível enumerá-los. Passei mui-

tas horas examinando fotografias, lendo publicações arqueológicas, utilizando as vantagens do conhecimento moderno. Meu desejo é que, através dessas páginas, consiga transmitir ao leitor a mesma satisfação e prazer que tive ao realizar este trabalho.

Grande parte dos méritos deve ser atribuída à minha esposa, Pat. Ela não apenas se dedicou à hercúlea tarefa de pesquisar, editar e datilografar este livro, mas também dispensou-me amor e incentivo que foram de importância vital para a conclusão deste projeto.

William Coleman

# A MORADIA

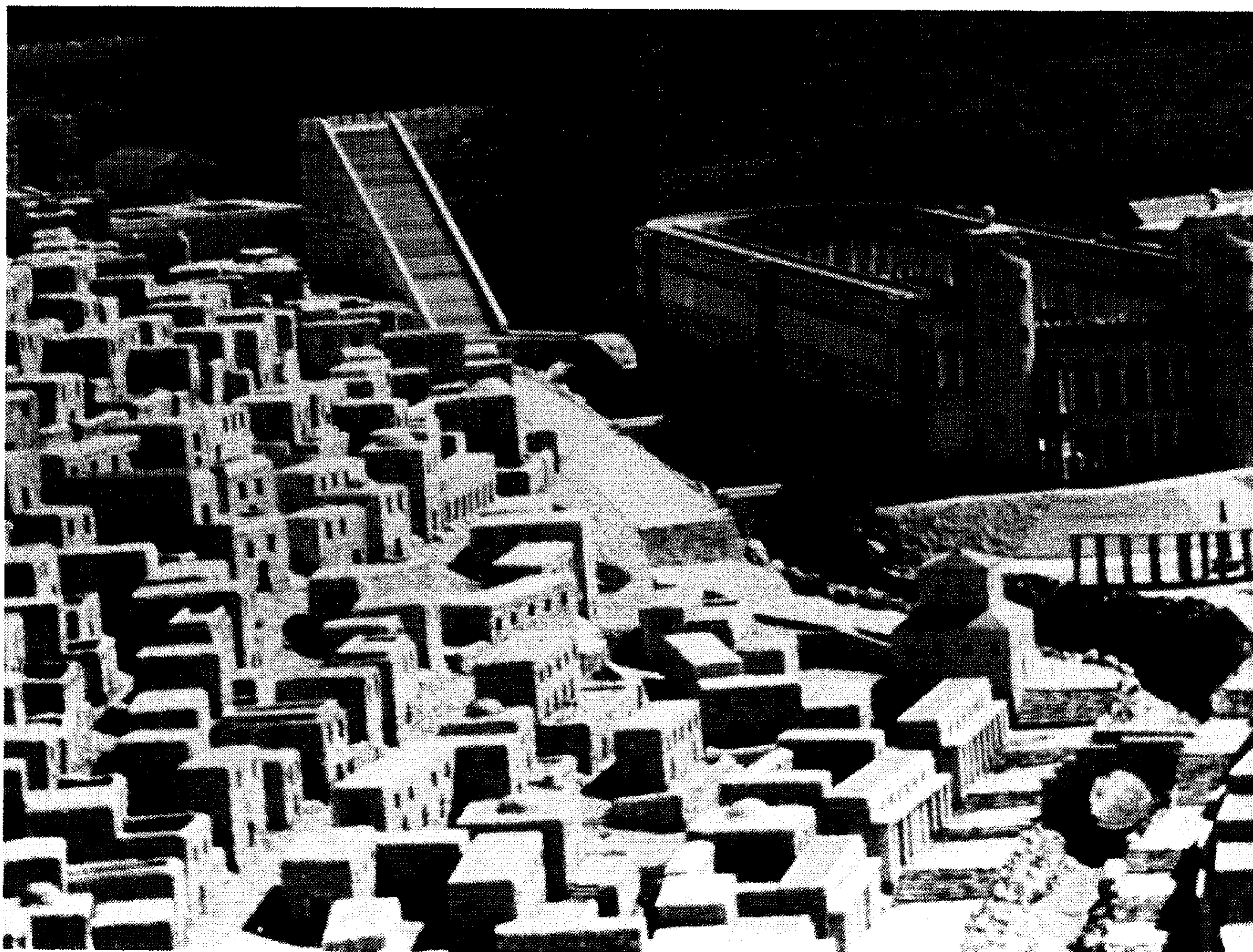
---

---

**E**m meio aos ruídos, aromas e cenas domésticas de suas modestas moradias, os judeus do primeiro século de nossa era levavam uma vida tranqüila, com muito aconchego familiar. O pão era assado em fornos de barro; os tios tocavam seus instrumentos na área; e à noite, as casas eram iluminadas pela luz mortíça das lamparinas de azeite. A vida familiar era caracterizada por muita atividade e carinho, e regida por tradições sólidas.

Esta reconstituição da cidade de Jerusalém nos dias de Cristo mostra as moradias simples e pequenas que havia na velha cidade.

TW



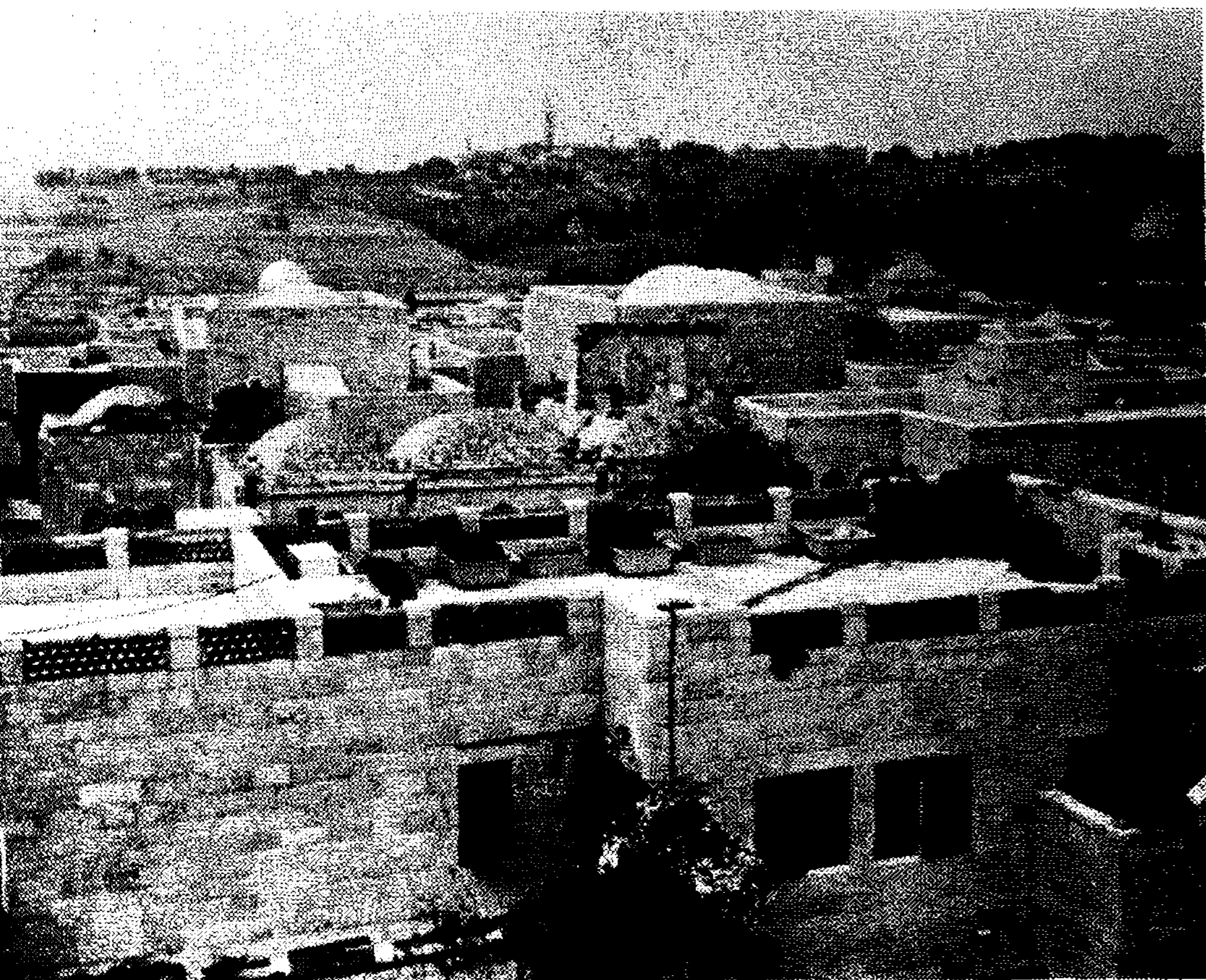


As casas eram de formas e tamanhos variados, pois a diferença entre a classe rica e a pobre era bem sensível. Não havia um modelo que se pudesse apontar como sendo o de uma casa típica da Palestina, mas as dos cidadãos de posses medianas tinham algumas características em comum. Na maioria dos casos, a estrutura delas era simples e bem pequena. A maior parte das atividades diárias dos israelitas era ao ar-livre, então a casa para eles era apenas um abrigo, um local para se fazer as refeições e dormir.

No tempo de Cristo, as casas comuns eram constituídas de apenas um cômodo, com pouquíssimo mobiliário, e quase nenhum adorno. Muitas delas mediam cerca de 3,5 metros quadrados; tinham somente duas ou três janelas, e o assoalho era de terra batida. Todas as moradias, até mesmo as mais pobres, tinham uma escada externa que dava acesso ao telhado, que era plano. Grande parte das reuniões de família e atividades sociais era realizada no telhado ou no quintal. Muitas vezes eles até dormiam no telhado, sob o céu estrelado, principalmente nos meses quentes do verão. Quando queriam um pouco mais de privacidade, erguiam ali uma barraca ou um quartinho. □

**TELHADOS PLANOS** □ Ao se construir uma casa, o telhado, que praticamente era a sala de estar, recebia certos cuidados especiais. Ele era armado com pesadas vigas de madeira, sobre as quais se colocavam varetas, sendo tudo recoberto com uma massa de barro, à qual se misturava palha picada. A fumaça dos fogões era escoada pelas janelas. As famílias mais abastadas, ao construir a casa, assentavam ladrilhos no telhado para aumentar-lhe a resistência.

Um telhado de barro exigia muitos cuidados. Vez por outra os moradores tinham que recheiar com barro os desgastes causados pelas chuvas. Alguns plantavam grama nele, para tentar protegê-lo da erosão. Regular-



Os telhados planos da velha cidade de Jerusalém eram ótimos lugares para se orar (At 10.9), e era dos telhados também que se faziam as proclamações e comunicações (Mt 10.27; Lc 12.3). CD

mente era necessário fazer uma espécie de lixamento, para mantê-lo plano e impermeável. Mas a despeito de todos os cuidados, não conseguiam evitar as goteiras, que se tornaram motivo de símiles cômicas (Pv 19.13).

Nas tardes quentes era muito comum as mulheres trabalharem no telhado — preparando pão, tecendo fazendas, fazendo a secagem do linho ou de frutas como o figo e tâmara, ou então “catando” cereais. Era ali também que se estendiam as roupas lavadas para secar.

Sendo o telhado plano, prático e de fácil acesso, era utilizado de diversas maneiras. Certa vez Pedro foi orar no telhado (At 10.9); e muitos outros já fizeram o mesmo. Era dali que se faziam as comunicações especiais, enunciadas em alta voz, e ouvidas em todo o bairro (Mt 10.27; Lc 12.3). Era tão comum haver atividades nos telhados que a lei mosaica dispunha que se construíssem nele parapeitos (Dt 22.8), que geralmente eram gradeamentos de madeira.

Naquele tempo, era muito raro haver construções de dois pavimentos, embora fosse bastante comum fazerem-se pequenos cômodos no telhado, desde varandinhas até quartos para hóspedes. Esse cômodo, chamado *alliyah*, às vezes seria como casa de veraneio ou aposento de oração, como vemos em Mateus 6.6; ali Jesus diz a seus seguidores que, ao orar, eles deveriam entrar no “quarto”, em vez de exibir sua religiosidade em público.

Esta foto mostra parte das pilastras que sustentavam o assoalho da área de banhos quentes do suntuoso palácio que Herodes tinha no deserto, na fortaleza de Massada, próximo da margem ocidental do mar Morto. O assoalho era uma peça complexamente elaborada (à direita vêem-se restos dele). Por baixo dele circulava água quente que depois era escoada pela abertura ao fundo.

TW



Foi num desses aposentos que ele se reuniu com seus discípulos para celebrar a Páscoa (Lc 22.12); nesse caso, era um cenáculo mobiliado, espaçoso, que provavelmente pertencia a um de seus discípulos mais abastados. E após a ascensão de Cristo, cento e vinte deles se reuniram num aposento semelhante (At 1.13). Ao que parece, diversos dos seguidores de Jesus eram pessoas de posses.

Esses quartinhos tinham ainda outras utilizações. Por ocasião da festa dos tabernáculos, por exemplo, fazia-se ali uma cabana rústica, como parte das comemorações dela. Essa cabana era semelhante às que os plantadores erguiam nos campos, na época da colheita (Êx 23.14-17; Lv 23; Dt 16).

Nessa festa, milhares de pessoas convergiam para Jerusalém. Esses forasteiros construíam cabanas toscas nas ruas, nas praças, em qualquer espaço vazio. É possível que quando Pedro disse a Jesus, no monte da Transfiguração, que poderiam construir ali tendas para Moisés, Elias e Jesus, ele estivesse se referindo a esse tipo de cabana (Mt 17.4).

Em alguns lugares, as casas eram ligadas umas às outras, como casas de parede-meia. E os telhados, unidos uns aos outros, formavam uma verdadeira passarela. Os rabis chamavam a isso "rua de telhados", e muitas vezes o povo a utilizava mesmo como uma via de trânsito.

Jesus disse que quem estiver no telhado, no dia do juízo, não deverá descer para pegar nada em casa (Mt 24.17). Provavelmente, estava querendo ensinar que não se deve perder tempo em descer para pegar os pertences.

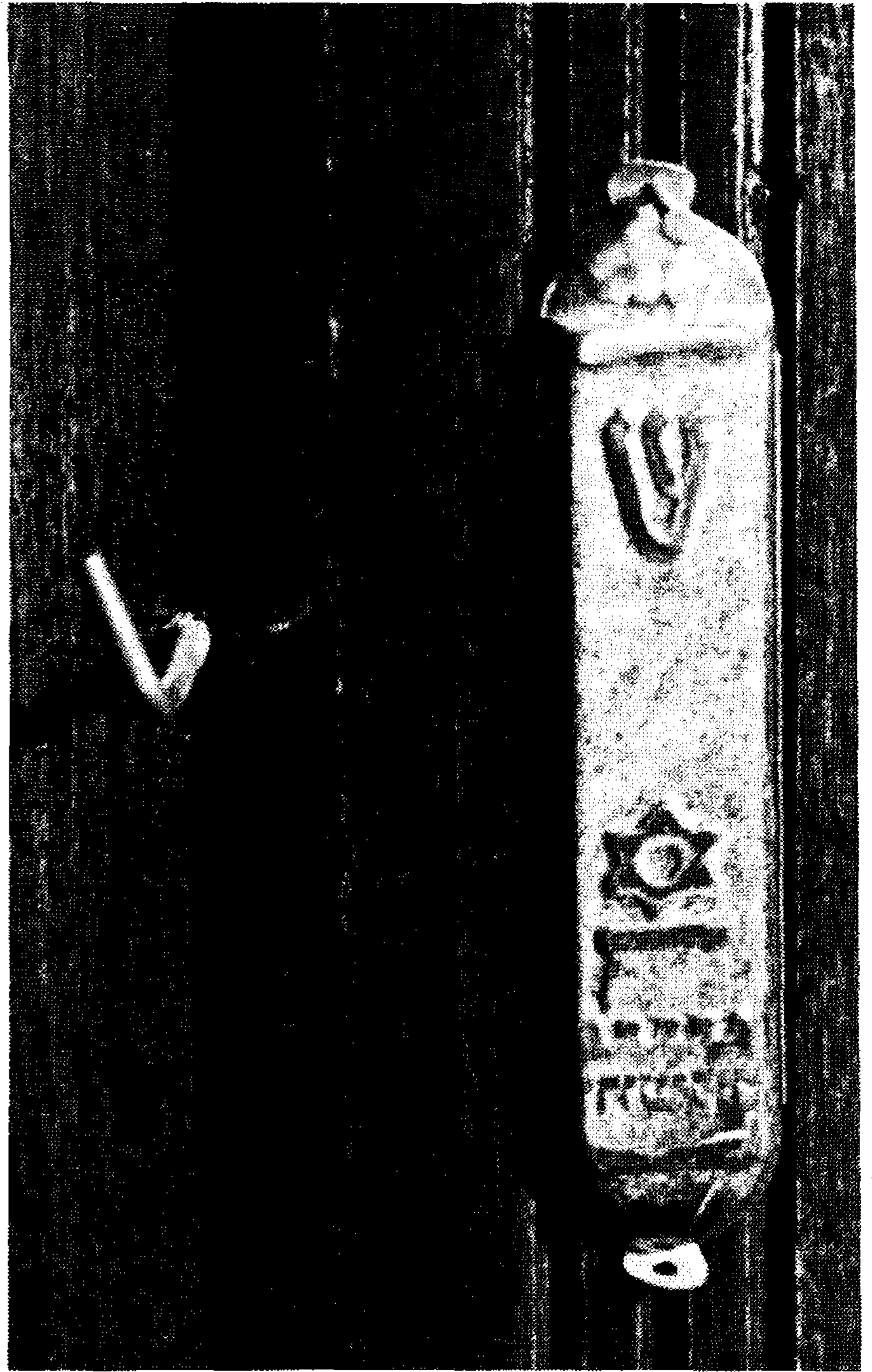
Embora o conhecimento da técnica de encanamento seja tão antigo quanto a fundação das primeiras cidades, só na época de Cristo é que estavam tomando providências para instalar vasos sanitários. Os romanos de um modo geral tinham banheiros com água encanada. Em alguns lugares, a partir de uma certa época, já se faziam fossas, esgoto encanado ou valas de areia. Naqueles tempos também já se utilizavam canos de cerâmica semelhantes às nossas manilhas. No primeiro século, as pessoas mais ricas faziam banheiros completos em casa. Em algumas havia até banheiras, e outras tinham sistemas de aquecimento de água. □

**A PORTA** □ As portas de entrada das casas, naquela época, eram diferentes variando muito de uma casa para outra, assim como acontece hoje. Em sua maior parte, as portas eram pequenas e estreitas. Em vez de dobradiças, elas eram presas a um encaixe de pedra, onde giravam com facilidade. É possível que na zona rural as portas fossem deixadas constantemente abertas. O homem da cidade, porém, já era um pouco mais cauteloso. Para os hebreus, a porta tinha uma importância espiritual muito grande. A soleira era de pedra, e

considerada sagrada. Durante a Páscoa passava-se sangue nela, para lembrar a ocasião em que tinham sido milagrosamente libertos do cativeiro no Egito, em decorrência das dez pragas. Afixado na ombreira das portas havia o *mezuzá*, que consistia de um tubo de metal ou de uma caixinha de madeira, dentro do qual era guardado um pergaminho contendo o texto de Deuteronômio 6.4-9, o *Shema*, ou credo: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas." Hoje em dia ainda há escribas que fazem esses pergaminhos seguindo instruções especiais para isso. O pergaminho era enrolado de forma a que, colocado no estojo, o termo hebraico que significa "Todo-Poderoso" ficasse à vista, através de um orifício que havia na caixa.

Muitas vezes, quando um israelita saía ou entrava em casa, beijava os próprios dedos, e em seguida tocava o *mezuzá*. Esse cartucho na porta tinha vários propósitos: era um testemunho de fé para os vizinhos, um sinal de que o morador cria na proteção de Deus, e um lembrete da história do povo de Israel.

Geralmente eles não trancavam as portas, mas poderiam fazê-lo, se assim o desejassem, e para isso utilizavam imensas chaves de ma-



Muitos judeus gostavam de afixar um "mezuzá" aos umbrais da porta, para lembrar a presença de Deus na casa, e a libertação do povo do cativeiro egípcio. As versões originais do mezuzá eram mais elaboradas e continham um pergaminho onde estavam gravados, num dos lados, as passagens de Deuteronômio 6.4-9; 11.13-21, e no outro, a palavra "Shadai", um dos nomes atribuídos a Deus. EVTS

deira. E embora as chaves fossem bem grandes, alguns costumavam carregá-las penduradas no pescoço. Outra forma de trancar a porta era passar uma barra de madeira por dentro. □

**O ASSOALHO** □ Na maioria das casas, o assoalho era de cerâmica ou de terra batida; em algumas utilizava-se barro endurecido ou argamassa. As pessoas mais ricas às vezes faziam pisos de pedra calcária, que era mais fácil manter e limpar.

Era muito importante que a base do terreno onde se construía fosse firme e estável (Mt 7.24-27). Naquelas regiões, havia sempre a ameaça de fortes terremotos, bem como de tempestades súbitas, pesadas, que causavam erosões nas bases. Se ao construir a casa o proprietário fosse descuidado e a edificasse num terreno instável como areia, por exemplo, as conseqüências poderiam ser desastrosas. Sempre que possível, faziam-se fundações profundas, em busca de uma camada de argila dura ou de rocha. As casas mais antigas que se deterioravam com o tempo iam sendo derrubadas, para se construir outras. Mas em muitos casos utilizavam-se os mesmos alicerces da casa demolida. □

**AS JANELAS** □ Na maioria das casas havia poucas janelas, que geralmente eram localizadas no alto, para favorecer bem a ventilação, já que o verão nessas regiões é muito quente. Eles não colocavam vidraças, embora já existisse o material. Preferiam utilizar um gradeamento de madeira trabalhada com belos desenhos, para controlar a entrada da luz. À noite, quando fazia frio, fechavam as persianas. É provável que as janelas fossem bem sujas de fuligem, já que funcionavam como chaminés.

Nas casas construídas sobre a muralha da cidade, as janelas podiam servir como meio de fuga (2 Co 11.33). Contudo, era um perigo alguém se sentar numa delas para ouvir um longo sermão, se pegasse no sono (At 20.9). □

**ILUMINAÇÃO** □ Como não havia eletricidade, e as janelas fossem poucas, o interior das casas era meio escuro. Em muitas residências a única iluminação que havia era a do fogão. Alguns tinham lampiões, mas a luz que projetavam não era muito forte.

Na Bíblia há menção de castiçais, mas isso não é uma tradução perfeita do termo original, já que àquela época ainda não existiam velas. No *menorá*, o candelabro de ouro do tabernáculo que tinha sete hastes, a iluminação vinha de pavios imersos em azeite de oliva. Em cada uma das hastes havia um pequeno recipiente onde se colocava o azeite, mas não tinha encaixe para velas.

As lâmpadas mais primitivas eram muito rudimentares; não passavam de uma tigelinha rasa, semelhante a um pires, em cuja borda

havia uma depressão onde se alojava o pavio. Outras já eram providas de uma espécie de tampa, fechando a tigelinha. Nessa lâmpada era colocada uma pequena quantidade de azeite onde se imergia o pavio, que era de algodão ou linho, e cuja ponta era introduzida na depressão. O recurso utilizado é o mesmo dos antigos lampiões de querosene. As mais simples eram feitas de barro mesmo. Mas havia também algumas de metais, como bronze, por exemplo, sendo muitas delas adornadas com desenhos. Os gentios faziam lâmpadas em formato de animais. Os judeus não gostavam de adotar esse tipo de formato pois abominavam a idolatria.

Se uma casa estivesse às escuras, podia-se ter certeza de que não havia ninguém dentro. Sempre que houvesse uma pessoa numa casa haveria uma lâmpada acesa, já que o azeite era barato e de fácil aquisição. Outra razão por que se mantinham as lâmpadas acesas é que era muito difícil acendê-las. Eles obtinham fogo atritando duas pedras ou dois toquinhos de madeira que produziam centelhas. Somente as pessoas mais pobres eram parcimoniosas no uso do azeite.

Pelo fato de as lâmpadas ficarem continuamente acesas, havia sempre no ar um aroma agradável, e qualquer um que entrasse logo o percebia.

Quando Jesus narrou a parábola da dracma perdida, os ouvintes entenderam perfeitamente o fato de a mulher ter pegado uma candeia para procurá-la nos cantinhos mais escuros da casa (Lc 15.8). E na parábola das dez virgens, eles sentiram muito bem o drama das que não tinham levado azeite nas vasilhas (Mt 25.1-4). E assim, falando sobre lâmpadas e iluminação, Jesus expôs o evangelho em linguagem prática, em termos do dia-a-dia das pessoas.

Apesar de a luz das lâmpadas ser bastante fraca, era suficiente para manter os ladrões à distância. A escuridão favorecia os criminosos, mas a claridade promove a honestidade (Jo 3.20). Entre os deveres de uma boa dona-de-casa, estava o de manter a lâmpada acesa (Pv 31.18).

Geralmente podia-se colocar lâmpadas em vários pontos de um aposento. Em alguns lugares costumava-se

As casas dos antigos israelitas eram iluminadas por meio de pequenas lamparinas de barro semelhantes a esta lâmpada herodiana do século I ou II. Nela se colocava azeite de oliva e um pavio, de modo que ela exalava o doce aroma de óleo sendo queimado.

TW



fixar à parede uma espécie de prateleira de pedra para se colocar nela a lâmpada, ou então utilizavam-se veladores portáteis, levando-a para onde fosse necessária. Esses suportes, de madeira ou cerâmica, eram colocados bem no alto, de forma a iluminar ao máximo o cômodo. As pessoas mais ricas tinham veladores de metal.

Quando Jesus afirmou que não devíamos ocultar nossa luz (Mt 5.15), os ouvintes perceberam logo o ridículo da situação. Nós acenderíamos uma lanterna, por exemplo, e a guardaríamos sob o paletó ou então dentro do bolso? Mas Jesus disse que, quando se acende uma candeia, deve-se colocá-la no velador, onde será de utilidade para todos. Para compreendermos bem essa ilustração, temos que pôr de lado por uns momentos os métodos modernos de iluminação, e ter em mente os antigos.

Aqueles povos tinham que cuidar muito bem das lâmpadas; e por isso zelavam pelos seus componentes básicos — o recipiente, o azeite e o pavio — e tinham sempre certa quantidade deles em estoque para ser utilizada a qualquer momento, pois era muito desagradável ficar sem eles de uma hora para outra (Mt 25.1-10).

Felizmente havia muito azeite de oliva, que eles utilizavam para vários fins, dentre os quais o de ser usado na iluminação. Empregava-se azeite para tudo, desde o fabrico de sabões até os cosméticos das cerimônias religiosas. O óleo era produzido a partir da azeitona, largamente cultivada na região. □

**AS PAREDES** □ As paredes eram lisas, sem adornos. A lei proibia que os israelitas usassem figuras na decoração. Qualquer desenho que tivesse semelhança com pessoas ou animais era considerado uma imagem de ídolo, e, portanto, estritamente proibido. Contudo, mais recentemente descobriu-se uma sinagoga que ostentava paredes belamente trabalhadas, o que revela haverem exceções para essa regra.

As paredes eram construídas de barro seco, ou então de tijolos. Para fabricarem esses tijolos, eles cavavam um buraco no chão, e nele jogavam água e palha picada. Em seguida amassavam esses elementos misturando-os à terra com os pés. Depois colocavam essa massa em fôrmas de madeira retangulares ou quadradas, e os punham ao sol para secar. Uma vez secos, os tijolos estavam prontos para ser utilizados. Ao fazer tijolos para os palácios e moradias mais ricas, os oleiros estampavam neles motivos decorativos e depois os coziavam em fornos especiais.

A argamassa empregada para assentar os tijolos, era o barro também. Contudo as pessoas de posses utilizavam uma mistura de areia e cal, ou até de gesso. Outros materiais empregados eram o betume

e o piche (Gn 11.3). Depois de prontas, as paredes eram caiadas.

De um modo geral, aquela gente tinha muito trabalho para conservá-las sempre em bom estado, pois sendo feitas de material pouco resistente, sofriam desgaste ao vento e à chuva. A cobra mencionada em Amós 5.19 poderia ter entrado na casa por uma fresta na argamassa.

Apesar de essas construções serem tão frágeis muitas delas resistiram durante séculos. Os fatores que contribuíram para sua longa duração foram um alicerce sólido e tijolos de boa fabricação. Em algumas delas o alicerce era de tijolos "cozidos" em fornos. □

**O MOBILIÁRIO** □ A maioria das casas tinha uma aparência bem prática, sem muitas peças de mobília a atravancar o aposento. Para as refeições, eles apenas estendiam no chão uma esteira ou pele. Mesas e cadeiras eram objetos de luxo, que só as famílias ricas possuíam. Até mesmo um tamborete simples, de três pés, era uma raridade.

Quando Jesus celebrou a Páscoa com os discípulos a cena pode ter sido muito diferente da do quadro de Leonardo da Vinci, a "Última Ceia". Se a casa fosse de uma pessoa rica, é possível que tivessem mesmo utilizado uma mesa. Mas, nesse caso, teria sido um móvel mais baixo, e eles teriam deitado em esteiras ou almofadas, e não se sentado em cadeiras. É muito pouco provável também que todos se sentassem de um lado da mesa. Nos tempos bíblicos, as pessoas faziam as refeições reclinadas. Quando não estavam comendo, sentavam-se no chão, à moda oriental.

A quantidade de peças de mobília do aposento dependia das condições econômicas da família, bem como do gosto de cada uma. Em geral, havia uma espécie de baú a um canto onde se guardavam diversos tipos de suprimento.

As camas (que normalmente eram um colchão, ou então esteiras ou peles de animais) em geral eram enroladas todos os dias pela manhã, e colocadas no canto da parede. Nos dias de Cristo, porém, estavam começando a aparecer as camas com estrados de madeira, e os que podiam as adquiriam. Não se utilizavam cobertores, já que as pessoas dormiam com a mesma roupa usada durante o dia; às vezes, quando esfriava um pouco, vestiam uma capa ou túnica por cima.

Os travesseiros que utilizavam, feitos de pêlo de cabras, tinham enchimento de lã ou penas. O travesseiro que Jesus usou quando dormiu no barco (Mc 4.38) era assim. E deve ter sido razoavelmente confortável, pois ele dormiu profundamente apesar da forte tempestade que se abateu sobre eles.



Em algumas casas havia tapetes; em poucas, encontrava-se um divã junto à parede. O vasilhame constava de tigelas, jarras e cântaros que eram colocados em pequenas muretas rente à parede, e nos quais se guardavam alimentos, substâncias medicinais e outros suprimentos.

Os detalhes que fornecemos acima são das moradias medianas e pobres. Os mais ricos costumavam acrescentar um ou dois cômodos ao original. É provável que nessas casas o assoalho fosse de pedra, e que eles tivessem tapetes mais caros também, bem como vasilhame de cobre e talvez mais de um divã. Mas a maioria das pessoas não dispunha de muitos recursos. Algumas das casas mencionadas no Novo Testamento são melhores porque entre os seguidores de Jesus havia alguns homens ricos, além dos pobres e mendigos, é claro. □

**QUINTAIS SEM MUROS** □ O quintal era a parte da moradia que as famílias mais apreciavam. O tamanho dele e a ma-

neira como era arranjado dependiam, logicamente, das condições financeiras dos moradores. Às vezes, nos casos de moradias grandes, a construção era em forma de U, ocupando três lados do pátio, que então ficava no centro. Mas a maioria das casas era de um aposento, com um quintal pequeno. Quase todas as famílias judias utilizavam bastante o quintal, fazendo dele um centro de atividades.

Algumas colocavam nele um calçamento de ladrilhos, e o decoravam com folhagens, flores, e até árvores. Às vezes havia também um poço para recolher água da chuva, apesar de que a água utilizada



Em alguns lugares, até hoje a água é transportada em sacos de borraça ou de peles de animais, em lombo de jumentos. TW



Ainda existem velhas oliveiras no Jardim do Getsêmani, onde Jesus foi traído. Esse belo jardim localiza-se no sopé do monte das Oliveiras. TW

pela família tinha que ser buscada num rio ou fonte próxima. Algumas das pessoas ricas já contavam com um sistema de água encanada. E nas cidades grandes, como Jerusalém e Cesaréia, havia esgotos também. O extenso sistema de esgotos de Cesaréia deve ser creditado à engenharia dos romanos.

Raras eram as casas que possuíam hortas e jardins; havia apenas o cultivo de algumas folhagens. A plantação de hortaliças para suprir a cidade de verduras era feita em terrenos nos arredores da cidade, do lado de fora dos muros, em extensas hortas, das quais um exemplo é o jardim onde está situado o túmulo de Jesus (Jo 20.15). O local onde Cristo foi traído, por exemplo, é uma plantação de oliveiras, fora das muralhas da cidade, próximo ao ribeiro Cedrom (Jo 18.1). Obviamente, esse jardim era cercado por um muro de pedras.

Os judeus geralmente preparavam as refeições no quintal. As festas também eram realizadas ali. Nessas ocasiões, os familiares e amigos cantavam e dançavam alegremente ao som de seus instrumentos musicais, enquanto saboreavam alguma coisa. □

**A HOSPITALIDADE** □ Sempre que chegava uma visita a uma casa judaica era recebida com muita atenção. A hospitalidade era um dos traços marcantes da sociedade judaica, e tornou-se tam-

bém uma característica dos cristãos primitivos. Isso não quer dizer que não houvesse indivíduos mal-educados e até insociáveis, mas a atitude mais comum entre eles era de franca generosidade. Jesus ensinou que devíamos abrir nossa casa aos pobres e aleijados (Lc 14.13). O lar de um judeu era um lugar acolhedor, onde tudo era compartilhado com outros. Apesar de haver sempre aqueles que tinham intuito de se aproveitar dessa liberalidade, o fato é que, a hospitalidade ocupa uma posição importante, tanto na fé judaica como no ensino de Cristo.

Se um forasteiro, um desconhecido, chegasse à porta de uma casa, era recebido como amigo. Ali lhe davam alimento, abrigo e até roupas, se necessário. O termo grego que expressa o sentido de hospitalidade, ao pé da letra significa "aquele que ama os forasteiros" (Rm 12.13; Tt 1.8; 1 Pe 4.9). A quebra dos princípios da boa hospitalidade era considerada uma prática pagã (Lc 16.19-25). Os cristãos primitivos herdaram esse mesmo tipo de atitude, que se achava tão arraigada neles que na Bíblia há três livros pequenos que tratam do assunto: Filemom e 2 e 3 João.

Uma das principais regras da boa hospitalidade determinava que, quando alguém recebesse uma visita, deveria lavar-lhe os pés. Na casa dos mais ricos, havia sempre um escravo a postos para realizar a tarefa; nas famílias mais simples, isso era feito pela esposa do anfitrião. Jesus usou essa prática para ensinar-nos uma lição de profundo significado espiritual (Jo 13.3-16). O apóstolo Paulo atribuiu grande importância às viúvas que tinham prestado esse serviço (1 Tm 5.10). Os judeus tinham o costume de tirar os sapatos, ao entrar numa casa. Esse gesto, além de evitar que se trouxesse poeira para dentro, era uma preparação para o lava-pés (Lc 7.38,44). Tratava-se de uma tradição judaica que vinha desde os tempos antigos. □

## **LUGAREJOS, POVOADOS E CIDADES** □

Não havia muitas casas isoladas, espalhadas pelo território. A maioria da população estava agrupada em povoados, localizados nas proximidades de nascentes e fontes. Nos dias de Jesus havia cerca de 240 cidades na Galiléia.

Os povoados em geral eram bem pequenos, e neles não havia sinagogas nem tribunais. Belém e Emaús são exemplos de povoados; Nazaré e Naim eram cidades um pouco maiores. Posteriormente ao período neotestamentário, foi criada uma lei interessante relacionada com isso. Ela dispunha que se um homem resolvesse mudar de uma cidade para um povoado ou vice-versa, a esposa não era obri-

gada a acompanhá-lo, já que seu modo de vida iria sofrer uma mudança até certo ponto drástica. As vantagens de se viver num povoado eram maior circulação de ar fresco, a possibilidade de ter uma horta e jardim, e maior privacidade. Na cidade, havia maior quantidade de bens de consumo e mais atividades sociais.

Uma localidade reconhecida como cidade grande era cercada de uma muralha, com diversos portões. Geralmente, os portões eram o ponto mais movimentado da cidade. Eram ali os mercados e pontos de comércio (daí haver em Jerusalém o Portão das Ovelhas, o Portão dos Peixes, etc.). Ali também se falava das novidades, contratavam-se trabalhadores, etc. À noite, esses portões eram fechados e vigiados por sentinelas atentos.



Geralmente o ponto mais movimentado de uma cidade ou povoado eram seus portões. Hoje o Portão de Damasco, na parte velha de Jerusalém, é cenário de um intenso comércio. TW

**A VIDA EM BARRACAS** □ Uma das mais perfeitas descrições da encarnação divina é a que diz que o Verbo se fez carne e armou sua barraca em nosso meio (Jo 1.14). O termo grego aí empregado é *skenoō*, que na Bíblia é traduzido por "habitou". Essa palavra possui um significado muito profundo, com raízes na experiência de Israel no deserto.

Na época dos patriarcas, era muito comum viver-se em barracas, já que eles iam de um lado para outro à procura de boas pastagens para o gado e as ovelhas. Durante a peregrinação de Israel pelo deserto, eles edificaram seu local de cultos, o tabernáculo, nos moldes de uma barraca, uma sede temporária.

De um modo geral, o termo "barraca" tinha uma conotação de moradia temporária, também para o judeu. Eles podiam até morar numa tenda por algum tempo, mas sempre tendo em vista mudar-se um dia para uma residência permanente. Embora algumas pessoas,



Houve uma época em que toda a nação de Israel habitou em tendas, quando estava viajando pelo deserto. TW

como os pastores, por exemplo, levassem uma vida mais nômade que sedentária, o fato é que a maioria da população considerava indesejável morar numa barraca, tanto quanto nós o consideramos.

O judeu contemporâneo de Cristo enxergava a vida terrena como um período passageiro, sendo que seu lar permanente o aguardava após a morte. Pedro faz uso dessa figura ao falar de sua existência, comparando seu corpo a um "tabernáculo" (2 Pe 1.13). Ele sabe que algum dia irá deixá-lo, e partir para outro lugar.

Paulo também trabalha esta imagem, fazendo uma comparação entre uma barraca e um edifício eterno (2 Co 5.1-4). Ele afirma que se este tabernáculo se desfizer, temos um edifício construído por Deus aguardando-nos no céu. □

**AS BARRACAS PRIMITIVAS** □ Os israelitas não eram nômades por natureza, nem habitavam em barracas. Mas, desde o início de sua história, vemo-los utilizarem esse tipo de habitação. Antes mesmo de Abraão, algumas pessoas já tinham vivido em tendas. Aliás, Jabál, um homem que viveu no período pré-diluviano, foi chamado de "o pai dos que habitam em tendas e possuem gado" (Gn 4.20). Supõe-se que ele tenha sido o primeiro nômade. O texto dá a entender que antes dele não era costume viver-se em barracas.

Muitos anos depois, Abraão iria mudar o curso da História, ao deixar a cidade de Ur dos caldeus e armar uma tenda (Gn 12.8). Isso mostra que o processo de desenvolvimento dos povos antigos não teve como primeiro estágio uma vivência em tendas para depois passar à construção de cidades. As pesquisas arqueológicas revelam que, ao tempo de Abraão, Ur era uma cidade grande, e próspera. Mas em obe-

diência a Deus, ele se tornou um dissidente social, tanto no plano espiritual como no estilo de vida (Hb 11.9,10).

Sendo ele um homem rico, é provável que sua tenda fosse bem confortável, e seus pertences bem elaborados (Gn 13.2). Ele e Ló, seu sobrinho, tinham muitos empregados, principalmente pastores. As barracas desses homens ricos (como talvez dos chefes tribais e xeques) eram espaçosas, e tinham divisórias. Algumas dessas famílias possuíam diversas barracas para acomodar todo o seu pessoal.

Essas barracas, em sua maior parte, eram feitas de peles de animais. Eles costuravam as peles e as armavam sobre mourões de madeira. Depois as afixavam ao chão amarrando-as a estacas, as quais eram pregadas no solo com martelo (Jz 4.21).

O mobiliário utilizado nessas tendas, se comparado com o de nossas casas hoje, era bastante reduzido. Eles tinham alguns tapetes, almofadas, utensílios de cozinha e uma lâmpada. O mantimento era armazenado em sacas feitas de peles de animais, ou tecidas com pêlo de cabras. Todos os seus pertences deviam ser leves e pequenos, de modo a serem transportados com facilidade em lombo de jumento. Quando um nômade ia armar sua tenda, procurava um lugar que oferecesse duas coisas: sombra para abrigá-lo do sol escaldante, e água para seu povo e seus animais. □

## A PEREGRINAÇÃO NO DESERTO □ Mas essa vida em barraca relativamente suntuosa, que os patriarcas levavam

O pêlo de cabra é um excelente material para o fabrico de tendas, pois quando exposto à umidade entumesce, e a cobertura se torna mais isolante, menos aberta, protegendo melhor o interior dela. Esta família de beduínos que mora em tendas, habita na Jordânia em uma localidade que dista algumas horas de Amã. TW



terminou quando os filhos de Israel, por causa de uma grande fome, foram para o Egito, pois ali Deus lhes preparara acolhida, por meio de José. Nos séculos que se seguiram, eles se viram pouco a pouco sendo reduzidos a um regime de escravidão.

Quando os israelitas saíram do Egito sob a direção de Moisés, teve início para eles uma segunda fase de vida em barracas. Os quarenta anos que passaram no deserto, antes de iniciarem a conquista da terra de Canaã, foram tempos bem difíceis. A vida em barracas era muito frugal. Mas esse período de nomadismo chegou ao fim quando começaram a distribuir a terra entre as diversas tribos (Js 15).

Mas a vida provisória em tendas representou uma grande riqueza para a bagagem espiritual desse povo. A tenda que construíram no deserto, o tabernáculo (Êx 26), foi feita de acordo com as instruções dadas por Deus, utilizando materiais bastante exóticos, como pêlos de cabras, peles de carneiros tintas de vermelho, e de animais marinhos (Êx 36.14-19). E foi somente muito tempo depois, quando o rei Davi sentiu que a arca de Deus não podia ficar numa tenda, (enquanto o rei habitava num palácio de cedros – 2 Sm 7.1-11), que se tomaram providências para reunir material e se construir uma estrutura mais permanente.

Depois que o povo de Israel ocupou todo o território, algumas pessoas ainda continuaram a morar em barracas, embora a maioria tivesse preferido habitações mais permanentes. Contudo a poesia israelita ainda empregava a imagem da tenda para apresentar figuras espirituais. Um salmista, falando acerca de morar com Deus, refere-se a viver no “tabernáculo” de Deus para sempre (Sl 61.4). Quando Elifaz discorre a respeito dos castigos de Deus, fala em arrancar a “corda da sua tenda” (Jó 4.21 – IBB).

Os recabitas foram um povo singular, que resolveu viver em barracas, rejeitando uma forma de vida mais cômoda. Além disso, tinham também o costume de não beber vinho, tudo isso como um ato de protesto (Jr 35). O objetivo deles era restabelecer a vida de pureza espiritual que levavam no deserto. É bom que se mencione, porém, que, por ocasião dos ataques de Nabucodonosor ao povo de Israel, eles se refugiaram em Jerusalém. □

**PAULO, O FABRICANTE DE TENDAS** □ No tempo do Novo Testamento, alguns grupos de pastores nômades e guardadores de gado ainda habitavam em barracas no campo. As tendas eram usadas também em festejos e ocasiões especiais. Contudo a maior parte da população habitava em casas.

Obviamente a demanda era bem razoável, já que Paulo, Áquila e Priscila viviam do ofício de fazer tendas (At 18.3). O objetivo era naturalmente suplementarem sua renda, enquanto o apóstolo pregava o evangelho.

O sentido exato do vocábulo que aqui é traduzido como "fazer tendas" é um tanto obscuro. Ao pé da letra significa "trabalhar com couro". É possível, então, que o trabalho do apóstolo não se limitasse apenas a fazer tendas. Ele era originário de Tarso da Cilícia, região famosa por sua produção de *cilicium*, um tecido feito com pêlo de cabra. Talvez ele não fosse exatamente um curtidor, que trabalhasse com o couro ou fabricasse o tecido, mas, sim, um artesão, que utilizava esses materiais. Se ele fosse um curtidor significaria que estava constantemente impuro, pois teria que tocar cadáveres de animais. Portanto, é mais provável que ele trabalhasse com *cilicium*.

Na passagem em que o apóstolo trata do seu célebre espinho na carne que não fora removido, ele emprega a metáfora da tenda, quando afirma que a graça de Deus lhe basta. Ele diz que mais se gloriará nas suas fraquezas para que o poder de Cristo o cubra como uma tenda ("repouse sobre mim") (2 Co 12.9). Ele podia estar-se referindo a uma tenda comum ou ao Tabernáculo dos antigos hebreus, mas isso não importa. O fato é que o conceito de tenda estava presente em sua mente. Nos momentos difíceis, ele se lembrava de que Deus podia cobri-lo com sua tenda, e essa verdade era um conforto para ele. Na tradução da Bíblia para nossa língua, a metáfora não aparece; mas no grego está bem clara.

Outros escritores neotestamentários também lançaram mão da figura da tenda para descrever a esperança do crente na vida futura. O autor da carta aos hebreus, por exemplo, apresenta Jesus Cristo como o sumo sacerdote que está assentado à destra de Deus, no tabernáculo, ou tenda, "que o Senhor erigiu" (8.2). João fala que aquele que se assenta no trono "estenderá sobre eles (o seu povo) o seu tabernáculo" (Ap 7.15).

Na mente do judeu, a palavra "tabernáculo" tinha conotação de proteção, conforto e esperança. É por essa razão que a idéia de tenda, na Bíblia, muitas vezes é associada à presença de Deus.



---

## CAPÍTULO 2

---

# A VIDA EM FAMÍLIA



**D**urante todo o período bíblico, a família sempre foi muito valorizada, e a própria sobrevivência da nação de Israel bem como seu triunfo como povo dependeu em grande parte dela. Para a maioria das pessoas, o cenário mais natural é o familiar, com pai, mãe e filhos.

Quando Paulo quis descrever o relacionamento amigável e caloroso que os crentes mantinham entre si recorreu a esse termo, e definiu-os como membros da "família da fé" (Gl 6.10). O vocábulo família sugere segurança, aceitação e amor.

Não queremos dizer com isso que os lares dos israelitas fossem todos perfeitos, não. A Bíblia mostra que havia ali os mesmos problemas de conflitos e maus tratos que, ao que parece, ocorrem em todas as culturas. Vemos ali poligamia, oposição entre pais e filhos, e a rivalidade entre irmãos, que naquela sociedade atingiu o pior estágio. Esses senões, porém, não anulam a regra. Em todos os séculos da história bíblica, a família sempre é mostrada como uma célula bem definida, estável, cheia de vida.

Na família de Jesus, por exemplo, os pais se mostram pessoas ternas, amorosas, mesmo em circunstâncias difíceis. Na parábola do filho pródigo, vemos uma situação de conflito, de tensão, mas de perdão também. A maioria das famílias podia identificar-se perfeitamente com qualquer um desses casos.

No decorrer do primeiro século, a atitude das pessoas no seio da família começou a sofrer alterações. (É verdade que a estrutura familiar israelita já tinha passado por mudanças anteriormente, em mais de uma ocasião). Mas agora eles estavam recebendo fortes influências dos gregos e romanos, que acabaram por minar muitos dos seus valores tradicionais. Era comum pais e filhos terem opiniões diferentes acerca do estilo de roupa, cosméticos, eventos esportivos, casamentos mistos, práticas religiosas e diversas outras questões.

Os israelitas mais ortodoxos estavam tendo sérias dificuldades

para manter intacto seu sistema de valores, em meio a uma sociedade modernista. Após várias ocupações sucessivas por exércitos de diversos países, seu senso de valores estava sensivelmente comprometido. Além disso, o grande impulso dado às comunicações, bem como as facilidades para se viajar, contribuíam para aumentar a circulação de novas idéias. Em toda parte, viam-se mercadores, soldados, operários, filósofos, profetas e caminhantes, que transitavam livremente, favorecidos pelas estradas abertas pelos romanos.

Foi então que apareceu Jesus Cristo, em meio a essas "águas agitadas". E suas idéias sobre a família, a sociedade, sobre a mulher, o divórcio, o perdão e as crianças chocaram não apenas os preconceituosos mas até os liberais. Ele apregoava uma volta aos valores fundamentais da família, e a busca de uma atitude de maior compreensão e compaixão para com o indivíduo. E para que esses princípios superiores vigorassem e subsistissem seria preciso que se removessem os preconceitos.

Certa vez seus discípulos tiveram uma grande surpresa, pois o encontraram conversando com uma mulher à beira de um poço (Jo 4.27). Sua atitude de receptividade para com as crianças contrastava visivelmente com a dos discípulos, que desejavam afastá-las (Mc 10.13). Seu ensinamento sobre o perdão (Mt 18.22) e o divórcio (Mt 19.8) era nitidamente diferente do que a maioria das pessoas estava acostumada a ouvir.

A própria decisão de seguir a Jesus Cristo criaria um clima tenso em algumas famílias, para o que ele mesmo já havia alertado. Às vezes, numa mesma casa, um filho creia no Senhor, enquanto outro não. Além disso, as perseguições iriam dividir familiares. Um posicionamento favorável a Cristo e a sua justiça também poderia implicar na perda do emprego, por exemplo. Mas, de todo modo, um dos pontos centrais dessa fé revolucionária era a santidade da família. □

**O MARIDO E PAI** □ Contudo não se pode dizer que o lar judeu do primeiro século fosse necessariamente um "cantinho do céu" onde todos viviam felizes. Era normal haver conflitos. Entretanto, de modo geral, a família continuava sendo a base principal da sociedade judaica.

A maioria das famílias considerava o pai um chefe compassivo, embora alguns homens achassem que deviam ser uma espécie de tirano, diante de quem todos os outros teriam que se curvar. Mas o fato é que a maior parte dos judeus amava seu pai e era profunda e sinceramente leal a ele. Uma expressão comumente usada para designar "morte" revela esse carinho deles. Diziam: "Ele descansou com seus pais". (1 Rs 2.10.) Ir reunir-se aos pais após a morte era uma imagem muito cara para eles.

Ao chefe da família se devia disciplina e respeito. Aliás, o termo



O pai trabalhava no campo juntamente com os filhos. Esta família está fazendo a colheita do trigo, numa plantação situada nos arredores de Belém. TW

hebraico que significa pai é *baal*, "senhor". E ele poderia, se quisesse, exercitar autoridade total em casa. Poderia, por exemplo, divorciar-se de sua mulher a seu bel-prazer, ao passo que a mulher não tinha tal direito (Dt 24.1).

Apesar da posição privilegiada do homem, ele não devia nunca agir como um tirano. O apóstolo Paulo aconselha os pais a não provocar os filhos à ira (Ef 6.4). E embora o marido pudesse até ser um ditador em relação à esposa, observando os princípios divinos sobre o amor ele a deixava livre para tomar decisões por si mesma (Pv 31).

Muitos dos "perfis" paternos traçados no Novo Testamento revelam homens que amam os filhos. As informações que temos de José, pai de Jesus, mostram um homem bondoso e paciente (Mt 1.18-20). Mesmo diante de circunstâncias que fugiam totalmente à sua compreensão, ele foi um pai amoroso, protetor. O pai descrito na parábola do filho pródigo (Lc 15) foi um homem que deu ao filho liberdade para tomar uma decisão errada, mas depois o recebeu de volta sem rancores, e sem a menor hesitação. Outro pai citado é o que levou a Jesus seu filho epilético, e que já vira esse filho cair no fogo diversas vezes (Mt 17.15). Seu amor pelo rapaz foi recompensado.

O conceito judaico de "pai" achava-se fortemente associado ao de Deus. Eles o viam como uma Pessoa firme, justa e compassiva. Ao dirigir-se a Deus, Jesus empregou a palavra "Aba" (Mc 14.36), que corresponde ao nosso termo "papai", e é uma das primeiras palavras que uma criancinha aprende a dizer. Nela estão contidas idéias de respeito, intimidade, afeição e confiança. Abordando o mesmo tema, o apóstolo Paulo afirma que nossa adoção como filhos nos dá o direito de chamar Deus de "Aba" (Rm 8.15; Gl 4.6). Esse vocábulo nos ajuda a compreender a natureza de Deus e o conceito de paternidade adotado no primeiro século.

O chefe de família tinha a responsabilidade de prover as necessidades dela. Se não o fizesse, seria considerado pior do que um incrédulo (1 Tm 5.8), a não ser que fosse fisicamente incapacitado. Outra de suas responsabilidades era providenciar a educação dos filhos, e cuidar para que os meninos aprendessem um ofício. Muitas vezes ele próprio tinha que fazer isso pessoalmente.

Outra prática habitual do pai era passar aos filhos suas convicções religiosas e políticas e seus valores sociais, o que ele fazia no decorrer das atividades normais da família. Ele lhes transmitia sua visão da vida, de maneira fácil e natural, durante as refeições, ou trabalhando no campo, ou consertando um telhado, ou dando uma caminhada com eles.

É errado supor que as famílias do primeiro século tivessem um relacionamento sem amor, frio e apenas formal. Embora nem todos os casais se amassem, muitos se queriam bem, e isso, na verdade, era o que se esperava deles (Ef 5.25; Tt 2.4). E mesmo quando não houvesse muita afetividade entre pais e filhos, tinha que haver o respeito e reverência (Êx 20.12; Ef 6.1).

Quando a sociedade começou a passar por mudanças, o que inevitavelmente ocorre, alguns homens se sentiram meio inseguros. Ao perceberem que as mulheres gregas e romanas gozavam de certas liberdades, começaram a temer que o mesmo pudesse acontecer às suas esposas, que eles consideravam simples propriedade deles. (É que eles haviam dado ao texto de Êxodo 20.17 a interpretação distorcida de que a mulher era comparável a uma casa, ou uma cabeça de gado.)

Como sempre ocorre, o caráter dos homens variava de um para outro. Muitos eram pessoas boas, que conduziam bem a família. E, como acontece em todas as eras, a maneira como eles se desincumbiam dessa tarefa dependia do caráter e da personalidade de cada um. □

**A ESPOSA E MÃE** □ A hebréia era treinada desde a infância para se tornar esposa e mãe. Durante séculos, a realização pessoal da mulher dependeu de seu sucesso no desempenho dessas funções. Assim sendo, ela aprendia a cozinhar, a costurar, a cuidar dos filhos e a trabalhar nos campos, para que pudesse desempenhar seu papel de esposa da melhor maneira possível.

O limite de sua liberdade e da auto-expressão criativa que ela poderia exercitar dependia em parte de sua própria iniciativa, mas também da disposição do marido. Algumas mulheres se limitavam às suas atividades domésticas; mas outras eram mais desenvoltas e conseguiram deixar sua marca na sociedade.

A mulher descrita em Provérbios 31 era uma dessas. Percebe-se que ela estava longe de ser uma pessoa passiva. Mesmo se a compa-

rarmos com os padrões modernos, temos que reconhecer que ela desenvolveu sua própria personalidade, e aproveitou todas as oportunidades que se lhe apresentaram. Essa mulher tão elogiada administrava bem as servas em casa, geria um negócio bastante lucrativo, e ainda cuidava dos pobres e necessitados. Chegou até a lidar com compra e venda de imóveis.

Embora algumas mulheres levassem uma vida restrita ao círculo familiar, não havia nenhuma lei divina obrigando-as a isso. Muitas das limitações impostas ao grupo feminino da sociedade eram criadas por maridos autocratas, e reforçadas pelo fato de algumas mulheres se submeterem a elas.

Nas sociedades que a Bíblia enfoca, as mulheres não recebiam tratamento igual ao que era dado aos homens. Se uma delas cometesse adultério, por exemplo, o marido poderia apresentar uma acusação formal contra ela (Nm 5.12ss). Mas se fosse ele quem cometesse a infidelidade, ela não poderia fazer quase nada, pois dispunha de poucos recursos legais. Se um homem, por qualquer motivo, quisesse divorciar-se de sua esposa, precisava apenas dar-lhe um "termo de divórcio" (Dt 24.1). Segundo dizem alguns rabinos, eles podiam divorciar-se dela caso não gostassem da comida ou achassem que não cuidava bem da casa. Mas a mulher mesma nunca poderia entrar com um processo de divórcio. Quando Jesus veio, ele restaurou a igualdade entre os cônjuges, negando aos homens o direito de assim proceder (Mt 19.9).

Devido à proximidade que havia entre a mãe e os filhos, estes tinham grande afeição pela mãe. Alguns dos relatos mais comoventes da Bíblia são os que retratam o amor e união existente entre uma mãe e seu filho. Isso explica o diálogo de Jesus com Maria, por ocasião das bodas de Caná (Jo 2). Ela pede ao Filho que faça algo, mas ele reluta em atender. Então, sem dizer palavra, ela se vira para os servos e diz:

"Façam o que ele disser; ele resolverá o problema."

Ao que parece ela faz isso com base na suposição de que ele não iria decepcioná-la.

De modo geral, todo o ensino do Novo Testamento coloca a mulher e seu trabalho numa posição de elevada dignidade. Naquela época, a função básica da mulher, embora não a única, era atuar dentro do lar. E o apóstolo Paulo ensina que a mulher que cuida bem de seu lar (Tt 2.5), glorifica a Deus da mesma forma que uma pessoa da liderança da igreja que exerce bem o seu cargo.

**OS FILHOS** □ Todos os casais desejavam ter filhos, que eram considerados um símbolo de *status*. Os que não os tinham eram olhados com suspeitas e com piedade. Por que razão Deus não os havia abençoado dando-lhes filhos? A culpa pelo fato de um

casal não ter filhos era sempre atribuída à mulher. Portanto, a estéril era vista como uma pessoa frustrada, a quem faltava a bênção de Deus.

Além de desejar muito ter filhos, os casais só se davam por satisfeitos quando conseguiam pelo menos um filho do sexo masculino. Assim sendo, era inevitável que as meninas se sentissem menos queridas que os meninos. Aliás, havia até uma oração que os judeus costumavam recitar da qual constava uma frase de agradecimento a Deus por não terem nascido mulher.

No primeiro século, o divórcio não era muito comum entre os judeus, mas, quando ocorria uma separação, geralmente a mãe ficava com a custódia das filhas e o pai, com a dos filhos. Mas havia casos em que o juiz modificava essa prática tradicional.

A maioria dos pais levava muito a sério a responsabilidade de criar bem os filhos. Os judeus em geral viam a função de educar corretamente os filhos como um ato de obediência a Deus e uma forma de revelar sua competência. E muitos conseguiam atingir seu objetivo; mas, como em tudo, havia também os que falhavam.

Nos primeiros anos de vida da criança, ela ficava inteiramente aos cuidados da mãe. Mas o menino, assim que estivesse um pouco mais crescido, passava a ser instruído pelo pai, que tomava providências para que ele aprendesse um ofício. Os rabis achavam que, se o pai não ensinasse uma profissão ao filho, estaria amaldiçoando-o. Ao mesmo tempo, a menina ia aprendendo os afazeres domésticos, sob a supervisão da mãe.

Geralmente, as crianças tinham a obrigação de executar pequenas tarefas em casa; desse modo aprendiam os serviços, e adquiriam senso de responsabilidade. Elas tratavam dos animais, cuidavam da horta, remendavam roupas e até cozinhavam. As necessidades da vida diária tomavam muito tempo das pessoas, e os pais então tinham o cuidado de ensinar os serviços aos filhos.

Mas a vida deles não era sem divertimentos. Podiam ter seus animais de estimação, e apreciavam muitas brincadeiras. Brincavam de imitar casamentos, funerais e outras cerimônias do seu povo (Mt 11.16,17). É provável que não possuíssem muitos brinquedos mas apenas uns poucos feitos pelos pais. Havia muitos apitos, chocalhos; bem como brinquedos de madeira providos de rodinhas e semelhantes a carrinhos. Além disso tinham também diversos tipos de bolas, com as quais improvisavam jogos. É possível que tivesse ainda balanços fixados a galhos de árvores. Tinham também bonecas feitas de pano ou de pedaços de madeira, algumas delas com braços móveis, presos ao corpo por barbantes passados pelo interior da boneca. E existiam também os bonecos tipo marionete, com aberturas na parte de trás para se manejar os braços e pernas do fantoche. Outro tipo de brinquedo que possuíam eram pequenas peças de mobília e

vasilhinhas para brincar com as bonecas. Havia também jogos com pequeninos ossos de animais semelhantes aos que jogamos com pedrinhas. Algumas crianças tinham bolinhas de argila, que lembravam nossas bolinhas de gude, e ao que parece também brincavam de amarelinha, pois já se encontraram em pedras de calçamentos marcas semelhantes às usadas nessa brincadeira. Alguns tinham arcos (que rodavam pelo chão ou faziam girar em volta do corpo). Muitas famílias tinham tabuleiros para jogos. O xadrez já existia na época, bem como o jogo de dados.

E além de todas essas coisas, as crianças ainda criavam suas próprias brincadeiras e disputas esportivas; participavam de competições de arco e flecha e luta romana. Muitos se tornaram habilidosos no manejo do estilingue, certamente procurando imitar o exemplo de Davi.

Não sabemos ao certo até onde eles adotavam os jogos dos gregos. Sabemos que o boxe já era conhecido, e que se praticava também um esporte semelhante ao hóquei, do qual participavam inúmeras crianças. Como veremos um pouco mais adiante, os povos gentios levavam muito a sério os eventos esportivos (ver o capítulo *Esportes*).

Os pais de um modo geral tinham muito orgulho de seus filhos,

Hoje, como nos tempos bíblicos, as crianças ajudam nas tarefas rotineiras da casa. Aqui vemos crianças acompanhando as mães que estão transportando palha em lombo de jumento. Esta cena foi fotografada nas proximidades de Hesbom. RI



e portanto desejavam que atingissem a plena maturidade. É verdade que os casais queriam muito a seus filhos (Sl 127.3-5), mas isso não quer dizer que não os castigassem quando se fazia necessário (Pv 22.15). O livro de Provérbios retrata bem essa preocupação dos pais e as dificuldades que tinham para criá-los bem. Criar filhos nunca foi tarefa fácil, como bem o demonstra a história de Caim e Abel (Gn 4.8). Contudo, com a graça de Deus, nada é impossível.

Por outro lado, em certos casos, os pais poderiam até matar um filho (Lv 20.9). Mas, ao que parece, isso não acontecia com muita frequência. E havia ainda o fato de que alguns pais vendiam os filhos como escravos (Êx 21.7; Gn 31.15).

As crianças judias viviam numa sociedade pluralista. Sofriam influências de diversas culturas, e mais cedo ou mais tarde tinham que decidir que estilo de vida iriam seguir. Um bom exemplo disso é o apóstolo Paulo, uma pessoa que se formou em meio a diversas correntes culturais. Ele tinha dois nomes. Para seus amigos judeus era "Saulo", um nome muito admirado entre os hebreus. Mas seus amigos gentios o chamavam de "Paulo", que corresponde ao seu nome em grego.

Timóteo foi outro que viveu esse dilema quando criança. O pai dele era grego, e a mãe, judia (At 16.1-3). É provável que eles não tivessem chegado a um acordo sobre como iriam criá-lo. Mas, felizmente, ele passava mais tempo com a mãe, que era crente.

Os pais apreciavam muito seus filhos, mas nem todo mundo gostava de ter crianças ao seu redor. É o que demonstra a atitude dos discípulos de Jesus ao procurar afastá-las dele (Lc 18.15-17). Mas o Senhor as acolheu bem, e depois apresentou-as como exemplo da verdadeira fé.

A Bíblia dá muita importância a uma criação adequada. Quando os pais são desonestos e levianos, as conseqüências disso passam a seus descendentes sendo percebidas em várias gerações (Êx 20.5). O segredo do sucesso das famílias judias era o fato de criarem os filhos com amor e coerência (Pv 22.6). □

**OS FAMILIARES** □ Os parentes mais chegados para uma criança eram seus irmãos. Alguns deles se davam muito bem, como era o caso de Tiago e João. Mas outros tinham uma relação mais conflituosa. Um exemplo disso é a atitude dos irmãos e irmãs de Jesus para com ele (Jo 7.5; Mt 13.55). De um modo geral, eles não acreditavam em Cristo, embora mais tarde viessem a crer que ele era mesmo o Filho de Deus (At 1.14). (A Igreja Católica Romana adota a tese de que eram primos dele.)

Durante muito tempo, grande parte das famílias hebréias sempre foi bem numerosa. Além disso, os parentes moravam todos numa mesma localidade. A partir do ano 586 A. C. a nação começou a so-



frer invasões, seguidas de deportações e perseguições, de modo que eles foram-se espalhando por outras terras. Mas até à época da destruição do templo, em 70 A. D., e da expulsão dos judeus de Jerusalém, ocorrida no ano 135 A. D., ainda havia muitos judeus na Palestina. E a despeito de todas as dificuldades, a família sempre ocupou uma posição importante na vida desse povo.

Os idosos, sempre que possível, procuravam prover o seu próprio sustento. Mas, se não o conseguissem, os filhos eram responsáveis por eles (2 Co 12.14).

O forte sentimento de união que permeava a família deve ter sido a causa de ela gozar de boa estabilidade. Por outro lado, pode ter ocorrido o contrário: a estabilidade da família levou as pessoas a se manterem unidas a seus familiares. □

**AS VIÚVAS** □ Em alguns casos, a família tinha que sustentar a avó, quando esta enviuvava. Algumas viúvas eram muito pobres, mas outras recebiam boas heranças. Quando um homem morria, normalmente o herdeiro era o filho mais velho, que também tinha a responsabilidade de sustentar a mãe. A Bíblia contém muitas advertências severas para quem tentasse defraudar uma viúva (Ez 22.7). Deus se apresenta na Bíblia como protetor das viúvas (Sl 68.5).

Entretanto, ainda havia pessoas que as espoliavam. E alguns dos que mais faziam isso era justamente os que passavam por mais religiosos. Jesus acusou diretamente os fariseus de agirem assim, pois montavam esquemas dentro da estrutura religiosa com a finalidade de "devorar" as casas das viúvas (Mc 12.40). Além disso, eles se recusavam a sustentar a mãe idosa, apelando para o "corbã". Diziam que haviam contribuído para o templo, e que, portanto, o templo é que devia sustentar seus pais (Mc 7.11).

Na maior parte dos casos, a melhor coisa que podia fazer uma mulher que enviuvasse era casar-se de novo. Se ela não tivesse filhos, por lei, o irmão do marido era obrigado a casar com ela. E se tivessem um filho do sexo masculino, a criança deveria receber o nome do falecido. Ao que parece, nos tempos de Cristo, essa lei ainda vigorava (Dt 25.5-10; Mt 22.23,24).

De qualquer forma, as providências a serem tomadas para o amparo das viúvas devem ter sido negligenciadas ou então eram insuficientes, pois a igreja primitiva, por exemplo, teve que assumir o sustento das viúvas que havia nela (At 6.1). E infelizmente isso veio trazer conflitos e provocar divisões entre os crentes.

Quando Paulo instrui a Timóteo sobre a forma de cuidar das viúvas, faz algumas observações bem práticas (1 Tm 5.11). Uma mulher só era considerada "viúva" mesmo, quando tinha pelo menos 60 anos de idade, boa reputação, e quando não havia nenhum parente para cuidar dela; só assim podia ser inscrita. Então o ensino bíblico

determina claramente que a família devia cuidar atentamente das viúvas que eram viúvas. A rejeição dessa responsabilidade era considerada uma atitude ímpia (Tg 1.27).

Nos tempos do Velho Testamento, ao que parece, havia uma vestimenta própria para as viúvas, pois vemos que Tamar, a nora de Judá, usara as "vestes de sua viuvez" (Gn 38.14). Contudo não sabemos como era essa roupa, e não encontramos evidências de que as mulheres do Novo Testamento conservassem essa prática. □

**AS IGREJAS NOS LARES** □ O conceito de casa era sagrado para a maioria dos judeus. Ela era o seu pequeno reino, fosse humilde ou dotada de riquezas. E quando nasceu a igreja do Novo Testamento, o lar ainda mantinha essa posição proeminente. Muitas das pessoas que criam em Cristo traziam consigo toda a família. Como fez Cornélio, cuja "casa" era bem grande. Além dos parentes ele convidara os amigos íntimos para ouvir a pregação de Pedro (At 10.7,24). No caso de Lídia, também, ela e toda a sua casa se converteram (At 16.15), e o mesmo se deu com o carcereiro de Filipos e sua família (At 16.31-34). Tratando-se de famílias ricas, a palavra "casa" compreendia também domésticos, empregados e talvez escravos. Em alguns casos, a fé cristã dividiu famílias; mas também era muito comum famílias inteiras aceitarem o evangelho em conjunto.

Embora não fosse muito fácil manter a santidade do lar, os cristãos primitivos se esforçaram muito nesse sentido. Sempre que possível, eles realizavam suas atividades nos lares (At 2.46). Quando Paulo citou as pessoas que havia batizado, mencionou a casa de Estéfanos (1 Co 1.16). Depois, ao escrever a Timóteo, mandou uma saudação especial para a casa de Onesíforo (2 Tm 4.19). E as igrejas sediadas em lares continuaram a existir ainda durante muitos séculos, e hoje ainda existem, de muitas formas.

Certa vez, quando Jesus dava aos discípulos ensinamentos sobre o céu, usou a figura de um "dono da casa" (Lc 13.25). Ali ele diz que o Dono da casa do céu um dia irá trancar a porta. Os que houvessem se tornado crentes estariam incluídos na família de Deus (Gl 6.10; Ef 2.19). Dificilmente encontraremos outro termo que defina tão bem o relacionamento existente entre o povo de Deus. □

**O APEGO À FAMÍLIA** □ Ainda na primeira geração depois de Cristo, muitas famílias cristãs e judias foram expulsas de sua pátria. Naquele período, inúmeros judeus foram torturados e mortos, principalmente por ocasião da queda de Jerusalém, no ano 70 A. D., e quando da perseguição desencadeada por Nero. Em meio a circunstâncias tão difíceis e adversas, deve ter sido muito difícil manter a unidade familiar. Mas nesse contexto de tensão e sofrimento, aqueles cristãos receberam dos líderes da igreja algumas orientações es-

pecíficas para a família. Eles ensinaram que o homem devia ser mesmo o cabeça do lar (Ef 5.22); lembravam aos casais que deviam amar-se um ao outro (Tt 2.5; Ef 5.25); exortavam os filhos a obedecer aos pais (Ef 6.1); instruíam os pais a tratar os filhos com justiça (Cl 3.21).

Além disso, eles deram instruções específicas também aos demais líderes. Recomendaram-lhes que não deixassem que seu envolvimento na obra de Deus os levasse a negligenciar a família. Quem tivesse problemas sérios em casa, não estaria qualificado para ocupar uma posição de supervisor ou diácono na igreja (1 Tm 3.4,5,12).

Os princípios ensinados por Cristo eram de importância vital para o fortalecimento da família. Na prática do amor, da aceitação mútua, da paciência e do perdão, os pais seriam mais ternos e bondosos, e os filhos mais obedientes.

---

## CAPÍTULO 3

---

# ALIMENTAÇÃO

---

---

---

---

---

**O** estilo de vida dos judeus não era estereotipado. Durante o primeiro século, as famílias obtinham os alimentos de vários modos. Era comum cultivarem-se hortas, mas só isso não bastava para atender a todas as suas necessidades. Algumas criavam galinhas, etc., tinham gado, árvores frutíferas e uma pequena vinha. Sempre que possível, eles complementavam sua despensa comprando ou permutando com negociantes e fazendeiros outros tipos de mercadorias. Peixes, cereais, frutas e outros alimentos eram encontrados com facilidade. E para aqueles que tivessem recursos, havia ainda os alimentos importados. O grande movimento comercial que existia na época, é prova de que mesmo há 2.000 anos o homem já gostava de variar sua dieta básica.

Como o peixe sempre foi um alimento apreciado pelos israelitas, a pesca era uma atividade muito rendosa. Estes homens, com seu barco ancorado às margens do mar da Galiléia, estão consertando as redes, após uma pescaria. CD





Até hoje ainda se vendem frutas, peixes, carnes e aves em abundância no mercado Mahane Yehuda, que fica em Jerusalém, próximo da estrada de Jafa. Trata-se de um local muito interessante, dotado de um colorido próprio, principalmente na sexta-feira, antes do início do sabá. TW

Mas havia leis que regiam a alimentação do judeu — permitia certos alimentos e proibia uns outros tantos. Os judeus mais zelosos respeitavam essas limitações em todos os seus detalhes.

Contudo essa regulamentação da alimentação sofreu um forte golpe com os ensinamentos de Cristo (Mc 7.14-23). E depois que Pedro falou da visão que tivera de um lençol que descia do céu (At 10.9-16; 11.1-10), os cristãos passaram a gozar de u-

ma nova liberdade na escolha dos componentes de sua alimentação. Mas essa liberdade acabou-se tornando uma pedra de tropeço para muitos crentes judeus que ainda se sentiam amarrados à sua formação judaica.

Para os judeus, uma boa comida e uma boa bebida eram consideradas parte das alegrias da vida. É verdade que alguns líderes religiosos levavam uma vida bem austera e contemplativa, mas esses eram a minoria. O próprio Jesus apreciava uma boa refeição, uma festa, um banquete. Seus adversários não aprovavam muito esse seu modo de ser, mas isso não impediu que ele agisse como queria (Mt 11.19; Lc 7.34).

Damos a seguir uma rápida análise dos alimentos mais importantes consumidos pelos povos bíblicos. □

**SAL** □ O sal era empregado pelos judeus com o objetivo de preservar os alimentos — além de temperar, é claro — já que não existia refrigeração.

Mas o sal não era utilizado só com essas finalidades, embora fossem as principais. Pela lei, eles tinham que colocar sal em suas ofertas de manjares e ofertas queimadas (Lv 2.13; Ez 43.24). Além disso, eles o esfregavam em recém-nascidos (Ez 16.4). Alguns acreditam que tal prática tinha objetivos medicinais, mas outros acham que não passava de superstição. Contudo, até hoje alguns povos árabes continuam a observar esse costume, pois consideram o sal um bom anti-séptico.

Há ainda uma outra utilização do sal no Velho Testamento que é um pouco obscura. Será que Abimeleque realmente semeou sal na terra, em Siquém? (Jz 9.45.) Se o fez, destruiu o terreno, inutilizou-o para o plantio. Mas é possível que o tenha feito, pois anteriormente

outros já haviam agido da mesma forma em outras guerras. Existe porém a possibilidade de que a expressão aí empregada seja uma figura de linguagem, que dá a entender que ele apenas devastou a cidade.

Não é de hoje que a comida sem sal é considerada insossa, sem gosto. Os antigos já tinham o costume de colocar sal na carne ao prepará-la; usavam-no também na massa do pão. Além do sal, utilizavam condimen-

tos como mostarda, hortelã, cominho, aniz e coentro, bem como outras especiarias. Não encontramos menção de pimenta na Bíblia, mas se quisessem poderiam importá-la da Índia.

Os israelitas poderiam recorrer a várias fontes para obter sal, mas a mais imediata estava em seu próprio território. O mar Morto continha muito sal; era só recolher.

Jesus tinha o hábito de ilustrar as verdades profundas que ensinava com realidades do dia-a-dia. E como tanto adultos como crianças eram bem familiarizados com o sal, ele o citou várias vezes para ilustrar seus ensinamentos (Mt 5.13; Mc 9.50; Lc 14.34,35).

A afirmação de Cristo sobre a possibilidade de o sal se tornar insípido (Lc 14) pode suscitar perguntas muito interessantes, cujas respostas nem sempre são fáceis. Como é que o sal pode perder o sabor e se tornar insípido? Em circunstâncias normais, isso não acontece.

O mar da Galiléia é uma importante fonte de peixe de água doce. Esses israelitas manobram seu pequeno barco de pesca nas proximidades de Tiberíades, na margem ocidental do lago.



O sal do mar Morto se apegava às rochas, galhos de árvores e cercas situados ao longo de suas margens. O mar Morto (ou mar Salgado) está situado cerca de 40 metros abaixo do nível do mar. Suas águas, que contêm 25% de sal e outros sais minerais, são uma rica fonte de sódio, cálcio, potássio e outros elementos. TW



Já houve casos em que isso aconteceu por terem misturado a ele substâncias químicas ou terem feito seu armazenamento de forma imprópria (acrescentando-se gesso a ele), embora essas explicações não se harmonizem bem com o texto. Talvez não fosse a isso que o Senhor estivesse se referindo; e portanto não seria necessário procurarem-se precedentes históricos. É possível que ele estivesse apenas levantando uma questão: "Que valor teria o sal se perdesse o sabor?" (Em sua obra *The Biblical Archaeologist* — O arqueólogo bíblico — Volume XXV, Eugene Deatrick defende a idéia de que ele falava de uma modificação operada por agentes químicos.) O certo é que uma vez que o sal se torna insípido não há meios de se lhe restaurar o sabor. Portanto, o mais provável é que Jesus estivesse empregando uma figura de linguagem. Mas seja como for, a verdade é que se ele perder o sabor não presta nem mesmo para o monturo (Lc 14.35). No Egito e na Palestina havia o costume de se colocar sal em monturos de estrume, provavelmente com o objetivo de retardar a fermentação. Assim sendo, o sal insípido não teria mesmo nenhuma utilidade. Então o melhor que o dono dele teria a fazer seria jogá-lo na rua, e deixar que os passantes o pisassem (Mt 5.13). Pode ser também que Jesus estivesse falando da prática de se adicionar sal à massa com que eles revestiam os telhados para tornar a superfície deles mais resistente, menos porosa.

Paulo também fez referência ao sal em sua função de temperar. Escrevendo à igreja de Colossos, ele diz que a palavra deles deveria ser sempre temperada com sal (4.6). Essa figura deve ter feito com que os leitores revivessem a imagem da mãe colocando sal na massa de pão ou na carne, e se lembrassem de como o alimento ficava saboroso. □

**PEIXE** □ O peixe, comercializado em todo o país, passava antes



por um processo de salgamento, para ser desidratado. Alguns tipos eram exportados para lugares distantes, chegando até Roma, como o que chamavam *muries*. Esse termo se aplicava a di-

Uma espécie de peixe que é das mais abundantes no mar da Galiléia é o *musht*, ou "peixe de São Pedro", visto aqui da forma como é servido num restaurante de Tiberíades. TW

versos alimentos marinhos, e não sabemos se designava mariscos, mamíferos marinhos ou crustáceos, apesar de que esses últimos eram proibidos aos judeus, pela lei mosaica.

As principais fontes de peixe eram o mar da Galiléia, o Mediterrâneo e o rio Jordão. Os judeus consumiam diversas qualidades deles, mas, por lei, não podiam comer os que não fossem providos de escamas (Lv 11.9-12). Portanto ficavam de fora o peixe-gato, a enguia, as arraias e lampréias. Alguns rabinos mais zelosos proibiam que, no decorrer do sabá\*, se colocassem de molho os peixes secos a serem preparados no dia seguinte alegando que o processo de des-salinização dele era trabalho.

O peixe era um produto abundante na Palestina, tanto que havia em Jerusalém uma porta denominada a Porta do Peixe, e que ficava próxima ao mercado de peixes. Como a média dos judeus não dispusesse de meios para comprar muita carne, alimentava-se regularmente de peixe.

Embora haja muitas referências a pérolas no Novo Testamento (Mt 7.6; 13.45,46), é pouco provável que eles consumissem ostras, já que os mariscos eram proibidos por lei (Lv 11.9-12), talvez por ser um tipo de alimento que se deteriora com rapidez, sendo difícil mantê-lo em condições próprias para consumo. Mas no período neotestamentário, os gentios que habitavam a Palestina comiam ostras, e é provável que alguns judeus também o fizessem.

Outra forma muito comum de preparar o peixe era assá-lo sobre brasas. Jesus fez isso (Jo 21.9). Havia um peixe pequeno, semelhante a uma sardinha, muito encontrado no mar da Galiléia, o mesmo que Jesus multiplicou para alimentar uma multidão, que era largamente comercializado no país (Mt 14.17; 15.36).

Ao que parece, sete dos discípulos de Jesus eram pescadores (Pedro, André, Filipe, Tiago, João, Tomé e Natanael). Por causa disso e do fato de que o peixe era um alimento freqüente no cardápio do judeu, Jesus falou muito sobre ele, em seus ensinamentos. Para os ouvintes era muito claro o cuidado que demonstrava o pai que dava ao filho um peixe, em vez de uma cobra (Lc 11.11). Ele estava-lhe dando um alimento bom, nutritivo; dar-lhe uma cobra não só seria perigoso, mas um gesto de desprezo.

Jesus fez diversos milagres relacionados com peixes, e um dos mais extraordinários foi encontrar uma moeda na boca de um peixe (Mt 17.27). Pedro o pescou com um anzol, embora os pescadores profissionais normalmente utilizassem redes. O Senhor fez dois milagres de multiplicação de pães e peixes (Mt 14.15ss e Mt 15.38). Os peixes aí mencionados eram sardinhas pequenas que o povo das

---

\* Sabá — período de vinte e quatro horas que se inicia no pôr-do-sol de sexta-feira e vai até a mesma hora do sábado, e é o dia do descanso sagrado dos judeus. "Sabá" significa descanso. N. T.





Este belo mosaico que data de 1600 anos, foi encontrado no assoalho da Igreja da Multiplicação dos Pães e dos Peixes, em Tabgha, que fica 5 quilômetros ao norte de Tiberíades. Diz a tradição que foi aqui que Jesus realizou o milagre da multiplicação dos pães e peixes, quando alimentou uma multidão. O mosaico ilustra o milagre, com as figuras do pão e dos peixes. TW

classes mais pobres costumavam comer com pão de centeio. Não se sabe ao certo se o alimento utilizado era a merenda do rapaz, ou se ele era uma espécie de vendedor ambulante (Lenski, Jo 6.9). □

**MEL** □ O mel, um dos alimentos mais apreciados pelos judeus, era utilizado de diversas formas. Além de ser ingerido como remédio, era empregado como adoçante de alimentos. Como confeito, era usado em bolos e outros tipos de quitandas doces (Êx 16.31).

Na maior parte das vezes em que o termo aparece nas Escrituras, designa o produto fabricado pelas abelhas. Mas algumas vezes referia-se também a um néctar doce retirado das uvas e tâmaras. Era esse tipo de mel que se exportava comercialmente.

Não temos a menor idéia sobre a população de abelhas que havia em Canaã quando Israel ali chegou, mas o fato é que a terra é descrita como uma região que “mana leite e mel” (Êx 3.8). É claro que, possivelmente, isso era apenas uma figura de linguagem. Como a terra não mana leite, podemos concluir que também não se via mel escorrendo das árvores. Mas, de qualquer modo, era uma região rica e próspera.

A maior parte das abelhas da Palestina era selvagem; mas ao que

parece havia também criação doméstica (2 Cr 31.5). Hoje em dia a apicultura é bem desenvolvida em Israel.

Como o mel era um alimento largamente apreciado, é fácil entender por que os escritores de Salmos (19.10) e de Provérbios (16.24; 24.13) o tenham citado para ilustrar verdades espirituais. Quando alguém lê que os juízos do Senhor são mais doces do que o mel e o destilar dos favos, entende perfeitamente o que o salmista quer dizer.

João Batista alimentava-se de mel silvestre e de gafanhotos (Mt 3.4; Mc 1.6).

É provável que Jesus também tenha utilizado o mel com certa freqüência, de uma forma ou de outra. Em algumas versões bíblicas consta que, na refeição que fez com os discípulos após a ressurreição, comeu peixe com mel (Lc 24.42). Mas a palavra "mel" não aparece nos melhores manuscritos (Geldenhuis, Lenski, Robertson). □

**FIGOS** □ Nos dias de Cristo, o figo era uma das frutas mais apreciadas, e mais facilmente encontradas. Havia quem cultivasse essa succulenta fruta em plantações próprias, mas ela era também encontrada em estado nativo no campo. Pelo seu sabor, eles a apreciavam bastante como sobremesa. Foi da figueira também que Adão e Eva pegaram folhas para fazerem suas primeiras vestimentas (Gn 3.7). A árvore a que Zaqueu subiu para ver Jesus, o sicômoro, é um tipo de figueira (Lc 19.4).

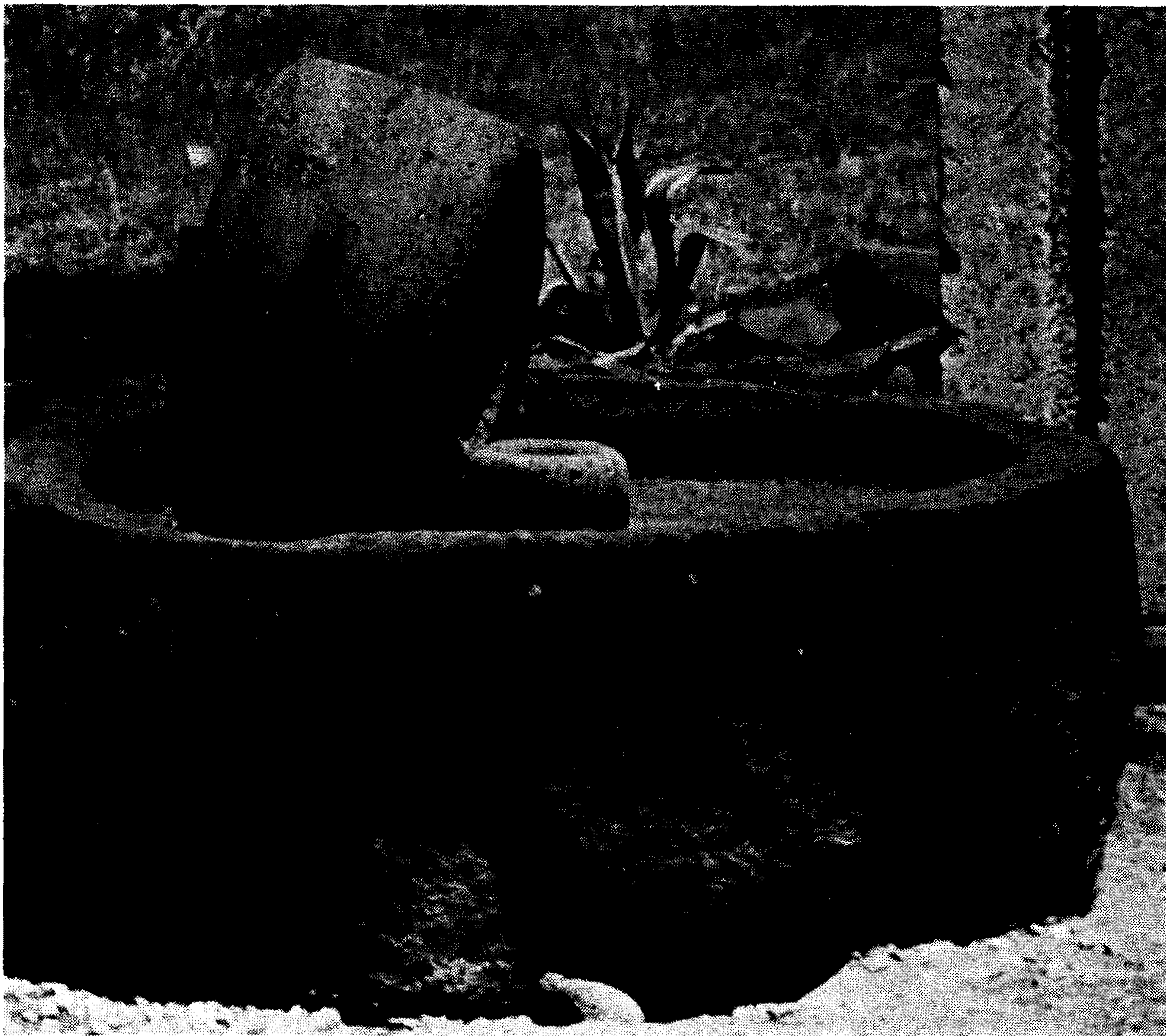
O figo era consumido de diversas formas: ao natural, em passa, ou então sob a forma de vinho. Lemos em 1 Samuel que Abigail deu a Davi, entre outras coisas, duzentas pastas de figo (25.18), provavelmente era a fruta em passa.

A figueira pode atingir até cerca de 10 metros de altura, e como seus galhos se estendem muito para os lados, proporcionam uma boa sombra. Muitos agricultores gostavam de plantá-la num canto da vinha para gozar de sua sombra. Uma pessoa que pudesse descansar à sombra de uma figueira, era considerada alguém que estava bem de vida (Jo 1.48).

Quando a produção de figos era fraca, a economia da nação ficava abalada (Hc 3.17).

Devido à abundância dessa árvore no país, elas eram muito utilizadas em lições objetivas. Quando Tiago afirma que a figueira não pode produzir azeitonas, nem a videira figos (Tg 3.12) os leitores puderam visualizar perfeitamente a imagem dela.

Jesus explicou que, para se adubar uma figueira, era preciso escavar ao redor de sua raiz e ali colocar estrume (Lc 13.8). Com isso, deu a entender que, se uma planta não fosse bem cuidada, ficaria infrutífera; mas também, se depois de receber o tratamento adequado, ela continuasse estéril, era melhor que fosse cortada, e seu lugar fosse ocupado por outra.

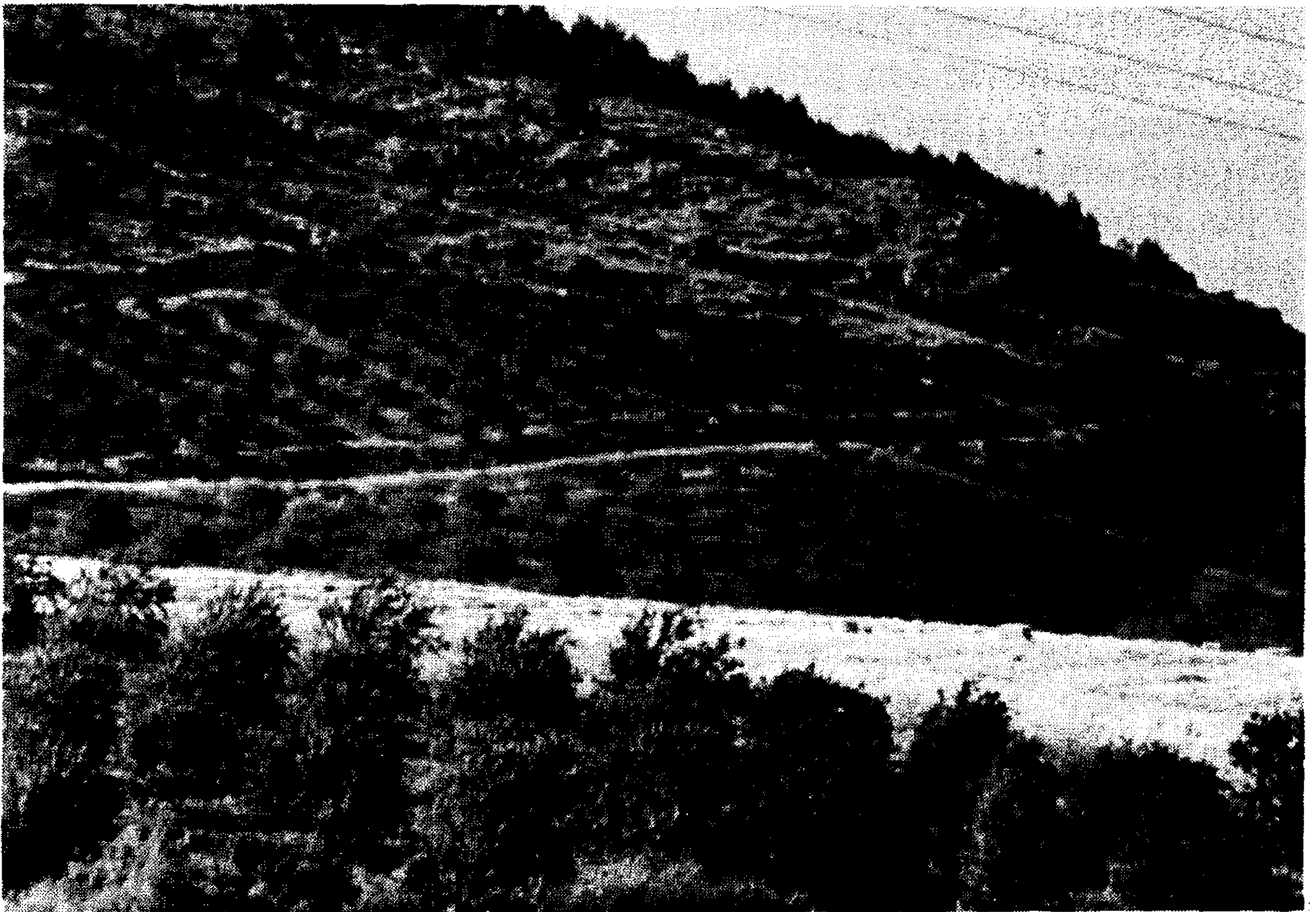


Nesta prensa de azeitonas que se acha nas proximidades da cidade de Cafarnaum, na Galiléia, vemos a pedra rotativa utilizada para esmagar a fruta, e a sulcada (em posição vertical, ao fundo), pela qual o azeite escorria para ser coletado. TW

Na Palestina, as figueiras recomeçam a brotar em fevereiro (após o inverno); em abril, já estão cheias de folhas, e em maio e junho os frutos estão maduros. Em agosto e setembro ocorre uma segunda safra. Foi aproveitando esse ciclo, que Jesus propôs a parábola da figueira (Lc 21.29,30). Ele disse que assim como se podia prever a chegada do verão através de certos sinais da natureza, assim também seria possível prever a vinda do Reino observando-se certos eventos mundiais.

No caso da figueira que se secou devido à repreensão de Jesus (Mt 21.19-21), talvez nunca encontremos uma explicação perfeita para o fato. Cristo e seus discípulos passaram por uma figueira estéril que estava à beira do caminho, e o Senhor repreendeu a árvore, que com isso veio a secar-se. A explicação mais plausível é a de que ele utilizou esse recurso para demonstrar que a esterilidade do povo de Israel seria castigada, um método de ensino muito empregado pelos profetas. □

**AZEITONAS** □ O óleo de oliva era utilizado para diversos fins, sendo encontrado em quase todas as casas de Israel, para a prepara-



A oliveira sempre foi uma planta abundante na Palestina, e mesmo antes da conquista da terra por Josué, já era cultivada ali. Esta plantação, localizada no fértil vale de Jezreel, é bem típica. A oliveira é mais ou menos do tamanho de uma mangueira, e tem vida longa; vive centenas de anos. TW

ção de alimentos, para banhos de óleo, tratamento de doenças ou iluminação (como combustível das lamparinas).

Algumas vezes, eles comiam as azeitonas ao natural, mas usavam-nas mais para a fabricação do azeite, com o qual temperavam saladas ou faziam frituras. Além disso, o azeite era empregado também para untar as assadeiras e como ingrediente da massa de pão.

As oliveiras crescem abundantemente na Palestina, e no monte das Oliveiras, onde Jesus pregou, havia muitos pés (Mt 24.3). Essas árvores, que são de desenvolvimento bem lento, levam quinze anos para começar a produzir; mas depois podem produzir durante séculos. Sendo uma planta que não requer muita água, desenvolvia-se com facilidade no terreno rochoso das colinas de Israel.

Com o passar dos tempos, muitas das árvores foram derrubadas, talvez para a utilização da sua madeira. Pela grande quantidade de velhas prensas\* encontradas na Palestina, tem-se a impressão de que antigamente o número de árvores era bem maior.

Paulo menciona o galho da oliveira para ilustrar sua tese de que Deus havia enxertado os gentios em Israel (Rm 11.17,24). Essa metá-

---

\* Prensas — máquinas utilizadas para esmagar a azeitona, com a finalidade de se extrair dela o óleo. N. T.

fora, porém, não tem um paralelo perfeito na natureza. Embora fosse possível enxertar-se um galho novo numa árvore velha, tal prática não era muito freqüente. Contudo, o leitor entende claramente o que ele quer ensinar. Os gentios, que antes não criam em Deus, e portanto não eram parte da oliveira, são enxertados nela a partir do momento que crêem nele. Isso não acontecia comumente na cultura da oliveira, e associada a pessoas a idéia é mais inusitada ainda. Mas pela graça de Deus veio a ser realidade. □

**GAFANHOTOS** □ As instruções que os antigos davam para o preparo do gafanhoto era a seguinte. Recolhe-se uma vasilha de gafanhotos (que eram bem semelhantes aos nossos gafanhotos de hoje, e são de espécies próximas a das baratas e do gafanhoto verde) e removem-se as asas, patas e cabeça. Em seguida, prepara-se o gafanhoto ao gosto de cada um — assado, ferventado ou refogado. Mas pode-se comê-lo cru, ou submetê-lo a um processo de secamento também. Ainda pode ser comido com mel. Quando cozido em água e sal, seu sabor lembra o do camarão. Outro modo de se utilizar o gafanhoto é triturá-lo para adicioná-lo à massa de pão e melhorar seu sabor.

João Batista gostava de comer gafanhotos (Mt 3.4), como fazem muitas pessoas na Palestina ainda hoje.

O gafanhoto é muito associado à idéia de destruição, pois um bando deles pode desfolhar uma árvore em questão de minutos. O profeta Joel descreve a impiedosa destruição que eles deixam onde passam (1.1-12), como também Moisés já fizera alguns séculos antes (Êx 10.15). Quando uma nuvem de gafanhotos está em vôo, chega às vezes a escurecer o céu. □

**O LEITE** □ O povo de Israel consumia leite de vaca, cabra, ovelha e camela, que eram os fornecedores básicos desse alimento.

Uma maneira muito comum de utilizá-lo era sob a forma de coalhada. Eles deixavam o leite coalhar e faziam o *kefir*, um alimento semelhante ao nosso iogurte, que dispensava refrigeração. Ainda hoje ele é vendido em muitos lugares, inclusive no ocidente. Aqueles que fazem uso dele consideram-no um alimento muito nutritivo. Provavelmente foi o que Abraão serviu aos anjos que foram visitá-lo (Gn 18.8), e que Jael deu a Sísera antes de matá-lo (Jz 4.19).

A promessa de uma terra que mana leite e mel (Êx 3.8) faz pensar num lugar com boas pastagens para o gado leiteiro.

Pela lei de Moisés, era proibido cozinhar um cabrito no leite da própria mãe (Dt 14.21), uma prática que os cananitas adotavam em seus sacrifícios religiosos.

Outro alimento muito consumido nos tempos bíblicos era o quei-

jo, mas o termo que o designa é de difícil tradução. Em muitos casos, trata-se apenas do leite coalhado. □

**OS OVOS** □ Embora pouco mencionado na Bíblia, o ovo era um alimento bastante comum. Desde os tempos mais antigos, o homem já recolhia ovos em ninhos de aves silvestres, e a partir de 500 A. C. começou a criar aves para produção de ovos. No tempo de Cristo, já muitos israelitas criavam galinhas (Mt 23.37; Mc 13.35).

Como hoje, eles preparavam os ovos também de diversas maneiras, inclusive frito e cozido. Havia os que gostavam de passar ovo mexido sobre o peixe, ao cozinhá-lo.

Jesus mencionou o ovo quando estava falando sobre o caráter generoso de Deus, nosso Pai (Lc 11.12). □

**AS TÂMARAS** □ Essa deliciosa fruta estava sempre presente no cardápio do judeu, fosse sob a forma de vinho, mel, xarope ou pasta. Em algumas regiões, a tâmara era um dos alimentos básicos do povo.

A região de Jericó era famosa por sua produção da fruta. Uma vez colhida, toda a safra era submetida a secamento, e exportada.

À semelhança de outros tipos de alimentos, a tâmara não é mencionada na Bíblia, contudo é bem provável que Jesus mesmo tenha comido tâmaras muitas vezes. □



A cidade de Jericó está localizada num vale amplo e espaçoso próximo ao mar Morto e ao monte de Moabe, no vale da Transjordânia. Ali se encontram muitas tamareiras, razão por que a cidade foi denominada "Cidade das Palmeiras". Jericó foi a primeira cidade a ser tomada pelas tribos de Israel (Js 6). TW

**CARNES** □ Os judeus não consumiam muita carne. Geralmente se serviam pratos de carne em casamentos, banquetes e festas religiosas. Eles evitavam abater animais, preferindo utilizar mais o leite, a lã e criá-los para reprodução.

Eles comiam diversos tipos de carne: vaca, cabrito, cordeiro, ou vitela. Também apreciavam carne de aves, domésticas ou não, como pombo, frango, perdizes, codornizes e gansos. Além disso, consumiam também caça — veado, cabra montesa, gazela e corça.

Pelas leis dos hebreus, eles não podiam comer carne de porco, nem de lebre, camelo e outros animais. □

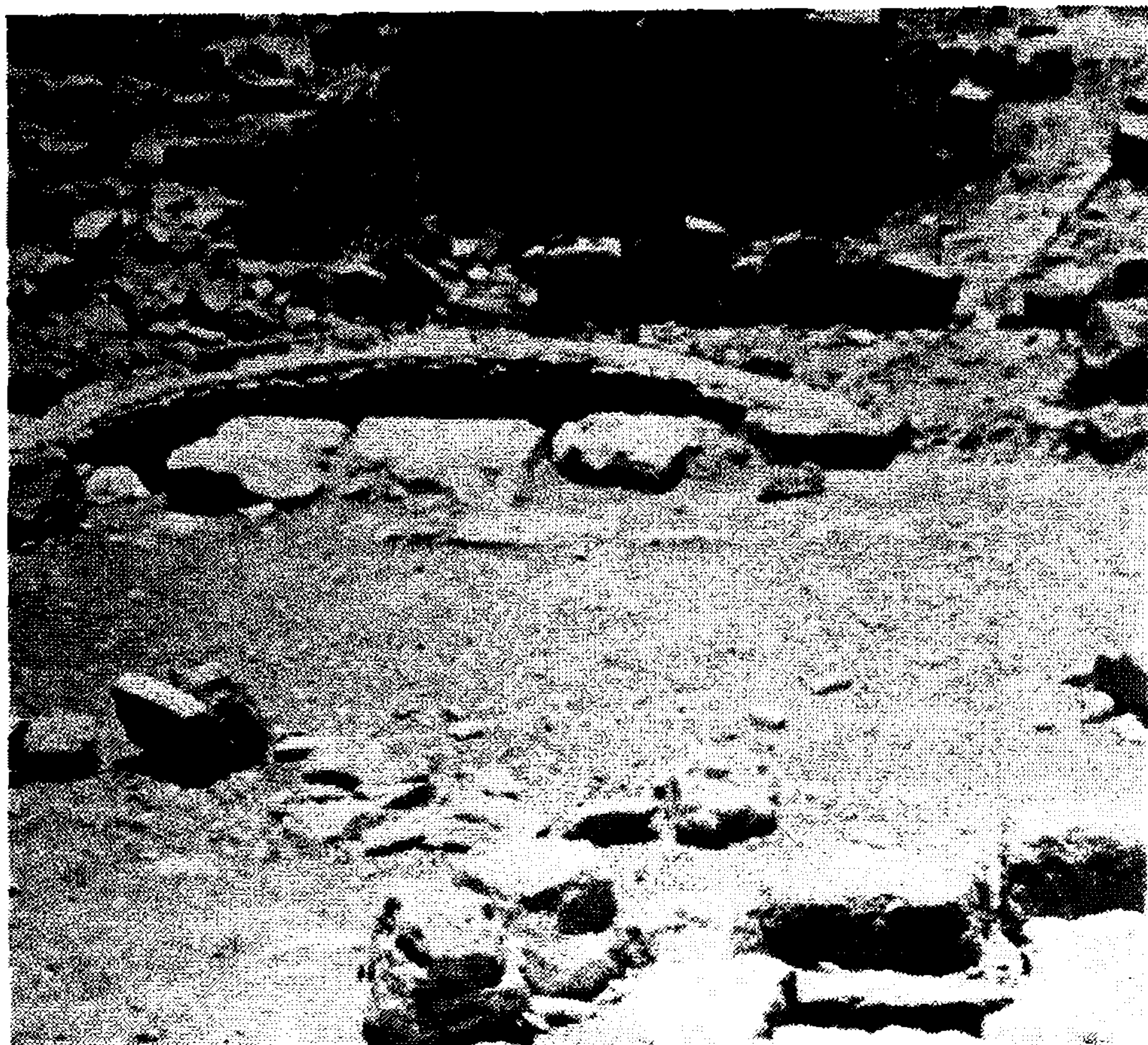
**VERDURAS** □ Na época de Cristo, eram utilizados como alimento diversos tipos de verduras, como cebola, alface, alho, beterraba, pepino, vagens, lentilhas (da família da ervilha) e alho porro, ingeridas cruas ou cozidas. Às vezes também as misturavam a outros alimentos. □

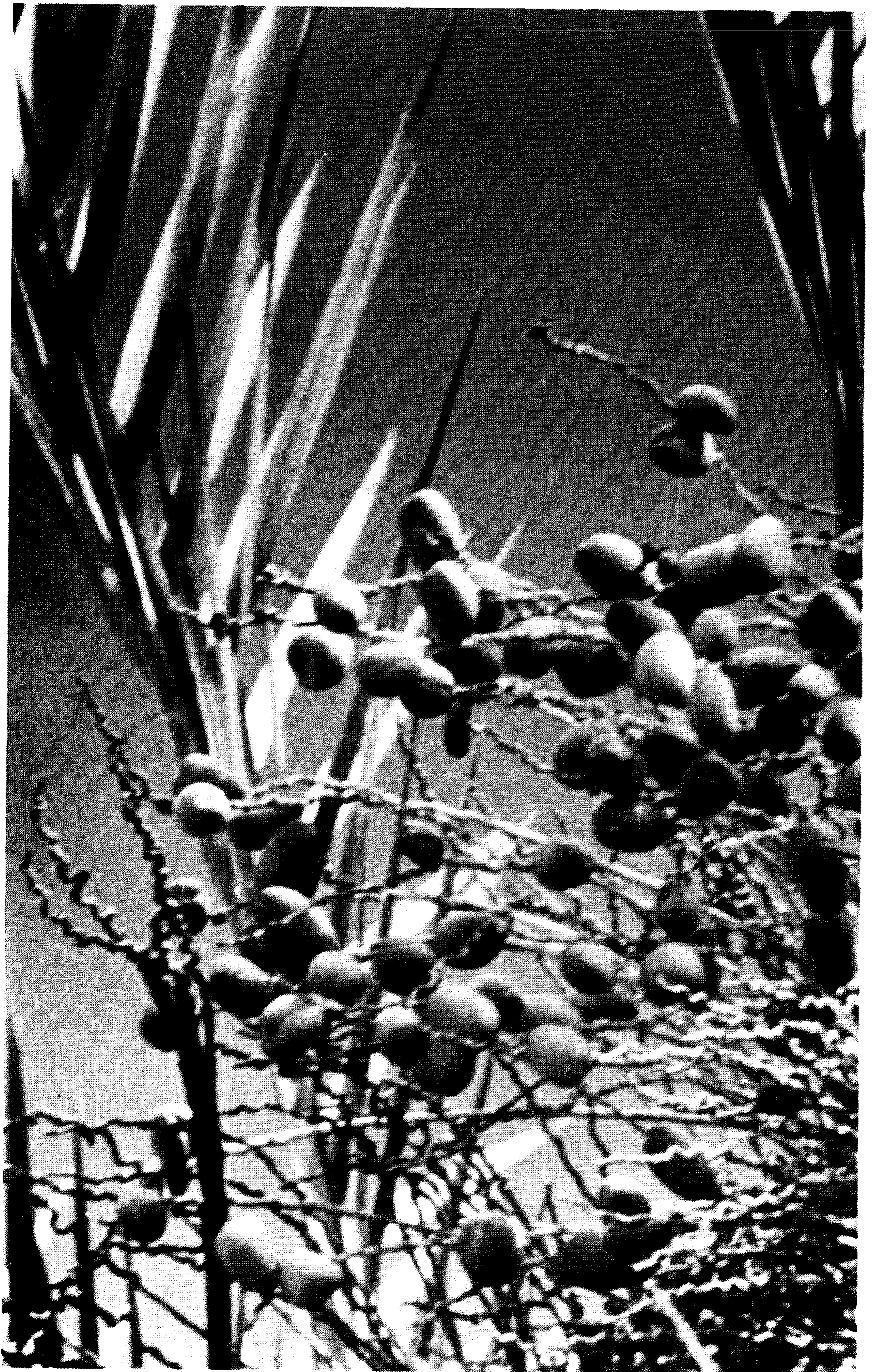
**O VINHO** □ A maioria do povo de Israel apreciava muito o vinho. Eles fabricavam principalmente o vinho da uva, mas havia também o de romã, de tâmaras e de figo. O de uva era fabricado no início do ano. Depois faziam também outros tipos.

Essas ruínas são de um tanque para pisar uvas, construído há 1500 anos, e se encontram nas proximidades de Avdate, no Neguebe. JJ



O antílope ou cabrito montês (Dt 14.5) era um dos animais que os israelitas podiam caçar para comer. Este macho pertence a um rebanho que se encontra na reserva de caça de En Qedi. TW





Aspecto de uma tamareira carregada de tâmaras, perto do muro das Lamentações, em Jerusalém.





Este grande lagar era utilizado pelos israelitas para pisar uvas; eles faziam isso cantando e gritando (Is 63.3). O suco escorria para o lagar menor à esquerda, onde era deixado durante cerca de um mês e meio para fermentar. RI

O vinho de uva era de fato uma bebida fermentada. O termo empregado na Bíblia tem esse sentido tanto no Velho como no Novo Testamento, já que o processo de fabrico do vinho resultava numa bebida fermentada. Seja qual for nossa opinião sobre bebida alcoólica, a verdade é que não podemos negar uma situação real (Dicionário Bíblico de Unger).

Os judeus produziam o vinho tinto. Como não existe um termo para designar vinho branco, é possível que existisse apenas o tinto. Muitos deles viam essa bebida como uma dádiva de Deus. Alguns rabis criam que Deus mesmo havia ensinado a Noé o segredo do fabrico dele. As uvas eram colhidas na vinha e deixadas expostas ao sol durante algum tempo para secar um pouco. Com isso, elevava-se o teor de açúcar da fruta. Depois eles as colocavam em grandes tanques, onde as esmagavam com pés descalços (Is 63.3). Para se equilibrar, os pisadores de uvas costumavam segurar-se numa corda, suspensa acima da cabeça, e faziam o serviço cantando e gritando (Jr 25.30). O suco da uva escorria para um tanque menor, onde ficava depositado durante um mês e meio para fermentar. Depois de pronto, era colocado em talhas de pedra (Jo 2.6), ou então em odres, uma espécie de bernal feito de couro de cabra (Mt 9.17).

Jesus não revelou nenhum tipo de atitude contrária ao vinho (Mt 26.29), e chegou até a transformar água em vinho (Jo 2.6ss). Contudo, sabe-se que nem todo mundo aprovava o uso da bebida. João Batista, por exemplo, não bebia. Também houve quem criticasse Cristo por fazê-lo (Mt 11.18,19). Entretanto, ao que parece, os fariseus o criticaram por uma suposta embriaguez, e não pelo ato de beber em si.

Apesar de o vinho ser uma bebida largamente aceita, havia muitas pessoas que não sabiam controlar-se e se excediam. A Bíblia contém muitas advertências contra o abuso da bebida (Ef 5.18), e muitos relatos de casos de embriaguez (Gn 9.21).

Como o vinho fazia parte do dia-a-dia do judeu, Jesus fez menção dele para ilustrar seus ensinamentos (Mt 9.17). □

**FRUTAS E CASTANHAS** □ Em algumas casas havia vários tipos de frutas para consumo da família. As mais comuns eram amoras, uvas, romãs, figos, tâmaras e castanhas de pistácio. Havia ainda outras variedades como melão e melancia. □

**CEREAIS** □ O trigo, a cevada, o centeio e o painço eram alimentos básicos. É possível, porém, que esses termos não correspondam exatamente aos mesmos cereais que temos hoje com essa denominação. □

**CONDIMENTOS E TEMPEROS** □ Os hebreus gostavam de colocar muitos temperos em sua alimentação. Alguns dos mais usados eram o alho, a mostarda, hortelã e canela. Os fariseus eram muitos escrupulosos na entrega dos dízimos, tanto que tiravam o dízimo até dos condimentos e temperos (Mt 23.23). □

**AS REFEIÇÕES** □ A maioria dos judeus mais religiosos tinha o hábito de dar graças à mesa, pela refeição. Era um costume muito arraigado entre eles. E não somente oravam antes da refeição, mas também tinham que fazer o mesmo depois de terminada (Dt 8.10). Mas não havia uma maneira definida para essa prática, que variava de uma casa para outra. Numa família, por exemplo, era sempre o pai quem orava; em outra, pedia-se um convidado para dar graças; e, ainda em outra, todos os membros da família oravam em conjunto.

Algumas vezes, eles faziam orações espontâneas, com suas próprias palavras. Mas em outras, faziam orações formais, memorizadas. Uma dessas orações ainda é repetida até hoje: "Bendito sejas, Jeová, nosso Deus, Rei do mundo, que fazes o pão brotar da terra."

A Bíblia narra diversas situações em que Jesus orou antes de uma refeição: na última Páscoa (Mt 26.26); com os discípulos de Emaús (Lc 24.30); antes da multiplicação dos pães para 5.000 pessoas (Jo 6.11) e para os 4.000 (Mt 15.36). Em todos esses casos ele estava dando graças a Deus pelo pão, e não pedindo a ele que realizasse o milagre. Ao que parece, isso era uma prática habitual de Jesus, à hora das refeições. No final do livro de Atos, vemos Paulo fazendo o mesmo (At 27.35).

Geralmente o alimento era servido na mesma vasilha em que era preparado. Não havia os talheres que usamos hoje, e nem eles seriam



A leitura de orações continua a ser uma das práticas mais importantes da religião judaica. O grande desejo dos judeus do mundo todo é poder orar junto ao muro das Lamentações, em Jerusalém, que é o local mais sagrado para esse povo.

TW

necessários, pois eles comiam utilizando o pão. Cada pessoa tirava um pedaço de pão para si e o introduzia na vasilha de alimento, e assim pegava sua "garfada" de comida. O fato de comerem todos de uma mesma vasilha indicava um laço de união, de amizade entre as pessoas. Muitas vezes, quando havia um convidado, o anfitrião pegava um pedaço de peixe ou de outra carne, e o servia ao convidado, o que era um gesto cordial de hospitalidade. Como foi irônico, então, o fato de Jesus e o traidor terem levado a mão ao prato no mesmo instante (Mt 26.23)! □

**A LAVAGEM DAS MÃOS** □ Para o judeu, era muito importante lavarem-se as mãos antes de cada refeição, já que pegavam o alimento com os dedos. E além de lavar antes, tinham que lavar depois, também, já que estariam sujos de gordura.

Uma questão discutida nos Evangelhos é justamente essa prática tão simples. É que os fariseus tinham transformado esse ato numa cerimônia bastante elaborada. Pelo regulamento deles, não bastava que a água fosse derramada sobre as mãos, mas ela teria que escorrer dos dedos até o pulso. Se não, todo o processo teria que ser repetido. E a quantidade de água utilizada não poderia ser menor do que a equivalente a uma e meia casca de ovo. Os fariseus ficaram indignados com Jesus, porque ele não lavava as mãos da maneira por eles determinada (Lc 11.38), e o disseram a ele (Mc 7.5). Mas Jesus não dava muita importância às suas tradições (Mt 15.2), porque para ele a lei mais importante era amar a Deus e ao próximo. □

**PREPARO DAS REFEIÇÕES** □ Sempre que o tempo permitia, os judeus preparavam seus alimentos no quintal. Dessa forma não tinham uma casa enfumaçada, cheirando a comida.

Utilizavam diversos tipos de combustível, mas o principal era es-



Este forno ao ar-livre usado para assar pães é muito semelhante aos que eram utilizados nos tempos bíblicos.

SAB

terco seco. Até hoje esse recurso ainda é empregado por alguns camponeses da Palestina. A lenha era bastante escassa, e quando uma pessoa de posses médias conseguia um pouco, preferia vendê-la para um rico. Muito utilizados também eram gravetos, relva e espinheiro. Quando queriam um fogo rápido e bem quente queimavam relva (Mt 6.30). É possível que usassem também carvão vegetal pois sabemos que após sua ressurreição Jesus assou alguns peixes em brasas (Jo 21.9).

Os fogões e fornos que havia eram pequenos. Possuíam uma larga boca na frente, por onde era introduzido o graveto ou lenha, e na parte de cima uma abertura, como uma espécie de trempe. Só se cozinhava com uma vasilha de cada vez. Havia também um tipo de fogão portátil, menor e mais leve, que era provido de orifícios na parte de trás, para favorecer a circulação do ar. Esse fogão podia ser facilmente transportado para fora, quando se queria cozinhar no quintal.

Um problema sério para aquele povo eram os insetos: moscas, mosquitos e pulgas, principalmente. A água para consumo, guardada dentro de casa, tinha que estar sempre bem tampada. Mas isso nem sempre impedia a contaminação. Vez por outra tinham que coar a água ou vinho para remover larvas e outras impurezas. Quando Jesus falou acerca de coar mosquito e engolir camelos, seus ouvintes entenderam muito bem o que ele queria dizer (Mt 23.24).

---

## CAPÍTULO 4

---

# CUIDANDO DA APARÊNCIA: VESTUÁRIO E COSMÉTICOS

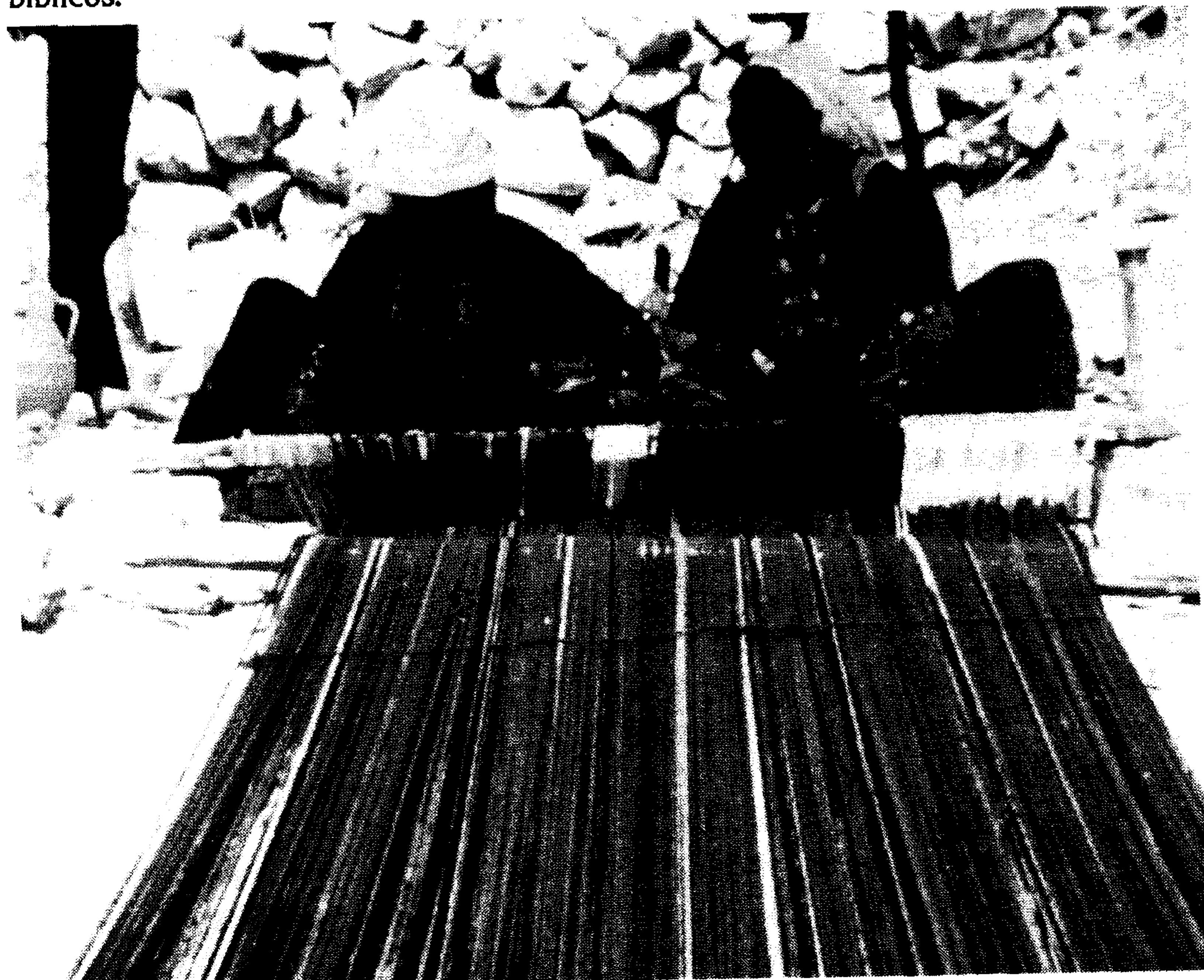
---

---

**E**mbora os povos antigos não contassem com a variada seleção de tecidos e modelos que temos hoje, seria engano pensar que o vestuário daquela época fosse feio e sem graça. Muitas pessoas usavam roupas de cores variadas, com elaborados bordados. Mas a maioria usava roupas simples, feitas em casa.

A tecelagem de lã de carneiro continua a ser feita hoje como o era nos tempos bíblicos.

SAB



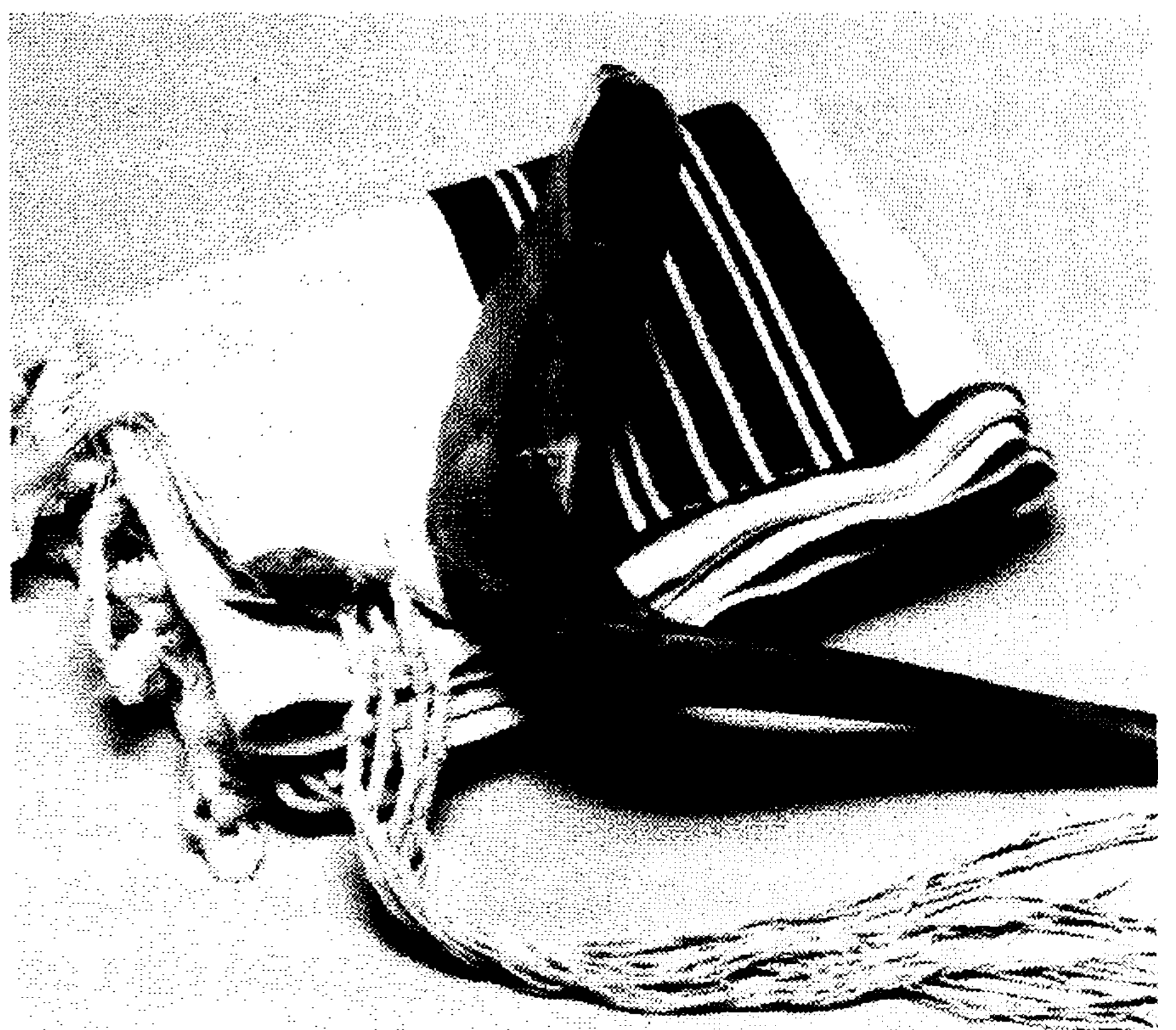
A maior parte dos judeus não se restringia a apenas um determinado tipo de roupa, já que recebiam influência dos gregos e romanos. E apesar de a lei ser bastante rigorosa em certos pontos, muitos deles se vestiam como bem queriam.

**O GUARDA-ROUPA BÁSICO** □ O guarda-roupa básico de um israelita do primeiro século, além dos complementos como a bolsa de dinheiro, um xale ou sapato extras, consistia de quatro ou cinco peças essenciais, que examinaremos em seguida.

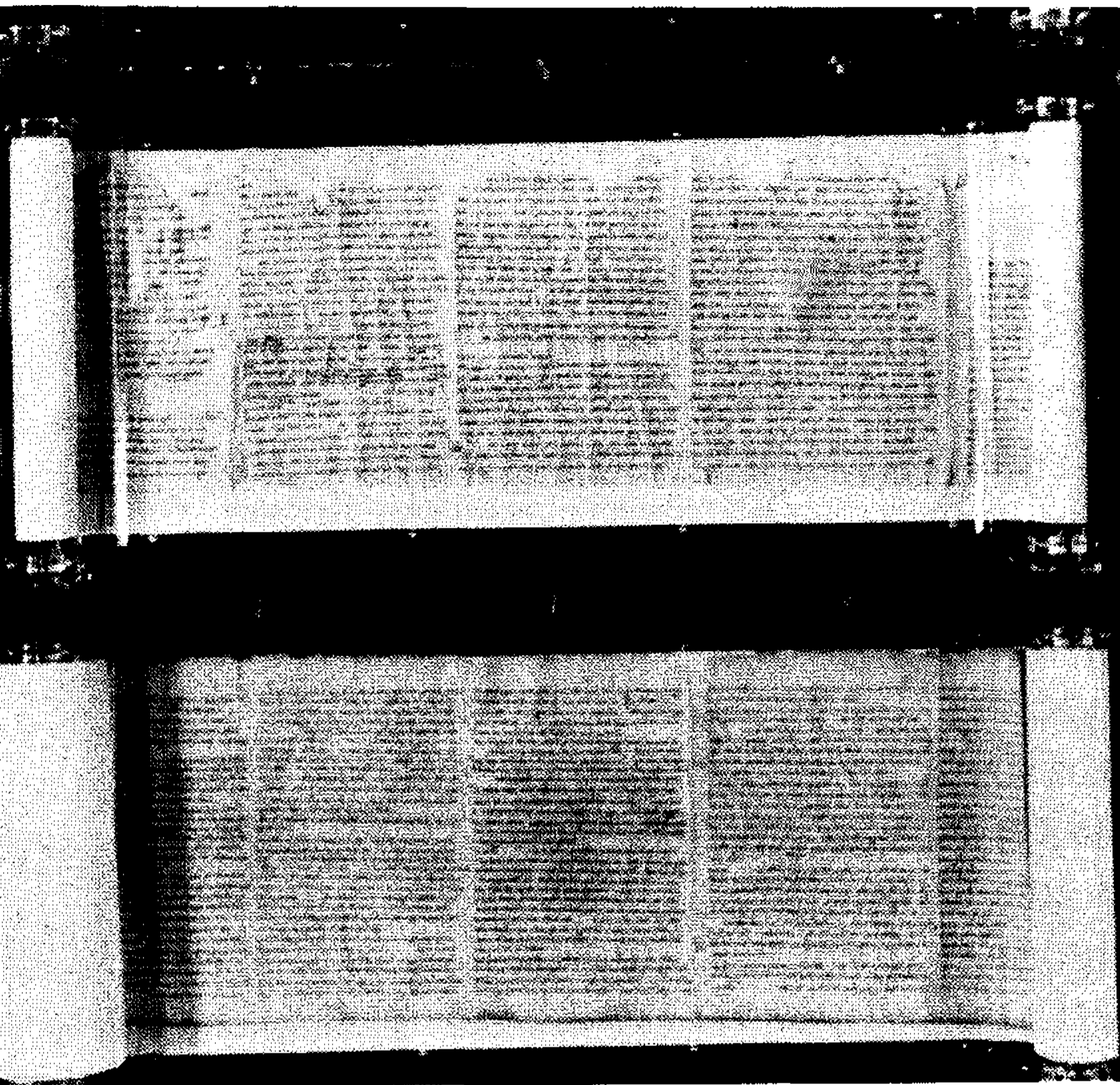
*A túnica exterior.* Algumas vezes chamada de capa, essa peça era uma espécie de agasalho, que se usava como hoje usamos um paletó ou blusão. Possivelmente era apenas um pedaço de tecido em formato de quadrado, com uma abertura no meio, para se enfiar a cabeça. Essas capas eram tingidas de cores alegres ou então listradas, e o tecido utilizado poderia ser um linho fino ou uma fazenda mais rústica, dependendo das condições econômicas do usuário. Um homem que se prezasse não entraria no templo sem estar convenientemente vestido com sua capa.

A capa era uma peça muito importante e de grande valor, e em muitos casos era motivo de orgulho para seu possuidor. Quando uma pessoa sofria um revés financeiro, podia empenhar a capa para obter dinheiro. Mas, pela lei, ela teria que lhe ser devolvida antes do anoitecer, já que ela a utilizava também como cobertor. Por ocasião da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, as pessoas que estavam na rua estenderam suas vestes pelo caminho, num gesto de homenagem a ele (Mt 21.8).

Havia algumas pessoas que possuíam túnicas de excelente qualidade, com franjas na bainha. Mais tarde passaram a colocar franjas também na túnica de baixo, e, por último, nos xales que vestiam para orar. Inicialmente, essas franjas eram presas à veste por um cordão de cor azul, e tinham por finalidade lembrar ao usuário os mandamentos de Deus (Nm 15.37-41). Com o passar do tempo, alguns começaram a exagerar essa prática. Alguns fariseus, por exemplo, usavam franjas bem compridas para que todos vissem que eram devotos aos mandamentos de Deus. Jesus chamou isso de



Um "shofar" colocado sobre um xale de orações. KM



Os pergaminhos de Paulo eram parecidos com estes encontrados no mar Morto, e que contêm porções do livro de Isaías. Os pergaminhos eram enrolados e não dobrados, como os livros de hoje.

CGI

exterior, podemos compreender melhor o que Jesus diz a respeito dela em Mateus 5.40. Ensina ele que, se alguém demandasse com um de seus discípulos e quisesse tirar-lhe a túnica (a veste interior), este deveria entregar-lhe também a capa (túnica exterior). É interessante observar que em Lucas 6.29 a situação é colocada na ordem inversa. E ele ensina que o discípulo deve agir assim, mesmo sabendo que a lei mosaica tinha dispositivos para a proteção da posse dessa vestimenta (Êx 22.26,27). Jesus sabia do grande valor da capa como objeto pessoal, mas, apesar disso, ensinou que seus seguidores deviam entregá-la voluntariamente ao adversário. Pela lei do amor, ensinada por Jesus, nossos "direitos pessoais" vêm em segundo plano em relação aos desejos e necessidades dos outros.

Algumas pessoas não conseguiam resistir à tentação de ostentar pelas praças suas belas capas. É por causa disso que Jesus critica os escribas religiosos que se exibiam com capas vistosas (Lc 20.46), que na verdade eram túnicas talares, mas tinham maior preocupação com uma bela aparência, do que em atender ao próximo.

Não há dúvida que a capa de mais triste lembrança na história é o manto de púrpura com que os soldados vestiram Jesus num gesto de zombaria (Jo 19.2). O roxo era a cor da realeza, mas no caso de Cristo, o manto, acompanhado da coroa de espinhos, era a expressão do desprezo que eles votavam ao Messias.

hipocrisia, já que o faziam só para serem vistos (Mt 23.5).

Escrevendo a Timóteo, Paulo lhe pede que lhe traga alguns objetos pessoais que prezava muito, dentre os quais cita uns pergaminhos e sua capa (2 Tm 4.13). Ela lhe seria de muito valor numa noite fria, naquela prisão romana.

No primeiro século, os ricos passaram a usar túnicas maiores e de melhor qualidade. Assim demonstravam sua condição de abastados (Tg 5.2), contrastando com a maioria do povo, que possuía apenas uma túnica simples.

De posse de todas essas informações sobre a túnica

Os israelitas gostavam muito da cor roxa, assim como os cananitas também. A tinta utilizada para obter essa cor era retirada de uma espécie de caramujo, e muito valorizada em todo o mundo. Era fabricada em diversos tons. Para a construção do templo, Salomão havia mandado buscar em Tiro homens que soubessem trabalhar em obras de púrpura (2 Cr 2.7).

No Velho Testamento são mencionados dois casos em que essa túnica exterior tem um papel importante: na história de José e na do gigante Golias. A capa de José ganha certo destaque na Bíblia em parte por causa de uma tradução incorreta. Na verdade, não se tratava de uma túnica de várias cores, como diziam algumas versões, mas de uma veste de mangas longas (Gn 37.3). A capa de manga longa era indicação de que seu usuário era uma pessoa importante que não poderia realizar trabalhos corriqueiros. Naturalmente, os irmãos de José se ressentiram disso, e resolveram tentar matá-lo.

A imensa capa do gigante Golias era uma couraça, que pesava cerca de 55 quilos (1 Sm 17.5). Tratava-se de uma antiga peça de armadura recoberta de centenas de escamas de metal pregadas umas às outras, para protegê-lo de lanças. Na batalha de Megido, foram recolhidas cerca de duzentas dessas capas.

*A veste interior.* A peça básica do vestuário de um judeu era a túnica, uma espécie de camisa longa, semelhante a um vestido ou a uma camisola de dormir. Como a capa, era feita de lã ou linho.

Nas menções a roupas que encontramos na Bíblia, às vezes é difícil saber com certeza quando se trata dessa veste interior e quando se fala da capa. Portanto, ao fazer a descrição delas, ora apresentamos fatos, ora apenas conjecturas.

Essa túnica poderia ser de uma cor só, ou de muitas cores. Algumas tinham também bordados, como a capa.

Para muitos judeus, as roupas eram um símbolo de *status*, por isso aquilo que João Batista falou a respeito delas deve tê-los deixado meio incomodados. O profeta afirmou que quem tivesse duas túnicas devia dar uma para quem não tivesse nenhuma (Lc 3.11). E, ao que parece, também Jesus achava que era fácil uma pessoa ficar obcecada pelo desejo de possuir boas roupas. Ele ensinou que, assim como as flores não se preocupavam, nós não deveríamos preocupar-nos com roupas (Mt 6.28-33).

É interessante notar que quando Jesus narrou a parábola do rico e Lázaro (Lc 16.19ss) ressaltou o fato de que o rico egoísta tinha roupas de púrpura e linho finíssimo. Isso é digno de nota pois normalmente ele não se preocupava em mencionar o que as pessoas vestiam. O termo púrpura talvez designasse um dos diversos tons que ia desde o roxo profundo, até o azul profundo, passando pelo carmesim. A túnica interior de linho, usada pelos homens, era feita de uma fibra tingida de amarelo, que era importada do Egito, e se chamava



bisso. Era tão luxuosa que os egípcios falavam dela como de “um tecido feito de ar”.

No texto bíblico que relata que o sumo sacerdote rasgou suas vestes ao ouvir a declaração de Cristo, não há indicação clara sobre qual das duas ele teria rasgado. O termo empregado em Marcos 14.63 designa uma veste interior, mas o de Mateus 26.65 sugere uma peça exterior. O historiador Josefo afirma que ele deve ter rasgado a de baixo. Mas é possível que tenha sido ambas.

A roupa que Jesus estivera usando na ocasião da crucificação e que os soldados tiraram, certamente era uma túnica interior (Jo 19.23). (Eles já haviam tirado o manto de púrpura que tinham vestido nele para fazer a zombaria.)

Essa túnica interior de Jesus era sem costura, portanto, de boa qualidade. Embora não fosse nada de extravagante, era uma peça de valor. A túnica interior do sumo sacerdote era desse tipo, sem costura. Eles perceberam que seria desperdício dividi-la em quatro partes. A distribuição das peças entre eles foi o cumprimento da profecia do Salmo 22.18.

**O cinto.** A cinta ou cinto mencionados na Bíblia provavelmente são diferentes nomes para um mesmo objeto. Parece que, ao longo dos anos, ele vai variando de tamanho e nome, mas a função é quase sempre a mesma — prender as túnicas longas para facilitar a caminhada. Às vezes as roupas compridas atrapalhavam um pouco quando alguém queria correr ou quando seu trabalho exigia gestos mais largos. Nesse caso, ele erguia a barra da vestimenta e enfiava a ponta no cinto.

Às vezes, esse cinto era apenas uma túnica amarrada na cintura. Talvez a referência mais conhecida desse uso do cinto seja a de Elias, que prendeu a roupa com um cinto para correr até a entrada de Jezreel (1 Rs 18.46).

Quando uma pessoa estava de luto ou em profundo pesar, usava um cinto feito de pano de saco (1 Rs 20.32). O pano de saco era um tecido feito de pêlos de cabra, e quando usado diretamente sobre a pele infligia grande desconforto (Jn 3.6). Às vezes eles o punham por cima das roupas mesmo.

No primeiro século também usava-se muito o cinto. Sua principal finalidade era ajustar ao corpo as túnicas interiores folgadas. Na maioria dos casos, o cinto nada mais era que uma larga tira de pano enrolada na cintura. Mas os homens ricos tinham também cintos de seda ou de couro, e alguns desses ostentavam vistosos bordados, e talvez até uma fivela de ouro. Geralmente o tecido usado como cinto era de cor vistosa.

Nos dias de Cristo, os cintos tinham diversas finalidades práticas. Enfiavam-se neles facas, ou facões, espadas ou tinteiros de chifre. Nele também carregava-se dinheiro. Quando Jesus disse aos discipu-

los que, ao sair para a sua missão itinerante, não levassem no cinto nem ouro, nem prata nem cobre (Mt 10.9), estava-se referindo exatamente a essa prática.

Foi também um cinto que o profeta Ágabo pegou com Paulo, para amarrar suas próprias mãos e pés, mostrando o que estava para acontecer ao apóstolo (At 21.11).

“Cingir os lombos” ou prender as vestes com o cinto era uma expressão empregada em Israel que significava momentos de dificuldade. Certa ocasião, o profeta Eliseu disse a um dos filhos dos profetas que cingisse os lombos e fosse entregar determinada mensagem (2 Rs 9.1). Empregando a mesma idéia, Pedro diz aos crentes para cingirem o entendimento (1 Pe 1.13).

*Chapéus e adornos de cabeça.* A Bíblia quase não faz menção do que se usava na cabeça, mas quase todo mundo a cobria com alguma coisa. E embora não haja nenhuma referência acerca de Jesus nesse particular, é quase certo que ele andava de acordo com os costumes da época.

Um dos adornos de cabeça mais usados era uma espécie de lenço quadrado. Embora quase sempre fosse branco, havia lenços de outras cores também. Para usá-lo, eles o dobravam diagonalmente, e o colocavam na cabeça de modo que as pontas ficassem para trás, junto à nuca. Para que não caísse, eles o firmavam com uma corda, no alto da cabeça. Nos dias de sol forte, esse lenço servia para proteger o pescoço dos raios solares. Como outras peças do vestuário, tinha também outras utilidades. Protegia os olhos da luz do sol, e funcionava como máscara para o rosto, caso o indivíduo fosse apinhado por uma tempestade de areia.

É bem provável que Jesus usasse um desses lenços. Além disso, ele deve ter tido também um xale com que cobria a cabeça quando ia à sinagoga orar. Os solidéus, que hoje são conhecidos como *kipá*, usavam-se também nas sinagogas, e provavelmente era uma prática opcional.

É possível que, antes do exílio, os israelitas não tivessem ainda adquirido o hábito de usar chapéus e outros tipos de adornos de cabeça, a não ser para ocasiões especiais. Muitas mulheres judias usavam enrolados em torno da cabeça véus que não eram propriamente um adorno. Já as mulheres das nações adjacentes gostavam desse tipo de atavio.

Existiam diversos tipos de adornos, de diversos formatos, cores e materiais (dentre os quais o turbante).

Nos escritos do Novo Testamento há poucas referências a adornos de cabeça (1 Co 11.15; 1 Tm 2.9; 1 Pe 3.3), e mesmo nessas poucas ocasiões o texto está mais relacionado com a forma de arranjar o cabelo.

*Calçado.* Na antiguidade, havia apenas dois tipos de calçados: sandálias e sapatos. As sandálias eram bem simples, e bastante semelhan-



O "kaffiyah", ou pano de cabeça, é um adereço largamente usado no Oriente Médio, com diversas finalidades. Protege contra o sol, o vento e contra a areia atirada pelo vento.

tes às que usamos hoje em dia. Consistia de uma sola feita de um material resistente como casca de palmeira ou caniço, provida de tiras de couro que se amarravam ao pé. Vez por outra, as pessoas usavam meias, mas normalmente a sandália era calçada sem meia.

Quando uma visita chegava a uma casa, havia um escravo incumbido de remover-lhe as sandálias dos pés. Às vezes esse serviço era executado por um membro da família que fosse de condição inferior, ou então alguém se rebaixava para assumir essa função. João Batista declarou, certa vez, que não era digno de desatar as sandálias de Jesus (Jo 1.27). Dessa maneira, ele afirmava que era bem inferior a um escravo.

Os sapatos eram semelhantes às nossas botas de cano médio. Eram feitos de um couro macio, geralmente de camelo, chacal ou de hiena. É provável que as pessoas usassem sapatos nos dias frios e chuvosos, e sandálias, quando fazia tempo bom.

Alguns sapatos eram guarnecidos de tachas grandes no solado. Eram calçados bem fabricados, para serem usados em viagens longas, e talvez fossem parecidos com as botas de hoje, embora não tão bem acabadas quanto as modernas. Ao que parece, a principal utilidade desse tipo de bota eram as longas jornadas, e, por causa disso, era proibido calçá-las em dia de sábado. Supunha-se que se alguém calçasse a bota poderia ser tentado a caminhar mais do que lhe era permitido no sabá.

Tanto as sandálias como os sapatos são largamente mencionados na Bíblia. Em festas sagradas, as pessoas tinham que tirar os sapatos, o mesmo acontecendo quando entravam num lugar santo, como o santuário ou o templo (Êx 3.5; At 7.33). Houve também a ocasião em que certo homem, para confirmar a sua intenção de fechar um trato com Boaz, tirou seu sapato e o deu ao outro (Rt 4.7,8). O profeta Amós fala que o povo de Deus tinha se tornado tão corrupto que os juizes aceitavam suborno até de um simples par de sandálias para julgar uma causa em prejuízo de um pobre (2.6).

Quando Jesus enviou os setenta a pregar, disse-lhes que não levassem muitos pertences, já que teriam de deslocar-se com agilidade. Carregar um par de sapatos a mais, só serviria para estorvá-los (Mt 10.10; Lc 10.4). Bastavam-lhes aqueles com que estavam calçados.

O uso de sandálias, naturalmente, trouxe consigo a prática do lava-pés. Abraão ofereceu a prestação desse serviço a Deus, quando este apareceu em sua tenda (Gn 18.4). E esse ato parece ter um duplo sentido em toda a Bíblia. Em primeiro lugar, lavavam-se os pés de uma pessoa que chegava à casa de outrem como sinal de hospitalidade e um gesto de cortesia, já que era a melhor coisa que se poderia fazer a uma pessoa que estivesse com os pés sujos e doloridos. Mas, em alguns casos, o ato de lavar pés não teve nada que ver com cuidados físicos; era mais um gesto de respeito e reverência.

No caso da mulher que lavou os pés de Jesus na casa do fariseu,

por exemplo, parece que seu principal objetivo era prestar uma homenagem ao Senhor (Lc 7.38). Quando Abigail se dispõe a fazer o mesmo por Davi (1 Sm 25.41), talvez seu gesto visasse ambas as finalidades, o mesmo se dando com as viúvas da igreja primitiva que lavavam os pés aos santos (1 Tm 5.10). E quando Jesus lavou os pés dos discípulos, estava dando uma lição de humildade e respeito, embora eles de fato estivessem com os pés sujos (Jo 13.4-10).

Não temos feito muita referência às roupas usadas pelas mulheres. Isso se deve principalmente ao fato de que não havia muita diferença entre as roupas masculinas e femininas. Uma das principais distinções era que as mulheres usavam véu, e talvez algumas roupas de cores mais vistosas. Pelo que vemos por algumas ilustrações, parece que algumas mulheres usavam sandálias de confecção um pouco mais fina. As mulheres também usavam cinco peças de vestuário, como os homens. E apesar de as diferenças entre as vestes masculinas e femininas serem muito pequenas, elas existiam de fato. Pela lei de Moisés, era proibido que alguém vestisse as roupas do sexo oposto (Dt 22.5).

Os tecidos utilizados na confecção de roupas eram de dois tipos principais: animal e vegetal. Os do reino animal eram tecidos feitos de lã de carneiro e pêlos de cabras. Utilizavam-se também outros tipos de couro e pêlos de camelo. A seda também já era conhecida, mas como era importada do extremo Oriente, tinha preço muito elevado, e só os mais ricos podiam adquiri-la.

Entre os têxteis, o mais utilizado era o linho. Só após o exílio babilônico foi que o algodão começou a chegar à Palestina, mas em pequenas quantidades.

Eles podiam usar roupas coloridas pois já conheciam o fabrico de muitas tinturas. O carmim, por exemplo, era extraído de insetos; o rosa, de romãs; o amarelo do açafrão; para citar apenas alguns. A produção de tecidos tingidos se desenvolveu bastante, tornando-se uma grande indústria. Os arqueólogos têm encontrado grandes coleções de tonéis que comprovam esse fato. Na maior parte dos casos, eles tingiam primeiro os fios, que depois então eram tecidos.

Lídia, uma mulher que morava em Filipos, e foi uma das primeiras pessoas que se converteram ao cristianismo (At 16.11-15), era vendedora de roupas de púrpura. O nome dela significava "mulher da cidade de Lídia". Essa região era notável pela sua produção de tinta roxa, extraída de um molusco muito encontrado nas imediações do Mediterrâneo.

Alguns tintureiros costumavam pendurar fios de linha nas orelhas para se identificar: azul ou vermelho numa orelha, e talvez verde ou branco na outra.

Outra pessoa muito conhecida no cristianismo primitivo pela confecção de roupas foi Dorcas (At 9.36-41). Era muito habilidosa no trabalho do tear, e usou seu talento para fazer roupas para os pobres. □

**PERFUMES E INCENSO** □ Numa terra quente como Israel, e com reduzido suprimento de água, muitas vezes o perfume tomava o lugar de um bom banho. Assim, após um dia de trabalho cansativo, as pessoas passavam um desodorante líquido pelo corpo, para se tornar mais apresentáveis. Mas mesmo quando se tomava banho, era aconselhado uma boa aplicação de perfume.

Contudo os perfumes e cremes não serviam apenas para amenizar os odores do corpo. Também eram empregados para amaciar a pele, que, naquele clima quente e seco muitas vezes ficava ressequida e rachada. Tanto os homens como as mulheres eram cuidadosos com seu bem-estar, saúde e aparência, e por isso faziam uso de óleos e perfumes que, como dizem as Escrituras, alegam o coração (Pv 27.9).

Na época de Cristo, os judeus já utilizavam o incenso como perfumador de ambiente. Era muito comum eles queimarem o incenso dentro de casa, não apenas para afastar moscas, mosquitos e pulgas, mas também para deixar o ar mais agradável. Os lares judeus eram perfumados com diversas fragâncias.

Algumas mulheres, quando iam sair de casa ou então se preparavam para receber uma visita, costumavam passar óleo na pele, e depois iam sentar-se perto do incensário por alguns instantes. Desse modo, o cabelo, a pele e as roupas ficavam impregnados de perfume. Algumas também gostavam de colocar um sachê perfumado sob as roupas.

O incenso e a mirra eram tão preciosos que as pessoas os consideravam oferendas dignas de serem dadas a Deus. (Mas não se pode afirmar que tenha sido por isso que os reis magos os levaram a Jesus.) O incenso era um dos ingredientes que entravam na composição dos perfumes do tabernáculo (Êx 30.34-38). Era usado também na oferta de manjares (Lv 2.15,16). E tanto o incenso quanto a mirra estão entre os perfumes citados nas cenas românticas de Cantares (3.6; 4.6,14; etc.). Quando lemos esses trechos quase podemos sentir as agradáveis fragrâncias ali citadas.

Mas esses perfumes são mencionados também em situações menos dignas. A prostituta descrita em Provérbios diz que perfumou sua cama com mirra, aloés e cinamomo (7.17).

Nicodemos utilizou um composto de mirra e aloés para embalsamar o corpo de Cristo (Jo 19.39). Isso era feito não apenas como um gesto de respeito, mas também para neutralizar o mau cheiro de um corpo em decomposição.

Um dos relatos mais notáveis do uso de um perfume na Bíblia foi o do gesto de Maria, em Betânia (Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 12.1-8). O bálsamo de nardo era um dos perfumes mais caros da época, pois era fabricado a partir de uma planta de flores rosadas, cultivada no norte da Índia e talvez no Himalaia.

Maria pegou um pequeno frasco cheio desse bálsamo, quebrou o gargalo dele, e derramou o seu precioso líquido na cabeça de Jesus. Mesmo levando-se em conta a forte cobiça de Judas, não é de se admirar que ele tenha ficado tão chocado com o feito dela. O valor do nardo que ela derramou equivalia ao salário de um ano de um trabalhador comum. Para entendermos bem o que aconteceu, basta imaginar que, naquele momento, foi derramado ali tudo que ganhávamos em um ano.

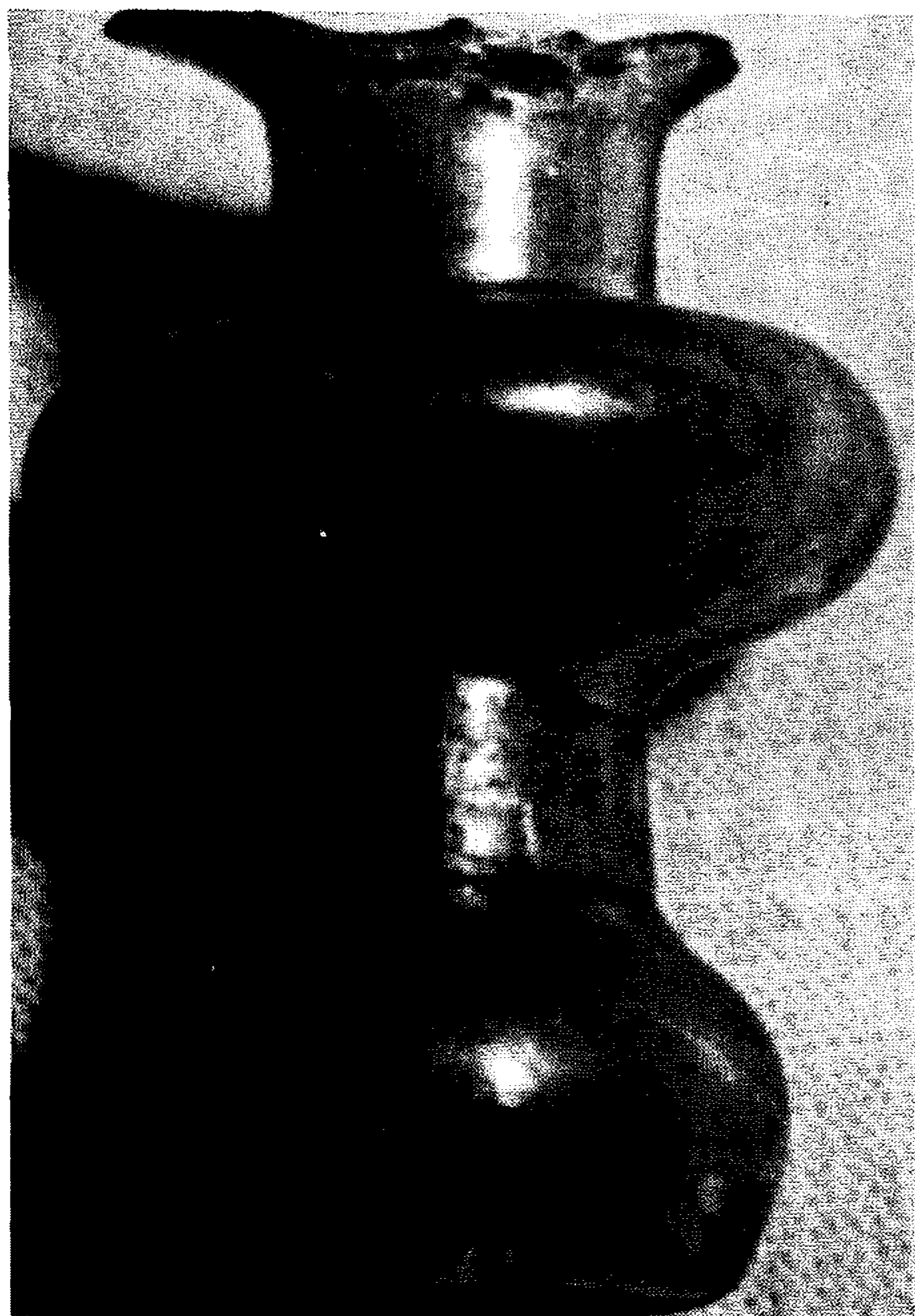
O aloés era um dos muitos perfumes extraídos de flores e de outras plantas. Era tirado de uma planta da família do lírio, e normalmente misturado à mirra. Uma forma de fazer perfume era mergulhar a flor em gordura quente.

Como se usava muito perfume, unguentos e outros cosméticos nos templos bíblicos, a produção deles era feita em larga escala. Em escavações realizadas numa localidade de nome Ugarit, descobriram-se cerca de 1000 vasilhas cheias de perfume, sinal de que ali havia um grande comércio de perfumaria que abastecia diversas regiões.

**UNGÜENTOS** □ Quando alguém recebia uma visita em casa, era costume o anfitrião ungir a cabeça do convidado com óleo (Lc 7.46). Fazia-se isso em banquetes. Colocava-se na cabeça do vi-

sitante um pequeno cone feito de um material à base de óleo, cheio de perfume. Em contato com o calor do corpo, o cone ia-se derretendo lentamente, e o perfume pingava nas roupas da pessoa (Sl 23.5).

Até mesmo as pessoas mais pobres tinham perfumes e unguentos de alto valor, líquidos ou em pó, que era acondicionados em vidros, caixas, garrafas e saquinhos.



Esta garrafa de unguento, descoberta na cidade romana de Cumae, é um belo exemplar que mostra a alta qualidade do vidro fabricado naquela época, para se guardarem cosméticos.

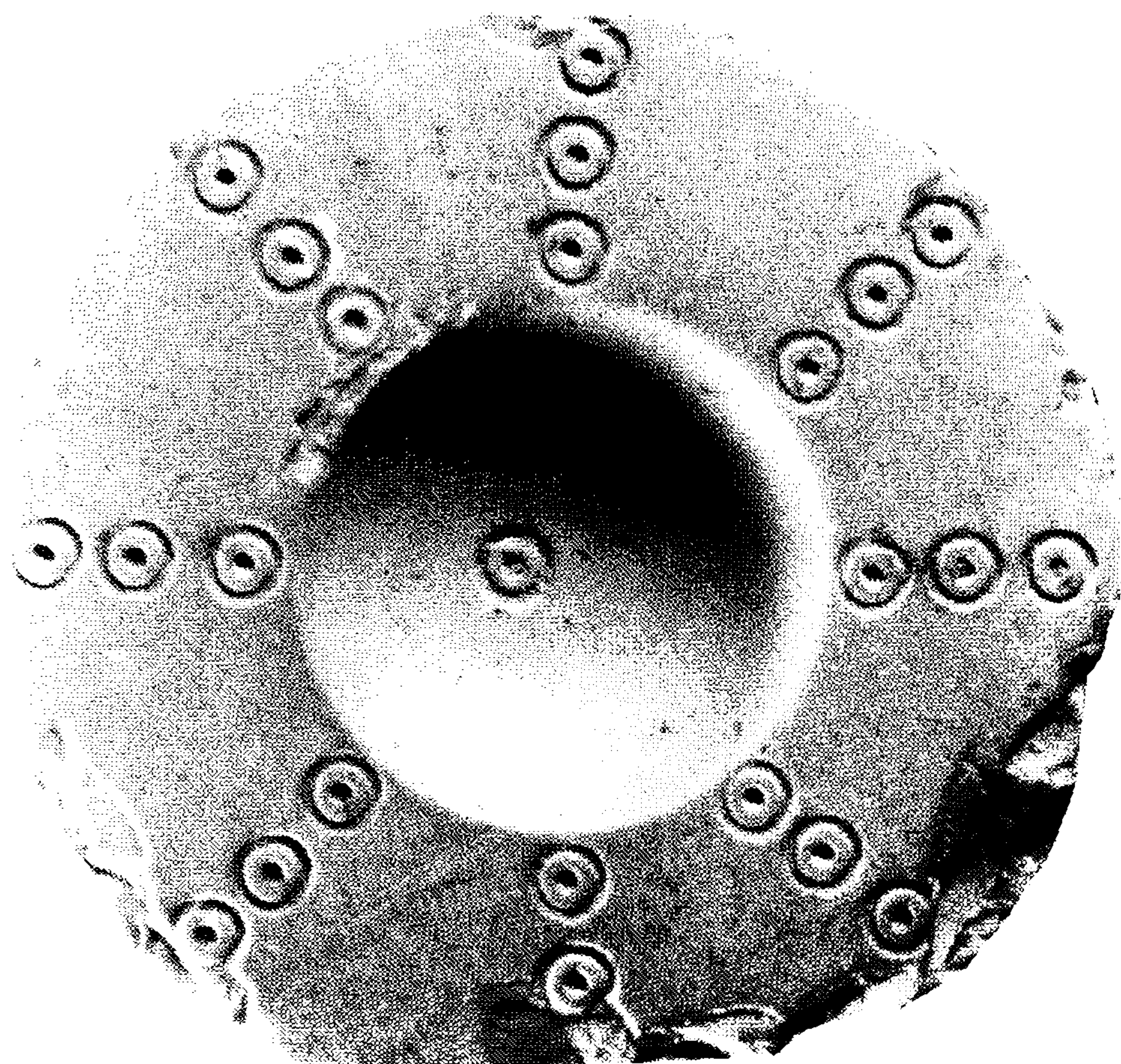
EVTS

O tipo mais comum de unguento era o da azeitona, mas havia muitos outros, como os dois que já citamos: incenso e mirra. Por ocasião do nascimento de Cristo, esses dois estavam entre os presentes dados a ele (Mt 2.11). Eles eram largamente utilizados não apenas como perfume mas também como remédio.

As pessoas que viviam do comércio dessas substâncias procuravam manter em segredo a fórmula de fabricação, a fim de controlar melhor o mercado. Mas hoje já se sabe que o incenso é extraído de um arbusto e a mirra de uma arvorezinha. Em ambos os casos, o perfume é fabricado a partir de uma resina encontrada logo abaixo da casca da planta. Para extrair a resina, o agricultor retalha a casca da árvore, e o líquido logo começa a vazar (obviamente para vedar o corte) e vai formando grandes gotas por fora da casca. Três ou quatro meses depois, essas gotas, ou lágrimas, estão cristalizadas. As maiores, depois de bem secas, caem ao chão. Então os colhedores apanham as caídas e removem as que ficaram presas às árvores. Esses cristais de incenso são transportados em sacos grandes para outro local. Ali são esmigalhados e transformados num pó fino. Aí então são comercializados. Do pó se fabricam perfumes para a queima de incenso. Como o preço dele era bastante acessível, muitas pessoas o compravam para aromatizar sua casa. Além de não produzir muita fumaça, ele exala um aroma bastante agradável. □

**OS COSMÉTICOS** □ Praticamente todos os tipos de cosméticos que temos hoje já existiam na antigüidade. É verdade que os gentios eram mais apreciadores de cosméticos do que os israelitas, mas estes também faziam muito uso deles.

Algumas mulheres usavam batom e pintavam as unhas das mãos e dos pés. Os pós faciais também já eram conhecidos, e algumas aplicavam rouge vermelho ou preto, utilizando um bastão. Havia até as que usavam maquiagem para os olhos. A rainha Jezebel, por exemplo, se pintava segundo o estilo das mulheres fenícias; por causa dela



Esta tigela de pedra, fabricada provavelmente no ano 700 A. C., era utilizada para a preparação de cosméticos, talvez o *kohl*, usado como sombra para os olhos. DM





Um bracelete de tornozelo. DM

ras em relevo, e outras eram até de ouro (1 Pe 3.3).

Uma jóia muito apreciada era o brinco, usado por quase todas as mulheres e até por alguns homens (Gn 35.4; Jz 8.24). Na maioria dos casos, eles eram considerados um objeto decorativo, mas havia também quem cresse que possuíam poderes mágicos, para proteção de



essa prática talvez tenha sido um pouco rejeitada (2 Rs 9.30). Os profetas Jeremias (4.30) e Ezequiel (23.40) falam de cosméticos de forma um tanto depreciativa, e talvez fosse por isso que algumas mulheres judias não se sentissem muito à vontade para usá-los. □

**JÓIAS** □ Parece que na época em que Paulo estava escrevendo suas cartas, os crentes não estavam muito certos ainda de como as mulheres deveriam "ataviar-se" (1 Tm 2.9). Naquela época, elas costumavam enfeitar os cabelos com travessas e grampos. Alguns desses adereços chegavam a ser bastante elaborados, com pequenas figu-

ras em relevo, e outras eram até de ouro (1 Pe 3.3). Alguns judeus perfuravam a orelha, embora isso fosse proibido pela lei. Os brincos de nariz eram muito apreciados por mulheres de outras nações, mas as judias, de modo geral, não faziam uso deles. Contudo, e-

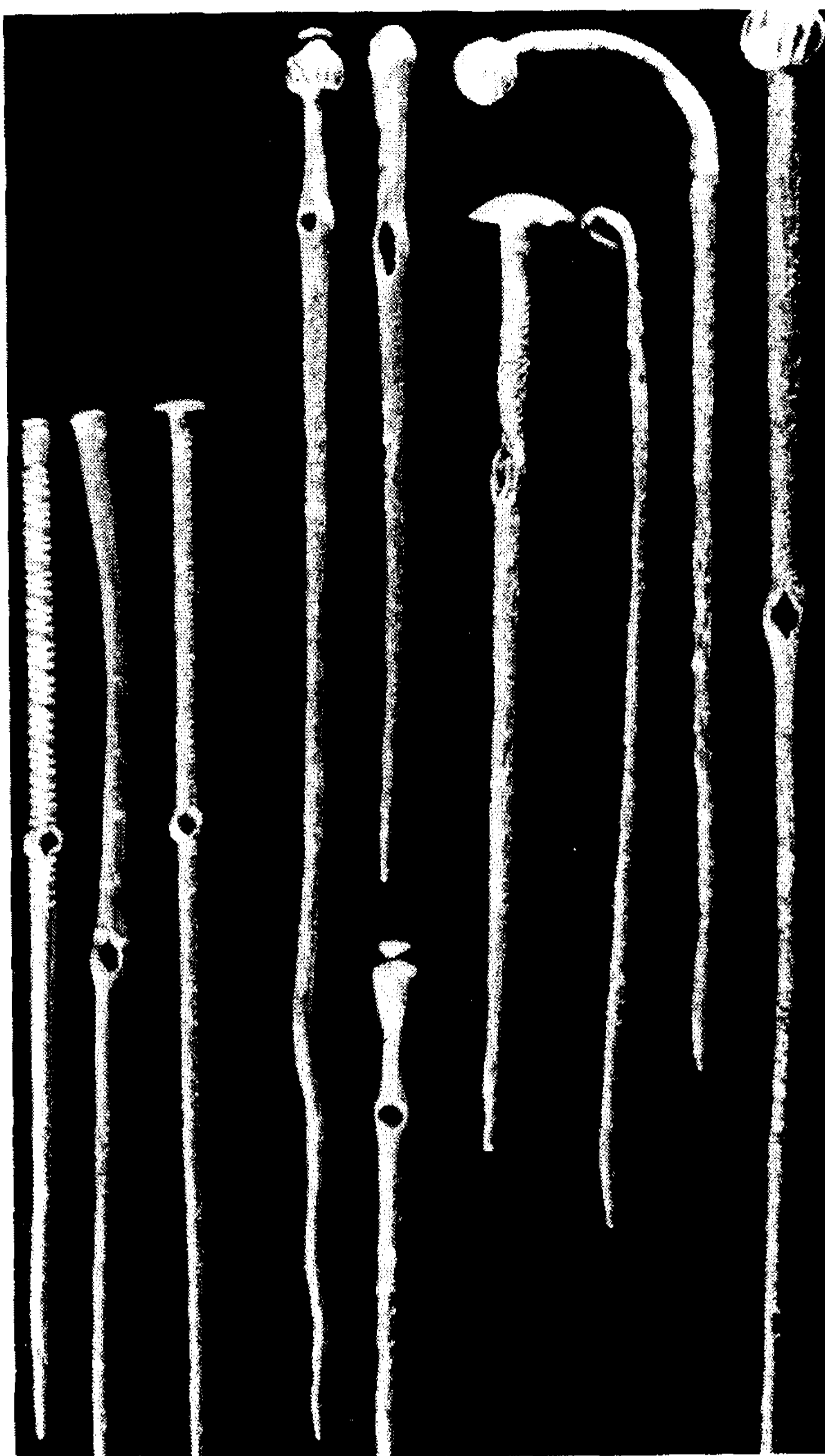
Ainda hoje, como nos tempos bíblicos, há mulheres que usam brincos no nariz. Esta foi fotografada no mercado de camelos, perto de Berseba. TW

xistem citações na Bíblia de mulheres que usaram esse tipo de brinco (Gn 24.47; Is 3.21). É provável que o pendente que o servo de Abraão deu a Rebeca (Gn 24.30) fosse uma dessas jóias. Outra jóia que talvez fosse bem comum eram as argolas para tornozelos.

É possível que o fato de muitos pagãos atribuírem às jóias poderes sobrenaturais, considerando-as uma espécie de amuleto, tenha influenciado judeus e cristãos para rejeitarem esses ornamentos. Os egípcios, por exemplo, usavam colares largos como uma espécie de proteção contra o mal. Quando os judeus saíram do Egito, levaram consigo inúmeras peças, mas parece que nunca se sentiram muito à vontade com esses adereços (1 Tm 2.9). Alguns rabis tinham o costume de criticar as jóias mais extravagantes.

Mas muitos judeus gostavam de se enfeitar com diversos tipos de correntinhas, colares, anéis, pulseiras. O anel que o pai do "filho pródigo" mandou colocar em seu dedo, por exemplo, era um símbolo de que o perdoava e o aceitava de volta. Os arqueólogos têm encontrado em suas escavações muitas jóias finas que datam daquela época. Nos dias de Cristo, o uso de anéis também era uma indicação de riqueza (Tg 2.2). Muitos homens casados também gostavam de usar um anel no quarto dedo da mão esquerda pois acreditavam que havia ali uma veia ligada diretamente ao coração, e que eles criam ser a inspiradora do amor que sentiam pela esposa. Segundo o comentarista Unger, o homem que usasse anel na mão direita daria a impressão de ser efeminado.

Tanto as mulheres quanto os homens usavam braceletes. Os mais ricos, naturalmente, preferiam pulseiras de ouro. Alguns braceletes



Estes alfinetes de cobre ou bronze eram usados para prender um tipo de vestimenta muito usada na Palestina e Síria, na Idade do Bronze. Nos objetos fabricados ao final desse período, o orifício é mais próximo à ponta do alfinete do que da cabeça dele. DM

nada mais eram que uma espécie de argola, que se enfiava pela mão. Mas havia também os que tinham uma junção pela qual se abriam para ser colocados ou retirados do pulso. Esses eram providos de um pequeno pino que unia as duas pontas dele. Diz a Bíblia que Saul usava braceletes (2 Sm 1.10).

Outra jóia muito valiosa para o povo da antigüidade era o colar. É disso que vem a importância da parábola da dracma perdida. As mulheres judias tinham o costume de guardar dez dessas moedas para confeccionar um colar para o seu casamento. No caso da história, é possível que a mulher tivesse perdido justamente uma das dracmas de seu colar. Daí a sua preocupação em dar uma busca pela casa à procura da moeda perdida (Lc 15.8).

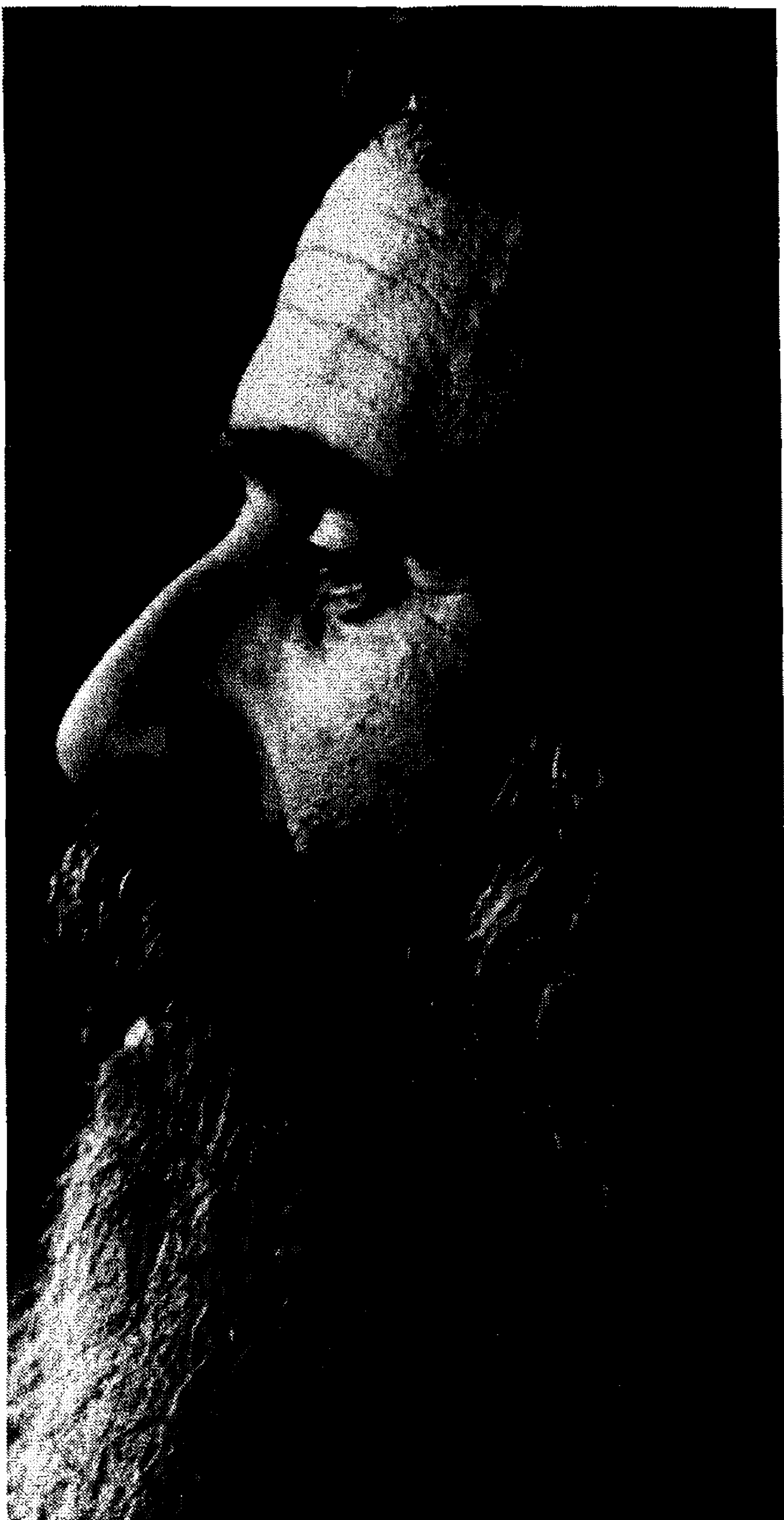
Os judeus do primeiro século eram cuidadosos com a aparência, e lançavam mão de todos os recursos possíveis para ter uma boa apresentação. Utilizavam espelhos de metal e de vidro, que existiam

em grande abundância. Os de metal polido talvez não oferecessem uma imagem muito nítida, mas já serviam para alguma coisa. Paulo faz referência ao fato de que a imagem refletida num espelho era obscura, o que se devia também ao fato de que o interior das casas não recebia iluminação suficiente (1 Co 13.12). □

**CABELO E BARBA** □ Embora isso não tenha nenhuma importância teológica, seria interessante saber se Jesus usava mesmo uma barba. A verdade é que não se sabe. Contudo, existem alguns fatos circunstanciais bem como profecias messiânicas (Is 50.6) que dão a entender que provavelmente ele a tinha.

Ainda hoje muitos judeus usam barba, que era bastante popular nos tempos bíblicos. Este homem é um lavrador, e trabalha num "kibbutz", numa região no norte da Galiléia.

TW



Daniel-Rops afirma que durante muitos séculos todos os judeus usaram barba. E o profeta Jeremias diz que a barba rapada era indicação de que o povo fora derrotado (48.37). Pela lei, os sacerdotes não poderiam entrar no templo com a barba aparada (Lv 21.5). De modo geral, os judeus sempre apreciaram a barba, embora isso não seja garantia de que Jesus a usasse. Havia alguns que, influenciados pela cultura greco-romana, a rapavam totalmente.

Sabemos que tanto na época do Novo Testamento como no período intertestamentário já existiam pessoas com o ofício de barbeiro, cabeleireiro e massagista. Contudo alguns judeus mais devotos tinham certos preconceitos contra essas práticas. As mulheres, na maior parte do tempo, usavam o cabelo preso ao alto da cabeça, numa espécie de coque; mas havia outros tipos de penteado. Usavam-se também cachinhos e tranças. As mais ricas gostavam de prender os cabelos em redes de ouro, e muitas tinham o hábito de perfumá-lo. A bela mulher citada em Cantares usava a cabeleira trançada.

Os cabelos brancos eram muito respeitados em Israel (Pv 20.29), mas, mesmo naquela época, como hoje, alguns os tingiam, preferindo mais a ilusão de parecerem jovens do que as honrarias que lhe seriam atribuídas por serem idosos. Herodes, o Grande, por exemplo, pintava os seus de preto. Havia também alguns homens meio exóticos que salpicavam pó dourado no cabelo. O historiador Josefo não tinha em bom conceito aqueles que adotavam esse costume.

É possível que nos dias de Cristo houvesse diversos tipos de cortes masculinos. O mais popular era o cabelo a meio comprimento; mas não era incomum o uso de cabelos bem longos. Provavelmente, em certos momentos, os homens costumassem enfiar o cabelo sob o pano da cabeça. Pelas estátuas da antiguidade clássica que existem até hoje vemos que alguns tinham a cabeleira frisada, semelhante às permanentes de nossos dias.

A calvície não era considerada sinal de distinção, e já por essa época existiam perucas e cabeleiras postiças feitas de pêlos de animais e até mesmo de cabelo natural.

As pessoas em geral gostavam de estar sempre com o cabelo bem arranjado; portanto, quando Maria enxugou os pés de Jesus com seus cabelos, num gesto de humildade e profundo respeito (Lc 7.38), deve ter desfeito um belo penteado.

Outra prática comum era passar óleo na cabeça. Havia diversos motivos para isso. Um era mostrar respeito por alguém; outra razão era simplesmente embelezar-se. Jesus ensinou que se devia ungir a cabeça quando se jejuava, para indicar que se estava feliz (Mt 6.17). Ele não via nenhuma virtude em se ostentar uma fisionomia carregada, triste e infeliz.

Como o cristianismo estava inserido num contexto social em que as opiniões acerca do uso de roupas e jóias e arranjo do cabelo

estavam-se modificando muito, tanto Pedro como Paulo acharam necessário dar aos crentes algumas orientações a respeito dessas coisas. Receavam que a excessiva preocupação com modas e gostos pudesse ser prejudicial à vida espiritual deles. Pedro achava que algumas mulheres poderiam pensar que o fato de usarem o penteado da moda indicaria que eram espirituais, e resolveu corrigir esse engano (1 Pe 3.3). Ele não as proibiu de andar na moda, mas ensinou que a beleza espiritual vem do coração, e não do cabelo. Paulo concorda plenamente com essa postura (1 Tm 2.9), e também expressa a idéia de que é preciso fazer distinção entre o estilo de cabelo masculino e o feminino (1 Co 11.14,15). Não podemos entender com exatidão o sentido de suas palavras, pois não dispomos de meios para compreender a cultura da época, mas isso talvez possa ser determinado no futuro com novas descobertas históricas e arqueológicas.

Existem muitas estatuetas e figuras feitas por egípcios e assírios que, além de representar seus próprios estilos de vestuário e arranjos dos cabelos, mostram também os dos israelitas.

# A PRÁTICA DA MEDICINA

---

---

**A** comunidade médica da Palestina era constituída de médicos altamente capacitados, mas também de magos e charlatães. O doente que precisasse de assistência poderia receber desde um atendimento excelente até uma poção mágica ou veneno mesmo. É por causa disso que o povo do Novo Testamento tinha as mais diversas opiniões sobre os médicos. □

**O ALTO ÍNDICE DE ENFERMIDADES** □  
Quem desejasse praticar a medicina, teria muitas oportunidades



O tanque de Betesda era um local aonde iam muitos doentes (Jo 5.2). Ali eles aguardavam que um anjo revolvesse as águas, e o primeiro que entrasse no tanque era curado de sua enfermidade.

para isso, pois doentes não faltavam. Vemos Jesus constantemente assediado por uma multidão de paralíticos, aleijados, cegos, enfermos, pessoas com distúrbios mentais ou outros problemas sérios. Muitas dessas enfermidades eram incuráveis e altamente contagiosas.

Sempre que Cristo chegava a uma cidade, o povo do lugar lhe trazia os familiares e amigos doentes (Mc 6.56). Eles enfileiravam esses enfermos nas praças e ruas. Era o grito de socorro de uma população que padecia de graves sofrimentos físicos (Mt 8.16; Mc 1.34; 6.13; Lc 4.40). A ciência médica ainda se achava bastante limitada, e não conseguia acompanhar o constante aumento das doenças. □

**OS MÉDICOS** □ Algumas pessoas apreciavam os médicos e tinham grande respeito por eles. Outras, porém, achavam que eram os piores criminosos da terra. Por isso, os rabis criaram provérbios a respeito dessa classe. Um desses provérbios era o seguinte: "Todos os médicos, até os melhores, mereciam o *geena* (inferno)". Outro dizia: "Não more numa cidade governada por um médico".

Jesus citou um provérbio muito popular, também relacionado com a classe médica. Disse que provavelmente as pessoas lhe diriam: "Médico, cura-te a ti mesmo". (Lc 4.23.) Esse dito era conhecido não apenas entre os judeus mas também entre gregos e chineses. Obviamente trata-se de uma atitude cética de quem se volta para o médico e lhe diz que se seu medicamento é bom, ele deve aplicá-lo primeiro a si mesmo, assim talvez outros se disponham a experimentá-lo.

Outra menção negativa da classe médica no Novo Testamento é a que encontramos em Marcos 5.26. Ali temos a história de uma mulher que padecia de uma hemorragia havia doze anos, e os médicos não tinham conseguido deter o sangramento. Diz a Bíblia que ela havia sofrido muito à mão de vários deles, os quais, além de não curá-la, ainda haviam levado todo o seu dinheiro. O evangelista Lucas, que também era médico, relata o mesmo fato, mas omite essa aparente crítica à classe médica. □

**OS HONORÁRIOS DOS MÉDICOS** □ Essa questão do pagamento dos serviços médicos sempre foi muito delicada. Os autores do Talmude manifestam sentimentos contraditórios acerca do assunto. De um lado, condenam esses profissionais por cobrarem excessivamente; mas, por outro, aconselham o povo a não se utilizar dos serviços dos médicos que cobrassem muito pouco. Havia um médico famoso de nome Umna que não cobrava uma quantia fixa pelo seu trabalho. Ele colocara uma caixa num determinado ponto, e dizia aos pacientes que depositassem nela o que pudessem pagar. Certo rabi tentou influenciar os médicos a cobrar

pouco, dizendo: "Abençoado seja o médico que não cobra um preço elevado". □

**AS ESCOLAS DE MEDICINA** □ Lucas é o médico mais conhecido do Novo Testamento (Cl 4.14). Contudo, nada sabemos sobre os estudos que fez, nem sobre como praticava a medicina. Temos conhecimento de que viajava com o apóstolo Paulo, provavelmente como missionário médico, cuidando dos outros missionários que com eles seguiam, bem como dos enfermos que encontrassem.

Naquela época já havia diversas escolas de medicina, e é possível que Lucas tenha recebido formação acadêmica. Alguns estudiosos das Escrituras afirmam que o vocabulário que emprega tanto no seu Evangelho como no livro de Atos revela que estudou essa ciência. A mais famosa escola da época era a de Alexandria, no Egito, que fora fundada no ano 300 A. C. Seus professores estavam em condições de dar instruções específicas a respeito de diversas enfermidades. Muitos dos conhecimentos ali divulgados chegaram até Israel bem como a outros países.

É verdade que a medicina praticada no antigo Egito era mesclada de superstições e crenças populares. Contudo muitos dos remédios que eles receitavam ainda são utilizados até hoje por serem bastante práticos. O "Papiro Médico Edwin Smith" contém muitas informações sobre os conhecimentos médicos dos antigos egípcios. Esse documento cita quarenta e oito tipos de lesões, e indica os tratamentos recomendados para dez males em que se suspeitava ter havido lesões cerebrais, etc. As fraturas eram tratadas por meio de um molde de gesso adesivo. Alguns dos esqueletos encontrados em escavações arqueológicas mostram fraturas muito bem consolidadas. Um remédio indicado como laxativo era o óleo de rícino; havia medicamentos também à base de plantas, que eram empregados no tratamento de diversas enfermidades. Já àquela época existiam especialistas em determinados males. Às vezes esses doutores iam a outros lugares do mundo conhecido para ministrar aulas ou mesmo simplesmente para exercer a medicina. O conhecimento médico dos antigos egípcios era bastante avançado para seu tempo, embora se comparado à medicina moderna seja considerado extremamente primitivo. Mas foi essa escola que lançou os fundamentos da medicina atual.

Na Palestina exigia-se uma licença especial para o exercício da profissão. É provável, porém, que muitos médicos ignorassem essa exigência. Em todas as cidades deveria haver algum tipo de clínico. Em Israel, muitos rabis desempenhavam também esse ofício. Tal prática tinha suas raízes no fato de que os sacerdotes do Velho Testamento eram encarregados de cuidar da saúde do povo. Naquela ocasião, deveria haver um médico permanentemente no templo para



tratar dos sacerdotes. Como estes tinham que estar descalços ao exercer sua função, eram susceptíveis a diversas doenças. O contato com o frio piso de pedra do santuário e os constantes banhos acabavam por minar-lhes a saúde. Uma doença muito comum entre eles era a desintéria.

Na época de Cristo havia muitos especialistas em Jerusalém e nos seus arredores. Sabe-se que havia ali clínicos gerais, psiquiatras, dentistas, ginecologistas e obstetras. Havia também muitos magos e praticantes do ocultismo que alegavam realizar curas. □

**CIRURGIA** □ Os médicos contavam com diversos tipos de instrumentos cirúrgicos dentre os quais facas, bisturis, pinças, serras e grampos, que lhes possibilitavam vários tipos de intervenção cirúrgica. Os médicos judeus chegavam a fazer remoção de cataratas. Efetuaram inclusive cirurgias no cérebro. Faziam pequenas aberturas quadradas no crânio pelo processo de trepanação, e ali operavam. Já foram encontrados esqueletos de indivíduos que sofreram esse tipo de cirurgia, em que se constatou que o osso do crânio estava perfeitamente colado, o que nos leva a crer que o paciente sobreviveu ao tratamento. Há outros, porém, cujo osso não colou. Supõe-se, então, que nesses casos a cirurgia fracassou. Em alguns dos esqueletos encontrados, o crânio apresenta mais de um orifício, o que indica que os médicos fizeram mais de uma tentativa nesses pacientes. Já se descobriram também ossos com inserção de placas de metal.

Para anestésiar o paciente davam-lhe soníferos, provavelmente drogas à base de ópio. Em seguida, raspava-se o cabelo no local a ser operado; depois a pele era cortada e afastada, e por fim, o crânio era aberto com uma pequena serra. Essa operação era feita em doentes que se queixavam de fortes pressões no interior da cabeça.

O uso de pernas postiças demonstra que eram feitas amputações. Contudo alguns rabis proibiam que o portador fizesse uso dela no sábado, talvez porque a idéia de "carregar" a prótese constituísse uma forma de trabalho.

Existem evidências também de que se fizeram cirurgias para a remoção de rins.

Além de tratamentos, os médicos e cirurgiões mais sérios efetuavam também pesquisas e experimentos. Esses homens eram geralmente pessoas de grande visão. Um deles foi Mar Samuel, um médico de muitos recursos, que chegou a criar um método para examinar o próprio estômago. Grande parte dos conhecimentos médicos da época era obtida por meio de observação direta. Além de receber os ensinamentos da forma tradicional, eles dissecavam cadáveres humanos e faziam experimentos em animais. □

**A CIRCUNCISÃO** □ A cirurgia mais comum em Israel era a circuncisão. Todos os meninos, ao completar oito dias de vida, eram submetidos a essa operação, que consistia na remoção do prepúcio. Nos tempos do Velho Testamento, essa cirurgia era feita com uma faca de pedra, que apesar de dar idéia de um objeto grosseiro, na verdade podia ser um instrumento de corte afiadíssimo.

Nos tempos de Cristo já se usavam facas de metal. Em obediência a esse costume, Jesus também foi circuncidado (Lc 1.59; 2.21). E a criança tinha que ser circuncidada mesmo que o oitavo dia de vida caísse num sábado. Até hoje, os judeus e alguns gentios ainda praticam a circuncisão.

Do ponto de vista médico é mesmo necessário que se espere até ao oitavo dia de vida para que a operação seja efetuada. Na maioria dos recém-nascidos, só por volta do oitavo dia é que o fígado já está produzindo vitamina K em quantidade suficiente para que ocorra a coagulação do sangue. Será que os antigos judeus sabiam disso? (Gn 17.12.) Eles aprenderam isso por experiência, por revelação divina, ou o dia da circuncisão foi determinado ao acaso? Hoje em dia usa-se dar aos bebês doses dessa vitamina, para que possam ser circuncidados imediatamente.

Se um gentio resolvesse tornar-se judeu, tinha que ser circuncidado. Assim ele era obrigado a pensar seriamente antes de dar esse passo.

Essa questão teve um papel importante na vida de Timóteo (At 16.3). O pai dele era grego e a mãe judia. Devido a uma objeção do pai, ele não fora circuncidado em criança. Então, o apóstolo Paulo, que desejava levá-lo consigo em uma viagem missionária, circuncidou seu jovem companheiro, para evitar que os judeus se recusassem a ouvir sua pregação, alegando que ele era incircunciso e "meio" judeu apenas.

E o interessante é que essa prática tão simples acabou-se tornando um problema sério na igreja primitiva. Alguns levantaram a idéia de que, para um gentio tornar-se cristão, tinha que ser judeu. E para ser judeu tinha que ser circuncidado. Mas o concílio de Jerusalém deliberou que os gentios não precisavam observar as leis judaicas (At 15.19), o que constituiu um grande avanço na história da igreja. □

**A SANGRIA** □ Uma lamentável tradição da antigüidade que perdurou até por volta do ano 1800 A. D. foi a prática da sangria. Eram dois os métodos mais utilizados. Primeiro, colocavam-se sanguessugas no corpo do paciente para que lhe chupassem o sangue. O outro consistia de fazer-se um corte em algum ponto do corpo e aplicar-lhe uma ventosa para sugar o sangue. Mas, se o médico exagerasse no tratamento, isso poderia ocasionar a morte do paciente.

Fazia-se a sangria porque se acreditava que a enfermidade estava no sangue. Retirando uma parte dele, os médicos esperavam inibir o avanço da doença. Eles recomendavam que todas as pessoas com menos de 40 anos se submetessem a uma sangria de 30 em 30 dias.

Embora essa prática fosse meio brutal, indicava que eles possuíam um avançado conceito sobre a origem das enfermidades — sabiam que eram causadas por problemas internos, e não por influências externas, sobrenaturais. □

**RECEITAS E MEDICAMENTOS** □ Se uma pessoa fosse ao médico queixando-se de sintomas diversos, inclusive uma inexplicada perda de peso, era bem provável que ele recomendasse leite de cabra. Esse alimento era largamente consumido no primeiro século, pois cria-se que fosse muito saudável.

Para as doenças mais comuns, havia diversos medicamentos. Embora ainda não se tivesse criado a aspirina, eles usavam certos remédios com a mesma frequência com que nós tomamos comprimidos. Alguns médicos receitavam um mingau de cevada misturada a outros ingredientes para o tratamento de alguns males orgânicos.

Os médicos também recomendavam algumas verduras e legumes para tratamento de certas doenças.

Na antigüidade, eles achavam que a folha da mandrágora possuía poderes afrodisíacos, ou era uma espécie de poção do amor (Gn 30.14). Essa crença pode ter perdurado até o tempo de Cristo e mesmo depois dele.

Um produto que muita gente considerava um bom tônico era o mel (Pv 16.24). Eles o utilizavam não apenas para dores de garganta, mas também para tratar feridas, colocando-o diretamente sobre o ferimento (e há quem ainda faça isso hoje em dia). Acreditava-se que o mel absorvia água das bactérias e dessa forma as destruía.

Para uma simples dor de estômago, havia inúmeros remédios estranhos como alecrim, hissopo, arruda, erva de bicho, e alguns tipos de palmeiras. Quem estivesse sofrendo de irregularidade nos batimentos cardíacos poderia ter que ingerir um bom copo de cevada com leite coalhado.

Os medicamentos tinham procedências as mais variadas. Enquanto um poderia ter uma fórmula confiável, outro já podia estar relacionado com processos de magia. Um método usado para tratar as febres, por exemplo, era ajuntarem-se sete lascas de sete palmeiras, sete raspas de madeira de sete pranchas, sete pregos de sete pontes, sete punhados de cinza de sete fogões e sete pêlos de sete cachorros velhos. Tudo isso era colocado num saquinho e pendurado ao pescoço do paciente por um barbante branco. Não sabemos se a sogra do apóstolo Pedro teria tentado se curar por esse processo mágico (Mt 8.14,15).

Algumas pessoas se curavam, mas outras, não. O próprio apóstolo Paulo, um crente de grande fé, talvez sofresse de uma enfermidade da qual não conseguia curar-se (2 Co 12.7-9; Gl 4.13-15). Trófimo também esteve tão enfermo certa vez que não pôde viajar com Paulo (2 Tm 4.20), e Epafrodito esteve tão mal que quase morreu (Fp 2.25-27).

A cura divina existia de fato, mas isso não impedia que ainda houvesse doenças, enfermidades e sofrimento. Paulo teve que aconselhar Timóteo a que recorresse a remédios caseiros (1 Tm 5.23). □

**AZEITE E VINHO** □ Os remédios caseiros mais populares eram azeite e vinho, empregados no tratamento de inúmeras moléstias. O "bom samaritano" talvez não tivesse conhecimento de medicina, mas sua primeira preocupação ao socorrer o homem que fora assaltado, foi aplicar óleo e vinho aos ferimentos dele (Lc 10.34). Algumas vezes, eles misturavam os dois elementos; em outras, aplicavam-nos separadamente.

Embora o óleo tivesse um significado mais cerimonial do que medicinal, o fato é que constitui um dos elementos do ministério de cura descrito por Tiago em 5.14. Os discípulos de Jesus realizaram curas milagrosas nas quais fizeram uso da unção com óleo (Mc 6.13). Outra finalidade do óleo era aliviar o cansaço de viajantes fatigados. Certa vez, Jesus teria gostado que lhe tivessem ungido a cabeça com óleo, pois estava cansado (Lc 7.46). Alguns óleos e perfumes podiam atingir preços altíssimos (Mt 26.9), dependendo das essências que eram adicionadas a eles.

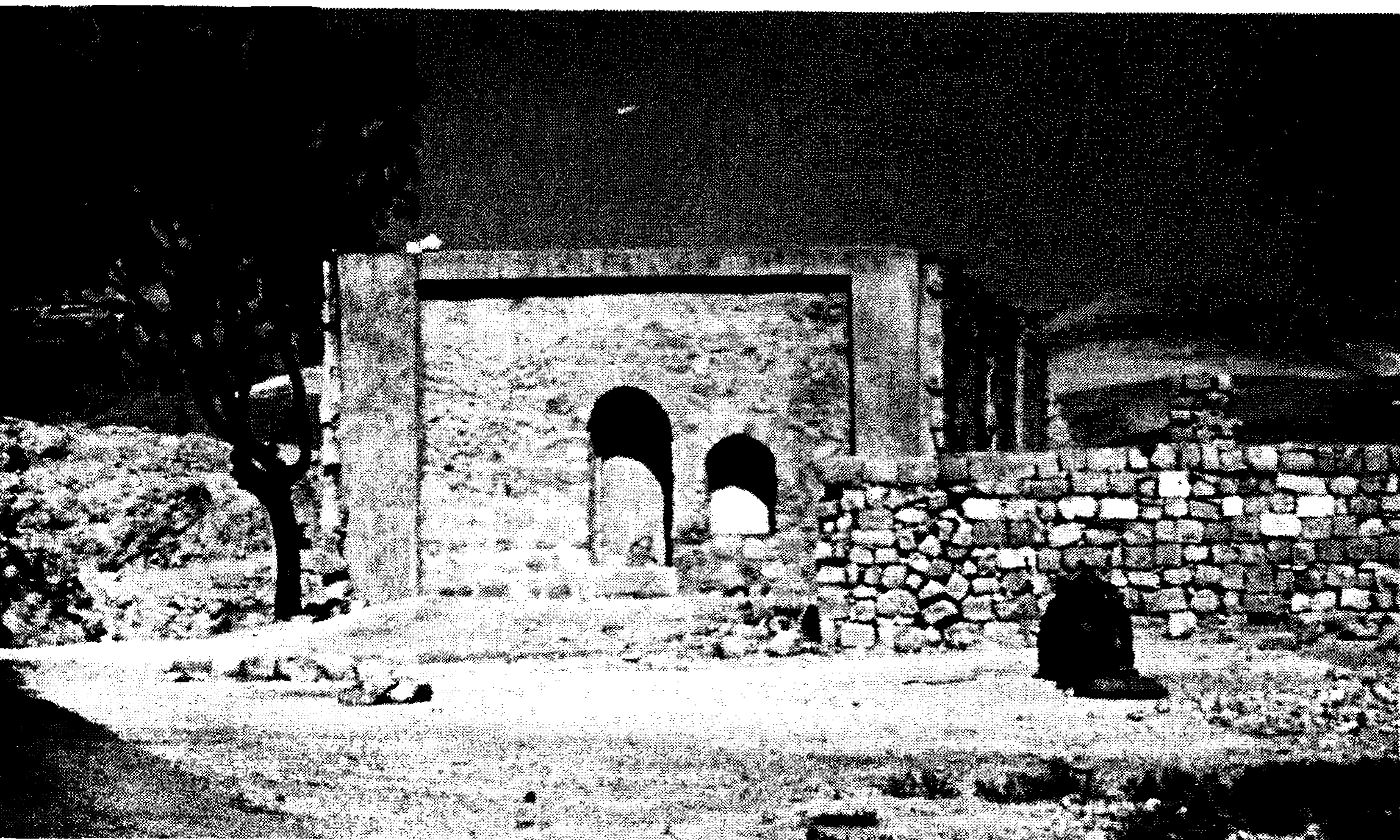
O vinho era outro produto usado para curar tudo. É possível que, em muitos casos, as pessoas os tomassem quando não sabiam mais o que fazer. Quando alguém sentia um mal-estar indefinido talvez experimentasse tomar vinho na esperança de melhorar o ânimo. Se alguém desmaiava, davam-lhe a bebida para restaurar-lhe a disposição. Mas se, por outro lado, uma pessoa se mostrava perturbada ou nervosa, davam-lhe a bebida para que relaxasse. Nos funerais, os parentes do morto costumavam beber dez copos de vinho. Mais tarde, esse número foi reduzido.

O próprio Paulo recomendou esse remédio caseiro a Timóteo (1 Tm 5.23). A prática de indicar o vinho para indisposições do estômago provavelmente estava relacionada com o costume de se misturar essa bebida à água para destruir as bactérias e micro-organismos que ainda hoje causam enfermidades nos habitantes do Oriente Médio. Essa medicação popular era resultado de observação, e não de teorias científicas, já que ainda não existiam microscópios. □

**DENTES E DENTADURAS** □ Os palestinos comiam figos, tâmaras, mel e outros alimentos doces que prejudicavam os

dentes. Por isso, tinham muitas cáries, e era comum terem dentes postiços. O grande trabalho dos dentistas era curar as dores de dentes. Os produtos mais usados para isso era o alho e a raiz de parietária. Eles costumavam também esfregar sal ou fermento nas gengivas para tentar aliviar as dores. Aqueles que não cuidassem dos dentes acabavam perdendo-os e eram obrigados a utilizar dentes postiços que eram feitos de madeira, ouro ou prata. □

**CEGUEIRA** □ O ministério de cura é apreciado em qualquer era, mas o foi principalmente no primeiro século, pois era assombroso o número de enfermos. A cegueira, por exemplo, é mencionada 60 vezes na Bíblia. Recentemente, Unger viajou por aquele território e comentou que era difícil ver uma pessoa pobre que não tivesse problemas em pelo menos uma das vistas. E Parrot relata ter visto uma situação estranha em Jerusalém: era comum verem-se dois cegos caminhando juntos, um dirigindo o outro. Eram os *ulemas*, que usavam uma faixa branca na cabeça, para se identificarem. E caminhavam por toda a cidade ajudando um ao outro. Embora fosse fato que pudessem cair “no barranco” (Mt 15.14), isso raramente acontecia. Se já havia essa prática no tempo de Jesus, podemos deduzir que ele estava-se referindo aos *ulemas*, quando fez sua conhecida crítica aos fariseus. □



Esta estalagem, localizada ao sul de Jerusalém, na estrada para Jericó, é apontada por muitos estudiosos bíblicos como o local onde o “bom samaritano” poderia ter cuidado do homem que fora assaltado e agredido na estrada (Lc 10.30-37). TW

**MÉDICOS RESPEITADOS** □ Alguns médicos chegaram a conquistar o respeito e a afeição do povo. Lucas, por exemplo, era conhecido como "o médico amado" (Cl 4.14). Alguns dos antigos chamavam os médicos de "anjos de Deus". Pelo fato de serem tidos em alta conta, muitos deles eram convocados para servirem de testemunhas em tribunais, no julgamento de criminosos. Se necessário, eram chamados também para presenciar execuções de condenados, para verificar se elas estavam sendo feitas da maneira correta. Toda essa idoneidade aumenta ainda mais a credibilidade do Evangelho de Lucas. □

**FARMÁCIAS** □ Quando uma pessoa não queria ir ao médico, para não ter de pagar os altos honorários que cobravam, dirigia-se diretamente ao farmacêutico ou boticário. O comércio deles era muito semelhante às farmácias de hoje. Ali eles preparavam e vendiam suas ervas medicinais, mas também fabricavam perfumes e grande variedade de cosméticos. Trabalhavam ainda com restauradores capilares, maquiagem para os olhos e tintura de cabelo.

Nem todos os medicamentos eram fornecidos pela ciência médica pura, pois muitas das crenças dos judeus não passavam de mera superstição. Se uma pessoa tinha calos, por exemplo, aconselhavam-na a colocar uma moeda sob a sola do pé, com o objetivo de aliviar a dor. Uma forma de curar hemorragias era sentar-se numa encruzilhada, com um vidro na mão. Então, alguém viria por trás da pessoa e tentaria dar-lhe um susto. É difícil saber quanto custava um tratamento desses.

Se isso não desse certo, outro medicamento "miraculoso" era um grão de cevada encontrado no meio do esterco de uma mula branca.

# OS FILHOS



**O**s judeus valorizavam muito a família, e, portanto, o nascimento de uma criança era motivo de festa. Numa família numerosa, como a de Jacó, por exemplo, havia muitas comemorações festivas.

Era comum as pessoas de uma mesma família trabalharem em conjunto, celebrar a adoração a Deus em grupo, e, se as circunstâncias favorecessem, ficar conversando e rindo pela noite a dentro. Era costume os homens, como foi o caso de Zebedeu, integrarem os filhos em seu ramo de atividade. As mulheres, por seu lado, passavam muitas horas nos serviços caseiros, cozinhando, costurando, fazendo a limpeza, tendo sempre ao lado as filhas, por quem tinham um amor especial, a fim de ensinar-lhes as tarefas domésticas.

Neste nosso mundo de pecado, os filhos podiam dar muitas tristezas aos pais, o que começou já com Caim. Alguns adotavam costumes e práticas estranhos à sua família, que se sentia perplexa diante de tal atitude. Um gesto como o do filho pródigo, por exemplo, deve ter deixado muito aturdido seu pai, que tanto o amava.

Mas, apesar de tudo, os pais sempre aguardavam com muita expectativa, alegria e esperança o nascimento dos filhos, e se sentiam satisfeitos quando tudo corria bem, numa época em que podia haver tantas complicações num parto, freqüentemente fatais. Em geral, os pais gozavam de um relacionamento muito chegado com os filhos, com boas condições de transmitir-lhes sua maneira de viver e sua fé vibrante. Os filhos eram considerados bênçãos (Sl 127.3-5). Portanto o nascimento de uma criança era recebido com muito gozo. □

**O CONTROLE DA NATALIDADE** □ O registro histórico apenas toca de leve na questão do controle da natalidade praticado nos tempos bíblicos. Contudo sabemos que existiam alguns métodos que até eram recomendados pelos rabis. Além dos métodos óbvios da abstinência e da interrupção do coito, já se empre-

gavam alguns controles artificiais também. Algumas mulheres aplicavam esponjas embebidas em suco de frutas cítricas, com alto teor de acidez. □

**O DESEJO DE TER FILHOS** □ As mulheres tinham fortes razões para desejar filhos. Essas razões eram tão intensas que a maioria delas demonstrava grande ansiedade para se tornar mãe, e assim que atingia esse objetivo, sentia grande alívio. Algumas das razões são as seguintes:

1. *Um amor natural por bebês e filhos.* Embora houvesse exceções, as mulheres possuíam esse anseio natural.

2. *O desejo da realização pessoal.* Nas culturas bíblicas, as mulheres que não tinham filhos sofriam severas restrições (1 Sm 1.11).

3. *O desejo de agradar o marido.* O homem que não tivesse filhos era olhado com piedade pelos outros. Muitos supunham que ele sofresse de alguma incapacidade física, o que era motivo de zombaria. Outros o desprezavam por ter uma esposa "incapaz". Nesses casos, o relacionamento deles era cercado de sentimentos de culpa e desilusão, o que muitas vezes ocasionava divórcio.

4. *O anseio de escapar à maldição divina.* A esterilidade era considerada um castigo dos céus. Como o nascimento de um filho era visto como um fato normal da vida, a ausência deles era encarada como anormal. E já que a falta de filhos era um dos castigos prescritos na lei para os casos de adultério (Lv 20.20,21), o casal que não os tivesse era olhado com suspeita.

5. *O desejo de ter o sinal da bênção de Deus.* A presença de filhos era uma evidência clara de que o casal recebera o favor de Deus (Sl 127.3-5). Eles eram símbolo de uma vida plena, justa e feliz.

6. *A necessidade de perpetuar a família.* Morrer sem deixar filhos implicava na perda das propriedades. Além disso, o nome de família deixava de existir. Esse fato teve um papel muito significativo no casamento de Ruth e Boaz, pois o primeiro marido dela havia morrido antes que tivessem tido filhos. □

**A IMPORTÂNCIA DOS MENINOS** □ Em muitas das sociedades antigas, e até de povos modernos, os casais, além de desejarem filhos, queriam muito uma criança do sexo masculino. Não é que não quisessem meninas, ou não as amassem, mas se o casal não tivesse pelo menos um menino, a família era considerada incompleta. Os judeus não eram tão extremistas quanto outras culturas que chegavam a deixar morrer as meninas recém-nascidas. Mas achavam que, se tivessem um menino, evitariam muitos problemas.

Quando um filho se casava, permanecia na casa dos pais, enquanto as filhas eram dadas em casamento a outra família. De modo geral os rapazes se tornavam sócios do pai no seu negócio ou fa-



zenda. E os pais, quando velhos, esperavam que os filhos homens os sustentassem. □

**O DIREITO DE PRIMOGENITURA** □ Os meninos eram mais bem recebidos que as meninas, mas mesmo entre eles havia diferenças. O filho primogênito gozava de certos direitos e privilégios que eram negados aos outros garotos, pois era o principal herdeiro, e aquele que daria continuação ao nome da família. Na distribuição da herança, ele receberia o dobro da porção de cada um dos outros.

Além disso, esperava-se que o filho mais velho fosse o líder espiritual da família, bem como o administrador das propriedades e dos interesses do grupo. Esse sistema fatalmente gerava ciúmes e ódios. A história de Esaú e Jacó é um exemplo que nos mostra como uma pessoa podia lançar mão de meios escusos para usurpar do filho mais velho o direito de primogenitura (Gn 25.29-34). É provável que existam inúmeros outros casos de manobras semelhantes, até com ocorrências de mortes prematuras, por causa desse costume.

Jacó também teve muitos problemas com os filhos, e recusou o direito de primogenitura ao filho mais velho, Rúben, em razão de conflitos. O rapaz cometeu incesto e por isso perdeu os privilégios que por direito eram dele (Gn 49.3,4).

Na indicação de Jeorão para ser rei, a razão que mais pesou foi o fato de ele ser primogênito (2 Cr 21.3).

No Novo Testamento, não existe nenhuma menção direta da prática do direito de primogenitura, a não ser em Hebreus 12.16 (que é uma referência ao Velho Testamento). Entretanto, na história do filho pródigo, o ressentimento demonstrado pelo irmão mais velho, em parte pode ter sido provocado pela sua condição de primogênito (Lc 15.28). Para ele, foi um grande insulto ver o irmão mais novo receber mais bênçãos que ele. □

**O TRABALHO DE PARTO** □ Nos tempos bíblicos, o parto era muito doloroso. Sabemos de mulheres que tiveram filhos com grande dificuldade, chegando mesmo a morrer ao dar à luz. Quando Raquel teve seu filho Benjamim, por exemplo, teve um parto muito difícil, que culminou com sua morte (Gn 35.16-19).

Os escritores bíblicos falam de mulheres que se contorcem e gritam por causa das dores (Is 26.17). Contudo, Jesus comenta também que logo que a criança nasce, ela se esquece de seu sofrimento (Jo 16.21).

As dores do parto geralmente eram aceitas como uma das conseqüências da queda do homem (Gn 3.16). Não sabemos se eles costumavam fazer tentativas para aliviar o sofrimento da mulher, mas já existiam poções sedativas que poderiam ser utilizadas. □

**AS PARTEIRAS** □ Os judeus não recorriam a médicos quando se tratava de partos. Os maridos também não assistiam em nada. A tarefa era confiada a mulheres experientes, as parteiras. Na maioria dos casos, a parteira era uma amiga, conhecida ou parente. Mas havia também parteiras profissionais.

Raquel morreu durante o parto, mas antes a parteira lhe disse que lhe nascera um menino (Gn 35.17,18). Num outro caso, quando Tamar estava dando à luz a seus filhos gêmeos, a parteira que a atendia amarrou uma linha vermelha no pulso de um deles, que havia colocado a mão para fora, para que depois ele fosse identificado (Gn 38.28).

No início da história dos israelitas existe um relato sobre duas parteiras que revelaram uma coragem incomum. O faraó havia ordenado às duas mulheres, Sifrá e Puá que, quando atendessem as hebréias, matassem as crianças que fossem do sexo masculino. Mas elas não lhe obedeceram, e não demorou muito o rei mandou indagar-lhes a razão disso. Responderam que as mulheres hebréias eram muito saudáveis e davam à luz seus filhos antes mesmo que a parteira chegasse (Êx 1.15-21).

Não temos como saber se por ocasião do nascimento de Jesus sua mãe foi assistida por uma parteira. □

**O TAMBORETE DE PARTOS** □ As mulheres judias do passado davam à luz sentadas ou agachadas, e não deitadas como se faz hoje. Esse método que procura tirar vantagem da força da gravidade, deve ter sido aprendido com os antigos egípcios (Êx 1.16). Às vezes, esse tamborete sobre o qual se apoiavam nada mais era do que duas pedras. Diversos outros povos da região adotavam essa mesma postura para o parto. □

**O NASCIMENTO** □ Assim que o bebê nascia, tomavam-se quatro medidas importantes para a saúde e o bem-estar da criança (Ez 16.4).

1. Amarrava-se e cortava-se o cordão umbilical.

2. Dava-se um banho no bebê.

3. Passava-se sal em seu corpo. É possível que se tratasse de uma solução de sal em água. Não se sabe ao certo o porquê dessa prática; talvez tivesse conotação religiosa.

4. Envolvia-se a criança em faixas. Era costume enrolar faixas bem ajustadas ao corpinho dela, e assim ela ficava toda envolta em panos, até mesmo as pernas e braços. Quando Jesus nasceu, também foi enfaixado desse modo (Lc 2.12). □

**O NOME** □ Uma das grandes alegrias proporcionadas pelo nascimento de uma criança era a escolha do nome.

Quando os pais iam dar um nome ao filho, procuravam escolher um que fosse bastante apreciado pelos familiares. Era comum as crianças receberem o nome de um avô ou avó. Muitos pais gostavam de dar um nome que fosse uma expressão de louvor a Deus ou uma declaração de fé. Assim se explica a razão do nome de Elias, “meu Deus é Yavé”, ou o de Jônatas, “concedido por Deus”. Se houvesse algum evento notável por ocasião do nascimento de um filho, eles lhe davam um nome que relembresse tal evento. Talvez seja por isso que Baraque recebeu esse nome, que significa “trovão”.

Outros ainda pareciam inspirar-se em idéias ainda mais singulares cuja razão continua sendo um mistério. Calebe, por exemplo, significa “cão”; Isbosete vem a ser “homem de vergonha”, e Miriam “gorda, grossa ou forte”.

Na antigüidade as pessoas não costumavam ter um sobrenome, além do seu nome pessoal. Mas, com o aumento da população, começaram a surgir problemas. Já na época do Novo Testamento, muitos colocavam acréscimos ao nome para facilitar a identificação do indivíduo. Eis por que encontramos nomes como José de Arimatéia, Paulo de Tarso, Jesus de Nazaré, Jesus bar (filho de) Jonas, e outros. Alguns eram identificados por sua atividade; por exemplo, João Batista; e outros por seu posicionamento político, como Simão Zelote. □

**AMAMENTAÇÃO** □ Na maioria dos casos, os bebês eram amamentados ao seio pela mãe. Quando esta, por algum motivo, se via impossibilitada de fazê-lo, contratava-se uma ama para amamentar a criança, como ocorreu no caso de Moisés (Êx 2.9).

O período de amamentação geralmente durava em torno de dois anos, e depois a criança era desmamada. Não sabemos ao certo qual era a idade de Samuel quando foi desmamado, mas talvez já fosse bem crescido. Assim que Ana deu por encerrado o período de aleitamento do filho, levou-o para a casa do Senhor em Siló, onde passaria a morar (1 Sm 1.22), portanto já devia ser crescido, podendo dispensar os cuidados maternos.

No caso de Isaque, Abraão resolveu dar uma festa no dia em que o filho foi desmamado (Gn 21.8), o que talvez não fosse uma prática comum. Os pais consideravam esse marco da existência como um passo definido em direção à independência pessoal, mas não sabemos ao certo quantas famílias costumavam celebrar o evento. □

**A CIRCUNCISÃO** □ Em Israel, todos os meninos eram circuncidados ao completar oito dias de vida (Gn 17.12; Lc 1.59). Consistia na remoção do prepúcio, o que era feito por um processo cirúrgico muito simples. Não é muito difícil entender que o povo aceitasse facilmente esse rito. Sabemos que era praticado desde os primórdios da história dos hebreus, e que muitos outros povos os imita-

ram nisso. Mas explicar as razões por que circuncidavam os meninos é um pouco mais complicado.

*Por razões de saúde.* Essa teoria é antiga, sendo defendida por muitos estudiosos. Aliás, os historiadores afirmam que os antigos egípcios praticavam a circuncisão por razões de higiene. Esse argumento não deixa de ter certa base, já que a remoção do prepúcio reduz a retenção de bactérias na genitália. Pesquisas médicas têm demonstrado que há menor incidência de câncer em mulheres cujos maridos foram submetidos a essa cirurgia. É bom notar porém que nem todos os cientistas apóiam essa tese.

*Uma forma de identificação.* Esse argumento tem algum peso. A idéia é a de que os judeus se distinguiam dos outros povos por essa prática peculiar. Entretanto sabe-se que outras nações também praticavam esse rito. Assim sendo, ele deixava de ter um caráter distintivo. Além do mais, como não fosse algo que estava sempre à vista, a circuncisão não poderia ser a melhor forma de identificação da nacionalidade.

*Afirmação do indivíduo como homem.* Essa teoria é mais frágil, já que a cirurgia era realizada ao oitavo dia de vida, portanto, bem antes da puberdade. Os gentios que se convertiam ao judaísmo eram submetidos à circuncisão como sinal de que estavam sendo aceitos na seita. E nesse caso, ela era praticada não apenas em crianças mas também em adultos.

*Uma aliança com Deus.* Talvez a melhor explicação seja a de que a circuncisão era um ato de compromisso dos pais com Deus. Com



Este relevo egípcio (do Velho Reinado) retrata a prática do rito da circuncisão. A inscrição informa que um desses homens é um sacerdote. Portanto, o desenho pode ser uma ilustração de um aspecto da cerimônia de iniciação do sacerdote. AR

esse gesto, eles reconheciam estar numa relação de dependência para com o Pai celestial. O fato de outros povos o praticarem, e de o haverem adotado até mesmo antes de Israel, não diminui em nada a validade dessa teoria.

Na igreja primitiva, assim que começaram a surgir os primeiros convertidos, a questão da circuncisão foi levantada e se tornou um grande problema para eles. O âmago da questão era se os gentios tinham que se tornar judeus para depois serem cristãos. O debate se intensificou bastante porque muitos judeus, cristãos e não cristãos, recusavam-se a ouvir pregadores que não fossem circuncidados. Por causa disso, Timóteo concordou em se deixar circuncidar, para ser melhor aceito pelos judeus, em suas viagens missionárias (At 16.3). Mas o concílio de Jerusalém deliberou que, os gentios não precisariam submeter-se à circuncisão para se tornarem cristãos (At 15.5; 29-21). □

**A CONSAGRAÇÃO DA CRIANÇA E A PURIFICAÇÃO** □ Aos quarenta dias de vida, o primogênito do sexo masculino tinha que ser levado ao templo em Jerusalém para ser consagrado a Deus (Êx 13.2; Lc 2.22-24). Por ocasião da saída do Egito, os primogênitos tinham sido salvos da morte pela aplicação do sangue do cordeiro pascal na porta, e por causa disso pertenciam a Deus. A mãe também tinha que passar por uma cerimônia de purificação após o parto.

O primogênito do sexo masculino era apresentado ao sacerdote (Nm 18.16), e em seguida os pais pagavam cinco siclos de dinheiro para resgatá-lo. A mãe também tinha que oferecer um cordeiro de um ano, um pombinho e uma rola pela sua purificação. Caso ela não tivesse meios para oferecer um cordeiro, poderia trazer duas pombas (Lv 12.8). Maria deve ter sido muito pobre, pois que ofereceu as duas pombas (Lc 2.24). □

**ABORTOS** □ Não temos muita informação sobre como os judeus encaravam o aborto. Obviamente, havia muita tristeza e um profundo sentimento de perda.

Entretanto, a lei fazia distinção entre o valor da vida da mãe e da do feto. Ela dispunha que se dois homens estivessem brigando e um deles acidentalmente ferisse uma mulher grávida, causando-lhe algum prejuízo, ele teria que fazer algumas reparações. Se o acidente causasse aborto, aquele que o tinha provocado era obrigado a pagar uma multa (Êx 21.22,23). Mas, se a mulher sofresse danos permanentes, o culpado poderia até ser executado. Deduz-se por aí que, pela lei, o valor do feto não era igual ao da mãe. □

**DEFICIÊNCIAS FÍSICAS** □ Se uma criança nascia com deformações físicas, havia dispositivos que a impediam de assumir

o ofício de sacerdote, se fosse o caso (Lv 21.18). Contudo, em outras situações, elas eram cuidadas e auxiliadas ao máximo. Sabemos que Jesus curou um cego de nascença (Jo 9.1). Os pais dele não o haviam rejeitado ao nascer. Há também a menção de um aleijado de nascença que era levado todos os dias para a porta Formosa. Se ele estava impossibilitado de andar desde que nascera, logicamente havia alguém que cuidava dele (At 3.2). Não há dúvida de que devia haver por lá aqueles que maltratavam os deficientes, mas a atitude geral para com os que nasciam com defeitos físicos era de amor e cuidado. □

**SUPERSTIÇÕES** □ Nem mesmo as judias mais devotas eram imunes à idéia de se recorrer a fórmulas de magia para conseguir engravidar e ter filhos. Sofrendo tantas pressões nesse sentido, é compreensível que vez por outra buscassem esses extremos. Algumas adotavam a adoração a deuses pagãos, na esperança de que eles lhes favorecessem com a fertilidade. Outras criam nos poderes mágicos das folhas de mandrágora. Não se sabe ao certo qual o efeito que elas esperavam de tais folhas. Ao que parece, viam na erva um afrodisíaco. Contudo é possível que pensassem que elas favoreciam a concepção. É difícil saber com certeza o que as pessoas acreditavam com relação a superstições. O incidente ocorrido entre Raquel e Lia parece sugerir que a mandrágora produzia os dois efeitos (Gn 30.14-18). No livro de Cantares há uma menção da planta, mas ali se enfatiza o perfume dela, e não seus poderes especiais (Ct 7.13).

Era muito comum as mulheres grávidas usarem pedrinhas penduradas ao pescoço, como um amuleto. Acreditava-se que isso era uma proteção contra um possível aborto.

Esta estatueta que simboliza a fertilidade, feita a partir de uma matriz, provavelmente está identificada com a deusa cananita Aserate, em sua forma egípcia, Hathor. DM



---

## CAPÍTULO 7

---

# A MULHER NA SOCIEDADE



**N**a história de Israel, encontramos as mais diversas opiniões acerca da posição da mulher. Existe uma opinião muito forte acerca de seu valor, de suas excelentes qualidades de liderança e de sua igualdade com o homem. Mas, ao mesmo tempo, existiam muitas leis que impediam que ela assumisse uma igualdade total.

É importante que tenhamos o cuidado de não julgar o povo de Israel pelas nossas perspectivas modernas. Para eles, a harmonia e cooperação entre as pessoas eram mais importantes do que um sentimento de liberdade e individualidade. Isso não justifica a conduta deles, mas nos ajuda a entender seu raciocínio.

A lei judaica, embora não fosse obedecida em sua inteireza, permitia grande flexibilidade na conduta. O papel da mulher na sociedade era determinado em grande parte pela personalidade dela e pela atitude do marido. □

**O ISRAEL DO VELHO TESTAMENTO** □ *Atitudes positivas em relação às mulheres.* A mulher não era um produto secundário da criação, uma espécie de idéia posterior. Homem e mulher, juntos, constituíam a imagem de Deus (Gn 1.26,27). Essa imagem só ficou completa depois que Eva foi criada.

Alguns não aceitavam esse fato, mas outros, sim. E por causa disso, muitas mulheres hebréias tinham uma participação ativa no relacionamento familiar e comunitário, eram criativas, e expressavam suas opiniões. Joquebede, por exemplo, foi quem teve a iniciativa de salvar seu filho Moisés que, pelo decreto do faraó, deveria ser morto. E tomou as providências necessárias para isso (Êx 2). Ana foi outra mulher que tomou uma atitude e fez uma aliança com Deus para ter um filho, e veio a ser a mãe de Samuel (1 Sm 1.1-25).

E houve mulheres também que chegaram a ocupar posições de liderança entre o povo de Israel. Débora, por exemplo, foi uma juíza que ajudou a orientar um exército (Jz 4.6-9). Miriam ocupava uma

alta posição no comando de Israel, vindo logo abaixo de Moisés e Arão. E em certa ocasião liderou uma rebelião contra o irmão. Ester foi outra mulher notável. Tornou-se rainha da Pérsia, e, com muita coragem, conseguiu abortar um genocídio de judeus. Hulda foi uma profetisa a quem o rei Josias consultou, e que lhe entregou a mensagem de Deus para ele (2 Rs 22.14-20). O judaísmo não impediu que essas mulheres ocupassem posições de liderança.

Precisamos considerar também a mulher ideal, descrita em Provérbios 31.10-31. Ela supervisiona bem a sua casa, com seus muitos servos e tudo o mais, confecciona roupas, dirige um negócio e compra um terreno. Trata-se de uma mulher que detém uma ampla gama de responsabilidades e de oportunidades.

O mandamento bíblico de honrar pai e mãe não faz distinção entre eles; ambos devem receber igual honra. No caso de um homem e uma mulher serem surpreendidos em adultério, ambos deveriam ser apedrejados (Dt 22.22).

Quanto às mulheres de grande fé, todas foram elogiadas pelo fato. É o caso de Sara e Raabe que são incluídas na famosa lista dos grandes heróis da fé (Hb 11).

*Restrições impostas à mulher.* Israel era uma sociedade definitivamente patriarcal. Em geral, os homens eram os chefes da família e do governo. Embora aos olhos de Deus a mulher fosse de importância igual à dos homens, estes não as viam assim. Havia algumas leis que impunham sérias restrições à mulher.

No primeiro século, havia uma célebre oração que os judeus recitavam, na qual agradeciam a Deus por não terem nascido mulher. Esse sentimento era generalizado, e alguns homens chegavam a cometer abusos.

Eis algumas das leis que pareciam impor restrições à mulher em suas atividades, em sua atuação social e em seu valor pessoal básico.

1. Normalmente só os homens podiam ser donos de alguma propriedade. Uma mulher podia herdar os bens de seus pais somente no caso de não haver filhos do sexo masculino (Nm 27.8).

2. Se uma mulher fizesse uma promessa ou um juramento, só poderia mantê-lo se o marido concordasse (Nm 30.10-12).

3. Se uma mulher não tivesse filhos, logo se supunha que o problema estava restrito a ela, e que isso era sinal de que Deus não se agradava dela (Gn 30.1,2,22).

4. A mulher tinha que ter as provas de sua virgindade (Dt 22.20,21). Para o homem, isso era impossível.

5. O valor monetário atribuído à vida de uma mulher equivalia à metade do valor atribuído à do homem (Lv 27.1-8). Os que achavam que as mulheres eram propriedade de alguém, criam também que elas eram muito simples e precisavam de proteção. Por causa disso, não se estimulava a educação extra-familiar para elas, e eram muito



poucas as que tinham uma carreira própria. Muitas se casavam tranqüilamente, sem questionar nada, e as que não se casavam continuavam debaixo da autoridade e proteção do pai.

Nessa sociedade, os pais gostavam mais de ter filhos do sexo masculino do que do feminino. Essa atitude tinha reflexos no baixo valor atribuído à mulher.

Isso não quer dizer que os homens não amassem sua esposa e filhas, e por vezes não as tratassem de igual para igual. Quando um homem maltratava ou humilhava sua mulher, muitas vezes era repreendido pelo pai e irmãos dela. É evidente que alguns homens amavam profundamente a esposa, o que é demonstrado pelo fato de Jacó ter trabalhado quatorze anos para se casar com Raquel (Gn 29.15-30). □

**AS MULHERES E O MINISTÉRIO DE CRISTO** □ Em seu ministério, Jesus falou e abençoou a muitas mulheres, e, além disso, algumas delas pertenciam ao seu círculo de seguidores. Essas discípulas eram de diversos níveis sociais e econômicos.

As mais conhecidas são as quatro Marias e Marta. Maria, mãe do Senhor, era uma mulher de grande fé, e que exercia uma notável influência sobre ele. Estava sempre em sua companhia. No sentido espiritual, Jesus considerava muitas mulheres como sua mãe (Mc 3.35).

Maria Madalena era uma mulher que anteriormente fora endemoninhada. Contudo não existem razões sólidas para se crer que ela tivesse sido prostituta. Provavelmente, possuía recursos financeiros, como tantas das outras que seguiam a Jesus (Lc 8.2,3). Maria Madalena era uma das mulheres que acompanhavam Jesus e os discípulos em suas viagens de evangelização de um povoado a outro.

Por ocasião da morte dele, foi uma das que estiveram presentes no Calvário apesar dos perigos que corriam os seguidores dele em Jerusalém. Depois foi uma das que encontraram o túmulo vazio, e a primeira a ver o Senhor ressuscitado. Pelos relatos bíblicos, tem-se a impressão de que ela



Estes mosaicos de uma igreja construída junto ao túmulo de Lázaro, nas proximidades de Betânia, retratam as figuras de Maria, Marta e Lázaro, com quem Jesus teve um relacionamento muito cordial.

era muito chegada a Jesus, e apenas uns quatro ou cinco discípulos eram mais chegados a ele do que ela.

Outra devotada seguidora de Jesus foi Maria de Betânia, a irmã de Lázaro, aquele a quem o Senhor ressuscitara. As Escrituras a descrevem como uma pessoa sensível, contemplativa, que se sentou aos pés de Jesus para ouvir seus ensinamentos (Lc 10.38ss). Também estava presente à ressurreição do irmão (Jo 11). Um de seus gestos mais notáveis foi o de lavar a cabeça de Jesus com um perfume caríssimo (Mt 26.7), o que provocou uma séria reação entre os discípulos de Jesus, homens de mentalidade prática.

Maria, a mãe de Tiago e José, esteve presente aos principais eventos dos últimos meses da vida de Jesus e da sua morte, assim como Maria Madalena. Também ela acompanhava o Senhor em suas viagens evangelísticas.

No Novo Testamento há citação de outras Marias; pelo menos mais duas são mencionadas em Atos e Romanos. E mesmo as quatro que citamos não estão claramente identificadas. Qual delas, por exemplo, era a esposa de Cleofas? A mãe de Tiago e João também se chamava Maria? Se assim o for, seria ela uma das quatro mencionadas (a mãe de Tiago e José)? Maria era um nome bastante comum, e várias das seguidoras e conhecidas de Cristo eram chamadas assim.

O nome de Marta é sempre mencionado juntamente com o de sua irmã, Maria, e seu irmão, Lázaro. Os mais conhecidos eventos a ela relacionados são a visita que Jesus fez à sua casa, ocasião em que ela se mostrou bastante atarefada, e o diálogo que teve com ele pouco antes da ressurreição de Lázaro.

Merece menção o fato de que nos momentos mais cruciais da vida de Cristo, como sua prisão, morte e sepultamento, as mulheres foram suficientemente corajosas para permanecer ao lado dele. Mas em compensação também foram as primeiras a gozar da enorme alegria de ver as evidências da sua ressurreição. □

**A ATITUDE DE JESUS PARA COM AS MULHERES** □ O fato de Jesus se relacionar bem com essas mulheres criou muitas oportunidades para interpretações errôneas. Seus acusadores teriam ficado muito satisfeitos se tivessem podido atribuir-lhe atos de imoralidade e de conduta imprópria. Parece que Jesus revelou grande coragem quando ignorou as barreiras sociais existentes, e exerceu um ministério vital e pessoal junto a essas mulheres. Os riscos que ele correu tornam-se ainda mais sérios pelo fato de alguns críticos modernos distorcerem seu trabalho entre elas.

Hoje é muito difícil levantar todo o leque de sentimentos e preconceitos que existiam contra o sexo feminino, nos dias de Cristo. Mas analisando-se algumas das atitudes que ele tomou podemos captar

um pouco do aspecto revolucionário que caracterizou muitos de seus atos.

Precisamos lembrar também que, em Israel, no primeiro século, nem todas as pessoas tinham a mesma opinião com relação à posição da mulher na sociedade. Quando um certo rabi dizia que as mulheres tinham que ser tratadas de determinada maneira, isso não quer dizer que a maioria da população concordava com ele. As culturas grega e romana já estavam exercendo certa influência sobre os judeus. E a sociedade estava vivendo um momento de transição. Nesse contexto, Jesus introduziu uma nova postura em relação às mulheres, o que representou um grande avanço em comparação à de seus contemporâneos.

*Ele aceitou mulheres em seu grupo de discípulos.* Para os judeus ortodoxos, a mulher não podia ter participação ativa no culto. Nas sinagogas, deveriam sentar-se ao fundo. Em vez de participar dos atos religiosos, elas tinham que se manter a certa distância dos homens. Em muitas das sinagogas, elas não poderiam ler, nem ter nenhum outro tipo de atuação. Mas isso não impediu que mulheres como Ana, por exemplo, adorassem a Deus abertamente no templo (Lc 2.36,37). Havia ali uma área que era denominada o "pátio das mulheres". Contudo, no Santo dos santos, elas nunca poderiam entrar.

Mas Jesus simplesmente ignorou essa atitude geral contrária à mulher, e deu início a uma era de total participação feminina. No seu reino, todas as pessoas têm acesso total a Deus.

*Ensinou verdades espirituais às mulheres.* No conceito de Cristo, o papel da mulher não era limitado apenas ao trabalho na cozinha e à tarefa de manter as crianças em silêncio. Alguns de seus mais profundos ensinamentos foram transmitidos a mulheres. Alguns foram dados em particular, como no caso da mulher à beira do poço (Jo 4), e do ensino sobre ressurreição dado a Marta e Maria (Jo 11). Outros foram dados em público, em diversas ocasiões, para grupos mistos. Ele rejeitou a idéia geral de que a mulher não era inteligente, idéia essa que levava os antigos a achar que ela não deveria ter direito à educação, exceto a relacionada com as tarefas domésticas. E os discípulos de Jesus assumiram a mesma postura dele, pois sabemos que uma das maiores reuniões de oração da igreja primitiva (At 1.14) foi assistida por crentes de ambos os sexos.

*Entrou em suas casas.* Essa atitude dele foi muito corajosa, e o expôs a duras críticas. Mesmo hoje muitos homens evitam uma situação semelhante por temer que isso possa comprometer seu bom nome. Jesus enfrentou o perigo de ser difamado, mas decidiu correr o risco. Ao que parece, quando Marta o hospedou em sua casa juntamente com seus discípulos, ele não temeu as línguas ferinas, nem os boatos maldosos (Lc 10.38).

*Conversava com mulheres em público.* Cristo sentia total liber-

dade em conversar com mulheres em público, mas os discípulos não absorveram de imediato esse seu exemplo. Na ocasião em que o encontraram conversando com uma mulher junto ao poço, mostraram-se bastante chocados (Jo 4.27).

Muitos rabis davam grande importância à tese de que uma mulher não poderia conversar com desconhecidos em público. Se um homem de certa posição falasse com uma mulher em local onde pudessem ser vistos, isso era considerado um ato escandaloso. Algumas das autoridades achavam que este gesto era motivo para divórcio imediato. Na época dos festejos religiosos, as mulheres tinham que permanecer dentro de casa. As solteiras teriam que ficar no interior da moradia; já as casadas poderiam chegar até à porta.

Os mais extremistas eram de opinião que na rua o homem não podia conversar nem com a própria esposa. Só um indivíduo fora do juízo normal conversaria com desconhecidas; e aquele que se encontrasse com uma mulher a sós era um irresponsável.

Tais conceitos não eram impostos pela lei judaica; eram proposições dos líderes religiosos. Contudo, como acontece ainda hoje, algumas opiniões pessoais haviam-se tornado mais importantes que a própria lei. Entretanto ainda existiam alguns que sabiam pensar por si mesmos e não observavam essas tradições. E a influência desses indivíduos mais liberais bem como da sociedade romana pesou bastante sobre a cultura judaica a ponto de produzir mudanças nela.

*Permitia que as mulheres tocassem nele.* A melhor atitude que Jesus poderia tomar com vistas à sua segurança seria procurar evitar contatos com mulheres. O fato de haver mulheres em seu grupo de seguidores já não era bom, e ainda por cima permitir que elas tocassem nele parecia grande imprudência de sua parte.

O beijo era uma prática comum na cultura judaica, e na igreja primitiva veio a ser uma importante forma de saudação. De um modo geral supõe-se que os crentes só beijavam pessoas do mesmo sexo, mas existem evidências que dão a entender que houvesse essa prática também entre pessoas do sexo oposto. Mas Jesus permitiu que uma mulher não apenas lavasse os pés dele, mas também os beijasse (Lc 7.38), no que provavelmente contrariou um padrão de conduta estabelecido.

*As prostitutas se aproximavam dele.* O ministério de Cristo era tão permeado de perdão e amor que até as detestadas e maltratadas prostitutas se sentiam atraídas por ele. João Batista também conquistou a atenção delas, já que pregava arrependimento e perdão (Lc 3.3; Mt 21.32). Jesus não aprovava a atividade dessas mulheres, mas ao que parece tinha pena delas. Embora muitas meretrizes demonstrassem esperanças de recuperação, os fariseus achavam que elas não deveriam receber nenhum apoio (Mt 21.31,32). Jesus preferia pregar a mulheres promiscuas, como é o caso da que conversou com ele junto

ao poço de Samaria (Jo 4), do que a religiosos de coração impiedoso, endurecidos demais para dar ouvidos a Deus. Não é de admirar, portanto, que as pessoas dessa classe desprezada se sentissem atraídas para o Messias.

**Os direitos das mulheres no divórcio.** Nos dias de Cristo, a visão que, via de regra, os homens tinham das mulheres, levavam-nos a tratá-las quase como um objeto de sua propriedade. O maior defensor dessa posição era um teólogo de nome Hillel. Ele afirmava que o homem podia divorciar-se de sua esposa a qualquer momento, sem ter que citar um motivo. Tão logo a deixasse de amar, poderia mandá-la embora. Essa postura extrema era baseada numa interpretação pessoal de Deuteronômio 24.1 com uma leitura comparativa de Êxodo 20.17, que sugeria que a mulher do próximo devia ser vista como se via um boi. A escola filosófica de Hillel considerava esses textos evidência de que as mulheres eram meras propriedades do homem.

Até mesmo alguns mais esclarecidos aceitavam prontamente esse conceito como se ele fosse uma revelação divina. Mas apesar de a idéia ser largamente aceita, o que poderia ter favorecido um desregramento em termos de casos de divórcio, isso não aconteceu. Vários fatores contribuíram nesse sentido. Primeiro, os casais não desejavam divorciar-se porque estavam ligados pelo amor e devoção, e não pela lei matrimonial. Em segundo lugar, em muitos casos, se um homem se divorciasse de sua esposa, teria que devolver o valioso dote que recebera ao casar-se. E, em terceiro lugar, aqueles que se divorciavam com muita facilidade não eram bem vistos.

Jesus contestou de forma clara e direta esses conceitos populares e defendeu a dignidade da mulher (Mt 19.9). Os homens não poderiam divorciar-se da esposa, a não ser em caso de adultério (e a tradução desse termo que aqui é entendido como "adultério" às vezes é questionada). Se um homem se divorciasse sem uma causa justa e se casasse de novo, estaria cometendo adultério.

Essa colocação de Jesus deve ter sido muito bem aceita pelas mulheres que viviam num contexto social tão contrário a elas. Era um posicionamento claro acerca de uma questão bastante delicada. É possível que o fato de tantas mulheres se mostrarem predispostas a ouvi-lo e segui-lo se devesse em parte a essa postura dele. □

**VÉUS E XALES** □ Não devemos supor que durante todo o decorrer da história israelita, as mulheres usassem muitos véus. Influenciados pela imagem que temos da mulher árabe hoje, nossa tendência é pensar que as antigas judias vivessem envoltas em véus.

Em certas situações elas de fato usaram véus, mas a Bíblia cita poucos casos. Rebeca, por exemplo, encobriu parte do rosto com um véu quando avistou Isaque pela primeira vez (Gn 24.65). E o mais pro-

vável é que o tenha feito com o próprio xale. Antes, porém, seu rosto estava exposto.

Podemos afirmar com certeza que o véu era parte do vestuário de algumas mulheres. Podemos deduzir também que Paulo queria que as mulheres colocassem alguma coisa na cabeça quando estivessem adorando a Deus (1 Co 11.5). Fora isso, o véu é pouco mencionado na Bíblia. □

**UMA REVOLUÇÃO** □ O apóstolo Paulo também faz uma declaração muito forte no sentido de que as mulheres não sejam encaradas como mera propriedade do homem. Ele afirma categoricamente que o marido deve agradar à esposa, e não apenas esta agradar ao marido (1 Co 7.1-7). Afirma também que o marido tem que amar a esposa assim como Cristo amou a igreja (Ef 5.25). O apóstolo Pedro diz aos homens que eles tinham que tratar a esposa com dignidade, e que se não o fizessem suas orações não seriam atendidas (1 Pe 3.7).

Nos primórdios do cristianismo, as mulheres tiveram um papel relevante naquelas primeiras igrejas. Embora a maioria da liderança oficial fosse constituída de homens, a igreja de modo geral contava com inúmeras mulheres. Lídia é um exemplo das muitas senhoras que aceitaram a mensagem do evangelho prontamente (At 16.14,40). Priscila foi outra que teve uma função importante, já que instruiu Apolo, um poderoso pregador (At 18.24ss).

Muitas mulheres participaram no ministério de Jesus Cristo, como mostra o fato de Paulo haver elogiado oito delas em suas saudações, no último capítulo de Romanos. Muitas atuavam como diaconisas; as quatro filhas de Felipe eram profetisas (At 21.9). Não temos informação sobre o conteúdo



O véu, ou xale, ainda é muito usado hoje pelas habitantes do deserto, como é o caso desta mulher beduína, fotografada no mercado aberto de Berseba. Entretanto, isso não significa que as mulheres israelitas da antigüidade se vestissem exatamente como as árabes de hoje. TW

de suas profecias, mas certamente eram mensagens de Deus.


É claro que ainda encontramos no Novo Testamento alguns pontos em dúvida com relação ao papel da mulher. Paulo mesmo, em sua carta aos coríntios (1 Co 14.33-36), ensina que elas devem ficar caladas na igreja. Além disso, proibiu-as de assumir posições de autoridade sobre os homens ou de ensinar a eles (1 Tm 2.11,12). Só podemos esperar que os teólogos encontrem explicações para esses textos.

---

## CAPÍTULO 8

---

# O CASAMENTO



**A** estrutura social que Deus considerou a melhor para a raça humana foi o casamento, como uma união para a vida toda. É verdade que desde que foi instituído, o casamento tem apresentado alguns problemas, mas em geral vem operando até muito bem.

Nos séculos que a história bíblica abrange, ao que parece, a condição normal era o adulto se casar. Alguns, no entanto, não se casaram. Em certos casos, existe até uma recomendação no sentido de manterem o celibato aqueles que tiverem esse dom (1 Co 7.8,9). Mas a maioria das pessoas busca o casamento, compelida pela necessidade de amar, de ter a companhia de outro ser humano, de se satisfazer sexualmente, bem como pelo instinto de reprodução. O fato é que as vantagens do casamento compensam em muito suas desvantagens.

Casar-se era uma prática tão normal naquelas alturas que quem não o fazia ficava estigmatizado socialmente. Em alguns círculos, suspeitava-se de que aqueles que não se casavam eram portadores de algum defeito físico ou de deficiência mental, ou tinham uma perversão sexual. A mulher solteira, então, via-se seriamente limitada em sua vida social.

A atitude de Paulo demonstrando aceitação tanto do casado como do solteiro ajudou muito a remover em parte esse estigma. O fato de Jesus ter permanecido solteiro também veio demonstrar que era possível ter-se uma vida plena sem ser casado. Mas apesar de tudo, Deus instituiu o casamento para esta vida terrena (Mt 22.30), para ser plenamente apreciado. E, a despeito de algumas exceções, a condição de casado era a regra para a grande maioria da população.

Com o passar dos séculos, a estrutura familiar sofreu algumas mudanças devido à variação do senso de valores, mas os elementos básicos de uma união para toda a vida, de modo geral, permaneceram inalterados. □

**POLIGAMIA** □ O costume de se ter mais de uma esposa parece ter sido largamente aceito nos tempos do Velho Testamento. Mui-



tos dos mais ilustres e santos homens da época eram polígamos. E essa prática não existiu apenas durante o período dos patriarcas; perdurou até depois dos dias de Davi e Salomão.

Isso não quer dizer que a poligamia fosse praticada pela maioria da população — um homem do povo não teria condições de sustentar mais de uma esposa, simplesmente por uma questão financeira. E não quer dizer também que a Bíblia recomende esse tipo de família. Contudo é evidente que existiam muitos relacionamentos múltiplos. A prática era tão difundida que Deus achou necessário estabelecer algumas linhas básicas para regulamentá-la (Dt 21.15-17; Êx 21.10).

Havia algumas situações em que as Escrituras talvez forçassem uma relação poligâmica, como no caso do levirato (Dt 25.5-10). A lei dispunha que quando uma mulher enviuvava, o irmão do falecido tinha que se casar com a cunhada. E o regulamento não levava em conta o estado conjugal dele. Dessa forma, a viúva estaria teoricamente mantendo o relacionamento com o marido, por meio do irmão deste.

Existiam diversas razões para o homem ter mais de uma esposa. Alguns faziam isso devido às fortes pressões culturais para se ter muitos filhos. Foi por isso que Abraão tomou por mulher a escrava egípcia Hagar (Gn 16.3). É interessante observar que foi Sara quem deu a sugestão. Documentos descobertos em Nuzi, uma cidade da Mesopotâmia, dão a entender que essa situação era determinada por um costume da sociedade da época.

Uma outra razão era a necessidade de amor. No caso de Jacó, por exemplo, ele foi enganado, e decidiu casar-se com Raquel também, preferindo ficar com duas esposas do que perder a jovem (Gn 29.18). Uma terceira razão é ilustrada pelas pessoas de Davi (2 Sm 5.13-16) e Salomão (1 Rs 11.1,3), que se casaram com diversas mulheres com o objetivo de realizar alianças políticas e obter certas vantagens.

Nos dias de Cristo, ainda existia a poligamia em Israel. (Fala-se que Herodes, o Grande, numa certa época, teve nove esposas.) Os líderes religiosos mais conservadores protestavam contra essa prática em Jerusalém, na época. Mas é provável que muitos dos que ocupavam cargos de liderança tivessem duas ou mais esposas. Assim como ocorria em outros aspectos do viver diário e nas regras da religião, na poligamia também os israelitas não tinham todos uma opinião unânime. Quando um homem pensava na possibilidade de arranjar mais uma esposa, precisava considerar vários aspectos. É verdade que se tivesse mais esposas teria também mais filhos, mais amor, companhia e mais braços para o trabalho. Mas também teria mais despesas, além de ter de conviver com um clima de ciúmes e hostilidades entre parentes. Ironicamente, a palavra hebraica que significa segunda esposa tem o sentido literal de "rival" ou "hostil".

Se formos procurar um texto bíblico que condene claramente a

poligamia veremos que a restrição só é feita para os reis (Dt 17.17). Contudo, existem muitas passagens que dão a entender que o plano de Deus para o casamento era a união de um homem com uma só mulher. O objetivo básico do casamento era que marido e mulher se tornassem uma só carne (Gn 2.24). Esse modelo foi confirmado por Cristo (Mt 19.6; Mc 10.8), o que demonstra que a poligamia não é o ideal cristão.

Já a poliandria — uma mulher com mais de um marido — não parece ter ocorrido entre os judeus. □

**A CONCUBINA** □ Havia situações em que outras mulheres entravam para a família e tinham uma relação conjugal com o chefe da casa. Embora não fossem consideradas esposas, ocupavam lugar definido na escala social. De um modo geral, as concubinas provinham da classe pobre ou eram escravas. O papel delas era semelhante ao de uma amante, nos dias de hoje. Na maioria dos casos, tinham por finalidade proporcionar sexo ao homem, e ter filhos, principalmente meninos.

A prática de ter várias concubinas existiu desde o início da história de Israel até o princípio do estabelecimento do reino e era muito comum entre os que podiam se dar ao luxo de mantê-las. Na época dos juizes, por exemplo, há diversas menções a concubinas. Algumas eram mulheres que haviam sido aprisionadas em guerras. Outras eram escravas hebréias, que tinham sido dadas a seus donos por reis ou homens ricos; ou então filhas das famílias mais pobres. Quando um homem rico tinha uma concubina judia, muitas vezes tratava-a com respeito, e seus filhos herdavam seus bens em bases iguais com os da esposa legítima. Mas as concubinas gentias muitas vezes eram desprezadas e maltratadas por todos os membros da família.

Em alguns casos é difícil saber ao certo, pelo texto, se determinada mulher é uma concubina ou uma segunda esposa. Em Juizes 19 há o relato de um homem que possuía uma concubina, e que depois é identificado como “marido”.

A lei mosaica contém dispositivos para a proteção das concubinas. Isso talvez não seja uma indicação de que se aprovava essa relação, mas, sim, uma orientação com o objetivo de manter a ordem. Os textos de Êxodo 21.7-11 e Deuteronômio 21.10-14 estabelecem os direitos da concubina.

O concubinato foi prática muito comum para alguns dos homens mais influentes de Israel. Líderes importantes como Jacó, Gideão, Saul, Davi, Salomão e Roboão, todos tiveram concubinas. Dentre esses, o que teve o maior número foi Salomão. Ele chegou a ter 700 esposas de nobre nascimento e mais 300 concubinas (1 Rs 11.3), uma quantidade que pode parecer espantosa, mas perfeitamente possível. Muitos daqueles reis antigos formaram haréns enormes. As con-

cubinas de Salomão não apenas lhe proporcionavam prazer, mas também lhe davam mais filhos para o reino. Não é correto redefinir essas mulheres como meras empregadas ou governantes. Elas são claramente identificadas como concubinas. Está claro que muitas das múltiplas esposas eram partes de tratados de paz feitos com seus países de origem, enquanto as concubinas eram muitas vezes presentes dados por outros reis.

Mas se quisermos explicar essa situação, a melhor coisa é reconhecer, com humildade, que não a entendemos perfeitamente. Não há dúvida de que o casamento que Deus instituiu é o de um homem com uma mulher. Contudo, ao que parece, ele permitiu que Davi mantivesse as “mulheres de seu senhor” (2 Sm 12.8).

No caso de Salomão, sabe-se que suas esposas estrangeiras lhe perverteram o coração para seguir a idolatria, e o destruíram espiritualmente (1 Rs 11.4). Mas, apesar disso, ele ainda realizou muita coisa, pois manteve Israel em paz durante 40 anos. É interessante observar que quando ele escreveu Cantares, um apaixonado poema de amor para a Sulamita, já tinha sessenta esposas e 80 concubinas (Ct 6.8,9). □

**O DOTE (Mohar)** □ Havia três maneiras de se praticar o dote. O noivo dava uma quantia ao pai da noiva em pagamento pelo valor que ele perdia com a saída da filha. O pai da noiva ou do noivo dava um presente ao seu filho ou filha. E o noivo dava um presente à noiva, que também daria um presente ao noivo. Mas parece que esses costumes não prevaleceram, durante todo o tempo, sempre nos mesmos moldes.

O primeiro tipo de dote às vezes era um presente de grande valor dado ao pai da noiva. Poderia ser dado sob a forma de um serviço prestado, como no caso de Jacó, que trabalhou para o sogro para poder casar-se com Raquel (Gn 29.18). Quando Davi quis se casar com Mical, o pai dela exigiu dele um presente muito insólito (1 Sm 18.25), na esperança de que ele fosse morto.

Outra prática era o pai dar um presente à filha que deixava o lar. Nos dias de Cristo, costumava-se tirar 10% desse dote para a noiva comprar alguns artigos de luxo para si. Geralmente a quantia era suficiente para ela adquirir perfumes, jóias e, às vezes, até dentes postiços. Quando Salomão se casou com a filha do faraó, este deu à filha, de presente, a cidade de Gezer, que havia sido devastada (1 Rs 9.16). Mas Salomão astutamente mandou reedificar a cidade.

Era bem comum também o noivo e a noiva trocarem presentes. O servo de Abraão, por exemplo, presenteou Rebeca, a escolhida de Isaque, com muitas jóias de ouro e prata, e com vestimentas (Gn 24.53). Essa prática durou até o primeiro século de nossa era.

O valor e o número dos presentes variavam bastante, de acordo com o tempo, o lugar e as famílias envolvidas. □

**A ESCOLHA DO CÔNJUGE** □ De um modo geral, os jovens se casavam muito novos. Chegou ao ponto de os rabis terem de estabelecer idades mínimas para o casamento — 12 para as meninas, e 13 para os meninos. Existem registros de crianças até mais jovens sendo dadas em casamento, e de meninas de até seis anos sendo prometidas. É provável que Maria, a mãe de Jesus, não tivesse mais que 12 ou 13 anos. Alguns supõem que José era bem mais velho, e morreu antes dela, mas não há como comprovar isso. De qualquer modo, pelas condições prevalentes, Maria ainda era adolescente quando deu à luz a Jesus.

Na maioria dos casos, o casamento de dois jovens era decidido pelos pais, sem uma consulta prévia a ambos. Contudo não era sempre que isso acontecia. Alguns dos interessados objetavam à escolha feita, e assim não se concretizava a decisão tomada pelos pais. O fato de todos os familiares de um casal constituírem uma só família tornava mais conveniente os casamentos arranjados. Geralmente a primeira preocupação dos noivos era saber o que os parentes achavam da união dos dois. Muitas vezes eles moravam próximos, e, portanto, era importante que todos se relacionassem bem. Com o passar do tempo, o aumento dos deslocamentos e mudanças acabou anulando esses fatores. E os jovens começaram a se casar com pessoas de outras nacionalidades e até de outras crenças.

A idéia do casamento arranjado não descartava o amor. Esperava-se que os jovens viessem a se amar depois que o casamento fosse consumado, já que se via o amor como uma questão de decisão pessoal, e portanto como algo que dependia apenas da vontade de cada um. Depois que os jovens se casassem, surgiria o amor.

Contudo, havia para os jovens ocasiões especiais, contando com a aprovação geral, nas quais eles podiam encontrar-se e se conhecer melhor. Algumas dessas eram as festas religiosas ou a da colheita, desfiles e danças comunitárias.

Em se tratando da escolha do cônjuge para um filho, os pais em geral podiam ser bastante exigentes. Mas, apesar disso, havia casos em que o jovem tinha o direito de dar sua opinião sobre o futuro noivo ou noiva, e sua palavra poderia até ser acatada. Outros preferiam mesmo deixar a escolha com os pais. □

**O NOIVADO** □ O período de noivado, que geralmente durava um ano, era de grande importância. Muitas vezes, para oficializar o compromisso, realizava-se uma cerimônia, seguida de um banquete e troca de presentes. Na antigüidade, o rapaz que ficasse noivo era dispensado do serviço militar, para não se correr o risco de que ele morresse antes de se casar (Dt 20.7).

Um importante aspecto do processo eram as conversações sobre a questão financeira: quanto o pai da noiva iria receber, e qual a forma de pagamento. Eles conversavam também sobre o dote e quais

os bens que a noiva levaria ao se casar. Combinavam também a quantia a ser restituída, caso isso fosse necessário. Assim, se o marido morresse ou o casamento fosse dissolvido por alguma outra razão, parte dos bens seria devolvida aos pais.

Após o noivado, os jovens já eram chamados de esposa ou de marido (Mt 1.19). Entretanto só um ano depois é que os dois passavam a viver juntos e consumavam o matrimônio.

Devido ao grande número de pessoas envolvidas e as promessas financeiras de parte a parte, era muito raro o casal desfazer o compromisso.

Sem dúvida alguma, a grande proximidade entre as famílias devia causar muitos problemas para o casal, mas também lhe proporcionava muitas vantagens.

Se um homem viesse a ter relações sexuais com a noiva de outro, poderia ser apedrejado até a morte, por adultério (Dt 22.23,24). Se a jovem não fosse ainda comprometida, o homem não seria condenado (v. 28), mas teria que fazer um pagamento ao pai dela, e se casar com a moça.

Quando Maria, mãe de Jesus, ficou grávida, já estava legalmente desposada com José, e as negociações necessárias para o casamento já tinham sido feitas (Lc 2.5). De acordo com o costume da época, eles ainda não haviam coabitado (Mt 1.25), mas ele já era considerado o esposo dela (Mt 1.19). O rompimento do compromisso seria muito embaraçoso, não só para os dois mas também para as duas famílias (Mt 1.19). Por isso, José, um homem afetuoso, procurou descobrir um meio de terminar o noivado sem revelar que a noiva estava grávida. □

**A VIRGINDADE** □ Havia uma grande preocupação por parte da noiva e de sua família em provar que ela se casava virgem. O marido sempre esperava ver manchas de sangue na roupa da cama após o primeiro ato sexual. Caso isso não acontecesse, ele poderia anular o casamento, expondo a família da jovem a um terrível constrangimento.

Essa prática é descrita pela primeira vez no Velho Testamento (Dt 22.13-21), mas até hoje ainda é observada em alguns lugares. E na antigüidade, se essa prova não fosse constatada visivelmente, a mulher poderia até ser apedrejada. Muitas noivas guardavam a roupa manchada de sangue durante muito tempo, para o caso de alguém levantar alguma dúvida mais tarde. Mas aí, se os pais tivessem as provas de que ela se casara virgem, o casamento teria que ser mantido. Os anciãos da cidade castigariam o marido duvidoso, que ainda teria de pagar uma multa de cem ciclos de prata. E depois ele nunca poderia divorciar-se dela, fossem quais fossem as circunstâncias.

Como esse tipo de problema expunha toda a família à humilhação,

o pai geralmente vigiava com muito cuidado os passos de uma filha solteira. □

**CASAMENTOS MISTOS** □ Atendendo as graves advertências feitas por Deus, os israelitas tinham muito cuidado em não macular sua pureza religiosa, casando-se com gentios. Mas geralmente havia muitos casamentos mistos entre o povo, com grandes prejuízos para eles. Isso aconteceu durante toda a história da nação. Moisés mesmo se casou com uma midianita (Êx 2.21). E o rei Salomão também estava sempre tomando por esposa mulheres estrangeiras, o que fazia parte dos acordos de paz que celebrava o país de origem delas (1 Rs 11.1). Mas, apesar disso, havia uma grande preocupação em proibir o casamento com indivíduos de outras religiões, e em se orientar o povo a esse respeito (Êx 34.15,16). Esses relacionamentos infalivelmente enfraqueciam a fé dos hebreus (Ed 9.1,2).

Contudo, a despeito de todas as tentativas para se manter pura a raça, houve certos eventos que dificultaram esse esforço — os exílios dos israelitas para a Assíria e Babilônia, por exemplo. O povo foi levado de sua terra para esses países e lá se casaram com gentios. Os samaritanos eram remanescentes do Reino do Norte que se casaram com estrangeiros transportados para Israel pelos assírios. Os filhos deles já não eram considerados israelitas.

A Bíblia condenava todos os tipos de casamento misto, mas mesmo assim houve muitas dessas uniões durante todo o período bíblico. No Novo Testamento, é condenado o casamento com incrédulos (2 Co 6.14,15). □

**A CERIMÔNIA NUPCIAL** □ Os judeus sempre gostaram muito de festas, festejos e comemorações bem elaborados. O casamento era motivo para festejos alegres, cheios de animação, que poderiam durar até uma semana ou mais. Havia casos em que parentes viajavam longas distâncias para assistirem ao evento, e todos os amigos e vizinhos concorriam à casa. Muitas vezes, os casamentos eram realizados no outono, após a colheita, para que pudesse ser assistido pelo maior número de pessoas possível.

As testemunhas, tanto do lado da noiva como do noivo, eram sempre em grande número. O noivo tinha por costume escolher um amigo para ser o seu “paraninfo” (Jz 14.20 — I. B. B.), que no Novo Testamento é chamado de “amigo do noivo” (Jo 3.29).

Antes do casamento havia o cortejo nupcial. A noiva saía de sua casa acompanhada das pessoas que formavam o seu grupo; o noivo vinha de outro lugar por ele escolhido. O destino era a casa do pai do noivo. Supõe-se, por isso, que era ele quem arcava com as despesas da festa. Os dois grupos eram constituídos de amigos de cada um, que iam tocando instrumentos musicais ou cantando e espalhando flores pelo caminho. Quase sempre, eles cantavam as tradicionais músicas de casamento, das quais, às vezes, constavam ver-

sos de amor de Cantares (3.6). É a esse cortejo que Jesus se refere ao narrar a parábola das dez virgens (Mt 25.1-13). A função delas era acompanhar o noivo à cerimônia.

A noiva, que geralmente era transportada numa liteira, ia sempre muito enfeitada, vestida com belos trajes e as jóias mais vistosas que o casal pudesse arranjar. Era comum eles passarem muitos meses preparando as roupas para essa ocasião especial. Tradicionalmente, a noiva tinha que usar um véu sobre o rosto, que só seria removido quando os dois estivessem a sós. Os convidados também usavam roupas festivas ou vestes nupciais (Mt 22.11).

A cerimônia nupcial era chamada de *huppah*, que significa "toldo". Era possível que a noiva e o noivo ficassem sentados debaixo de um toldo durante parte da cerimônia. Ao que parece, não havia a presença de um religioso ou juiz no casamento, sendo pois um paralelo da prática antiga observada por Isaque e Rebeca. (Ele simplesmente conduziu a noiva para a tenda de sua mãe, e assim se tornaram marido e mulher. Os votos matrimoniais e compromissos tinham sido feitos anteriormente — Gn 24.67.) O casal se colocava diante dos amigos e parentes que provavelmente recitavam passagens bíblicas ou textos da sabedoria tradicional. Mas em vez de uma cerimônia silenciosa e reservada, o grupo participava do evento com muita alegria e animação.

Depois então os noivos eram deixados a sós para consumir a união, em uma tenda ou quarto, previamente preparado para ser a câmara nupcial. E enquanto o casal consumava o casamento, os convidados continuavam a festejar. Tocavam instrumentos musicais, dançavam, cantavam e faziam jogos. Comida e vinho eram distribuídos em abundância.

E embora isso possa parecer estranho aos nossos olhos de ocidentais, algum tempo depois o casal saía da câmara nupcial trazendo as provas de que a noiva era virgem, e de que eles haviam se unido. Feito isto, os recém-casados se juntavam ao resto dos convidados, e as comemorações continuavam ainda durante sete dias ou mais, grande parte da festa sendo realizada do lado de fora. Foi numa dessas festas que pediram a Jesus para providenciar mais vinho (Jo 2.1-11).

A parábola das bodas narrada por Jesus nos dá mais algumas informações sobre um casamento em famílias ricas (Mt 22.1ss). Bois e novilhos cevados eram abatidos, pois geralmente se esperava que todos os convidados comparecessem. No caso dessa parábola, eles não apareceram, e o rei ficou grandemente encolerizado.

Entre eles havia o costume também de atirarem frutas e sementes para o alto à frente dos noivos. Isso era quase uma superstição, pois significava que estavam-lhes desejando felicidades e muitos filhos alegres e saudáveis. □

**AS ATITUDES PARA COM O SEXO NO RELACIONAMENTO CONJUGAL** □ Embora seja um pouco difícil entender a mentalidade dos israelitas do passado, bem como a dos primeiros cristãos, algumas das atitudes deles para com o sexo estão bem claras. Não sabemos o que se passava entre a média dos casais, mas podemos ter uma idéia.

Temos a tendência de ler a Bíblia enxertando nela nossos preceitos morais. Entretanto, parece que a linguagem das Escrituras, ao tratar do assunto, é muito mais aberta do que a da maioria das pessoas hoje. Voltaremos a falar sobre sexo em um capítulo posterior.

Sabemos que era a prática do ato sexual que selava o casamento. Após a cerimônia e a troca de presentes, a relação sexual era o que determinava que eles se encontravam realmente casados. O amor físico da noiva devia "atrair" e "embriagar" o marido (Pv 5.15-19). O leito nupcial devia ser sem mácula, protegido de influências externas (Hb 13.4,5). Isso pode ser uma decorrência do princípio bíblico de que o marido deveria ficar em casa durante todo o primeiro ano de casamento para dar "felicidade" à mulher (Dt 24.5).

Ao falar sobre o relacionamento conjugal, o apóstolo Paulo aconselha os casais a não se privarem um ao outro, pois já sabia das muitas dificuldades do relacionamento conjugal (1 Co 7.3-5). A seu ver, o homem que tivesse uma vida sexual satisfatória dentro de casa, teria mais forças para resistir às tentações que enfrentaria lá fora. □

**DIVÓRCIO** □ A questão da separação de um casal sempre foi um tanto nebulosa. O Velho Testamento estabelece uma regra geral (Dt 24.1), mas ela não resolve todos os problemas que podiam surgir. Portanto, no que tange à história bíblica, estamos a par de muitas coisas que aconteceram, mas não de como deveriam ter sido.

De modo geral, o casamento era considerado uma união para a vida toda, mas abriam-se exceções para casos especiais, como o citado em Deuteronômio 24.1. Mas durante muitos séculos se discutiu que exceções seriam essas.

Nos dias de Cristo, havia duas teses que eram largamente aceitas. A escola do rabi Shammai interpretava esse texto de Deuteronômio ensinando que o divórcio só era permitido em caso de adultério. Os seguidores do rabi Hillel acreditavam que a mesma passagem permitia que o marido se divorciasse da mulher por qualquer motivo. Alguns chegavam a ensinar que o homem poderia mandá-la embora até se ela deixasse queimar a sopa, ou se encontrasse outra que lhe agradasse mais.

Jesus também abordou essa questão, e desde então a igreja vem debatendo o assunto na tentativa de definir bem o que ele disse e o que quis dizer (Mt 5.27-32; 19.3-12; Mc 10.2-12; Lc 16.18). O temperamento e a formação de cada um de nós pesa muito quando interpretamos essas passagens, como ocorreu com os judeus, em relação



à interpretação de Deuteronômio 24. Contudo, acima de nossos preconceitos e sentimentos pessoais deve estar o desejo de fazer uma interpretação séria e honesta, seja qual for o texto focalizado.

Sabemos que nos dias de Jesus, pelo menos teoricamente, os homens tinham liberdade quase ilimitada para se divorciar da esposa. Mas a mulher, por seu lado, não dispunha de quase nenhuma força para dar início a um processo de divórcio. Alguns estudiosos concluem que, devido a essas atitudes, pode ter sido elevado o número de divórcios nesse período; outros já acreditam que eles eram poucos. É possível que fossem realmente poucos porque, ao contrário do que ocorre hoje, as pessoas não se casavam com grandes expectativas de felicidade no casamento. Além disso, mantinham um relacionamento muito estreito com a família do cônjuge, o que provavelmente contribuía para diminuir as probabilidades de separação. Em geral seus familiares lhes ofereciam apoio emocional, o que fortalecia bastante a união. Além disso, se o casamento fracassasse, eles se sentiriam bastante frustrados.

O fato é que enquanto muitos homens nem pensariam na possibilidade de se separar da esposa, outros viviam procurando meios de se livrar dela. Na época de Jesus, quando um casal se divorciava, o marido tinha que dar à mulher uma carta de divórcio. Isso dava a ela o direito de se casar de novo. E quando se separavam, o marido tinha que devolver parte do dote, conforme fora estabelecido por ocasião do casamento.

Evidentemente, os casos de divórcio eram raros entre os israelitas, mas muito comuns entre os romanos. □

**O AMOR** □ Será que nas sociedades antigas, onde o casamento era arranjado por outrem, os casais se amavam ou aceitavam a relação por pura conveniência? Não é errado afirmar que havia amor em muitas famílias. A Bíblia contém afirmações nesse sentido (Ec 9.9), dando evidências disso (a afeição de José por Maria, etc.). Contudo, devemos ter cuidado para não revestir aquela sociedade de uma falsa aura de romantismo. É possível que muitos casais não se amassem.


O conceito de amor daquela época era bastante diferente de algumas das noções que temos em nossos dias. Enquanto hoje é muito comum os jovens se "amarem" primeiro, naquela ocasião a crença era de que depois que se casassem viriam a amar-se. Isso é comprovado por mandamentos bíblicos para que eles se amem (Ef 5.25). Para eles, o amor era uma questão de decisão pessoal e o sentimento estava sob o controle de cada um. Encarando o amor dessa forma, eles tinham grandes possibilidades de acertar o relacionamento. Jesus achava que mesmo que um dos cônjuges fosse infiel, o outro poderia perdô-lo e tomar a deliberação de voltar a amá-lo (Mt 19.8,9).

---

## CAPÍTULO 9

---

# O SEXO



**A**o que parece, a média dos casais nos tempos antigos tinha uma vida sexual normal, saudável, satisfatória. Infelizmente, a maior parte das vezes em que a Bíblia aborda a questão do sexo, focaliza o lado problemático dele.

É provável que alguns dos assuntos que hoje nos preocupam não constituíssem questões sérias durante os tempos bíblicos. Os escritores bíblicos não mencionam, por exemplo, o problema da masturbação, pois o período de espera entre a puberdade e o casamento era muito pequeno.

A atitude das pessoas para com o sexo variava muito de acordo com a época e com as circunstâncias. Os israelitas sofreram grandes pressões no sentido de adotarem as práticas hedonistas a que a idolatria normalmente estava associada. Houve ocasiões em que eles cederam, e Deus os castigou severamente. Entretanto, suas leis e sistemas de valores rejeitavam essa forma de vida em que o prazer era o supremo objetivo da existência. Por causa disso, os israelitas estavam sempre censurando e repudiando a devassidão.

Mas, apesar de todas as dificuldades relacionadas com o sexo, eles não tomaram a posição extrema oposta; rejeitaram também o ascetismo. Compreenderam que embora não pudessem deixar que o prazer sexual os dominasse, também não poderiam ignorá-lo. Embora não houvesse uma educação sexual formalizada, eles tinham muitas oportunidades de conversar sobre o assunto. A questão da circuncisão, por exemplo, bem como alguns outros textos bíblicos que eles liam com freqüência, exigiam alguns esclarecimentos. □

**EUFEMISMOS** □ Em alguns pontos os autores bíblicos parecem um pouco ousados em relação ao nosso modo de falar. Mas, em outros, parecem relutantes em mencionar diretamente a prática sexual. A Bíblia usa largamente termos como "seios" e "ventre"; mas parece evitar os vocábulos que designam os órgãos genitais. Outras questões abordadas com certa freqüência são a concepção, a gravidez e o parto. A palavra "prepúcio" também é muito empregada devido à grande importância da circuncisão para o povo. O vocábulo

“lombos” pode designar toda a parte inferior do corpo, mas em alguns textos refere-se aos órgãos genitais (Gn 35.11 – I. B. B.).

Paulo também faz uso de muitos eufemismos, ao descrever as partes do corpo, comparando-as ao corpo espiritual. Quando fala dos órgãos que “não são decorosos” parece estar-se referindo aos genitais e aos de excreção (1 Co 12.23,24).

Outro termo cujo emprego não está muito claro é “pés”. Em vários textos o sentido dele é literal, mas em outros parece ser uma referência aos órgãos genitais. Algumas versões contêm a expressão “cobrir os pés” que significa “defecar” (Jz 3.24; 1 Sm 24.3). Existe também uma grande divergência de opiniões quanto ao sentido da palavra “pés” na história de Rute (3.4-7).

Geralmente quando a Bíblia menciona a questão da prostituição masculina cita o fato diretamente, em termos claros. Mas há casos em que usa a expressão “sodomia”, que obviamente é uma referência aos sodomitas (Dt 23.18). Isso parece indicar que a principal função do prostituto (homem) era manter relação sexual com homens, embora às vezes se relacionasse com mulheres.

A expressão “uma só carne” empregada por Paulo (Ef 5.31), encontrada também em outras passagens, designa claramente a união física, o ato sexual. Outras palavras usadas com o mesmo sentido são “conhecer” e “amar”.

A palavra “carne” às vezes indica o desejo ou o ato sexual. Contudo, de um modo geral, o sentido dela é mais amplo, sugerindo qualquer experiência no plano físico, em contraste com a espiritual. □

**SEXO NO CASAMENTO** □ O ato sexual praticado entre marido e mulher tinha duas finalidades: gerar filhos e proporcionar-lhes prazer. Os judeus não viam o sexo como um problema, nem como um fardo.

A abordagem do assunto feita por Paulo é altamente esclarecedora (1 Co 7.1-7), pois ele argumenta que o casal devia manter relações sexuais regularmente. E não só a mulher tinha o dever de proporcionar prazer ao marido, mas este tinha também a responsabilidade de dar prazer a ela. Ele recomendava um certo domínio próprio, mas reconhecia a necessidade de as pessoas terem satisfação física. Isso demonstra que o sexo era visto também como fonte de prazer. Então os casais muitas vezes desfrutavam do prazer sexual sem a intenção de gerar filhos, sem nenhum sentimento de culpa. Isso era muito importante para eles, se levamos em consideração as grandes tentações sexuais a que estavam expostos em contato com as culturas vizinhas. O texto dá a entender também que a mulher podia perfeitamente admitir sua necessidade de ter um relacionamento sexual. Paulo fala disso como de coisa normal, e ensina que o homem sábio deveria atender aos desejos de sua esposa.

O livro de Cantares apresenta expressões e imagens sexuais bastante ousadas. Quem lê essa obra vê-se diante de descrições dos detalhes íntimos de um casamento. O autor admira os seios de sua amada (4.5; 7.3-7), e fica fascinado com seus doces beijos (4.11). Ela, por sua vez, aprecia os afetuosos abraços dele (8.3), o seu falar doce (5.16) e suas pernas (5.15).

Esse livro, de conteúdo tão sensual, fala da experiência sexual de forma muito aberta e franca, e era aceito como obra da cultura judaica.

A Bíblia contém algumas diretrizes para o sexo no casamento, que também foram ensinadas aos cristãos primitivos. Os casais deveriam exercitar domínio próprio de modo que pudessem desempenhar suas responsabilidades normais. Paulo, por exemplo, reconhece que o casal tem o direito de se abster do sexo para se dedicar inteiramente à oração. Ele ensina também que o indivíduo não deveria utilizar o sexo apenas para sua satisfação pessoal, mas cada um tinha o dever de atender às necessidades do seu cônjuge (1 Co 7.1-7).

A Bíblia não impõe restrições à maneira como o casal deve praticar o ato sexual. Não há proibições nem prescrições sobre a prática sexual das pessoas casadas. □

**A PROSTITUIÇÃO ASSOCIADA À RELIGIÃO** □ As religiões pagãs das culturas vizinhas, que várias vezes contaminaram os israelitas, costumavam promover algum tipo de prostituição cultual, que geralmente estava associada com o conceito de fertilidade. Quando um agricultor queria obter colheitas mais fartas ou rebanhos mais produtivos precisava recorrer aos deuses da fertilidade. Se uma mulher desejasse ter filhos, e não os tinha, teria que fazer o mesmo. E uma das formas de agradar a esses deuses era manter relações sexuais com as prostitutas ou prostitutos que se encontravam no templo para esse fim. Embora isso possa parecer muito estranho, o fato é que essa prática era bastante comum, e durou até os tempos do Novo Testamento. E muitas vezes ela foi associada também ao culto de Jeová.

Os israelitas tinham contato com prostitutas cultuais já no início de sua história como nação. No sinistro relato da morte de Zimri, filho de Salu (Nm 25.1-8), lemos que Zimri, um israelita, levou uma midianita para participarem dos ritos sexuais na tenda. Quando o sacerdote Finéias ficou sabendo do que estava-se passando, foi à tenda e, num único golpe, atravessou os dois com uma lança.

As cerimônias pagãs às vezes se tornavam tumultuadas e sangrentas. Bebia-se muito vinho, como tributo a Baal, pedindo-lhe boas colheitas. Havia também sacrifício de crianças ao deus Moloque ou a Quemós, um deus moabita.

Além de cometer a devassidão simplesmente pelo prazer de fazê-

lo, os povos que praticavam esses atos religiosos pareciam crer que eles de fato tinham efeitos positivos. Já se encontraram muitas imagens de deuses da fertilidade. Algumas dessas esculturas eram representações de mulheres grávidas, e provavelmente ficavam na casa daqueles que as adoravam. Outras figuras representam mulheres segurando o seio.

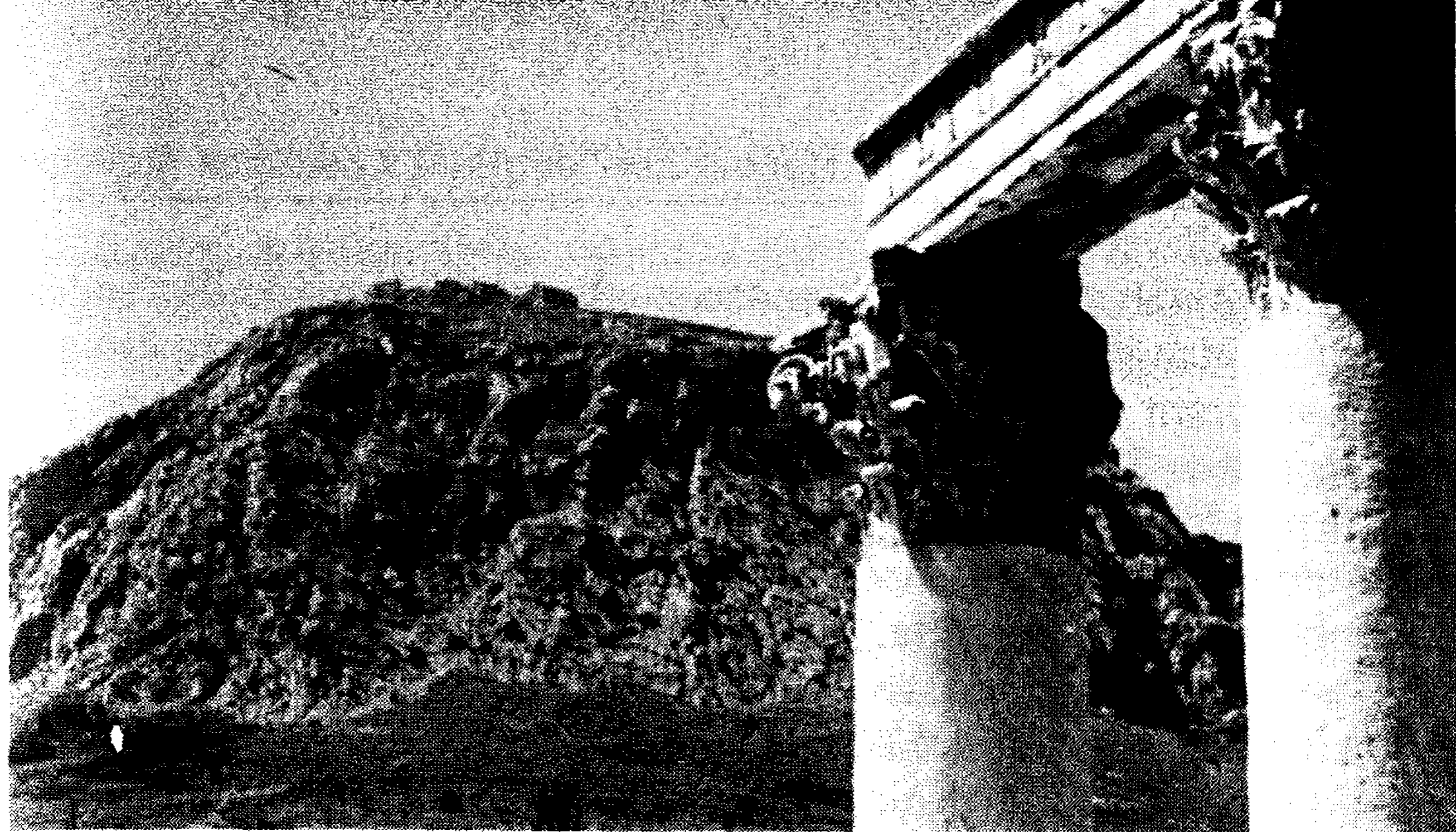
Uma das razões por que Deus mandou que os cananeus fossem exterminados era justamente sua religião maligna. Mas como Israel não executou a ordem, esse povo continuou a praticar livremente sua religião e em várias ocasiões corrompeu a vida religiosa dos judeus com ela. O povo de Israel era constantemente tentado a adotar a prostituição em sua prática religiosa, apesar de a lei proibi-la expressamente (Dt 23.17,18).

Durante a época dos juizes, por exemplo, os israelitas adotaram muitas das práticas cruéis e imorais dos cultos de fertilidade (Jz 8.33). Mas isso foi apenas o começo do seu processo de desobediência. Mais tarde, metade da tribo de Manassés abraçou a religião da prostituição (1 Cr 5.25). Os filhos de Eli se deitavam com mulheres que serviam à porta da tenda da congregação (1 Sm 2.22), e que talvez fossem prostitutas. No reinado de Roboão, rei de Judá, havia homens que se prostituíam, cuja atividade era associada aos templos devotados ao culto da fertilidade (1 Rs 14.23,24). E durante toda a sua história, em várias ocasiões, Israel se envolveu no culto a Baal, que em muitos casos incluía a prática da prostituição (2 Cr 33.3).

Nem todos os israelitas participavam desses cultos pagãos, mas todos estavam cientes da existência deles. Houve vários reis justos que realizaram reformas religiosas e acabaram com grande parte dessa atividade (1 Rs 15.12; 22.46; 2 Rs 23.7). Mas nenhum deles conseguiu resultados permanentes (Ez 16.5-58). E até nos dias de Cristo e nos de Paulo, ainda se praticavam alguns desses cultos ímpios em várias partes do mundo. Diz um histo-



Esta figura de um pé entalhado no calçamento de uma rua de Éfeso indica que a casa para a qual ele está apontando é um bordel. EVTS



O Acro-Corinto tem uma altura de 450 metros acima do nível da cidade de Corinto. No alto desse penhasco, ficava o templo de Afrodite, a deusa do amor, onde havia mais de 1000 prostitutas cultuais, a serviço da decadente população dessa cidade. TW

riador que todas as mulheres tinham que passar algum tempo em um templo prostituindo-se em honra a Vênus.

Na época em que Paulo escreveu à igreja de Corinto, havia mil prostitutas no templo da deusa Afrodite, na acrópole da cidade. E a grande prosperidade financeira do lugar se devia em larga escala à popularidade desse culto. A reputação da cidade nesse particular era tal que o termo "mulher de Corinto" passou a ser sinônimo de prostituta. Por isso, quando o apóstolo escreveu aos crentes desse lugar, sabia que estava-se dirigindo a pessoas que antes viam o sexo como uma forma de divertimento, sem conotações morais, e sem outra importância maior do que a de qualquer atividade física. E o ensinamento de que o homem que se unia a uma prostituta estava-se maculando constituía um conceito totalmente novo para eles (1 Co 6.15,16). Foi pelo fato de a prostituição ser tão generalizada que os pais da igreja recomendaram aos crentes novos que se abstivessem da imoralidade (At 15.29). É que os gentios daquela época não consideravam imorais muitos dos atos que hoje consideramos. □

**O HOMOSSEXUALISMO OU SODOMIA** □ A História mostra que o homossexualismo é quase tão velho quanto a humanidade, e que foi muito praticado durante o período bíblico. Sabendo-se que nas nações vizinhas do povo de Israel havia tanta atividade sexual, principalmente nos templos pagãos, não temos dúvida de que os hebreus não desconheciam a questão. Os escritores bíblicos parecem preocupar-se principalmente com o homossexualismo que era associado ao culto religioso, já que era essa a forma básica em que eles tomavam contato com tal prática. Hoje em dia ele não está mais relacionado diretamente com atos religiosos.

Nas Escrituras, às vezes o homossexualismo é chamado de "sodomia", que deriva dos nomes das cidades de Sodoma e Gomorra (Gn 18 e 19), que foram destruídas porque Deus não conseguiu encontrar ali nem dez justos (18.32). É possível que o termo "justo" aí designe pessoa que não fosse homossexual, já que no capítulo seguinte o pecado focalizado é justamente esse (19.5). Provavelmente, o homossexualismo praticado em Sodoma, que constituiu um dos males da localidade, estivesse associado ao culto pagão, à prostituição cultual, que é mencionada em toda a Bíblia.

O autor de Deuteronômio achou necessário advertir os hebreus, tanto homens quanto mulheres, que evitassem esse tipo de culto (Dt 23.17), mas durante o reinado de Roboão passaram a existir templos nos outeiros, que empregavam prostitutas cultuais (1 Rs 14.24). E assim a prática se incorporou à vida dos judeus. Mas, mais tarde, o rei Asa começou a remover essa atividade (1 Rs 15.12). Contudo, os homossexuais só foram exterminados totalmente no reinado de Josafá (1 Rs 22.47). Mas reapareceram no tempo do rei Josias.

Quando Paulo condena o homossexualismo masculino ou feminino (lesbianismo), ele também parece estar-se referindo a um ato religioso, que sem dúvida estava bastante difundido (Rm 1.23,24; 1 Co 6.9). O comentarista Barclay afirma que o Império Romano era tão corrompido que os escritores romanos se achavam desesperançados quanto ao seu futuro. Conta-se que até mesmo a imperatriz Agripina, mulher de Cláudio, mãe de Nero, certo dia, sentindo-se muito entediada, resolveu sair do palácio naquela noite e ir divertir-se num bordel próximo. Existem algumas evidências de que vários dos primeiros imperadores eram homossexuais. Mais tarde, o imperador Domiciano (81-96 A. D.) tentou reduzir um pouco a prática, aplicando uma multa de dez mil sestércios a quem praticasse atos homossexuais.

Deus havia proibido aos hebreus usar vestimentas do sexo oposto (Dt 22.5). Hoje não sabemos muito bem quais eram as diferenças entre o vestuário masculino e o feminino. □

**A NUDEZ** □ Os judeus se vestiam com recato, e consideravam a nudez algo degradante. Talvez não houvesse uma lei específica proibindo-a, mas, de modo geral, o povo menosprezava a nudez. Um dos atos de humilhação infligidos aos prisioneiros de guerra era justamente despi-los na ocasião de repatriá-los (Is 20.4). Certa vez, o rei Hanum, para demonstrar sua rejeição aos servos de Davi, cortou as roupas deles à altura das nádegas para envergonhá-los (2 Sm 10.4). Sem e Jafé também manifestaram desprazer ao saber que seu pai, Noé, se embebedara, e estava nu (Gn 9.21-23). Isso ocorreu após os dias passados na arca.

Contudo, parece que tampouco havia um pavor irracional em relação à nudez como o que alguns revelam hoje. Vemos a experiência

de Isaías, a quem Deus ordenou que andasse despido e descalço, como sinal da destruição que ocorreria (Is 20.2-4). Ele andou assim três anos, e como a nudez, de um modo geral, desagradava ao povo, seu gesto causou grande impacto.

A questão da nudez se tornou mais problemática em relação aos jogos gregos. Havia grande controvérsia entre os judeus a respeito da participação dos jovens nas competições esportivas já que os atletas atuavam nus. □

**INCESTO** □ Durante toda a história de Israel, vemos casos de casamento entre pessoas de parentesco próximo. Geralmente os hebreus assimilavam os usos das nações vizinhas.

Paulo aborda um caso de incesto em sua carta aos coríntios. Um homem estava vivendo maritalmente com a mulher de seu pai (1 Co 5.1). Ele repreende a igreja por não ter ficado chocada com o fato e não haver excluído esse homem de seu grupo imediatamente.

Entretanto, os casos de incesto eram muito raros entre os cristãos, entre os judeus e até mesmo entre os pagãos. Aliás, pela lei romana uma união como a que Paulo menciona era proibida. Sabemos que os imperadores se casavam com quem bem entendiam, mas o povo considerava isso uma afronta.

No Velho Testamento, temos a história de Amnon, que seduziu e estuprou sua meio-irmã Tamar, que relutou em ceder ao desejo dele. E assim o jovem cometeu incesto, entre outros crimes. Quando o rei Davi soube do fato, ficou furioso; e Absalão não mais conversou com o irmão depois disso (2 Sm 13).

A lei bíblica proíbe relações conjugais de natureza incestuosa (Lv 18.6ss; Dt 22.30). Uma das poucas exceções era o levirato, o casamento de um homem com a viúva de seu irmão. Se alguém violasse essas leis poderia até ser morto. É evidente, porém, que os primeiros descendentes de Adão e Eva casaram entre si, irmão com irmã. Durante o período dos patriarcas, também, era comum escolherem-se para cônjuge primos e primas em primeiro grau. □

**PERVERSÕES** □ Os hebreus tinham verdadeiro pavor da idéia de um ser humano ter relação sexual com animais. É possível que essa aversão tivesse raízes no desprezo deles pela mitologia pagã, onde há vários casos de práticas sexuais de seres humanos e animais. Além disso, eles tinham grande respeito pelo propósito de Deus na criação. A perversão sexual é severamente condenada nas Escrituras. Quem praticasse tais atos poderia até ser morto (Êx 22.19). □

**ESTUPRO** □ A Bíblia contém três leis principais que tratam da questão do estupro.



1. Se um homem forçasse uma jovem no campo, longe de sua casa, ele deveria ser morto (Dt 22.25-27).

2. Se forçasse uma mulher casada ou desposada, também deveria ser executado.

3. Se forçasse uma virgem, tinha que pagar 50 siclos de prata, depois casar-se com a jovem, e nunca poderia divorciar-se. □

**O CASO DE ONÃ** □ Algumas pessoas gostam de criar normas para o comportamento sexual a partir da história de Onã (Gn 38.1-11). É a maioria delas faz interpretações errôneas. O irmão de Onã havia morrido, e sua mulher, Tamar, não tivera filhos. Judá, o pai dele, ordenou-lhe que cumprisse o levirato, isto é, que se casasse com Tamar, para que ela tivesse filhos. Onã obedeceu parcialmente, pois quando tinha relação sexual com ela deixava o sêmen cair na terra, para evitar que ela engravidasse. E Deus o matou por causa dessa desobediência. Mas esse castigo lhe foi aplicado por causa de sua recusa em obedecer o mandamento relacionado com o levirato, e não tem nada que ver com masturbação, coito interrompido ou qualquer outra prática sexual. □

**A MENSTRUÇÃO** □ A lei mosaica considerava a mulher impura durante o tempo em que estivesse menstruada. Não sabemos até que ponto essa atitude dos hebreus era ocasionada por razões de higiene, ou até onde era uma decorrência dos mitos de fertilidade dos povos gentios. Mas havia normas que regulavam a conduta do casal nesse período. Eles eram proibidos de manter relações sexuais durante aqueles sete dias (Lv 18.19). Havia normas relacionadas até mesmo com os móveis da casa. Se ela tocasse em algum objeto ou se sentasse sobre alguma coisa, esse objeto seria considerado impuro, e quem encostasse nele também era considerado impuro (Lv 15.19-24). □

**A LASCÍVIA** □ O domínio próprio é um dos temas mais debatidos na Bíblia, e um dos impulsos que deve ser controlado é justamente a concupiscência. Esse termo significa forte desejo. Nas culturas antigas, como ocorre hoje, havia inúmeros apelos para que as pessoas se entregassem ao desejo sexual ilícito. Jesus advertiu a seus seguidores para não caírem nessas ciladas (Mt 5.28). □

**O ADULTÉRIO** □ Como acontece a outros temas bíblicos, temos mais conhecimento sobre o que a lei dispunha com relação a esse assunto, do que sobre a atitude do povo para com ele. Mas já que havia muitas prostitutas em Israel, podemos concluir que existia também atividade sexual extraconjugal em certa medida. Contudo, é pouco provável que as pessoas que cometiam adultério fossem executadas por isso.

Pela legislação do Velho Testamento, a mulher acusada de adultério deveria ser submetida a um teste meio incomum para se determinar se era culpada ou não. O sacerdote deveria misturar um pouco de pó do assoalho do tabernáculo numa vasilha de água santa (Nm 5.16-31). Em seguida, ele declararia que, se a mulher fosse culpada, depois de beber a água, as coxas descairiam, o ventre incharia, e ela sofreria terrivelmente (v. 24). Provavelmente, ela se tornaria estéril. Se fosse inocente, porém, nada de mal lhe aconteceria, e poderia ter filhos. Esperava-se que Deus operasse nesse processo garantindo um resultado justo.

Mas não havia um teste desses para os homens. Contudo, se um homem fosse surpreendido em adultério com a esposa de outrem, ambos tinham que ser executados (Dt 22.22).

Se não houvesse essas prescrições acerca da fidelidade conjugal, teria sido muito difícil para a cultura israelita manter a união familiar. Ao nascer uma criança, era muito importante que o casal tivesse certeza de que o marido era o pai dela, e que as dúvidas fossem esclarecidas. Isso era melhor do que deixar a situação na incerteza. Assim sendo, a vida conjugal tinha seus limites bem definidos. Mas, apesar de tudo, ainda houve homens como Davi, que se dispôs até a cometer assassinato, a fim de violar essas restrições.

Nos dias de Cristo, a mentalidade do povo com relação ao adultério havia se modificado bastante. Isso se deveu em parte à influência de outras nações. Os judeus já não consideravam o problema uma questão de vida e morte, e não mais executavam quem cometesse adultério.

Até certo ponto foi por causa disso que o incidente de Jesus com a mulher que fora surpreendida em adultério foi tão significativo para os interessados. Como a lei do apedrejamento constava do seu código moral mas não era aplicada, qualquer resposta que Jesus desse teria provocado controvérsia. E quando ele sugeriu que quem não tivesse pecado atirasse a primeira pedra, esvaziou a questão, e obrigou os acusadores a se retirarem envergonhados. (Existem poucas evidências que comprovam a autenticidade dessa passagem, pelo que alguns estudiosos acreditam que não pertencesse ao cânon original.)

Com seu ensinamento sobre a doutrina do adultério, Jesus nos deu subsídios para formarmos opinião sobre a questão. Mas sua orientação fica prejudicada pela séria divergência que existe entre os cristãos ao fazer a interpretação dela. Ao que parece ele ensina que um homem pode divorciar-se de sua mulher se ela cometer adultério (Mt 5.31,32). Ao expressar esse ponto de vista, ele ofereceu uma válvula de escape para se abolir a execução dos culpados. Então, em vez de tomar uma atitude mais drástica, o marido ultrajado poderia divorciar-se da esposa, para se poupar da humilhação. Mas em outro

texto, ele sugere que o casal deveria permanecer junto, apesar do problema (Mt 19.8,9). Ao dizer isso, ele defende a tese de que o perdão tem o poder de restaurar um relacionamento em crise. □

## **AS RELAÇÕES SEXUAIS PRÉ-CONJUGAIS**

□ Para as famílias israelitas e mesmo para os jovens, a castidade pré-conjugal era de extrema importância. Por lei, a jovem tinha que comprovar sua virgindade na noite de núpcias (Dt 22.15). É possível que naquela época fosse mais fácil para as moças manterem-se virgens até o casamento, já que se casavam muito novas e, portanto, o período de espera entre a puberdade e o casamento era relativamente curto.

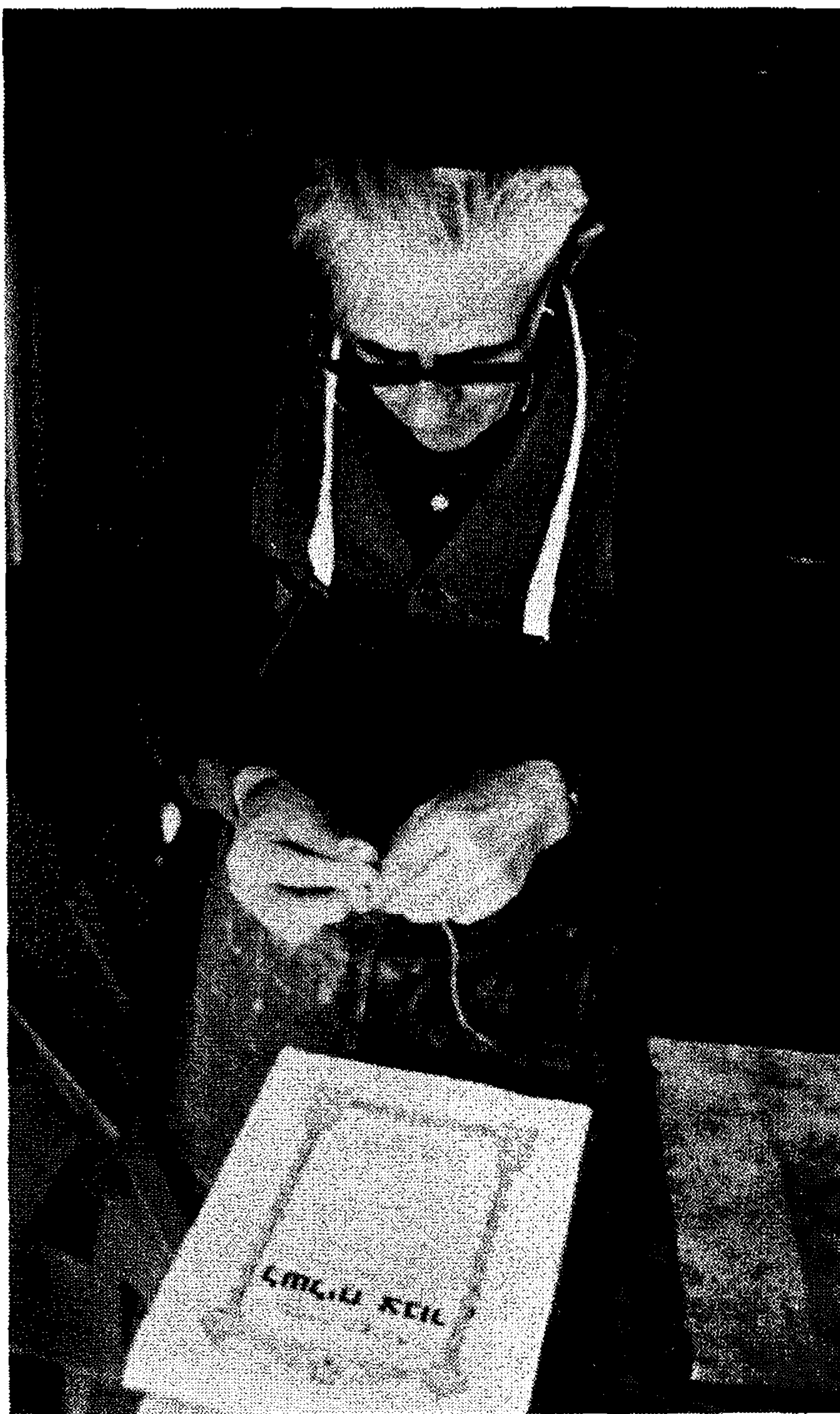
Quando Paulo reprova a impureza (1 Co 6.9) usa um termo de sentido geral compreendendo todas as formas de imoralidade sexual.

# ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

O impulso básico do povo de Israel na busca do conhecimento era um forte desejo de seguir a Deus. Eles reconheciam que se quisessem comunicar sua fé de uma geração para outra, teriam que saber ler. Muitos dos líderes do povo consideravam sua história e leis da mais elevada importância para eles.

Por causa disso, talvez não tivessem um maior interesse por outras áreas do conhecimento como era o caso de outras nações da época. Israel tinha pouco ou quase nenhum apreço pela filosofia antiga ou mesmo de seu tempo, e sua inclinação para matemática ou engenharia também não era grande.

No Israel de hoje existe um grande desejo de saber, e um forte interesse por livros. Este encadernador exerce sua profissão na encantadora localidade de Safede, uma cidade antiga, cujas ruas são calçadas de pedras. O primeiro livro impresso em hebraico foi feito aqui, em 1578. Durante muitos anos Safede foi o centro do saber na Galiléia. TW



É verdade que muitos judeus, principalmente por volta do primeiro século, recebiam uma boa educação no terreno das letras e filosofia, graças à influência das culturas babilônica, grega e romana. Mas, ainda assim, consagravam a maior parte de suas energias à preservação de sua herança religiosa. E como a educação era essencial para se alcançar esse objetivo, eles a valorizavam bastante. Já no início de sua história eram um povo alfabetizado, graças a um alfabeto simples. À época da liderança de Josué, o povo já dominava a leitura.

Às vezes temos a tendência de supor que os povos que viveram há 2.000 anos eram bastante incultos. Isso é verdade com relação a algumas áreas do conhecimento, mas o fato é que eles tinham bom domínio em outras, e aplicavam muito bem esse saber. Os judeus do primeiro século eram um povo inteligente, com forte senso de apreciação da cultura. □

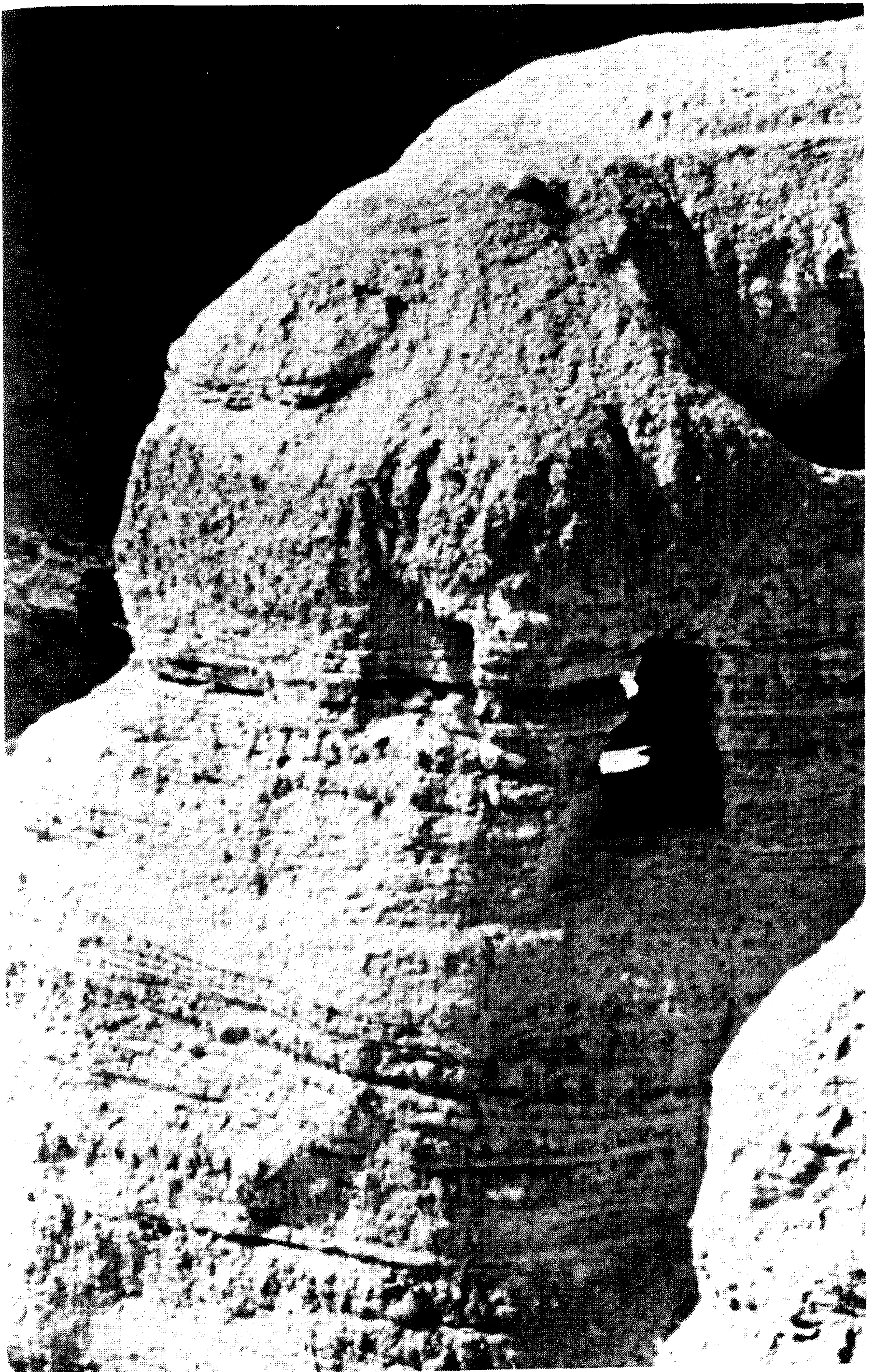
**BIBLIOTECAS** □ Os povos do Velho e Novo Testamento eram alfabetizados, e davam um enorme valor aos estudos e à literatura. Demonstravam profundo respeito pelos rolos e manuscritos (os livros da época), o que está evidenciado claramente através da história. O mesmo acontecia em muitas das nações vizinhas. Havia dezenas de milhares de livros, que eram bem manuseados.

Se definirmos biblioteca como uma coleção de livros, então podemos afirmar que havia inúmeras bibliotecas na época. Muitas das coleções descobertas são na verdade uma espécie de arquivo,

onde se guardavam cartas, contratos, obras de história e de literatura. Provavelmente não correspondessem ao nosso conceito moderno de biblioteca, mas o fato é que existiam muitos livros, e eles eram lidos. O grande volume de documentos, cartas, registros de transações comerciais



Esta placa é uma reprodução do mais antigo catálogo de biblioteca de que se tem notícia. Nele estão registradas 62 obras literárias sumérias existentes na Babilônia, entre os anos 2000 e 1500 A. C. EVTS



Esta é a caverna n.º 4, de Qunrã, que fica na margem noroeste do mar Morto, cerca de cinco e meio quilômetros ao sul de Jericó. Aqui, em 1948, um pastor encontrou um grande tesouro para os estudiosos da Bíblia: alguns potes de barro contendo os famosos pergaminhos do mar Morto.

encontrados nos dá razões para crer que havia um número bem maior do que o que foi descoberto nas escavações.

A mais antiga biblioteca já descoberta pertencia a Sargão, rei da Assíria, que governou de 722-705 A. C. (Is 20.1). Nessa escavação foram encontrados cerca de 25.000 volumes. O rei Assurbanipal (662 A. C.) possuía uma coleção de 20.000 placas escritas. A imensa biblioteca de Nippur, que existiu 400 anos antes de Cristo, continha 50.000 volumes. A de Alexandria, no Egito, do ano 246 A. C., possuía, segundo estimativas, cerca de 250.000 volumes. A criação dessa biblioteca foi fruto do interesse de Ptolomeu.

Sob o domínio dos romanos, parece que as bibliotecas foram se multiplicando e sendo mais bem organizadas. Nesse período também começaram a surgir as salas de leitura.

Evidentemente, os pergaminhos encontrados junto ao mar Morto pertenciam à biblioteca dos essênios. Quando o imperador Tito arrasou Israel nos anos 66 a 70 A. D., alguém os colocou em potes e escondeu numa caverna. A descoberta dessa biblioteca trouxe uma grande contribuição para os estudos bíblicos mais recentes, pois ela veio comprovar a autenticidade de muitos dos manuscritos do Velho Testamento.

Não existe menção de bibliotecas como tal no Novo Testamento, mas encontramos ali muitas referências a livros, e parece que os apóstolos eram bibliófilos (2 Tm 4.13). □

**ALFABETIZAÇÃO** □ Temos boas razões para crer que a maioria do povo de Israel sabia ler e escrever. Desde os primórdios

de sua história, eles devem ter dado muita importância a esse conhecimento, pois tinham um alfabeto fácil, recebiam ensino em casa, tinham escolas e davam grande valor à lei escrita.

Os arqueólogos têm encontrado evidências claras da existência de escolas em Ur, no Egito e na Mesopotâmia, nos dias de Abraão. Foram descobertas placas de barro com exercícios de aritmética, gramática e geometria. Nessas escolas se formavam escribas profissionais.

A aplicação com que os israelitas estudam o "Tora" fez com que ficassem conhecidos como "o povo do livro".

TW



Parece que, em Israel, desde o princípio, nunca houve muita dificuldade em se encontrar pessoas que soubessem ler e escrever. Sabemos que foi Moisés quem leu para a nação o livro da aliança (Êx 24.7), mas as pessoas comuns também sabiam ler. Todos teriam de escrever a lei nos umbrais da casa (Dt 6.9). Josué também não teve dúvidas quanto à possibilidade de encontrar facilmente três homens de cada tribo que soubessem traçar gráficos da terra prometida (Js 18.4,8,9).

Na época do Novo Testamento, muitas famílias possuíam exemplares do Tora, e os pais ensinavam a lei regularmente a seus filhos, portanto deveriam saber lê-la. Não seria errado supor que o índice de analfabetismo em Israel e mesmo nas nações vizinhas fosse bem baixo. O fato de o cristianismo haver se espalhado com tanta rapidez deveu-se em parte a isso — a maioria do povo sabia ler não apenas em sua língua nativa mas também grego e latim. □

**OS PRECEPTORES** □ Algumas famílias gregas, e depois também as romanas, tinham escravos encarregados de cuidar dos filhos do sexo masculino. Não se sabe claramente qual era a tarefa desses escravos, mas de modo geral eram encarregados da educação dos garotos.

Em muitos casos, isso significava que tinham de levar o menino para a escola, e buscá-lo depois. Outros, além de fazer isso, tinham de complementar os estudos dele. Já outros, eram como professores particulares, que se encarregavam de toda a formação escolar da criança.

Paulo emprega essa palavra quando fala do papel da lei em nossa salvação. Diz que ela foi uma espécie de mestre ou tutor que nos levou a Cristo (Gl 3.24,25). Utiliza a mesma palavra também quando esclarece o relacionamento dele com os crentes de Corinto (1 Co 4.15). □

**AS ESCOLAS** □ Não temos muitas provas da existência de escolas no início da história do povo de Israel. Contudo, há muitas indicações de que antes mesmo da época de Moisés existia alguma forma de ensino, pois nos dias de Abraão as pessoas já sabiam ler e escrever. Está claro também que havia algum tipo de aula. A questão principal que se desconhece é se essas aulas eram ministradas apenas a uma pequena elite, ou se as pessoas comuns tinham acesso a elas.

O Calendário de Gezer, que data da época de Salomão (mais ou menos 925 A. C.), apresenta fortes evidências de que nessa ocasião já existia a educação escolar. Macalister encontrou uma pequena placa de pedra calcária medindo cerca de 10 cm x 8 cm, que fora utilizada e depois raspada para ser usada de novo. Nela estava gravada uma descrição das temporadas de colheita dos israelitas. Acredita-se que placas desse tipo eram usadas pelas crianças israelitas em seus estudos.

É provável que as escolas que havia em Israel no passado se destinassem apenas às classes altas. As crianças do povo em geral estu-

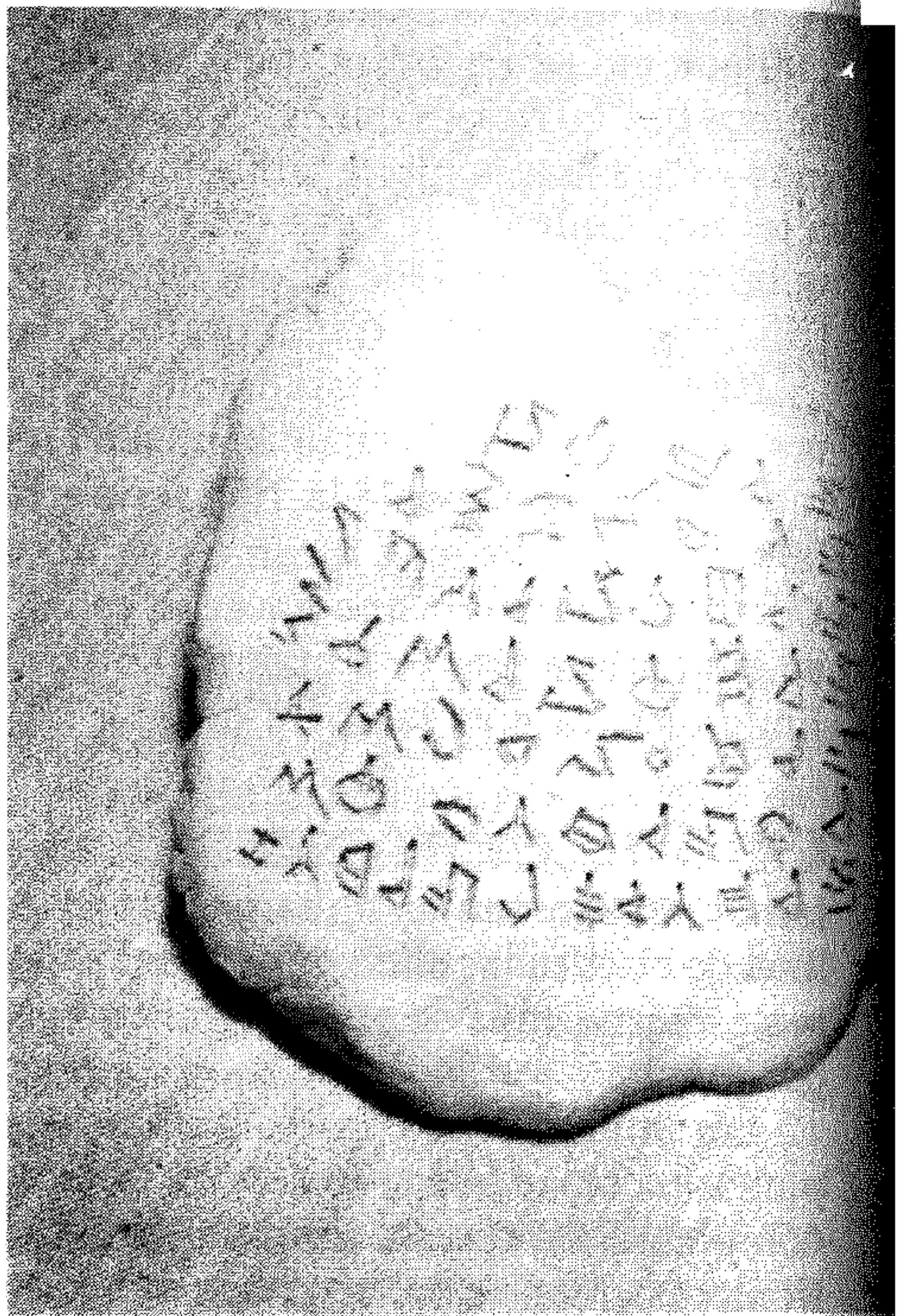


davam em casa, com o pai, que lhes transmitia as leis de Deus. E ele lhes ensinava tão bem que depois eles passavam o mesmo ensinamento aos seus próprios filhos.

Mais ou menos entre o exílio babilônico e o século IV A. C., começou a surgir um outro tipo de escola. Alguns acreditam que essas instituições tenham sido criadas pelo mesmo grupo religioso que mais tarde daria origem ao farisaísmo. A língua hebraica estava sendo substituída pelo aramaico, e o ponto central da religião estava deixando de ser o templo para ser a lei. Então é possível que tais líderes religiosos tenham fundado essas escolas, que provavelmente eram semelhantes às nossas escolas dominicais, por temer que no cativeiro os filhos perdessem as tradições da fé e da história israelitas.

Sabemos que Esdras preparou escribas para exercerem a função de mestres da lei (Ed 7.6). É provável que eles tivessem aulas regulares para ensinar a lei de Deus aos levitas. E esses, por sua vez, a ensinavam a outros grupos (Ne 8.2-8).

Quando os gregos assumiram o poder a nível mundial, os israelitas foram obrigados a dar maior importância à educação. É que aquele povo dava grande valor ao ensino, e começou a difundir sua filosofia e seus conhecimentos entre o povo judeu. Para neutralizar isso, os judeus fundaram (ou talvez reativaram) escolas que funcionavam em associação com as sinagogas. No ano 175 A. C., foi fundada uma escola grega em Jerusalém, próximo ao templo, e alguns judeus começaram a freqüentá-la. Isso provocou um certo pânico em alguns deles, e pouco depois começou-se a criar escolas próprias em todo o território da nação.



Esta réplica do calendário de Gezer, que provavelmente data do século IX ou X antes de Cristo, foi encontrada na cidade de Gezer, que tinha sido destruída, e que foi dada pelo faraó à sua filha, quando esta se casou com Salomão. Acredita-se que esta plaqueta seja um exercício de memorização feito provavelmente por uma criança. Até recentemente era considerada a mais antiga peça de escrita hebraica encontrada. EVTS

O rabi Simon ben Shetach é considerado o pai desse novo tipo de sistema escolar, que a princípio foi chamado de "Casa do Livro". Esse novo conceito de escola se difundiu rapidamente. Depois de algum tempo, a frequência se tornou obrigatória. As crianças que faltassem às aulas em demasia eram castigadas. A formação escolar tinha início aos cinco anos de idade, e alguns estudavam até aos quinze. Em muitos lugares, havia cursos posteriores para quem terminasse essa primeira fase de estudos.

Nas épocas em que o povo era oprimido, as sinagogas eram consideradas verdadeiros refúgios para os judeus. Ali eles obtinham não apenas o fortalecimento espiritual de que precisavam, mas também a educação secular. Além disso, a sinagoga se tornou um centro para debate de idéias.

Vemos, portanto, que nos dias de Cristo, a escola já era coisa comum, e que o povo não apenas era alfabetizado, mas realizava estudos avançados de filosofia, línguas, matemática e de outras disciplinas. □

**OS PROFESSORES** □ No início da história de Israel, os pais eram os mestres de seus filhos. E, ao que parece, eles levavam muito a sério sua tarefa de transmitir-lhes os ensinamentos básicos de sua fé, bem como os rudimentos de seu ofício. E para muitos pais isso era um ponto de honra, pois se sentiriam ultrajados se eles crescessem ignorantes.

A maior parte do ensinamento era transmitida a partir das situações normais da vida. Eles aproveitavam as festas religiosas para ensinar. Narravam as histórias que seus pais haviam-lhes contado. E, em muitos casos, ilustravam seus ensinamentos no próprio trabalho, o pai ao filho, a mãe à filha. Depois que passaram a ter acesso às Escrituras, eles a liam e discutiam também como forma de ensino.

A certa altura, foi designado, entre os levitas, um grupo especial de professores que ficaram encarregados da instrução do povo de Israel. Eles se tornaram então os principais mestres no que dizia respeito a instrução oferecida fora do lar, até à época do exílio. Depois deles, os escribas assumiram o papel de principais educadores. Eram eles os elementos-chave na interpretação e ensino da lei.

Pouco depois, a palavra "rabi" se tornou popular, sendo aplicada a diversos tipos de pessoas. Significava "senhor", mas era empregada muitas vezes para designar "professor". Alguns a aplicavam a homens que oficialmente detinham cargos de mestres, mas outros a usavam apenas como um título honorífico. De qualquer modo, era um tratamento de respeito dado a uma pessoa sábia, inteligente e experiente.

Quando os discípulos de Jesus o chamavam de "rabi" (Jo 1.49 — IBB), estavam reconhecendo seu papel de liderança em relação aos seus seguidores e admiradores, pois na verdade ele não era um mestre, que tinha uma turma de alunos, com aulas regulares. Jesus era

chamado de Mestre, e ele próprio se intitulou assim (Mt 23.8). E seu método de ensino era como o dos pais israelitas; utilizando os eventos do dia-a-dia. Outras pessoas fora de seu círculo também se referiram a ele como Mestre. Metade das vezes em que essa palavra aparece no Novo Testamento, ela é dirigida a Jesus. Naquela época, o título de "mestre" era tido em alta conta, e aquele que era assim chamado sentia-se muito honrado.

Na igreja primitiva, esse título continuou a ter grande importância. Naturalmente, essa tarefa seria uma das mais significativas para a edificação dos novos convertidos (At 13.1).

Mas os cristãos do primeiro século não fundaram escolas próprias. A perseguição que sofriam dificultava isso, e ademais eles queriam continuar freqüentando as sinagogas. □

**MESTRES FAMOSOS** □ Nos dias de Cristo, havia alguns mestres que eram muito respeitados, assim como em outras épocas seriam admirados os cientistas e escritores. E a fama de alguns deles chegou até nossos dias.

*Hillel.* Nasceu na Babilônia, mas foi à Palestina para divulgar seus ensinamentos, tornando-se logo famoso por sua inteligência. Criou sete princípios de interpretação das Escrituras. Mais tarde ele fundou sua própria escola, *Bet Hillel*, onde lecionava. Além disso, foi-lhe dado o título de *Nasi*, que significava ser ele o principal mestre do templo. Os historiadores classificam Hillel como um liberal, na interpretação da lei.

*Shammai.* Shammai também era um mestre muito respeitado, que, em muitos aspectos, defendia teses opostas às de Hillel. Sua interpretação das Escrituras era mais conservadora. Na questão do divórcio, por exemplo, Hillel achava que qualquer motivo justificava a separação do casal, mas Shammai cria que eram poucas as razões verdadeiramente lícitas para o divórcio. Assim esses dois mestres foram os primeiros de uma série de outros "pares" como eram chamados.

Quando os fariseus indagaram a Jesus sobre o divórcio (Mt 19.3), estavam querendo forçá-lo a optar pela opinião de um desses dois homens.

*Gamaliel.* Foi um dos mais famosos mestres do primeiro século, e muitos dos seus ensinamentos se acham preservados até hoje no Misná. É provável que ele fosse um seguidor das idéias de Hillel. Seu aluno mais famoso foi o apóstolo Paulo (At 22.3). Com sua sabedoria e autoridade, Gamaliel convenceu o sinédrio a não matar os apóstolos (At 5.34-39). Suas teses eram pragmáticas, e largamente aceitas. Quando ele morreu, alguns disseram que a glória da lei havia-se apagado. □

**LÍNGUAS** □ Ao que parece, qualquer pessoa que vivesse em Israel nos dias de Cristo dominava três línguas, e conhecia algumas palavras de mais uma.

**Aramaico.** A língua que Jesus conhecia melhor era o aramaico, provavelmente a que ele falava no seu dia-a-dia, e a que empregou ao transmitir a maior parte de seus ensinamentos, senão todos eles. O aramaico era a língua falada na região, e nessa época passava por uma revitalização. Quando Jesus estava na cruz e soltou seu brado a Deus, expressou-se em aramaico, e não em grego nem hebraico (Mt 27.46).

Em cada sinagoga havia um intérprete para fazer a tradução do cerimonial para as pessoas que não soubessem hebraico, já que, fazia alguns séculos, essa língua era usada oficialmente nas sinagogas.

Para que o povo compreendesse o Velho Testamento com mais facilidade foram feitos alguns exemplares dele em aramaico. Isso causou certo desprazer em alguns círculos no primeiro século. Gamaliel, por exemplo, não gostou da versão aramaica, e chegou a esconder um exemplar dela numa parede.

Quanto a Jesus, ele não apenas falava o aramaico, mas também o dialeto aramaico usado na Galiléia; o mesmo que Pedro falava (Mt 26.73). Portanto, ele deve ter feito grande parte de seus estudos nessa língua.

**Hebraico.** Na prática, o hebraico se tornou a língua da religião. Os judeus tinham que se empenhar muito para manter a lei e sua interpretação nessa língua, embora nem sempre o conseguissem. Normalmente, usava-se o hebraico mais na leitura dos textos sagrados nas sinagogas, no templo e em casa. É possível que os provérbios e ditos antigos dos israelitas tenham sido preservados nessa língua também.

O conhecimento dessa língua variava muito de uma família para outra. Não bastava que ela fosse aprendida na escola. Era preciso que fosse falada em casa.

Não seria errado afirmar que quando Jesus se levantou na sinagoga para ler o livro de Isaías, o texto estava em hebraico (Lc 4.16). E podemos acreditar também que ele não teve a menor dificuldade em lê-lo.

**Grego.** Nos dias de Cristo, a língua mais aceita pelos povos do Oriente Próximo era o grego. O coiné, o dialeto grego em que o Novo Testamento foi escrito, não era uma língua pura e precisa como se acreditava. Na verdade, era o grego clássico adulterado, falado basicamente pelo povo, por pessoas iletradas. O coiné não possuía um padrão definido, pois variava consideravelmente de um lugar para outro. Além disso era bastante flexível, a ponto de incorporar palavras estrangeiras e permitir que escritores, como Paulo por exemplo, cunhassem expressões ou termos novos. Essa flexibilidade foi muito

אשר חנניו נעני בגבול השעת ואחוז נח לטשעם ופרנא טעל  
אם נעני ערפח לטעום וויט ספך לטל עכודו לב ותשופט חרפח  
וקיל לטעום סוד אמנ וטעל לטעום וטעל וטעל על שן דישעם  
דבד בשנת ערועם לטעם וחוריקן שטעם דאע חווית שטעל לטעום  
עלו קחלת דישעם חרפח וידעו נחשולו זכום בדרגא גלודם דבש  
פאט ודרישו ותשופט נס לבחורו נדק ופלוין דעת כרוו כלא לטעום  
אמת ולנסות אחט ציטר ואחוז אוש דוב לכלוט תיש  
לכל חווו שחוח ואחוז לרוח קוזה לטעל כל דורישו ח  
לכיו דעיק על ידעו צקול חמו כום דבום וטכות בלוטל  
לשום דעטט לטוחק חוו גבר אשח חטטוח בט וזכורו שטע  
צפח ב'שט לטוח פקוד דעת לטל מטעם וזכורום בערול שטע  
לשון אחת לטע לא בטוח לודעם בביארתם  
אחוז לטע כי שטעם נביאו ביעוד חחום  
ולשוך כעיו כטל כקישו שחח ערועם בקשו טעו כטככו  
בפולקיה ודכח סוד שוא ושית לטעל לא דישו טא פאחנכ כייכרו  
ובחטטנכ חישוע נביאו טא פאחנכ כייכרו וחלפוד פאחנכ וזו  
על נביאו בעבר חטפניכ בבשנכ דישעם ודבדנכ ט טי כנ  
אשם טא בחטטנכ עברו וטע אפחו חט על גבורום סבטום בכל  
לכו כלחפיתם וטעו חטעם לכו טעא לחוב חטח פאא אפכלת עטעם  
לכיו טע דבום שמו קילם נכן פטעם לך שחוק דבום לטורות ובכדע  
לך וטעא בחטטנכ גלודם וטע גטעם לכו נכום אחוז נביאו בפולק  
דעת טישו לו לטעו דעם פאחנכ כטעל נביאו נלו כום ודעלו עברו  
לם אפדע שפכ  
בכ אריוו טא שפכ עברו ותטלע פקטת כלויט טב  
לך דורישו חלקות כרוו וטעו אשח חישעם לודם דכר  
לעל עברו חכא אפס כן וטעו פטעו כייכרו וזכורום  
טע בטו ט דורישו דעם וטעו שחוק נביאו עט ו  
חוק פכט ותג נביאו פאחנכ וטעו חחוטתם לא חחוטתם  
פאחנכ פטעו חחוטתם וטעו לטעו לטעו סטעו

Este pedaço de pergaminho dos rolos encontrados no mar Morto contém uma parte do livro de Isaías, o mesmo que Jesus leu na sinagoga. Este pergaminho é escrito em hebraico. CGI

útil em relação ao Novo Testamento, pois sendo a linguagem empregada nas transações comerciais internacionais, era um excelente veículo para a divulgação rápida de idéias novas.

Paulo e outros autores do Novo Testamento conheciam bem o grego. Por isso, é possível que Jesus também tivesse o domínio dele, já que era bastante falado. Pedro e João, que eram da mesma região que o Senhor, falavam bem o grego.

*Latim.* O latim era falado apenas pelas pessoas que tinham de tratar de assuntos militares ou oficiais, e precisavam comunicar-se com os romanos. Daí se conclui que talvez não houvesse muitas pessoas na Palestina que falassem essa língua. Contudo, em certos momentos, sempre era bom saber algumas palavras dela.

A frase que foi escrita no alto da cruz onde Jesus morreu estava escrita em três línguas: hebraico, latim e grego (Jo 19.20). □

**MÉTODOS DE ENSINO** □ Sem dúvida alguma, o método de ensino mais usado para a educação era o da memorização. Qualquer outra forma de instrução que não adotasse a recitação era olhada com suspeita.

Para a avaliação da aprendizagem, os alunos tinham que recitar longas passagens das Escrituras, com perfeição. É por isso que tanto Jesus como outros conheciam tão bem a Bíblia.

Alguns trechos eram mais fáceis de ser memorizados que outros, por terem uma métrica ritmada. Muitos textos das Escrituras são escritos com duas ou três sílabas tônicas, o que tornava a aprendizagem bem mais agradável. □

**AS MATÉRIAS ENSINADAS** □ Embora as Escrituras fossem a base da educação de um israelita, não era absolutamente a única disciplina. Eles estudavam também leitura, escrita, música, matemática, engenharia, direito e línguas que eram ensinados em escolas especializadas. As grandes construções encontradas em Israel, os prédios, estradas, aquedutos, são evidências de que a educação era bastante diversificada.

As matérias citadas eram importantes para a vida e pensamento desse povo. Mas, ao que parece, outras não o eram. Em todos esses séculos de pesquisas arqueológicas não se encontrou nenhuma obra de arte importante. O mandamento de Êxodo 20.4 proibia os hebreus de criarem imagens de seres vivos. Até mesmo o desenho de uma águia poderia levá-los a se desviar do culto a Deus.

As tentativas feitas para estudar ciências eram restringidas pelos seus conceitos teológicos. Não tinham liberdade para fazer investigações em certas áreas de conhecimento que haviam sido censuradas pela tradição hebraica. Alguns rabis advertiam que não se deveria sondar o desconhecido. Mas alguns israelitas se aventuraram a

estudar astronomia. Contudo, o conhecimento que obtiveram ficou limitado às tendências da época, e cerceado por uma compreensível repulsa pela astrologia.

Mas seus conceitos sobre a natureza parecem ter atingido níveis bastante adiantados. Eles apreciavam os animais e se dedicavam consideravelmente à observação deles. Chegaram a elaborar listagens, fazendo distinção entre as diversas espécies.

Os gregos e romanos eram mais abertos para o estudo científico e a educação em geral do que os judeus. Não seria errado afirmar que transmitiram a esses últimos grande parte do seu conhecimento e de seu interesse pela investigação científica. □

**A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS** □ A tendência geral era dar escolaridade aos meninos, mas não às meninas. Contudo, sempre houve em Israel mulheres com certo grau de conhecimento, que atuaram em funções nas quais podiam aplicar essa cultura.

Alguns exemplos disso são Débora (Jz 4), Hulda (2 Rs 22.14-20) e Ana (Lc 2.36), profetisas que tiveram um papel importante em sua época. Maria, a mãe de Jesus, também demonstrou conhecer bem as Escrituras, apesar de ser jovem. O hino de louvor que entoou, e que está registrado em Lucas 1.46-55, é quase todo constituído de citações do Velho Testamento.

O volume de conhecimento que uma menina poderia receber iria depender de diversos fatores: das circunstâncias em que ela vivia, de seu temperamento e da atitude dos pais dela. De modo geral, elas eram educadas em casa e seu aprendizado se limitava às responsabilidades domésticas.

Quanto aos meninos, além da educação formal da escola, eles tinham que aprender um ofício. O objetivo disso era evitar o desequilíbrio de terem muito conhecimento, teórico mas pouca experiência prática. As tradições antigas já exigiam que os rabis, além da função



O sistema educacional israelita foi muito enriquecido pela introdução nele de outras matérias não relacionadas com as Escrituras, e de outras influências culturais. Este aqueduto romano situado perto de Cesaréia, por exemplo, é uma evidência da diversificação da educação e dos conhecimentos de engenharia. TW

de ensinar a lei, tivessem outra atividade profissional, como era o caso de Paulo, que fabricava tendas. □

**JESUS COMO MESTRE** □ Como já mencionamos antes, Cristo era chamado de rabi e Senhor, o que indica que o povo o respeitava como mestre. É provável que a maioria das pessoas o visse mais como professor do que como o Messias, pois questionavam suas afirmações de que era o Cristo. O fato é que as multidões reconheciam sua grande habilidade para ensinar e comunicar.

Um aspecto muito importante do ensino de Jesus era que ele, ao contrário dos escribas, falava com autoridade (Mt 7.28,29). É possível que muitos considerassem os escribas por demais mesquinhos e indiscretos, e vissem que Jesus focalizava questões realmente importantes, baseadas nos interesses de Deus. Talvez tenham percebido que ele compreendia melhor as situações, era mais brando e seguro de si, o que constituía um grande contraste com a prática religiosa dos outros, onde havia muita preocupação com ninharias.

Mas fossem quais fossem as virtudes que viam nele, a verdade é que se percebia uma notável diferença entre Jesus e os líderes religiosos de seu tempo. E ele não apenas era diferente dos escribas, mas superava a todos os homens, pois algumas pessoas chegaram a afirmar que "jamais alguém falou como este homem" (Jo 7.46).

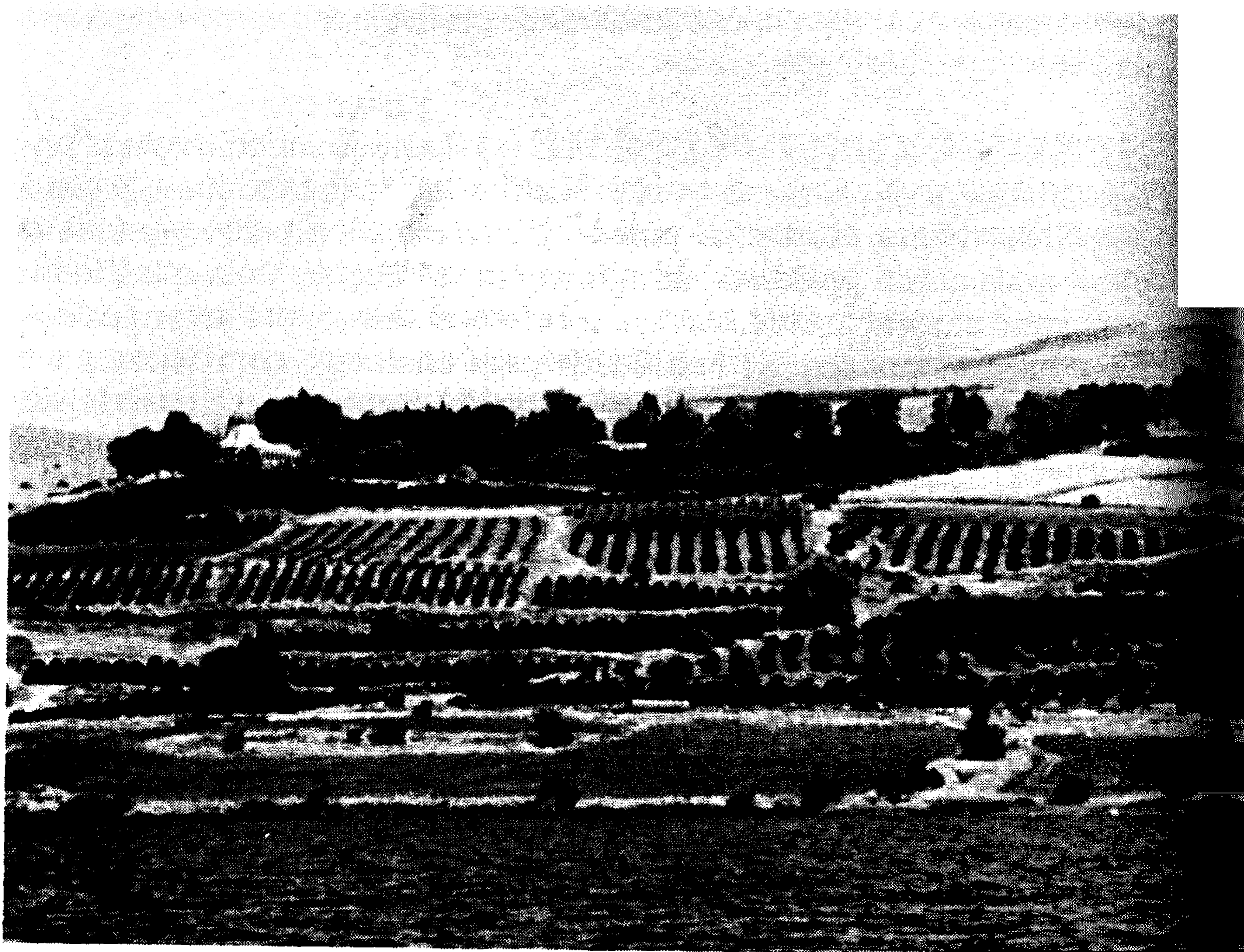
Cristo empregou diversos métodos de ensino. Uma de suas principais características foi sua grande habilidade como narrador. Suas parábolas são um exemplo disso. Ele contava histórias interessantes para aclarar bem a mensagem.

Outro ponto alto de seu método era o emprego de lições objetivas. Suas mensagens eram cheias de ilustrações tiradas da natureza, de fatos que ele citava ou mostrava. Suas inúmeras referências a pastores e ovelhas são um bom exemplo de atividade da qual se podem tirar muitas lições. Outras ilustrações memoráveis foram a da figueira amaldiçoada, e a da moeda encontrada na boca de um peixe.

Algumas vezes Jesus pregava; em outras, fazia perguntas aos seus seguidores, ou provocava perguntas neles. Além disso, ensinou também pela prática. Dizia aos discípulos para fazerem determinadas coisas, e ao fazê-las eles aprendiam a lição.

Mas nem todo mundo apreciava os ensinamentos de Jesus; e nem todos entendiam suas palavras. Houve momentos em que ele percebeu que seus ouvintes não estavam preparados para ouvir o que ele tinha a dizer, ou não estavam dispostos a ouvi-lo (Mt 11.15; Mc 8.17,21).





Jesus muitas vezes ministrava seus ensinamentos às multidões às margens do mar da Galiléia, e lhes falava da praia ou de um barquinho ancorado ali perto. Alguns acreditam que foi desta encosta relvada, que fica num morro junto a esse lago, ao sul de Cafarnaum, que ele pregou o Sermão do Monte (Mt 5, 6 e 7), e que foi aqui também que escolheu os doze apóstolos (Lc 6.12,13).

TW

---

## CAPÍTULO 11

---

# OS IDOSOS



O povo de Israel dava muito valor à sabedoria e experiência dos mais velhos. A tradição era muito importante para eles, e havia uma confiança geral em que os idosos lhes passariam a orientação necessária no sentido de impedir que se afastassem da conduta certa, consagrada pelo tempo. Esse tipo de atitude conferia grande estabilidade e solidez à nação, embora às vezes também a tornasse um pouco rígida, relutante em aceitar inovações.

Já no início da história da nação, Moisés atendeu a uma sábia observação de seu sogro, Jetro (Êx 18), quando, percebendo que não tinha condições de julgar todo o povo sozinho, selecionou outros homens para auxiliá-lo. Era muito comum os hebreus buscarem o conselho dos mais velhos.

Aliás, o respeito pelos idosos era um princípio enraizado no coração da lei hebraica. Um dos seus princípios era que aqueles que honrassem pai e mãe viveriam muitos anos na terra (Êx 20.12). E mesmo quando um hebreu se tornava adulto e se casava, não tendo mais que prestar obediência aos pais, ainda assim esperava-se que tivesse todo respeito por eles.

E quando a Bíblia descreve as condições em que a nação ficará depois de receber o castigo, afirma que seus príncipes serão meninos, e que o menino se voltará contra o ancião (Is 3.4,5). A sociedade que não tem consideração para com os velhos tende a cair no desgoverno. □

**OS ANCIÃOS** □ Esse termo, ancião, tornou-se um tratamento honroso, tanto no Velho como no Novo Testamentos, pois esperava-se que um ancião transmitisse conhecimentos e exercesse liderança. Os 70 homens que Moisés indicou para serem juizes em Israel eram anciãos, e foram eles que receberam o derramamento do Espírito Santo (Nm 11.25).

E assim que o povo se estabeleceu na terra de Canaã, os habitantes de cada cidade elegeram anciãos para governar os novos territórios.

Quando a monarquia foi instituída, eles passaram a funcionar como um corpo legislativo. E durante toda a história da nação israelita, tão cheia de turbulências, eles constituíram uma força de coesão. E se a nação sobreviveu ao impacto do exílio e da volta dele foi porque muitas vezes os anciãos assumiam o controle da situação.

Na época em que Jesus estava desenvolvendo seu ministério em Israel, eles ainda atuavam, constituindo o que se chamava Sinédrio. Reunindo-se em Jerusalém, eles legislavam sobre questões religiosas, e tinham certa medida de poder mesmo em algumas áreas do governo civil.

A igreja, já em sua formação, demonstrou respeito pelos anciãos. Era idéia geral que os homens mais experientes possuíam sabedoria com relação a questões espirituais, e ajudariam a manter a igreja no rumo certo. A palavra *presbyteros*, de onde derivam os termos presbítero e presbiteriano, significa ancião ou grupo de anciãos. Pedro, que era um ancião, aconselha os jovens a se submeterem aos mais velhos da igreja.

Não há dúvida de que a igreja preservou esse respeito pelos idosos, mas isso não quer dizer que devotasse uma obediência cega aos mais velhos. O fator importante era a sabedoria, e não a idade. E a Bíblia diz mesmo que é melhor um jovem sábio do que um velho insensato (Ec 4.13). E é dentro desse mesmo espírito que Paulo aconselha Timóteo, que era relativamente jovem, a que não permitisse que os mais velhos o desprezassem (1 Tm 4.12). Mas, apesar de tudo, a aura de respeito do idoso devia ser preservada. Um jovem líder crente não deveria repreender asperamente a um homem idoso (1 Tm 5.1).

Embora o sentido básico da palavra ancião esteja relacionado com a idade, o fato é que depois ela ganhou um novo significado. O termo passou a significar também dirigente, e, em se tratando de um cargo, não tinha que ser obrigatoriamente ocupado por pessoa idosa. □

**VELHICE** □ Com que idade um homem era considerado velho? Durante o período bíblico o tempo de vida dos indivíduos variou bastante. Os primeiros patriarcas tiveram vida muito longa. Foi o caso de homens que viveram antes do dilúvio, como Adão que morreu com 930 anos; Maalaleel, aos 895; Matusalém, 969. Noé viveu até os 950 anos.

Não temos um registro da média de idade, mas sabemos que, após o dilúvio, houve uma queda brusca na longevidade. Arfaxade, por exemplo, viveu até os 403 anos; Pelegue, até 209; Reú até 207 e Naor até 119.

Na época em que se instalou a monarquia em Israel, a idade das pessoas já era semelhante à de nossos dias. O rei Davi, por exemplo,

morreu com 70 anos, que parecia uma idade razoável para se findar uma vida plena. Se alguém chegasse aos 80, porém, supunha-se que tal pessoa possuía um vigor incomum (Sl 90.10). Os babilônios eram da mesma opinião. Achavam que a idade média era 70 anos; aos 80, a pessoa já era muito velha, e chegar aos 90 era extremamente raro.

No período neotestamentário, o limite de idade esperado também era de 70 anos. É possível que alguns homens, como João, tenham ultrapassado bastante esse limite. É provável que ele tenha vivido mais que os outros discípulos, chegando aos 90 anos. □

**A CABEÇA BRANCA** □ Na maioria dos casos, os hebreus não consideravam uma desgraça o embranquecimento dos cabelos. É verdade que alguns eram mais preocupados com a preservação da juventude do que outros, e às vezes chegavam a extremos para disfarçar rugas, cabelos brancos e a barriga avolumada. Mas a maior parte deles aceitava a velhice como um sinal de dignidade. A Bíblia fala do cabelo branco como sendo a beleza dos velhos (Pv 20.29). E Elifaz, para fortalecer seu argumento, afirmou que os idosos estavam do seu lado (Jó 15.10). □

**OS MALES DO ENVELHECIMENTO** □ Como acontece em nossos dias, a velhice também operava um desgaste no organismo do homem. À medida em que as décadas iam passando, a "máquina" humana ia-se desgastando. Não era raro as pessoas idosas começarem a perder os dentes; as costas já não eram mais tão firmes e principiavam a ter uma acentuada curvatura. Aumentavam-se os temores, e o indivíduo passava a evitar lugares altos. Era comum perderem também a acuidade auditiva; visual, o impulso de viver, e terem maior dificuldade para dormir (Ec 12.1-7).

Barzilai é um exemplo de pessoa que a Bíblia descreve com as fraquezas próprias da velhice. Aos 80 anos, ele não conseguia mais sentir o gosto do que comia ou bebia. E além disso sua audição estava tão delibitada que não escutava mais a voz dos cantores e cantoras (2 Sm 19.35). □

**DECEPÇÕES** □ Uma das mais tristes histórias de pessoas idosas que encontramos na Bíblia é a de Eli, que tinha 98 anos (1 Sm 4). Ele fora juiz e sumo sacerdote, mas não disciplinara bem os filhos, Hofni e Finéias. Afinal, os israelitas, em luta com os filisteus, foram derrotados. Os inimigos roubaram a arca e mataram os dois filhos dele. Quando lhe contaram o acontecido, ele caiu da cadeira para trás, quebrou o pescoço e morreu.

A Bíblia contém muitas outras histórias de pessoas que tiveram decepções na velhice. Mas há também relatos de outros que tiveram

alegrias. A história dos israelitas está cheia de fatos que retratam esses dois lados da vida. □

**O INATIVO** □ Um israelita tinha que trabalhar muito para conseguir sua independência econômica, antes de envelhecer e sair da força de trabalho. Mas muitos não o conseguiam, e se tornavam dependentes da boa-vontade dos filhos ou da caridade de outros. O povo de Israel tinha uma excelente legislação com relação a ajuda aos pobres, mas, naturalmente, a maioria das pessoas preferia evitar depender da caridade pública.

Um importante princípio bíblico acerca do planejamento econômico, é o que determina que os pais devem ajuntar riquezas para os filhos, e não os filhos para os pais (2 Co 12.14). Contudo, nem sempre as coisas se passavam assim. Quando por alguma razão os pais não conseguiam ajuntar o suficiente para terem com que viver na velhice, os filhos tinham a obrigação moral de sustentá-los.

Isso contrastava frontalmente com a artimanha utilizada pelos fariseus. Alguns desses líderes religiosos de Israel haviam-se esquivado da responsabilidade de sustentar a própria mãe com a declaração do *corbá* (Mc 7.11-13). Isso significava que eles davam ofertas para o templo, ou prometiam dar, e passavam ao templo a responsabilidade de cuidar de sua mãe.

Mas a igreja cristã logo tomou a si a responsabilidade de olhar pelos idosos, principalmente pelas viúvas, tendo, porém, certas regulamentações para se coibirem ao máximo os abusos. Se uma viúva idosa tinha parentes que poderiam cuidar dela, eles tinham a obrigação de velar por ela. Se alguém dentre eles se recusasse a sustentar um parente necessitado deveria ser considerado pior que o descrente (1 Tm 5.3-8). Além disso, as próprias igrejas tinham restrições específicas acerca dos idosos que deveriam receber ajuda, para evitar abusos por parte de alguns que talvez pudessem trabalhar, mas fossem por demais preguiçosos.

# AS PROFISSÕES

---

---

**A** Bíblia tem em alta conta o trabalho braçal. Por outro lado, condena o ocioso e aquele que se recusa a trabalhar. Os israelitas levavam isso muito a sério, pois consideravam o trabalho um mandamento de Deus. Assim, faziam seus objetos de cerâmica, aravam

Numa terra onde o solo é pobre e pedregoso e as chuvas escassas, a agricultura é difícil e é preciso muito esforço e trabalho duro. Aqui vemos alguns homens trabalhando na colheita de trigo próximo aos carvalhais do Manre, nas redondezas de Hebrom, que fica a oeste do mar Morto. Abraão residiu aí. TW



os campos ou amassavam e assavam o pão sempre para a glória de Deus.

É possível que nem todo mundo encarasse o trabalho dessa forma, mas isso estava pelo menos em seu inconsciente. O homem fora criado para trabalhar, e não para ficar ocioso. Então a atitude geral era de aceitação do trabalho; esperava-se que cada um tivesse uma ocupação.

Desde o início da criação, o homem já tinha o propósito de utilizar os recursos da natureza dados por Deus, e trabalhar com eles (Gn 1.28; 2.15).

O conceito de que trabalhar é honroso se manteve até o Novo Testamento, onde vemos Paulo recomendar aos leitores que trabalhassem de "todo o coração" para os seus patrões (Cl 3.22,23).

Isso não significa, porém, que todos os israelitas e cristãos do primeiro século fossem pessoas laboriosas. Havia muitos que evitavam as responsabilidades. Outros preferiam lançar mão de espertezas para viver, em vez de arranjam um trabalho honesto. Mas muitos eram trabalhadores, conscienciosos, e aceitavam suas tarefas de boa vontade. □

**A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO** □ Nos dias de Jesus, a sociedade já era constituída de grupos rurais e urbanos. Joachim Jeremias, um estudioso do assunto, calcula que a população de Jerusalém era de 25.000 pessoas. A população de toda a Palestina talvez chegasse a 500.000, e alguns historiadores acreditam em números superiores a esse. Uma sociedade urbana exigia muitos tipos de serviços, e indivíduos com todo tipo de habilidade profissional.

Numa sociedade complexa, as necessidades básicas de um trabalhador eram muitas, e isso os levou a organizar corporações. Já no tempo em que Cristo viveu na terra, havia em vários lugares corporações de trabalhadores bem organizadas e bem conceituadas. Não eram exatamente um protótipo dos sindicatos modernos, mas ti-



O artesanato ornamental produzido em metal ainda é uma indústria produtiva no Oriente Médio. Este operário está trabalhando uma peça à mão, numa pequena indústria, numa rua secundária, no Cairo, Egito. TW

nham muitas analogias com eles. Embora houvesse pessoas que trabalhavam sozinhas, em áreas isoladas, raramente tendo contato com outras, a maioria delas estava ligada a outros grupos na relação de trabalho, tanto no labor manual como no comércio de mercadorias.

Mas a existência de corporações é bem remota, e no século XXIV A. C. já havia uma em Sumer, criada para resolver problemas específicos. Os trabalhadores que pertenciam a uma corporação tinham mais facilidade para comprar matéria-prima, e podiam aprender novas técnicas de trabalho uns com os outros, e passar serviço entre si. Além disso, eles tinham formas de proteger o emprego, restringindo um pouco o acesso de outros a ele. Embora o objetivo original não tivesse sido criar um meio de fazer negociações, por fim eles passaram a utilizar a força coletiva dos trabalhadores para isso.

Em muitos casos, os membros de uma determinada corporação residiam mais ou menos na mesma área. Muitas vezes isso era causado pelo fato de ali estar concentrada a matéria-prima por eles utilizada. Em Edom, por exemplo, havia grande quantidade de minério; então os que trabalhavam com metais se estabeleceram ali. Os tintureiros tinham que morar perto de Tiatira, pois necessitavam do molusco do qual se retirava a tinta. O vale Tiropeano era habitado por pecuaristas, e fora apelidado de "vale dos queijeiros". E essas corporações não apenas eram localizadas em cidades estratégicas, mas também nas grandes cidades, cada uma tinha seu setor próprio. Os tecelões ficavam concentrados num lado da cidade, os peixeiros em outro, os padeiros, num terceiro. Existem evidências de que havia corporações de fabricantes de carruagens, de oleiros, de músicos, de açougueiros, carpinteiros, metalúrgicos, escultores, caçadores, sacerdotes, barqueiros, etc.

As pessoas tinham orgulho de pertencer a uma corporação dessas. Muitos indivíduos eram identificados por uma profissão, como "Malquias, filho dum ourives" ou filho de porteiro, naturalmente fazendo referência ao fato de ser membro de uma dessas corporações (Ne 3.31; Ed 2.42). Havia também uma corporação de profetas (1 Rs 20.35), que provavelmente era constituída dos profetas da corte. Quando Amós afirma que não era filho de profeta, estava querendo dizer que não pertencia à corporação (Am 7.14). E é provável que nenhum dos outros profetas que escreveram livros pertencesse. De modo geral, os profetas das corporações se opunham aos verdadeiros profetas (1 Rs 22.6-28).

Em muitos casos, quando se lê a expressão "filho dum ourives", isso significa que o pai da pessoa mencionada era ourives, e pertencia à corporação dos ourives. Era muito comum os filhos aprenderem o ofício do pai, e entrarem para a corporação correlata.

Isso nos leva a querer saber algumas coisas sobre Jesus e sua ati-



tude para com a profissão. Sabemos que seu pai de criação, José, era carpinteiro (Mt 13.55) e que ele também o era (Mc 6.3). Não sabemos se ele pertencia à corporação da classe; mas é bem provável que sim, já que muitos operários pertenciam.

Por essa época, havia tantas corporações que o governo romano resolveu exercer certo controle sobre elas, pois o imperador não desejava que se tornassem forças políticas.

Quem se filiasse a uma corporação gozava de outras vantagens, além das que já mencionamos. Algumas delas ofereciam seguro contra roubo de ferramentas e equipamentos. Outras forneciam o túmulo para o sepultamento do indivíduo. Ofereciam também uma espécie de seguro-desemprego.

Em alguns lugares havia tal concentração de trabalhadores de uma só atividade que a congregação da sinagoga local era constituída apenas deles.

Mas além dos benefícios existiam também pequenos atritos causados por inveja. Alguns operários tinham sentimentos de rivalidade em relação aos membros de outras corporações, e por vezes impediam que pessoas de outros grupos arranjassem emprego em seu território.

Não temos registros escritos a respeito da ocorrência de greves organizadas, mas sabemos que havia paralisações. Sabe-se de diversos casos em que trabalhadores insatisfeitos com as condições de trabalho, cruzaram os braços. Fazia-se greve por reivindicação salarial, por exemplo. Na Babilônia, certa ocasião, os trabalhadores em pedreiras se recusaram a trabalhar enquanto não recebessem do rei o pagamento de seus serviços. No primeiro século, houve uma greve dos padeiros que fabricavam o pão utilizado no cerimonial judaico que não permitiram que outros o fabricassem. Aliás a receita era segredo deles. Mas a incidência de greves era relativamente baixa, se levarmos em consideração o grande número de operários e de corporações existentes. Nos dias de Cristo, o índice de desemprego era muito elevado, e isso pode ter servido como desestímulo à paralisação.

Em certas ocasiões, houve tentativas de se desestabilizar as corporações. As autoridades do templo, certa vez, mandaram buscar fora artesãos não sindicalizados, mas por fim foram obrigados a readmitir os ex-empregados com o dobro do salário anterior. A grande proliferação dessas corporações não significa, porém, que elas tivessem direitos exclusivos sobre todo o mercado de trabalho. Fora dos grandes centros populacionais havia carpinteiros e ourives que não se filiavam a elas. □

**A DIGNIDADE DO TRABALHO** □ A maioria das pessoas que seguiam a Jesus e ouviam seus ensinamentos era cons-

tituída de trabalhadores. E a mensagem do evangelho defendia a dignidade do trabalho, o perigo da ociosidade, e a necessidade de salários justos. E Jesus e seus discípulos logo se posicionaram ao lado dessas idéias. Referindo-se a uma tese israelita antiga, Jesus afirma que todo trabalhador honesto é digno do seu salário (Lc 10.7), e Paulo ensina a mesma coisa (1 Tm 5.18; 1 Co 9.7).

Mas Deus sempre se preocupou em que o homem não se excedesse no trabalho, e por isso instituiu a observância do "sabã" (Êx 20.8,9). Tiago retrata Deus como um amigo do trabalhador. Ele diz que quando o empregador retém o salário de seu empregado, e este clama ao Pai celestial, é ouvido por ele (Tg 5.4).

Pela perspectiva bíblica, o trabalho não é simplesmente um inevitável aspecto da vida. A Bíblia ensina que devemos trabalhar para nosso patrão da melhor forma possível, mesmo que sejamos escravos de um senhor perverso (1 Pe 2.18). Nada justifica o empregado roubar do patrão (Tt 2.10). A igreja deve auxiliar aqueles que por um motivo ou outro perderam o emprego. Entretanto, se uma pessoa se recusar a trabalhar, também não deve receber alimento (2 Ts 3.10).

Jesus pertencia à classe trabalhadora e se identificava com ela. Em muitas das parábolas que contou, ele focalizou formas de trabalho bem como o relacionamento patrão-empregado (Mt 6.28; 9.37; 20.1). Tanto Jesus como os principais apóstolos (Pedro, Paulo e Tiago) enfrentaram os mesmos problemas que afligiam os trabalhadores em geral. □

**PROFISSÕES, NEGÓCIOS E OFÍCIOS** □ A Bíblia fala de trabalhadores altamente habilitados e de outros menos qualificados. Vamos descrever sucintamente algumas das profissões mais significativas no contexto bíblico. Focalizaremos algumas outras ocupações (como pescador, publicano, etc.) mais detalhadamente em outros capítulos.

**Açougueiros.** Esse grupo tinha sua própria corporação. Achavam-se concentrados numa determinada rua, que levou o nome deles. Entre o povo de Israel, sempre houve muitos açougueiros.

Uma cena muito comum nas movimentadas ruas da parte velha de Jerusalém são os açougues e mercados de carne ao ar-livre. TW



**Advogados.** (Veja no índice *Escribas*).

**Banqueiros.** O sistema bancário começou a florescer no primeiro século antes de Cristo. Isso se deveu à necessidade de se fazer o câmbio monetário e se recorrer ao crédito. A maioria dessas agências bancárias nada mais era que uma simples mesa. Contudo, ali estavam-se desenvolvendo instituições financeiras que recebiam investimentos e pagavam juros sobre o dinheiro depositado nelas (Lc 19.23). Mas o débito sempre foi considerado uma situação incômoda, e muitos banqueiros eram detestados pelo povo. Segundo a lei romana, aquele que não pagasse suas dívidas poderia ser lançado na cadeia (Mt 18.25).

Nos tempos antigos, as pessoas tinham o costume de enterrar dinheiro e objetos de valor para pô-los a salvo de ladrões. Deus proibira ao povo de Israel cobrar juros de empréstimos feitos aos pobres (Êx 22.25). Os historiadores informam que, na época em que João escreveu o Apocalipse, Laodicéia era um grande centro bancário. Aliás, o apóstolo afirma que os crentes estavam sofrendo espiritualmente por causa de sua grande riqueza (3.17).

O mais conhecido confronto de Jesus com cambistas é o que ocorreu no templo (Jo 2.14; Mt 21.12). Parece que houve duas ocasiões dessas durante o ministério dele. É verdade que as pessoas que iam ao templo precisavam fazer o câmbio da moeda, mas, ao que parece, aqueles cambistas estavam cobrando preços exorbitantes.

As semelhanças entre as práticas bancárias daquela época e as de hoje chegam a ser surpreendentes. Já existiam poupanças; por exemplo, faziam-se hipotecas; havia empréstimos de emergência com a cobrança de juros, geralmente em torno de 12 ou 13%, mas podendo chegar até 50%. Já havia cartas de crédito; faziam-se empréstimos internacionais, e guardavam-se depósitos em cofres fortes.

**Carpinteiros.** Essa profissão tem um significado todo especial porque tanto Jesus (Mc 6.3) como José (Mt 13.55) exerciam esse ofício. Em geral, eles não trabalhavam como construtores, pois as casas não eram feitas de madeira. Mas eles fabricavam móveis e outros objetos de madeira para a casa, como os portais. É possível que Jesus tenha feito cangas de bois, tamboretas, arados, baús, carroças e grades para janelas. Vez por outra, os carpinteiros fabricavam também dentes postiços.

As ferramentas que Jesus deve ter usado eram machado, machadinha, serrote, facas, plaina e esquadro. Além disso, naquela época já se utilizavam também martelo e pregos de bronze. É possível que ele tenha trabalhado também com verrumas.

**Correios.** Como o número de alfabetizados era bastante elevado, o volume de correspondência era grande. E a necessidade de se transportar essa correspondência precipitou a criação de um sistema postal.

Já no século VI A. C., os persas utilizavam correios que viajavam em lombo de animal. Havia estações, localizadas a um dia de distância umas das outras, onde se encontravam bons cavalos e mensageiros a postos, para levar a correspondência oficial.

Os romanos tinham um sistema semelhante, com hospedarias para descanso dos mensageiros. Contudo, ainda não sabemos ao certo se o público em geral tinha acesso a esses serviços. Até onde temos informações, a correspondência das pessoas do povo era transportada por amigos ou por mercadores. Evidentemente, o apóstolo Paulo deve ter usado desse expediente para circular suas cartas.

**Curtidores.** O couro era muito utilizado na antigüidade estando muito presente na vida do povo, já que com ele se fabricavam calçados, tendas, recipientes, peças de vestuário, armadura e pergaminhos para escrita. Como o curtidor trabalhava com animais mortos, era um pouco depreciado, embora fosse muito necessário à sociedade. Ele era obrigado a viver fora dos limites da cidade primeiro porque as substâncias que usava em seu trabalho tinham um odor muito desagradável, e também porque precisava ter acesso a grande volume de água.

Simão, o curtidor, morava à beira-mar, na cidade de Jope (At 10.6). De modo geral, as pessoas o evitavam. O fato de Pedro ter ido à sua casa constitui um acontecimento-chave no evangelho, já que isso mostra que o apóstolo ignorou as velhas leis sobre a impureza, e entrou na nova era, quando Deus declara que todas as coisas são limpas.

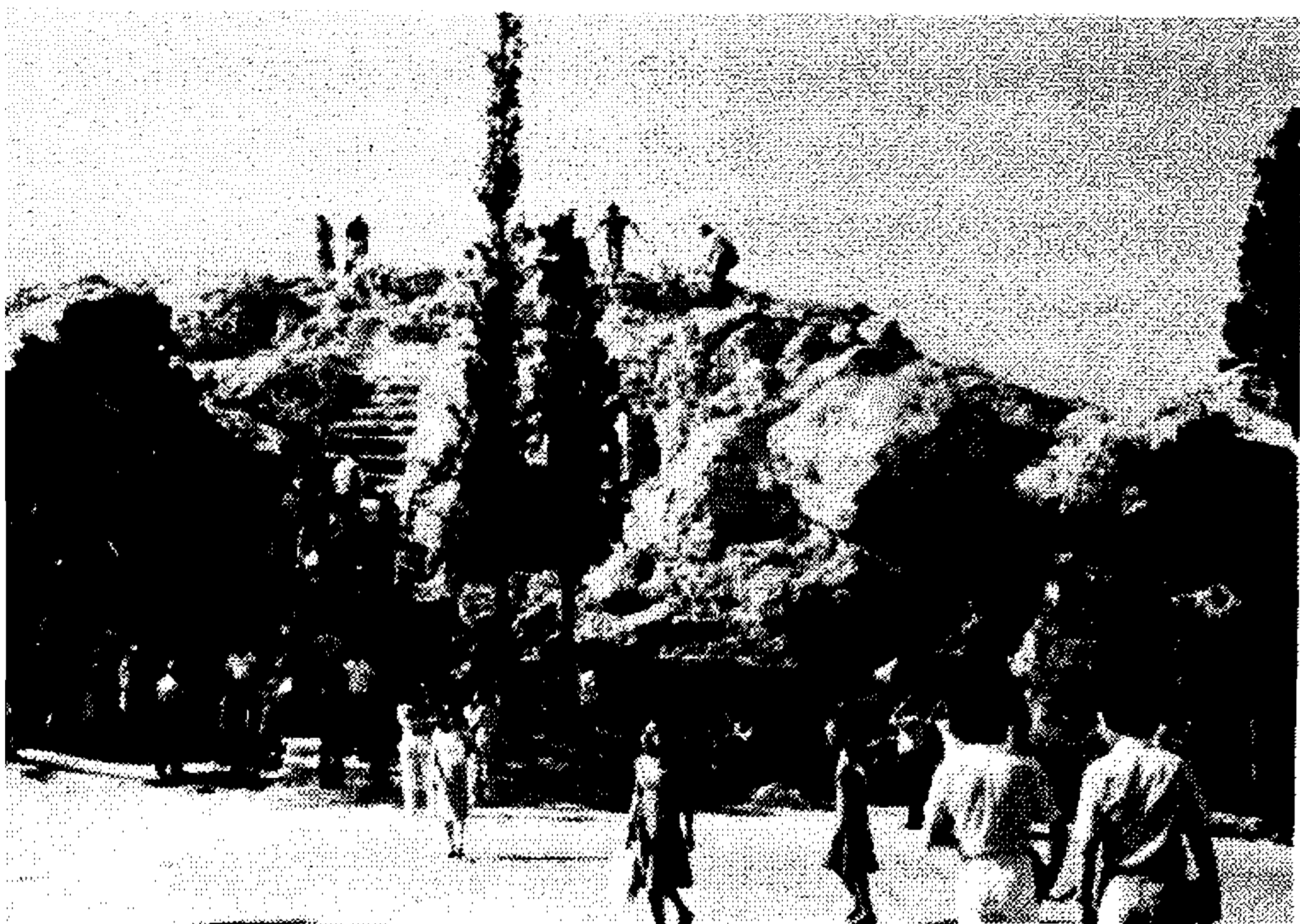
**Eunucos.** Nos dias de Jesus, havia um bom número de eunucos que trabalhavam nos palácios, como guardas dos haréns. Alguns deles eram realmente castrados; mas outros, não, e simplesmente assumiram o título. Não sabemos como era o eunuco que Felipe evangelizou e ganhou para Cristo (At 8.26ss).

Muitos desses homens exerciam uma forte influência nas cortes reais. No Velho Testamento há menção de muitos eunucos (2 Rs 20.18; Jr 41.16). Supõe-se que Daniel e seus amigos também fossem eunucos (Dn 1.19).

Jesus afirmou que algumas pessoas, para servirem ao reino de Deus, iriam voluntariamente desistir de se casar (Mt 19.12), tornando-se praticamente eunucos.

**Filósofos.** Alguns gregos e romanos ganhavam a vida divulgando sua sabedoria e conhecimentos. Eles cobravam uma taxa de quem os procurasse para aconselhar-se com eles, fosse gente do povo ou homens do governo. Sabe-se que imperadores como Nero e Aurélio muitas vezes recorriam a esses sábios.

Esses homens representavam uma grande parcela do pensamento da época. Aqueles que concordavam com as idéias de um determinado filósofo consideravam-no um grande intelectual. Os que discordavam de seus postulados olhavam-no como uma figura cômica.

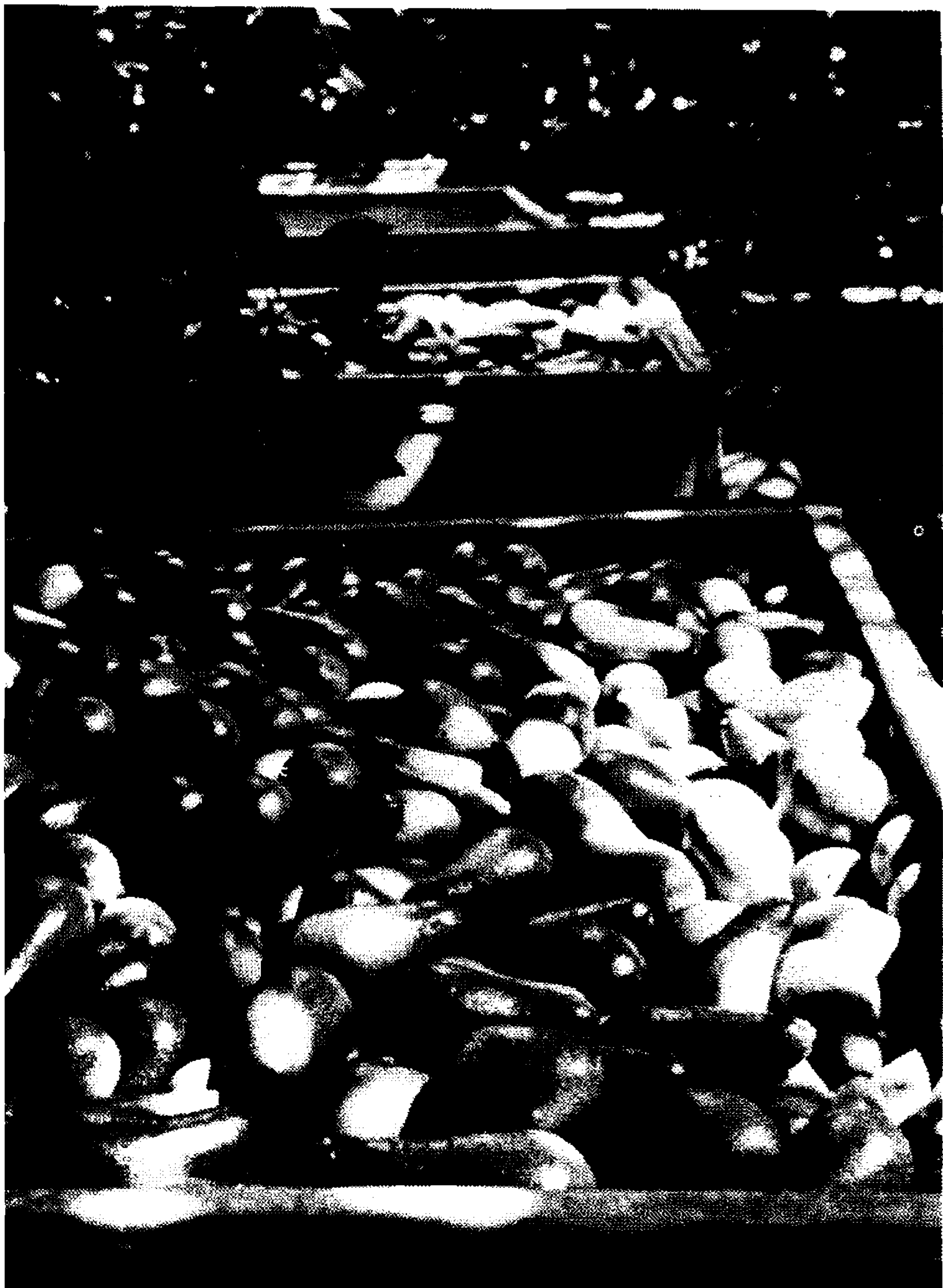


Este morrinho rochoso situado abaixo da Propiléia, em Atenas, é conhecido como o Areópago ou Colina de Marte. Foi desse "púlpito" criado pela natureza que Paulo pregou o sermão que se acha transcrito em Atos 17.22ss. TW

Paulo advertiu aos cristãos de Colossos que tivessem cuidado com os filósofos, pois suas idéias eram contrárias ao ensino das Escrituras (Cl 2.8). Por seu lado, alguns estóicos e epicureus contenderam com o apóstolo considerando absurdo seu modo de encarar a vida (At 17.18). Mas quando ele lhes discursou no Areópago (At 17.32-34), parece que foi muito bem aceito.

*Hoteleiros.* Na antigüidade, normalmente, os viajantes pernoitavam acampados ao ar-livre, ou então se hospedavam em casas particulares. Mas, à medida que a vida foi-se tornando mais complexa e passou-se a viajar mais, surgiu um novo ramo de comércio — as hospedarias. É possível que Raabe, a meretriz (Js 2.1), mantivesse uma dessas hospedarias. Mais tarde, elas se desenvolveram, transformando-se em *caravançarás*, locais onde se ofereciam acomodações para pessoas e para animais.

vam em casas particulares. Mas, à medida que a vida foi-se tornando mais complexa e passou-se a viajar mais, surgiu um novo ramo de comércio — as hospedarias. É possível que Raabe, a meretriz (Js 2.1), mantivesse uma dessas hospedarias. Mais tarde, elas se desenvolveram, transformando-se em *caravançarás*, locais onde se ofereciam acomodações para pessoas e para animais.



A agricultura é uma das principais atividades da Galiléia, hoje. Vemos aqui carregamentos de abacates de um kibbutz da região, aguardando embarque. CD

Nos dias de Cristo, todas as áreas mais populosas tinham hospedarias. Por ocasião das festas religiosas e dias festivos, era muito difícil encontrar vaga nesses estabelecimentos, e foi por isso que seus pais não encontraram lugar na hospedaria em Belém (Lc 2.7). Quando o número de forasteiros numa cidade era muito elevado, alguns se viam obrigados a procurar hospedagem nas cidades vizinhas, ou a dormir em tendas.

Pelo que diz a Bíblia, alguns hospedeiros eram bondosos e confiáveis (Lc 10.34,35). Mas é possível que as pousadas atendessem apenas às necessidades básicas dos hóspedes.

**Jardineiros e hortelões.** Havia diversas formas de cultivo da terra como pomares, hortas e jardins. O rei Acabe chegou a matar um homem, Nabote, por causa de uma horta (1 Rs 21). O rei Salomão gostava muito de jardins e é possível que tenha cuidado deles também (Ec 2.5). Por determinação de Deus, Adão foi jardineiro (Gn 2.15).

A única menção direta a um jardim, no Novo Testamento, é a que se encontra em João 20.15. O túmulo de Jesus ficava num jardim muito bem tratado, que provavelmente era cuidado por um jardineiro profissional.

**Marinheiros.** Os israelitas, de modo geral, não eram muito afeitos ao mar. Mas, à medida em que a nação enriquecia, eles começaram a sentir a necessidade de arriscar-se a sair em busca de mais comércio, matéria-prima e artesãos. Os fenícios, povos mais experientes em viagens marítimas, eram os grandes navegadores da época. Pelas cidades costeiras de Israel circulavam constantemente muitos marinheiros. A vida deles era muito penosa. Havia ocasião de ficarem até três anos longe de casa. A mais extensa menção de marinheiros no Novo Testamento é a relacionada com a viagem de Paulo a Roma (At 27, 28).



Este belo jardim, com muitas árvores, arbustos e plantas aromáticas está localizado no Jardim do Túmulo, um recanto tranquilo no setor sudeste da cidade de Jerusalém. Este local é apontado pelos grupos protestantes como o ponto onde se localizava o jazigo da família de José de Arimatéia, o rico judeu que cedeu seu jardim e mausoléu para que Jesus fosse nele enterrado. TW



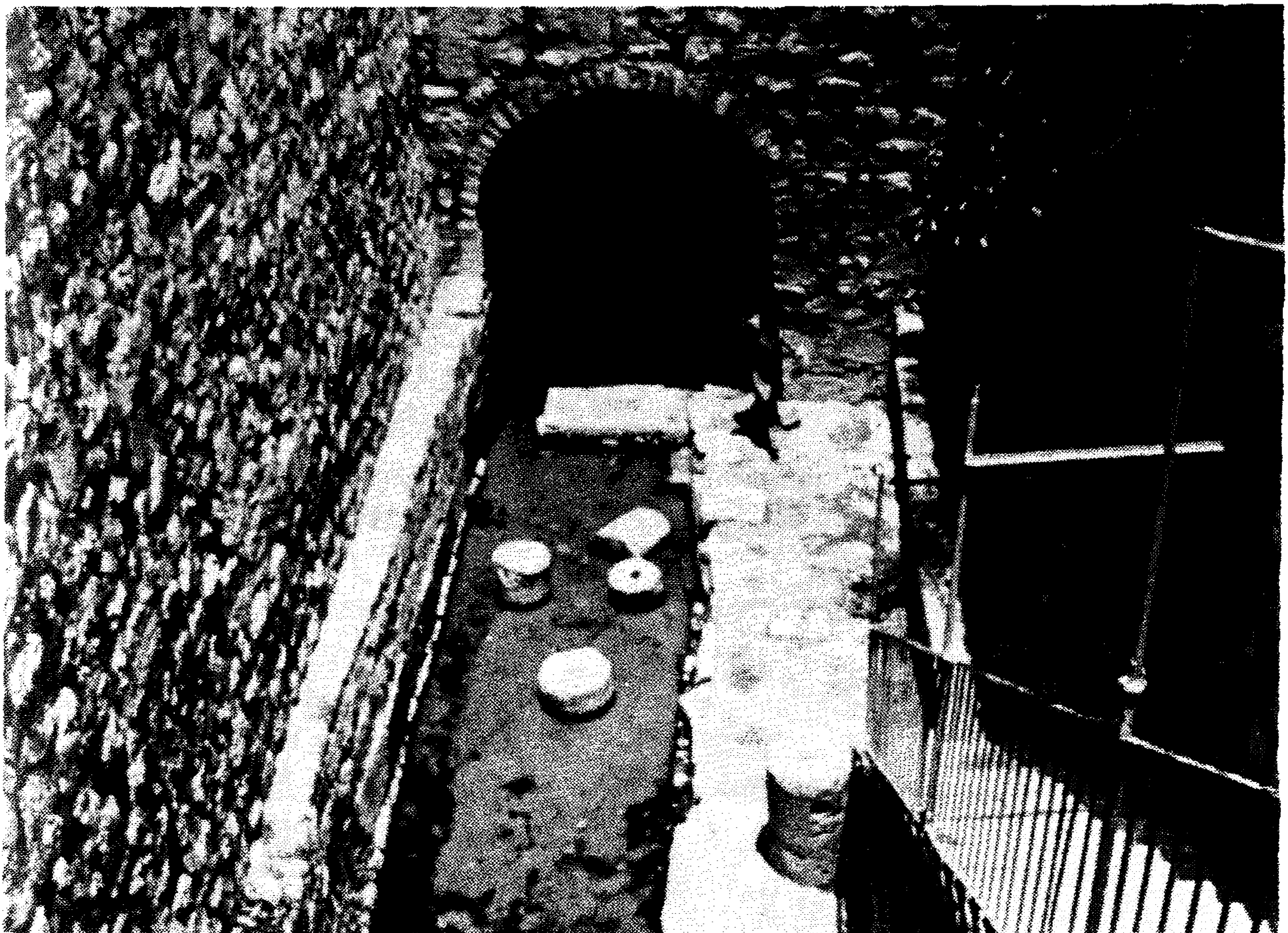
A mendicância é uma atividade muito explorada na Palestina. Este mendigo se acha nas proximidades da Igreja da Anunciação, em Nazaré.

**Mendigos.** Devido ao grande número de enfermidades, lesões e defeitos de nascença, bem como ao alto índice de desemprego em Jerusalém, a mendicância tornou-se uma forma de vida muito comum. Havia alguns que passavam a vida toda como pedintes, sem outro meio de sustento. E a cidade favorecia muito a mendicância principalmente por causa das romarias religiosas ao templo. Dar esmolas era uma prática tradicional dos israelitas, e quando se realizavam as festividades religiosas, o povo se sentia ainda mais inclinado a dar. E a renda obtida desse modo era muito boa, pois incentivava alguns a fingir-se de aleijados para despertar a piedade do povo, e assim receber mais auxílios.

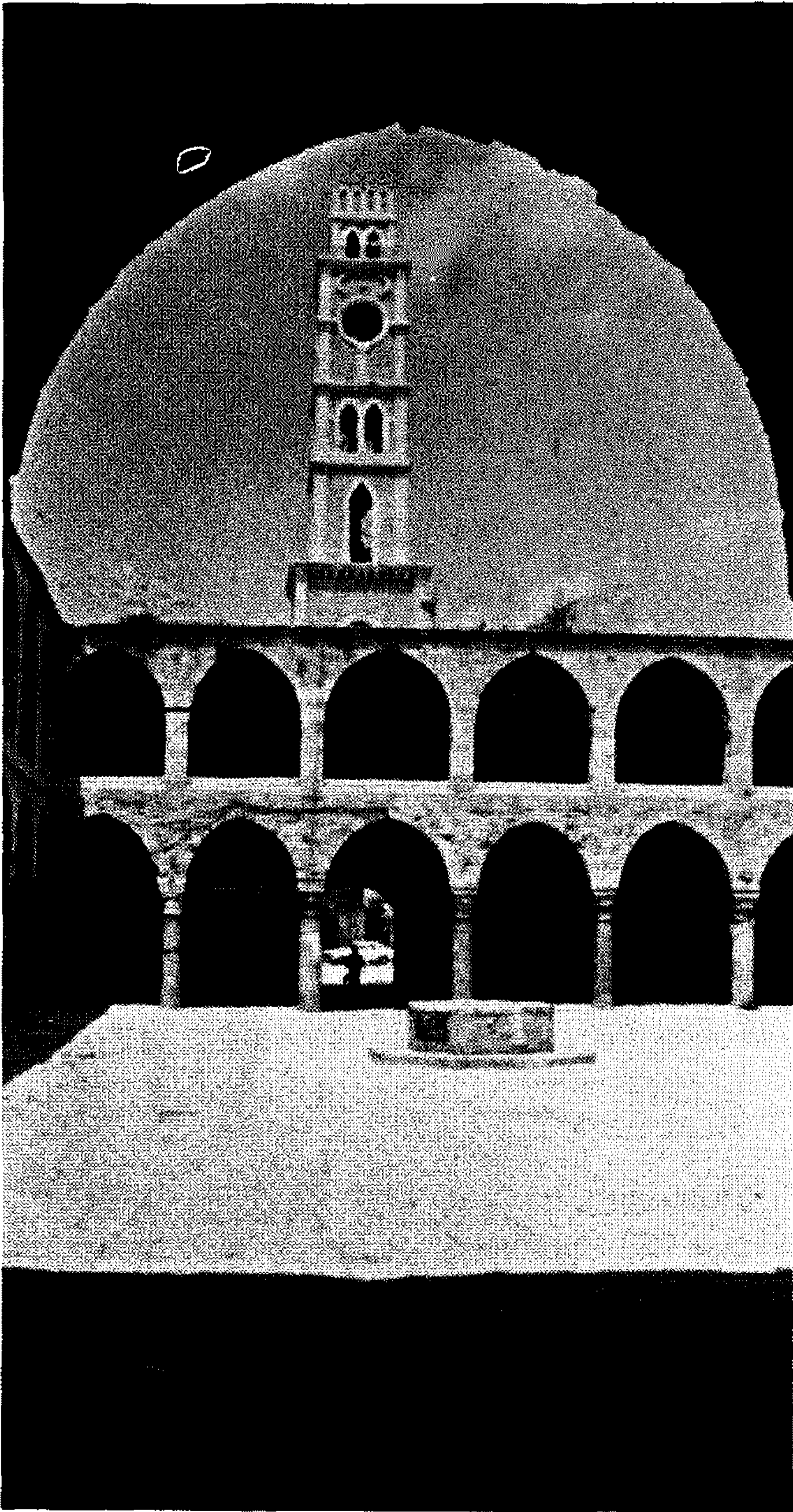
Como a área do templo estava sempre muito cheia de indigentes, foi preciso que se fizessem regulamentos para definir bem o que eles poderiam fazer ou não, onde eles poderiam entrar ou não. Alguns iam de uma cerimônia religiosa para outra, de um casamento para um culto fúnebre, sempre na esperança de receber alguma esmola.

Em suas caminhadas, Jesus passou por muitos pedintes, e utilizou a imagem deles para ilustrar seus ensinamentos. Na parábola do rico e Lázaro, descreveu um mendigo, Lázaro, com o corpo todo coberto de feridas (Lc 16.20). Alguns dos mendigos mais conhecidos do Novo Testamento são o cego Bartimeu (Mc 10.46) e o coxo que estava à porta

O tanque de Siloé está situado no vale Tiropeano, na parte sul da Cidade de Davi. Foi aqui que Jesus curou o cego mencionado em João 9.1-11. TW







Este caravançaré turco está localizado em Haifa, na parte velha da cidade, no bairro de Akko, junto ao mar Mediterrâneo. Nas imediações do porto existem várias dessas hospedarias que oferecem galpões para armazenamento das mercadorias trazidas pelas tropas de camelos, bem como acomodações para os mercadores e condutores de animais. Akko era um dos principais portos do comércio de produtos transportados por caravanas.

TW

Formosa (At 3.2). De todos, o que causou maior agitação foi o cego que Jesus curou em Siloé (Jo 9).

**Mercadores.** No período neotestamentário, era grande o número de comerciantes e vendedores ambulantes. Alguns estavam apenas vendendo artigos que eles mesmos fabricavam ou cultivavam. Outros compravam esses artigos no atacado e os vendiam no varejo.

Enquanto em outras nações o comércio sempre fora bem desenvolvido, em Israel o número de comerciantes aumentou abruptamente devido a dois eventos históricos. O primeiro foi a urbanização promovida pelo rei Salomão e a grande prosperidade que o país experimentou no reinado dele. O segundo foi o exílio babilônico. Quando se encontravam exilados, eles não dispunham de muita terra para cultivar, e foram obrigados a recorrer ao comércio como forma de subsistência. Retornando à sua terra, muitos voltaram a dedicar-se à agricultura, mas o crescimento da população e as mudanças trazidas com a passagem do tempo provocaram um aumento nas transações comerciais.

Havia diversos tipos de venda a varejo. Um deles era o comércio lojista. Todas as lojas ficavam em setores comerciais, e eram contíguas umas às outras. Havia comerciantes que tinham filiais em mais três ou quatro cidades. Em Jerusalém, essas casas eram chamadas de *sugs*, e as ruas onde estavam localizadas eram todas muito estreitas.

Outro tipo de comércio era o dos mascates, ou vendedores ambu-

lantes. Esses não tinham local fixo; armavam uma banca ou mesinha pela manhã, para fazer suas vendas durante o dia, e à noite desmontavam tudo.

Um outro tipo era o viajante. Esses homens vendiam suas mercadorias de cidade em cidade, mas também, por ocasião das grandes festas, como a Páscoa, procuravam estar em Jerusalém, para onde haveria grande afluxo de pessoas.

Mas para que o comércio prosperasse, seria necessário haver boas estradas e segurança para o viajante. E tanto o rei Herodes como os governadores instituídos pelo Império Romano se esforçaram muito nesse sentido.

Os consumidores da época tinham as mesmas preocupações que nós hoje — observavam peso correto, boa qualidade do produto e preços justos. Acredita-se que a margem de lucro do comerciante ficava em torno de 20 a 30%, embora às vezes pudesse chegar a 100%.

O historiador Josefo afirma que muitos dos judeus de seu tempo não apreciavam muito o ofício de comerciante. Entretanto a realidade econômica

Os vendedores ambulantes armam suas bancas durante o dia, e as desmontam à noite. Aqui vemos um ambulante vendendo frutas carameladas numa rua de Jafa. TW



Este comerciante de peles é um exemplo típico dos centenas de varejistas com suas lojinhas enfileiradas nas ruas da parte velha da cidade de Jerusalém. Essas lojas são chamadas de *sugs*. TW





Após a invenção do torno do oleiro e a utilização de fornos para "cozer" o artefato, foi possível criarem-se vasos que eram ao mesmo tempo belos e funcionais. TW

Após a invenção do torno do oleiro e a utilização de fornos para "cozer" o artefato, foi possível criarem-se vasos que eram ao mesmo tempo belos e funcionais. TW

Depois que o oleiro dava forma ao objeto, colocava-o num forno para ser cozido. A "Torre dos Fornos" mencionada em Neemias (3.11) talvez fosse um lugar onde havia muitos deles. Alguns dos habitantes de Jerusalém protestavam contra a fabricação de objetos de cerâmica ali, pois a fumaça que provinha deles era bastante incômoda.

No Novo Testamento há menção de vários desses artigos, como ta-

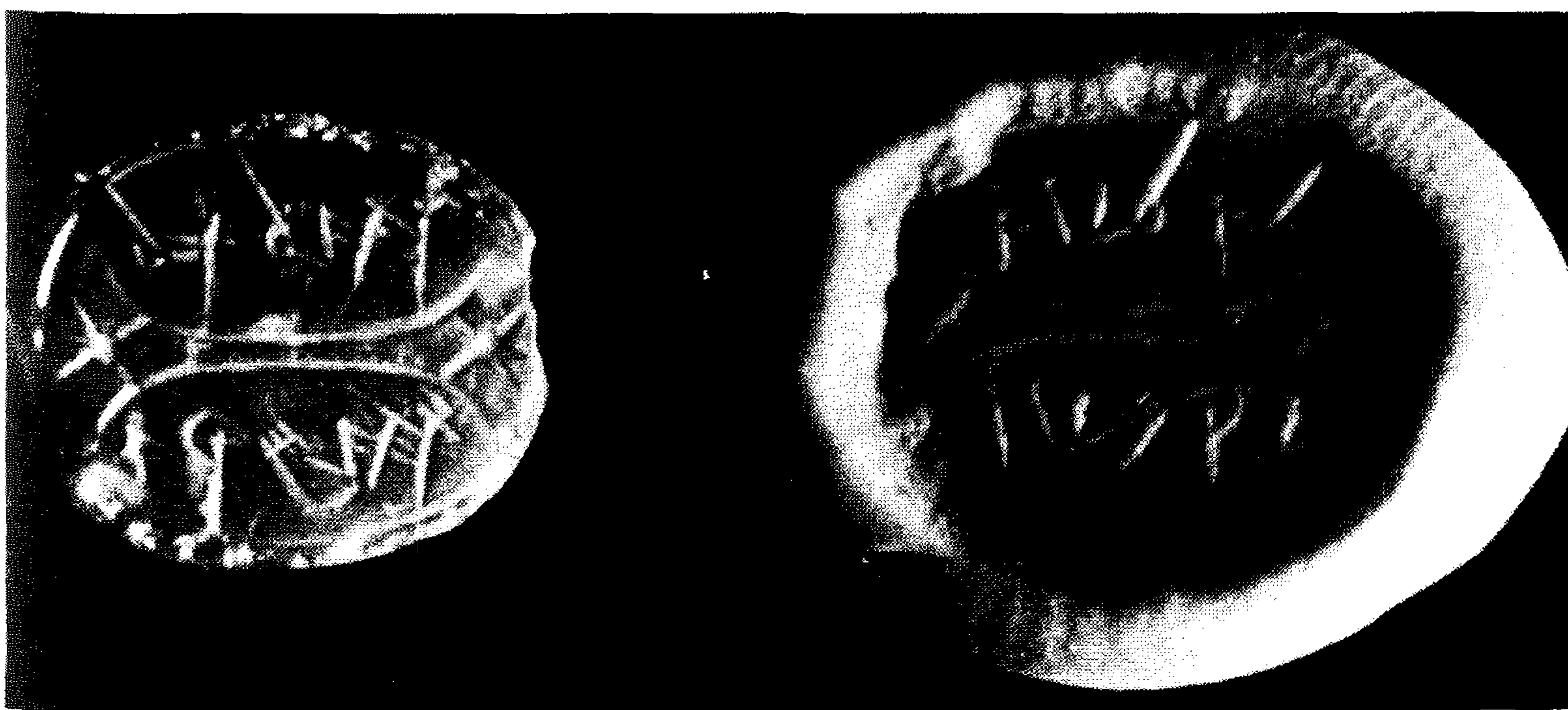
os obrigava a dedicar-se a ele, e a Bíblia fala de muitos que viviam do comércio (Mt 22.5). Lídia era uma comerciante que vendia púrpura (At 16.14). Quando Jesus narrou a parábola das dez virgens (Mt 25.9), disse que as prudentes falaram às néscias para irem comprar óleo à mão dos que o vendiam. Por ocasião da purificação do templo, quando Jesus derrubou as mesas dos cambistas, expulsou também os que estavam vendendo pombas (Mc 11.15).

**Oleiros.** A fabricação de potes de cerâmica era uma atividade conhecida desde a pré-história. Em muitos casos, preferia-se o vasilhame de cerâmica ao de couro, ou aos cestos, por serem mais resistentes. Além disso, eles retinham melhor os líquidos, e ofereciam maior proteção contra insetos e animais.

Os vasos mais antigos eram manufacturados sem qualquer equipamento. Mas, após a invenção do torno do oleiro, eles puderam trabalhar com mais rapidez e criar produtos de formato mais regular, mais simétrico (Jr 18.1-6). E eles não fabricavam apenas potes e tigelas, mas faziam também bonecas e outros brinquedos.



Essas lâmpadas enfileiradas mostram a evolução por que passaram as lâmpadas de azeite na Palestina, durante um período de 3.000 anos, isto é, do início da Idade do Bronze até o período bizantino e árabe. Vemos ao alto a fileira que corresponde às lamparinas da Idade do Bronze, começando com um simples pratinho ao qual se colocavam vários pavios, com a ponta caída sobre a borda dele. Mais tarde fizeram-se sulcos nele para acomodar os pavios; depois, esses sulcos foram afunilados transformando-se em bicos. Mais adiante, porém, optou-se por um bico só, a princípio com uma leve dobra, e depois chegando à forma triangular. Na fileira do meio temos a evolução dela na Idade do Ferro. Aí a dobra da ponta do bico é bem mais acentuada, e aparece o achatamento da borda. No final da Idade do Ferro é acrescentada à lâmpada uma base, que desaparece no período pérsico quando o bico passa a ser aprofundado, chegando à base. Por fim, na época dos macabeus, as laterais são totalmente fechadas, criando-se a lamparina com formato de sapato. Na fileira de baixo, estão lâmpadas dos períodos grego e romano, que são feitas por moldes, não se utilizando o torno do oleiro. A lâmpada de bico alargado (à esquerda do centro, embaixo) é típica do período herodiano. As da direita são do período islâmico-árabe. DM



Um sinete de cornalina tendo ao lado a reprodução de suas ranhuras em cerâmica. Este sinete faz parte de um grupo de achados arqueológicos de Gezer, que datam do ano 700 A. C.; é o mais antigo objeto no qual aparece o nome "Elias" num selo de Israel. DM



O fabrico de tijolos ainda hoje é, como o era nos tempos bíblicos, uma ocupação honrosa e um importante aspecto da indústria da construção civil.

SAB

lha para água (Jo 2.6), vasilhas de azeite (Mt 25.1-13) e lâmpadas (Mt 25.1-8).

Por ser grande a quantidade de vasos de cerâmica em Israel, ali se encontravam também muitos cacos. As descobertas arqueológicas têm demonstrado que na antiguidade usavam-se os cacos para escrever. Em Israel, o povo preservava suas mensagens ou pensamentos escrevendo-os em pedaços de vasos quebrados. De modo geral, os papiros e o couro eram muito caros, e a gente do povo não podia usá-los. Então cartas, mapas e documentos eram feitos em pequenas placas de argila ou cerâmica. Inicialmente os caracteres usados na escrita eram pequenos desenhos de figuras, mas depois surgiram as letras. Quando se tratava de um documento oficial, gravava-se um sinete nele. Os escritos desses objetos de cerâmica e argila encontrados atualmente são de grande importância para a arqueologia moderna.

**O setor de construção.** Durante o período em que Israel foi governado pelos herodianos, o setor da construção experimentou um grande progresso. Os Herodes reconstruíram o templo e o palácio, e mandaram edificar túmulos suntuosos, um teatro e um hipódromo. Esses projetos, bem como alguns outros, propiciaram significativo aumento na oferta de empregos.

**Padeiro.** O pão era o alimento mais consumido em Israel, e na maior parte das vezes era feito em casa mesmo. Contudo, após o reinado de Salomão, grande parte da sociedade se tornou urbana, gerando a necessidade de padeiros profissionais. Na antiguidade, somente os ricos, os reis e faraós (Gn 40.2) tinham padeiros, mas a partir de certa época, eles passaram a trabalhar para o povo em geral.

Mais tarde, eles criaram as padarias e elas se multiplicaram tanto



Este vendedor de pães frescos vai empurrando sua carrocinha numa movimentada rua de Jerusalém, nas proximidades da Porta de Damasco. TW

que nos dias de Jeremias, havia uma rua chamada "Rua dos Padeiros" (Jr 37.21). Ainda hoje existem muitas delas perto do Portão de Damasco, em Jerusalém. Consta que na época de Cristo já existiam padarias semelhantes a essas.

**Trabalho em metal.** A arte de trabalhar com metais floresceu durante o reinado de Salomão e se difundiu bastante entre o povo de Israel. Havia diversos artesãos habilidosos que trabalhavam com ouro, prata, ferro, chumbo, cobre, latão e outros tipos de metal. Eles confeccionavam jóias que eram apreciadas por muitas pessoas, além de outros trabalhos utilizados como adorno de casas e prédios. Mas fabricavam também imagens de deuses pagãos. Em Éfeso, os artífices tinham prosperado tanto com seu comércio de imagens da deusa Diana que, quando a pregação do evangelho ali começou a ameaçar o negócio, eles se revoltaram (At 19.24).

# A ESCRAVIDÃO



**O**s povos bíblicos achavam-se bem familiarizados com a questão da escravidão e todos os seus aspectos, já que ela foi uma prática comum nas sociedades antigas, durante milhares de anos, fazendo parte do dia-a-dia daqueles povos. A economia de Israel, e em escala ainda maior, as economias da Grécia e de Roma dependiam largamente dessa forma de mão-de-obra barata.

No primeiro século, a maioria das pessoas estava sempre vendo escravos, ou trabalhando ou sendo comercializados. Uma cena muito comum na época era a de prisioneiros de guerra conduzidos pelas ruas, para serem vendidos como escravos.

Apesar de a Bíblia conter leis proibindo a crueldade contra os servos, o fato é que havia muitos senhores que lhes davam tratamento brutal. Escravos eram separados de seus familiares, levados para terras distantes, e nunca mais retornavam à pátria. Contudo ainda havia um lado positivo nessa horrenda forma de comércio. Quando um israelita contraía muitas dívidas e não conseguia saldá-las, poderia voluntariamente tornar-se escravo e trabalhar para pagar seu débito, em vez de ir para a cadeia ou de receber algum outro tipo de castigo. Além disso havia escravos que prosperavam e conquistavam a liberdade, chegando até a ocupar posição de destaque na sociedade.

Não é justo comparar o tipo de escravidão praticado nos tempos bíblicos com o praticado nas Américas no século passado. Na América do Norte, por exemplo, era proibido por lei um escravo aprender a ler e escrever ou adquirir uma propriedade. Também era muito raro alguém conseguir, com o próprio trabalho, ganhar o suficiente para comprar sua alforria. Já a lei judaica, diferentemente, oferecia muitas saídas para os escravos daquela época.

É importante que entendamos bem as condições da escravidão na antiguidade porque há muitos termos bíblicos relacionados com essa atividade. Alguns escritores bíblicos, como Pedro e Paulo, utilizavam aspectos da escravidão para explicar com clareza o sentido do sacrifício de Cristo por nós. Embora nem sempre pudesse garantir-

nos a liberdade física, Jesus conquistou para nós a libertação espiritual, não só no presente mas por toda a eternidade. □

**A AQUISIÇÃO DE ESCRAVOS** □ Pela lei do povo de Israel, havia diversas maneiras pelas quais uma pessoa obtinha um escravo. Além disso havia dispositivos na lei para proteção dos escravos hebreus, que não se aplicavam a escravos estrangeiros.

*A escravidão voluntária.* Quando uma pessoa se tornava muito pobre e não podia se sustentar mais, poderia vender-se como escravo (Lv 25.39), mas deveria ser tratado como um empregado comum, e, no ano do jubileu, deveria ser liberto. O homem que se casasse nos seis anos em que tinha de trabalhar como escravo, podia fazer a opção de ficar com seu amo. Nesse caso, ao que aparece, era obrigado a ficar com ele pelo resto da vida (Êx 21.5,6). Aí então teria que furar a orelha para ficar caracterizado como escravo. As nações vizinhas tinham leis semelhantes. Essa legislação constituía uma medida de proteção para aqueles que sofressem um revés financeiro.

*Os endividados.* Quando uma pessoa se via envolvida em pesadas dívidas, podia vender a si mesma, e proceder como descrevemos acima. Mas havia também os que se tornavam escravos pela força. Essa prática se intensificou muito depois de instaurada a monarquia. Quando alguém roubava alguma coisa e não tinha meios para restituí-la poderia ser vendido como escravo para pagamento do débito (Êx 22.3). Nos dias de Neemias, alguns israelitas tinham ficado tão pobres que haviam vendido filhos e filhas como escravos (Ne 5.1-5). Isso demonstrava que não havia ali um governo justo. Há também o caso de uma viúva que estava na iminência de ver os filhos serem levados como escravos, por não ter com que saldar suas dívidas (2 Rs 4.1). Essa prática não contava com a aprovação bíblica, mas existia.

*A compra de escravos estrangeiros.* Israel mantinha um grande tráfico de escravos com outras nações; mas na maior parte dos casos, eles participavam dos negócios como compradores de escravos estrangeiros. Era muito raro um hebreu ser vendido como escravo a povos de outras nações, pois havia um severo dispositivo da lei que determinava que se alguém vendesse um de seus irmãos como escravo seria condenado à morte (Dt 24.7). Já os escravos de fora que eram adquiridos por eles não tinham nenhuma garantia de que pudessem vir a ser livres, e poderiam até ser deixados como herança de uma geração para outra (Lv 25.46).

*Os prisioneiros de guerra.* O povo de Israel estava familiarizado com as horríveis práticas que se seguiam a uma guerra. Foram muitas as vezes que viam sua gente ser levada para o cativeiro. A jovem que estava servindo à esposa do general Naamã, por exemplo, fora levada como escrava para a Síria (2 Rs 5.2), por tropas desse país que



invadiram Israel. E os hebreus faziam a mesma coisa, e sempre que derrotavam um inimigo traziam muitos escravos. Quando lutaram com os midianitas, por exemplo, levaram os prisioneiros e outros despojos para Moisés e Arão (Nm 31.11,12). Alguns comentaristas justificam esse ato afirmando que era a atitude mais humana, já que a outra alternativa seria simplesmente eliminá-los. Mas há outros que acreditam que os fins não justificam os meios.

As leis do povo de Israel continham outros dispositivos que disciplinavam a escravidão. Se um homem se casasse com uma escrava, ela teria que ser tratada como uma mulher livre (Dt 21.10-14), e não poderia mais ser vendida como escrava.

Mas houve pelo menos uma ocasião em que os israelitas capturaram judeus e tentaram fazer deles escravos. Isso aconteceu quando os exércitos de Israel derrotaram o de Judá e Jerusalém. Mas havia ali um profeta de nome Odede que protestou contra isso (2 Cr 28.9,10). □

**OS ESCRAVOS DE SALOMÃO** □ Grande parte da glória que Israel obteve se deveu ao trabalho de escravos estrangeiros, povos derrotados em guerras, que tinham sido dados ao rei e às autoridades do governo. Salomão não tinha escravos hebreus, mas possuía muitos estrangeiros (1 Rs 9.21). Alguns deles trabalhavam nas minas do sul; outros talvez tenham recebido treinamento para servirem na marinha de Israel.

O governo de Israel empregou trabalho escravo principalmente a partir do reinado de Davi até os dias de Esdras e Neemias. Contudo, desde o momento em que entraram na terra de Canaã e derrotaram os cananitas, já começou a existir a escravidão (Js 16.10). □

**PROTEÇÃO PARA OS ESCRAVOS HEBREUS** □ Quem possuísse um escravo hebreu não poderia tratá-lo como bem entendesse. A Bíblia contém algumas determinações que prescreviam um tratamento mais humano para o escravo hebreu, as quais não se aplicavam obrigatoriamente ao estrangeiro. Elas se encontram em Êxodo 21.1-11; Levítico 25.39-55 e Deuteronômio 15.

1. Ele tinha de ser liberto depois de seis anos de trabalho.
2. Se ele se casasse durante o tempo em que servia como escravo, poderia permanecer com seu senhor.
3. Se a esposa fosse uma escrava de seu senhor, e eles tivessem filhos, ao sair, ele não poderia levar nem a esposa nem os filhos.
4. Aquele que recebesse como escrava a filha de um hebreu não poderia vendê-la a estrangeiros.
5. Se ela se casasse com o filho do senhor, deveria ser considerada como filha dele.

6. Se um homem se casasse com uma escrava e não lhe desse alimento, roupas e afeto, ela poderia deixá-lo, tornando-se livre.

7. O homem que empobrecesse e vendesse a si mesmo como escravo, deveria ser tratado como um empregado assalariado, e não como escravo.

8. Nenhum senhor poderia tratar com crueldade seus escravos hebreus.

9. O escravo poderia ser resgatado por parentes.

10. Quando o escravo era liberto, seu senhor tinha que dar-lhe alguma coisa para que pudesse recomeçar a vida.

A maior parte do conhecimento que se tem sobre o tratamento dado aos escravos nos tempos do Velho Testamento nos vem da própria Bíblia. □

**COMO SE MARCAVAM ESCRAVOS** □ Nos primeiros seis anos em que um escravo trabalhava para seu senhor, não poderia ser marcado. Mas, se ele resolvesse continuar escravo pelo resto da vida, teria que encostar-se ao umbral de uma porta para que sua orelha fosse furada, o que indicaria sua condição de escravo (Êx 21.6; Dt 15.17). A perfuração era feita com uma sovela de carpinteiro; e o método era o mesmo usado para se perfurar um pedaço de couro ou madeira.

Na antigüidade, havia ainda outras maneiras de se marcar uma pessoa, e algumas dessas marcas eram utilizadas em escravos. Faziam-se tatuagens nas mãos e outros tipos de marcas na testa (Ez 9.4). Quinhentos anos antes de Cristo, os escravos do povo de Israel eram marcados com o nome de seu senhor gravado no pulso. □

**FERIMENTOS INFLIGIDOS A ESCRAVOS** □ Se o dono de um escravo hebreu o ferisse, estaria sujeito a sofrer uma punição ou a dar-lhe alforria, como está explicitado em Êxodo 21.20 e seguintes.

1. Se o dono matasse um escravo com uma surra, ele tinha de ser castigado. Mas se o escravo não morresse, e depois de alguns dias se recuperasse, o dono não seria considerado culpado.

2. Se o dono batesse num escravo e o cegasse, o escravo poderia ser liberto.

3. Se o escravo perdesse um dente da mesma forma, poderia também sair livre.

4. Se um touro ferisse um escravo de outro homem, o dono do animal tinha de pagar trinta moedas de prata ao dono do escravo. □

**A PROPRIEDADE DE UM ESCRAVO** □ Em Israel, um escravo poderia ajuntar riquezas e até comprar terras. Existiam formas pelas quais ele poderia ajuntar o suficiente para com-

prar sua própria alforria (Lv 25.49). O escravo do pai de Saul, afirmou possuir um quarto de um siclo de prata (1 Sm 9.8). Ziba, o escravo de Saul, possuía ele próprio vinte escravos (2 Sm 9.10). □

**COMO SE OBTINHA A LIBERDADE** □ A lei dos hebreus continha vários recursos pelos quais um escravo poderia conquistar a liberdade, mas nem todos se aplicavam aos escravos de origem estrangeira. Não seria errado supor que nem todos os donos observassem esses regulamentos rigorosamente.

1. Nenhum hebreu, homem ou mulher, poderia trabalhar como escravo mais de seis anos (Êx 21.2-4).

2. Se um senhor ferisse um escravo a ponto de causar-lhe uma lesão irreversível, teria de dar-lhe a liberdade (Êx 21.26,27).

3. O escravo que fugisse de seu dono, e fosse trabalhar para outro, não poderia ser devolvido ao anterior (Dt 23.15,16). Se preferisse viver em outro lugar, poderia fazê-lo.

4. Um escravo poderia vender uma filha para outro homem sob a condição de que mais tarde este a daria em casamento a um de seus filhos. Se o homem não cumprisse a promessa, isso implicava na automática libertação da moça (Êx 21.7-10).

5. Qualquer escravo poderia ser resgatado por um tio, um primo ou outro parente próximo. Se ele conseguisse juntar algum dinheiro também poderia alforriar-se (Lv 25.47-49). O conceito bíblico de resgate poderia ser aplicado a diversos aspectos da vida. Se alguém vendesse um terreno poderia resgatá-lo mais tarde, ou um parente poderia fazê-lo por ele. No sentido espiritual, Jesus fez isso; ele nos resgatou (Gl 3.13). É como se ele fosse o nosso resgatador; e o preço que pagou foi seu sangue derramado na cruz (Ef 1.7,8). O conceito de redenção, na verdade, é bem mais abrangente que a idéia do resgate de um escravo; mas para a sociedade daquele tempo, familiarizada com os aspectos relativos à posse de escravos, essa terminologia era bastante clara. Cristo nos comprou, ou nos resgatou do pecado, do mal, da culpa e da maldição da lei. □

## **A ESCRAVIDÃO NO NOVO TESTAMENTO**

□ Para apreciarmos melhor os escritos de autores neotestamentários como Paulo, precisamos compreender bem a extensão da escravidão no contexto em que eles viveram. O conceito que temos da palavra "servo", que na Bíblia significa "escravo", não traduz todo o impacto emocional e social causado pela condição do escravo. Servo, para nós, é apenas um empregado doméstico, um trabalhador braçal. Mas quando Paulo empregava o termo, muitas vezes referia-se ao "escravo". (O sentido básico da palavra *doulos* é escravo, com ênfase no aspecto do cativo.)

É possível que Paulo tenha-se inspirado na "venda" de escravos

para os deuses, que se praticava em Delfos, e da qual nos fala Deisman. O escravo entregava o valor correspondente ao seu resgate ao tesouro do templo; depois o seu dono ia até lá e o “vendia” para um deus, e recebia o dinheiro já anteriormente depositado pelo escravo. Na realidade, era o escravo quem pagava por sua libertação. Depois disso, passava a pertencer àquele deus, mas em verdade estava livre. É bem provável que quando Paulo abordou a questão da escravidão e libertação espiritual tivesse se inspirado, em parte, nessa prática que era muito difundida.

Ele descreve o crente como uma pessoa que foi liberta por Cristo (Gl 5.1). Muitas das referências que faz à libertação espiritual se baseiam em conceitos relacionados com a escravidão, como a de que os crentes foram comprados por um preço (1 Co 6.20; 7.23). Alguns membros da igreja primitiva eram escravos (1 Co 7.21), e poderiam compreender claramente a doutrina da redenção colocada dessa forma. □

**JERUSALÉM** □ Nos dias de Cristo, o tráfico de escravos em Jerusalém era bastante intenso. A cidade possuía o mercado próprio para esse comércio, onde havia até um estrado para leilões. E nesse tempo ainda se vendiam escravos judeus. Mas existiam também os gentios que eram trazidos principalmente da Síria, da cidade de Tiro, onde havia um grande centro de tráfico de escravos. A maioria dos que viviam nessa região trabalhava mesmo na cidade, e não nas zonas rurais.

O trabalho escravo era uma das principais causas do desemprego que havia na época. Como representava uma força de mão-de-obra barata, os homens livres tinham que aceitar salários baixíssimos, para competir com eles.

No primeiro século, ainda estavam em vigor alguns dos princípios praticados nos tempos do Velho Testamento. Um ladrão, por exemplo, poderia ser obrigado a se tornar escravo para fazer a restituição do que roubara, e pagar pelo seu crime. Alguns senhores hebreus costumavam mandar circuncidar os escravos gentios. Herodes, o Grande, era proprietário de grande número de escravos.

O valor de um escravo gentio era cem vezes superior ao de um hebreu, pois o gentio era propriedade do seu dono por toda a vida, ao passo que o hebreu só trabalhava para ele seis anos, no máximo. Por causa disso, havia mais escravos gentios do que israelitas.

O historiador Josefo comenta que nem todo mundo observava rigorosamente as leis que regiam a exploração do trabalho escravo. Herodes, por exemplo, vendeu escravos judeus para pessoas que moravam fora dos limites da nação, o que, pela lei bíblica, era proibido. É possível que muitos israelitas preferissem não comprar escravos

de seu povo, pois teriam que tratá-los bem, e eventualmente libertá-los. Isso explica um provérbio antigo que dizia o seguinte: "Comprar um escravo judeu, é comprar um dono." □

**O IMPÉRIO ROMANO** □ A escravatura era largamente praticada em todo o território do império. Houve ocasiões em que quase a metade da população era constituída de escravos, que se contavam em milhões. O tratamento dado a eles variava muito; enquanto uns eram tratados com crueldade, outros tinham até a afeição de seus amos. Os que trabalhavam em grupos, nas propriedades dos grandes latifundiários eram tratados com mais dureza, em relação aos que eram considerados da casa do senhor. Alguns senhores chegavam a assassinar seus escravos. Mas houve também muitos escravos que conseguiram a libertação, e alguns se destacaram na sociedade, a ponto de ocupar cargos governamentais.

Muitos judeus que, na condição de escravos de Roma, foram transportados para outras regiões, obtiveram a liberdade em meio à nova cultura. E muitos deles conseguiram atingir altas posições social e financeiramente.

Existem indicações de que os escravos romanos eram bem tratados, alimentavam-se bem, vestiam-se adequadamente, e recebiam tratamento semelhante, e às vezes até melhor, ao que era dado a um trabalhador comum. As moradias deles eram boas, e não raro residiam na própria casa do dono. O Império Romano se desenvolveu grandemente devido ao emprego da mão de obra escrava.

A igreja cristã que acabara de formar-se era constituída de senhores, escravos e ex-escravos. Assim, para se relacionar entre si eles tiveram que mudar drasticamente suas atitudes. Agora tinham que ter comunhão uns com os outros, orar e cantar hinos, todos juntos. É por isso que alguns dos escritores bíblicos abordam a questão da escravidão e do relacionamento entre eles. Pedro, por exemplo, instruiu aos escravos para que se submetessem ao seu senhor, mesmo que este fosse cruel e os esbofeteasse (1 Pe 2.18-25). Paulo ensinava que tanto senhores como escravos crentes deveriam tratar-se uns aos outros com respeito (1 Tm 6.1,2). Em sua carta a Filemom, que era crente e possuía escravos, aconselha-o a aceitar a volta de um servo seu, de nome Onésimo, que havia fugido.

Nos primeiros séculos de existência da igreja, houve escravos e ex-escravos que ocuparam posições de liderança nela. Muitos escravos, que talvez não tivessem muitas alegrias nesta vida, receberam a Cristo e a vida eterna, e até morreram por causa de sua fé. Mas não existem evidências de que os primeiros discípulos tivessem sido escravos ou possuíssem servos. Mais tarde sim, o grupo cristão era constituído de pessoas das duas classes. □

## **A POSIÇÃO DO NOVO TESTAMENTO** □

Não temos nenhum registro de que os apóstolos ou outro proeminente cristão da igreja primitiva tivesse feito algum pronunciamento contra a escravidão, já que eles viviam numa época em que essa prática era largamente aceita. Lembremos, porém, que naqueles dias ocorreram muitas outras coisas que não foram registradas na Bíblia (Jo 20.30,31).

Paulo ensinava que, se um escravo tivesse oportunidade de obter a liberdade, deveria aproveitá-la (1 Co 7.20,21). Para ele, o fato de um crente ser escravo não era empecilho para que Deus o usasse. É claro que era preferível que toda pessoa fosse livre, mas não havia nele o propósito de encabeçar um movimento de luta pela emancipação dos escravos.

Essa posição do apóstolo, no primeiro século, não deve ser tomada como modelo para afirmarmos que deveríamos ter tido essa mesma atitude no século passado, nas Américas, em relação aos direitos civis. Ela apenas nos dá uma visão de como aquela pequena igreja iniciante procedeu dentro do contexto em que se achava inserida. Se ela existisse em outra época, é possível que Paulo tivesse tido uma atitude diferente.

Podemos concluir que os princípios básicos do cristianismo, quando aplicados na prática, inviabilizam uma situação como a escravidão, pois em Cristo não há escravo nem livre (Gl 3.28; Cl 3.11). Ele ensina que os senhores crentes vejam a seus escravos crentes como a irmãos (Fm 16). E nesses séculos todos, milhões de escravos têm abraçado o cristianismo com alegria, encontrando nele uma fonte de esperança.

Certa vez, Jesus disse a seus discípulos que não os chamaria mais de servos (*doulos*, escravos), e, sim, de amigos (Jo 15.15). Paulo apresenta tese semelhante ao comparar nosso estado anterior a escravos do medo; em Cristo nos tornamos filhos de Deus (Rm 8.15-17).

---

## CAPÍTULO 14

---

# Os Pobres



**A** pobreza estava presente em toda a nação de Israel. A grande massa da população dispunha de um pouco mais do que era necessário à sua subsistência. Mas havia uma boa parte dela que se encontrava abaixo desse nível, vivendo em condições de extrema pobreza. Esses pobres eram em número suficiente para chamar a atenção dos escritores bíblicos, bem como de israelitas mais caridosos.

Diante do ensino bíblico, temos de reconhecer que se existia pobreza em Israel era porque o povo desobedecera às leis de Deus. Se eles tivessem cuidado uns dos outros devidamente, os mais abastados ajudando os menos favorecidos, não teria havido pobres entre eles. Se tivessem obedecido a Deus, todos viveriam com abundância (Dt 15.4,5).

Contudo, como essas condições ideais eram freqüentemente frustradas, a pobreza aumentava. E o problema dos pobres esteve presente o tempo todo, à época de Jacó, sob a liderança de Josué, durante a monarquia, no exílio, sob o domínio dos gregos e romanos. Os escritos dos profetas estão cheios de censuras à maneira como os órfãos e viúvas eram tratados.

Através dos séculos, a voz de Deus se faz ouvir em defesa constante dos interesses dos pobres. Se por um lado as Escrituras censuram os preguiçosos, por outro têm palavras de compaixão para com aqueles que não dispõem de meios para prover seu sustento e de sua família.

A compaixão para com os pobres é um dos aspectos mais importantes da missão messiânica. Jesus se identificou claramente como o Ungido de Deus, quando leu o texto profético que afirmava que o Messias de Deus viria para evangelizar os pobres (Lc 4.18; Is 61.1,2). E quando João Batista lhe enviou mensageiros para se certificar se ele era mesmo o enviado de Deus, Jesus respondeu que dissessem a João que o evangelho estava sendo pregado aos pobres (Mt 11.5).

E o interesse de Cristo pelos pobres não ficou apenas no conforto

espiritual. Ele ensinou, entre outras coisas, que quando alguém desse um jantar, não devia convidar apenas os ricos, pois o amor cristão determina que se convidem os pobres e aleijados (Lc 14.12-14). □

**AS LEIS DO VELHO TESTAMENTO EM FAVOR DOS POBRES** □ A lei de Deus é um reflexo do interesse dele pelos pobres. Quem ajudasse o necessitado teria o louvor dele; mas os que os oprimissem estariam sujeitos a um castigo imediato. Vejamos as instruções que Deus passou ao povo.

1. A cada três anos, todos os dízimos dos produtos colhidos nesse terceiro ano deveriam ser distribuídos também entre os pobres (Dt 14.28,29).

2. A cada sete anos, os credores tinham que perdoar as dívidas, para que os devedores pudessem recomeçar a vida (Dt 15.1,4).

3. Por ocasião da colheita, os pobres poderiam apanhar o que houvesse no canto dos campos e das videiras (Lv 19.9,10). Os agricultores não poderiam colher o cereal dos cantos, nem rebuscar as plantações. As sobras e os cantos das plantações deviam ficar para os pobres.

4. Se um israelita se tornasse escravo, tinha que ser liberto após seis anos de serviço (Dt 15.12-18).

5. Se alguém emprestasse dinheiro a um necessitado, não poderia cobrar juros dele (Êx 22.25).

Essas leis tinham por objetivo garantir que a riqueza do povo de Deus fosse distribuída por igual entre todos. Infelizmente, os profetas são testemunhas de que Israel ignorou essas disposições tão humanitárias. □

**O QUE CAUSAVA A POBREZA?** □ Eram vários os principais fatores que contribuíam para a existência de um grande número de pobres em Israel. É claro que havia muitas variáveis. Mas para entendermos bem o quadro geral, precisamos considerar alguns dos obstáculos com que eles se defrontavam.

*Impostos.* O sistema de impostos constituía um grande peso para muitas famílias, para os pequenos agricultores e negociantes. Durante toda a história da nação, os governos impuseram pesadas taxas ao povo em geral, com o objetivo de realizar seus projetos de construção ou cobrir os custos de suas operações militares. E foi justamente o excesso de impostos baixados pelo rei Salomão que ocasionou a divisão do reino.

Durante o domínio romano, os coletores de impostos eram obrigados a trabalhar horas extras para cuidar da cobrança dos tributos prescritos pelo governo, para pagamento do transporte, comércio,





Os campos de Boás ficavam nos arredores de Belém. Foi ali que Rute saiu a apanhar restos de colheita, e conheceu o futuro marido. TW

importação, e tudo o mais que o império produzisse. Somando-se a isso os impostos cobrados por Herodes e pelas autoridades do templo, percebe-se que a "sangria" era de fato penosa.

*O desemprego.* Quando a economia de uma nação se assenta sobre as bases do trabalho escravo, a classe trabalhadora fica muito prejudicada. A mão de obra escrava é muito barata, e isso reduz também o valor do trabalhador comum.

Nas áreas rurais, a presença de escravos não afetava muito a economia, mas nas cidades sim, pois gerava forte desequilíbrio no mercado de empregos. Como o preço dos escravos era muito baixo, os ricos chegavam a ter um servo simplesmente para conduzir seu cavalo. Por isso, o homem livre tinha que aprender um ofício, se quisesse conseguir um bom salário.

*Deficientes físicos.* Naquela época, não havia muitos meios para reabilitação dos deficientes, e não se faziam muitas tentativas nesse sentido. Muitas vezes, os familiares daquele que não podia trabalhar procuravam suprir suas necessidades, mas de qualquer modo o que lhe proporcionavam era muito pouco.

Assim, na esperança de obter um pouco mais, os mendigos se postavam pelas ruas, esperando receber auxílios para comprar alimentos. Muitos deles eram cegos ou coxos de nascença.

E aqueles que se tornavam deficientes depois de adultos enfrentavam uma situação ainda pior. Essa deficiência, fosse ela cegueira,

enfermidade ou a perda de uma perna ou braço, poderia significar a desintegração da família.

*A morte do chefe da família.* A perda do chefe da casa, que podia ser causada por enfermidade, acidente ou guerra, geralmente deixava a família na pobreza, principalmente se os filhos ainda fossem pequenos.

*Seca e fome.* Às vezes a própria natureza destruiu rapidamente toda a colheita de uma temporada. A seca, o excesso de pragas, ou chuva em demasia fora da época, bem como outras calamidades naturais acabavam com todo o sustento de uma família de uma hora para outra.

Em algumas regiões, os quatro meses normais de estiagem (Sl 32.4) já bastavam para deixar os agricultores em situação difícil, se no restante do ano as chuvas não fossem suficientes. Às vezes a isso ainda vinha somar-se o quente vento leste, que acabava de devastar as plantações.

*Agiotagem.* Pela lei, era proibido cobrar juros de empréstimos feitos a pobres (Êx 22.25). Mas apesar dessa determinação divina, muitos credores tinham atitudes impiedosas, cobrando juros exorbitantes e empregando métodos cruéis para receber o pagamento da dívida. Isso sempre foi um problema grave para os israelitas, durante toda a sua história, e vários escritores bíblicos denunciaram esses excessos.



Ainda hoje existem muitas pessoas desempregadas em Israel que vivem da mendicância, como esta mulher, fotografada em Nazaré com o filho no colo.

Ao credor que observasse a lei, porém, não lhe faltariam meios para recuperar a quantia que emprestara. Por lei, o devedor tinha de entregar ao credor um objeto qualquer como penhor da dívida. E, se ele não a pagasse, acabaria por perdê-lo de vez. Contudo a coleta de penhores também era regulamentada por lei. Um credor não poderia, por exemplo, entrar na casa do devedor para apanhar o penhor, mas tinha de esperar à porta, na presença de testemunhas (Dt 24.10,11). Os objetos necessários ao viver diário de uma família não poderiam ser aceitos como penhor (Dt 24.6). No entanto, tempos depois, o profeta Amós iria denunciar o fato de que eles estavam aceitando roupas como penhor de dívidas (Am 2.8).

Nos dias de Cristo, a lei não era seguida à risca, e eles haviam adotado alguns dos conceitos de justiça dos gregos e romanos. Não sabemos exatamente quais eram as taxas de juro praticadas pelos judeus, mas sabe-se que nas nações vizinhas elas atingiam 50%. Algumas pessoas desobedeciam à lei abertamente e até com atitude zombeteira. Certo mestre do Talmude chegou a fazer o seguinte comentário: "Se Moisés tivesse idéia do quanto vocês podem ganhar com seus empréstimos a juros, nunca o teria proibido."

Quando Jesus narrou a parábola do credor incompassivo, ele conta que o senhor dele lançou-o na cadeia (Mt 18.34), depois de tê-lo ameaçado com punições ainda piores: vender a mulher e os filhos e os seus bens (v. 25). Segundo Deissman era possível mandar prender quem estivesse em débito, e ele afirma também que existem papíros antigos que comprovam o fato. Para os gregos e romanos, isso era uma prática legal, amplamente aceita.

O próprio credor poderia aplicar ao devedor a pena de escravidão ou de encarceramento. O fato de os credores terem tais poderes devia expor os devedores a sérios riscos. Depois que uma pessoa importante lançasse mão daquele que estivesse em débito com ela, seria muito difícil e até complicado tentar libertá-lo de suas garras.

Nesse contexto de rigorosas cobranças de dívidas existente no primeiro século, o evangelho oferecia o perdão como uma dádiva. Quando Jesus emprega o termo "dívida" no Sermão do Monte, está fazendo referência ao pecado, mas o sentido exato da palavra é realmente algo que se deve a outrem (Mt 6.12). Aquela gente estava muito consciente de todo o sofrimento e pressão relacionados com uma dívida que não se podia saldar. □

**A POBREZA POR OPÇÃO** □ Mas nem todo mundo achava que o fato de alguém possuir riquezas era a prova de que ele obtivera sucesso na vida. Muitos preferiam levar uma vida simples, cuidando de rebanhos, cultivando suas terras ou vivendo de pequenos negócios. Outros eram bastante generosos com as riquezas que possuíam, e as distribuíam liberalmente entre os necessitados. É o

caso de Barnabé, por exemplo, que vendeu um terreno para distribuir o dinheiro entre os pobres (At 4.36,37). Havia grupos como os essênios que voluntariamente tinham tudo em comum uns com os outros, bens e dinheiro. Essa atitude é semelhante à de Jesus, que assumiu a forma de servo para nos salvar. □

**OS ÓRFÃOS** □ Fala-se muito de órfãos na Bíblia, e isso nos leva a deduzir que havia grande quantidade deles em Israel. Tanto no Velho como no Novo Testamento, há grande preocupação com esse triste problema.

No contexto da nação israelita, uma criança não precisava perder os dois pais para ser considerada órfã, bastava que tivesse perdido apenas o pai. Isso explica por que a Bíblia está sempre fazendo menção a órfãos e viúvas. Na maioria dos casos, a família era sustentada apenas pelo pai. Falecendo este, esposa e filhos passavam a enfrentar sérias dificuldades.

Como acontecia na maior parte das sociedades da época, o pai se expunha a maiores riscos de natureza física, e por isso havia a possibilidade de ter morte prematura. Se um homem morresse deixando propriedades, a maior parte da herança ficava para o filho mais velho. Assim, uma jovem, principalmente se fosse uma filha mais nova, talvez tivesse dificuldades para sobreviver.

Em alguns casos era muito fácil uma jovem sem pai ser aliciada por seitas que utilizavam prostitutas cultuais. Em Israel, nenhuma mulher, fosse qual fosse sua idade, poderia arranjar um emprego respeitável, pois fora preparada apenas para ser mãe e dona-de-casa. Se ela não se casasse, esperava-se que permanecesse sempre na dependência do pai ou dos irmãos. E se também ela não pudesse contar com eles, muitas vezes enfrentaria sérias dificuldades.

Uma solução para o problema dos órfãos era os parentes próximos encarregarem-se deles, prestando-lhes auxílio ou incorporando-os à sua família (Jó 29.12; 31.18). Outra era colocar alimentos à disposição deles para que fossem apanhá-los.

Apesar de muitos judeus serem generosos, sempre havia os que exploravam os órfãos, espoliavam-nos e até os matavam (Jó 24.3,9; Sl 94.6; Is 10.2). Contudo nem Deus nem os profetas encaravam tais atitudes brandamente. A Bíblia cita vários pecados que identificam a decadência da sociedade, entre eles incluem-se os maus tratos a órfãos (Ez 22.7). Deus advertiu àqueles que afligissem ao órfão, que enviaria a espada contra eles, deixando órfãos seus filhos e sua esposa, viúva (Êx 22.22-24).

No cristianismo havia uma orientação clara para se cuidar dos órfãos. Tiago afirma que a religião pura consiste justamente nisso (Tg 1.27).

Em todas as determinações relacionadas aos pobres o órfão é in-

cluído. A cada três anos, por exemplo, os dizimos dos produtos daquele ano eram armazenados para os órfãos e outros pobres (Dt 14.28,29). □

**DEUS E A POBREZA** □ Normalmente, o povo não culpava a Deus pela pobreza. A tendência geral era atribuir a ele só os acontecimentos positivos, e apenas ocasionalmente o consideravam o responsável por seus reveses. A maioria dos israelitas atribuía a si mesma ou a outros a culpa das calamidades. Os principais erros apontados eram a preguiça e a opressão. Quando ocorria um desastre natural geralmente as vítimas procuravam descobrir se Deus fora responsável por ele direta ou indiretamente. E embora considerassem muitos acontecimentos como castigo divino, a verdade é que reconheciam neles a operação de outros fatores. □

**JESUS ERA POBRE?** □ O termo pobreza é bem relativo. Às vezes tem-se a impressão de que ele tinha algumas posses; mas há outras indicações de que ele se situava um pouquinho acima do nível a que chamamos de pobre. Podemos levantar algumas informações e analisá-las.

*Sua família.* José era carpinteiro, e gozava das vantagens de ganhar a vida com uma profissão especializada. Contudo, deve-se levar em conta que tinha seis ou mais filhos. Quando ele e Maria levaram ao templo a oferta pelo nascimento de Jesus, deram o que era determinado para os pobres (Lc 2.24). A lei dispunha que, quando o casal não podia oferecer um cordeiro, poderia apresentar duas rolas ou dois pombinhos (Lv 12.8).

Com base nisso, eles são considerados pobres, mas existem algumas perguntas para as quais não temos resposta. É possível que estivessem sem recursos por estarem em viagem quando Jesus nasceu. Os magos, por ocasião de sua visita, lhes deram presentes valiosos, mas é provável que isso tivesse ocorrido após a ida a Jerusalém, quando já se achavam de volta a Belém.

O fato de terem dado esse tipo de oferta demonstra que passavam por aperturas financeiras, mas só isso não é prova conclusiva de que fossem pobres.

*A casa de Jesus.* A Bíblia diz que Jesus tinha uma moradia, identificando-a como sua casa (Mt 13.57). Mas ele mesmo disse: "O filho do homem não tem onde reclinar a cabeça", e portanto não se pode afirmar que ele era o proprietário dela. O termo "sua" parece significar que ela era propriedade da família.

*Seu modo de viver.* Não existe nenhuma indicação clara no sentido de que Jesus tivesse renunciado à posse de bens na vida. Ele não era asceta, como era, por exemplo, João Batista. Também não

se identificou com nenhum dos grupos que voluntariamente viviam em pobreza.

*Seu ministério.* Por exigência de seu ministério, ele não pôde ganhar a vida como carpinteiro. Mas não sabemos até que ponto isso afetou sua renda pessoal. É provável que nos últimos anos de vida ele tenha sido sustentado por amigos. □

**A ATITUDE DE JESUS PARA COM OS POBRES** □ Em seus ensinamentos, Cristo revela grande compaixão para com os pobres. Nunca fez nenhum comentário depreciativo sobre eles, nem os acusou de nada.

É verdade que ele afirmou que fazer o bem não era só ajudar os pobres, que não era esse o único objetivo da vida (Mc 14.7), mas isso não diminui a importância que ele lhes dá. Vamos delinear sucintamente as idéias de Cristo sobre a questão.

1. Sua preocupação com os pobres era um aspecto de suas credenciais como o verdadeiro Messias (Lc 4.18).

2. Ao darmos um banquete, devemos convidar para ele os pobres, e não os ricos (Lc 14.13).

3. Depois que Cristo jantou em casa de Zaqueu, o publicano, este demonstrou seu arrependimento afirmando que daria metade de seus bens aos pobres (Lc 19.8).

4. Jesus se sujeitou à pobreza da vida terrena para que nós pudessemos ser abençoados (2 Co 8.9; Fp 2.5ss). □

**A POBREZA NA IGREJA PRIMITIVA** □

Grande parte dos primeiros cristãos era pobre. Os que não o eram antes de se converterem, ficaram pobres depois. Existem muitas razões para esse grande número de cristãos pobres.

1. O amor de Jesus Cristo atraía muitos pobres e deficientes físicos.

2. Não há dúvida de que alguns dos primeiros cristãos devem ter perdido o emprego ao abraçarem a fé.

3. Os primeiros cristãos eram perseguidos, por isso não podiam ter um emprego.

4. É possível que alguns dos novos convertidos tenham sido expulsos do convívio de sua família por causa da fé.

5. Os cristãos contribuíam largamente para o sustento dos que não tinham nada. Isso serviu para reduzir consideravelmente os recursos de muitos deles.

6. Alguns deles, levianamente, largaram o emprego e se recusaram a trabalhar, pois achavam que Jesus voltaria a qualquer momento. O apóstolo Paulo ensina que se deveria deixá-los passar fome. Se essa medida não modificasse o comportamento do indivíduo, os crentes deveriam evitá-lo (2 Ts 3.6-15). A recomendação de

Paulo é dura: quem se recusasse a trabalhar, também não deveria comer. □

**A AJUDA AOS POBRES NA IGREJA PRIMITIVA** □ Os primeiros cristãos estavam muito conscientes das dificuldades financeiras que havia entre eles, e logo tomaram providências para partilhar seus bens com outros. Em alguns casos, a ajuda era oferecida por parte do grupo como um todo, mas havia também aqueles que socorriam os pobres por iniciativa pessoal, particularmente.

*A assistência às viúvas.* Uma das primeiras preocupações da igreja foi cuidar das viúvas que haviam abraçado a fé. Mas houve alguns problemas, devido a possíveis preconceitos e omissões. Os apóstolos solucionaram a questão criando um grupo de homens para assumir a tarefa da distribuição dos bens (At 6.1-6).

*A doação dos bens.* Alguns membros da igreja primitiva voluntariamente doavam seus bens para serem distribuídos entre os mais pobres. Isso se tornou uma prática geral (At 4.32). Eles não se limitavam a dar apenas o dízimo, ou o que lhes sobrava. Vendiam casas e terrenos e entregavam o dinheiro obtido aos apóstolos para que o distribuíssem. O fato de essas contribuições serem vultosas demonstra não apenas como era profunda a dedicação deles, mas também como era grande a necessidade dos cristãos mais pobres.

Provavelmente a distribuição era feita em cada local onde eles se reuniam. Naquela época, os crentes tinham reuniões diariamente (At 2.46), e é provável que dessem o auxílio a quem dele necessitasse a cada dia. Talvez essa própria generosidade deles tenha provocado seu empobrecimento, a ponto de Paulo, mais tarde, ter precisado levantar uma coleta para eles.

*A distribuição para outros.* E as igrejas tinham compaixão também pelos pobres de comunidades distantes e não apenas pelos seus. Na ocasião em que Jerusalém sofreu uma grande fome, os cristãos de Antioquia enviaram suprimentos aos cristãos de lá (At 11.28).

E isso não aconteceu apenas uma vez. Anos depois, os cristãos de outros lugares enviaram mais ofertas para lá pelas mãos do missionário Paulo (At 24.17). □

**A ASSISTÊNCIA AOS POBRES EM JERUSALÉM** □ Os historiadores informam que, no primeiro século, existiam em Jerusalém muitos programas de ajuda aos pobres. Na cidade sempre havia grande número de necessitados, que para ali afluíam por motivos religiosos. Alguns se dirigiam para lá com o intuito de adorar no templo; outros, para se aproveitar do espírito generoso dos romeiros. Havia ali um bom número de instituições carita-

tivas inspiradas pela responsabilidade dada ao povo de Israel de auxiliar os pobres. Fala-se de uma sala de "segredos" ou "pecados", onde o doador podia entrar discretamente e deixar suas esmolas. Depois os pobres iam lá e, da mesma forma discreta, apanhavam essas contribuições. Não sabemos se era a isso que Jesus se referia quando disse que devíamos dar esmolas em secreto, mas certamente essa prática ilustra a atitude de que ele falou (Mt 6.4). Havia também grupos religiosos, como os essênios, que forneciam roupas e alimento para os necessitados.

Jeremias também fala de dois expedientes adotados pelos israelitas chamados "a vasilha do pobre" e o "cesto do pobre". A vasilha do pobre consistia do oferecimento de alimentos para a Páscoa: pão, frutas e legumes. E estava à disposição deles diariamente. O cesto dos pobres oferecia roupas e alimentos semanalmente.

Alguns governantes daquela época se tornaram conhecidos por ocasionais gestos de bondade. Mesmo alguns que se caracterizavam pela violência e por atos de loucura, em certos momentos também praticaram a caridade. Josefo diz que Herodes, o Grande, chegou a sacrifícios quase heróicos na distribuição de suprimentos a famílias empobrecidas. Ele lançou mão de alguns ornamentos de ouro e prata de seu luxuoso palácio para financiar esse programa de ajuda aos necessitados. Isso ocorreu no ano 23 A. C.

Durante o reinado de Cláudio (41-54 A. D.), o Império Romano foi assolado por terríveis fomes. O historiador Josefo relata que nesse período houve uma severa fome na Palestina (44-48), que foi parcialmente remediada pela importação de cereais do Egito. Isso talvez corresponda à crise mencionada em Atos (11.27). A generosa ajuda da rainha Helena de Adiabene possibilitou essa ajuda ao povo.

Mas melhor que todos os programas, expedientes e esforços governamentais para auxiliar os pobres, era o fluxo constante de contribuições feitas por indivíduos. Muitos israelitas entendiam que ajudar os necessitados era um aspecto básico de sua fé.



---

## CAPÍTULO 15

---

# AGRICULTURA E PECUÁRIA

---

---

**C**omo o povo de Israel vivia, em grande parte, do que colhia da terra, muitos dos seus conceitos teológicos estavam relacionados com a agricultura. Eles se consideravam como que uma espécie de sócios de Deus. Cada plantador fazia o melhor que podia para cuidar de sua lavoura, mas reconhecia que o resultado final, fosse o sucesso ou fracasso dela, estava nas mãos de Deus. Viam a chuva e o sol como dádivas vindas diretamente de Deus. Se havia secas ou tempestades, eles as interpretavam como sinal de que haviam desagradado ao Senhor em alguma coisa. Muitos dos importantes festejos que os israelitas observavam giravam em torno de temáticas relacio-

Esta pastora beduína apascenta seu rebanho de cabras próximo ao mar Vermelho, quase do mesmo modo como faziam os israelitas do passado. JJ



nadas com a agricultura. E eles ofereciam a Deus 20% da colheita. Observavam as leis divinas com o objetivo de proteger a terra e vê-la renovar-se.

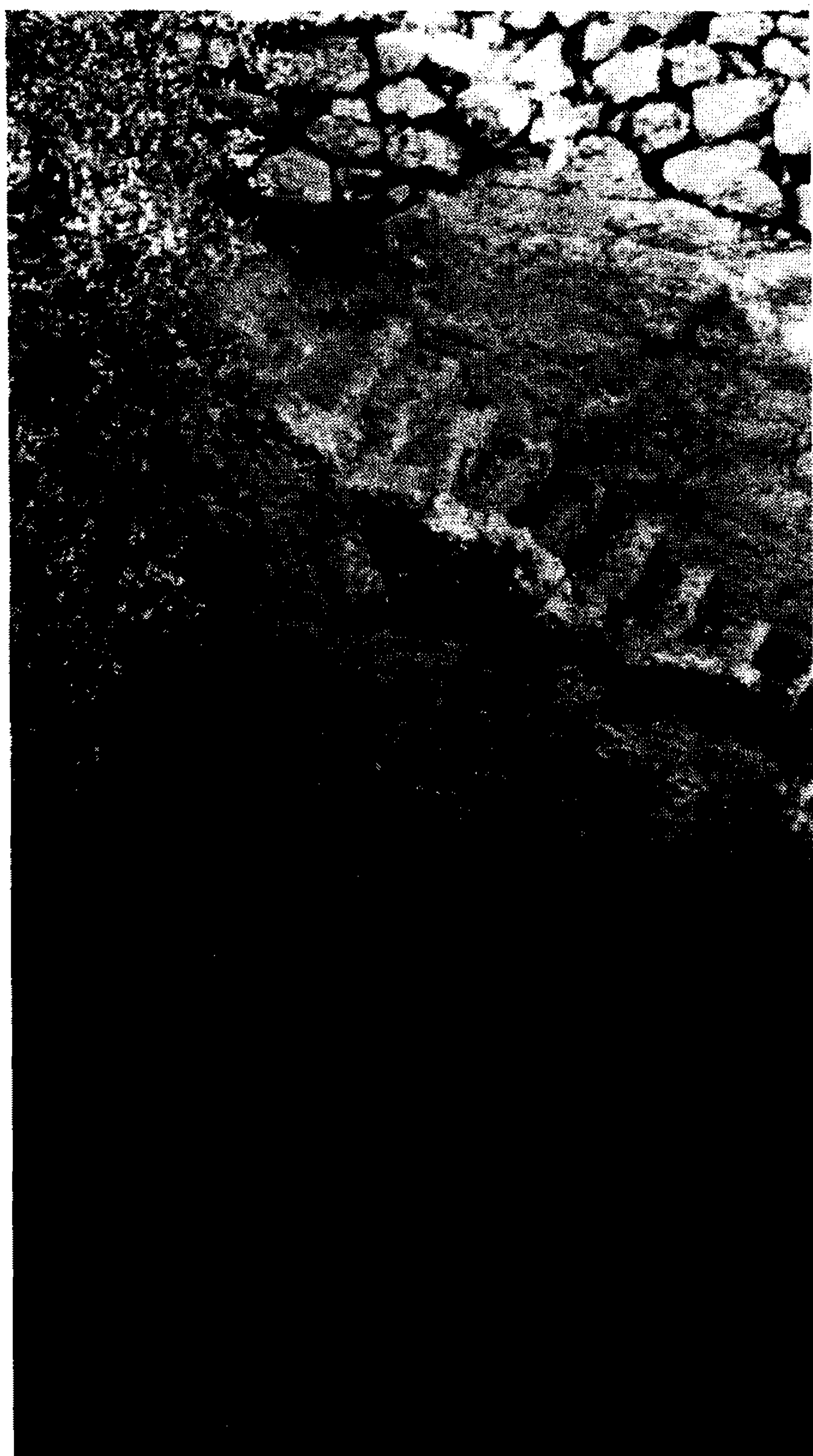
Os ensinamentos de Jesus refletiam claramente essa proximidade do povo com a terra. As figuras e ilustrações que empregava passavam aos seus ouvintes ensinamentos bem claros, como foi o caso do semeador, com seu embornal do lado, caminhando por um campo arado, e atirando a semente sobre ele. Inúmeras vezes ele empregou metáforas falando de uvas maduras e videiras frutíferas.

Os judeus que viviam na Palestina levavam uma vida muito ligada à terra que Deus lhes dera. Não seria errado supor que os mais espirituais lidavam nela conscientes da proximidade de Deus. □

**ÁGUA E IRRIGAÇÃO** □ Um dos problemas daquela região era a constante escassez de água. E a maior dificuldade não é necessariamente a quantidade de chuva, mas a irregularidade da precipitação por setor. O índice pluviométrico varia drasticamente de um lugar para outro, indo desde o ponto zero no mar Morto, a uns 20 cm anuais na margem oriental do Jordão, e a 100 cm, na parte superior da Galiléia. É impossível saber-se o índice pluviométrico dos milhares de anos anteriores. Mas nos últimos cem anos o índice de Jerusalém tem dado uma média de 62 cm anuais.

A irregularidade das chuvas não é o único problema. Outra dificuldade é que na

Gibeom, uma cidade que fica cerca de 12 quilômetros a noroeste de Jerusalém, possui um excelente sistema de distribuição de água e açudes. Um dos poços da cidade é o que vemos ao lado, que tem 27 metros de fundo, e se acha num terreno rochoso. É provável que este poço tenha sido aberto no ano 1100 A. C. Calcula-se que foi necessário remover 3.000 toneladas de calcário para se chegar ao veio de água. Existe uma escada circular, com 79 degraus para se descer a ele. CD



maior parte das vezes a precipitação é sob a forma de tempestades, e a água escoava muito rapidamente. Por causa disso era preciso criarem-se meios de reter o maior volume possível de água.

Para o povo de Israel, havia duas épocas de chuva que eram vitais, outubro e maio. E isso está registrado nos escritos da nação. A Bíblia as denomina as "primeiras chuvas" e as "últimas chuvas" (Dt 11.14). Quando o volume de chuvas nessas épocas era adequado, os judeus o consideravam um sinal da aprovação divina. Séculos depois do registro do Deuteronômio, o profeta Joel iria reconhecer também as duas estações chuvosas (2.23). O mesmo faziam outros profetas (Jr 3.3; Os 6.3; Zc 10.1).

As primeiras chuvas, as de outubro, eram muito importantes pois significavam o preparo da terra para o plantio. Após a seca dos três meses anteriores, a água era necessária para garantir uma boa germinação. E as chuvas de maio eram necessárias para o amadurecimento da seara, que logo depois seria colhida.

Mas, além das chuvas, os israelitas tinham outras fontes para suprimento de água, como nascentes, rios, poços e o orvalho. Havia ocasiões em que o orvalho constituía o fator decisivo para o sucesso de um plantador israelita. Em agosto e setembro o orvalho era mais intenso, e ocorrendo após uma forte estiagem era de grande valia para a plantação e para as pessoas.

Embora houvesse essas outras fontes de suprimento de água, o fato é que as chuvas, embora imprevisíveis, ainda eram o fator mais importante para o agricultor israelita. Uma das melhores maneiras de se armazenar água da chuva era cavar reservatórios. E não eram somente os plantadores que se interessavam por isso. Nos povoados e cidades também o povo construía pequenos açudes para complementar suas reservas naturais.

Esses poços eram grandes cavidades escavadas na rocha, muitas vezes em formato de sino. A água caía no reservatório pela abertura. Depois, quando queriam utilizá-la, eles a tiravam por essa abertura, usando vasilhas próprias.

Oitocentos anos antes de Cristo, o rei Uzias mandou cavar muitas cisternas (2 Cr 26.10) em áreas onde não havia outra fonte natural de água a não ser a chuva, com o objetivo de construir locais de defesa. Nessa época, boa parte de seus súditos que moravam no planalto mais ameno, onde as chuvas eram mais regulares, viviam da agricultura e pecuária.

Em Gibeom, foi encontrado um imenso açude, que fora construído subterraneamente, debaixo da cidade. Havia primeiro uma larga escada que dava acesso a um imenso vão, e deste partia um túnel que ia dar ao açude propriamente dito. Calcula-se que foi preciso remover 3.000 toneladas de calcário para a construção do reservatório. Talvez seja esse o "açude de Gibeom" perto do qual os homens de Davi e

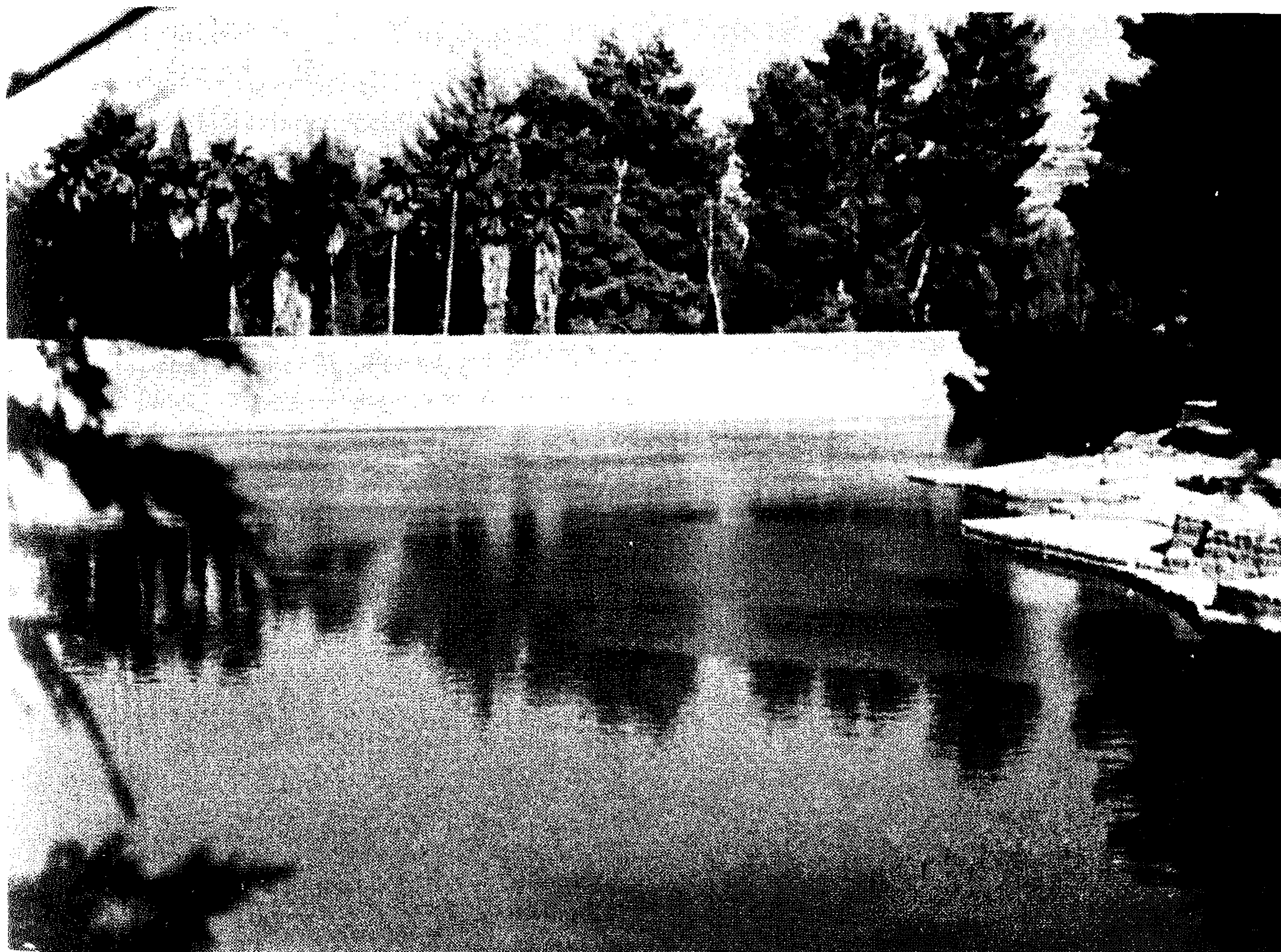
Joabe pararam (2 Sm 2.13). O profeta Jeremias foi aprisionado numa cisterna onde havia apenas lama, numa situação de bastante desconforto (38.6). Os açudes da fortaleza de Massada possuíam grande capacidade, pois 900 zelotes fizeram uso deles durante três anos. Eles eram alimentados por um sistema de canais subterrâneos que cortavam a montanha.

Havia também açudes em outros lugares cuja finalidade era armazenar água de nascentes ou de outras fontes. Vários deles são mencionados no Novo Testamento. O tanque de Betesda, em Jerusalém, por exemplo, era considerado um local de curas miraculosas (Jo 5.2ss). Havia também o tanque de Siloé (Jo 9.7-11) onde um cego lavou os olhos e ficou curado. Esses açudes deviam ser de bom tamanho, já que o termo empregado no Novo Testamento, ao pé da letra, significa "um lugar para mergulhar". Alguns deles existem até hoje, e são de grande importância para o abastecimento de água de Jerusalém.

A partir desses açudes, fossem eles naturais ou artificiais, os israelitas criaram sistemas de irrigação. Geralmente a técnica usada era o aproveitamento da força da gravidade. Eles simplesmente ca-

Estes açudes, cercados de palmeiras e ciprestes, ficam a 3,5 quilômetros de Belém, na estrada que vai para Hebrom. Chamam-se "Poços de Salomão". Ali se armazena água da chuva bem como a de algumas nascentes, com a finalidade de abastecer a Cidade Velha, em Jerusalém.

TW



vavam valas pelas quais a água chegava às árvores ou plantações. Outros talvez transportassem água em lombo de bois ou utilizassem carregadores humanos. Nos dias de Cristo, alguns desses métodos de irrigação ainda eram utilizados. De modo geral, esses tipos de irrigação eram muito dispendiosos, portanto impraticáveis para os agricultores comuns, que ficavam mais na dependência das chuvas (ver Deuteronômio 11.8-14). O sistema de irrigação era mais empregado por plantadores ricos, para regar seus jardins e pomares.

Com o passar dos séculos, a terra foi-se modificando. Em algumas áreas podia-se dispensar a irrigação (Dt 11.10,11), enquanto outras, que precisavam ser constantemente irrigadas, nem sempre o eram.

**O CRESCENTE FÉRTIL** □ A nação de Israel está localizada na ponta de uma rica região da terra, o Crescente Fértil. Essa região tem a forma de uma lua crescente e inclui também o norte da Palestina, e para o sudeste compreende a Mesopotâmia chegando até o Golfo Pérsico. A ponta sul dessa área chega ao norte do deserto da Arábia, enquanto para o norte, ela se limita com uma cadeia de montanhas. Gaza se encontra na parte sudoeste do Crescente Fértil.

Na região da Mesopotâmia (onde hoje se localiza o Iraque) chove o suficiente para se obterem várias colheitas, mas, como ocorre na Palestina, a seqüência da precipitação é muito irregular, não permitindo muito sucesso na agricultura. Nos anos em que a ocorrência de chuvas era normal, os agricultores conseguiam boas safras aliando o aproveitamento das chuvas a técnicas de irrigação. Às vezes, a região recebe chuva em excesso, o que causa erosão no solo, ao passo

Este método de plantio, trabalhando a terra em patamares, que vemos aqui empregado em Samaria, serve para evitar que a água escoe, e previne a erosão do solo.

CD



que em outras a chuva é tão escassa que não dá para produzir nada, e os habitantes da região são obrigados a viver da criação de ovelhas. Os egípcios chamavam essa região de "a terra onde o Nilo cai do céu".

No território de Israel, o Crescente tem apenas 64 km de largura, e era utilizado como rota de mercadores e exércitos provenientes do Egito ou dirigindo-se para lá. □

**OS PATAMARES** □ Como o território do país é bastante recortado de colinas, os agricultores tiveram de usar sua criatividade e aproveitar todos os espaços abertos que encontravam. Mas quando necessário, tinham de fazer patamares para o plantio.

Esses patamares eram longos cortes nivelados na encosta do morro que tinham na base pequenos muros de arrimo feitos de pedra. Os muros impediam que a água descesse causando a erosão do solo. Nas regiões onde a precipitação era boa, eles conseguiam boas videiras com esse sistema.

Nos arredores de Belém, na época em que Jesus nasceu, havia muitas plantações em que essa técnica fora utilizada. Moisés também deve ter visto muitos terrenos cultivados dessa maneira.

Calcula-se que 60% das montanhas do setor oeste de Jerusalém se acham cortados de patamares; e a maioria deles existe desde a antiguidade. E aqueles que os construíram, já no ano 800 A. C., realizaram uma grande façanha ao transformar um morro íngreme em terra cultivável.

É possível que os patamares existentes nos arredores de Jerusalém tenham sido feitos na época do rei Ezequias, quando houve grande aumento populacional da cidade, que tornou necessária a construção deles. Os arqueólogos Edelstein e Gibson acreditam que alguns deles podem ter sido construídos pelo governo, e os outros por agricultores particulares. □

**TERRENOS ROCHOSOS** □ Muitos dos agricultores de Israel lutam com o problema do excesso de pedras em seus terrenos. A maioria delas é de calcário, mármore, basalto, pederneira, granito ou enxofre. Às vezes ocorrem acomodações geológicas que fazem as rochas aflorar à superfície; outras vezes é a própria erosão que causa isso.

O povo já demonstrou seu espírito criativo utilizando essas pedras de formas bastante práticas. Contudo, elas continuam sendo uma dor de cabeça para os plantadores. Em algumas áreas, onde as pedras são menores e não constituem obstáculo ao cultivo de vinhas, essa cultura é desenvolvida e o problema fica resolvido.

Quando Jesus narra a parábola do semeador, conta que uma parte da semente caiu em solo rochoso e não pôde se desenvolver (Mt 13.5; Lc 8.6). Sobre a camada rochosa do subsolo havia uma camada de

terra, mas esta não era suficiente para reter água, o que propiciaria o desenvolvimento da planta. A semente brotava rapidamente, já que o solo retinha calor, mas não podia desenvolver-se e sobreviver. □

**O PLANTIO** □ Para se obter uma boa colheita, o plantio tinha duas etapas principais. Embora os equipamentos utilizados e os métodos empregados variassem de acordo com o lugar, as condições e a época, o procedimento era basicamente o mesmo.

**A aração do terreno.** Os agricultores da antiguidade utilizavam arados de madeira ou ferro, puxados por uma junta de bois. Pela lei, era proibido juntarem-se dois animais de espécies diferentes (Dt 22.10). Contudo, até hoje, no Oriente Médio ainda se utilizam juntas mistas, de bois e jumentos. A lei permitia que se empregassem nesse serviço diversos tipos de animais, mas nunca poderiam ser misturados numa mesma junta, animais de espécies distintas.

O apóstolo Paulo aproveitou esse conceito para ensinar aos crentes que não deveriam nunca se colocar em jugo desigual com os incrédulos (2 Co 6.14). E fez menção a ele outra vez quando se referiu a seus amigos cristãos como parceiros de junta que cooperavam com ele (Fp 4.3).

Jesus também empregou essa figura, já que muitos de seus seguidores a conheciam bem. Disse-lhes que tomassem sobre si o jugo dele, e então veriam que ele era suave (Mt 11.28-30). O padrão que ele apresentava não era opressivo, não era um fardo feito de leis rigorosas, como o dos fariseus.

Esses jugos eram feitos de madeira pesada. Alguns eram próprios para dois animais, outros para um. Na barra de madeira havia uma corda com que se prendia o pescoço do animal. Do centro dela partia uma ripa que ficava entre os dois animais e era ligada ao arado que puxavam.

De modo geral, a ponta do arado era feita de ferro. Desde os dias do rei Davi já se empregava arados de metal; mas o arado em si é anterior à época de Moisés. O primeiro arado a ser criado deve ter sido

uma inovação revolucionária, acarretando em grandes mudanças, assim como o foi o trator, em séculos depois. É claro que no início não se fazia o serviço em fileiras certi-

Para o israelita do passado a melhor maneira de arar um campo era atrelar dois bois a um arado de madeira, e fazer o serviço com eles. Ainda hoje, no Oriente Médio, se utilizam parselhas de bois ou jumentos para arar os campos.

SAB



nhas, como se faz hoje, com equipamento mais moderno, mas mesmo assim os agricultores conseguiam revolver bem o solo. Em alguns casos, ao contrário do que se faz hoje, eles costumavam semear antes da aração.

A existência de lâminas de metal dá um significado todo especial a uma profecia de Isaías. Ele afirma que chegará o dia em que os homens transformarão suas espadas em lâminas de arado (2.4).

Jesus também empregou a figura do arado para orientar os discípulos a que o seguissem sem vacilações (Lc 9.62). Temos de ser um pouco cautelosos em comparar essa figura com a maneira como se lavra a terra hoje. No passado, os judeus não conseguiam fazer sulcos muito certinhos, como talvez imaginemos. É a analogia que Jesus aplica é a da dedicação à tarefa, e não ao alinhamento dos sulcos. Parece que o Senhor aí deixa transparecer seu senso de humor, já que retrata um lavrador tentando arar o campo olhando para trás, e é claro que para o serviço ficar bem feito ele teria de manter os olhos fixos à frente.

Os que não dispunham de arados, usavam ferramentas com lâminas de metal semelhantes à nossa enxada. Alguns tinham uma ferramenta de duas pontas, um misto de enxadão e picareta. Esses instrumentos eram empregados em hortas e jardins e outros tipos de pequenas plantações.

No início, durante a época dos juizes e até os dias de Davi, não existiam ferreiros em Israel. E é claro que depois de algum tempo de uso, as lâminas dos arados e enxadas ficavam cegas. Então eles as levavam aos filisteus, que tinham o controle do trabalho com ferro, para que as amolassem (1 Sm 13.20).

Uma terra boa, depois de arada, tinha coloração avermelhada, e quando o céu estava claro, vermelho-arroxeadado. Então os lavradores tinham o costume de fazer a seguinte oração: "Senhor, a minha parte é vermelho; a tua é o verde. Nós aramos a terra, mas és tu quem nos dá a colheita" (Daniel-Rops).

Lendo as Escrituras, encontramos muitas referências interessantes à aração. Quando Sansão acusa os filisteus de terem usado de astúcia para descobrir a resposta do enigma por ele proposto, diz que eles tinham lavrado com sua novilha (Jz 14.18). Quando o profeta Miquéias prediz a destruição de Israel, afirma que Sião será lavrada como um campo (3.12). E um salmista, também, ao lamentar sua infelicidade, o faz nos seguintes termos: "Sobre o meu dorso lavraram os áradadores; nele abriram longos sulcos" (129.3).

Geralmente o lavrador tinha um aguilhão para conduzir os animais. O aguilhão era uma vara longa, de 1,80m a 2m de comprimento, com uma afiada ponta de metal. Na época dos juizes, Sangar utilizou um instrumento desses para ferir seiscentos filisteus (Jz 3.31). O escritor de Eclesiastes (12.11) afirma que as palavras do sábio são como agulhões para espicaçar os indiferentes. E quando Jesus chamou Paulo,



na estrada de Damasco, fez alusão a esse objeto. Evidentemente Deus já vinha aguilhoando a Paulo antes, tentando levá-lo a seguir a Jesus, mas até àquele momento ele estivera resistindo (At 26.14).

**A SEMEADURA** □ Depois que a terra já estava preparada, o fazendeiro fazia a sementeira. A maneira típica era carregar as sementes num cesto ou embornal, levado a tiracolo. Então ele enfiava a mão nele, pegava punhados de sementes e espalhava-as no solo arado. Nos países vizinhos, usava-se afixar ao próprio arado um recipiente com as sementes; mas não existem registros dessa prática em Israel, onde o serviço era feito à mão.

Depois de espalhar as sementes pelo campo, o agricultor voltava a passar o arado no campo ou então passava um galho de árvore por todo ele. Isso era necessário para que elas fossem recobertas com terra, e para protegê-las de pássaros ou de ventos fortes.

Esse método de plantio remonta ainda ao tempo de Isaque que, segundo diz a Bíblia, semeou em certo lugar e colheu numa proporção de cem por um (Gn 26.12).

Jesus narrou uma parábola que nos dá uma excelente descrição do trabalho da sementeira e os problemas que a cercavam (Mt 13.3-8; Mc 4.3-8; Lc 8.5-8). Ela poderia ser pisada por quem passasse pelas trilhas que cortavam os campos, onde não havia cercas. Outras eram apanhadas pelos pássaros, ou então caíam em solo rochoso ou entre espinhos, e não se desenvolviam. Mas as que prosperavam poderiam dar fruto na proporção de cem por um, como acontecera no caso de Isaque.



O semeador, com seu embornal ao lado, espalhando a semente pelo campo arado, é uma das principais figuras relacionadas com a agricultura que aparecem nas Escrituras.

A prática da sementeira era tão comum, que o termo passou a fazer parte da conversação diária. Por isso o texto bíblico faz muitas referências a essa etapa do plantio. □

**FERTILIZANTES** □ Alguns estudiosos acreditam que em Israel não se empregava largamente o fertilizante. Mas não há dúvida de que houve ocasiões em que o povo se preocupou em fazer algum tipo de tratamento do solo. Na época de Isaías, por exemplo, os agricultores misturavam palha com esterco no objetivo de adubar o terreno (25.10). Outra forma de adubar era misturar sal ao esterco, processo usado também pelos egípcios. E o sal fraco não prestava para mais nada (Lc 14.34). A técnica que eles utilizavam para adubar as videiras era escavar ao redor da raiz da planta e colocar ali o estrume (Lc 13.8).

O principal adubo para as plantações de cereais talvez fosse mesmo o resíduo do calcário, que já existia naturalmente no solo. Wight comenta que a água da chuva dissolvia esse elemento e o misturava à terra. □

**TIPOS DE CULTURA** □ O território de Israel era propício a uma grande variedade de culturas, tais como cereais, verduras e legumes, linho e frutas. Trataremos das frutas (tâmaras, figos, uvas e azeitonas) um pouco mais adiante.

**Cereais.** Os cereais mais importantes eram trigo e cevada. Um dos principais componentes da dieta dos israelitas era o pão, um dos seus alimentos básicos.

O trigo de inverno era plantado após as chuvas do outono, e colhido em maio e junho. As principais áreas para o cultivo do trigo eram a Galiléia e o vale do Jordão.

A cevada era vista como um cereal de segunda qualidade, sendo plantada em solo mais pobre, e colhido um mês antes do trigo.

Os cereais considerados inferiores, como a espelta e o endro, eram plantados nas beiradas dos campos de trigo e cevada.

Os fariseus criticaram os discípulos de Jesus por terem comido espigas no campo, num sábado (Mt 12.1). Os grãos de cereal eram usados para se fazerem as ofertas de manjares a Deus (Lv 2.1).

**Verduras e legumes.** O feijão era muito cultivado pelo povo de Israel, mas eles não consideravam um alimento de valor. Sendo um legume barato, era consumido principalmente pelo povo mais pobre, que dele fazia pães e outros tipos de comida. O feijão daquela época não era exatamente igual ao que conhecemos hoje. Era importante para a alimentação por ser muito rico em proteínas, e as pessoas mais pobres o consumiam mais, já que não tinham muita oportunidade de comer carne. Muitas delas cultivavam o feijão em pequenas hortas no próprio quintal.



O trigo, um dos mais importantes cereais mencionados na Bíblia, é produzido com abundância na Galiléia e no Vale do Jordão. Este trigo, que aqui vemos contra o fundo de um campo arado das proximidades de Tiberíades, é semeado após as chuvas do outono, que ocorre em outubro/novembro, e é colhido em maio ou junho. TW

A lentilha é um legume semelhante a uma ervilha ou feijão pequenos, que quando cozido toma uma cor avermelhada. Esaú vendeu seu direito de primogenitura por um cozinhado vermelho, feito com lentilhas (Gn 25.29-34). Ela foi cultivada em todo o território de Israel durante vários séculos (2 Sm 23.11). Na Babilônia, Daniel pediu a seus superiores que lhe permitissem comer apenas legumes, em vez dos pratos de carne que compunham a mesa do rei (Dn 1.12). Alguns acreditam que se tratasse de um prato de legumes feito com lentilhas. Mas é possível que a palavra aí empregada tenha um sentido mais amplo, não designando apenas ervilhas e feijão.

Outro tipo de alimento que os hebreus tinham aprendido a apreciar era o alho, que haviam conhecido no Egito (Nm 11.5). O mesmo se deu em relação a cebolas, melões e alho-porro, que era uma variedade de cebola de haste longa.

Outro vegetal muito abundante em Israel durante vários séculos foi o pepino (Is 1.8).

Havia ainda diversos outros tipos de verduras e legumes, mas eram menos consumidos do que os já mencionados. Alguns deles eram abóbora, alface, pimentão e beringela. Cultivavam-se também ervas e condimentos. Outra planta cultivada era o cabaço, mas os cientistas divergem entre si, uns dizendo que ele deve ser classificado como fruta, outros como verdura, então nós o colocamos na lista das frutas.

O linho. A planta do linho existia por toda a parte em Israel. Era cultivada basicamente para a confecção de tecidos e pavios, e desempenhava um papel importante na economia da nação. A perda de uma plantação era considerada uma grande catástrofe (Os 2.9).

Depois que o linho era colhido, os talos eram submetidos a um determinado processo para que as fibras se soltassem e pudessem ser fiadas. Hoje, além do fio que produz, essa planta fornece um óleo, que talvez na antigüidade já fosse extraído dela.

O linho está presente em toda a história bíblica. Quando Deus mandou a praga do granizo sobre o Egito, para tentar coagi-los, o linho estava em flor e foi muito danificado (Êx 9.31), bem como a cevada. A mulher virtuosa de Provérbios 31 sabia selecionar o linho e trabalhar com ele (v. 13). Assim que o trigo era colhido, era colocado no telhado para secar. Raabe, a mulher que recebeu os espiões em Jericó, levou-os para o telhado, e ali os escondeu entre canas de linho (Js 2.6). □

**A DESTRUIÇÃO DAS PLANTAÇÕES** □ São muitos os fenômenos naturais que podem levar destruição às plantações. Por isso, a situação do agricultor sempre foi e ainda é bastante precária.

Havia um vento quente, que vinha do deserto, e queimava as plantações. Chamava-se *siroco*, e ocorria geralmente no início do outono, e poderia durar de três dias a uma semana. Às vezes a temperatura se elevava em cerca de 20 graus, enquanto a umidade do ar baixava bastante. O céu tomava um aspecto terrível, embaçado devido ao acúmulo de areia no ar. O profeta Isaías estava familiarizado com esse terror que poderia assolar a terra (27.8), e talvez Jesus Cristo também o conhecesse (Lc 12.55). E Ezequiel também sabia como o vento oriental podia secar uma vinha recém-plantada (17.10).

Outro problema que ameaçava os agricultores eram as pragas de insetos. E nenhum deles era mais nocivo do que o gafanhoto (1 Rs 8.37). Um enxame poderia aparecer repentinamente e devastar a plantação bem à vista do agricultor, que nada poderia fazer. Uma das poucas soluções que ele podia esperar era que se levantasse um vento forte e os varresse dali (Êx 10.19).

Outra triste ameaça era a seca. Durante o reinado de Herodes houve uma terrível estiagem (24-25 A. C.) que ocasionou uma grande fome em Israel. No reinado de Acabe, também ocorreu uma seca de três anos, resultado das orações de Elias (1 Rs 17.1; 18.1). No Novo Testamento há o registro de uma grave fome ocorrida na Judéia, quando cristãos de outras partes enviaram auxílio para os irmãos dali. Ela já havia sido prevista pelo profeta Ágabo (At 11.28), e veio a acontecer durante o reinado do imperador Cláudio.

Às vezes as colheitas eram atacadas também por fungos, sendo

o mais comum a ferrugem (1 Rs 8.37), que se desenvolvia quando a umidade era excessiva.

Além disso, animais como cabras e jumentos também podiam devastar plantações. Já foram encontradas fazendas cercadas de muros de pedra, para proteção contra esses animais. É possível que o muro mencionado na história de Baiaão (Nm 22.24) tivesse sido erguido com essa finalidade.

É provável que o animal que mais estragos causava à vegetação fosse o cabrito, que destrói as plantas por completo, pois não somente come as folhas mas também os galhos. Por vezes, quando consegue, ainda arranca-a pela raiz. Isso não apenas resulta na perda da plantação, mas também contribui para a erosão do solo. □

**A COLHEITA** □ O Calendário de Gezer contém uma boa identificação das épocas de colheita no século XX A. C.

Linho: março e abril

Cevada: abril e maio

Trigo: maio e junho

Figos e uvas: agosto e setembro

Azeitonas: setembro a novembro

O cereal era colhido com foices. O ceifeiro segurava a haste com uma das mãos, e com a outra decepava-a quase rente ao chão. Nas

Os colhedores de cereais cortam as hastes da planta, e depois fazem feixes e os amarram. Mais tarde esses feixes serão transportados para os locais de armazenamento. Este campo onde estão fazendo a colheita do trigo fica perto da cidade de Belém. TW





Aqui vemos hastes de cereais empilhadas em um terreno de debulha, próximo à cidade de Belém.

foices mais antigas, o corte era de pederneira; mais tarde, começou-se a usar o ferro. À medida que o colhedor ia cortando as hastes, empilhava-as no campo. Depois elas seriam arrebanhadas em feixes, e transportadas para o armazenamento (Gn 37.7). Havia ceifeiros que cortavam a haste bem alto, quase junto à espiga, deixando no campo a maior parte da planta.

Era muito comum as mulheres trabalharem na colheita. Rute, por exemplo, chegou a Belém justamente na época da colheita da cevada (Rt 1.22). E logo se pôs a trabalhar no campo seguindo os segadores (2.7). O que ela estava fazendo era se valer do programa de previdência delineado pela lei mosaica, que dispunha que tudo que ficasse de sobra no campo seria para os pobres, que poderiam colhê-lo e levá-lo para casa. A lei determinava que o agricultor não colhesse o resíduo para que não faltasse alimento ao pobre (Dt 24.19-21).

Jesus fez uma descrição de um homem procedendo à colheita, e comparou o quadro ao reino dos céus (Mc 4.26-29). No livro de Apocalipse aparece também a figura da colheita (14.14-20). A ocasião em que Jesus parou junto à fonte de Samaria (Jo 4.35) deve ter sido dezembro, pois ele comentou com os discípulos que ainda faltavam quatro meses para a ceifa. É provável que ele estivesse se referindo à colheita da cevada. Mas, como afirmou que os campos já estavam brancos para a ceifa, deduz-se que ele não fala de cereais, mas de pessoas. O que estava pronto para ser colhido era o ser humano, e não o cereal. □

**A DEBULHA** □ Colhido o grão, era então levado para a eira, onde se processaria a separação dos grãos da palha. A eira era uma área de terra batida próxima à casa do agricultor ou num local pú-



Este fazendeiro está fazendo a debulha com o auxílio de uma tora de madeira que desliza sobre o cereal, puxada por um cavalo.

RI

blico. Certa vez, o rei Davi erigiu um altar a Deus na eira de Araúna, o jebuseu (2 Sm 24.18).

Os métodos de debulha mais comumente empregados entre os israelitas eram três. O mais primitivo consistia simplesmente em se malhar o cereal com um bastão para que o grão se soltasse da casca. Na ocasião em que o anjo do Senhor apareceu a Gideão ele estava justamente malhando trigo (Jz 6.11).

O segundo método consistia em fazer um animal pisar o cereal. E o agricultor que empregasse esse método, não poderia impedir que o animal comesse o grão enquanto debulhava (Dt 25.4).

O terceiro consistia em passar uma espécie de trenó sobre o cereal. Esse trenó era feito de madeira e com ele se passavam pedras ou outros objetos ásperos sobre os grãos. A tração era feita por bois ou jumentos, e o lavrador ia sentado no carro (2 Sm 24.22). Alguns desses veículos eram providos de rodas para facilitar a movimentação (Is 28.28).

**A LIMPEZA DO GRÃO** □ Separava-se o grão da casca pela ventilação, que consiste em atirar-se o cereal para o alto, contra o vento. Assim, o grão que é mais pesado cai no chão, e a casca é levada. Para isso, usava-se um forcado de seis dentes ou uma pá. Quando João Batista fala de Jesus, refere-se a ele como o que está com a pá na mão (Lc 3.17; Mt 3.12), para separar o grão da palha, isto é, os crentes dos incrédulos.

Havia quem fizesse essa separação usando uma peneira, e alguns a utilizavam apenas na última etapa do processo de limpeza do grão. Amós disse que Deus iria provar Israel do mesmo modo que os agricultores peneiravam o trigo (9.9). □

**O ARMAZENAMENTO** □ Assim que o lavrador concluía a colheita, poderia conservar o cereal para alimentar sua família, vendê-lo logo ou armazená-lo para negociá-lo posteriormente. Houve ocasiões em que o povo de Israel gozou de prosperidade, podendo vender toda a colheita. Ao que parece, Salomão deu a Hirão, rei de Tiro, vinte mil coros de trigo (1 Rs 5.11).

De modo geral, os agricultores armazenavam o trigo destinado ao



Este agricultor está atirando o trigo para o alto com um forçado, para separar o grão da palha. Este local fica perto de Gibeom, que está a cerca de 12 quilômetros de Jerusalém, para o noroeste.

TW

Esses compartimentos para armazenamento de grãos ficam no alto da antiga fortaleza israelita de Massada, e são iguais aos que eram usados no passado para se guardarem grandes quantidades de grãos. Estes foram encontrados em escavações realizadas de 1963 a 1965 nesse local, sob a direção de Yigael Yadin, da Universidade Hebraica.

TW







Este antigo silo para cereais encontra-se em Megido, na parte sul do vale de Jezreel, e foi construído nos dias do rei Salomão. RN

uso próprio em vasilhas de barro, de diversos tamanhos. Mas os arqueólogos têm encontrado também imensos silos subterrâneos, de mais de sete metros de largura e mais de seis de profundidade. Às vezes eles utilizavam também açudes secos. O rei Salomão designou algumas cidades para serem cidades-armazéns (1 Rs 9.19) como também Davi já fizera (1 Cr 27.25). Mas muito antes deles os egípcios haviam construído cidades-celeiros, empregando a mão de obra escrava (Êx 1.11). Jesus criticou o homem que, dominado por um espírito de auto-suficiência, resolveu aumentar seus celeiros para armazenar a grande safra colhida (Lc 12.18).

Alguns dos métodos de silagem de cereais eram excelentes. Os arqueólogos encontraram caixotes de armazenamento com o cereal ainda seco e intacto. □

**A MOAGEM** □ Para que o grão pudesse ser utilizado no fabrico do pão era necessário moê-lo primeiro, triturando-o entre duas pedras. Em Israel, de modo geral eram as mulheres que se incumbiam desse serviço, mas havia também moleiros profissionais. Eles utilizavam dois tipos de mó, e já se encontravam exemplares de ambos. Geralmente, essas pedras eram bem abrasivas para se aumentar o poder de trituração.

O primeiro tipo de mó constava de uma pedra provida de uma concavidade na qual se colocava o grão. A esta era conjugada uma pedra redonda que fazia a trituração. Essa pedra media de 45 a 90 cm de diâmetro.

Havia um outro tipo de pedra maior e mais pesada. Era constituída de duas partes, ambas planas, com cerca de 60 cm de diâmetro, feitas de calcário. A parte superior era girada por meio de uma manivela de madeira. Nela havia um orifício pelo qual o trigo era derramado. Em alguns moinhos essa pedra era tão grande que só um animal ou um homem muito forte conseguiam girá-la. Quando Sansão foi preso, após ter sido derrotado pelos filisteus, puseram-no a fazer esse tipo de serviço (Jz 16.21).

Jesus falou que haverá um dia em que duas mulheres estarão trabalhando num moinho, e uma será levada e a outra deixada (Mt 24.41). Disse também que, se alguém levasse uma criança a pecar, seria melhor que pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho e morresse afogado (Mt 18.6). No Velho Testamento, Abimeleque teve uma morte horrível. Sem que ele percebesse a manobra, uma mulher, no alto de uma torre, atirou uma pedra superior de moinho sobre a cabeça dele, matando-o (Jz 9.53). □

**FRUTAS** □ As frutas eram muito importantes na alimentação dos israelitas tanto pela sua variedade, como pelo sabor e valor nutritivo. E tanto as plantas de grande porte como as menores cresciam num solo pobre, lançavam raízes profundas em terrenos pedregosos, resistiam a ventos tórridos e ao sol escaldante, e, recebendo os cuidados necessários, produziavam razoavelmente. Depois que a planta se firmava no solo, poderia dar frutos até durante cem anos.

O povo de Israel tinha orgulho dos belos pés de fruta que cultivavam. Como outros povos do Oriente Médio, eles gostavam de fazer entalhes desenhando as plantas com o fruto maduro. Uma colheita abundante era a confirmação da bênção de Deus sobre a nação. □

**UVAS** □ A videira remonta a tempos antigos na história. É provável que Noé já tivesse uma vinha (Gn 9.20). Quando Israel estava para invadir Canaã, os espias que foram ver a terra voltaram com um cacho de uvas tão grande, que foram precisos dois deles para transportá-lo (Nm 13.23,24).

O clima do território de Israel parecia muito apropriado para o cultivo dessa planta. Diz a Bíblia que os montes de Efraim eram excelentes para a plantação de vinhas (Is 28.1).

A plantação e cultivo de uma boa vinha dava muito trabalho. Primeiro, o agricultor tinha que limpar uma grande área removendo dela as pedras. Muitas vezes construíam muretas de pedras ao redor para proteger a plantação. As mudas eram plantadas à distância de 2,5 m a 3 m umas das outras, com bastante espaço para os galhos se estenderem. Muitas vezes o agricultor as escorava com pedras, varetas ou treliças. Como é uma planta rasteira, ela se beneficiava do orvalho, durante os meses de calor. No período de calor mais intenso, a brisa

marinha noturna soprava pelo menos em um terço da temporada, trazendo o orvalho. Os agricultores tinham que dispensar muitos cuidados à vinha. Às vezes, tinham de fazer duas capinas por ano, para que a planta pudesse desenvolver-se bem. Além disso, tinham de dirigir os galhos para que não se estendessem demais.

Pela lei, o agricultor não poderia colher os frutos produzidos nos primeiros três anos (Lv 19.23). E depois, quando colhia, tinham que deixar alguma coisa para os pobres, como, aliás, faziam com todo tipo de colheita (Lv 19.10). Portanto, os colhedores não poderiam passar uma segunda vez pelas vinhas para apanhar as uvas que tivessem ficado nela.

Na maioria dos casos, a colheita de setembro era feita pela própria família do dono da vinha. Mas, se a plantação fosse extensa, era necessário contratar trabalhadores ou escravos para auxiliar no serviço (Mt 20.1). Barclay informa que os trabalhadores costumavam dirigir-se para a praça do mercado pela manhã, e ali permanecer esperando que alguém os contratasse para trabalhar. Os que possuíam alguma ferramenta levavam-nas consigo. Geralmente eles eram homens da classe mais pobre.

Alguns proprietários costumavam arrendar suas vinhas. Por ocasião da colheita, os arrendatários pagavam ao proprietário a quantia relativa ao arrendamento. Jesus narrou uma parábola a respeito de um homem que arrendou sua vinha a alguns lavradores, mas eles se recusaram a pagar a quantia devida, e mais tarde mataram até o filho dele. No texto, Jesus dá uma breve descrição da estrutura de uma vinha (Mc 12.1-12).

A grande abundância de uvas no território do povo de Israel era uma faca de dois gumes. Significava que eles contavam com a vantagem de boa bebida, passas e mel de uvas, mas havia também a tentação da embriaguez para quem se excedesse. □

**AS TORRES DE VIGIA DAS VINHAS** □ Na antiguidade, em Israel, havia dois tipos de torres de vigia: as grandes, que tinham por finalidade fazer a proteção das cidades contra ataques inimigos, e as de menor porte, que eram erguidas em vinhas, para proteção contra ladrões e animais.

Na maioria dos casos, essas torres eram construídas de pedra, e algumas eram muito bem elaboradas, possuindo dois pavimentos. O andar inferior oferecia espaço para armazenagem, e até aposentos para pernoite. Mas nem todas eram de pedra. Algumas não passavam de simples cabanas feitas de galhos de árvores, apenas para dar sombra (Jó 27.18). Nem sempre havia vigias nelas, mas, de qualquer modo, a mera existência delas na plantação servia para intimidar possíveis predadores.

O rei Uzias foi um que construiu torres não só para proteger as

idades como também para defender plantações (2 Cr 26.10). Há pelo menos um texto onde Deus promete vigiar o povo de Israel com o mesmo cuidado com que o guardador da vinha a protege (Is 27.3).

Um animal que podia causar sérios danos a uma vinha era a raposa. Mas não se sabe se elas tinham um gosto especial por uvas ou se as devastações que causavam eram apenas os buracos que cavavam no solo (Ct 2.15). □

**A PODA** □ Para se obter uma produção abundante era preciso uma poda drástica. Os galhos que não davam frutos eram cortados, geralmente com uma faca afiada ou com uma podadeira. Acreditamos que a podadeira era uma lâmina de metal encurvada, provida de um cabo de madeira. Evidentemente esse serviço era feito após a floração, quando a flor já estava-se transformando em fruta (Is 18.5). Se uma vinha não fosse podada, era considerada inútil ou abandonada (Is 5.6). Contudo, pela lei, a cada sete anos, o agricultor tinha que deixar a parreira sem podar (Lv 25.3,4).

Jesus disse a seus discípulos que seu Pai, sendo um agricultor cuidadoso, poda os ramos que não dão fruto (Jo 15.1,2). A promessa bíblica de que um dia as guerras vão terminar diz que os homens vão

Esta torre de pedras, situada na região montanhosa central de Israel, pode ser igual às que o rei Uzias construiu para proteção das cidades e das plantações (2 Cr 26.10). RI





transformar suas espadas em relhas de arado e as lanças em podadeiras (Mq 4.3).

Os estudiosos discordam entre si sobre se os agricultores israelitas usavam mesmo estacas para escorar as videi-

A palavra "Getsêmani" vem do termo hebraico *gat-shemen*, que significa "prensa de azeite", uma referência ao óleo que é extraído das azeitonas. A oliveira, o pé de azeitonas, cresce abundantemente neste terreno. Ainda existem no jardim de Getsêmani oito oliveiras antiquíssimas que, segundo se acredita, eram mudas das que havia ali, na época em que Cristo orou nesse local, pouco antes de ser crucificado. TW



O Monte das Oliveiras, um morro de pedra calcária, que fica na parte leste de Jerusalém, do outro lado do vale do Cedrom, tem este nome por causa do grande número de oliveiras que há nele. O prédio maior que se vê no sopé do morro é a Igreja de Todas as Nações.

TW

ras, ou se essa prática foi introduzida mais tarde. Mas o texto de Miquéias dá a entender que eles erguiam as plantas para que não ficassem rente ao chão (Mq 4.4). □

**AZEITONAS** □ As azeitonas, oliveiras e o óleo de oliva tinham um papel muito importante na vida e economia de Israel. Ainda hoje há grande abundância dessas árvores por toda a zona rural, e é provável que no passado houvesse ainda mais. Quando os israelitas entraram em Canaã já encontraram a planta em cultivo ali, e até o tempo de Cristo ainda continuavam a frutificar. Mais tarde, os exércitos que invadiram o território sob a direção dos turcos desincentivaram o cultivo delas.

O plantador de azeitonas precisa ser muito paciente, pois a árvore só começa a produzir após quinze anos. Contudo, uma vez iniciada, a frutificação dura séculos.

Logo ao brotar, a azeitona é de coloração verde, mas quando amadurece assume coloração escura. As folhas são de tom acinzentado. A colheita tem lugar no outono, e para colhê-la bate-se nos ramos dela com um bastão (Dt 24.20). Como no caso de outras plantações, nessa também não se limpava a árvore toda. Algumas azeitonas tinham de ser deixadas para os pobres. A oliveira é uma planta bastante resistente, e sobrevive bem mesmo em temperaturas elevadas e com um mínimo de água.

Eles consumiam as azeitonas cruas ou cozidas. Contudo a principal utilização delas era na extração do azeite, usado para fins pessoais e religiosos. O azeite era empregado na preparação dos alimentos, em lâmpadas como combustível, era usado como cosmético, como remédio e nas ofertas dos sacrifícios. O próprio termo Messias significa "o ungido". A unção era feita com azeite de oliva.

No Novo Testamento, encontramos menção de locais nos arredores de Jerusalém cujos nomes estavam associados ao cultivo de oliveiras. Havia o Monte das Oliveiras, que recebeu esse nome por causa da grande abundância dessa planta. Embora o morro seja consti-



As azeitonas eram esmagadas em prensas semelhantes a esta, que se acha em frente à Igreja da Multiplicação em Tabga. TW



Este sicômoro, que fica nos arredores da cidade de Jericó, é mostrado aos turistas que ali vão como sendo semelhante àquela a que Zaqueu subiu para ver Jesus, em Lucas 19.1-10. TW

tuido de terreno calcário, ainda tem algumas oliveiras. Nos últimos dias de seu ministério, Jesus ia lá freqüentemente, à tardinha, após passar o dia todo ensinando ao povo (Lc 21.37). O Getsêmani, cujo nome significa "prensa de azeite", era um jardim situado próximo ao Monte das Oliveiras (Mc 14.32, etc.). Pelo nome tem-se a impressão de que se tratava de um pomar de oliveiras em cujas imediações havia instalações para o processamento de azeite. É possível que a área fosse cercada por um muro de pedras.

O azeite de oliva era muito abundante, sendo um dos poucos produtos exportados regularmente. Salomão deu a Hirão, rei de Tiro, vinte mil coros de azeite batido (1 Rs 5.11).

Para o fabrico do azeite, as azeitonas eram esmagadas com os pés ou com uma pedra. Depois a mistura de óleo

e polpa era passada numa espécie de peneira, e o azeite era recolhido em telhas. A camada superior do azeite era removida e utilizada como óleo "puro", sendo empregado na iluminação do templo. O restante era destinado a usos diversos.

Apesar de a oliveira ser uma árvore resistente, possuía alguns inimigos naturais. Um deles era o gafanhoto, que podia desfolhá-la por completo (Am 4.9). Outro era a geada prematura, que poderia matá-la.

Na poesia, os israelitas citavam a oliveira em símiles ou metáforas falando da beleza e certeza da bênção de Deus. Jeremias diz que Deus se referira a Israel como "oliveira verde, formosa por seus deliciosos frutos" (11.16).

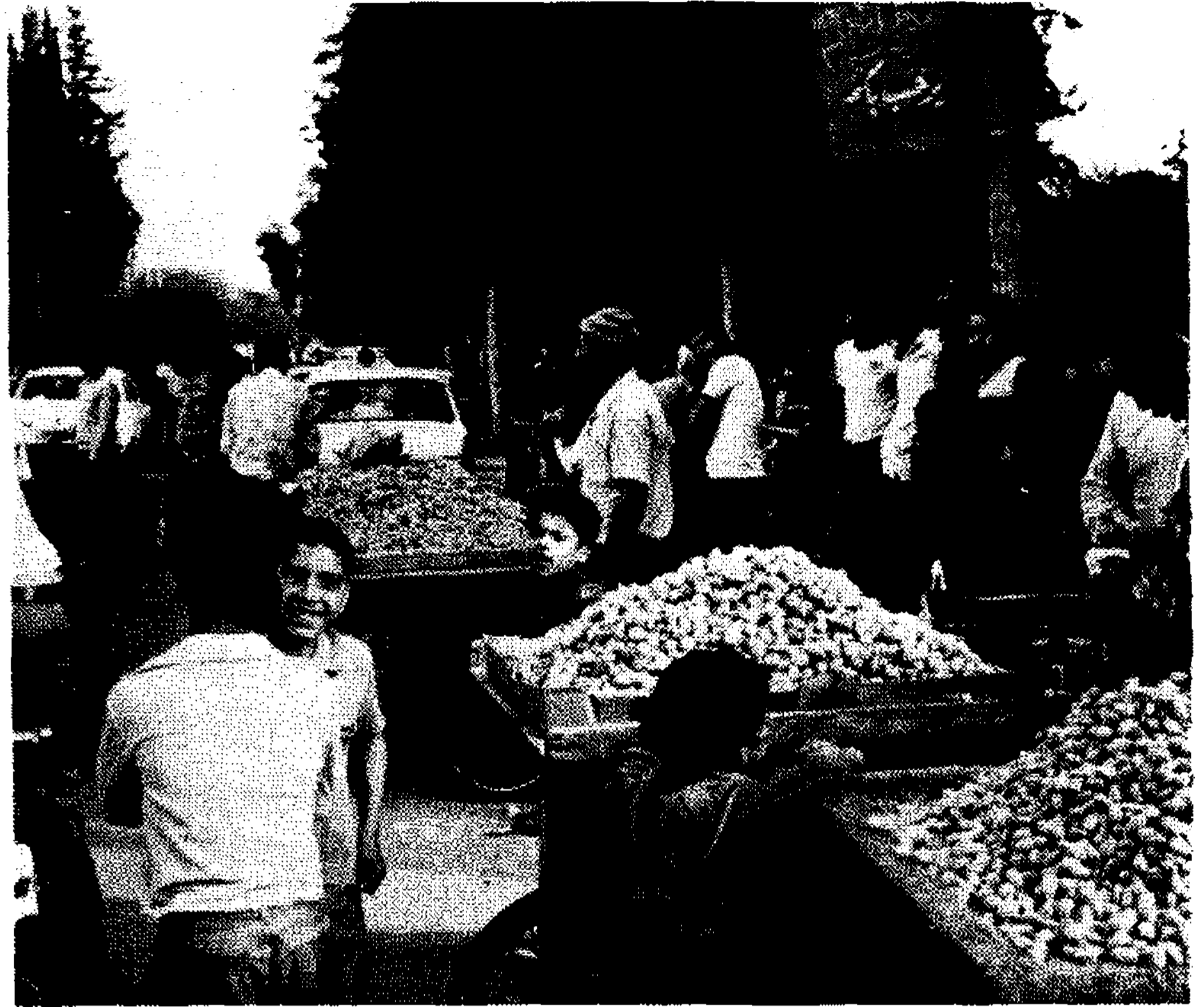
O apóstolo Paulo fala sobre enxertos de galhos de oliveira para ilustrar o fato de que os gentios também, e não apenas os israelitas, são objeto da graça de Deus (Rm 11.17). Por causa disso, fizeram-se muitas tentativas para se explicar como o povo de Israel enxertava galhos de oliveira brava nas comuns. É melhor poupar-nos esses esforços de ima-

ginação e compreender que não havia tal prática em Israel (ver Lenski, Barclay e Deissman). É possível que em épocas mais remotas se tenha tentado esse recurso, mas, como o próprio Paulo diz, ele era "contra a natureza" (v. 24). E isso é um dado importante já que nem todas as alusões à natureza e à vida, encontradas na Bíblia, correspondem a um fato real. □

**FIGOS** □ Filipe encontrou Natanael sentado debaixo de uma copada figueira de folhas grandes (Jo 1.48), e lhe disse que Jesus era o Messias. Essa descrição é típica de Israel, pois ali há muitas figueiras frondosas, de copa grande, e folhas largas. Foi da folha dessa árvore que Adão e Eva fizeram vestes para si (Gn 3.7). E ainda hoje existem figueiras em Israel, tanto em estado nativo como cultivado.

Em geral, as figueiras dão duas safras anuais. A primeira é colhida em maio ou junho, enquanto a segunda amadurece por volta de setembro. De modo geral, quando ocorre a primeira maturação, as folhas ainda não estão completamente formadas (Ct 2.13).

Uma tamareira viçosa como esta que se encontra nas proximidades de Belém pode produzir até durante duzentos anos. CD



Essas amêndoas verdes sendo vendidas nas ruas de Jericó dão em árvore. Elas são mencionadas com frequência na Bíblia. CD





Uma figura que ilustrava bem o conceito de paz e felicidade era a de um homem sentado debaixo de uma figueira. A família que tivesse uma dessas plantas em sua casa era considerada muito feliz, pois ela frutifica durante séculos, e exige poucos cuidados. Como ocorre com várias das outras plantas da região, a figueira sobrevive bem em solo árido, mesmo quando o clima é seco.

O sicômero é da mesma família da figueira. Mas é considerada uma árvore inferior, e seu figo não é tão bom quanto o da figueira. Foi a uma dessas árvores que Zaqueu subiu para ver melhor a Cristo (Lc 19.4). O profeta Amós, além de ser boiadeiro também tinha o ofício de cultivador de sicômoros (Am 7.14). Durante os reinados de Davi e Salomão havia muitos sicômoros nas colinas de Israel (1 Cr 27.28; 1 Rs 10.27).

Numa de suas parábolas, Jesus fala de um homem que tinha uma figueira estéril que não dava fruto havia três anos (Lc 13.6-8). Então ele resolveu fazer mais uma tentativa, mandando escavar ao redor das raízes e adubá-la. Se isso não desse certo, aí então mandaria arrancá-la.

Em Betfagé, a aldeia onde Jesus mandou os discípulos buscarem um jumentinho (Mc 11.1), devia haver muitas figueiras. A palavra significa "casa de figos". □

**CASTANHAS** □ O povo de Israel usava muitas frutas secas em sua alimentação.

As amendoeiras geralmente floriam bem cedo na região. Entre os presentes que Jacó enviou ao Egito contavam-se algumas amêndoas (Gn 43.11). Quando a vara de Arão floresceu, também produziu amêndoas (Nm 17.8). Os povos do deserto consumiam regularmente essa fruta. As amêndoas amargas eram utilizadas na fabricação de cosméticos.

Outro tipo de castanha que os israelitas comiam era o pistácio.

Na lista de cidades dadas à tribo de Gade consta o nome de uma localidade chamada Betonim, que provavelmente significa "pistácio". Ela pode



Esta moeda cunhada após a tomada de Jerusalém pelo general romano Tito, no ano 70 A. D., mostra um judeu chorando debaixo de uma palmeira. TW

ter recebido esta denominação por causa da grande quantidade de pés dessa fruta que cresce na região. Mas não há dúvida de que esta castanha era cultivada em Israel, e até integrava o pacote de presentes enviados a José (Gn 43.11).

Segundo o historiador Josefo, as nozes eram cultivadas nas proximidades do mar da Galiléia. No livro de Cantares de Salomão há referência a um jardim de noqueiras (6.11), que pode estar designando qualquer tipo de castanha, ou uma plantação de nozes mesmo. □

**TÂMARAS** □ A Bíblia não faz muita menção a tâmaras, mas há muitas referências a palmeiras, algumas das quais são do tipo que produz tâmaras. Portanto, não seria errado supor que eles comiam essa fruta, de uma forma ou de outra. Alguns textos que falam de mel talvez sejam referência ao mel de tâmaras, e não ao de abelhas.

As palmeiras são uma cultura típica da região. A maioria delas dá em grupamentos, quase nunca isoladas, e assim fornecem muita sombra, além do saboroso fruto. Suas folhas às vezes alcançam mais de três metros de comprimento. Em boas condições, uma tamareira frutifica durante 200 anos.

Os plantadores com maiores recursos aproveitavam a planta ao máximo, conseguindo extrair dela açúcares, óleo, cera, alimento para os camelos, substâncias para fabricação de tinturas, contas para colares e uma bebida forte denominada arrak.

Algumas cidades tornaram-se famosas por seus palmeirais. Palmyra, antiga Tadmor (2 Cr 8.4), provavelmente recebeu esse nome por causa de suas palmeiras. Também Jericó era chamada "cidade das palmeiras" (Jz 1.16).

Em algumas situações a palmeira tem sido vista como um símbolo especial de Israel. Após a tomada da Judéia por Tito, em 70 A. D., foi cunhada uma moeda na qual se via a efígie de um judeu chorando junto a uma dessas árvores. Também nas portas e paredes do templo de Salomão havia entalhes de figuras de palmeiras (e mais tarde nas sinagogas também se faziam figuras delas).

Houve uma palmeira especial, que chegou a alcançar cerca de 30 m de altura, e a cuja sombra a profetisa Débora atendia, era a "palmeira de Débora" (Jz 4.5). Por ocasião da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, a multidão o saudou acenando com ramos de palmeiras (Jo 12.13). □

**ROMÃS** □ As romãs são uma fruta suculenta, arredondada, semelhante a uma laranja e cheia de sementes. Geralmente o pé de romã é um arbusto de pequeno porte, mas alguns deles podem atingir um bom tamanho. Certa vez Saul se abrigou debaixo de uma romeira, perto de Gibeã (1 Sm 14.2). As flores dessa planta são de colorações diversas, indo desde o branco até o vermelho, passando pelo amarelo. Essa



Esta graciosa palmeira que se encontra nas imediações de Jericó ilustra bem o fato de essa localidade, um oásis no meio do árido deserto da Judéia, ser chamada de "Cidade das Palmeiras" (Dt 34.3; 2 Cr 28.15). TW

fruta é bastante abundante em Israel, e de há muito tem sido considerada um símbolo da prosperidade nacional.

Quando os hebreus souberam que havia romãs na terra em que iriam morar ficaram bem alegres. Foi uma das plantas que Moisés citou ao falar das riquezas da terra, uma bênção de Deus para eles (Dt 8.8). Depois quando os espias foram a Canaã, trouxeram também algumas romãs como evidência de que a terra era fértil (Nm 13.23).

As romãs também se tornaram um elemento do simbolismo religioso de Israel. Na orla da sobrepeliz do sacerdote eram colocadas réplicas de romãs em azul, púrpura e carmesim (Êx 28.33). Nas colunas do templo de Salomão também havia entalhes de figuras de romãs enfileiradas (1 Rs 7.20).



Os números de cabeças de ovelhas em Israel são bem elevados, e praticamente todas as colinas do país estão pontilhadas de rebanhos. Sempre se vêem esses animais pelos campos, atravessando estradas, e seu balido se ouve em toda a parte. TW

O escritor do livro de Cantares também recorre muitas vezes à figura da romã para descrever a beleza física da Sulamita (4.3,13; 6.7). □

**MAÇÃS** □ Ainda não se conseguiu descobrir ao certo se havia mesmo maçãs em Israel, no passado. É verdade que hoje lá existem dessas frutas; é fato também que os romanos as apreciavam muito. Entretanto as maiores autoridades no assunto duvidam de que o termo seja a tradução mais acurada para o nome da fruta citada várias vezes no Velho Testamento. Diversos estudiosos crêem que o damasco se encaixa melhor na descrição. □

**A PECUÁRIA** □ Aquele que escolhesse a pecuária como forma de sobrevivência estaria optando por uma existência muito trabalhosa. A criação de animais exigia vigilância e cuidados contínuos, já que poderiam ser facilmente roubados, poderiam extraviar-se, ferir-se ou ser mortos. A perda de um animal, para a maioria dos criadores, significava um grande prejuízo.

Mas o fato é que durante vários séculos, a pecuária constituiu a espinha dorsal da economia de Israel. Eles dependiam de seus rebanhos para obter alimento, roupas, e os elementos de suas oferendas religiosas. E quando um israelita queria ilustrar o amor e cuidado de Deus pelo homem, falava de um pastor cuidando de suas ovelhas, uma das metáforas prediletas do povo. Essa imagem serviu para fortalecer a fé de muitos judeus e mesmo de cristãos primitivos. □

**OVELHAS** □ Ao calcular a quantidade de ovelhas existentes no país na antiguidade, não estaríamos exagerando se pensássemos um número bem elevado. Na ocasião em que Moisés derrotou os midianitas, por exemplo, tomou como despojo de guerra mais de seiscentas mil cabeças (Nm 31.32). Quando Salomão fez a dedicação do templo a Deus, ofereceram-se 120.000 ovelhas em sacrifício (1 Rs 8.63). E nas reformas levadas a efeito pelo rei Asa, o sacrifício foi de sete mil ovelhas (2 Cr 15.11).

Não dispomos de cifras exatas acerca do número de ovelhas existentes dentro dos limites de Israel, mas as referências acima servem para dar idéia de que eram bem numerosas. Isso também nos ajuda a entender por que o termo é tão freqüente na Bíblia, na vida daquele povo. A palavra "ovelha" aparece nas Escrituras mais de quinhentas vezes.

A raça de ovelhas mencionada com mais freqüência é a que se distingue por ter cauda volumosa, que pesa de 4,5 a 7 kg, e é considerada excelente para corte. Quando um pastor via que uma ovelha tinha tendência para se extraviar, costumava amarrar sua cauda a uma das pernas. A maioria delas era de cor branca, mas algumas podiam



Devido à sua natureza, a ovelha depende muito do pastor para o seu bem-estar. Este pastor que apascenta seu rebanho, foi fotografado nas proximidades de Belém. CD

ser pretas, castanhas ou malhadas. Nos meses de verão, algumas assumiam um tom avermelhado.

A índole desse animal varia entre dócil e lerda. Alguns fazendeiros talvez até preferissem trabalhar com outro tipo de criação. A ovelha é um animal muito passivo e por isso torna-se presa fácil de predadores, ladrões e de acidentes naturais. Por serem extremamente vulneráveis dependem muito das atenções do pastor. Os carneiros selvagens são mais atilados e mais independentes. Mas a ovelha, devido à sua grande dependência do pastor, é um animal terno e afetivo. Isso explica por que muitos pastores são apegados às suas criações.

Essa dependência da ovelha para com o pastor é um dos principais temas do Novo Testamento. Jesus via as multidões como ovelhas exaustas e desorientadas, que vagueavam sem uma liderança firme (Mt 9.36). A qualquer momento elas cairiam, desamparadas. Quando uma ovelha se extravia, o pastor não se arrisca a ficar esperando que ela volte sozinha. Tem que sair à sua procura, pois ela se perde facilmente (Mt 18.12,13).

Quando Jesus comparou os crentes e ovelhas, estava dando ênfase à necessidade que elas tinham do auxílio dele, e à sua disposição em prover as suas necessidades (Jo 10.15). Mas o fato de ele nos comparar a esse animal não significa que sejamos *exatamente* iguais a ele. Não podemos levar a comparação a extremos, pois nesse caso estaríamos forçando a situação. É possível que Jesus estivesse pensando nisso quando disse que os homens valem mais do que as ovelhas (Mt 12.12). Não é aconselhável basear toda a nossa doutrina em detalhes como,

por exemplo, na maneira como o pastor carrega os carneiros, ou como ele conduz esses animais em vez de tangê-los, etc. □

**DERIVADOS OVINOS** □ Grande parte da economia de Israel, no início de sua história, era baseada na criação de ovelhas e nos seus derivados. Eles dependiam em larga escala dos rebanhos de ovinos espalhados pelo país para a obtenção de vestuário, alimento, leite, ofertas para o holocausto, barracas e comércio. □

**OS APRISCOS** □ As ovelhas estavam expostas a diversos inimigos. Se o criador não tomasse as devidas precauções, elas poderiam ser dizimadas por lobos, leões, ladrões e até pelo mau tempo.

E em todos os tempos, os pastores procuraram construir recintos para resguardar ovelhas, cabritos e bois durante a noite, período em que corriam os maiores riscos. Em muitos casos, os pastores também se alojavam na mesma construção.

O aprisco era em geral muito bem construído, com altas muralhas de pedra, e talvez até com uma proteção de espinhos no alto dela. A porta era sempre guardada por um pastor. Afirmam alguns entendidos que não existia uma porta fechando a entrada; o próprio pastor era a porta. E dizem isso porque Jesus se apresentou como sendo a

Após a tosquia, a lã é colocada em sacos de aniagem para ser transportada para o mercado. Aqui vemos um mercado ao ar-livre, em Berseba. TW



porta (Jo 10.7-9). Contudo, é mais provável que ele estivesse usando linguagem figurada, e não se referindo a um fato real. Alguns dos melhores comentaristas bíblicos (Barclay, por exemplo) afirmam que, quando o rebanho passava a noite em apriscos distantes do povoado, o pastor era realmente a "porta", e dizem alguns que assim é até hoje.

Pela manhã, os pastores não tinham dificuldade para recolher suas ovelhas misturadas com as de outros rebanhos. Elas reconheciam seu pastor pela voz, e o seguiam. Aliás, os pastores davam nome a cada uma de suas ovelhas (Jo 10.3-5). Isso acontece ainda hoje no Oriente Próximo. Se um desconhecido chegar e chamar as ovelhas, elas não o seguirão, porque a voz dele lhes é estranha. □

**A PORTA DAS OVELHAS** □ Diz a Bíblia que o tanque de Betesda ficava perto da porta das ovelhas, em Jerusalém (Jo 5.2). Esse foi um dos portões construídos por Neemias (Ne 3.1), e provavelmente ali se efetuava o comércio de ovelhas. □

**A TOSQUIA** □ A tosquia era uma ocasião festiva para os criadores. Havia a "Festa da Tosquia", quando a família se alegrava com a lã ou com os produtos que eram adquiridos com a venda dela.

Havia dois tipos de tosquiadores: o proprietário do rebanho ou os tosquiadores profissionais, que trabalhavam para os reis ou para os grandes criadores. Certa ocasião, Jeú mandou matar 42 homens junto a uma casa de tosquia, em Bete-Equede (2 Rs 10.14). E a Bíblia fala também de um homem de Maom tosquiando três mil ovelhas no monte Carmelo (1 Sm 25.2), o que naturalmente empregaria muitos trabalhadores. Esse serviço geralmente era feito na primavera, após as fêmeas terem tido suas crias. O profeta Isaías fala da ovelha como de um animal silencioso e até impotente diante de seus tosquiadores (Is 53.7; At 8.32). Todos os anos, quando o israelita fazia a tosquia, tinha de apresentar a Deus, como oferta, as primícias da lã (Dt 18.4). □



Esta plaqueta de barro pertence ao Período Acadiano (mais ou menos 2200 A. C.) e sua inscrição é em cuneiforme, na língua assiro-babilônica. Ao que parece, trata-se de um recibo de entrega de lã, assinado por três pessoas. EVTS

**OS PASTORES** □ Existem muitas referências bíblicas à figura de Deus como nosso Pastor, devido principalmente às experiências de Davi e às ilustrações de Jesus. Como grande parte da população estava familiarizada com esse tipo de vida, a figura era um excelente ponto de partida para o ensino de certas verdades. Aliás, o conceito de Deus como pastor entre esse povo era bem antigo. O próprio Jacó, quando estava à morte, testemunhou que Deus fora o seu pastor (Gn 48.15).

Contudo os pastores nem sempre eram muito respeitados. É fato que alguns os consideravam a espinha dorsal da nação, mas outros já os viam apenas como um punhado de homens sujos, sem muito escrúpulo, pessoas sem grandes ideais. É provável que os pastores que permaneciam nas redondezas de seus povoados fossem mais apreciados do que os nômades.

A principal missão do pastor era cuidar das ovelhas. Sendo muito dóceis, quase como espécimes de zoológico, elas não conseguiam se manter por si mesmas. Dependiam do pastor para que as conduzisse às aguadas e locais de pastagens. Quando um cordeiro era atacado, não sabia defender-se. Se se perdesse, tinha de ser procurado. À noitinha, ao voltar para o aprisco, o pastor se postava à entrada e fazia a verificação de cada ovelha à medida que iam passando sob sua mão ou sob o cajado (Ez 20.37; Jr 33.13). Para Isaías esse conceito retratava o pastor como uma pessoa carinhosa, que cuida de cada animal afetuosamente (Is 40.11). Sem o pastor, a ovelha estava sempre correndo sérios perigos (Nm 27.17; Mc 6.34).

A vida do pastor era muito penosa, pois precisava lutar contra as intempéries o ano todo. E ele tinha de ser muito corajoso, pois muitos dos perigos que tinha de enfrentar para proteger as ovelhas constituíam uma ameaça à própria vida dele. Não era fácil haver-se com lobos, leões, panteras, ursos e ladrões.

Na antigüidade, os pastores estavam ainda mais à mercê dessas ameaças, como foi o caso de Jacó (Gn 31.39). Davi também nos oferece uma descrição bem detalhada de sua luta com um leão ou urso quando procu-

A atiradeira é uma arma excelente para os pastores, que podem atirar pedras com uma velocidade de até 150 quilômetros horários, e atingir o alvo com uma precisão milimétrica. Foi uma arma desse tipo que Davi usou quando matou o gigante Golias.

RI







Os pastores gostam de tocar flautas feitas artesanalmente, como entretenimento. TW

rava recuperar uma ovelha (1 Sm 17.34,35). Aquele que seria rei narra como foi atrás do animal, feriu-o e livrou o cordeiro de suas garras. Mas a fera o atacou, e ele a agarrou pela juba e a matou. E como essa atividade era cercada de muitos perigos, é possível que existissem muitos casos de pastores focalizando façanhas heróicas como essa.

É provável que os pastores sempre portassem um ou mais tipos de armas, já que sempre se defrontavam com tais perigos. O mais conhecido era o estilingue, com o qual o pastor poderia atirar pedras a uma velocidade de até 150 km por hora, e atingir o alvo com perfeita exatidão. Alguns caçadores ain-

da o utilizam, por considerá-lo um dos melhores instrumentos de caça. Quando Davi enfrentou o gigante Golias, sua destreza no uso do estilingue lhe deu grande vantagem sobre o inimigo.

Outra arma que um pastor podia ter era um porrete. E muitas vezes, para conseguir maior efeito, pregava nele pontas de metal ou pedras.

O cajado era outro objeto muito usado antigamente; mesmo alguns que não eram pastores gostavam de portar um. Se alguém ia fazer uma viagem, por exemplo, gostava de levar um bordão, para se apoiar durante a caminhada ou para espantar animais. Quando os discípulos de Jesus saíam em viagem, levavam um. Contudo houve uma ocasião em que o Senhor lhes disse para não o levarem (Mt 10.10; Lc 9.3), e em outra orientou-os a levar (Mc 6.8). Uma explicação para essa provável contradição é que talvez, no primeiro caso, ele tenha dito que não levassem um bordão novo, ou não se munissem de mais um. É possível que ele tivesse dito isso, mas para termos mais certeza teríamos de conhecer o sentido mais profundo do termo no aramaico.

O pastor usava seu cajado para diversos fins. Um deles era estendê-lo e puxar cordeiros para perto de si, e por isso ele tinha a ponta curvada. Ele o utilizava também para bater em possíveis agressores do rebanho, mas o cajado está mais associado à idéia de consolo, e sugere uma imagem positiva (Sl 23.4).

Para se alimentar, o pastor levava um embornal de couro contendo a merenda, que talvez constasse de passas, pão, queijo e azeitonas. Era muito comum também eles se distraírem tocando instrumentos como a flauta ou a harpa, que era semelhante ao nosso violão. É provável que Davi tenha passado muitas horas andando pelas colinas cantando hinos que falavam de Deus, do homem e da natureza.

Jesus se apresentou como "o bom pastor" (Jo 10.11,14), e como a porta do aprisco (Jo 10.7). A disposição com que deu a vida pelas suas ovelhas (Jo 10.15) não foi devidamente apreciada na época, mas o foi mais tarde. Pedro, que era um de seus amigos mais chegados, fala dele como o "Supremo Pastor" (1 Pe 5.4) ao escrever aos líderes da igreja, que ele chama de "pastores". Ainda não sabemos se esta expressão "supremo pastor" era empregada entre esses profissionais. Mas parece que quando vários deles trabalhavam em grupo, um deles assumia a liderança. Mas não temos informações se este tinha algum título. Entretanto, Deissman já encontrou essa expressão em grego.

**CABRAS** □ Como a ovelha, as cabras também tiveram, durante séculos, um papel muito importante na vida de Israel. Elas eram de diversas variedades: branca, negra, castanha e malhada (Gn 30.32). Algumas vezes esses animais se misturavam às ovelhas nas pastagens, e as cabras brancas, sem chifres, se confundiam com os carneiros. Alguns afirmam que isso nunca acontecia; que eles nunca se misturavam. Até certo ponto isso é verdade, mas de vez em quando eles se ajuntavam, no pasto, e o pastor tinha de separá-los (Mt 25.32,33).

Parece que, nos primeiros tempos, os rebanhos de cabra eram mais numerosos que os de ovelhas. Existem relatos que dão conta de grupos imensos, com mais de 7.000 bodes (2 Cr 17.11). Mas com o passar do tempo, o número deles diminuiu, enquanto o de ovelhas aumentava.

As cabras que aqui vemos estão pastando perto do local onde era a cidade de Silo. Esse animal sempre foi muito importante para a vida e a economia do povo de Israel. Eles se alimentavam da carne, do leite e da manteiga desse animal, e ainda utilizavam o *semn*, um derivado caprino para cozinhar os alimentos. Usavam a pele de cabras para fabricar recipientes para líquidos e fazer agasalhos. Os pêlos tinham diversas utilidades dentre as quais tapetes, tendas e agasalhos.

RI



Houve uma época em que a cabra era um elemento muito importante na economia de Israel. O povo consumia muita carne de cabrito, embora talvez preferisse a de carneiro. Eles tomavam leite de cabra e faziam uso também da manteiga, e de um outro derivado dele, o *semn*, utilizado para preparar os alimentos. Além disso, empregavam o pêlo de cabras na fabricação de diversos artigos como casacos, barracas, tapetes, etc. Com a pele das cabras fabricavam odres (um tipo de recipiente — (Mt 9.17). Quando os cristãos foram perseguidos, empobreceram bastante, e muitos tiveram que usar roupas feitas de peles de cabras (Hb 11.37).

As cabras eram consideradas um animal limpo, e utilizadas nas ofertas de sacrifícios (Lv 4.23). □

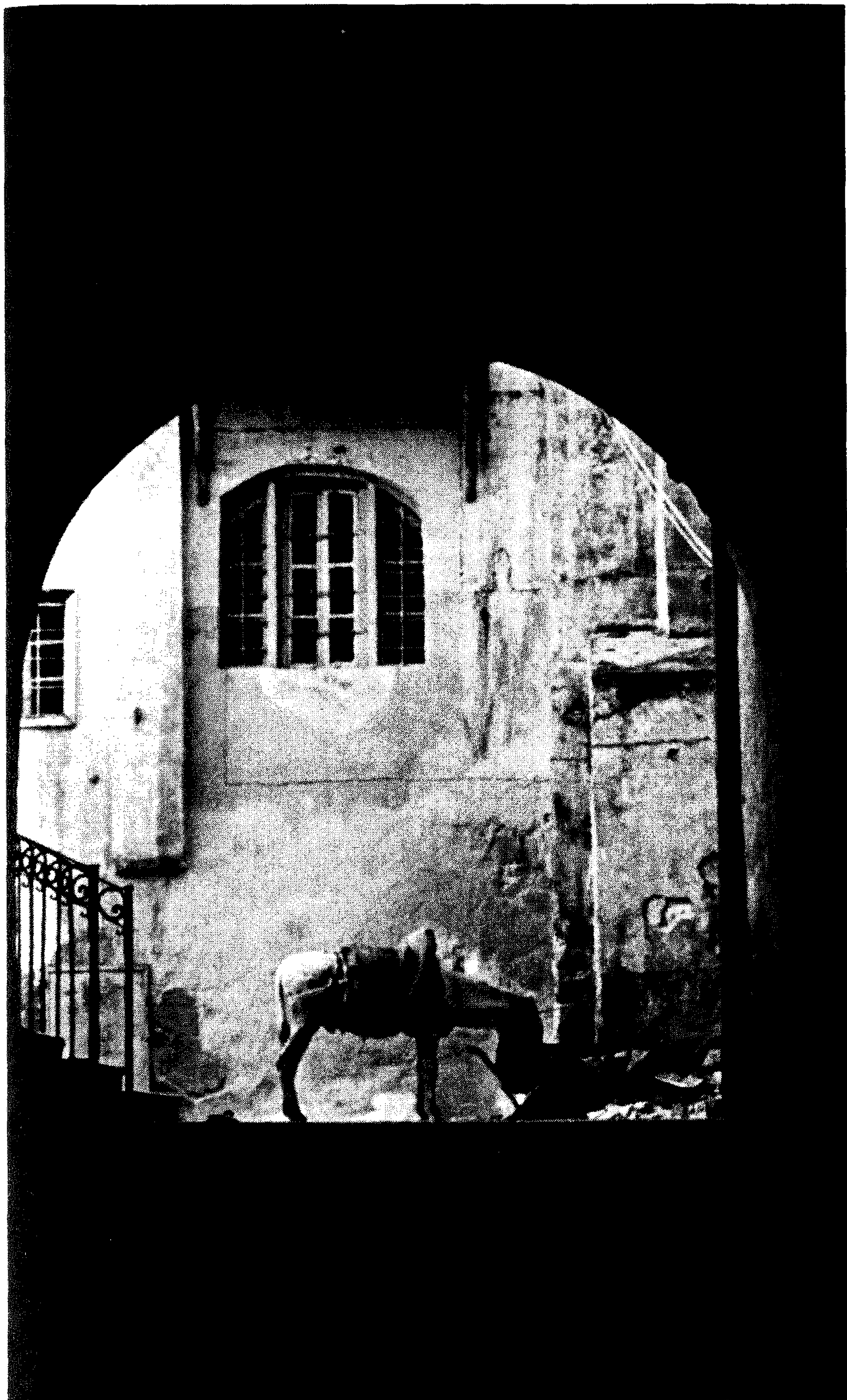
**OS PRODUTORES DE LATICÍNIOS** □ Os israelitas sempre apreciaram muito o leite e seus derivados, queijo e manteiga. E como muitos deles não tinham meios de produzi-los, ficavam na dependência dos que podiam. A ordenha de animais, principalmente de cabras, em escala comercial, remonta há muitos séculos. Na velha cidade de Ur dos caldeus, já ao tempo de Abraão, praticava-se esse comércio. Alguns produtores levavam o produto à cidade e o vendiam diretamente ao consumidor. Outros preferiam usar um intermediário que o vendia nos mercados. Em Jerusalém havia um setor que era denominado “vale dos queijeiros”.

Davi só teve seu famoso encontro com o gigante Golias porque seu pai o encarregara de levar dez queijos ao comandante (1 Sm 17.18).

**O GADO BOVINO** □ O gado bovino é citado na Bíblia diversas vezes, na maioria delas em referência ao boi doméstico. Esse animal teve um papel muito importante na economia de Israel, principalmente como animal de carga, embora a maioria dos agricultores preferisse trabalhar com jumentos, que eram menos dispendiosos.

O boi tinha outras utilidades além do trabalho, mas essa era a mais importante. As famílias abastadas comiam carne de boi (1 Sm 14.31-34), mas sempre seria um prato muito caro para a maioria. Talvez numa ocasião especial, como num banquete de casamento, um rei pudesse mandar abater um (Mt 22.4). Diz a Bíblia que no palácio de Salomão serviam-se dez bois diariamente (1 Rs 4.22,23). Outra utilização do boi era como oferta para o holocausto (Lv 3.1). Em outras religiões, como por exemplo a dos adoradores de Júpiter, também se faziam sacrifícios de bois (At 14.13).

Contudo, um fazendeiro que pudesse ter um boi não teria pressa em oferecê-lo em holocausto. Numa fazenda havia muitos serviços a serem executados por um animal forte. Eles puxavam o arado, o trenó usado na debulha, a roda d'água e as carroças. Quem não pudesse ter um boi, não teria muitas condições de obter muitos lucros em sua fa-



É muito comum um viajante moderno, ao caminhar pelas ruas da Cidade Velha, em Jerusalém, ver um animal de carga parado a um canto, aguardando um carregamento.



Ainda hoje o jumento é muito usado na Palestina para diversos serviços pesados. Este homem caminha garbosamente numa rua da cidade de Akko (Acre), próximo a Haifa, conduzindo sua carroça puxada por um jumento. TW

zenda. Os que possuíam mais de um eram considerados muito ricos.

O fazendeiro previdente cuidaria muito bem de seu boi, dando-lhe sempre muita água e forragem. A perda de um desses animais naquela época equivaleria à de um trator hoje. Na opinião de Jesus as pessoas deveriam ser bem consideradas, merecendo, no mínimo, as mesmas atenções dadas a um boi (Lc 13.15). Ele contestou aqueles que achavam que um doente não poderia ser curado no sábado, mas se um boi caísse numa vala nesse dia iriam retirá-lo dela (Lc 14.1-5). E Paulo ensi-

nava que os pregadores não deveriam ser mais mal remunerados do que um desses animais (1 Tm 5.18). □

**JUMENTOS** □ A maioria dos proprietários rurais tinha pelo menos um jumento para realizar a maior parte do trabalho pesado. Somente os muito pobres não dispunham de um. Embora eles não fossem o animal de carga ideal, eram mais dóceis que as mulas. Em muitos casos eram utilizados para lavrar a terra (Is 30.24).

Os pêlos de jumentos podem ser de diversas cores. As variedades mais comuns são o castanho e o cinzento; mas havia também um de cor avermelhada, bastante encontrado. O jumento branco era uma espécie muito rara (Jz 5.10).

A mais importante menção de um jumento na Bíblia foi a da ocasião em que Jesus montou um deles, simbolizando sua condição de Rei da paz (Mt 21.1-7; Jo 12.14). Esse evento foi cumprimento de uma profecia de Zacarias (9.9). □

**A MULA** □ Por ser um animal híbrido, as mulas não poderiam ser criadas em Israel (Lv 19.19). Esses animais são estéreis, e são gerados pelo cruzamento de um jumento com uma égua, ou de um cavalo com uma jumenta. Mas os israelitas, apesar de não poder ter a criação própria, gostavam de importar esse animal. As vantagens da mula eram que, além de ser maior, tinha mais força e a boa resistência física dos jumentos. Sua principal utilidade era o transporte de cargas pesadas. □

**O CAVALO** □ Havia muitos motivos pelos quais se criavam cavalos, mas poucos relacionados com a agricultura. Na maioria dos casos, o cavalo era utilizado com fins militares, e portanto quase que só o rei e o estado possuíam cavalos.

Os egípcios criavam cavalos em larga escala, mas pela lei os israelitas não deveriam ter muitos deles (Dt 17.16). Havia o temor de que tendo muitos cavalos o rei aprendesse a apreciar a guerra e os divertimentos (1 Sm 8.11). Mas Salomão não obedeceu a esse regulamento, e proveu seu exército de doze mil cavalos (1 Rs 10.26). (Algumas versões bíblicas falam em 40.000 cavalos, por influência do texto de 1 Reis 4.26.) O rei importara esses cavalos do Egito ao preço de 150 siclos de prata cada um. Houve uma ocasião em Israel quando se colocaram cavalos ou estátuas de cavalos no templo, como parte do culto ao deus sol (2 Rs 23.11).

Não sabemos ao certo se em Israel também se utilizava correios transportados em cavalos. Na Pérsia, porém, havia vários (Et 8.10). Os israelitas não criavam cavalos para corte, pois era-lhes proibido comer a carne deles (Lv 11.4).

Para o agricultor, o cavalo não era de muito valor, embora alguns o utilizassem para a tração de carroças ou arados. Mas eles os criavam para outros fins. No trabalho pesado, o cavalo não era tão útil quanto o jumento pois este conseguia resistir bem, com pouca água e alimentação barata. □

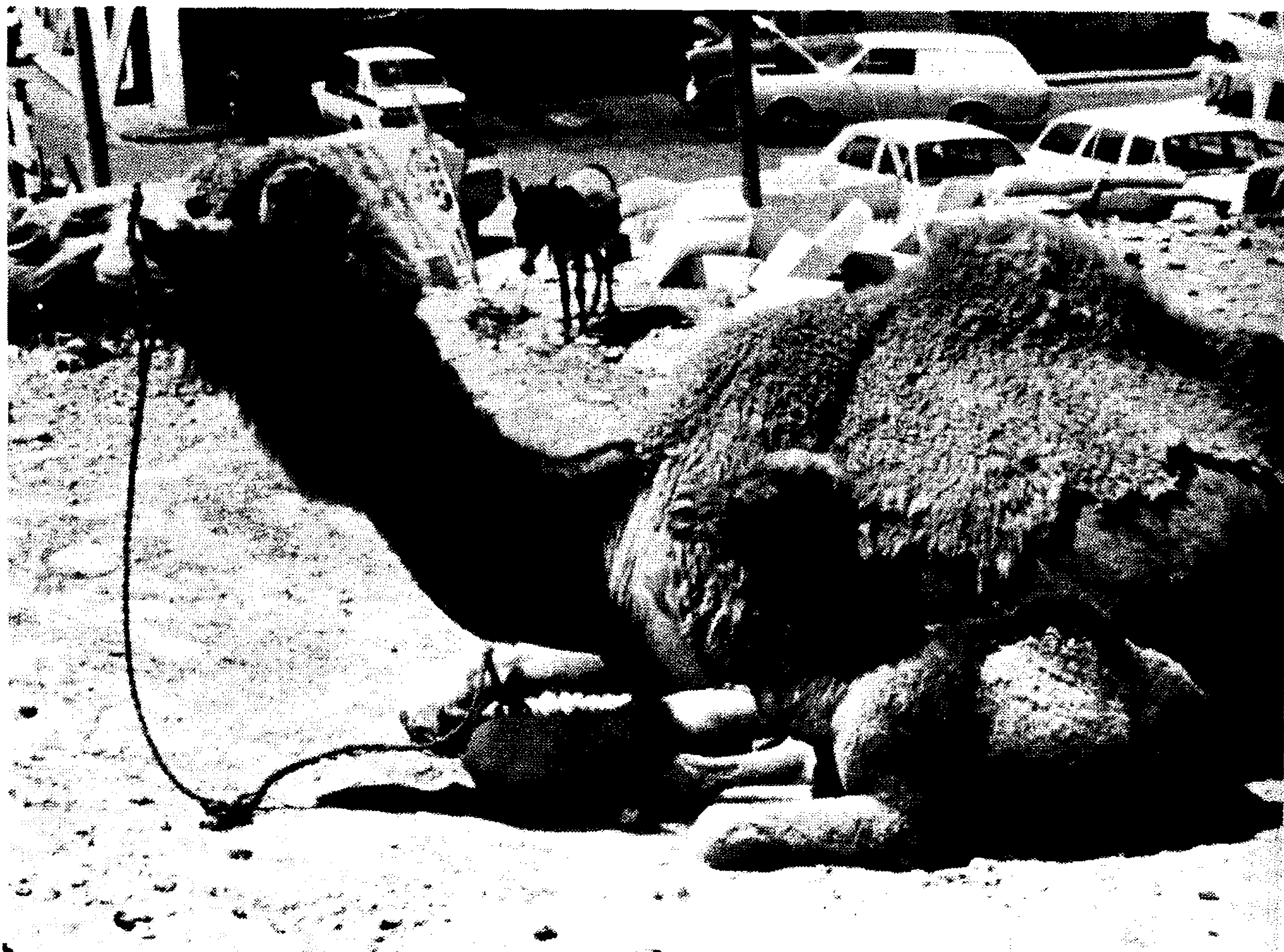


Este bebedouro de animais, que se encontra em Tel Megido, na planície de Esdraelom, ilustra bem a importância bélica dessa cidade nos dias de Salomão. Ela era uma das "cidades para carros" existentes durante seu reinado (1 Rs 10.26). Nas escavações feitas neste local, descobriram-se dependências e acomodações para o alojamento de até 450 cavalos e 150 carruagens.



O camelo é um animal que se adequa muito bem ao calor e à vida dura do nômade do deserto. Ele conserva água em seu organismo, e constitui um bom meio de transporte de carga, fornece leite, vestimenta, e ainda é uma companhia para o homem nas longas jornadas de caravanas. TW

**O CAMELO** □ Embora o camelo fosse muito útil para os povos nômades, não tinha muita serventia para o agricultor. O camelo é excelente para o transporte de cargas pesadas. Seus olhos, narinas



Esta camela e seu filhote encontram-se no mercado de camelos de Berseba, onde serão vendidos. Esse tipo de camelo, de uma só corcova, era considerado um dos bens mais valiosos dos homens ricos, como Abraão e Jó, por exemplo. TW

e patas são adequados ao deserto. Além disso, em sua corcova ele armazena nutrientes, e possui no ventre uma bolsa onde acumula água, sendo, portanto, o animal ideal para os povos que habitam o deserto.

Além dessas vantagens, ele ainda oferece muitas outras. Fornece leite, esterco (para combustível) e couro. Em algumas culturas se comia carne de camelo, mas os israelitas não, já que a lei o proibia (Lv 11.4).

Nos tempos do Novo Testamento, sempre que possível, os judeus utilizavam animais mais práticos, pois sabe-se que o camelo, além de precisar de pastagens vastas, é do tipo que empaca. Jó deve ter sido mesmo um homem muito rico, com muitas terras, para poder oferecer pastagens para seus 3.000 camelos (Jó 1.3), além dos outros animais que possuía. □



Este garoto beduíno e todo o seu grupo familiar, constituído de pastores nômades que habitam em tendas feitas de pêlos de cabras, vivem se deslocando de um lugar para outro, de acordo com a estação do ano, à procura de pastos para seus rebanhos. TW

**PASTORES NÔMADES** □ Já desde a época dos primeiros patriarcas sempre houve diversos tipos de povos nômades deslocando-se pelo território de Israel. Seria difícil fazer afirmações gerais aplicando-as a todas essas tribos. Não podemos, por exemplo, estudar os povos nômades de hoje e supor que os israelitas do passado vivessem e praticassem a religião da mesma forma. Embora naquelas regiões não tenham ocorrido muitas transformações, o fato é que houve mudanças, e hoje em dia elas sucedem com maior rapidez que no passado.

Os nômades a que nos referiremos eram pastores de gado ou de ovelhas, que se deslocavam de uma região para outra em busca de pastagens para o rebanho. Levavam uma vida muito dura, morando em tendas. Já na época dos patriarcas, Jabal tinha uma existência



nômade (Gn 4.20). Abraão também levou uma vida assim, depois de já haver vivido numa cidade civilizada.

No passado, os povos de vida sedentária não se davam muito bem com os nômades. As diferenças na forma de vida de cada um resultava num relacionamento cheio de desconfianças, roubos e conflitos.

A certa altura, o povo de Israel trocou a vida nômade pela estabilidade do Egito, apenas para retomá-la após o êxodo. Quando invadiram a terra de Canaã, voltaram ao tipo de vida urbano. Alguns dos povos que estavam constantemente em conflito com os israelitas eram nômades que vagavam pela região, como os midianitas e amalequitas (Jz 6.5).

Alguns dos hebreus que adotavam a vida nômade eram criadores de jumentos, e se deslocavam de uma região de pastagem para outra. Outros eram criadores de ovelhas (Êx 3.1) e cavalos. Descobertas recentes indicam que já no tempo de Josué havia nômades que se dedicavam à criação de camelos. O modo de vida desses pastores achava-se condicionado ao tipo de animal que criavam. Alimentavam-se do rebanho, que ainda lhes fornecia roupas, utensílios, combustível e tendas. Ao contrário do que se poderia pensar, esses nômades não vagueavam sem rumo; eles seguiam rotas conhecidas, de acordo com as estações e as condições das pastagens. Muitos deles viajavam com todos os familiares, levando diversas barracas, e um homem assumia a liderança de todo o grupo. Alguns desses grupos familiares chegaram a enriquecer bastante, possuindo rebanhos de gado e de ovelhas bem numerosos. □

**AVES** □ Não há dúvida de que os israelitas criavam galinhas, mas o emprego do termo genérico "aves" dificulta um pouco a identificação das espécies e da extensão da criação. Sabemos que tinham patos, gansos e pombos. E sabemos também que nos dias de Jesus criavam-se galinhas em Jerusalém. Havia leis que limitavam os locais em que



Em alguns *kibutzim* e fazendas coletivas das regiões agrícolas do norte de Israel criam-se aves domésticas como patos e gansos para fins comerciais. TW

eles poderiam colocar essas aves, pois existia muita preocupação com sua mania de ciscar. As autoridades não queriam ver a cidade toda cheia de buracos, e por isso determinavam que fossem confinadas em certas áreas. O frango era encontrado à venda nos mercados das cidades.

Nos tempos do Novo Testamento, os ovos faziam parte do cardápio dos judeus (Lc 11.12). Eles colhiam todo tipo de ovos, inclusive de aves silvestres, e até de répteis (Dt 22.6). Em seu ensino, Jesus fez referência ao acolhimento que a galinha dá aos pintinhos (Mt 23.37), e um galo teve um papel muito triste na experiência de Pedro (Jo 18.27). □

**PORCOS** □ Pelas leis dos israelitas era terminantemente proibido comer carne de porco, prática muito comum entre as nações vizinhas, e o povo tinha posições muito rígidas a esse respeito. Mas mesmo assim, alguns deles ainda os criavam e comerciavam. É errado supor que só pelo fato de haver uma lei proibindo determinada prática eles a obedecessem. O fato é que os israelitas criavam porcos e até os citam em provérbios (Pv 11.22). Havia porcos em estado selvagem, o javali (Sl 80.13), e também domesticados, criados em cativeiro. Certa ocasião, em Gadara, uma manada de porcos se precipitou no mar da Galiléia, onde morreu afogada (Mt 8.30ss). Os donos dos animais foram à cidade protestar. Outra menção a porcos está na parábola do filho pródigo, que, após perder tudo que tinha, arranjou um emprego de guardador desses animais (Lc 15.11ss). Isso ocorreu numa terra distante, mas o fato demonstra o quanto ele havia decaído.

**O ABATE DE ANIMAIS** □ É provável que muitos criadores fizessem eles próprios o abate de seus animais. Mas existiam também os açougueiros profissionais. Nos dias de Cristo, já existia em Jerusalém uma corporação de açougueiros e a rua com esse nome. Em Corinto, como em muitas outras cidades, havia um mercado de carnes. Houve uma certa controvérsia entre os cristãos a respeito disso, pois alguns não sabiam se deviam ou não comprar ali carne que fora oferecida aos ídolos (1 Co 10.25). Em outra ocasião, a corporação dos açougueiros de Roma exerceu forte pressão contra os cristãos, pois, devido à propagação da fé, houve uma grande redução no número de sacrifícios de animais. □

**OS CÃES** □ De modo geral, em Israel, os cães não eram domesticados, e, portanto, pouco apreciados. O próprio termo era empregado muitas vezes com sentido pejorativo. As únicas exceções eram os cães de guarda e os ovelheiros. Já nos dias de Jó, os pastores costumavam utilizar cachorros para ajudá-los a proteger o rebanho (Jó 30.1). É possível que outros povos apreciassem mais os cães, já que

freqüentemente se encontram figuras desses animais entalhadas em vasos de cerâmica dessas nações. Sabe-se também que em muitas religiões faziam-se sacrifícios de cães. Algumas pessoas da realeza e grupos de elite utilizavam cães em caçadas. Em Israel, a não ser no caso dos pastores, que certamente deviam apreciar os animais que cuidavam do rebanho, o povo não tinha por eles a mesma afeição que hoje temos no Ocidente.

Seria muito bom se pudéssemos saber o tom da voz de Jesus quando ele disse que não era para darmos aos cães o que é santo (Mt 7.6), isso ajudaria a esclarecer mais as coisas. Em Mateus 15.26, ele emprega um termo afetivo para designar cachorro. O vocábulo grego usado ali significa "cachorrinho", o que leva a crer que se trata de um animal de estimação de uma família (Lenski; Robertson).

# A OCUPAÇÃO ROMANA

---



**S**endo Israel uma nação pequena, freqüentemente estava sujeita a invasões de potências maiores. Por diversas vezes, ela foi dominada por impérios que marchavam por seu território e o ocupavam, assumiam o controle, e ali permaneciam durante séculos. Foi assim que assírios, babilônios, persas, gregos e romanos ocuparam as terras do povo de Israel, explorando-o e maltratando-o. E milhares deles foram subjugados e oprimidos, e acabaram-se mesclando ao povo invasor. Mas também houve muitos que lutaram para manter a independência e identidade, o que provocou muito derramamento de sangue. A despeito de todas as adversidades, porém, os israelitas mantiveram sua identidade nacional.

Os judeus possuíam traços distintivos bem fortes, e não seria com facilidade que se misturariam a outros povos. Alguns desses traços eram de natureza cultural, outros de natureza religiosa. Suas tradições eram sólidas, e achavam-se profundamente arraigadas, e ligadas à sua fé em Deus. Foi esse o segredo de sua sobrevivência como nação. Estavam convictos de que nunca poderiam romper sua ligação com o passado. É verdade que a ocupação estrangeira foi um flagelo constante para os israelitas, mas seu sentimento de pureza religiosa também sempre foi muito forte, uma espécie de obstinação. Mesmo sofrendo invasões e sentindo o braço da força pesar sobre eles, estavam decididos a preservar sua identidade, e ainda o estão.

O domínio do Império Romano, apesar dos seus aspectos negativos, pode ter sido benéfico para a economia de Israel. Sua presença ali significou o incremento do comércio, transportes, lazer, educação, da segurança militar e de outras vantagens.

A única coisa que Roma não ofereceu aos judeus foi a que eles julgavam a mais importante: a liberdade. Esse fato fez com que os dois povos tivessem um relacionamento bastante conflituoso. □

**O DOMÍNIO ROMANO** □ Em suas conquistas de expansão, o Império Romano tomou a Judéia em 63 A. C. O historiador Josefo afirma que eles capturaram o templo em outubro, no dia da

expição. Mas outros historiadores, não acreditando numa coincidência tão dramática, discordam desses dados, e situam a queda dele em agosto. Ser ocupado por potência estrangeira não era novidade para o povo de Israel. Antes disso, já haviam estado sob o jugo dos gregos durante 250 anos. Nos últimos tempos, eles tinham feito algumas tentativas de expulsar os invasores, o que provocara muito derramamento de sangue. O conflito se tornara tão violento que muitos judeus chegaram a apreciar a invasão romana.

O general que conduziu as forças romanas na invasão de Jerusalém foi Pompeu, que deixou muitos judeus revoltados com suas práticas impiedosas. Inúmeros sacerdotes foram assassinados, no momento em que desempenhavam suas funções no templo, e o próprio Pompeu teve a audácia de penetrar no Santo dos Santos. Os judeus ficaram profundamente ressentidos.

Quinze anos depois, Júlio César destituiu o general de sua posição de co-governante, e ele fugiu para o Egito, onde pensava refugiar-se. Mas algum tempo depois foi assassinado naquele país. Quando os judeus souberam disso, ficaram jubilosos, interpretando-o como um castigo de Deus. Foi então que Júlio César se tornou o único detentor do poder em Roma. Mas as antigas atrocidades e a insensibilidade dos dominadores para com os judeus haviam gerado fortes sentimentos de hostilidade contra eles, e muitos conflitos que perduraram até o ano 70 A. D. quando então o governo de Roma esmagou de vez a resistência de Jerusalém.

Quando Jesus nasceu, Israel se encontrava sob o domínio opressor de uma nação gentia. Mas muitas das autoridades dos judeus continuavam em seus cargos, pois se empenhavam em agradar aos opressores. Inúmeros deles obtiveram cargos ou mantiveram os que detinham dando propinas aos romanos ou sujeitando-se a extorsões. Tais condições constituíram fatores determinantes na vida, ministério e morte de Jesus Cristo. □

**OS IMPERADORES ROMANOS** □ No período que vai do nascimento de Jesus até os primeiros anos da Igreja Cristã, Roma teve cinco imperadores. Vamos fazer um breve relato sobre cada um deles, para compreendermos melhor aquela época.

1. *César Augusto* (29 A. C. a 14 A. D.). Foi sob seu comando que as forças romanas tomaram o Egito (em 31 A. C.), governado por Antônio e Cleópatra. E foi também por um decreto seu que todos os habitantes do mundo romano tiveram que ir alistar-se, o que obrigou José e Maria a viajarem para Belém (Lc 2.1). Seu objetivo era acertar questões de impostos. César Augusto não impôs grandes sofrimentos ao povo da Judéia, que podia até ter seu próprio governo, exercido então pelo Sinédrio.

2. *Tibério* (14 a 37 A. D.). Era ele quem estava no trono à época

do ministério de Cristo. Portanto, quando Jesus pegou uma moeda e perguntou de quem era a efígie que havia nela (Mt 22.17-21) o perfil que viu foi o de Tibério. Esse imperador foi um homem muito inseguro, e acredita-se que na velhice tenha sofrido problemas mentais. Além disso, era muito impopular, e ficou conhecido como um homem libertino, dado a excessos sexuais, numa era de muitos excessos.

3. **Gaio (37 a 41 A. D.)**. Mais conhecido como Calígula, esse imperador provavelmente era louco. Ele se imaginava um deus, e exigia que fosse tratado como tal. Chegou a ordenar que se fizesse uma estátua sua para ser colocada no Santo dos Santos em Jerusalém. Contudo, um dos homens envolvidos no projeto, com muita astúcia, foi atrasando o projeto o mais possível, e dessa forma evitou que houvesse muito derramamento de sangue em Israel. Felizmente, Gaio morreu antes que o decreto fosse cumprido.

4. **Cláudio (41 a 54 A. D.)**. Nos primeiros anos de seu governo, esse imperador demonstrou certa benevolência para com os judeus. Mais tarde, porém, começou a abrigar suspeitas contra eles, e passou a restringir um pouco os seus movimentos. A Bíblia menciona judeus que se encontravam em Corinto e que, por decreto de Cláudio, tinham sido obrigados a sair de Roma (At 18.1,2). Os registros históricos revelam que o imperador proibira os judeus de se reunirem o que, de fato, era o mesmo que forçá-los a sair da cidade.

A grande fome prevista por Ágabo, que iria atingir o mundo todo, ocorreu durante o reinado desse imperador (At 11.28).

5. **Nero (54 a 68 A. D.)**. Embora os primeiros anos do reinado de Nero, sob a influência de Sêneca, tivessem sido positivos, na verdade esse imperador louco, que mandou matar a própria mãe, fez muito pouca coisa que mereça aplausos. Sua perseguição aos cristãos foi a mais sangrenta, e é a mais conhecida. Ele mandou prender, torturar e até queimar vivos muitos cristãos. E fez isso, em parte, para desviar a atenção de seus problemas políticos (como por exemplo, o incêndio de Roma), e em parte para se divertir.

E, paradoxalmente, foi a Nero que Paulo apelou quando foi julgado (At 25.10-12). Quando Festo disse ao apóstolo que ele seria encaminhado a César, referia-se a esse imperador. E na ocasião em que ele escreveu aos romanos, dizendo-lhes que obedecessem ao governo porque toda autoridade é instituída por Deus (Rm 13.1-7), era Nero quem estava no poder. E foi sob o governo dele que Paulo e Pedro foram executados. □

**O CULTO AO IMPERADOR** □ De modo geral, os imperadores romanos eram considerados deuses. Esse conceito era muito mal compreendido e sua aplicação na prática variava de acordo com o imperador e da opinião do povo. Havia três formas de prestar adoração ao imperador.

Primeiro, ela se iniciava com um ato espontâneo do povo. Assim que se estabelecia a prática, o melhor a fazer era adotá-la, e adorar o rei. Quem se negasse a fazê-lo poderia correr risco de vida.

A segunda forma era o imperador ser declarado "deus", depois de morto, quando então passava a ser adorado. Isso acontecia ocasionalmente por legislação do senado.

Em terceiro lugar, o próprio imperador, ainda vivo, declarava-se deus. Mas tal atitude não era bem aceita, e ele sofria muito antagonismo, podendo até ser assassinado.

O culto ao imperador deixava os judeus e cristãos numa posição um tanto incômoda. Eles não podiam aceitar essa prática de elevar homens à condição de deus. e seu desprezo por esse culto foi notado

pelos autoridades. Para os romanos não havia problema algum em acrescentar um ou mais deuses à sua lista de divindades.

A doutrina cristã contestava abertamente a religião romana. E o conflito mais forte se processava a nível das escolas de pensamento filosófico, e não a nível da prática religiosa. Os judeus convertidos sabiam que não podiam adorar a Deus da mesma forma que os pagãos adoravam suas divindades. A dificuldade maior estaria em pensar do mesmo modo que os romanos. Por isso, as questões mais polêmicas eram as que diziam respeito às escolas filosóficas, tais como o hedonismo, o epicurismo, o estoicismo e o cinismo e não à forma do culto



Esta estatueta romana da antigüidade era um ídolo doméstico (Gn 31.19). Por ocasião da reforma religiosa levada a efeito pelo rei Josias (640 a 609 A. C.) foi abolida oficialmente a adoração a essas imagens (2 Rs 23.24). EVTS

em si. E a dicotomia se definia em torno dos sistemas de valores, e das resultantes questões acerca de prioridades e atitudes, e não dos debates teológicos.

Os judeus reagiam fortemente a quaisquer tentativas para se imprimirem efígies em moedas e bandeiras. Para Paulo, porém, o problema era de natureza mais intelectual (At 17). Para os cristãos a circuncisão, sacrifícios e dias santos e templos não tinham mais tanta importância. □

## **PRINCIPAIS GOVERNANTES REGIONAIS** □

**Pilatos.** A indicação de um homem como Pilatos (26 a 36 A. D.) para governar a Judéia, foi uma provação para os judeus. Com seu poder, ele não apenas desmoralizou a legislação judaica, mas também afetou sua prática religiosa. Os judeus já sofriam bastante com reis oportunistas e às vezes até loucos, como os Herodes, e ainda por cima tinha de agüentar os governadores romanos. Isso era quase insuportável.

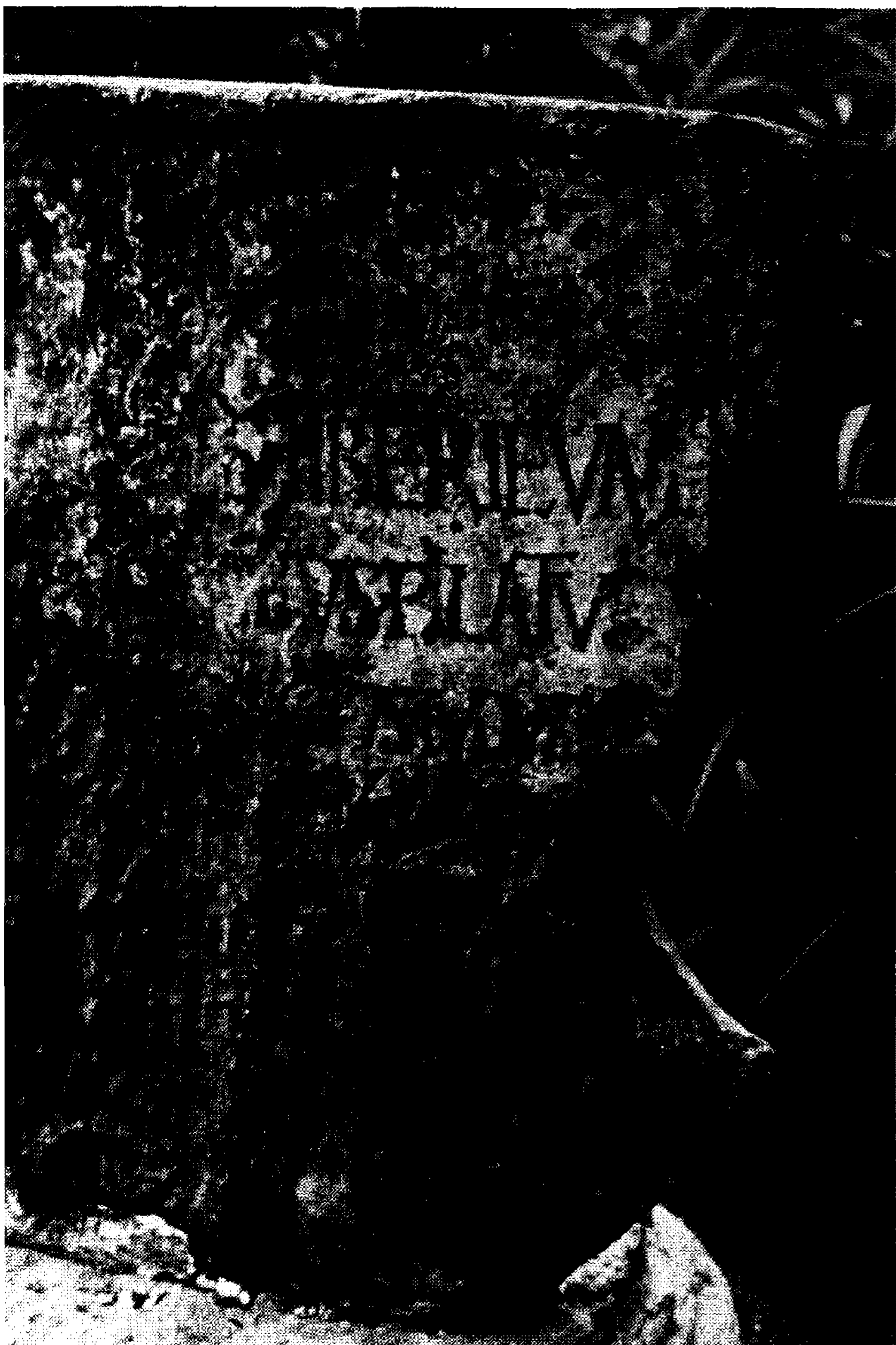
Pilatos era a autoridade suprema com relação a tudo que dissesse respeito ao templo. Se algum aspecto da atividade religiosa lhe desagradasse, poderia cancelar as reuniões ou mandar dispersar o povo. As vestes do sumo sacerdote ficavam sempre em seu poder. E quando ia a Jerusalém por ocasião das festas sagradas, levava-as e as emprestava aos judeus. Esse estado de coisas era para eles um lembrete constante de que não se achavam totalmente livres para adorar a Deus, como julgavam necessário.

O governador não residia em Jerusalém, mas em Cesaréia, de onde vinha para visitar a sede do culto judeu. Em Cesaréia foi encontrada uma pedra angular onde se achava inscrito o nome do Imperador Tibério e o de Pilatos.

A insensibilidade que o governador demonstrava em relação aos judeus, revelava-se em diversos atos negativos, que irritavam o povo, e aos poucos iam enfraquecendo sua posição. Seu erro mais conhecido foi o das bandeiras que mandou colocar em Jerusalém, ainda no início de seu governo. Esses estandartes traziam estampada a efígie do imperador Tibério, o que constituiu um terrível choque para o povo, que via a reprodução de uma imagem humana como um insulto a Deus. Os governadores que o haviam precedido, cientes de que isso era uma questão delicada, haviam evitado desfraldá-las. Obviamente, ou Pilatos ignorava o problema, o que é pouco provável, ou queria fazer uma exibição de poderio. Posse qual fosse o motivo, o fato é que foi um terrível erro, e afinal ele se viu forçado a removê-los. Mas uma semana depois mandou recolocá-los, agora sem as efígies.

Houve outro ato de Pilatos que provocou tumultos nas ruas de Jerusalém. Como ele controlava o dinheiro do templo, arbitrariamente confiscou grande parte dele para construir um aqueduto. Os judeus ficaram encolerizados, o que já era de se prever. E Lucas relata tam-





Este fragmento de uma inscrição romana foi descoberta em Cesaréia. É a primeira evidência arqueológica da existência de Pôncio Pilatos, que governava a Judéia (26 a 36 A. D.), na época em que Cristo foi crucificado. Nela há menção também do imperador Tibério. TW

23.6,7), e mais tarde se dispôs a condenar um homem inocente. Os erros que cometera anteriormente o haviam colocado numa situação política muito delicada. E seus temores não eram infundados, pois a História relata que mais tarde foi chamado a Roma devido às crescentes queixas dos judeus.

*Félix.* Quando Paulo deu início ao seu ministério, já havia um novo governador romano na região. Era Antônio Félix, que chegara a Cesaréia, e ocupara o Pretório, um magnífico palácio que fora construído por Herodes, o Grande. Dali ele governava toda a região, inclusive a Judéia.

Nem a História nem a Bíblia têm nada de bom a dizer a respeito desse governador. Ele era homem impiedoso, sempre recorrendo a assassinatos para atingir seus objetivos ou para arrochar ainda mais seu controle sobre o povo. Tácito faz uma descrição bem depreciativa dele,

bém que certa vez ele ordenou que se matassem alguns galileus que se encontravam no templo (Lc 13.1,2). Ao que consta, esses homens estavam cultuando a Deus, e os soldados da guarda romana entraram sorrateiramente, por trás deles, vestidos de túnicas, com porretes escondidos nas mangas. Chegando onde estavam, tiraram os porretes e os mataram a pauladas. A simples matança deles em si já foi altamente condenável. Mas fazê-lo no momento em que adoravam a Deus foi simplesmente horrendo.

As tensões geradas por essas atitudes dele enfraqueceram bastante sua posição, já que as reclamações do povo estavam sendo remetidas a Roma. Foi por causa disso que, por ocasião do julgamento de Cristo, ele se sentiu obrigado a ser cauteloso no trato com os judeus. Talvez tenha sido por esse motivo que tentou transferir o julgamento dele para o rei Herodes (Lc

afirmando que exercia o "poder de um rei com a mentalidade de um escravo". Devido a esse seu caráter e sua atitude tirânica, o território era palco de constantes revoltas e insurreições.

O relato que temos de seu contato com Paulo não melhora em nada a imagem negativa que temos dele. Fingindo interesse no evangelho, ele estava na verdade ganhando tempo para descobrir uma forma de arrancar dinheiro do apóstolo (At 24.26). E durante dois anos ficou jogando com a vida dele, sem chegar a uma solução para o problema. Por fim, o imperador Nero assumiu o caso, tirando-lhe das mãos essa responsabilidade. Mas o fato é que, em vez de tomar uma decisão a respeito de Paulo, Félix o deixou preso durante dois anos, simplesmente para agradar aos judeus (At 24.27).

*Festo.* Após o período de Félix, veio o de Festo, que trouxe um sensível alívio. Ele fez diversas tentativas de melhorar as condições precárias em que se encontrava a região. Mandou prender muitos dos criminosos comuns, e conseguiu restabelecer parcialmente a ordem.

E foi sua lucidez mental que impediu que os judeus matassem o apóstolo. Eles lhe haviam solicitado que o remetesse a Jerusalém para ser julgado ali, mas estavam tramando matá-lo quando estivesse a caminho dessa cidade (At 25.3).

Quando Festo interrogou Paulo a respeito das acusações que pesavam contra ele, o prisioneiro resolveu apelar para César. Depois de consultar o seu conselho, aliás um gesto sábio, o governador concordou em enviar Paulo a Roma (At 25.12). □

**OS PUBLICANOS** □ A administração de um império extenso como o romano e a realização de seus sonhos ambiciosos exigiam vultosas somas em dinheiro. A construção de anfiteatros, estradas, portos, bem como a manutenção de seus exércitos eram altamente dispendiosos. Tudo isso importava em gastos fabulosos, muito embora contassem com a força de trabalho dos escravos, que era bem barata.

E para encher seus cofres, sempre insaciáveis, os romanos criaram um sistema de concessões na cobrança de impostos, que, nos dias de Cristo, já completava duzentos anos de operação, e atendia bem às necessidades do império. Mas nem sempre atendia igualmente bem aos anseios dos povos a ele submetidos. A pesada tributação era intolerável, principalmente por ser imposta por uma potência estrangeira.

Ao que parece os judeus do primeiro século tinham justas razões para reclamar dos elevados impostos. Além dos tributos cobrados por Roma, havia os do rei Herodes, que impunha ao povo pesadas taxas destinadas a satisfazer sua sede de construir, com o objetivo de promover seu prestígio ou aumentar seu conforto. Além disso, eles ainda tinham as taxas do templo, necessárias ao sustento do cerimonial.

Em condições normais, essa tributação já não era leve, mas tornava-se ainda mais extorsiva por causa do sistema de cobrança adotado. Por esse sistema, o magistrado romano franqueava ao coletor de impostos uma determinada área cujos impostos ele ficava encarregado de arrecadar. O juiz fazia com ele um contrato, que poderia ter vigência de vários anos, no qual vinha especificada a quota que o coletor teria de entregar anualmente ao governo romano. Então o detentor da franquia cobrava do povo valores bem superiores aos estipulados na quota. A porcentagem cobrada a mais variava muito de um coletor para outro, dependendo da consciência e da engenhosidade de cada um. Além disso, ele poderia sublocar sua área a terceiros, (mediante o pagamento de uma taxa também), que então cuidavam da cobrança por ele. Por causa disso, os impostos cobrados do cidadão comum eram altíssimos. Muitas vezes, esses cobradores inescrupulosos exigiam quantias exorbitantes, e chegavam também a aceitar propinas de homens ricos para reduzir os impostos deles, fazendo-os incidir sobre os pobres. De modo geral, o povo odiava os publicanos. E tinha muita dificuldade em aceitar que um irmão de raça trabalhasse para a nação usurpadora. Poderíamos comparar a situação com a da Segunda Grande Guerra, quando coletores franceses recolhiam impostos para os nazistas que então ocupavam a França.

Tendo a reputação que esses homens públicos tinham, é estranho que Jesus tivesse se relacionado com eles, expondo-se assim a críticas, suspeitas e hostilidades por parte de seus concidadãos. E é interessante notar que ele não apenas pregou o evangelho para eles, mas também procurou deliberadamente sua companhia. É o caso de Mateus, por exemplo, que cobrava impostos dos transeuntes de determinada estrada, e que ele chamou para ser seu discípulo (Mt 9.9). Mateus atendeu e depois deu um banquete para Jesus, ocasião em que convidou seus colegas coletores (Mt 9.10). E há também o caso de Zaqueu, um "maioral dos publicanos", que subira a uma árvore para ver Jesus, e a quem o Messias chamou dizendo que desejava ir à sua casa. Como resultado desse contato com Jesus, ele decidiu dar metade de seus bens para os pobres, e restituir quadruplicadamente as quantias que havia cobrado a mais de seus clientes (Lc 19.1-10). E Jesus recebeu duras reprimendas por manter amizades tão questionáveis (Lc 7.34). □

**A CIDADANIA ROMANA** □ Durante os anos da vida de Paulo, o número daqueles que podiam alegar cidadania romana estava crescendo bastante. Mais de quatro milhões de pessoas reivindicavam os direitos e privilégios que essa condição representava. A cidadania romana era mais que um simples título, pois proporcionava ao indivíduo diversas vantagens, entre as quais ser julgado pela corte romana. Aquele que fosse julgado por um crime grave, poderia

apelar para César após o veredito; seu caso seria então encaminhado ao imperador, que o submeteria a seu julgamento pessoal (At 16.37; 25.11).

Um cidadão romano não poderia ser chicoteado. E como Paulo o foi, concluímos que havia exceção para essa regra (isto é, para os que estivessem debaixo da jurisdição judaica) ou então o tratamento infligido ao apóstolo foi ilegal. Ademais, um cidadão romano, embora pudesse ser executado, não poderia sê-lo por crucificação. A violação desses dispositivos poderia implicar em sérias punições para o infrator.

A maior parte das pessoas que possuíam cidadania romana tinha esse privilégio por nascimento. Paulo era um dos que se enquadravam nessa categoria. Não sabemos se fora seu pai ou seu avô quem adquirira o direito, mas sabemos que ele o obtivera por herança (At 22.28). Outros o obtinham por compra (At 22.28). Ao que parece, alguns dos imperadores tinham grande interesse em que sempre mais indivíduos adquirissem a cidadania, para que um número cada vez maior se sentisse parte do império.

É provável que, pelo fato de Paulo ser cidadão romano, tivesse tido mais facilidade para entender a questão da conquista de nossa cidadania espiritual no reino de Deus. Talvez seja por isso que afirma aos crentes que eles são "concidadãos dos santos... da família de Deus" (Ef 2.19). □

**O REINADO DE HERODES (37 A 04 A. C.)** □ Esse famigerado rei de Israel subiu ao trono por graça do governo de Roma, e sempre se curvava aos caprichos da corte. Anteriormente, fora rei da Galiléia e se revelara um hábil aliado de Bruto e Cássio, que haviam assassinado Júlio César, em 15 de março de 44 A. C. Herodes havia levantado dinheiro para Cássio, e na ocasião em que a Judéia se revoltara, marchara contra ela. Mais tarde, porém, Cássio foi destituído por Antônio, que também não confiava em Herodes, e conseguiu reunir acusações contra ele. Mas este conseguiu livrar-se delas, e tempos depois reapareceu como tetrarca da Judéia. Mais tarde, Antônio, Otávio e o senado romano conjuntamente resolveram conferir-lhe o título de rei da Judéia. Mas não foi com facilidade que chegou ao poder. Ainda teve que lutar muito para isso. Finalmente em 37 A. C., conseguiu esmagar toda a oposição, e assumir o governo.

Devido ao seu envolvimento com os romanos e ao fato de que havia dúvidas com relação à sua linhagem judaica, havia muitos judeus que não confiavam inteiramente nele. Outros, porém, o apoiavam por apreciarem seu estilo de vida e suas mudanças ostentosas. □

**A ATITUDE DOS CRISTÃOS PARA COM O IMPÉRIO** □ Em momento algum de seu ministério, Jesus



A Torre de Davi, importante marco da cidade de Jerusalém, era parte do grande palácio de Herodes. Foi reconstruída por um sultão turco em 1537.

LB

tentou colocar-se em posição de antagonismo a Roma. Seus seguidores talvez até desejassem que ele declarasse guerra às forças de ocupação, mas ele nem quis ouvir falar nisso. E muitos aparentemente se mostraram decepcionados pelo fato de ele não desencadear uma ação violenta para reestabelecer o reino de Israel. Naquela ocasião existiam diversos movimentos reacionários (como os zeíotes), que defendiam firmemente a idéia de uma revolução contra Roma.

Mais de uma vez, os inimigos de Jesus tentaram encurralá-lo, querendo obrigá-lo a tomar partido na questão. Uma dessas ocasiões foi aquela em que lhe enviaram emissários com o objetivo de obter acusações contra o Senhor. Para isso lhe perguntaram se era lícito

os judeus pagarem tributo a César (Lc 20.20-25). Ele replicou que como a efígie de César estava na moeda, eles deviam dar-lhe o que já pertencia a ele.

O cristianismo achava-se em posição diametralmente oposta à do Império Romano em questões de religião, valores e prática de vida. Entretanto, Paulo afirma que os governos procedem de Deus, que suas autoridades são ministros de Deus, e que temos de obedecer às suas leis (Rm 13.1-7). E o apóstolo Pedro também, que antes tivera temperamento inflamado, expressou a mesma opinião, afirmando que reis e governadores são instituídos por Deus (1 Pe 2.13,14).

E Jesus, pouco antes de sua morte, disse que o poder que Roma detinha lhe viera de Deus (Jo 19.11). Ele não responsabilizou os romanos pelos maus tratos que estava recebendo, mas, sim, os que o haviam entregado a Pilatos.

Com as autoridades judaicas, porém, os apóstolos tiveram sérios conflitos com respeito à pregação do evangelho. Entretanto quando lhes deram ordens de parar de pregar, eles se recusaram taxativamente (At 4.19,20). □

**A POSTURA DE ROMA FACE AO CRISTIANISMO** □ A princípio, o império via os cristãos mais como um aborrecimento, do que qualquer outra coisa. Talvez tenha sido por isso que Nero não encontrou resistência quando decidiu persegui-los. Embora houvesse uma lei romana que lhes garantia liberdade, não havia ninguém importante no governo que quisesse defender essa seita judaica, o que a deixava bastante vulnerável. Assim, qualquer imperador louco tinha neles presas fáceis.

Falando em termos específicos, os romanos podiam apontar várias razões para não gostar do cristianismo.

Primeiro, os cristãos eram judeus, eram estrangeiros. Por que teriam consideração para com movimento de características tão estranhas?

Segundo, os cristãos adoravam só um Deus, e se negavam a adorar outros deuses; logo eram vistos como ateus. É que os romanos, sendo politeístas, não podiam conceber uma religião tão exclusivista, que só admitia a existência de um Deus.

Terceiro, pelo fato de ser exclusivista e de origem estrangeira, o cristianismo começou a ser vítima de mexericos. Espalharam-se rumores de canibalismo e de práticas sexuais pervertidas, e aquele povo, que já olhava os cristãos com suspeitas, acreditou prontamente nesses boatos.

Quarto, havia fortes dúvidas com relação à lealdade da igreja para com o império e o imperador, embora não existissem provas disso. Mas falava-se de um outro reino, de um rei que iria voltar, e isso jogou as autoridades romanas contra eles.

Entretanto, em algumas ocasiões, o império mostrou benevolência para com a igreja incipiente. O apóstolo Paulo mesmo foi salvo mais de uma vez por autoridades romanas, preocupadas em que se fizesse justiça. Por ocasião do naufrágio do navio em que estava, ele quase foi morto, mas o centurião o salvou (At 27.42,43). E anteriormente, ele fora salvo quase da mesma maneira. Iriam armar-lhe uma cilada, mas o comandante romano determinou que fosse protegido por 470 homens (At 23.23). Os relatos do Novo Testamento sobre os centuriões romanos mostram-nos como pessoas boas. Mas a desconfiança que os cristãos inspiravam aos romanos, e a antipatia que estes nutriam por seita tão estranha, praticamente deixaram os cristãos indefesos diante de Nero, quando este se pôs a procurar um bode expiatório.

**O CONFLITO ENTRE JESUS E ROMA** □ É provável que os romanos nunca tivessem admitido a hipótese de que um simples carpinteiro da Galiléia pudesse ser uma ameaça ao império. E Jesus não tinha mesmo nenhum plano de remover de sua



Esta moeda de bronze da série "Judaea Capta" traz o busto do imperador romano Vespasiano. Trata-se de um sestércio, e é uma das que foram cunhadas em Roma, no ano 71 A. D., para comemorar a vitória romana na Judéia. SAB

terra as garras de ferro do poder romano. Contudo vários de seus seguidores chegaram a abrigar sonhos de uma tomada do poder (Judas, Simão e talvez Pedro).

Mas, além deles, o sumo sacerdote Caifás e os membros do sinédrio também pensaram isso. Foram eles que deram a entender a Pilatos e às autoridades romanas que Jesus pretendia derrubar o governo. É verdade que Pilatos nunca acreditou nessa acusação (Jo 18.33), e se Jesus afirmava mesmo ser rei

dos judeus, isso não preocupava muito os romanos. Afinal, um rei sem reino não significava nenhuma ameaça ao império.

E Pilatos, um tanto incomodado com o problema, percebeu que não podia mais ignorar a questão, e tentou transformá-la numa piada sarcástica. Perguntou à multidão se queria que ele soltasse o "rei dos



Do alto da fortaleza de Massada, avistam-se os remanescentes de um acampamento do general romano Silva, que no ano 73 de nossa era finalmente conseguiu capturar a fortaleza.

judeus" (Jo 18.39). Mas o povo insistia em que ele fosse crucificado, e ele aquiesceu. Mais tarde, porém, ironizou-os, dizendo: "Eis aqui o vosso rei" (Jo 19.14). E para coroar toda aquela zombaria, mandou inscrever no alto da cruz os dizeres: "Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus" (Jo 19.19).

Mas não fora Jesus quem provocara essa confrontação com o governo. Isso fora obra de seus inimigos, que, planejando matá-lo, haviam manipulado tudo, de modo a conseguir seu intento. □

**A QUEDA DE ISRAEL** □ Os focos de rebelião que se haviam exaltado durante o governo de Pilatos, voltaram a arder durante o de Félix, e suas chamas não se extinguiram facilmente. Com grande freqüência, começaram a surgir aqui e ali bolsões de resistência, deixando seriamente preocupados o rei Herodes Agripa II e as autoridades romanas. Mas infelizmente houve entre os judeus muitas disputas internas que só serviram para minar seus esforços de libertação, tornando ainda mais improvável o atingimento de seus objetivos.

Por volta de 67 e 68 A. D. o general romano Vespasiano, sob o governo do imperador Nero, recapturou a Galiléia e Samaria, e marchou contra Jerusalém. Mas o imperador morreu, e o general regressou a Roma, onde iria tornar-se imperador. Depois que se firmou como cabeça do império, enviou para a Palestina seu filho Tito, com o objetivo de efetivar a tomada de Jerusalém. E no ano 70 A. D., a cidade caiu em poder dele, embora ainda existissem alguns postos onde os patriotas continuassem a resistir e a lutar, como Massada, por exemplo, no qual a luta ainda durou em torno de três anos.

E após essa guerra desastrosa, Israel demorou a reerguer-se. Isso só veio a acontecer em 1948, quando esse povo se constituiu novamente em nação.



# VIAGENS E COMUNICAÇÕES



**P**ara se viajar de um país para outro ou apenas de uma região a outra dentro de um mesmo país, era preciso esforço e determinação. Mas sempre havia alguém disposto a correr o risco, a enfrentar as dificuldades e as despesas necessárias. Nessa época, o povo não achava o tempo tão escasso quanto o achamos hoje, e eles não viam problema algum em tirar um mês de folga para ir apreciar as maravilhas do mundo ou defender um caso perante as autoridades romanas.

É claro que nem todo mundo podia viajar muito. Muitas pessoas, como Jesus, por exemplo, nunca se afastaram de sua cidade natal mais que uns 160 quilômetros, mas a maioria viajava. A própria obrigação de fazer as romarias a Jerusalém significava que todos teriam forçosamente que se deslocar até lá, periodicamente.

Essa mobilidade tinha profundas implicações sociais. As viagens possibilitavam boa circulação de idéias novas entre o povo de Israel. É possível que a maioria dos judeus olhasse com desconfiança o mundo lá fora, mas a verdade é que não podiam ignorá-lo. Todos tinham parentes ou amigos que já haviam visitado cidades distantes, presenciado as práticas religiosas dos pagãos, e conhecido os sistemas de valores de outros povos. Então não podiam limitar-se a considerar apenas as meras tradições judaicas. Em alguns casos, esses contatos com o exterior tinham ameaçado seriamente sua maneira de pensar. Mas também ampliara suas oportunidades.

Apesar de algumas dificuldades próprias da época, era relativamente fácil viajar, e isso constituiu uma bênção para a nascente igreja cristã. A mensagem do evangelho chegou ao mundo num momento em que poderia ser rapidamente levada aos quatro cantos da terra. Aliás, uma das acusações feitas contra os apóstolos foi a de que eles haviam “transtornado o mundo” (At 17.6). Em pouco tempo, novos convertidos e igrejas em plena atividade erguiam-se corajosamente e comunicavam as boas-novas a outros povos, até os mais distantes pontos do mundo então conhecido. Os romanos tinham implantado um ex-

celente sistema de transportes, e os cristãos tiraram o melhor proveito dele. □

**ESTRADAS E CAMINHOS** □ Para que as viagens se tornassem uma prática comum, era essencial que houvesse um bom sistema viário. E assim foi que o primeiro século se tornou a era dourada das viagens. A rede de estradas principais, construídas pelos romanos, compreendia um total de mais de 80.000 km, mais cerca de 38.000 km de estradas secundárias. E as estradas romanas não eram apenas planas e niveladas, mas também tinham um piso sólido, sendo pavimentadas com uma boa camada de pedras.

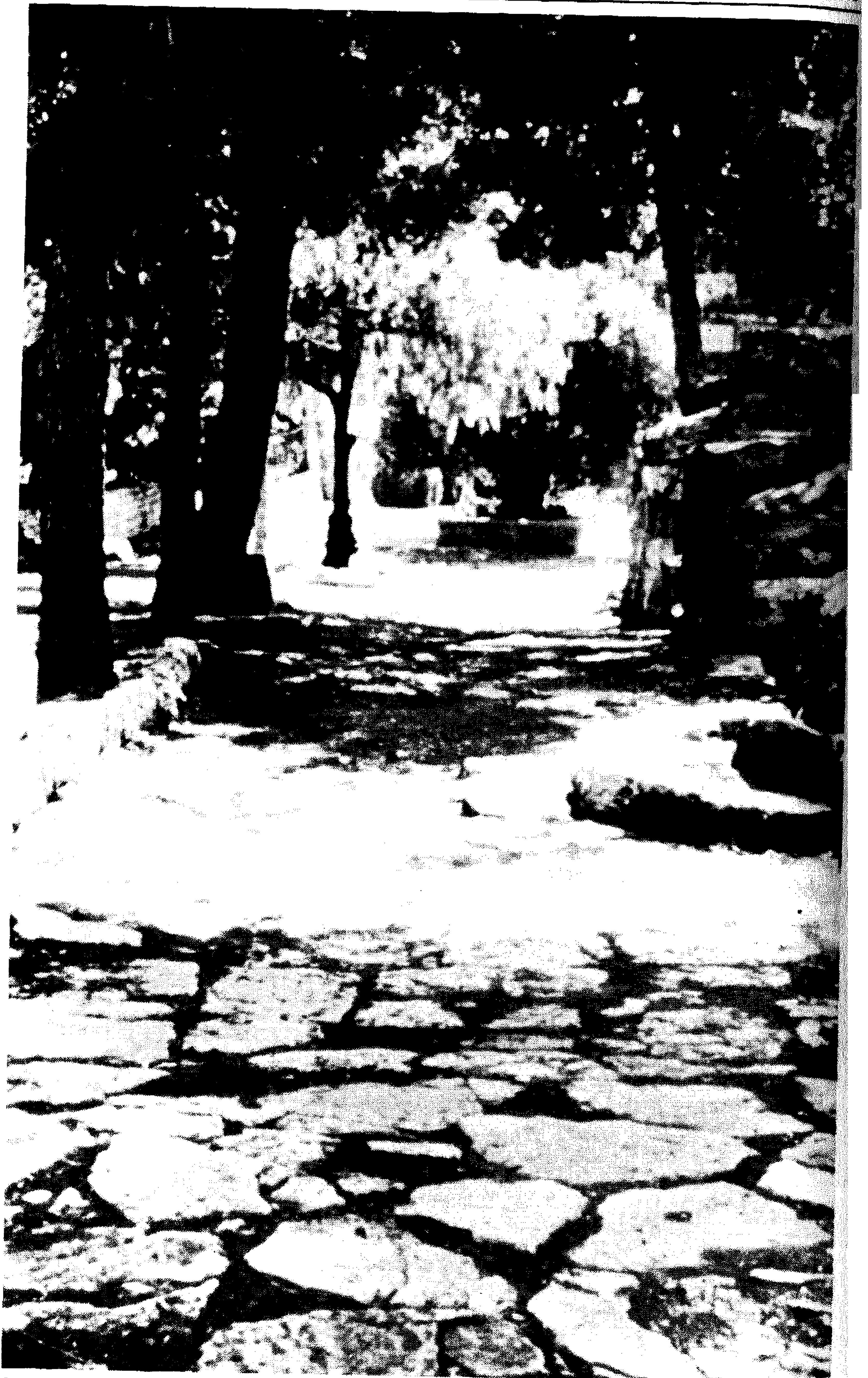
A estrutura dessas estradas era até muito bem feita. Primeiro fazia-se a terraplenagem; colocava-se então uma boa camada de areia, seguida de uma outra de cimento, sobre a qual eram colocadas pedras. Depois vinha outra camada de brita com cimento. Por cima dessa, era colocada a camada final de lajes de pedra ou blocos. Para prevenir erosões, faziam-se valetas dos dois lados da estrada.

Essas estradas foram tão bem construídas e eram tão resistentes que algumas delas existem ainda hoje, estão em uso e são muito conhecidas. Uma delas é a Via Ápia, que liga Roma a Cápuia. Ela é chamada de "rainha das estradas", e foi feita 300 anos antes do cristianismo, e tempos depois muitos cristãos iriam viajar por ela para ouvir Paulo (At 28.15). Ela existe até hoje. Sua construção se deu durante o reinado de diversos imperadores, e ela tem cerca de 6 m de largura e 580 km de extensão.

Essas estradas tão bem construídas, não apenas propiciavam acesso a pontos distantes com certa rapidez, mas ainda ofereciam a facilidade de se viajar com segurança mesmo com mau tempo. É verdade que uma tempestade forte ainda poderia dificultar a viagem, mas lama, inundações e outros transtornos eram menos prováveis. E os cursos de água também não eram obstáculos para os construtores, pois possuíam bons conhecimentos de engenharia e construíram excelentes pontes.

Mas havia também caminhos mais antigos, menos transitados, que não passavam de trilhas que tinham sido ampliadas pelo uso constante. Essas, em mau tempo, tornavam-se intransitáveis, e em certas ocasiões, mesmo com bom tempo, eram bastante difíceis. Havia estradas bem planas, de fácil percurso, mas outras eram cortadas por sulcos profundos, feitos pelas rodas de carruagens, ou pela passagem de animais.

Em Israel, havia duas estradas principais, pelas quais se podia deslocar com relativa rapidez, na direção norte-sul. Uma delas era a "estrada real" (Nm 20.17), que ia de Damasco até o golfo de Acaba. Ela deve ter pelo menos 4.000 anos de construída, pois os hebreus viajaram por ela, conduzidos por Moisés, em demanda da terra de Canaã



Nesta estrada romana, que fica nas proximidades de Emaús e ainda é utilizada, pode-se notar a boa qualidade das vias romanas e o cuidado com que eram construídas. Nos tempos bíblicos, eles chegaram a construir 80.000 quilômetros de estradas.

(Nm 21.22). A outra grande artéria da região era a Via Maris, que ia de Megido, seguindo pela costa do Mediterrâneo, até o Egito.

Outra estrada famosa era a de Jericó a Jerusalém, que é mencionada em diversos relatos bíblicos, dentre os quais a parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37). Era uma estradinha pequena, bastante sinuosa, pela qual Jesus viajou muitas vezes, conhecendo bem sua fama de abrigar muitos salteadores. Alguns a denominavam "estrada vermelha e sangrenta". Os romanos colocaram soldados ao longo dela.

O conceito de estrada foi incorporado à doutrina cristã metaforicamente. Muitos chamavam essa nova fé de "o caminho", seguindo a afirmação de Cristo de que ele era "o caminho" (Jo 14.6). E o termo é encontrado diversas vezes no livro de Atos com esse sentido (19.9,23; 22.4; 24.14,22; e também 16.17 e 18.25). Parece que os cristãos primitivos entendiam a vida como uma jornada, e Jesus como o caminho pelo qual se viajava neste mundo. □



Nesta estrada dos tempos de Cristo que está sendo descoberta agora em Jerusalém, vemos alguns detalhes das estradas construídas pelos romanos. Além de a superfície dela ser recoberta por uma camada uniforme de lajotas de pedra, havia também uma espécie de meio-fio, que se vê à esquerda. JJ



O planalto de Tel Megido que se ergue na parte sul da planície de Esdraelom, tem uma área de cerca de 13 acres. Nele foram encontradas ruínas de cerca de 20 cidades edificadas umas sobre as outras. Em Megido, a Via Maris se cruza com a estrada ocidental que costeia o Mediterrâneo, e com a oriental que segue para o interior. TW

**ROTAS MARÍTIMAS** □ O cidadão comum podia fazer longas viagens pelas diversas rotas aquáticas, de maior ou menor percurso. Havia vários séculos, os navegadores enfrentavam os ventos fortes que varriam o Mediterrâneo. E quando faltava o vento suas embarcações eram impulsionadas a remo.

A melhor época para se fazer uma viagem marítima era o verão, mas mesmo nesses períodos poderia haver surpresas desagradáveis. Viajar no inverno era extremamente temerário, e, de modo geral, uma tripulação só se arriscava a sair nessa época se houvesse um motivo muito forte.

O relato da viagem de Paulo pelo Mediterrâneo, a caminho de Roma, é bastante aventureiro; foi uma travessia bastante tumultuada (At 27,28). Primeiro, nas proximidades de Creta, o navio foi apanhado num tufão chamado *Euro-Aquillão* (At 27.14). Era um vento leste/nordeste que se levantava subitamente, procedente do monte Ida. Essa experiência vivida pelo apóstolo mostra bem os perigos a que muitas vezes estavam expostos aqueles que viajavam por mar.

A jornada tivera início em Cesaréia; fizeram a travessia do Mediterrâneo (por vezes, indo até o alto mar), sofreram naufrágio em Malta, e por fim o apóstolo chegou a Roma.

Outro relato bíblico conhecido, que também focaliza uma desastrosa viagem marítima, é o do teimoso profeta Jonas. Fugindo ao chamado de Deus, Jonas embarcara em Jope num navio que seguia para Társis (Jn 1.3). Jope é hoje a cidade de Jafa, que fica ao sul de Tel-Avive. Ainda não se sabe ao certo a localização de Társis, embora saibamos que era um porto do Mediterrâneo. Pode ter sido um local bem distante, como a Itália, ou até mesmo a Espanha. Pelo modo como Jonas agiu, tem-se a impressão de que Társis era bem distante. Como se sabe, a viagem dele teve um desfecho aparentemente desastroso, já que tiveram de jogá-lo ao mar — depois de lançarem fora toda a carga — para evitar que o navio fosse destruído na tempestade. Mas Deus salvou o profeta, para realizar seus propósitos.

Sendo a mão de obra escrava abundante e barata, era muito comum os navios terem estrutura para comportar inúmeros remadores. As maiores embarcações chegavam a utilizar os serviços de quarenta a cinquenta deles.

A paz romana teve um papel muito importante na navegação marítima. Sob o domínio romano, principalmente no governo de Augusto, os piratas eram perseguidos, capturados e mortos. Isso garantia uma viagem mais segura, facilitando muito o deslocamento dos cristãos primitivos para a propagação do evangelho. Temos a impressão de que os israelitas de modo geral não se sentiam muito atraídos para o mar. É verdade que a pesca do mar da Galiléia era uma atividade bastante comum, mas, ao que parece, procuravam evitar o Mediterrâneo. Contudo tinham necessidade de utilizar o transporte ma-

rítimo para a importação e exportação de mercadorias. Aparentemente, na maioria dos casos, eles não se importavam de despachar seus artigos e produtos nos navios gregos ou romanos.

O tempo de duração de uma viagem marítima variava bastante. Como tudo estava na dependência das velas, do trabalho e das condições do tempo os horários não eram muito rígidos. Às vezes alguém podia fazer uma travessia rápida de Alexandria a Roma, levando apenas dez dias. A volta, porém, poderia demorar sessenta.

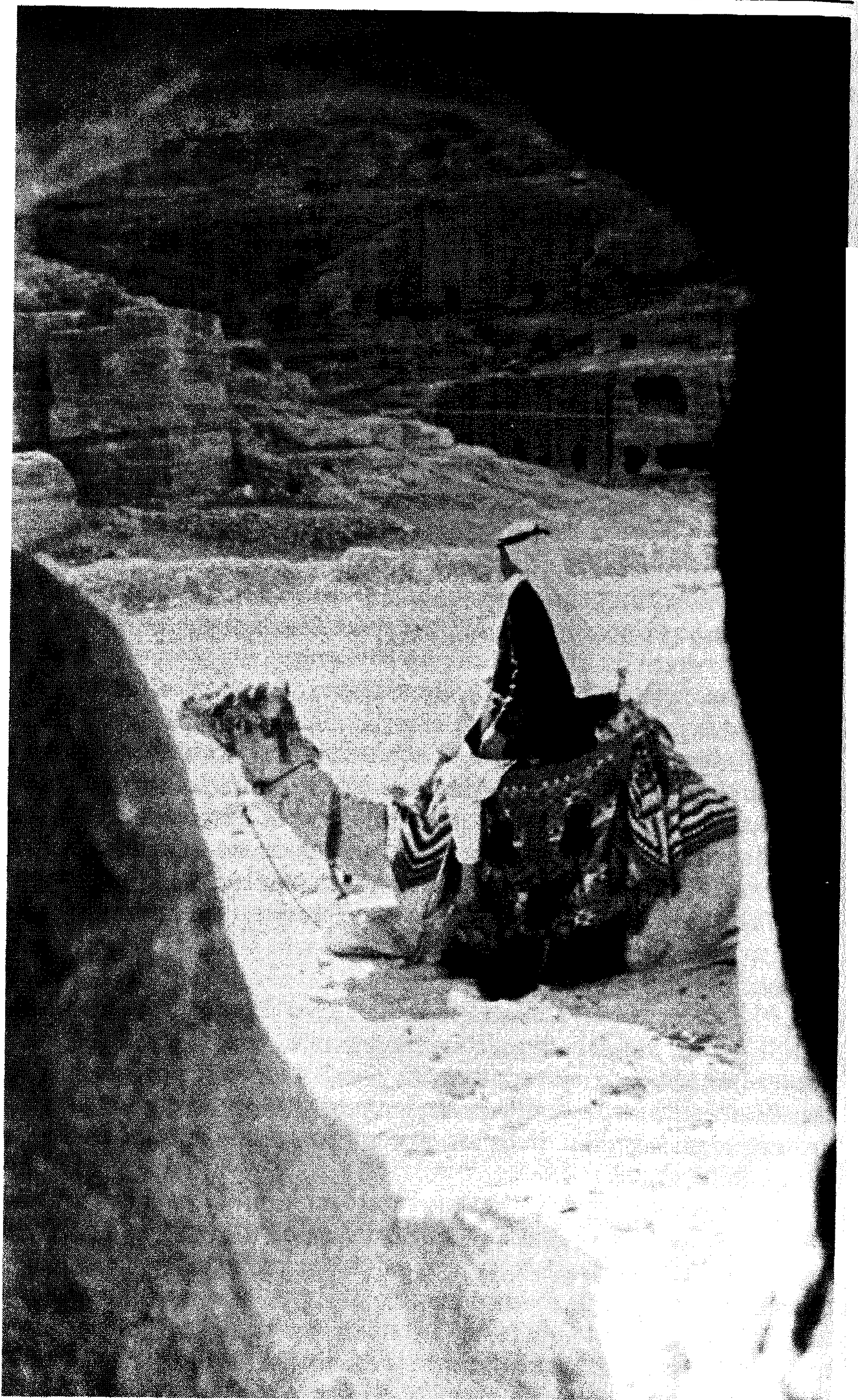
O principal propósito da navegação comercial era o transporte de cargas. A maioria dos navios era planejada para esse tipo de finalidade, e só levava passageiros quando se precisava de uma renda extra. Mas, de modo geral, o passageiro tinha que cuidar de suas necessidades, levando o próprio alimento.

Com o desenvolvimento da incipiente indústria náutica, fazia-se necessária a existência de bons portos em torno do Mediterrâneo. E assim muitos dos já existentes foram fortificados para resistir melhor às intempéries, e outros foram sendo construídos.

Os marinheiros gentios acreditavam que existiam determinados deuses que os protegiam e cuidavam deles. Para os romanos, os mais conhecidos eram os irmãos Castor e Polux, que, em algumas versões bíblicas, são mencionados por Lucas como "os gêmeos" (At 28.11). Aquele povo cria que esses deuses estavam sempre atentos, nas estrelas, protegendo a todos que se achassem em perigo. Ao ver centelhas de eletricidade no alto dos mastros durante as tempestades, consideravam-nas um sinal da presença desses irmãos para prestar-lhes socorro. Muitos criam piamente nesses deuses. No Império Romano havia inúmeros templos dedicados aos dois. E para melhor obter o favor deles, alguns esculpiam sua figura na proa do navio. □

**TEMPOS E DISTÂNCIAS** □ O tempo que se gastava para ir de um lugar para outro variava muito, dependendo de vários fatores: do meio de transporte, das condições meteorológicas e da constituição do viajante. Havia ainda uma outra variável, a segurança nas estradas. Nos dias de Cristo, porém, sob o governo romano, isso já não influía muito.

Quem viajava a pé, provavelmente, fazia uma média de 25 a 30 quilômetros por dia. A distância de Jerusalém a Jericó era de 25 quilômetros, mas a estrada que liga as duas cidades é muito estreita, sinuosa e íngreme. De Jerusalém ao mar da Galiléia são mais ou menos 130 quilômetros. De Belém à Galiléia a distância é de um pouco mais de 130 km. Portanto, durante toda a sua vida, Jesus não viajou mais que isso, a não ser quando foi ao Egito, na época em que ainda era criancinha. Mas Paulo chegou a viajar bastante, tendo inclusive atravessado o Mediterrâneo. □



O camelo, que muitas vezes é chamado de "o navio do deserto" era utilizado para o transporte de cargas pesadas. Sua capacidade pode ser comparada a de um caminhão de nossos dias.

## O TRANSPORTE EM LOMBO DE ANIMAL

□ A maioria dos que viajavam naqueles tempos fazia-o em carroças, carruagens ou em lombo de animal. O grau de conforto e a docilidade do animal variava muito de um para outro.

**Camelo.** Vez por outra, as viagens eram feitas em camelos, chamados "o navio do deserto". O grande valor desse animal residia em sua capacidade de transportar cargas pesadas. Apesar de não serem mencionados com freqüência no Novo Testamento, existem ali algumas referências que comprovam que ainda eram utilizados. Poderíamos comparar o camelo aos nossos caminhões hoje. Existem registros de que eles conseguiam viajar até 40 km por dia com uma carga de quinhentos quilos.

Ainda está em discussão a idéia de que em Jerusalém existia de fato um portão (que na Bíblia teria sido chamado de "fundo de agulha") pelo qual um camelo não conseguia passar se estivesse com carga total no lombo (Mt 19.24). O comentário feito por Cristo provavelmente foi apenas uma linguagem figurada, um exemplo de como às vezes ele lançava mão de hipérboles.

**Jumentos.** Esses animais leves, mas resistentes, poderiam ser comparados hoje às nossas camionetes. Eles são mencionados em muitos relatos bíblicos, dentre os quais encontramos, principalmente, o da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mc 11.1-11). Sendo animais de dócil disposição, fáceis de ser cuidados, eram muito utilizados para



O cavalo, que era largamente utilizado pelos romanos, ainda é muito empregado por toda a Palestina. Vemos um cavaleiro árabe galopando pela antiqüíssima Petra, uma cidade petrificada da Jordânia. TW



viagens. Nos dias de Jesus, eram muito procurados pelo povo comum, mas no início da história de Israel constituíam a montaria dos ricos.

**Cavalos.** Os romanos utilizavam muito o cavalo, principalmente no aparelhamento de seus exércitos. Sendo um tanto caros para o povo, eram mais utilizados pelas autoridades do governo.

**Elefantes.** Em Israel, a presença de um elefante seria muito rara, mas esses animais eram bastante utilizados em outras regiões, embora não como meio de locomoção. O serviço mais prático que eles prestavam era o que poderia ser comparado hoje ao dos nossos tanques de guerra. Muitos povos fizeram uso deles no período inter-testamentário. Certa ocasião Lyoias empregou 32 deles numa batalha contra os judeus (136 A. C.).

**O TRANSPORTE COMERCIAL** □ Sempre havia necessidade de se transportar grande quantidade de carga de um local para outro, por vezes, com percursos bastante longos, tanto com objetivos comerciais, como para projetos de construção, como no caso do templo de Salomão. Assim era que as caravanas de animais carregados de mercadorias, e navios com cargas volumosas circulavam de uma região para outra, de um país para outro.

Os israelitas exportavam principalmente produtos agrícolas, e importavam os que não produziam, como ouro, prata, marfim, madeira, ferro, mármore, especiarias, tecidos, seda, pérolas e bronze (Ap 18.11-13).

**OS DESLOCAMENTOS MILITARES** □ Como acontece hoje, naquela época era comum viajar-se muito a serviço do exército. Foi dessa maneira que alguns conheceram boa parte do mundo. Pelo relato do Velho Testamento, vemos que exércitos como os do Egito, Babilônia, Pérsia e Israel, bem como de outros países se deslocavam freqüentemente.

Nos dias de Cristo, havia grupos do exército romano ocupando todo o território do império. Assim aqueles centuriões e os soldados que serviam sob seu comando estavam sempre tomando contato com culturas diferentes da deles, e levando a esses povos a sua própria. Além disso, os romanos possuíam uma frota razoavelmente numerosa, que navegava por todo o império.

**A PAZ ROMANA** □ Uma grande contribuição para a facilidade nas viagens foi a paz relativa garantida pelo Império Romano. Seus exércitos não poderiam erradicar totalmente a ameaça de piratas e assaltantes, mas conseguiram eliminar os elementos mais perigosos. E praticamente acabaram com o perigo de invasões estrangeiras que interferiam com o comércio. Mas a verdade é que a presença

dos exércitos romanos, se representava segurança, implicava também em intimidação.

O imperador romano que mais fez pela paz foi César Augusto (27 A. C.—14 A. D.). Ele acabou com as guerras, e impôs a paz ao império. Foi uma situação muito oportuna para o cristianismo, que estava para surgir, e que encontrou estradas desimpedidas e facilidade de comunicação, e assim a mensagem do evangelho pôde disseminar-se rapidamente. □

**A INDÚSTRIA DO TURISMO** □ É possível que ao pensar nas condições de viagem do primeiro século as consideremos muito primitivas, mas era surpreendente o número de indivíduos que viajavam apenas por prazer. Havia mapas, semelhantes aos nossos guias turísticos, dando indicações sobre as distâncias entre uma cidade e outra, sobre a localização de hospedarias, e quais os serviços com que o viajante poderia contar.

E eles não se limitavam a visitar apenas os pontos turísticos de sua região. Era possível ir-se à África, Espanha, Egito, Alemanha, Escandinávia, e até à China. □

**MOTIVOS DE VIAGENS** □ Além das viagens de negócios e turismo, e de deslocamentos provocados por guerras, existiam ainda várias outras razões para se viajar de navio ou pelas excelentes estradas da época.

*Para visitar parentes.* Devido ao aumento das mudanças e de interesses comerciais distantes, muitas pessoas se afastavam do seu núcleo familiar original. Então, em certas ocasiões, voltavam à sua região para rever entes queridos.

*As romarias religiosas.* Os israelitas, e principalmente os judeus, sempre tinham de ir adorar no templo em Jerusalém, e ali celebrar suas festas religiosas. Houve ocasiões de chegarem à cidade até 25.000 peregrinos de uma só vez, para as celebrações. No relato sobre o dia de Pentecostes, há menção de judeus que tinham vindo do Norte da África, da Ásia Menor (At 2.9,10), bem como de Roma e dos países árabes.

Em outras religiões também se realizavam peregrinações aos lugares sagrados.

*Competições esportivas.* As competições esportivas tinham-se tornado muito populares, e tanto os atletas como os espectadores se dispunham a viajar grandes distâncias para participar e assistir. O grande número de forasteiros que afluíam para a cidade de Corinto era explicado em parte pela atração que representavam os jogos da cidade. Alguns atletas estavam sempre se deslocando de um local para outro para participar de jogos, e assim durante a temporada de esportes viajavam bastante.

**Estudos.** Algumas cidades eram conhecidas como grande centros do saber. Onde houvesse um filósofo, um grupo de mestres, ou uma escola famosa, para lá afluíam estudantes, vindos de locais distantes. Atenas e Tarso, por exemplo, eram conhecidas pela cultura. Outro centro intelectual famoso talvez fosse a grande biblioteca de Alexandria. A busca do conhecimento era considerada uma atividade muito honrosa, e por isso bastante incentivada.

**Tratamento médico.** Algumas cidades tinham a fama de oferecer cura para certas enfermidades, o que atraía para elas milhares de enfermos. Em alguns casos, essa fama se devia ao fato de residir ali um médico famoso. Em outros, como o de Cafarnaum, dizia-se que suas fontes de água quente proporcionavam curas verdadeiramente milagrosas. □

**VIAGENS DE NEGÓCIOS** □ O mundo dos negócios tinha um colorido internacional. Enquanto alguns trabalhadores, artesãos e executivos nunca saíam de sua cidade, outros estavam sempre atravessando fronteiras com o objetivo de aumentar sua fortuna, ou sua fama. Nos dias de Salomão, por exemplo, vieram pedreiros de Tiro para edificar o templo (1 Rs 5.18). Nos dias de Cristo, estava aumentando muito a demanda no setor de construções. Os santuários, templos e outros edifícios de grande porte às vezes exigiam que se

Nos dias de Jesus, a cidade de Cafarnaum, situada a noroeste do mar da Galiléia, tinha cerca de 10.000 habitantes. Foi ali que ele centralizou grande parte de seu ministério público. Hoje a cidade não existe mais. Tudo que resta são ruínas, descobertas por arqueólogos, e entre elas uma interessante sinagoga construída de pedra calcária.

TW



chamassem artífices de outros lugares, que poderiam permanecer longos períodos no local do trabalho. □

**O SISTEMA POSTAL** □ O sistema postal surgiu das dificuldades naturais de se controlar um vasto império e da necessidade de se estimular o comércio. O primeiro sistema postal de que se tem notícia, ao que parece, foi criado por Dario I, rei da Pérsia (522 - 486 A. C.). E durante muitos séculos houve apenas o correio governamental, que atendia só ao governo. O povo não utilizava esse serviço ou então só o fazia em pequena escala. Mas sempre havia viajantes que se dispunham a levar consigo as cartas de amigos, e desse modo havia uma boa circulação de correspondência. As cartas escritas pelos apóstolos às igrejas e a indivíduos circularam até com certa facilidade. Além daqueles que regularmente faziam esse serviço, podia-se contar também com os muitos cristãos que estavam sempre nas estradas, ou navegando pelos mares, devido à intensa atividade missionária. E os romanos, assim como os persas, também criaram seu sistema de correios montados, que iam de uma estação para outra. Muitas dessas estações eram utilizadas como pousadas, mas sua principal finalidade era servir como ponto de almoço, e de troca de animais para os correios. □

**HOSPEDARIAS** □ O povo de Israel era conhecido por sua hospitalidade. Era muito comum os viajantes se hospedarem em casas de amigos, parentes e até mesmo de desconhecidos. Contudo a existência de estalagens públicas remonta a muitos séculos antes de Cristo.

As hospedarias forneciam refeições e abrigo por uma noite por um determinado preço. Grande parte delas oferecia hospedagem mesmo; mas havia também as que tinham prostitutas. Tal situação era muito comum nos dias de Cristo, principalmente nas hospedagens romanas. Com relação a isso, é difícil definir com exatidão a identidade de Raabe (Js 2.1). Seria ela uma estalajadeira e também prostituta? É possível que sim (Hb 11.31).

As pousadas variavam desde simples acomodações (que por vezes nada mais eram que um cômodo construído junto a uma casa) até os imensos *Khan*, ou caravançarás. Esses últimos ofereciam todo tipo de serviço aos viajantes, como nossos modernos hotéis à beira das estradas. Muitos ficavam localizados nos cruzamentos das vias mais transitadas, e, além de cama, banho, alimentação e outros serviços para os viajantes, dispunham também de um lugar para o cuidado dos animais. Geralmente as caravanas mais numerosas paravam nesses abrigos para passarem a noite ali.

Mas podia acontecer também de uma hospedaria, em vez de ser um lugar de abrigo e descanso, na verdade ser um bordel ou até mesmo

um covil de ladrões. E vez por outra, um viajante cansado era assaltado e morto no próprio lugar onde procurara refúgio.

Não se sabe ao certo que tipo de hospedaria era a de Belém onde José e Maria procuraram abrigo (Lc 2.7). Quanto à estalagem da estrada de Jericó a que o "bom samaritano" se dirigiu, é possível que fosse uma construção grande, já que estava localizada numa via muito transitada (Lc 10.34,35). Hoje existe um hotel nessa estrada chamado "Khan Hathrur" que, segundo a tradição, se acha localizado no mesmo lugar da hospedaria citada nesse relato.

# GRUPOS POLÍTICOS E RELIGIOSOS



**Q**uando Jesus iniciou seu ministério, havia entre os judeus diversos tipos de grupos, todos com objetivos próprios. Mas nenhum deles admitia abrir espaço para ele exercitar ali sua liderança. Fortemente resistentes a mudanças, sentiam-se ameaçados por um forasteiro que afirmava possuir um reino, e ter vindo de Deus.

A estrutura política e religiosa dos judeus havia-se tornado muito rígida, como uma forma de proteger-se de ameaças externas. Eles estavam constantemente sofrendo perseguições e sendo mortos, e de modo geral os primeiros a ser executados eram os líderes. Assim, não iriam aceitar facilmente alguém que quisesse intrometer-se no meio deles e estabelecer o caos.

Os que buscavam o poder o faziam por diversas razões. Alguns eram corruptos e só desejavam a segurança e prosperidade inerentes ao cargo, ou então o domínio e o prestígio que ele conferia. Por vezes ambicionavam ambas as coisas.

Mas alguns outros judeus agarravam-se obstinadamente à sua posição política por desejarem com sinceridade prestar benefícios a seu povo. Pensavam até estar servindo a Deus dessa maneira. Contudo, a visão deles tinha-se estreitado tanto que não conseguiram enxergar em Jesus o Messias. Querendo o que era bom, rejeitaram o que era melhor.

Para os judeus, o grande problema de Jesus era ser ele diferente. Se ele estivesse "dentro dos padrões", poderia ser aceito entre eles. Como podia ter sido enviado por Deus, se não se identificava com as causas por que lutavam? Eles tinham pagado um preço muito elevado para conseguir a posição que agora detinham, e não iriam largar mão dela para seguir um outro qualquer.

Jesus não trouxera credenciais válidas. Não se encaixava em nenhum dos "grupinhos" já existentes. E sem uma identidade pré-estabelecida, ele contava com poucas chances de conquistar aqueles

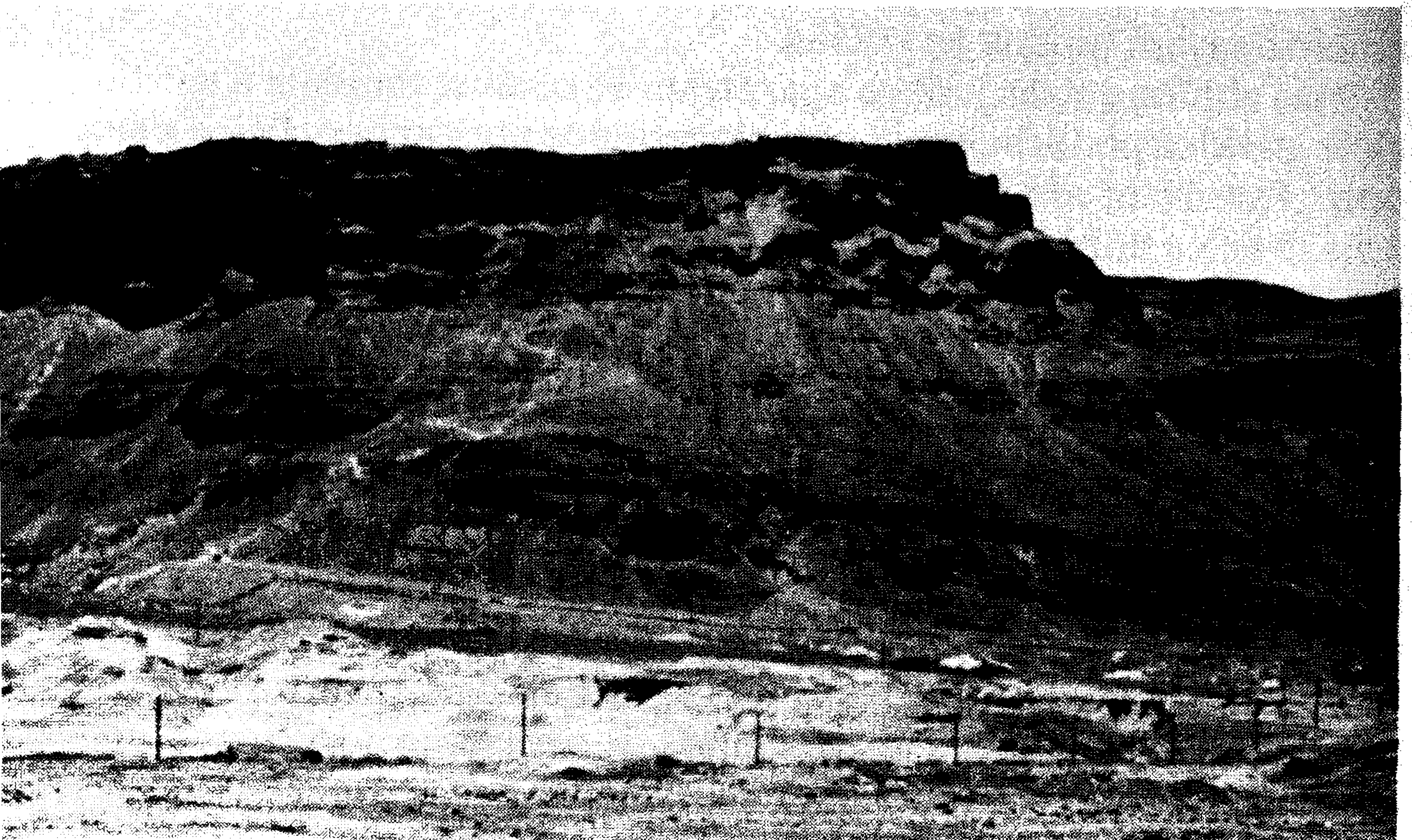
que já se achavam comprometidos com uma ou outra idéia. E embora ele tivesse conseguido convencer alguns que pertenciam a organizações existentes, o fato é que a maioria mal lhe deu ouvidos. □

**ZELOTES** □ Alguns grupos religiosos achavam-se muito seguros de suas teses e se dispunham a matar e a morrer por elas. Um desses grupos era o dos zelotes. Esse nome deriva do termo hebraico que significa "zelo". Eles se recusavam terminantemente a aceitar as culturas estrangeiras, que se encontravam no controle político da nação e maculavam sua religião. E esses homens estavam sempre dispostos a arriscar a vida para servir a Deus e promover o restabelecimento da independência de sua nação.

No decorrer da História o termo "zelote" tem sido empregado com dois sentidos: para designar um partido político ou para identificar a atitude de um indivíduo com ideais semelhantes, pertencendo ou não ao partido.

O partido dos zelotes ganhou proeminência nos dias de Cristo. Era um grupo de resistência que causou muitos aborrecimentos ao governo romano. Mas seu movimento foi esmagado no ano 70 A. D., quando os exércitos de Roma invadiram Jerusalém e dizimaram o povo de Israel. Hoje, o fato mais lembrado com relação a esse partido é a

Massada é um imenso rochedo de cor escura, que dista cerca de cinco quilômetros do mar Morto. A palavra significa "fortaleza", em hebraico. Foi neste lugar que, no ano 74 A. D., 960 patriotas judeus, sob a liderança de Eliezer Ben Yair preferiram suicidar-se do que ser capturados pelas forças romanas. TW



resistência que fizeram aos romanos, em Massada, e que durou até maio de 74 A. D.

Apesar da sua derrota frente ao império, tempos depois ainda existiam pequenos grupos remanescentes, resistindo teimosamente à influência gentia.

Estudando os zelotes, percebe-se neles a influência de dois grupos. O primeiro era o movimento macabeu, muito combativo e sempre respeitado, que fora aniquilado com um terrível derramamento de sangue. O segundo é o dos fariseus. Esse grupo não defendia o uso da força, e, por isso, muitos deles rejeitavam a ideologia dos zelotes. Entretanto, havia muitas analogias político-religiosas entre os dois grupos, e é bem possível que alguns fariseus tenham abandonado as fileiras do farisaísmo e se unido secretamente aos zelotes.

O partido dos zelotes, porém, não era constituído de um único grupo, com uma organização político-militar. O mais provável é que fosse constituído de pequenas células, espalhadas pelo país com essa mesma denominação, e assumindo a causa do partido, cada uma à sua maneira.

O mais conhecido zelote do Novo Testamento foi Simão, que se tornou um dos doze apóstolos (Lc 6.15; At 1.13). Supõe-se que ele *tivesse* sido membro do grupo, pois em sã consciência não poderia pertencer aos dois grupos ao mesmo tempo. Contudo, não seria errado afirmar que em geral os discípulos de Jesus abrigavam idéias acerca de uma derrubada do governo romano. E é possível que vários deles tenham começado a seguir a Jesus por considerarem o messianismo uma forma de resistência. Muitos eram originários da Galiléia, conhecida pela rebeldia de alguns de seus habitantes, a quem os romanos consideravam perturbadores da ordem (Lc 13.1).

O apóstolo Paulo parecia possuir algumas características dos zelotes. Ao que parece, porém, não pertencia ao partido. Ele era fariseu, e mostrara-se disposto a matar em defesa da fé judaica. A perseguição que movera aos cristãos fora intensa e impiedosa (At 8.1-3). Embora isso não comprove que ele fosse oficialmente membro do partido, mostra com clareza que possuía o mesmo espírito que eles. E várias vezes, quando se refere à forma como perseguia a Igreja, usa os termos zelo e zeloso (Gl 1.13,14; Fp 3.5,6).

Paulo se preocupou muito em censurar o "zelo" antibíblico, pois aqueles que o possuem não têm um verdadeiro conhecimento de Deus (Rm 10.1-4). Esses mesmos judeus que se mostravam tão zelosos na defesa do nome de Deus procuraram matar o apóstolo por causa da fé cristã (At 23.12-14). □

**ESSÊNIOS** □ Os essênios nutriam a mesma hostilidade demonstrada pelos zelotes contra a adulteração da religião. Sendo pu-



ristas eles ansiavam por voltar ao passado, quando, segundo imaginavam, os judeus tinham sido melhores e mais fiéis às leis de Deus.

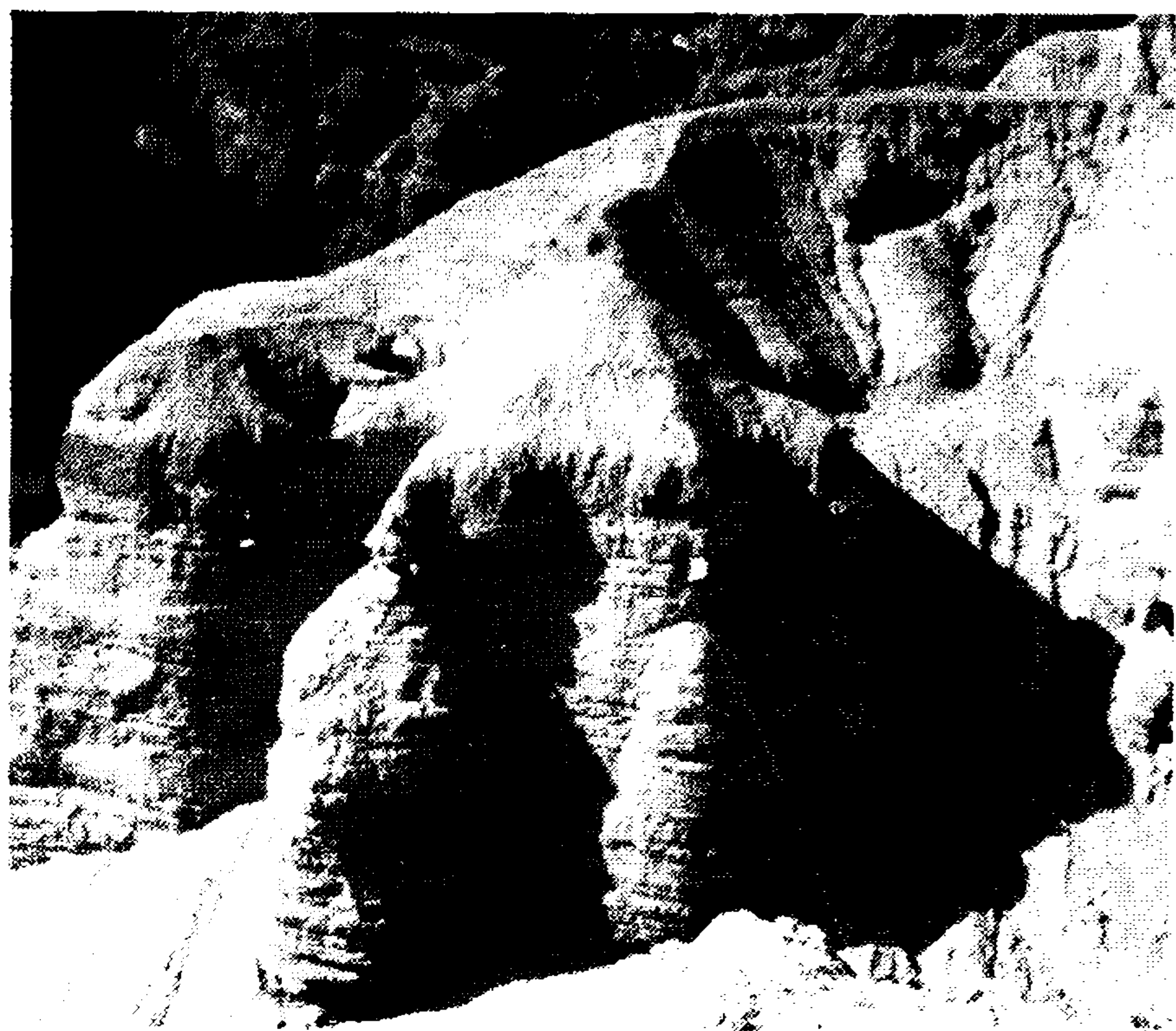
Embora possuíssem um espírito semelhante ao dos zelotes, divergiam drasticamente deles com relação ao método de ação. Acreditavam que a melhor maneira de se libertarem de uma cultura gentia opressora era a reclusão, o afastamento da sociedade, e não um confronto violento.

Esse grupo não é mencionado abertamente na Bíblia, mas nota-se a influência dele em personagens bíblicos como João Batista. Não temos evidências de que ele pertencesse a esse movimento, mas o modo como vivia se harmonizava com a filosofia e estilo da vida deles. Mas esse grupo teve um grande impacto sobre a igreja do século XX, pois foi uma comunidade de essênios que produziu os pergaminhos do mar Morto, descobertos recentemente em Qunrã.

Uma das razões por que eles se isolavam no deserto, levando ali uma existência de austeridade (embora houvesse alguns que viviam em cidades) era o desejo de escapar à contaminação do mundo, e procurar purificar-se. Lutavam pela santidade, esperando assim preparar uma sociedade que estivesse apta para receber o Messias, e para cumprir as palavras de Isaías 40.3-5, e dessa forma apressasse a vinda dele. No primeiro século, o conceito de Messias achava-se muito presente na mente de inúmeros judeus.

Os essênios não aceitavam forasteiros com facilidade. Se alguém quisesse juntar-se a eles, seria submetido a uma observação atenta durante um ano antes de ser considerado apto. E assim que fosse aceito como membro, teria que vender tudo que possuísse, e dar o dinheiro para o grupo. Tinha que prometer amar a todos os membros da comunidade e odiar os que não faziam parte dela. Se não suportasse os rigores dessa existência tão cheia de preceitos, seria expulso sem amigos, e sem receber nenhuma indenização.

O grupo de essênios localizado em Qunrã durou mais de 200 anos, permanecendo intacto todo esse tempo. Fora iniciado cerca do ano 200



A. C. e existiu até os dias de Cristo. Houve uma outra comunidade essênica, mas essa foi a que ficou melhor documentada. □

Na caverna n.º 4, em Qunrã, foi encontrado o maior número dos pergaminhos do mar Morto, aqui descobertos em 1948 por um pastor de cabras, um beduíno de nome Muhammad Adh-Dhib. TW

**MOVIMENTOS MESSIÂNICOS** □ Jesus não foi o primeiro nem o último homem a afirmar que era o Ungido de Deus. Os judeus aguardavam ansiosamente um libertador que restauraria a nação aos dias de glória vividos quando dos reinados de Davi e Salomão. Desde então já se haviam passado mil anos, e eles tinham enfrentado divisões, exílio e ocupações. Mas muitos aguardavam firmemente o cumprimento das promessas das Escrituras, esperando o Messias com ansiedade.

Contudo a cultura judaica estava cheia de especulações a respeito da vinda dele, de como seriam sua aparência e seu modo de agir. Alguns acreditavam que seria necessário preparar o caminho para ele fazendo uma convocação à santidade ou a uma ação militar, ou a ambas. Outros já pensavam que nada se poderia fazer enquanto o próprio Messias não se revelasse. É interessante notar que ainda hoje essas posições opostas são defendidas por judeus e até por cristãos.

E a vinda do Messias foi um tema constante no ministério de Jesus. E ela não apenas foi importante para ele, mas também teve importância vital para aqueles com quem ele teve contato. Quando André foi procurar seu irmão Pedro, a primeira coisa que lhe disse foi: "Achamos o Messias" (Jo 1.41). Também a mulher com quem Jesus

Em Qunrã, que fica a noroeste do mar Morto, encontram-se as ruínas da habitação de um grupo monástico denominado "Essênios". Durante o século I A. D., esses homens fizeram diversas cópias das Escrituras Sagradas em grandes folhas de pergaminho. Ao alto, à esquerda das ruínas de suas moradias, vê-se o mar Morto. TW



conversou junto ao poço afirmou que sabia que o Messias estava por vir (Jo 4.25). E no dia da Festa da Dedicção, os judeus perguntaram a Jesus abertamente se ele era o Messias (Jo 10.24).

A esperança da vinda do Messias nunca estivera mais aguçada do que na época em que Jesus esteve na terra. E houve pelo menos uma ocasião em que o povo quis agarrá-lo à força e coroá-lo rei (Jo 6.15). Mas essa intensa expectativa da vinda dele tornou muitos judeus susceptíveis de ser enganados. E surgiram muitos que se diziam profetas e declaravam ser eles o Messias, quase sempre atraindo numerosos seguidores. Qualquer um que promettesse a libertação de Israel (Lc 1.68) logo reunia em torno de si inúmeros ouvintes.

Existem registros históricos de alguns dos primeiros falsos Messias. Um deles foi Teudas, que conseguiu arrebanhar muitos seguidores, e chamou-os a que o acompanhassem ao Jordão onde ia abrir as águas do rio como Josué o fizera. O Jordão não se abriu, e seus seguidores o abandonaram.

Houve também um egípcio que alegou ser o Messias, e que convocou uma reunião do povo no Monte das Oliveiras. Ele dissera que todos que ali fossem veriam as muralhas de Jerusalém desabar a uma ordem sua, mas elas não ruíram. Talvez seja o mesmo que Lucas menciona em Atos (21.38), afirmando que os seguidores dele eram em número de 4.000, mas o historiador Josefo afirma que alcançavam a cifra de 30.000 pessoas.

Mesmo nos últimos dias de Jerusalém, quando os soldados romanos estavam prestes a incendiar o templo, havia ali um outro profeta que reuniu 6.000 pessoas em torno de si. Até aquele momento, eles ainda aguardavam que do céu viesse a libertação total.

Quando Jesus entrou em cena, sua afirmação de que era o Messias não era novidade, nem um conceito absurdo. A hora era aquela; todos estavam na expectativa desse acontecimento. O Senhor achava-se bem ciente dessa disposição mental do povo, e por isso advertiu a seus discípulos a respeito dos falsos messias que surgiriam (Mt 24.23,24). □

**HASSIDIM** □ Não era um partido, mas uma postura que alguns judeus haviam assumido alguns séculos antes de Cristo. Eles tinham convicções firmes sobre a observância da lei; mas com relação à luta pela libertação opunham-se ao derramamento de sangue. Embora não sejam mencionados no relato bíblico, pode-se sentir sua influência ali pela defesa da não violência adotada pelos fariseus e essênios. O hassidim, que significa "o devoto", observava as tradições a qualquer custo. Durante o período dos macabeus, houve cerca de mil deles que foram mortos pelos sírios sem oferecer resistência, porque deviam ter fugido de sua cidade, mas recusaram-se a isso por ser um dia de sábado. □

**OS MACABEUS** □ A revolta dos macabeus foi um movimento em que os judeus lutaram heroicamente para tentar derrubar os domínios grego e sírio. A luta fora iniciada por um sacerdote idoso, de nome Matatias. Quando ele morreu, em 166 A. C., seus cinco filhos prosseguiram na luta. Dentre eles, Judas foi o que revelou maior capacidade de liderança, e daí a pouco era chamado de Judas Macabeu, sendo que o termo "macabeu" significa "martelar".

Os macabeus chegaram a organizar exércitos completos, e a guerrear contra os sírios, obtendo inúmeras vitórias. Obrigados a negociar, os sírios resolveram permitir que os judeus assumissem o controle de Jerusalém e restabelecessem as práticas religiosas no templo. Mas essa paz durou pouco. Em 160 A. C., Judas foi morto, e o movimento esmagado.

A revolta dos macabeus continua sendo uma das mais patrióticas recordações da história do povo judeu. O termo *macabeu* tornou-se sinônimo de coragem, esperança e defesa dos próprios direitos. Mesmo na época de Cristo, havia muitos que queriam fomentar movimentos revolucionários semelhantes a esse. □

**SADUCEUS** □ Esse grupo surgiu a partir da experiência dos macabeus. Alguns de seus membros fizeram forte oposição a Jesus Cristo. Foi um grupo que nasceu em meio à turbulência da guerra, já com um firme controle de muitos aspectos da vida judaica. Primeiramente, eles controlavam o templo, o coração da religião dos judeus. E como guardiães dele exerciam forte controle sobre as práticas religiosas. Nos dias de Cristo, porém, as sinagogas já ocupavam um lugar importante na vida do povo. Em segundo lugar, eles controlavam também o cargo de sumo sacerdote, que tinham conseguido "comprar" por meio de manobras corruptas. E mantiveram esse controle durante vários anos, pelo poder do dinheiro. Terceiro, detendo o cargo de sumo sacerdote, obtiveram o monopólio da liderança do sinédrio, que também era o poder governante. Assim, o poderio que detinham era muito superior ao que deveriam ter levando-se em conta o número dos que os apoiavam.

**Suas crenças.** Os componentes desse grupo se apegavam a interpretações bíblicas bem rigorosas, razão por que chegavam a contestar trechos do Velho Testamento por não terem sido escritos por Moisés. Rejeitavam algumas doutrinas que eram amplamente aceitas pelo povo. De modo geral, eles negavam por exemplo a possibilidade de Deus se interessar pela vida diária do homem. A vontade dele tinha um escopo muito amplo, com poucas aplicações a casos específicos.

Refutavam a doutrina da ressurreição física (Mt 22.23; Mc 12.18; Lc 20.27). Negavam-na porque não era citada em nenhum dos livros de Moisés. E tinham o mesmo ponto de vista com relação à eterni-

dade da alma. Josefo afirma que eles criam que ela morria juntamente com o corpo. Em decorrência, repeliam também todos os conceitos acerca da existência de seres espirituais, a não ser de Deus (At 23.8). Segundo seu sistema de doutrinas, os anjos eram apenas expressões poéticas ou produto da imaginação humana. O sentido básico do vocábulo hebraico que em nossa língua é traduzido por "anjo" é "mensageiro".

Com tais doutrinas, eles tendiam para uma postura deísta, que via Deus como um grande Criador, que transmitira suas leis aos homens, mas depois praticamente havia perdido todo interesse pelo mundo. Portanto, os saduceus se achavam predispostos a rejeitar todas as afirmações de Jesus Cristo de que era Deus. Como Deus raramente se preocupava com a terra, era pouco provável que se desse ao trabalho de mandar seu Filho para cá.

*O âmbito de sua influência.* A maioria dos que compunham o grupo dos saduceus era procedente da mais alta classe social. Assim, embora não sendo em grande número, exerciam um controle bem amplo. Seu dirigente era sempre um elemento dos meios sacerdotais, de origem aristocrática. Ao que parece, eles conseguiam jogar com três ingredientes: poder, corrupção e tradição judaica, o que lhes dava os meios para continuar na liderança.

Com a queda de Jerusalém em 70 A. D., o partido dos saduceus ruiu também, mas os fariseus ainda continuaram a exercer alguma influência entre os judeus.

*A corrupção.* Os saduceus não apreciariam muito o rótulo de "corruptos". Acreditavam que estavam apenas fazendo frente à realidade política do país pelo emprego da arma mais eficaz — o dinheiro. Era muito difícil um sumo sacerdote ficar no cargo por muito tempo. Do início do reinado de Herodes até a queda de Jerusalém (108 anos), o cargo foi ocupado por 28 sacerdotes, com uma média de menos de quatro anos para cada um. Durante o domínio dos gregos muitas vezes eles tiveram que subornar as autoridades para manter o cargo de sumo sacerdote. No caso de Herodes, não sabemos com exatidão quais eram os pré-requisitos para isso, mas sabe-se que o indicado só conseguia a posição se ele fosse de utilidade para o rei.

*O confronto deles com Jesus.* Era inevitável que houvesse conflito entre Jesus e os saduceus, pois não havia quase nada em comum entre eles e Cristo. Caifás não poderia aceitar nenhum dos ensinamentos dele. Contudo, isso não constituía em si um problema para eles. De modo geral, o sumo sacerdote não dava muita atenção às alegações dos profetas e messias. Também não se preocupava demasiadamente com os milagres realizados. É bem provável que já tivesse visto demonstrações semelhantes de pretensas ocorrências sobrenaturais.

O ponto crucial do conflito entre eles eram as multidões que seguiam o Galileu. Se elas se transformassem numa ameaça para o go-

verno de Roma, este poderia usar de força para reprimi-las. E não seria muito difícil a situação sair fora de controle, o que poderia provocar uma matança de judeus em massa. E os temores de Caifás não eram totalmente infundados. Alguns anos depois, em 70 A. D., o governo romano de fato esmagou Israel, e dispersou o restante da população. Mas o atrito entre os saduceus e Jesus explodiu de vez quando o Senhor ressuscitou Lázaro (Jo 11.48). Foi então que Caifás formulou seu famoso axioma exigindo a morte de Jesus: era melhor que perecesse um só homem, do que a nação inteira (Jo 11.49,50).

Contudo o plano dele não deu certo. Após a crucificação e ressurreição de Cristo, os seguidores dele aumentaram ainda mais, para a frustração do sumo sacerdote (At 5.14-17). E a grande ironia é que foi a ressurreição de Jesus, uma doutrina que os saduceus rejeitavam, que lhes causou os maiores transtornos. □

**FARISEUS** □ Os saduceus se confrontaram com Jesus na questão do pragmatismo. Os fariseus se opuseram a ele por causa da maneira como interpretava a lei, e da sua afirmação de que era Deus. Eles não podiam tolerar o fato de ele se apegar mais ao espírito da lei, do que à sua forma. E Jesus, por sua vez, não aceitava o modo de eles interpretá-la em todas as suas minúcias e detalhes.

O âmago dessa divergência era a visão que cada lado tinha de Deus. Os fariseus o viam como um Ser vingativo, que se irava com facilidade. Jesus o via como um Pai amoroso e compassivo. As duas idéias não poderiam harmonizar-se.

*A popularidade dos fariseus.* Os fariseus constituíam um partido ou associação, com cerca de seis mil membros. Mas tinham muito poder, que lhes advinha do fato de receberem o apoio do povo. Embora a maioria da população não pertencesse ao grupo, muitos simpatizavam com seus ideais.

*Seus pontos positivos.* Durante os incontáveis anos em que a nação israelita sofreu derrotas e exílios, a postura dos fariseus foi de grande vantagem para ela. Antes mesmo de constituírem oficialmente um grupo, foi sua rigorosa interpretação de lei que manteve a nação coesa. Eles eram mais nacionalistas do que os saduceus, e se mostravam prontos a desafiar as forças estrangeiras. Aceitavam todo o Velho Testamento como sendo a Palavra de Deus, e não apenas os livros de Moisés. Na ocasião em que a nação começava a perder sua identidade, foram homens de mentalidade farisaica que tiveram a iniciativa de fundar escolas para a formação dos jovens, evitando que o povo apostatasse, seguindo as crenças gentias. Além disso, eles se empenhavam no proseletismo, pois converteram muitos gentios ao judaísmo. Mas Jesus não se impressionou muito com esse espírito missionário deles (Mt 23.15).

Para eles o dizimo era tão importante que meticulosamente faziam

a entrega de dez por cento de tudo, até dos menores pertences (Mt 23.23). Contudo deixavam de exercitar as virtudes que realmente importavam para Deus: justiça, misericórdia e fé.

Também eles aguardavam com entusiasmo a vinda do Messias. Mas infelizmente estavam tão firmes em suas idéias preconcebidas a respeito dele que, quando ele veio, não o reconheceram.

Entretanto, apesar de todos os seus esforços para manter a perfeição nas práticas do judaísmo, não são retratados de modo muito favorável no Novo Testamento, principalmente nos evangelhos.

*O fariseu Paulo.* Esse famoso apóstolo ilustra de forma perfeita os pontos positivos e negativos do farisaísmo. Na seita, ele aprendera a cultivar um fervoroso amor a Deus. Contudo um fanatismo decorrente desse fervor levou-o a perseguir o povo de Deus.

Depois que ele se converteu fez uma análise de sua experiência como fariseu, e considerou-a válida. Quando se achava perante o sínédrio, declarou em alto e bom som, e não sem certo orgulho, que pertencia ao conceituado grupo dos fariseus (At 23.6).

*Estabelecendo limites.* Considerando-se os protetores da lei de Deus, os fariseus achavam que tinham a responsabilidade de definir os limites dentro dos quais os judeus deviam viver para estarem seguros diante de Deus. E foi assim que a liderança do grupo procurou como que erguer cercas e deixar os fiéis encerrados dentro de um padrão de conduta que ela considerava bíblicamente aceitável. Um exemplo disso é o jejum. A Bíblia determinava que se jejuasse uma vez por ano (Lv 23.27-29), mas já nos dias de Cristo eles estavam observando o jejum cerimonial duas vezes por semana (Mt 6.16-18). E na tentativa de superar as determinações do Velho Testamento, acabaram pervertendo a cerimônia da purificação. Em vez de simplesmente lavarem as mãos antes de cada refeição, os fariseus queriam que se executasse um verdadeiro ritual. Haviam especificado a quantidade certa de água a ser usada, e prescreviam que eles deviam molhar até os punhos, senão a lavagem não estaria correta. Mas Jesus não se submeteu a essa regra e eles ficaram irritadíssimos com ele (Mc 7.5).

Estavam sempre querendo aprimorar as leis de Deus. Achavam que obedecer a Deus consistia principalmente em observar todos os detalhes dela, e não em amar.

Mas nem todos os fariseus se enquadravam dentro desses moldes. Havia alguns que protestavam veementemente contra essas práticas tacanhas, e se recusavam a guardar aquele sem número de regrinhas. Mas, ao que parece, a maioria dos que se defrontaram com Jesus não era desse tipo. □

**O SINÉDRIO** □ Em alguns períodos da ocupação romana, o império permitiu certo alargamento no poder exercido pelos judeus. Para o império, era vantajoso que a nação fosse governada por gente

dela mesmo. Enquanto os atos desses governantes não conflitassem com as leis e os interesses dos romanos, havia uma espécie de trégua, embora não de todo pacífica.

O concílio supremo que regia as questões religiosas dos judeus era o sinédrio. A extensão do poder por ele exercido dependia em grande parte da coragem e personalidade do grupo ali reunido, bem como da atitude do governo de Roma na ocasião. Houve épocas em que suas decisões atingiam todo o espectro do judaísmo, em todas as partes do mundo. Mas em outras, seus pronunciamentos só eram levados a sério por aqueles que residiam na Judéia. No que dizia respeito a Jesus, por exemplo, quando ele se encontrava nessa região, achava-se debaixo da autoridade deles; mas, quando estava na Galiléia, as opiniões deles tinham pouco peso.

Esse concílio procurara assemelhar-se ao grupo de anciãos formado por Moisés, quando este se achava na liderança do povo de Israel. Por razões práticas, ele resolveu designar alguns anciãos para ajudá-lo a julgar o povo (Êx 18.25). É provável que o sinédrio tenha se reunido pela primeira vez durante a dominação grega, antes de Cristo, embora suas origens remontem a um período anterior. Depois, quando Roma assumiu o domínio, permitiu que ele continuasse a exercer suas funções. Quando Herodes, o Grande, que foi indicado por Augusto, subiu ao trono, decidiu modificar o sinédrio, e, para tanto, mandou matar todos os seus membros. Sentia-se mais seguro se ele mesmo apontasse os componentes do concílio, os quais logicamente estariam sujeitos a ele.

Tanto o grupo dos saduceus quanto o dos fariseus tinham representantes no concílio, que era constituído do sumo sacerdote, e de antigos sumos sacerdotes, de membros de suas famílias, de chefes das tribos ou das famílias, que eram chamados de anciãos, e dos escribas (os doutores da lei).

O concílio era formado por 70 ou 71 homens, dependendo de como era feita a contagem. Seu presidente era o sumo sacerdote que estivesse exercendo o cargo no momento. Acredita-se que quando um homem se tornava membro do concílio, permanecia nele pelo resto da vida.

*As reuniões.* Os membros do concílio se sentavam em forma de semicírculo para que pudessem ver uns aos outros bem, e para conversar. Sempre havia dois escrivães presentes para registrar os votos.

Para haver sessão, era preciso estarem presentes apenas vinte e três dos setenta membros. No caso do julgamento de um criminoso, com doze votos ele poderia ser absolvido. Se fosse condenado, poderia apelar para que outros membros julgassem seu caso.

Sempre que alguém era julgado, esperava-se que comparecesse ao concílio vestido de luto. Tinha que assumir uma atitude de contrição, por respeito à autoridade do tribunal.



*O conflito deles com Cristo.* Não há dúvida de que o sinédrio tinha todo o direito de julgar a Jesus. Como os "crimes" a ele atribuídos eram de natureza religiosa, o concílio tinha autoridade para interrogá-lo e dar o veredito.

É fato que eles violaram muitas das regras técnicas durante o julgamento de Jesus, e uma falha que certamente cometeram foi a de que não se empenharam de fato em averiguar se ele era inocente ou culpado. Já iniciaram o julgamento procurando um meio para condenar o Galileu (Jo 11.53).

O veredito final foi unânime; não houve nenhum voto contrário (Mc 14.64; Lc 23.1). Isso significa que Nicodemos, que também era membro do sinédrio, estava ausente no momento em que foi feita a votação, ou então votou pela execução de Jesus. Mas, à luz da defesa que ele fez de Cristo (Jo 7.50-52), podemos concluir que talvez estivesse ausente. Outro que também não deve ter votado foi José de Arimatéia (Lc 23.50,51). É bem possível que nem todos os membros tenham sido convocados para a reunião em que Cristo foi julgado.

---

## CAPÍTULO 19

---

# A IMPORTÂNCIA DA SINAGOGA

---

**N**os dias de Cristo, a sinagoga tinha um papel muito importante para a comunidade judaica, já que era o centro de educação religiosa e de orientação espiritual do povo.

Não se sabe com exatidão quando surgiu a primeira sinagoga, mas não temos dúvidas quanto ao motivo pelo qual ela foi criada. O povo de Israel enfrentava constantes ameaças à sua sobrevivência como nação. Através dos séculos, eles tinham sofrido deportações e mor-

A cidade em que Cristo exerceu a maior parte de seu ministério foi Cafarnaum, um movimentado porto pesqueiro, no mar da Galiléia naquela época. Esta bela sinagoga dessa localidade data do século III A. D., e é igual a muitas das outras sinagogas onde Jesus leu as Escrituras e expôs seus ensinamentos. TW



ticínios. Além disso, foram mesclados a povos que só lhes votavam desprezo. Portanto, se quisessem sobreviver e manter sua identidade religiosa, tinham que criar um centro educacional e religioso.

É provável que a primeira sinagoga tenha sido fundada ainda no exílio, quando alguns judeus resolveram organizar-se e instruir os filhos nas coisas de Deus, para que não se esquecessem dele e assim fossem absorvidos pelas religiões dos lugares para onde tinham sido levados. Com o passar dos tempos, esses centros educacionais foram-se tornando mais eficientes, mais complexos, e, por fim, atingiram o estágio final, a sinagoga. E esse crédito deve ser dado aos fariseus: eles encabeçaram o desenvolvimento da educação judaica, tornando-se a força sustentadora da sinagoga.

Existem alguns historiadores famosos que discordam dessa tese. Afirmam que a sinagoga havia se originado já no pensamento de Moisés. Mas o mais provável é que ela tenha evoluído a partir de uma necessidade específica, sendo então incorporada à vida da sociedade judaica.

Na época em que Jesus iniciou seu ministério, a sinagoga representava uma grande força em sua terra, que não poderia ser ignorada. Depois do templo de Jerusalém, era a instituição religiosa mais importante. A grande vantagem dela era que se achava mais acessível ao povo em geral. Por causa disso, foi nos cultos da sinagoga que a igreja cristã iniciante causou maiores impactos. □

**AS DIVERSIDADES ENTRE AS SINAGOGAS** □ As diferenças entre as sinagogas pode ser comparada às que existem entre as igrejas cristãs hoje. Embora houvesse muitas similaridades entre a maioria delas, existiam também muitas distinções entre uma congregação e outra, de uma região para outra. A exigência básica para a formação de uma sinagoga era que houvesse pelo menos dez homens. A partir daí, eles tinham liberdade para estabelecer a estrutura e a forma que desejassem.

A Sinagoga dos Libertos (At 6.9) possivelmente era constituída de ex-escravos romanos que, portanto, tinha formação e ponto de vista peculiares. Em algumas sinagogas realizavam-se reuniões onde fervilhavam intrigas políticas e idéias de revolta contra o governo romano. Mas outras eram bem tradicionais, acomodadas, que evitavam entrar em controvérsias.

Muitas vezes a sinagoga era constituída de membros de formações as mais diversas, principalmente as situadas em outros países, fora do território de Israel. Muitas delas eram freqüentadas por gentios convertidos ao judaísmo.

A arquitetura dos templos também variava bastante. Havia prédios grandes e pequenos, de forma quadrada ou retangular, com imensas colunas ou de estrutura mais simples. Alguns dos judeus mais influen-

tes tentaram padronizar o formato e o tamanho (e até mesmo as portas) das sinagogas, mas não obtiveram sucesso. A decoração, estrutura e leiaute das sinagogas revelam a presença de influências artísticas estrangeiras.

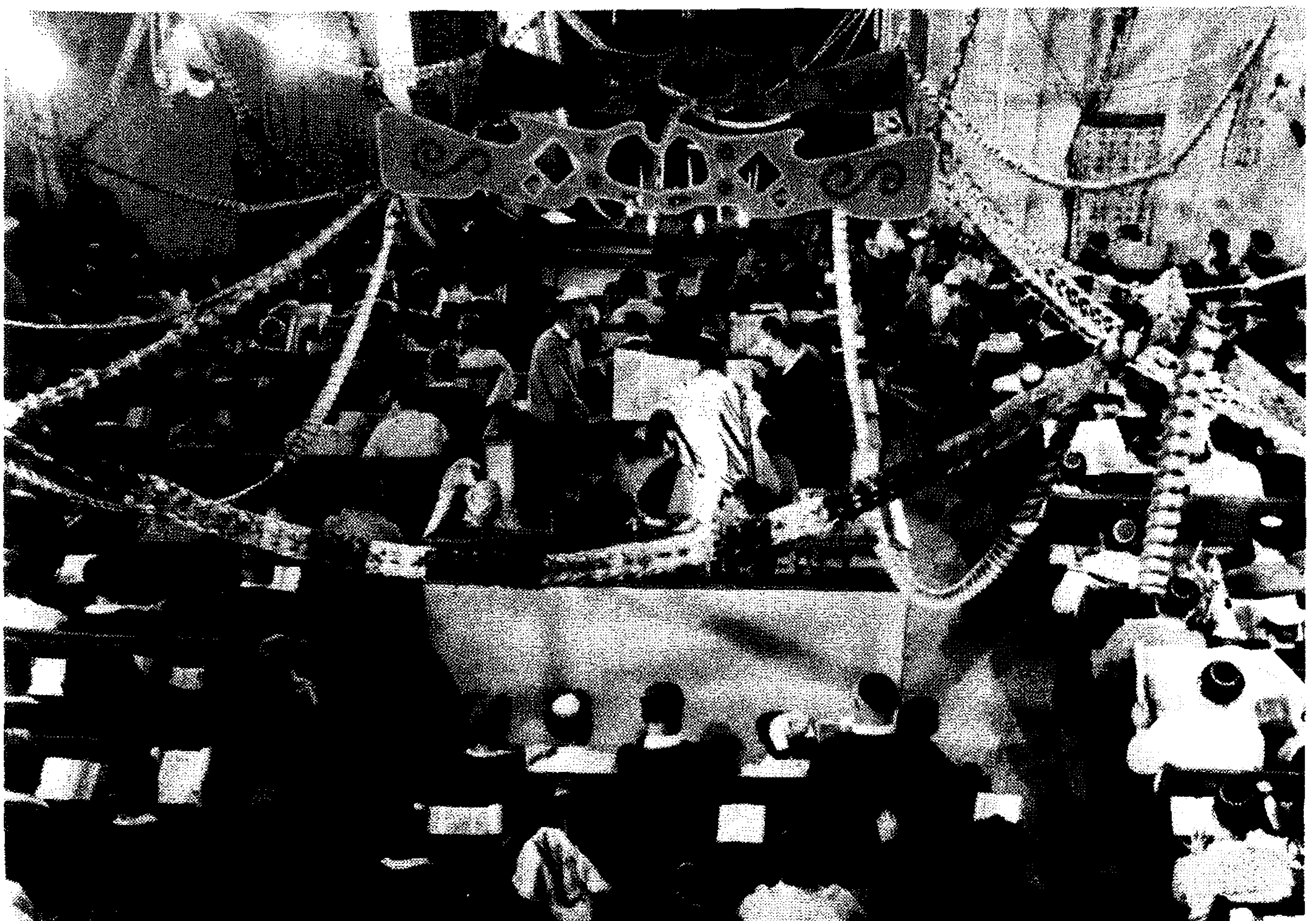
Embora não se possa afirmar que houvesse duas sinagogas exatamente iguais, algumas características básicas eram comuns à maioria. Pelo menos num aspecto todas elas eram semelhantes às quatro peças de mobiliário.

**Arca** Era chamada o "sacrário do Tora", e sua função era conter os rolos das Escrituras. Quando portátil, podia sempre ser levada para o salão em que se realizasse a reunião, onde também haveria um local reservado para ela. Existe uma dúvida quanto a se a arca permanecia sempre nas dependências da sinagoga ou não. No Novo Testamento não há menção desse objeto.

**O "bema"**. Era uma espécie de plataforma de onde se liam as Escrituras; era provida de um púlpito, e chegava a ser bastante elaborada, com um toldo de madeira e um balaústre. Ao que parece, quando Esdras leu as Escrituras perante o povo, subiu a um tipo de plataforma assim (Ne 8.4,5).

É possível que nem todas as sinagogas tivessem um *bema*. É pouco mencionado na Bíblia, e quando o é não recebe nenhum tratamento especial, de objeto sagrado. A única referência que encontramos no Novo Testamento a algo que talvez possa ser um objeto desses acha-

Um culto de Purim, na sinagoga de Yavneh, que é um kibbutz religioso localizado entre Qedera e Asdode. Ao centro da foto vemos o *bema*. SIMS



se no texto de Mateus 23.2, a "cadeira de Moisés", que talvez fosse uma peça do conjunto. Nos outros textos onde o termo aparece tem o significado de tribunal ou plataforma (Jo 19.13; At 12.21). O apóstolo Paulo afirma que todos devemos comparecer perante o tribunal, o *bema*, de Jesus Cristo (2 Co 5.10), mas isso não parece ser uma referência direta a esse móvel da sinagoga. A palavra era empregada regularmente para designar um ponto elevado, uma plataforma para se colocar um trono.

**Bancos.** O arranjo dos assentos nas sinagogas variava de uma para outra, mas na maioria os bancos ficavam encostados a duas ou três paredes. No centro, às vezes, colocavam-se esteiras e em alguns casos cadeiras.

Os escritores bíblicos fazem menção de cadeiras, mas essas talvez fossem semelhantes a bancos. Jesus, referindo-se aos fariseus, disse que eles gostavam de ocupar as primeiras cadeiras nas sinagogas (Mt 23.6). No recinto, as pessoas eram agrupadas de acordo com o sexo.

**As lâmpadas do menorá.** As luzes eram um adereço importante na sinagoga, não apenas por razões de ordem prática, mas também como um símbolo da presença de Deus. Como não havia indicação de um local específico para a colocação das lâmpadas, dependendo da sinagoga elas podiam estar em lugares diferentes. □

**A LIDERANÇA DAS SINAGOGAS** □ A maior parte dos interesses das sinagogas era administrada por uma comissão de dez anciãos. A tarefa deles era supervisionar todo o funcionamento dela, e selecionar os que estariam encarregados das diversas atividades. A liderança principal era exercida por dois homens; mas esse número às vezes variava.

**Chefe da sinagoga.** Esse cargo é mencionado no Novo Testamento e designa um supervisor geral. A missão dele era manter a ordem nos cultos e em quaisquer reuniões. Era ele quem designava aquele que faria a leitura das Escrituras ou dirigiria o grupo em oração. Quando chegava algum visitante a uma sinagoga, o chefe o convidava para dizer alguma coisa à congregação, como aconteceu em Antioquia da Pisídia (At 13.15). Quando Jesus ia de um lugar para outro, era convidado para pregar nas sinagogas (Lc 4.14,15). Foi um desses chefes que certa vez fez objeção a que ele realizasse curas no sábado (Lc 13.14).

**O assistente.** Era um funcionário da sinagoga, e para isso recebia um salário. O nome desse cargo era *hazzan*. Ele era o encarregado de retirar do baú os rolos que deveriam ser lidos, e guardá-los após a leitura. Na ocasião em que Jesus leu o livro de Isaías, assim que terminou a leitura, devolveu-o ao assistente (Lc 4.20).

Outra função do assistente era dar aulas às crianças, principalmente quando a congregação era pequena. Além disso, era ele tam-

bém quem fazia soar os três toques de trombeta no sábado, no início e no fim do período sabático. Sua função abrangia também os funerais e os banquetes do luto. E quando a sinagoga determinava que alguém fosse castigado, era ele quem executava o castigo. Em alguns casos, ele apenas lia as Escrituras durante o açoitamento; e em outros, ele próprio o aplicava (Mc 13.9). E era comum o assistente morar nas dependências dela.

Nem todo assistente era temente a Deus. Sabe-se que alguns deles costumavam reservar os lugares de honra para determinados membros em troca de pequenas doações. Talvez fosse a eles que Tiago estivesse censurando quando condenou o costume de se fazer a seleção das pessoas que iriam ocupar os melhores assentos. Em algumas congregações, os ricos se assentavam nas cadeira boas, enquanto os pobres tinham de ficar ao fundo do salão ou sentar-se no chão, junto ao estrado onde outros punham os pés (Tg 2.1-4). □

**OS CULTOS** □ Devido ao pluralismo existente entre os judeus, é difícil definir com precisão uma ordem de culto que servisse de padrão. Contudo certos procedimentos eram observados em todas as sinagogas, ou pelo menos na maioria.

*Shema.* Trata-se de uma reafirmação da fé em Deus em que a congregação recitava um texto dos escritos de Moisés (Dt 6.4,5). O *shema* é o credo, a declaração básica de fé. O monoteísmo era a pedra angular do judaísmo, e contrastava com as religiões politeístas das culturas vizinhas do povo de Israel.

Outro procedimento habitual eram as orações de ações de graça, sempre entrecortadas por fervorosos "améns".

*A leitura dos rolos.* As Escrituras constituíam o centro do culto na sinagoga. Os judeus acreditavam que Deus escolhera revelar sua vontade através da forma escrita. Por causa disso davam grande importância aos rolos e à alfabetização. Aqueles que escreveram alguma coisa a respeito do culto da sinagoga, principalmente os que o fizeram nos tempos do Novo Testamento, sempre faziam menção da importância das Escrituras nele.

Muitas vezes, após a leitura, alguém fazia a explicação do texto. Vez por outra, convidava-se um jovem para dar sua interpretação. E quando havia um visitante ilustre presente ele era chamado a falar.

Com seus dons e todo o seu conhecimento, o apóstolo Paulo sabia tirar bom proveito dessa norma de se convidar os visitantes para falar. Muitas vezes, em suas viagens, ele era chamado a pregar (At 13.14-41). E aceitava esses convites prontamente, pois, para os novos convertidos, o cristianismo era produto natural do judaísmo. Jesus era o cumprimento das promessas feitas a Moisés, Davi e aos profetas. Portanto, as primeiras pessoas que deviam ouvir as boas-novas eram os judeus, e o melhor local para isso eram as sinagogas.

Os judeus eram bem liberais na indicação daquele que iria explicar as Escrituras. Eles não a limitavam a um pequeno e seletivo grupo de homens instruídos, capacitados e ungidos; não. Quase todos os judeus podiam fazer sua explanação da Palavra de Deus. □

**AS FESTAS** □ Os banquetes e festivais sagrados eram celebrados com grande entusiasmo, no mesmo local onde se pregavam os sermões ou se faziam as orações. Algumas dessas festas tinham correspondência com rituais do templo. Mas havia também as que eram instituídas por cada sinagoga, de acordo com a cultura e os interesses locais. E como muitas eram localizadas em áreas rurais, essas festas tinham temas relacionados com colheitas e ações de graça. □

**OUTRAS ATIVIDADES** □ Mas, muitas vezes, as sinagogas eram palco de outras atividades que nada tinham a ver com a leitura das Escrituras e com as festas. Jesus mesmo advertiu os seus discípulos de que eles seriam levados perante os homens para ser julgados por seus atos, e que esses julgamentos seriam realizados nas sinagogas (Lc 12.11), e que eles seriam açoitados nas próprias dependências delas (Mt 10.17).

Josefo informa que na sinagoga de Tiberíades eram realizadas reuniões de cunho político. De certo modo, isso nos faz lembrar algumas igrejas que além de lugares de culto tornaram-se também fortes centros políticos. □

**O USO DAS SINAGOGAS PELOS CRISTÃOS** □ A princípio, os cristãos tiveram muita dificuldade em encontrar seu espaço na estrutura religiosa da época. Inicialmente, eles se reuniam no templo, mas diversas vezes foram escorraçados de lá por causa de seus ensinamentos e práticas (At 4.1), embora se considerassem os representantes do verdadeiro judaísmo. É que a maioria dos judeus não pensava assim.

Jesus deu muitos de seus ensinamentos em sinagogas. E não apenas explicava as Escrituras, mas também curava enfermos (Mt 4.23; 9.35). A cura do homem da mão ressequida e a discussão que se seguiu ocorreram numa delas (Mt 12.9-14). Mas na sinagoga de sua cidade natal, o povo questionou sua identidade e capacidade (Mt 13.53-58). Por causa disso, ele decidiu não realizar muitos milagres ali.

Durante a formação da igreja cristã, a força representada pelas sinagogas foi positiva e ao mesmo tempo negativa para ela. Antes de Paulo se converter, ele recorreu a elas para perseguir os cristãos (At 9.2). Contudo, após seu encontro com Cristo, utilizou essas mesmas instituições para anunciar o evangelho (At 9.20). Certa ocasião, pregou numa sinagoga de Tessalônica três sábados seguidos, conseguindo

muitas conversões. Mas os judeus que não haviam crido levantaram forte reação contra ele provocando um tumulto (At 17.1-5).

Houve dois chefes de sinagoga que figuraram no ministério de Paulo em situações importantes. Eram ambos de uma sinagoga de Corinto e possivelmente um sucedeu ao outro. O primeiro foi Crispo, que creu no Senhor Jesus com toda a sua família (At 18.8). O outro foi Sóstenes, que tentou fazer com que Gálio, procônsul da Acaia, julgasse a Paulo. Mas este se recusou, e os gregos acabaram-se voltando contra Sóstenes, pois o agarraram e espancaram (At 18.17).





As oportunidades que os jovens israelitas do passado tinham de se conhecer e namorar, e que eram aceitas pela sociedade, eram as danças e festas religiosas. Aqui a comemoração da festa dos Tabernáculos.

---

## CAPÍTULO 20

---

# FESTAS RELIGIOSAS



**A** longa e rica história do povo de Israel ocasionou-lhes inúmeras oportunidades para comemorações. E muitas de suas festas duravam cerca de uma semana, durante a qual eles podiam extravasar seus profundos e sinceros sentimentos.

Essas festas tinham diversos propósitos. Algumas eram mais uma espécie de culto ou adoração a Deus. Nessas ocasiões, o povo, arrependido de seus pecados, buscava o perdão e a bênção de Deus; era o momento de purificar a alma e marcar um novo começo. Outras festas eram ocasiões de adoração também, mas se manifestavam em alegres ações de graça. Sempre que as colheitas eram abundantes e os rebanhos se multiplicavam bem, o povo expressava grande gratidão a Deus, e o faziam dançando pelas ruas. Cantavam e tocavam instrumentos musicais em louvor a Deus que tanto os abençoara. Em algumas festas, havia instantes de oração e meditação. Contudo, sua forma de adoração mais comum era o regozijo, com muita música, alegria e banquetes.

Todos estes festivais tinham cunho educativo. Cada uma de suas sete festas anuais continha em si uma lição sobre a história da nação, sobre suas vitórias, sua esperança, e também sobre suas derrotas e desespero. Elas lhes ofereciam o vislumbre de um Deus que operava milagres, dava-lhes plantações exuberantes, que os amava e perdoava. Muitas vezes essas celebrações deixavam na mente dos participantes uma impressão mais forte do que livros e aulas.

Na igreja cristã também essas festas tiveram um efeito didático. A ceia do Senhor, por exemplo, é baseada na Páscoa. Tanto o Natal como a Páscoa se tornaram ocasiões que levam o crente a recordar a obra de Deus, a expressar gratidão a ele e a se quebrantar. □

**PÁSCOA** □ Essa festa é de grande importância. Sua origem acha-se profundamente ligada à história do povo de Israel. Está presente em todo o período do Velho Testamento, tendo-se estendido à era cristã, onde veio a constituir as bases do culto na igreja primitiva.

*Data.* Era uma festa anual celebrada no dia 14 do mês nisã. Em



De acordo com as instruções de Êxodo 12, o cordeiro da Páscoa deveria ser macho, de um ano, e teria que ser imolado ao entardecer, e depois assado ao fogo, sem que seus ossos fossem quebrados. Os samaritanos que todos os anos fazem os sacrifícios no monte Gerizim costumam escaldar o cordeiro, remover a lã, tirar a gordura dele e limpá-lo e salgá-lo, para depois assá-lo num espeto.

RI

nosso calendário isso corresponde a um período nos meses de março e abril.

A razão. A grande importância histórica dessa festa se encontra no êxodo, o ato redentor de Deus, pelo qual Israel se tornou povo dele. Deus instruíra aos israelitas a que passassem sangue nos umbrais das portas para que não sofressem a praga da matança dos primogênitos (Êx 12.7). Além disso, dera instruções detalhadas sobre como deviam comer o carneiro e o cabrito. E naquela noite, Deus passou por todo o Egito e matou todos os primogênitos do sexo masculino, de homens e animais.

Mas não entrou nas casas cuja porta estava marcada com sangue, e nelas ninguém morreu. Então os israelitas passaram a observar essa festa, o principal marco de sua libertação e da proteção divina.

*A comemoração.* O modo como essa festa era celebrada sofreu diversas modificações no decorrer dos anos. As instruções para a celebração da primeira páscoa, encontradas em Êxodo 12, constituem o plano básico original dado por Deus a eles.

1. *Um cordeiro.* O animal devia ser um macho de um ano, e seria imolado ao entardecer. Eles deveriam passar o sangue dele nos umbrais e na verga da porta (a verga é a parte superior do portal). Teriam de assá-lo sobre o fogo por inteiro, com a cabeça, as pernas e a fressura intactas, sem quebrar-lhe os ossos. Teriam de comê-lo à noite, acompanhado de pão sem fermento e ervas amargas, e o que sobrasse deveria ser queimado ao amanhecer. Além disso, teriam de fazer a refeição às pressas, com as sandálias nos pés, os lombos cingidos e o cajado de viagem na mão. Isso tudo era figura da rápida libertação operada por Deus.

2. *A festa dos pães asmos.* A festa dos pães asmos era uma parte da Páscoa. Trata-se de uma comemoração de natureza agrícola, que talvez já existisse antes mesmo da instituição da Páscoa. Devia ter a duração de uma semana a começar do dia 14 do mês nisã. A Páscoa era celebrada no primeiro dia da festa dos pães asmos.

A festa da Páscoa, alegre e solene ao mesmo tempo, era celebrada simultaneamente por todos; mas cada um em sua própria casa, en-

quanto a festa dos pães asmos era uma festividade comunitária.

*A Páscoa no Novo Testamento.* A passagem do tempo e as mudanças sociais tiveram sensíveis efeitos sobre o povo de Israel, e a Páscoa passou por modificações. No tempo de Cristo, as alterações que ela sofrera já estavam solidificadas.

Nessa ocasião, o povo tinha de se deslocar para Jerusalém, que então recebia grande afluxo de peregrinos. Isso importava em sérios transtornos para a cidade, bem como para esses forasteiros. E o resultado era que a cidade se tornava um centro comercial ainda mais agitado. Os mercados ficavam

abarroados de grandes suprimentos de verduras e condimentos, dentre os quais a alface, o dente-de-leão, a pimenta, e outros. Também eram necessários grandes carregamentos de frutas e vinho. Esperava-se um altíssimo consumo de vinho, já que na celebração da Páscoa cada adulto bebia o equivalente a quatro copos. Além disso, na época da festa, era consumida grande parte das azeitonas, uvas e cereais produzidos nas plantações próximas.

A cidade tinha que fornecer também um elevado número de animais para abate, não só para alimentar as multidões que ali acorriam, mas também para os holocaustos. Josefo afirma que para o sacrifício eram necessários cerca de 25.000 animais. Embora esse número talvez seja um tanto exagerado, o fato é que a quantidade era mesmo bem expressiva.

Essa foi uma das mudanças incorporadas à Páscoa. Desde 600 anos antes de Cristo, era costume imolar-se o cordeiro pascal em Jerusalém. Por causa disso, a festa deixou de ser um evento familiar, transformando-se em romaria. Essa súbita afluência de pessoas para a cidade criava um problema de acomodação. As hospedarias eram poucas, e muitos dos habitantes abriam suas casas para receber parentes e amigos, e até desconhecidos. Além disso, os campos nos arredores ficavam cheios de barracas.

Esperava-se que todos os israelitas aptos a se locomoverem fos-



Estes homens estão fabricando o *matza shmura* ou pão sem fermento. O processo todo não pode durar mais que 18 minutos para que não ocorra fermentação. No livro de Êxodo há menção do *matzot uggot*. WB

sem comemorar a Páscoa em Jerusalém. É por isso que a família de Jesus fazia essa viagem todos os anos para a celebração (Lc 2.41). É interessante observar que Jesus também ia, embora, pela lei de Moisés, não fosse obrigatório que a festa fosse celebrada nessa cidade. Os rabis haviam determinado que todo cidadão tinha que começar a celebrar a Páscoa a partir dos 13 anos, mas sabemos que Jesus já estivera lá aos 12 (Lc 2.42). Pela lei, as crianças, os idosos e deficientes físicos estavam isentos de participar.

1. *A comemoração.* Alguns dos atos da celebração eram solenes, voltados para a adoração, como o ritual de abertura, por exemplo. Mas durante o resto da semana, os fiéis podiam entregar-se a alegres comemorações. Compravam o que de melhor houvesse em comida e bebida, e o consumiam com grande satisfação. Nessa ocasião, o povo gastava dinheiro liberalmente, incentivado pela própria lei, que os estimulava a comprar tudo que desejassem (Dt 14.26).

Havia um bom comércio de perfumes, bem como de tecidos belíssimos e linho branco, que as mulheres podiam adquirir à vontade. É possível que este espírito de festa tenha surgido em parte por influência dos gregos e romanos. O Talmude diz que a Páscoa é "saborosa como uma azeitona".

2. *Jesus, o Cordeiro.* Desde o início de seu ministério, Jesus foi apresentado como o Cordeiro de Deus que tiraria o pecado do mundo (Jo 1.36). E ele cumpriu esse papel quando foi crucificado e oferecido em holocausto.

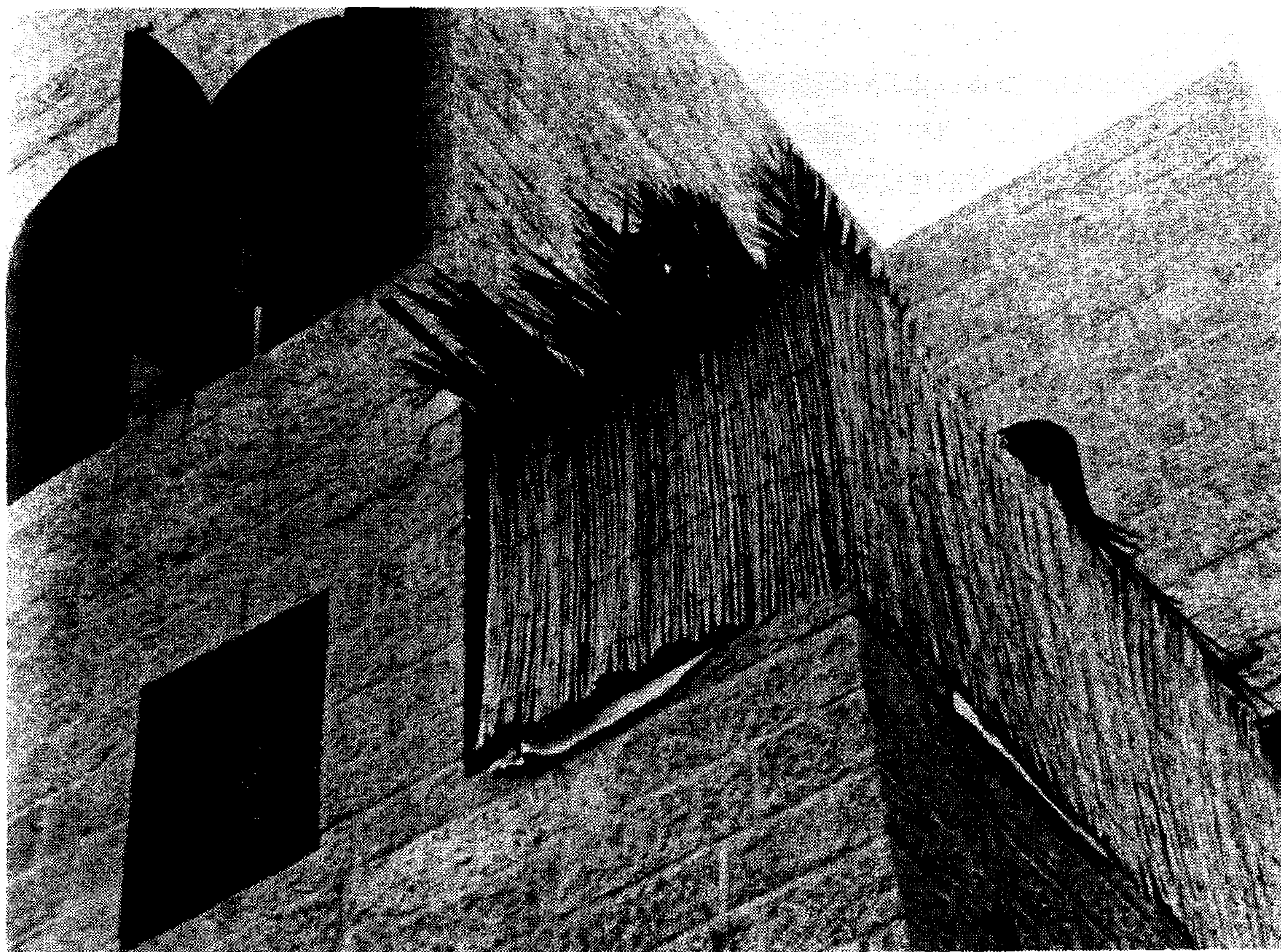
Existem algumas dificuldades em se conciliar perfeitamente a crucificação de Jesus e mesmo a última ceia com a festa da Páscoa. Mas a despeito das discrepâncias nas datas, o fato é que Paulo ensinou que ele foi imolado como nosso Cordeiro pascal (1 Co 5.7). Em alguns pontos seu sacrifício é análogo ao do cordeiro da Páscoa, como o de não terem quebrado seus ossos (Êx 12.46; Nm 9.12; Sl 34.20; Jo 19.36). Contudo, um fato incontestável é que ele morreu pelos pecados do mundo, não obstante não se terem cumprido nele todos os detalhes relativos à celebração da Páscoa. □

**O PENTECOSTES** □ Cinquenta dias após a celebração da Páscoa, época de colheita da cevada, vinha a colheita do trigo, quando era comemorada a festa de Pentecostes, ou a festa das semanas.

*A data.* O método para a contagem dos cinquenta dias a partir da Páscoa variava de uma pessoa para outra, e a esse respeito havia uma séria divergência entre fariseus e saduceus. Muitos iniciavam a contagem a partir do último dia da Páscoa.

*A razão.* Como os israelitas eram uma sociedade basicamente agrícola, tinham sempre muita alegria em relação à colheita dos cereais. Essa prática vinha desde os tempos de Moisés (Êx 34.22).

*A comemoração.* O texto da lei, no Velho Testamento, especificava



Esta cabana rústica foi feita numa casa moderna, situada no bairro judeu da Cidade Velha, em Jerusalém, especialmente para a celebração da Festa dos Tabernáculos. JJ

os diversos componentes das ofertas a serem feitas por ocasião dessa festa (Lv 23.15-22). Eram elas: (1) uma oferta de cereais de manhã e outra à tarde; (2) uma oferta de animais que constava de sete cordeiros, um novilho e dois carneiros; (3) dois pães feitos com fermento; (4) um bode como oferta pelo pecado, e (5) dois cordeiros como oferta pacífica.

Após o exílio, os judeus passaram a observar essa festa no templo, em Jerusalém, tornando-se a segunda das três festas anuais em que o povo afluía para essa cidade. Essa era outra ocasião festiva em que, além das cerimônias religiosas, havia muita comida, bebida e música.

*O seu sentido no cristianismo.* Esse dia teve um significado todo especial para a história do cristianismo, pois marcou o início de uma nova fase para o evangelho. Após a ascensão de Jesus Cristo, os crentes retornaram a Jerusalém para ali aguardarem novas ins-

Por ocasião da Festa dos Tabernáculos, muitos judeus convergem para Jerusalém, para celebrá-la ali. Esta cabana está situada próximo ao Muro das Lamentações, em Jerusalém, que é visto ao fundo. JJ



truções. Certo dia, quando estavam todos reunidos em determinado lugar, o Espírito Santo desceu sobre eles e os encheu, e os cristãos se puseram a falar em outras línguas (At 2.1-4). Muitos teólogos argumentam que foi aí que nasceu oficialmente a Igreja Cristã.

Essa festa de Pentecostes veio bem a calhar para os cristãos, pois a cidade estava cheia de judeus provenientes de outros lugares do mundo, que então viram a manifestação do poder de Deus, e ouviram a mensagem das boas-novas (At 2.5ss). E naquele dia, três mil pessoas dentre os que ali estavam creram em Jesus Cristo e foram batizados (At 2.41). Quando regressaram às suas regiões de origem, levaram a mensagem que haviam aceitado. □

**A FESTA DOS TABERNÁCULOS** □ Era a terceira festa relacionada com a agricultura, e atraía centenas de fiéis para Jerusalém. Com o passar do tempo, ela recebeu outros nomes, dentre os quais Festa das Tendas, da Colheita e Festa do Senhor.

*A razão.* Comemorada no início do outono, celebra a colheita das uvas e azeitonas. De todos os festivais religiosos de Israel, esse é o que mais se assemelha à comemoração do Dia de Ações de Graça feita nos Estados Unidos. Talvez seja ela a festividade mais alegre, a ocasião em que o povo mais se diverte.

Aqui vemos jovens israelitas caminhando pelas ruas de Jerusalém, carregando galhos de palmeiras, numa comemoração da velha Festa dos Tabernáculos. CD



*A data.* A data dessa festa variava um pouco, dependendo das condições do tempo e do término da colheita, e esta só era considerada terminada depois de concluída a prensagem do fruto. A data-padrão foi finalmente estabelecida no dia 15 de tishri, compreendido entre nossos meses de setembro e outubro.

*O local.* Em determinada época houve um movimento no sentido de se centralizarem todas as festas em Jerusalém, e nessa ocasião a dos tabernáculos também se transferiu para lá. Eram tantos os peregrinos que iam a essas festas que muitas das cidades da Judéia ficavam praticamente vazias nesses dias. Jeremias menciona um lugar que por ocasião dessa festa ficou com apenas cinquenta habitantes. Muitos dos participantes traziam de suas propriedades tendas, barracas e cabanas, onde se alojavam, desfrutando das agradáveis noites de Jerusalém.

*A comemoração.* A festa tinha dois aspectos distintos. Uma parte dela era consagrada ao louvor e ações de graça. O toque das trombetas convocava o povo, que se postava nas ruas para assistir à marcha dos sacerdotes que iam ao tanque de Siloé, enchiam uma vasilha de água e depois rumavam para o templo e a derramavam no altar. A finalidade desse ritual era dar graças a Deus pela água, e suplicar-lhe as chuvas de inverno, necessárias a uma colheita abundante na primavera e no verão. Muitos desses celebrantes levavam ramos de palmeiras nas mãos, como símbolo de reconhecimento pela boa colheita obtida.

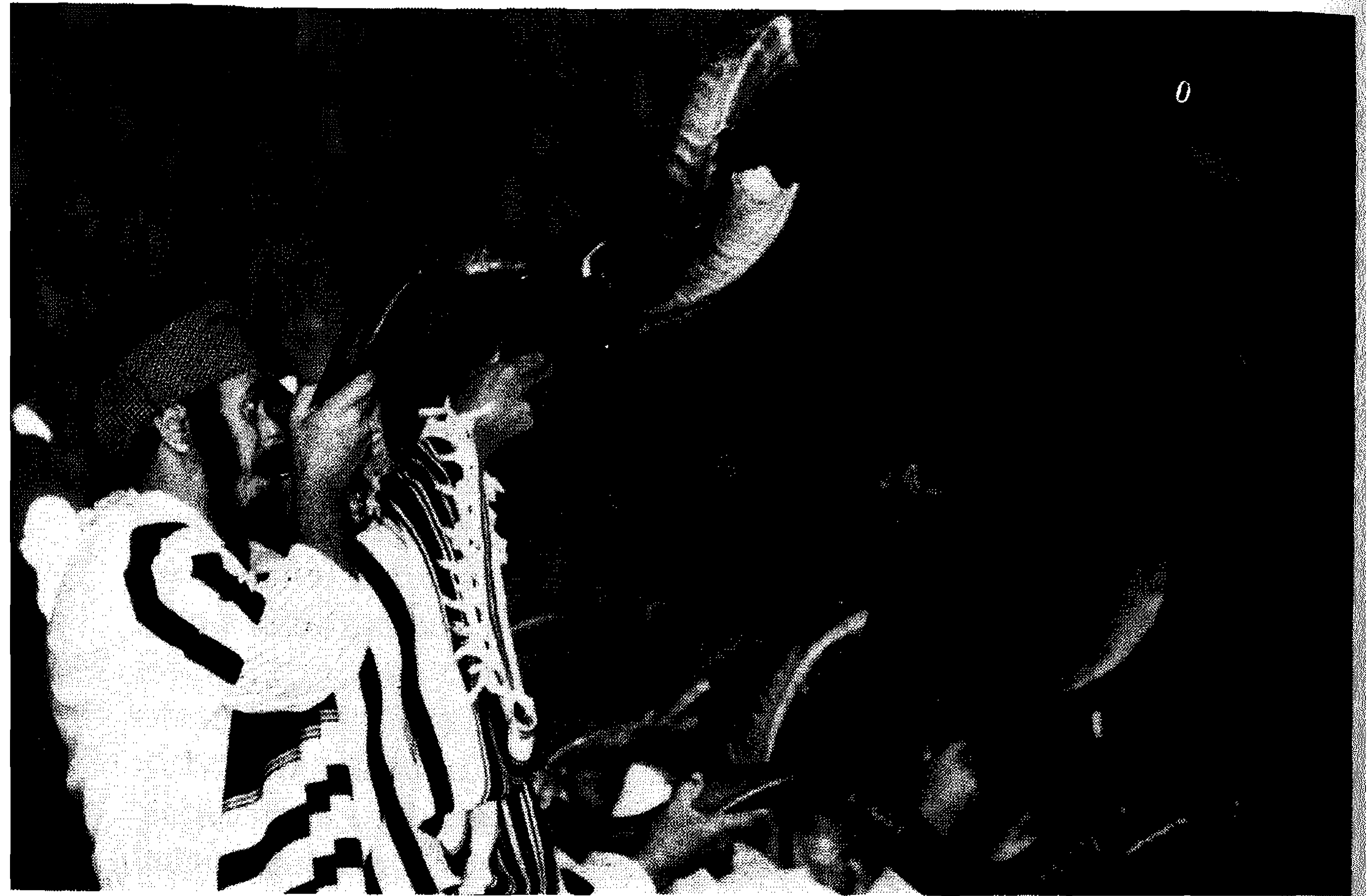
Existem registros de que na época neotestamentária, os sacerdotes aproveitavam esse ritual para protestar contra a adoração ao sol. Anteriormente alguns religiosos tinham-se inclinado diante do sol, para adorá-lo, dando as costas para o templo (Ez 8.16). Em repúdio a essa abominação, eles se inclinavam diante do templo, dando as costas para o sol.

O segundo ponto alto das comemorações eram os festejos. À noite, as multidões festejavam com banquetes e ainda cantavam, dançavam e caminhavam pelas ruas portando tochas. Nesses momentos demonstravam sua gratidão a Deus desfrutando as boas coisas da vida e o prazer de gozarem da companhia uns dos outros (Lv 23.33-43).

*O sentido cristão dessa festa.* Foi a essa festa que os irmãos de Jesus se referiram quando insistiram com ele para que seguisse para Jerusalém (Jo 7.1-9). O Senhor rebateu suas palavras sarcásticas, mas depois, ocultamente, foi para a Judéia. Durante a festa, ele deu ensinamentos e sofreu uma dura oposição por parte dos fariseus. Foi nessa ocasião que chamou os que tivessem sede para irem a ele e beber (Jo 7.37). Isso pode ter sido uma referência à água derramada no altar durante a festa. □

**O ANO-NOVO** □ Os israelitas do Velho Testamento comemoravam a entrada do novo-ano? É difícil responder essa pergunta.





Com o toque dos *shofarim* saúda-se a entrada do ano-novo judaico com celebração feita no Muro das Lamentações, em Jerusalém, como parte das comemorações do "Rosh Hashana".

SIMS

Os principais historiadores bíblicos não mencionam nenhuma festa ou comemoração relacionada com o ano-novo, mas existem algumas evidências de que, após o período neotestamentário, eles começaram a festejar a data.

É provável que originalmente a contagem do ano iniciasse no mês tishri, compreendido entre os meses de setembro e outubro em nosso calendário. Na época do êxodo, entretanto, o ano-novo foi mudado para o mês de nisã, entre março e abril para nós (Êx 12.2).

Ao que parece, durante o exílio babilônico, voltaram a adotar oficialmente a data de setembro/outubro, devido à influência do calendário babilônico. E é provável que, com o correr do tempo, os judeus tenham adotado definitivamente a data babilônica de ano-novo. O nome hebraico dessa festa que é relativamente recente é *Rosh Hashana*, que significa "a cabeça do ano". É improvável que fosse celebrada nos tempos bíblicos, mas alguns anos após esse período o judaísmo a vinculou ao *Yom Kipur*, celebrado nove dias depois, dando às duas datas a designação "Dias de Temor". □

**YOM KIPUR** □ Essa data tem um significado muito especial não só para os judeus como também para o cristianismo. A Bíblia ensina que, nesse rito religioso, Jesus assume a função de sumo sacerdote. Era um evento espiritual de tal importância que, quando um judeu queria referir-se a ele, bastava dizer: "aquele dia", e todos já sabiam o que queria dizer. Era uma ocasião de reflexão, de arrependimento

nacional e de purificação dos pecados, também chamado "Dia da Expição". Após experimentar profundos sentimentos de remorso e tristeza, os participantes se entregavam às alegrias da Festa dos Tabernáculos.

**Data.** Essa festa era realizada em outubro, antecedendo à Festa dos Tabernáculos. O autor do livro de Atos usa a data como referência para a viagem de Paulo, pois diz que ela se deu após o tempo do Jejum (At 27.9). O leitor judeu logo situaria o acontecimento em outubro.

**A razão.** O objetivo dessa comemoração era fazer uma pausa na vida e refletir sobre os pecados cometidos. E os fiéis meditavam também sobre os pecados da nação e sua condição espiritual, pois se considerava parte de um todo. Diante de Deus cada um, além de ser um indivíduo, era parte de uma nação.

Depois de fazer o exame da alma perante Deus, eles experimentavam a remoção dos pecados e aceitavam o perdão de Yavé.

**A comemoração.** A comemoração tinha um lado pessoal e um sacerdotal. Cada indivíduo tinha que observar um dia de jejum, quando ninguém poderia trabalhar. Esperava-se que todos mantivessem um semblante sério, e quem não o fizesse poderia até ser morto.

Era nessa ocasião que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos. Era a única vez no ano em que ele se apresentava nessa parte do templo. Ali ele entregava uma oferta que constavam da mistura de sangue de um boi e de um bode.

Em seguida, o sacerdote realizava a interessante cerimônia do bode emissário, que era escolhido por sorteio. De acordo com o Velho Testamento, esse animal era chamado de "azazel", que significa "emissário" (Lv 16.8-10). O sacerdote colocava as duas mãos sobre a cabeça do bode e em seguida confessava os pecados de Israel. Dessa forma, simbolicamente, ele estava transferindo os pecados do povo para ele; depois disso orava pedindo perdão. Terminada a cerimônia, o animal era conduzido ao deserto por um homem que o deixava num local onde não houvesse nenhuma habitação. Isso simbolizava a remoção dos pecados de Israel, que eram levados pelo bode, e que não seriam mais lembrados (Lv 16.21,22). E ninguém poderia dar nenhum cuidado ao animal, que deveria ser esquecido. Depois de tudo o sacerdote lavava as mãos e se purificava. Assim a cerimônia estava encerrada e os pecados de Israel, perdoados.

**O significado dessa cerimônia para os cristãos.** O mero ato de se imolar um animal não proporcionava a ninguém o perdão dos pecados. O perdão é uma realidade espiritual, que só pode partir de Deus. Se o indivíduo não se arrependesse, não seriam os sacrifícios e o jejum que iriam purificá-lo. Quando muito, essas coisas eram apenas símbolos ou figuras do que estava para acontecer (Hb 10.1ss). Deus só pode perdoar-nos e nos tornar santos pelo sacrifício do corpo de Jesus Cristo (Hb 10.10), e portanto só estamos aptos para nos chegar

a ele por intermédio do sangue que Jesus ofereceu (Hb 10.19).

E Cristo não apenas foi o sacrifício eterno, mas também atuou como o sumo sacerdote, pois ele próprio entregou a oferta do sangue que derramara por nossos pecados. E como foi um sumo sacerdote perfeito, o que ninguém mais poderia ser, e um sacrifício perfeito, como nenhum animal poderia ser, não há mais necessidade de que se repita esse rito. Já foi realizado de uma vez para sempre de forma perfeita (Hb 7.27). Ele foi o único sumo sacerdote que não precisou primeiro fazer um sacrifício por seus próprios pecados; foi o sacerdote perfeito (Hb 7.28). Depois de concluir sua função como sumo sacerdote, ele se sentou à destra do trono da Majestade nos céus (Hb 8.1). E Cristo se tornou sacerdote porque Deus o nomeou sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 5.5,6). Assim sendo, não é mais necessário observar-se esse símbolo. O que é perfeito já veio, e a expiação se cumpriu totalmente na pessoa de Jesus Cristo. □

**CHANUCÁ** □ Essa alegre comemoração tem diversos nomes, como Festa da Dedicção, das Luzes, dos Macabeus, da Iluminação e Festival da Rededicção.

*A razão.* Esse festival remonta ao ano 167 A. C., quando Judas Macabeu limpou e reconstruiu o templo. Um governante siro, Antíoco Epífanes, havia profanado o templo estabelecendo nele sua própria forma de culto. Proibiu a prática da religião judaica, insistindo em que os judeus abandonassem sua fé, senão seriam mortos. Deu ao templo a denominação de "Jupiter Olympus", determinou que o altar fosse utilizado para sacrifício pagão, e que esse sacrifício fosse oferecido mensalmente no dia 25, que correspondia à data de seu aniversário.

Mas, certa ocasião, Antíoco saiu para uma batalha e os judeus se revoltaram, sob o comando de Judas. O conflito que se seguiu terminou com um impasse, e então os dois lados entraram em negociações para chegarem à paz, que terminou com os judeus recuperando o controle do templo. Pouco depois, ele estava purificado, e os atos de adoração voltaram a ser celebrados nele.

*Data.* Normalmente ele era observado no dia 25 do mês chisley, compreendido entre os meses de novembro e dezembro.

*A comemoração.* Não era obrigatório fazer a celebração da festa em Jerusalém, e assim a maioria das pessoas a comemorava em sua própria cidade. O sentido básico da festa era que o povo se alegrasse e se divertisse junto aos familiares. As formas de comemoração eram bem variadas. Muitos gostavam de colocar luzes nas janelas. E eles saíam às ruas para dançar e cantar, ao som de instrumentos musicais, até tarde da noite. Era uma festa de triunfo, que devia ser celebrada com grande entusiasmo.

Diz a tradição que Judas Macabeu encontrou um vaso de cerâmica com azeite em quantidade suficiente apenas para um dia, mas, mila-

grosamente, ele durou oito dias. É por isso que se acendem muitas luzes nas casas e sinagogas. Durante os oito dias da festa, as luzes eram mantidas sempre acesas. Mais tarde foi introduzida a prática de se acender uma vela diariamente.

Era proibido qualquer tipo de tristeza ou sentimento de luto. Aquela era uma data feliz, para se relembrar circunstâncias felizes.

*O sentido dessa festa para o cristianismo.* Essa comemoração não tem um correspondente no cristianismo, e só é mencionada uma vez no Novo Testamento (João 10.22, onde se menciona que Jesus estava no templo, no pórtico de Salomão, por ocasião da festa da Dedicção). □

**PURIM** □ Essa é outra comemoração alegre que os judeus acrescentaram à sua lista de dias festivos, após o exílio babilônico. Trata-se de mais um recurso didático para registro histórico, já que por ela relembravam a ocasião em que foram miraculosamente salvos de um genocídio que estava perpetrado contra eles.

*A razão.* Durante a época de Ester, Hamã, o agagita, primeiro ministro da Pérsia, começou a nutrir um forte ódio contra os judeus que ali residiam. É que ele estava exagerando um pouco sua própria importância, e exigia que todo mundo se inclinasse diante dele (Et 3.2). Mas o judeu Mordecai recusou-se a fazê-lo e Hamã ficou enfurecido, estendendo sua raiva a todos os de sua raça. Então começou a fazer planos para mandar enforcá-lo e obter uma autorização para que todos os judeus fossem mortos. Mas, para surpresa sua, a rainha Ester fez com que a situação se invertesse, e foi ele quem acabou pendurado na forca que ele próprio preparara (Et 7.9,10). Com isso,

Estojos contendo os rolos com a transcrição do livro de Ester, que eram lidos na Festa de Purim. Da esquerda para a direita: Iêmen, século XVIII; Turquia, século XIX; Iraque, século XIX; Marrocos, século XIX; Irã, século XIX e Turquia, século XVIII.

JLAT



Mordecai assumiu o cargo de primeiro-ministro, e despachou cartas a todos os judeus incentivando-os a passar a comemorar regularmente essa libertação (Et 9.20ss).

*Data.* Mordecai instruiu o povo para que observasse essa festa nos dias 14 e 15 do mês de adar (Et 9.20-22), compreendido entre os meses de fevereiro e março.

*Local.* Essa data poderia ser celebrada em qualquer lugar; não era necessário ir a Jerusalém para a comemoração.

*A comemoração.* Como ocorre com todos os dias festivos dos judeus, o Purim é uma festa religiosa, mas basicamente uma época de júbilo e de cerimônias formais. Sua temática central é a libertação, a emancipação, e é comemorada com muito cântico, peças teatrais, músicas e comida.

Até mesmo as cerimônias de culto são alegres, animadas. Nessa ocasião lê-se o livro de Ester nas sinagogas, e toda a vez que o nome de Hamã é mencionado ouvem-se expressões de desdém e observações depreciativas. Alguns chegam a resmungar qualquer coisa do tipo: "Que o nome dele desapareça!" E mesmo as crianças participam, sacudindo chocalhos ou tocando apitos, cornetas, etc.

*O significado dessa festa para o cristianismo.* Essa comemoração também não tem correspondente no contexto cristão. Alguns estudiosos levantam a hipótese de que a "festa dos judeus" mencionada em João 5.1 seja uma referência ao Purim, mas isso é pouco provável.

---

## CAPÍTULO 21

---

# A MÚSICA



**P**ara entendermos os judeus dos tempos bíblicos, precisamos vê-los como um povo que gostava imensamente de música. Mas eles não faziam música à nossa maneira hoje, em que um toca e outros ouvem; não. Muitos deles tocavam seus instrumentos, cantavam e dançavam, não se limitando a escutar apenas. Quase toda reunião ou ocasião festiva servia de pretexto para se fazer música.

As atividades musicais variavam muito, desde corais bem ensaiados até espontâneas danças de rua. Eles levavam a vida muito a sério, mas também sabiam divertir-se. A lei de Deus continha muitas orientações que incentivavam a alegria e o divertimento.

Logo nos primeiros capítulos da Bíblia, vemos a música ocupando um lugar importante na sociedade. Os filhos de Lameque foram os iniciadores de três significativos segmentos sociais: os criadores de gado, os artífices e os *músicos* (Gn 4.20-22).

A música se tornou um excelente meio de comunicação entre os seres humanos, e destes com Deus. Os hebreus expressavam suas mais profundas emoções em composições poéticas, que eram feitas para serem cantadas. A estrutura da poesia hebraica não era baseada em ritmo, mas em formas de raciocínio, em harmonia de idéias e em antíteses. Não seria errado afirmar que os antigos salmos eram sempre cantados, e geralmente com acompanhamento musical.

Nem sempre era preciso haver uma ocasião especial para o canto coletivo. Era comum grupos de trabalhadores cantarem durante o trabalho. Quando Deus prometeu a Moisés que daria água ao povo, ele os reuniu, e todos entoaram um cântico de louvor onde falavam do poço que Deus lhes dera e que os príncipes haviam cavado (Nm 21.16,17).

E tempos depois, quando da reconstrução do templo, os sacerdotes se apresentaram para louvar a Deus com cânticos. Tocaram címbalos e trombetas e cantaram em coro para louvar a Deus. A letra desses cânticos falava de louvor e ações de graça. E quando foram lançados os alicerces do templo, todo o povo gritou em alta voz (Ed 3.10,11).

Muitos desses músicos eram bastante habilidosos e possuíam bom conhecimento musical. O rei indicou alguns harpistas e tocadores de címbalos especificamente para serem os músicos oficiais (1 Cr 25.1,6). E havia também os cantores, todos eles muito bem preparados, como os 288 que cantavam no tabernáculo (1 Cr 25.7).

Os músicos de Israel eram tão bons que, quando Senaqueribe, rei da Assíria, invadiu a terra, exigiu, para fazer o tratado de paz, que lhe entregassem alguns músicos, tanto homens quanto mulheres. □

**COMO DEUS USOU A MÚSICA** □ Seria difícil precisar todas as vezes em que Deus fez uso da música para atender a um de seus objetivos. Sabemos que ele se utilizou de uma suave música (da harpa de Davi) para afastar os maus espíritos de Saul (1 Sm 16.23).

Além disso, através do cântico de Moisés, ele advertiu ao povo de Israel para que evitasse aqueles que estavam tentando corrompê-lo (Dt 31.30ss). □

**OCASIÕES ESPECIAIS** □ As ocasiões especiais forneciam um motivo a mais para eles cantarem. Um exemplo disso foi a época em que o rei Josafá reuniu o povo para entoar louvores a Deus e exaltar sua santidade, porque ele milagrosamente os tinha livrado dos moabitas e amonitas (2 Cr 20.20ss).

Após a famosa travessia do mar Vermelho também, Moisés e os filhos de Israel louvaram a Deus alegremente, porque ele havia lançado ao mar o cavalo e seu cavaleiro (Êx 15).

Outra ocasião em que eles cantaram para extravasar sua alegria foi o dia em que recuperaram a arca da aliança, que havia sido capturada pelos inimigos (1 Cr 16). Eles saíram com liras e harpas; tocaram címbalos e fizeram soar as trombetas. E o rei Davi escreveu um salmo de ações de graça especialmente para comemorar o evento. Ao final dele, o povo gritava "amém" e louvava a Deus.

Alguns dos cânticos se incorporaram à sua tradição e folclore. Na ocasião em que Davi derrotou os filisteus, seus feitos foram exaltados em cânticos pelas mulheres, o que irritou muito o rei Saul (1 Sm 18.6,7). É provável que elas tenham cantado em forma antifonal. Um solista ou pequeno grupo de cantores dizia: "Saul feriu os seus milhares", e um grande coral respondia cantando: "Porém Davi os seus dez milhares". □

**COMPOSITORES** □ Naquela época, os músicos não compunham suas cantigas com intuito comercial, como acontece hoje. E geralmente aqueles que cantavam entoavam suas próprias composições. Provavelmente, os coros cantassem em uníssono, e não a mui-



Este homem está tocando o *shofar*, ou chifre de carneiro, um dos instrumentos musicais mais antigos da humanidade. O *shofar* é mencionado na Bíblia cerca de 63 vezes, e era usado pelos judeus para convocar uma reunião, chamar os homens à batalha ou para emitir um sinal de alarme.

AJW



tas vozes, como se faz em nossos dias, mas isso não quer dizer que eles não ensaiassem. Tanto os solistas como os corais passavam muitas horas preparando seus números.

Um dos mais famosos compositores bíblicos foi o rei Salomão, um homem de muitos talentos, que escreveu cerca de 1005 músicas (1 Rs 4.32). □

**OS INSTRUMENTOS** □ *Flauta*. A flauta antiga era um instrumento de madeira, e não de metal, que possuía apenas um orifício, pelo qual se controlava a altura do som. Sendo um instrumento de sopro, é um ancestral do clarinete. Seu tom musical bastante agudo era ideal para casamentos e funerais (Mt 9.23; Is 30.29).

Havia ainda outro tipo de flauta, parecida com a primeira e que era apreciada por pastores. Às vezes era feita de madeira, às vezes de osso. Geralmente não era tocada no templo.

*Saltério (lira)*. Era o instrumento que Davi tocava, feito de cordas montadas sobre madeira. Uma das madeiras usadas na confecção dele era o sândalo (1 Rs 10.12). O saltério podia ter de 3 a 12 cordas. Nos dias de Josefo, fazia-se esse instrumento com dez cordas. O termo hebraico que designa saltério é *kinnor*.

*Trombeta*. Constava de um tubo longo, cujas pontas eram alargadas à semelhança da boca de um sino. Na maioria eram feitas de cobre ou de prata. Nas cerimônias do templo, usavam-se sempre duas trombetas de prata. Mas houve ocasião em que os sacerdotes tocaram 120 (2 Cr 5.12).

*Shofar*. Tocado nas sinagogas, o *shofar* era um instrumento feito de chifre de carneiro de forma arredondada. Foi ele que os israelitas tocaram por ocasião da queda das muralhas de Jericó (Js 6.20), e o termo ali empregado é *yobel*. E o que Gideon e seus companheiros tocaram para pôr em fuga os midianitas também foi um *shofar* (Jz 7.16-22). Na confecção dele não se poderia utilizar chifre de boi.

*Harpa*. A harpa era feita com um bojo de vidro ou de peles em cujas bordas se esticavam as cordas. Mas havia também quem a montasse sobre bases de madeira ou metal. Geralmente se fabricava esse instrumento com dez ou vinte cordas.

*Tamboril*. Era um pequeno tambor semelhante ao pandeiro feito de um aro de madeira e peles de animais afixadas nele. Não era tocado no templo, mas muito apreciado nas festas e danças. Na ocasião em que Davi mandou trazer a arca de volta a Jerusalém, esse instrumento foi um dos que se tocaram na comemoração (2 Sm 6.5).

*Címbalos (Pratos)*. Eram um importante instrumento do grupo de percussão, muito semelhante aos que existem hoje. Como outros instrumentos próprios para a marcação do ritmo, eles eram mais utilizados em celebrações e festas do que nas cerimônias do templo. □

**ORQUESTRAS E BANDAS** □ Tanto em Israel como em outras nações, havia muitos grupos musicais organizados. O rei Nabucodonosor era um dos que gostavam de ouvir bandas, bem como Davi (2 Sm 6.5) e outros governantes. □

**DANÇAS** □ Sendo um povo que apreciava a música rítmica, era difícil um israelita ficar parado ao ouvi-la. Por natureza, eles eram irrequietos e efusivos. Gostavam de expressar livremente as emoções, tanto as alegrias como as tristezas. Muitas vezes os seus gritos de angústia eram tão ruidosos como os gritos de alegria e ações de graça.

Certa vez o rei Davi dançou perante o Senhor (2 Sm 6.14), e o mesmo fizeram Miriã e um grupo de mulheres (Êx 15.20). No passado, os israelitas costumavam dançar por ocasião dos festivais de colheita (Jz 21.19ss).

Nos tempos neotestamentários, as crianças dançavam nas ruas (Lc 7.32); também houve dança na festa de comemoração da volta do Filho Pródigo (Lc 15.25). Não se sabe exatamente como seriam essas danças, mas provavelmente eram como as danças folclóricas, e não como as de hoje, quando homens e mulheres formam pares para dançar. □

**A MÚSICA NA ERA CRISTÃ** □ Entre os cristãos também o canto teve papel muito importante nos cultos. O próprio Jesus cantava durante as cerimônias religiosas. Por ocasião da última ceia, antes de sair para o monte das Oliveiras, ele e seus discípulos cantaram um hino (Mt 26.30). É provável que tenham entoado os Salmos 115 a 118, ou 113 e 114, que costumeiramente se cantava na Páscoa.

Ao que parece, nos momentos de aflição, os cristãos obtinham renovadas forças através do cântico. Quando Paulo e Silas estavam no cárcere em Filipos, eles buscaram consolo na oração, no louvor e no cântico de hinos (At 16.25), enquanto os outros prisioneiros resmungavam e praguejavam. □

O *shofar*, ou chifre de carneiro, originalmente era um instrumento utilizado para emitir sinais e identificar ocasiões especiais, e não um instrumento musical. Ao alto vemos um *shofar* bem elaborado; abaixo um chifre de carneiro ao natural.

EVTS



**O INCENTIVO AO CANTO** □ Os primeiros cristãos davam muito valor ao cântico. Era uma maneira de abrir o coração para Deus e uns aos outros, bem como para promover a própria edificação.

Paulo aborda a questão da música em três trechos de suas cartas: Efésios 5.18,19; 1 Co 14.15; Cl 3.16. Ele aconselhava os crentes a entoarem salmos, hinos e outros cânticos espirituais. Ensinava que eles deviam cantar e tocar.

Nos dias da tribulação, descritos no Apocalipse, destacam-se diversas manifestações musicais. Há o cântico dos vinte e quatro anciãos que dizem: "Digno és de tomar o livro..." (Ap 5.9), dos 144.000 que já no final da tribulação cantam um "novo cântico" (Ap 14.3), e dos vencedores, que cantam o "cântico de Moisés", também ao término da tribulação (Ap 15.3).

Para os judeus a música tinha origem divina, pois uma concepção tão bela só poderia ter vindo do céu. Por isso, incorporaram-na a suas festas, às cerimônias do templo, às sinagogas, e depois, naturalmente, ela passou a ser adotada na igreja.

# MAGIAS E SUPERSTIÇÕES

---

---

**S**empre que lemos alguma coisa sobre a vida diária dos israelitas e dos cristãos primitivos, ficamos impressionados com o nível de seu envolvimento com o sobrenatural. Eles tinham consciência de que existiam no mundo muitos fenômenos não explicados, e que havia muitas forças em operação que eles não viam nem dominavam. Essa consciência, aliada à ignorância, gerava neles um forte anseio de recorrer a magias. Não tendo muitas informações, a consciência da existência de forças que se encontravam fora de seu controle logicamente os levava à superstição.

É preciso que se diga em sua defesa, porém, que os povos vizinhos praticavam habitualmente as artes da magia. Os egípcios não apenas criam nelas mas também as exercitavam regularmente. Foi exatamente a habilidade dos magos de faraó para realizar os mesmos sinais que Moisés operava que fez com que aquele rei endurescesse o coração, e resistisse às exigências do líder de Israel. Portanto, não era difícil aos israelitas acreditarem nas forças sobrenaturais.

Os judeus da antiguidade e os cristãos primitivos eram muito parecidos com as pessoas de nossa sociedade moderna. Eles criam em Deus,

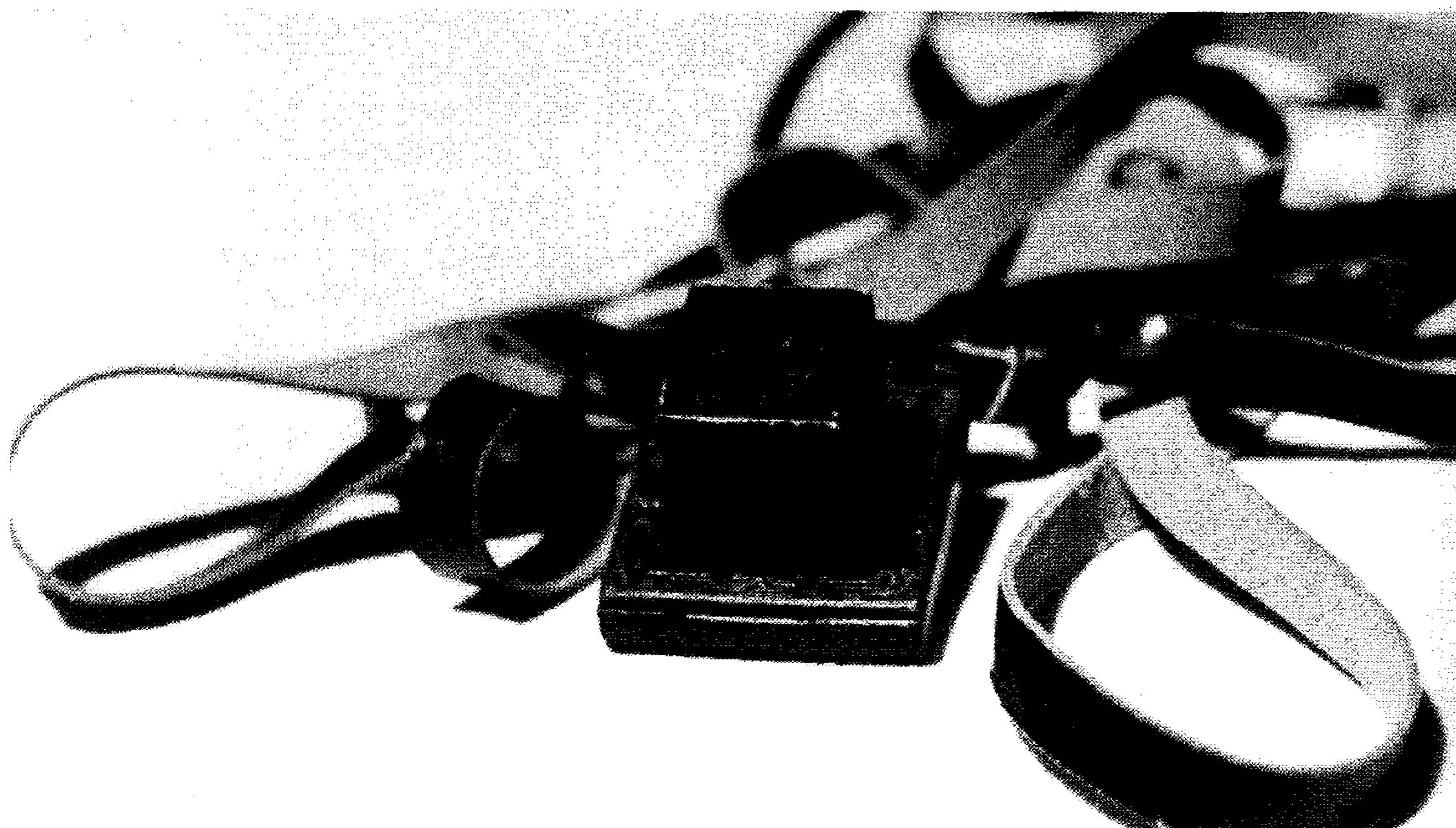


mas achavam que era necessário também tomar certas medidas para aplacar outras forças sobrenaturais. Muitos dos cristãos primitivos teriam entendido bem muitas das práticas supersticiosas de hoje, tais como não passar debaixo de escadas, evitar gatos pretos, ou jogar sal para trás por sobre os ombros. Eles também adotavam rituais semelhantes. Às vezes é difícil compreender certas atitudes deles, e chegamos mesmo a nos indagar: será que adoravam a Deus por desejarem comunhão com ele ou por temerem que algo lhes acontecesse se não o fizessem? Empregavam o símbolo do peixe como uma forma de testemunhar, ou como um meio de constranger Deus a protegê-los? As duas possibilidades são verdadeiras. Alguns compreendiam bem a liberdade que haviam obtido em Cristo, mas outros estavam apenas em busca de amuletos de sorte. □

**AMULETOS** □ Desde os tempos antigos, o homem vem acreditando que, se usar ou possuir determinados objetos, eles lhe trarão boa sorte ou o protegerão de males. E o uso de amuletos não era popular apenas entre os gentios; muitos israelitas também os adotavam. Tampouco ele ficou restrito às épocas de ignorância; ainda hoje há muitos que recorrem a eles.

Alguns dos líderes judeus e seus seguidores portavam amuletos. Embora tivessem uma fé monoteísta, acreditavam que precisavam invocar, agradar e aplacar outras forças espirituais. Por causa disso, alguns aspectos da teologia judaica se tornaram uma complexa mistura de idéias. Às vezes parece-nos que eles procuravam esforçar-se

A partir do século II A. C., os homens israelitas começaram a usar filactérios nos pulsos e na cabeça. Trata-se de pequenas caixas de couro, presas ao corpo por tiras também de couro, dentro das quais estão encerradas cópias de trechos das Escrituras dos livros de Êxodo e Deuteronômio. EVTS



para confiar somente em Deus, mas ao mesmo tempo sentiam que não podiam ignorar os outros espíritos.

Muitos dos amuletos que usavam tinham inscrições de palavras e frases próprias para afastar o mal. Alguns desses objetos eram de formatos especiais, de figuras sagradas, como a dos deuses da fertilidade. Os arqueólogos têm encontrado grande número desses objetos, o que vem comprovar que eram muito apreciados. Eles eram usados sob a forma de anéis, brincos, colares, e em conchas, pedras preciosas e estatuetas.

Mesmo em anos mais recentes, já próximo da era cristã, as tradições judaicas recomendavam que o povo portasse amuletos protetores. O livro do sabá aconselha aquele que vai viajar no sábado a carregar consigo um pé de raposa ou um ovo de gafanhoto. Os macabeus, um grupo político judaico, que existiu no período intertestamentário, costumavam portar amuletos de sorte.

Não era muito difícil para os judeus transporem a tênue linha que distinguia um objeto relacionado com sua fé de um amuleto de sorte. Eles estavam sempre às voltas com esse problema. Colocavam o *mezuzá* nos umbrais das portas para se recordarem do sacrifício da Páscoa, mas enquanto alguns o viam apenas como um apoio para sua fé, outros começavam a enxergá-lo como um amuleto de sorte.

Existe a mesma confusão com relação aos seus filactérios. Os fariseus tinham o costume de amarrar esses objetos — que consistiam em caixinhas pequenas contendo versos das Escrituras — nos seus pulsos ou na testa, para dar a entender que guardavam a Palavra de Deus na mente e no coração. Mas, na verdade, muitos acreditavam que, usando-os, teriam sorte, como uma bênção de Deus.

Os escritos rabínicos estão cheios de conselhos supersticiosos. Eles acreditavam que uma pessoa podia lançar sobre outrem quebrantos, e que eles poderiam ser tão fortes a ponto de matar a vítima. Por isso, era necessário que andassem sempre com fitas, filactérios e certas jóias.

Como a aceitação dos amuletos era geral, eles continuaram a existir no cristianismo pós-apostólico por muitos séculos, e mesmo até hoje. Alguns utilizavam a figura do peixe como uma espécie de talismã. Outros colocavam em torno do pescoço fitas com passagens bíblicas. Mais tarde, vieram as enormes coleções de lascas de madeira, que se dizia serem da cruz de Cristo; depois surgiram cravos, que asseguravam serem da mesma procedência. Guardar essas relíquias, atribuindo-lhes valor excessivo, é o mesmo que usar amuletos.

Jesus Cristo reconheceu a existência de poderes maléficos, e afirmou que aqueles que recorriam a eles iriam ter muitos seguidores (Mt 24.24).

Desde o início de sua existência como nação, o povo de Israel lutou inutilmente contra esses objetos. Vez por outra surgia um líder

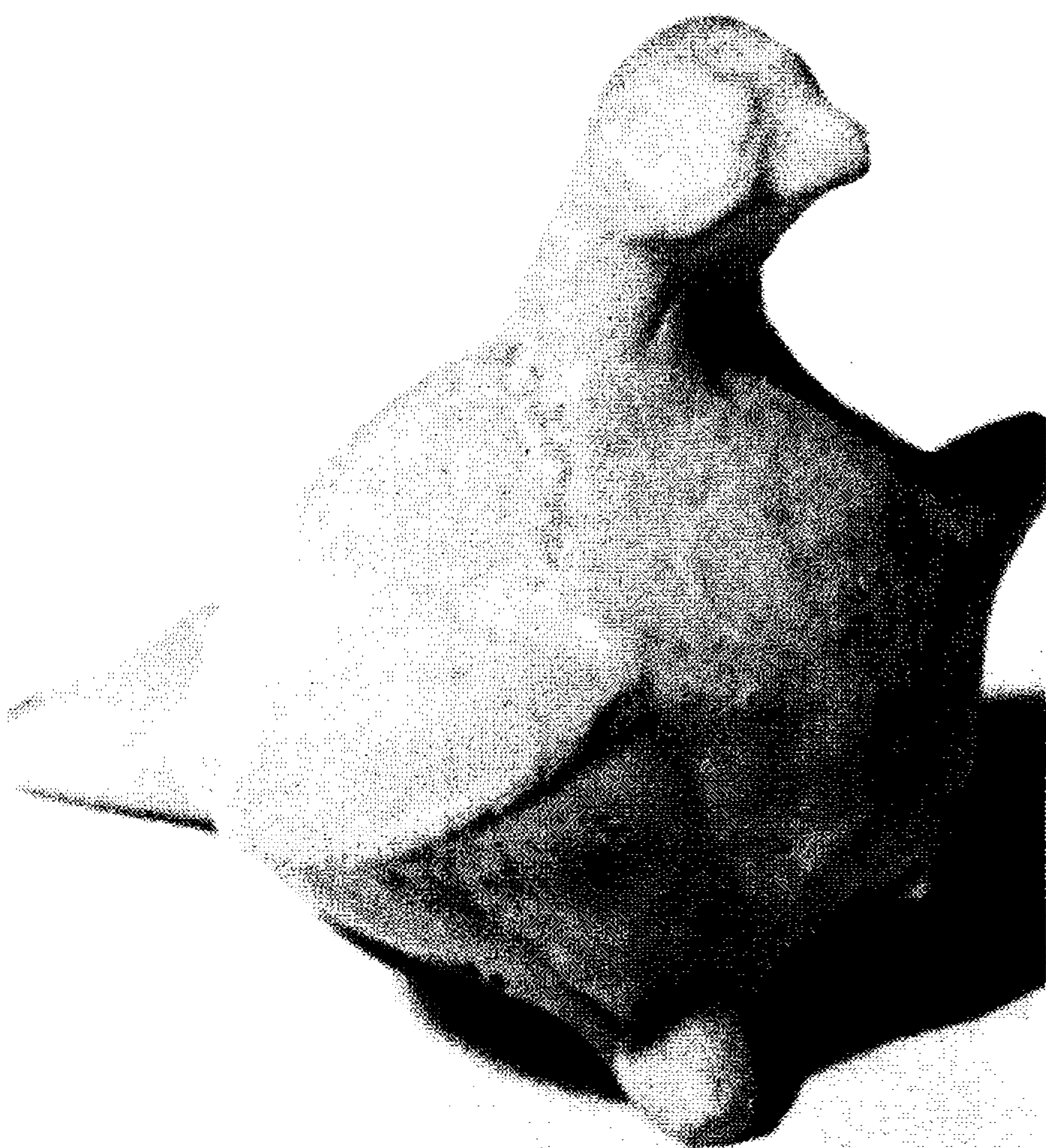
temente a Deus que conseguia influenciar o povo e removê-los do meio dele. Já no tempo de Jacó, ele pegou os deuses do lar que havia na família, bem como alguns brincos, e os enterrou em Siquém (Gn 35.4). □

**TERAFINS** □ Pela influência das nações gentias, os israelitas adotaram os deuses domésticos chamados "terafins" – estatuetas grandes ou pequenas que para eles representavam o poder que os deuses possuíam. O povo em geral tinha muitas dessas estatuetas, e eles não achavam que estivessem contrariando em nada a sua fé. E mantinham essas práticas apesar de a Bíblia condenar abertamente a confecção de imagens de Deus (Êx 20.4).

Raquel, mulher de Jacó, ao deixar a casa de seu pai para acompanhar seu marido à terra dele, furtou o terafim de sua família (Gn 31.19). Quando seu pai descobriu o roubo, ficou furioso e saiu atrás deles, no intuito de recuperar seus ídolos.

Mical, a filha de Saul, também tinha ídolos, e um deles era tão grande que, colocado na cama e encoberto, passava por uma pessoa. E ela fez exatamente isso, certa vez, para ajudar Davi escapar da ira de Saul (1 Sm 19.13).

Assim como acontecia a outras práticas dos gentios, os reis que desejaram desarraigá-lo do povo de Israel o costume de adorar terafins enfrentaram muita resistência nesse sentido. Os israelitas só abandonaram a idolatria após o exílio babilônico. □



Este pássaro de cerâmica, que data do ano 500 A. C., é outro tipo de ídolo doméstico muito comum entre o povo da época. Muitos ídolos tinham formas semelhantes à de animais e aves.

**TIGELAS MÁGICAS** □ Muitos dos antigos acreditavam que gravar certos dizeres na parte interior de uma tigela de cerâmica dava muita sorte. Os arqueólogos vêm encontrando evidências de que muitos indivíduos de formação judaica e mesmo cristã utilizavam essa forma de magia. Essa era considerada "magia branca", já que o objetivo do praticante era sempre algum benefício, e não um malefício. As inscrições eram feitas a partir da borda da vasilha, descendo para o centro dela. Alguns desses objetos eram utilizados como pratos; mas outros eram de confecção muito rústica, o que demonstra que possivelmente não eram usadas para outros fins a não ser a magia.

Existem fortes razões para se crer que essas tigelas pertenciam a indivíduos da fé judaica e até a cristãos. Uma razão é que em muitas delas está inscrito o nome de Deus, YHWH; outra é que em grande número encontram-se versículos completos. E o texto que aparece com mais frequência é o de Zacarias 3.2, onde Deus repreende a Satanás.

As provas de que os cristãos também faziam uso dessas tigelas são menos claras, mas existem bases para essa tese. Em algumas, os textos inscritos parecem ser passagens do Novo Testamento, embora não tão literais quanto as citações do Velho. Em outras estão gra-

Durante a Idade do Ferro (mais ou menos 900-600 A. C.) surgiu um grande número de objetos para culto ou outras finalidades. Um exemplo deles é o "kernos" que aparece à direita, embaixo. Era utilizado na cerimônia de libação. A bebida era introduzida pela boca da figura do animal que está na vertical, à direita, e circulava pelo anel e saía pela boca do animal que está na horizontal, à esquerda, caindo numa tigela. Não se sabe ao certo se o apito (ao alto à direita) e as estatuetas de animais (embaixo, à esquerda e ao centro) eram brinquedos ou objetos de culto. Os dois incensários ao alto (à esquerda e ao centro) eram utilizados para a queima de incenso, provavelmente em cerimônias cultuais.

DM





vados nomes que aparentemente são ligados ao cristianismo, dentre os quais Pedro e Jesus. Contudo, essa questão não está claramente definida. Entretanto, o fato de que as inscrições estão em aramaico, e de que algumas invocam os nomes de Gabriel e Miguel, certamente sugere que a possibilidade existe. □

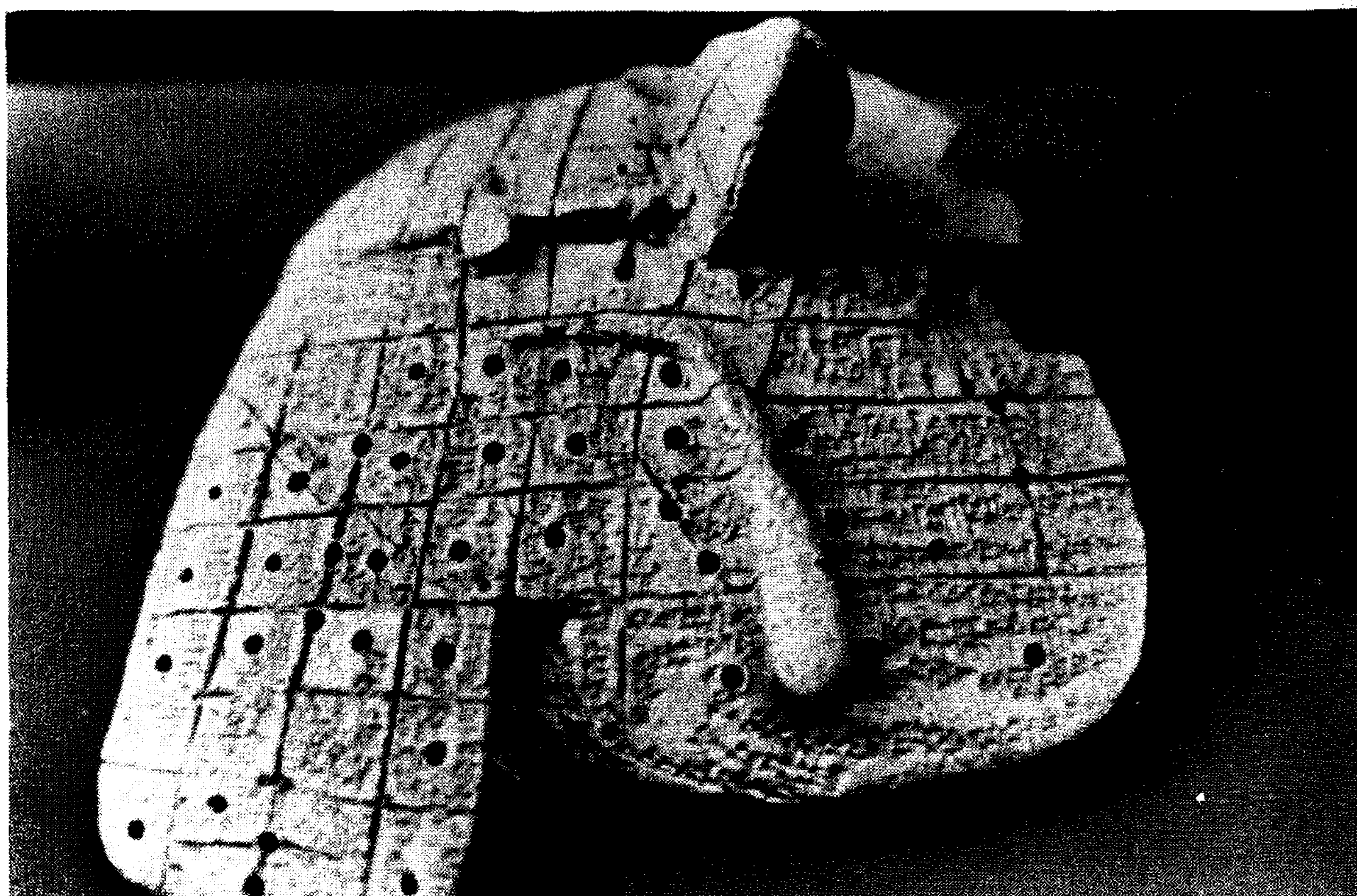
**ENCANTAMENTOS** □ Eram formas de tentar afetar a vida de outrem para o bem ou para o mal por meio de dizeres ou magias. Tais práticas foram largamente empregadas durante o período da história bíblica. Josefo diz que mesmo grandes homens, como Salomão, lançavam mão de tais recursos (Antigüidades dos judeus, 8.2.5).

Aquele povo tinha muita fé em bênçãos e maldições, e existem abundantes evidências de que tais práticas tinham seus efeitos. Acredita-se que a feiticeira de En-Dor tenha feito uso desse meio para invocar a Samuel de entre os mortos (1 Sm 28.7ss).

Os cristãos primitivos encontraram grande dificuldade para combater essas práticas que estavam largamente difundidas. Eles faziam inscrições em jóias e até mesmo em objetos de uso doméstico. A eliminação do uso de encantamentos com seu séquito de amuletos e talismãs abriria o caminho para as bênçãos de Deus (At 19.19,20).

**A LEITURA DO FÍGADO** □ Durante muitos séculos, os homens consideraram o exame do fígado de um animal como uma

Esta réplica de um fígado de ovelha feita em cerâmica, onde se acham marcados os encantamentos de magia, era utilizada com freqüência em rituais de conhecimentos médicos. Durante muitos séculos, a humanidade se orientou pela ciência da hepatoscopia, ou leitura do fígado de um animal. IRE



forma certa de se obter orientação sobrenatural. Esse método de previsão do futuro, chamado "hepatoscopia", era considerado uma ciência que exigia longos estudos de quem a praticasse. Os arqueólogos têm encontrado muitos modelos de fígado em argila, juntamente com as instruções para sua leitura, indicando as colorações ou formatos que apontavam que eventos poderiam ser previstos.

Não podemos afirmar que os judeus praticassem essa forma de adivinhação, mas muitas das nações vizinhas o faziam. Um exemplo bíblico disso é a alusão feita por Ezequiel de que o rei da Babilônia examinava o fígado (Ez 21.21). Mas os heteus, os gregos e romanos também consideravam a leitura dessa víscera um método de orientação bastante confiável. □

## **PREVISÃO DO FUTURO PELA ÁGUA** □

Acreditava-se que pela mistura de dois ou mais líquidos, era possível prever-se o futuro, a partir das figuras nela formadas. Se os líquidos não se misturassem bem, ou o fluido tomasse uma coloração escura, isso era sinal de bons augúrios.

Embora essa magia não fosse amplamente aceita entre o povo de Israel, alguns acreditam que José tenha aprendido a arte no Egito (Gn 44.5,15). Os babilônios também a praticavam. □

## **SACUDIR FLECHAS** □

Era outra forma de magia praticada na Babilônia (Ez 21.21). Consistia em sacudir algumas flechas e depois lançá-las ao chão. A forma em que elas caíssem indicaria o curso de ação a ser tomado.

Existe um relato na Bíblia de uma ocasião em que o profeta Eliseu utilizou flechas de modo meio incomum, e que está descrita em 2 Reis 13.18,19. Mas, no seu caso, tratava-se de um ato simbólico, profético, e não de uma adivinhação. □

## **TIRAR SORTES** □

Havia diversos tipos de objetos utilizados no lançamento de sortes: varetas, dados (geralmente feitos de ossos dos dedos) e até pedrinhas. Isso foi sempre muito praticado em todo o período da história bíblica, provavelmente variando um pouco de acordo com o lugar e a época.

Essa forma de receber orientação sobrenatural era utilizada tanto por pagãos como por crentes. Esse método de adivinhação é o que demonstra com maior clareza como é difícil fazer diferença entre o que é magia e o que é intervenção divina. O "Urim e Tumim", por exemplo, que era utilizado para se consultar a Deus, talvez fosse um tipo de sorteio. Sabemos que quando os apóstolos tiveram de escolher um substituto para Judas Iscariotes, fizeram um sorteio, e todos aceitaram o resultado como a expressão da vontade de Deus (At 1.26). No passado, a nação israelita já lançara mão de sorteio para identificar um culpado

(Js 7.14ss). Os judeus e mesmo os cristãos primitivos não duvidavam de que Deus pudesse manifestar sua vontade por meio de lançamento de sortes (Pv 16.33). □

**ASTROLOGIA** □ O fato de os escritores do Velho Testamento condenarem fortemente a astrologia não impedia que o povo de Israel a praticasse. Os babilônios e outros povos daquela região tinham em altíssima conta a arte de consultar os astros, e lhe davam grande importância. Os profetas procuravam constantemente mostrar como era inútil e falsa essa prática ocultista (Is 47.13; Jr 10.2). Alguns escritos encontrados entre os pergaminhos de Qunrã dão a entender que no período pós-exílico os judeus teriam praticado a astrologia.

Mas Deus usou um grupo de homens que aparentemente eram astrólogos, por ocasião do nascimento de Jesus, e que seguiram a estrela de Belém (Mt 2.1-12). As informações históricas mais seguras parecem indicar que eles procediam da Pérsia ou Babilônia.

Embora os profetas condenassem a astrologia, não afirmavam que não existiam bases para se crer nela. As Escrituras dizem claramente que Deus usou os astros para transmitir mensagens a certos indivíduos (Gn 1.14; Mt 2.9). Isso pode ter contribuído de algum modo para que os israelitas adotassem a prática. □

**NECROMANCIA, A CONSULTA AOS MORTOS** □ Durante muitos séculos, a consulta aos mortos foi uma das mais populares formas de se procurar conhecer o futuro, e ao que parece desperta muito interesse também em nossos dias. Existem muitos esquemas bem elaborados para se tentar a comunicação com aqueles que se encontram do outro lado do túmulo. Mas a Bíblia repetidas vezes condena tal ato.

O rei Saul, durante o tempo em que governou, teve uma conduta vacilante com relação à questão. Inicialmente mandou banir todos os médiuns (aquele que afirma manter contato com os mortos), mas depois tentou comunicar-se com Samuel, que já havia morrido (1 Sm 28.7ss). Isso foi prova evidente de seu declínio espiritual.

Os profetas entendiam que todas as tentativas de se fazer contatos com os mortos não passavam de murmúrios sem sentido talvez com o uso de ventriloquismo (Is 8.19). □

**SONHOS** □ Os povos bíblicos davam muita importância às orientações divinas transmitidas por meio de sonhos, e algumas das interpretações eram corretas. José e Daniel, por exemplo, foram usados por Deus para dar interpretações de sonhos. E houve até quem elaborasse sistemas complicados para ajudar as pessoas a entenderem as implicações de seus sonhos. E muitos iam a extremos, tentando forjar sonhos que os ajudassem a suportar a dura realidade da vida.

**AS OVELHAS LISTADAS DE JACÓ** □ Segundo o texto de Gênesis 30.37-43, Jacó conseguiu um feito extraordinário na geração de ovelhas. Ele descascou algumas varas e as colocou nos bebedouros dos animais. As ovelhas que concebiam diante dessas varas tinham crias listadas ou malhadas. Isso era chamado de "simpatia". A explicação mais provável é que Jacó tenha tentado aplicar uma mistura de magia popular aliada ao seu conhecimento no trato de animais. Os antigos muitas vezes recorriam a magias para obter os resultados desejados em determinadas situações. □

**A MAGIA NO NOVO TESTAMENTO** □ A Bíblia contém muitos relatos de acontecimentos sobrenaturais, estranhos e inexplicáveis. Seria muito conveniente se pudéssemos anular todos eles, rotulando-os de meras fraudes que se apoiavam na ignorância popular. Mas isso seria muito simplista. Sem querer ter a pretensão de explicar todas as ocasiões em que a igreja primitiva se viu confrontada com casos de magia, vamos considerar algumas delas.

*Símão, o mago (At 8.9-24).* Era um mágico profissional que vivia em Samaria. O povo estava muito impressionado com suas habilidades, embora a Bíblia não explicita do que se tratava. Mas quando esse homem viu os apóstolos realizando milagres, ele lhes ofereceu dinheiro para que lhe vendessem o poder do Espírito Santo. E Pedro logo o repreendeu por julgar possível adquirir por dinheiro o dom de Deus. Daí vem o termo "simonia".

*Elimas ou Barjesus (At 13.6ss).* Foi um feiticeiro que tentou demover o procônsul da Ilha de Pafos de seguir a Jesus. Mas Paulo o censurou, dizendo que era um homem cheio de engano e malícia.

*A jovem de Filípos (At 16.16ss).* Era uma jovem escrava que ganhava dinheiro para seus donos fazendo adivinhações. Quando ela viu Paulo e seus companheiros, pôs-se a segui-los, gritando que eram servos de Deus. A moça estava "possessa" por um espírito de adivinhação. Mas Paulo se cansou daquela propaganda negativa, girou nos calcanhares e ordenou ao espírito que saísse dela, e imediatamente ele a deixou. Isso provocou violento protesto por parte daqueles que ganhavam dinheiro com os dotes mágicos da jovem.

*Os filhos de Ceva (At 19.14-16).* Vez por outra, os observadores dos cristãos tentavam imitar o poder que eles possuíam. Um exemplo disso foi o caso dos sete filhos de Ceva, que tentaram expulsar demônios invocando o nome de Jesus. O que se seguiu foi um episódio quase cômico, pois o espírito os atacou, bateu neles, e eles tiveram que fugir correndo, nus e muito feridos.

# Os FUNERAIS



**O**povo israelita tinha um profundo respeito pelos seus mortos. Eles rejeitavam firmemente os dois extremos adotados por outras culturas. Não aceitavam nem o desdém com que os gregos tratavam o corpo do morto, nem a admiração que era quase uma adoração, prevalente no Egito.

Embora fossem um povo consciente dos valores espirituais, não deixavam de honrar os temporais. A lavagem e preparação do corpo para o sepultamento era muito importante; consideravam-na uma demonstração de amor.

Em todos esses séculos da história de Israel, os métodos de sepultamento foram-se alterando acentuadamente. Não existiam leis regulamentando a prática, embora houvesse algumas orientações básicas. E nesse particular eles seguiam mais os costumes da sociedade, que também iam-se modificando pouco a pouco, com o passar dos anos. □

**O SEPULTAMENTO NA ERA DOS PATRIARCAS** □ O mais conhecido túmulo do Israel da antigüidade era a caverna de Macpela, que Abraão comprou dos filhos de Zoar. Provavelmente tratava-se de uma grande gruta. Diz a tradição que ela se localizava no ponto onde hoje se ergue a mesquita de *Haram el-Khalil*, em Hebrom. Vários personagens bíblicos foram sepultados nessa gruta, dentre os quais Sara, Abraão, Isaque, Rebeca, Lia, Jacó, e talvez mais alguns outros. E até no ano 1119 A. D. ainda se viam ali ossos que se diziam ser desses patriarcas. Houve uma época em que ali existia uma igreja, mas hoje há a mesquita Haram el-Khalil.

A descrição que a Bíblia faz do lugar é de uma área cercada de campinas, com muitas árvores (Gn 23.17). O proprietário do terreno ofereceu-o a Abraão de graça, mas o patriarca insistiu em pagar quatrocentos siclos de prata por ele. Isso pode ser semelhante ao costume que ainda existe no Oriente Médio, onde o povo gosta de barganhar. Eles começam oferecendo o artigo de graça apenas para demonstrar que estão dispostos a discutir o preço.

As atitudes de Jacó e de José demonstram como o sepultamento de um morto era importante para os antigos hebreus. Jacó encontrava-se no Egito quando faleceu já bem idoso. Ele havia pedido que o sepultassem na caverna de Macpela, um sepulcro que havia cavado na terra de Canaã (Gn 49.30; 50.5). Então José mandou embalsamar o corpo do pai, à moda dos egípcios, e o levaram à terra prometida para ali ser enterrado. E o próprio José, também, já moribundo, determinou profeticamente que seus ossos fossem sepultados na terra de Israel (Gn 50.25; Js 24.32). □

**O EMBALSAMAMENTO** □ A regra básica determinava que os mortos fossem enterrados no menor espaço de tempo possível (Dt 21.22,23). Contudo, houve exceções, como no caso de Jacó e José (Gn 50.2,26).

Como os israelitas entendiam que o corpo tinha de seguir o curso natural das coisas e voltar ao pó, não achavam necessário embalsamá-lo. Essa prática não foi muito comum entre eles; a grande maioria dos corpos que foram exumados não tinha sido embalsamada. A causa mais provável deve ser o fato de a lei de Moisés os proibir de tocar em cadáveres (Nm 5.1-4), embora não o evitassem totalmente.

No Egito, o período de luto para os membros da realeza era de setenta dias; os primeiros quarenta dias eram para o embalsamamento. Jacó, sendo o pai do Primeiro-Ministro, teve direito a essa honra (Gn 50.3). Primeiramente, eles abriam o cadáver e retiravam alguns dos órgãos, e os guardavam em vidros. Mas não tiravam o coração, que era deixado intato. Em seguida colocavam certos sais, substâncias químicas e especiarias dentro da cavidade abdominal, e em seguida envolviam o corpo em tiras de linho. □

**PANOS DE LINHO E ESPECIARIAS** □ Quando os israelitas preparavam um morto para o sepultamento, não tinham em mente a preservação dele. Mas desejavam que se decompusesse o mais lentamente possível. Envolviam-no em panos e colocavam junto grandes quantidades de perfumes e especiarias, para neutralizar os odores da decomposição. Além disso, ainda depositavam especiarias ao lado do corpo. Na antigüidade, era costume fazerem-se visitas periódicas ao túmulo, no primeiro ano após a morte. Talvez fosse por isso que colocavam tantos perfumes.

A qualidade desses perfumes variava muito de acordo com as posses da família. O tipo do féretro, da caixa ossuária, do túmulo, dos panos de linho, bem como o número de carpideiras e de músicos dependia muito das condições financeiras. As despesas com funeral são um problema que vem acompanhando o homem desde a antigüidade.

José de Arimatéia e Nicodemos, os homens que se encarregaram do sepultamento de Jesus, eram abastados e providenciaram um se-

pultamento caro para o Messias. Eles colocaram junto ao seu corpo cerca de 35 kg de mirra e aloés. Essa prática já vinha desde muito tempo. O rei Asa, por exemplo, ao ser sepultado, foi cercado de grande quantidade de perfumes e especiarias (2 Cr 16.14). □

**O CAIXÃO** □ Nos tempos antigos, não se empregavam caixões como os que conhecemos hoje. Eles utilizavam apenas caixas ossuárias, onde guardavam os ossos depois que o corpo se decompunha. Inicialmente, colocavam o cadáver sobre uma laje, deixando ao lado dele muitos perfumes para neutralizar o mau cheiro. Depois que se encerrava o processo de decomposição, eles recolhiam os ossos e os guardavam em caixas, que então eram colocadas em um túmulo ou caverna. Muitos desses túmulos continham cada um diversas caixas.

As caixas eram feitas de cerâmica, e mediam de 60 a 90 centímetros de comprimento, e cerca de 30 centímetros de largura e pouco mais de 30 cm de altura. Os arqueólogos descobriram centenas dessas urnas contendo os restos de judeus ou cristãos. Algumas delas talvez contivessem os ossos de alguns cristãos famosos, pois nelas estavam inscritos nomes conhecidos.

Essas urnas ossuárias, em geral, eram bastante elaboradas. Era costume fazerem entalhes com desenhos de flores nas laterais delas. Às vezes gravava-se o nome daquele cujos ossos estavam ali encerrados. E nem todas tinham o mesmo formato. Algumas tinham a forma de uma casinhola, outras de outros objetos. A maneira como é descrito na Bíblia o sepultamento de Cristo, dá a entender que no caso dele se seguiria o costume tradicional. Eles colocaram muitas especiarias em seu corpo, juntamente com os panos que o envolviam, e o depositaram sobre uma pedra, até que as mulheres pudessem retornar após o sábado para terminar a preparação.

No caso de Lázaro, que já estava sepultado havia quatro dias, sabia-se que seu corpo se encontrava em adiantado estado de putrefação, e seria normal que exalasse mau cheiro (Jo 11.39). □

**O FÉRETRO** □ Entre os israelitas era comum fazerem-se procissões para o sepultamento de um morto. Geralmente o corpo era transportado em uma espécie de andor, que em alguns casos não passava de algumas tábuas. O uso do féretro remonta ao tempo do rei Davi (2 Sm 3.31), e ainda era utilizado nos tempos de Jesus Cristo. Um dos milagres de Jesus foi justamente a ressurreição de um rapaz, que jazia num desses "andores". Jesus tocou no esquife, e milagrosamente o moço se sentou e se pôs a conversar (Lc 7.11-15).

Muitas vezes o féretro indicava a ocupação ou condição social daquele que ali estava. Se se tratasse de uma jovem noiva, haveria uma espécie de toldo sobre ele. Acredita-se que os ricos tinham féretros mais elaborados do que o de uma família pobre. □

**A PROCISSÃO** □ A procissão fúnebre não tinha nada de silenciosa, pois aquele povo, de modo geral, gostava de extravasar suas emoções, chorando alto, batendo no peito, e até rasgando as próprias vestes.

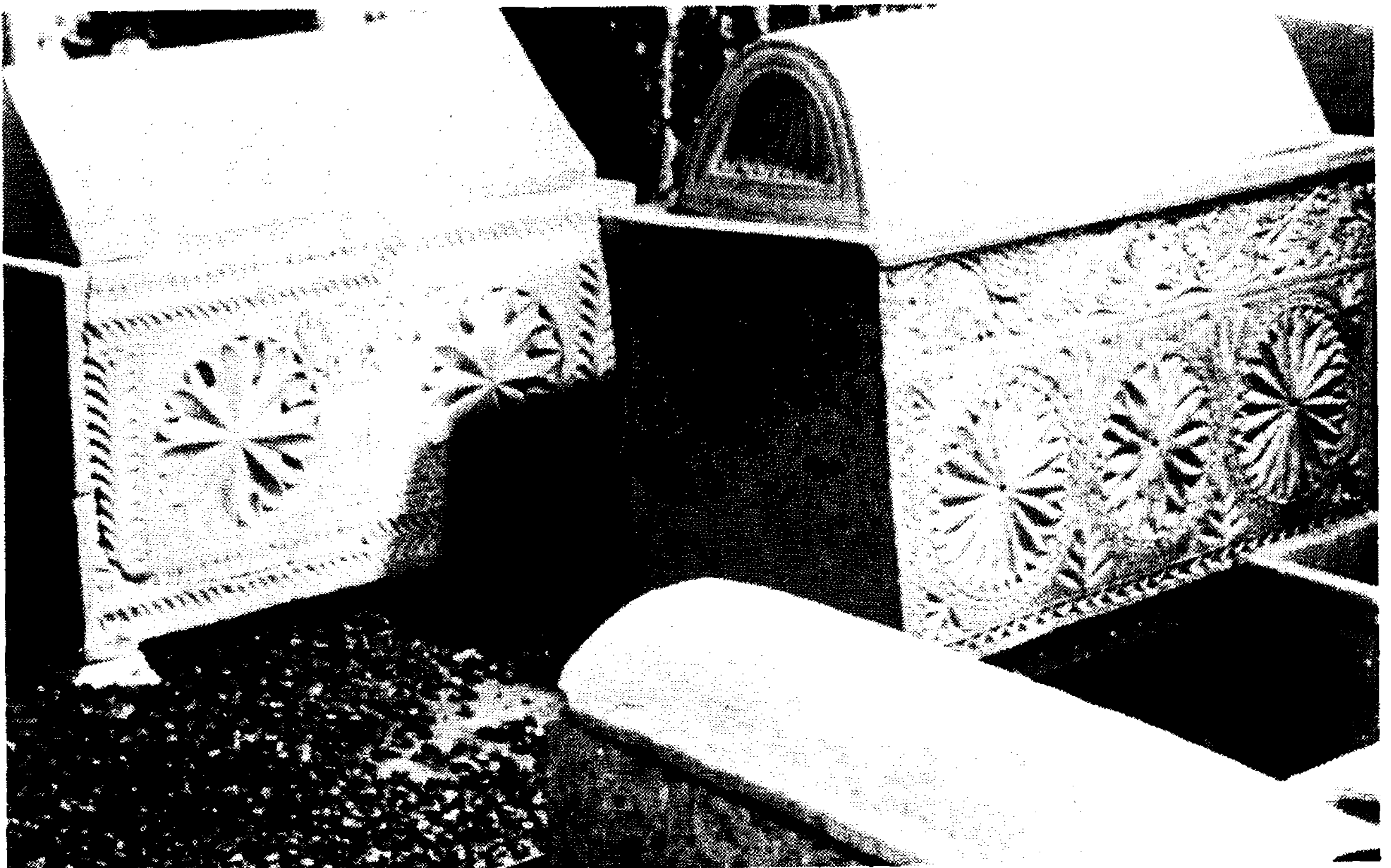
Numa procissão fúnebre bem numerosa não poderiam faltar três elementos bem importantes.

**Pranteadores.** Os israelitas não tinham o menor constrangimento em externar ruidosamente sua dor. Normalmente, reuniam-se amigos, parentes e até pranteadores profissionais, para fazer uma despedida chorosa do morto. No caso da ressurreição da filha de Jairo, os pranteadores que estavam na casa não gostaram muito do fato de Jesus tê-los mandado embora, provavelmente por temerem não receber o pagamento de seus serviços (Mt 9.24). Esses profissionais do pranto às vezes gritavam o nome de algum parente do morto, para dar um toque pessoal ao lamento, e aumentar ainda mais a tristeza. Até mesmo as famílias mais pobres tinham de contratar um pranteador, mesmo que fosse um só.

**Cantores.** Muitos dos salmos e outros hinos tradicionais se encaixavam bem em cerimônias fúnebres. Às vezes até se compunham hinos especiais para a ocasião, principalmente quando o morto era importante, como o rei Josias, por exemplo. Esses cânticos tinham por objetivo consolar os que sofriam. E alguns deles eram lembrados durante muitos anos e ainda continuavam sendo entoados (2 Cr 35.25).

O rei Davi foi um dos que compuseram hinos fúnebres por ocasião da morte de entes queridos. Ele não procurava reprimir o sentimento

Esses ossuários da época do Império Romano, encontrados em Jerusalém, eram semelhantes às caixas de cerâmica utilizadas para se guardar os restos mortais, e muitas vezes eram ornadas com desenhos artísticos. SAB





de tristeza que o dominava nesses momentos. Esses hinos foram coletados e provavelmente adicionados ao Livro dos Justos (2 Sm 1.18).

*Instrumentos musicais.* Entre outros, o instrumento musical mais comum na antigüidade, em muitas nações, e também para os israelitas, era a flauta. Quase sempre, os músicos vinham na retaguarda da procissão fúnebre.

Como nas leis bíblicas não havia dispositivos acerca dos funerais, alguns rabis tomaram a si a responsabilidade de regulamentar a questão. Fizeram regras determinando como as flautas deveriam ser tocadas e estabelecendo o número certo de pranteadores para o funeral. A lei bíblica limitava-se a dispor sobre as práticas observadas pelas nações gentias. Proibiam que os pranteadores se ferissem (Lv 19.28), ou rapassem as sobrancelhas e cílios (Dt 14.1).

Havia ainda outros costumes associados com funerais e luto dentre os quais o de se rasgar a roupa, para expressar a dor pela perda. Geralmente esse gesto, símbolo do desespero, não provocava um rasgo muito grande. Barclay afirma que existiam 39 leis regulamentando a maneira certa de uma pessoa enlutada rasgar a roupa.

Outra prática do enlutado era jogar cinzas sobre a cabeça, o rosto e as roupas. A cinza, principalmente se misturada à terra, simbolizava um profundo sentimento de humilhação diante de Deus e dos homens.

Outras atitudes associadas a demonstrações de tristeza, também muito aceitas entre eles, eram rapar a cabeça, jejuar e ficar meditando em total silêncio. □

**A CREMAÇÃO** □ Ao que parece, a Bíblia não toca muito na questão da cremação. Os casos em que corpos de mortos foram queimados a fogo parecem estar relacionados com atos de punição (Js 7.25).

Com relação a isso, existem dois fatos claros. Primeiro, nem os israelitas nem os cristãos primitivos costumavam praticar a cremação. Segundo, tempos depois, os mestres judeus passaram a condená-la. Contudo, como eles condenavam muita coisa, suas posições nesse sentido não acrescentam quase nada à nossa compreensão do assunto. □

**TÚMULOS** □ Os primeiros túmulos eram cavernas. Com o passar do tempo, foram-se criando sepulcros mais elaborados, e surgiram as criptas. Depois passou-se a escavar uma espécie de gaveta para se colocarem nela as caixas com ossos. Geralmente, num mesmo local havia espaço para se sepultarem cerca de doze ou mais pessoas de uma mesma família. No centro, ao chão, havia uma laje, onde se depositava o corpo, até que se decompusesse. O corpo de Jesus foi depositado sobre uma pedra assim, no interior do túmulo (Lc 23.55).

O túmulo onde Jesus foi sepultado fora aberto numa rocha (Mt

27.60). Esse tipo era muito comum; e havia preferência por rochas calcárias. Não se sabe ao certo se se tratava de um túmulo novo, ou de um que já existia, e que apenas fora modificado. Havia sepulturas que eram cavadas abaixo do nível do solo, às quais se chegava por meio de uma escadinha.

Costumava-se fechar a entrada do túmulo com uma grande pedra para proteger o cadáver de animais carniceiros (como cães, por exemplo), ou de ladrões. Essas pedras em geral eram redondas, sendo roladas para a boca do túmulo, onde se encaixavam em pequenas valetas para ficarem firmes. Quando a família do morto era rica, mandava fazer entalhes na pedra. Entalhavam-se figuras, ou palavras de conforto, ou o nome do falecido. Alguns gregos e romanos mandavam esculpir colunas de cada lado da entrada do túmulo. Algumas famílias judias também mandavam fazer inscrições nas sepulturas; um exemplo disso foi o que o rei Josias viu em Betel (2 Rs 23.17). E ele quis saber o significado daquilo, pois o túmulo tinha uma aparência diferente.

Em certas circunstâncias, se um judeu tocasse num sepulcro era considerado impuro. Pode ser por isso que eles costumavam caiá-los (Mt 23.27), para que pudessem identificá-los prontamente e não tocar neles por engano.

A narrativa da morte de Lázaro, em João 11, constitui uma excelente descrição de um funeral no primeiro século.

Nos tempos do Novo Testamento, os túmulos eram cavados em rochas, e tapava-se a entrada com uma pedra de formato circular que era encaixada em um sulco no chão.

RI



# PRECONCEITOS E CONFLITOS SOCIAIS

---



**Q**uando Jesus viveu em Israel, viu muita intolerância à sua volta, e ele próprio foi vítima de difamações. Nos tempos bíblicos, muitos judeus, ao ouvirem a palavra "gentio", experimentavam uma sensação de repulsa. O termo "samaritano", da mesma forma, mexia com os nervos deles. Assim também quando Caifás ouviu o nome de Jesus é bem provável que seu coração tenha-se acelerado com o excesso de adrenalina liberado pelo ódio.

É importante tentar entender os preconceitos que aquela gente abrigava, e que os afetavam tanto. Os preconceitos determinam que sentimentos um indivíduo abrigará em certas situações, que impulsos terá, bem como seu comportamento se tiver livre curso de ação. É claro que não temos condições de conhecer profundamente os sentimentos do povo daquela época, mas podemos procurar saber que pensamentos passavam por sua cabeça.

O profeta Jonas é um excelente exemplo de pessoa que agiu com intolerância. Chamado por Deus para pregar em Ninive, para que os moradores da cidade se arrependessem, ele se recusou, pois não queria ver Deus estendendo sua graça àqueles que eram inimigos do seu povo (Jn 4.1-3). □

**O SENTIMENTO DE EXCLUSIVIDADE** □ Muitos israelitas achavam que não apenas eram o povo escolhido de Deus, mas seu único povo. Naturalmente isso gerava neles sentimentos de superioridade e um indevido orgulho, em vez de humildade e gratidão. Por causa dessa atitude, muitos deles se tornaram insuportáveis. É verdade que nem todos agiam assim. Alguns compreendiam que Deus operava também entre outras nações e derramava suas bênçãos sobre outros povos. Recordavam-se de que ele prometera abençoar todas as nações por intermédio de Abraão (Gn 12.2,3). Vemos, então, que essa questão de a busca da santidade acabar resultando em orgulho espiritual em vez de humildade, é um problema antigo.

**RACISMO.** □ Estranhamente a Bíblia fala bem pouco acerca da cor da pele e de diferenças raciais. E quase não faz menção de preconceitos gerados por essas distinções. Existem muito poucas referências a esse assunto. Portanto não temos condições de saber qual era a cor da pele dos israelitas, se era mais clara ou mais escura. De modo geral supõe-se que fosse de tom médio.

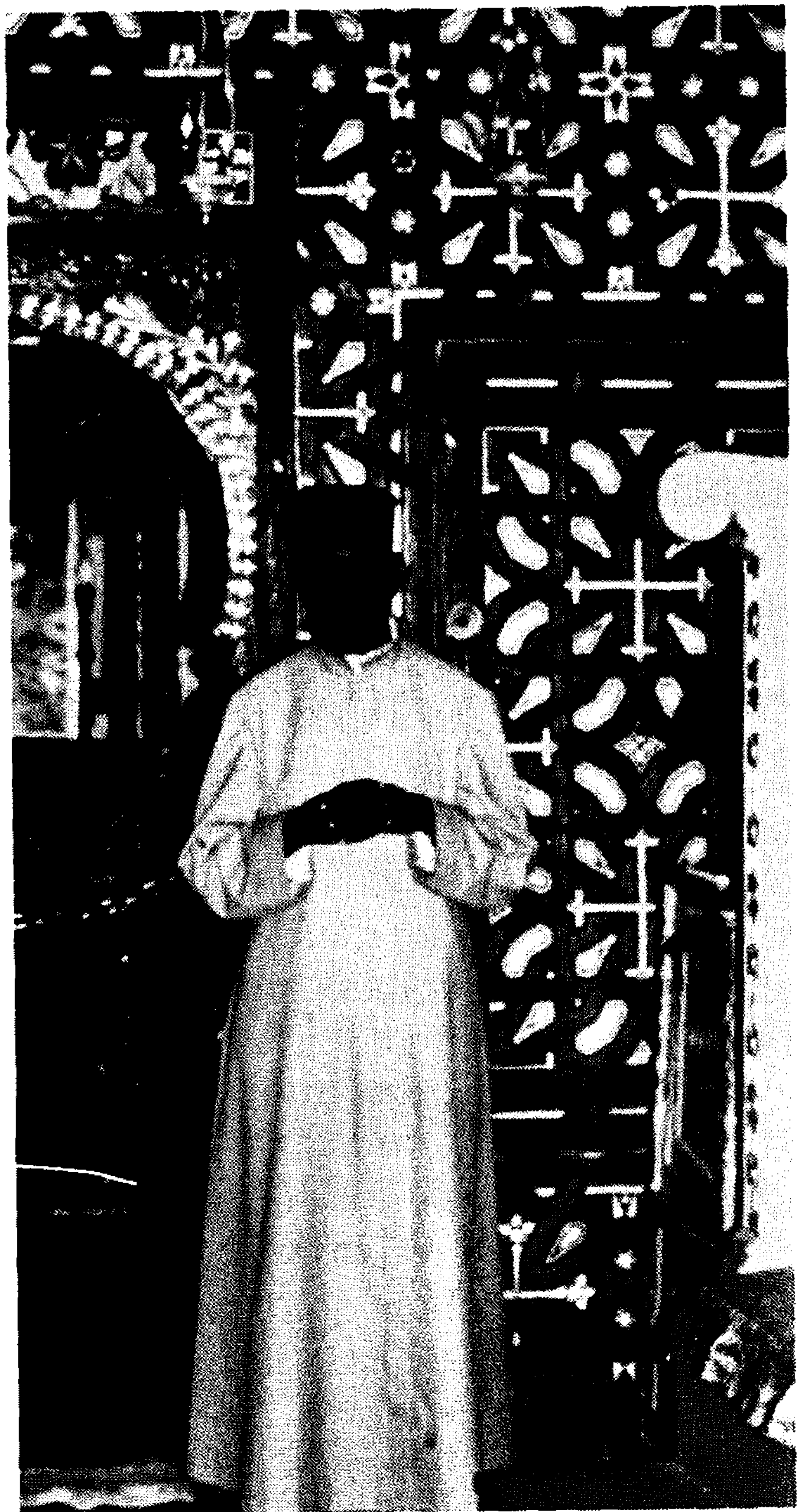
São mencionadas na Bíblia algumas pessoas que, ao que parece, teriam a pele escura, mas na maioria dos casos seria difícil comprovar isso (por exemplo, Ct 1.5,6). Uma das mais óbvias referências à cor da pele é a citação de um crente de Antioquia (At 13.1). Simeão é chamado de Niger, que em latim significa "negro". É possível que ele fosse da África. O eunuco etíope possivelmente era de Cuxe, uma região do norte da África, mas isso não significa necessariamente que fosse negro (At 8.26ss).

Embora possivelmente existissem casos de preconceitos contra determinadas pessoas por causa de sua raça, nenhum é explicitado na Bíblia. Também não há menção de nenhuma circunstância em que um indivíduo fosse segregado por causa de sua cor. □

## PRECONCEITOS RELIGIOSOS

□ Quando o povo de Israel invadiu a terra de Canaã, Deus lhes deu instruções específicas no sentido de que eliminassem os habitantes daquela região, devido às terríveis práticas religiosas desses povos (Js 8.24-27; 10.28; 23.6-13). E durante esse período, o conceito de guerra esteve profundamente

O eunuco etíope (At 8.26) provavelmente era de Cuxe, no norte da África, e pode ter sido um homem de cor escura, ou não. Este monge é membro de um mosteiro etíope que há na Cidade Velha, em Jerusalém. TW



ligado ao de religião. Para que os israelitas sobrevivessem como nação, tinham que exterminar os gentios, senão estes os destruiriam.

Isso deu certo enquanto os israelitas conseguiram manter-se razoavelmente isolados. Entretanto, mais tarde começaram a ter com outros povos contatos que foram-se prolongando. Depois sofreram ainda invasões de impérios expansionistas. Nessas circunstâncias tornou-se quase impossível manterem intacta sua pureza religiosa. Além disso, durante os exílios mais prolongados eles receberam influências de outras religiões. Muitos dos que tinham sido levados para a Assíria e Babilônia, casaram-se com pessoas do lugar e por lá ficaram, passando a adotar as crenças do país. E da mesma forma, muitos dos que tinham sido deixados na terra se casaram com indivíduos que tinham sido levados para lá (os filhos desses mais tarde iriam ser os samaritanos). Assim, quando Esdras e Neemias retornaram à terra de Canaã (459 A. C.) as questões da pureza pessoal e religiosa eram pontos delicados. Esdras, por exemplo, rasgou sua túnica desesperado ao constatar o grande número de casamentos mistos que haviam ocorrido (Ed 9.1-3). Essa forte aversão a casamentos mistos ainda iria durar muitos séculos e criar muitas dificuldades e até derramamento de sangue. Até hoje essa questão ainda perturba alguns deles.

É importante que analisemos esses seus arraigados sentimentos para podermos entender os ressentimentos surgidos posteriormente. Por causa deles, os judeus nunca aceitaram plenamente alguns grupos humanos como os samaritanos e os demais povos em geral. Jesus e os apóstolos tentaram lutar contra esse tipo de repulsa. Entretanto, muitos judeus e mesmo cristãos primitivos estavam fortemente dominados por esses sentimentos de raça, e tinham grande dificuldade em superar os preconceitos. □

**PRECONCEITOS RACIAIS** □ *Os samaritanos.* Os judeus tinham conseguido manter um alto grau de pureza racial, mas conviviam com uma mistura cosmopolita. Jesus veio ao mundo nesse contexto, onde os judeus se mostravam intolerantes em relação a essa mistura de raças. Por causa disso, quando ele iniciou seu ministério, estava sempre às voltas com terríveis preconceitos, e então procurou atacá-los sistematicamente em palavras ou atos.

Dentro das próprias fronteiras da nação israelita havia um conflito dos mais sérios. Ao norte da Judéia habitavam os detestados samaritanos. Havia já muitos séculos que os judeus abrigavam preconceitos contra eles. Acreditava-se que os samaritanos eram descendentes dos povos que tinham sido levados para Israel pelo rei da Assíria. Esses povos haviam-se casado com israelitas e colocado ídolos nos santuários do povo de Israel (2 Rs 17.24-29). Mais tarde esses samaritanos opuseram resistência a Esdras, quando este quis reconstruir a nação (Ed 4).

Na época em que Jesus deu início ao seu ministério, o relacionamento entre eles e os judeus era de franca hostilidade. Os judeus que passavam por Samaria, em viagem, eram freqüentemente agredidos. Cerca de cem anos antes de Cristo nascer, os judeus tinham invadido Samaria e destruído um templo deles no monte Gerizim. Em represália, um grupo de samaritanos foi a Jerusalém durante a noite e espalhou ossos humanos no pórtico do templo. E pouco depois da ascensão de Cristo ocorreu outro fato. Um judeu que viajava por Samaria foi morto, e em retaliação os judeus fizeram diversas investidas a povoados samaritanos.

É importante entender os fortes sentimentos que dominavam aqueles que chamaram Jesus de "samaritano", dizendo que ele estava endemoninhado (Jo 8.48). Estavam-lhe impingindo o insulto mais ofensivo que conheciam.

Os discípulos de Jesus, no início, também estavam dispostos a perpetuar esses velhos preconceitos. Certa ocasião em que sofreram hostilidade por parte de alguns samaritanos, a solução que propuseram foi que Deus mandasse fogo dos céus sobre eles (Lc 9.52-54). Mas a atitude de Jesus era bem diferente; ele colocou em risco sua reputação de judeu íntegro, associando-se com samaritanos (Jo 4.7), e narrando uma parábola, na qual o "herói" era um samaritano, e os "bandidos", judeus (Lc 10.30-37).

Em seu ministério, Cristo atacou de frente a questão dos preconceitos. Com palavras e com atos, e mesmo buscando a companhia desses seres odiados, ele os focalizou sob um ângulo favorável, mesmo sabendo que essa sua atitude deixaria seus contemporâneos irritados.

*Grecos e romanos.* Ainda mais intensa era a aversão dos judeus para com os gentios de um modo geral. Normalmente, havia entre os dois lados um mútuo sentimento de desconfiança. A maioria dos gregos e romanos não gostava muito daquela naçãozinha, com uma excêntrica religião monoteísta, e cujo sistema de valores contrastava fortemente com as práticas pagãs. Contudo, alguns gentios justos, mais sensíveis, principalmente romanos que desejavam ver sua pátria retomar suas virtudes originais, sentiam-se atraídos pela moralidade do judaísmo.

Durante todos os séculos de ocupação militar, o ódio dos judeus pelos gregos e romanos foi só se intensificando. Não apenas haviam perdido sua liberdade como nação, mas também tinham sido insultados e criticados pela sua prática religiosa. Governadores romanos, como Antíoco IV (Epífanos) mandara matar muitos judeus, submetera outros à escravidão, roubara valores do templo e sacrificara porcos em seus altares. Outro exemplo de governante que ofendeu profundamente os judeus foi Pôncio Pilatos. Quando era procurador romano na Judéia, ele irritou os judeus hasteando bandeiras que traziam imagens estampadas nelas, o que constituía uma afronta para a maioria



Esta estátua romana encontra-se próximo a uma estrada de Cesaréia, e foi descoberta em escavações arqueológicas em 1954. Ela data do século II ou III de nossa era, e é feita de mármore branco, e pórfiro avermelhado. TW

para a nova fé uma indesejável bagagem emocional. Um dos primeiros problemas sérios verificados na igreja foi provocado por questões de nacionalidade e preconceito racial. Os judeus gregos se queixavam de que as suas viúvas não estavam recebendo as porções a que tinham direito nas distribuições diárias (At 6.1). A acusação deles visava aos judeus "verdadeiros".

E o problema nunca foi solucionado por completo durante o período neotestamentário. Frequentemente era levantada a questão se para se tornar cristão o gentio não tinha antes que se converter ao judaísmo (At 15; Gl 6.12-16). Era muito difícil para um judeu aceitar os gentios como sendo seus iguais. E para os gentios também não

dos judeus. Além disso, comprovadamente utilizou dinheiro do templo para mandar construir um aqueduto. Em consequência, houve uma insurreição de que participaram milhares de judeus. Em represália, Pilatos mandou matar muitos deles. Os termos "grego" e "romano" eram profundamente desagradáveis para um judeu.

Mas embora possa parecer estranho, essa animosidade não impedia que os fariseus tentassem converter os gentios à sua crença (Mt 23.15). Contudo esses atos de proselitismo acabaram também provocando tensões. Alguns judeus recusavam-se a considerar esses novos conversos como judeus verdadeiros, e a aceitar bem aqueles que se casavam com pessoas de seu povo (bem como aos filhos que nasciam dessa união).

Nos primeiros anos de vida da igreja cristã esse latente e muitas vezes externado desdém dos judeus pelos gentios também se fez presente nela. É que muitos dos cristãos haviam trazido

era fácil crer que os judeus estivessem no mesmo pé de igualdade que eles. Alguns comentaristas atuais argumentam que Paulo escreveu a carta aos romanos exatamente para corrigir o erro de alguns deles que pensavam que, como os judeus haviam rejeitado a Cristo, não tinham lugar no reino de Deus.

*Os galileus.* Jesus foi criado na Galiléia, uma região onde o povo se caracterizava por um exuberante espírito de independência. Eles eram bastante diferentes de seus "primos" do sul, da gente da Judéia. A interpretação que davam à lei judaica e sua prática de vida em relação à lei se não eram em essência apóstatas, não estavam longe de o ser.

Foi da Galiléia que brotaram os mais fortes movimentos de resistência à ocupação romana, e Pilatos chegou mesmo a matar alguns deles, no momento em que adoravam no templo (Lc 13.1). O grupo dos zelotes foi fundado por um galileu, Judas, que por várias vezes se rebelou contra a presença estrangeira em seu país (At 5.37). Eventualmente, ele foi morto e seus seguidores se dispersaram. Pilatos teve diversos confrontos com esses movimentos rebeldes.

Quando Jesus selecionou os doze apóstolos, escolheu um zelote (Simão), que permaneceu fiel a ele, mesmo após sua ressurreição (Lc 6.15; At 1.13).

Não eram apenas os romanos que tinham aversão pelos galileus. Os judeus de Jerusalém também os achavam extremamente repulsivos. Os galileus eram pessoas de vontade forte, que estavam decididos a cultuar a Deus segundo sua própria interpretação das Escrituras. Talvez seja essa a explicação para a aversão imediata dos fariseus para com Cristo. Os galileus estavam sempre em confronto com esse grupo que atuava como uma espécie de polícia religiosa, com respeito a uma melhor observância da lei, em todos os seus detalhes. Eles contendiam pela maneira de se usar o azeite de oliva, pelos hábitos alimentares, pelo modo de celebrar as festas sagradas. Alguns galileus achavam que já haviam nascido com o direito adquirido de odiar os fariseus.

E a repulsa dos judeus por eles não se limitava apenas às suas práticas, mas também aos seus hábitos pessoais. De modo geral, eles consideravam os galileus ignorantes, incultos, grosseiros e rústicos. Depois que alguém se torna alvo de um preconceito, parece que não se vê nele mais nada digno de apreciação. Esses sentimentos eram ainda mais intensificados pela diferença de sotaques (Mc 14.70; Mt 26.73). É provável que Jesus falasse aramaico com o sotaque dos galileus.

É importante que nos lembremos dessas diferenças quando pensamos em Cristo e seus discípulos. Parte do antagonismo que enfrentaram tinha como base o fato de que eram originários daquela região, e não de divergências religiosas e nem de outras questões de ordem prática. Tanto Jesus como Pedro e Tiago foram vítimas dos preconceitos de que eram alvos os galileus.



Em seus primeiros anos de existência, o cristianismo esteve tão associado à Galiléia que às vezes era identificado como uma seita de lá. O imperador Juliano determinou que Cristo fosse chamado de "o Deus galileu". E, na verdade, o anjo que conversou com os discípulos de Jesus por ocasião da ascensão dele chamou-os de "varões galileus" (At 1.11). □

**NAZARÉ** □ Quando Filipe disse a Natanael que Jesus era de Nazaré, ele zombou, questionando o fato de que dessa cidade pudesse sair alguma coisa boa (Jo 1.46). Não se deve supor, porém, que, ao expressar essa opinião, ele estivesse externando um preconceito geral contra as pessoas do lugar. O mais provável é que estivesse refletindo um certo desprezo para com indivíduos provenientes de cidades pequenas. Ele nunca pensaria que um ser da magnitude do Messias pudesse vir de um povoado remoto, que não era nenhum centro filosófico ou teológico. □

**RICOS E POBRES** □ Como acontecia em outras culturas, havia entre os judeus um forte sentimento de rivalidade entre ricos e pobres. Geralmente os pobres tinham queixas amargas contra os ricos, mas ao mesmo tempo tratavam as pessoas mais prósperas com grande deferência. As duas atitudes revelam um senso de desigualdade. A riqueza era símbolo de *status* social, e em algumas comunidades os ricos detinham posições privilegiadas com base apenas nesse fator. O cristianismo veio atacar essas atitudes, procurando corrigir tais distorções.

Jesus mesmo, em muitas ocasiões, criticou o fato de alguns dispensarem atenções especiais aos ricos. Afirmava que o dinheiro não era necessariamente um valor positivo, podendo até se tornar uma maldição. Portanto, não precisamos invejar os ricos, pois são muito poucos entre eles os que se dispõem a fazer os sacrifícios necessários para entrar no reino de Deus (Mt 19.23). E, na realidade, aqueles que seguem a Cristo devem estar dispostos a vender tudo que têm (Mt 19.21).

Ao que parece, Jesus não via as riquezas como sinal das bênçãos de Deus. Pelo contrário, sua atitude para com as riquezas era a de um cético. Para começar, ele aborda a questão sempre em termos de advertência e de dúvida, nunca de apreciação.

Apesar de Jesus não se deixar impressionar por riquezas, vários de seus seguidores eram pessoas de posses. Ao que parece, Nicodemos e José de Arimatéia eram homens ricos, e tem-se a impressão de que as mulheres que contribuía para seu ministério gozavam de uma melhor situação financeira do que muitas outras. Outro que parece ter acumulado uma grande fortuna foi Zaqueu. É possível que alguns desses ricos se sentissem atraídos por Jesus porque ele lhes

proporcionava alívio desse fardo que é ter dinheiro. Dispunha-se a tratar com eles sem levar em conta nenhum tipo de preconceito a favor ou contra a posse de riquezas.

O apóstolo Tiago faz em sua carta uma advertência clara contra o favorecimento dos ricos (Tg 2.1-7). Esse seu ensino tem por base sua opinião de que os ricos exploram os pobres, tornando ainda pior sua condição de vida. □

**FILHOS ILEGÍTIMOS** □ Durante toda a história do povo de Israel, os filhos ilegítimos receberam tratamento frio e até hostil. O termo "bastardo", que aparece algumas vezes na Bíblia, pode referir-se a uma criança cujos pais não são casados, ou que era fruto de uma união com estrangeiros. Pela lei de Moisés era proibido que um "bastardo", nas duas acepções da palavra, entrasse na assembléia do Senhor (Dt 23.2). Entretanto, alguns intérpretes acreditam que a intenção original era excluir dela os filhos gerados de relações fortuitas com as prostitutas filistéias. Mas qualquer que fosse a razão, o certo é que existiam fortes demonstrações de intolerância contra essas infelizes crianças.

Mais tarde os rabis criaram normas para regular a vida dessas pessoas. Dentre outras, havia uma lei que as proibia de se casar a não ser que o fizessem com judeus prosélitos, escravos emancipados ou judeus que tivessem sérias deformações. Um bastardo não podia ter cargos importantes, a não ser em condições muito restritas. E havia até quem achasse que eles não teriam participação na redenção.

Foi por causa desses preconceitos que o termo "bastardo" assumiu uma conotação tão negativa, a ponto de deixar profundas marcas em indivíduos, marcas que duravam toda a vida. A palavra era tão depreciativa, que se alguém chamasse outrem por esse nome, sem que ele o fosse, poderia ser submetido ao castigo das trinta e nove chicotadas. □

**A POSIÇÃO DA MULHER** □ Numa sociedade patriarcal como aquela, era muito fácil fazer discriminação contra as mulheres. Assim, elas eram sempre relegadas a uma posição de inferioridade, onde alguns homens faziam questão de mantê-las.

Já abordamos essa questão no capítulo sete. Esse tipo de atitude existiu durante toda a história de Israel. De modo geral, as mulheres não eram incentivadas a estudar nem ter carreira profissional, nem entrar no mundo dos negócios. Contudo, algumas conseguiram penetrar nesse universo masculino, e alcançar sucesso nele. □

**TIPOS DE TRABALHO** □ Muitas vezes um indivíduo era inferiorizado simplesmente por causa do tipo de trabalho que exercia. Entretanto os graus em que cada atividade era desprezada varia-

vam muito de uma para outra com o passar dos tempos.

Talvez não nos espantássemos muito com o fato de algumas destas profissões serem depreciadas. Eram considerados párias, por exemplo, os coletores de esterco animal, os curtidores, agiotas, e os que conduziam gado. Os coletores de impostos também eram desprezados; e algumas vezes os açougueiros eram situados na periferia da sociedade, a um passo da marginalização. Outros profissionais arrolados nesse grupo são amestradores de pombos, pastores de gado, tecelões e ourives, segundo um estudo feito por Joachim Jeremias. Há uma outra lista de profissões desprezíveis que inclui também os médicos. □

**PROSÉLITOS JUDEUS** □ Quando um gentio se convertia ao judaísmo, nem sempre a transformação era total. E muitos judeus tinham sérias dúvidas com relação a esses proséritos, e por isso lhe faziam pesadas imposições de natureza religiosa, das quais o novo converso nem suspeitava. Quando Cristo acusou os fariseus de colocarem pesados fardos sobre as pessoas, não estava absolutamente exagerando em nada (Mt 23.4,15).

A liderança dos judeus às vezes rejeitava alguns desses proséritos por causa de suas origens ou dos meios utilizados para sua conversão. Eram considerados geneticamente maculados (Dt 23.2,3), e portanto desqualificados para exercer liderança religiosa. Alguns judeus consideravam todos os proséritos como bastardos. É que, erradamente, supunham que todas as mulheres gentias praticavam a prostituição, e portanto nenhum gentio podia saber com certeza quem era seu pai. Desse modo, eram vistos como filhos sem pai.

Em teoria, todos os convertidos tinham que ser recebidos na fé como se estivessem nascendo naquela hora. Mas na prática, muitas vezes, os judeus invocavam o passado deles quando queriam acusá-los de alguma coisa. Não queremos dizer com isso que estavam sempre colocando os convertidos em situações incômodas; não. Mas a verdade é que muitos proséritos não tinham conhecimento de todas as implicações relacionadas com o fato de se tornarem judeus, o que incluía ter que tolerar um forte sentimento antigentio, que existia em toda parte. □

**OS JUDEUS** □ Os israelitas não desconheciam os preconceitos. Tinham vasta experiência do que era intolerância racial tanto na posição de vítimas como de praticantes dela. Não se pode apontar uma razão definida para o ódio que muitos indivíduos e até nações têm votado aos judeus. Alguns os desprezam simplesmente por serem judeus, muitas vezes sem nunca terem tido contato com eles. Preconceito é assim; às vezes não têm razão de ser. Outros usaram os judeus como bodes expiatórios para tudo de mal que lhes sucedia, como foi o caso dos nazistas, já em nosso século.

Existem duas facetas dos judeus que sempre provocaram antagonismo, como aconteceu nos dias de Cristo. A primeira é que eles rejeitam duramente o paganismo e as sociedades que o praticam. Daniel foi um ótimo exemplo de um judeu que sofreu perseguição por não querer fazer concessões. A segunda é que, por serem diferentes, eram incompreendidos e desprezados. Como as pessoas não entendem como eles são, passam a odiá-los.

Hamã tipifica bem o homem que tem esse ódio irracional contra os israelitas (Et 3-5). Ele desejou exterminar todos eles, simplesmente porque um judeu não quis inclinar-se diante dele. □

**OS CRISTÃOS** □ O cristianismo já nasceu em meio a ódio e preconceitos. Jesus foi perseguido e morto com base na lei, como acontecera a João Batista antes. Ambos foram desprezados, porque tudo que faziam e ensinavam achava-se em oposição ao sistema judaico.

O apóstolo Paulo conheceu as duas faces do preconceito. Primeiro, ele deu caça aos cristãos por causa da fé deles (At 8.1-3). Mais tarde, ele próprio tornou-se o alvo principal de alguns líderes judeus, por ter abraçado a nova fé.

Diz a tradição que muitos dos primeiros líderes da igreja foram mortos devido à sua crença. Acredita-se que Estêvão, Tiago, Pedro e Paulo sofreram a morte por causa da fé cristã, e pelo mesmo motivo João foi exilado para a ilha de Patmos. É possível que ele tenha sido o único dos doze apóstolos que teve morte natural.

No princípio, o cristianismo era visto apenas como um ramo do judaísmo. Mas, pelo fato de haver crescido muito e por causa de suas peculiaridades, tornou-se alvo de ódio. A vulnerabilidade dos cristãos tinha as mesmas causas que a dos judeus: sua rejeição do paganismo, e as idéias distorcidas que existiam a respeito deles. Naquela época, um dos rumores que circulavam a respeito deles é que comiam carne e bebiam sangue por ocasião da ceia.

Os romanos logo tomaram a determinação de exterminar a igreja cristã, e com isso desencadearam perseguições que ficaram na História. Durante cinquenta anos a igreja foi severamente atacada, nos reinados de Nero, dos Flavianos, de Trajano e Diocleciano, com a perda de muitas vidas.

# CRIMES E CASTIGOS

---



**A** lei e a ordem, no melhor sentido desses termos, tinham grande importância para o povo de Israel. Para que a maioria da população pudesse viver em paz, era preciso que a minoria criminosa fosse mantida sob controle. Se não existissem leis justas, toda a nação se veria envolvida em caos e violência.

Mas o fato é que nem todas as leis eram observadas. Existem casos históricos em que seria necessário aplicar algumas delas, e isso não se deu. Entretanto, na maioria dos casos, fazia-se uma aplicação justa dos dispositivos da lei, e, de modo geral, o país operava bem, dentro do seu sistema jurídico.

As leis do código civil de Israel eram consideradas mandamentos de Deus, pois foram instituídas por ocasião da sua aliança com o Senhor. E se alguém transgredia um desses mandamentos, seu ato era considerado pecado contra Deus e contra a comunidade. Essa violação constituía uma ameaça à existência da nação. Por isso sempre havia fortes pressões no sentido de que o erro fosse reparado e o culpado punido.

Os castigos prescritos pela lei de Deus, hoje, pareceriam desnecessariamente rigorosos. Mas só se aplicava punição física nos casos em que havia danos físicos à vítima. A pena de morte era empregada nos casos de traição a Deus, o Rei do povo. Mas, em outras situações, e sempre que possível, o criminoso poderia continuar vivendo em sua comunidade, trabalhando para sustentar a família e obter o necessário para indenizar a vítima pelos danos sofridos, recebendo outras sanções punitivas, que não a morte.

No decorrer dos séculos, as leis que regiam a nação israelita foram-se modificando, à medida que novas cláusulas eram acrescentadas, e as velhas ganhavam outras interpretações. Houve também casos de leis novas que surgiram a partir de textos que nunca tinham sido considerados jurídicos. E nos períodos de transição, quando a sociedade estava passando de rural para urbana, os rabis, no intuito de preservar a relevância da lei, acrescentaram a elas grandes cláusulas, pro-

curando ampliá-la e torná-la mais clara. Jesus Cristo preferiu ignorar muitos desses dispositivos que haviam sido incorporados à lei. □

## AS CIDADES DE REFÚGIO

□ Nos primórdios da existência de Israel, se uma pessoa matasse alguém acidentalmente, sua vida correria perigo. É que se um parente do morto encontrasse aquele que havia provocado o acidente, por causa de um costume da nação, era obrigado a matá-lo. A aplicação da pena "olho por olho, dente por dente" era da responsabilidade da família ou da tribo do falecido. E isso poderia ocasionar brigas sangrentas intermináveis.

Para evitar isso, foram criadas seis cidades de refúgio. O criminoso que entrasse numa dessas cidades, não poderia ser tocado pelos parentes da vítima. Mas se estes o surpreendessem fora dos limites dela, aí então poderiam matá-lo. Mas houve também o cuidado de se construírem boas estradas de acesso a esses locais, que aliás estavam situados em pontos estratégicos, nas diversas regiões do país. Entretanto, antes que o matador fugisse para lá, tinha que ser submetido a julgamento para se determinar se a morte fora mesmo acidental. Em caso contrário, o criminoso não teria direito a proteção (Nm 35.24). Se a congregação dos anciãos concluísse que a morte fora acidental, ele tinha que procurar refugiar-se numa daquelas cidades. Uma vez ali dentro, tinha que permanecer nela. Se um parente da vítima o apanhasse fora dela, poderia matá-lo sem sofrer qualquer punição. Contudo esse perigo só existia até a morte do sumo sacerdote. Depois que ele morresse, o acusado poderia sair da cidade sem medo de sofrer retaliações. E se o vingador o matasse, seria culpado de homicídio. O texto não explica com clareza a que sumo sacerdote a lei se refere (Nm 35.28; Js 20.6), mas é provável que o sumo sacerdote em questão seja o que estava no cargo quando o crime foi cometido.

As seis cidades de refúgio citadas em Deuteronômio 4.41-43 e Josué 20.7,8 são: Quedes, Siquém, Hebrom, Golã, Ramote e Bezer, sendo



Aqui temos o mercado da atual cidade de Hebrom, situada nas montanhas de Judá, cerca de 36 quilômetros ao sul de Jerusalém, e que tem uma população de 40.000 habitantes. A Hebrom da antigüidade era uma das seis "cidades de refúgio", mencionadas em Números 35, onde poderia abrigar-se um homicida que não matara intencionalmente, e onde estaria a salvo até que fosse julgado. TW

três de cada lado do Jordão. Não sabemos de casos em que essas cidades tenham de fato sido utilizadas como locais de refúgio.

Não era só em Israel que havia esse tipo de proteção aos fugitivos. Contudo, ali essa segurança destinava-se apenas aos casos de homicídio accidental. □

**JUÍZES E TRIBUNAIS** □ Nos longos anos de história do povo de Israel, o seu sistema judiciário passou por uma série de modificações profundas. No início, as mais primitivas formas de punição aplicadas aos criminosos nada mais eram que atos de vingança praticados por indivíduos isolados. Mas, aos poucos, isso foi dando lugar à atuação dos líderes e anciãos do povo, que exerciam uma função semelhante à de um juiz.

Moisés teve algumas dificuldades para chegar a uma prática equilibrada. No princípio, ele tentou cuidar de todos os julgamentos de todas as causas, com o que ele tinha de se ocupar o dia todo. Mas Jetro, o seu sogro, aconselhou-o a dividir o povo em grupos, e indicar juízes para cada grupo, para julgar suas causas, trazendo aos líderes apenas as mais difíceis (Êx 18.13-26). Esse sistema funcionou bem, e, com o passar do tempo, foi-se alterando até culminar com os anciãos fazendo julgamentos em tribunais ao ar-livre, em lugares públicos, como os portões da cidade (Dt 25.7). Débora, uma das grandes juízas de Israel, atendia o povo debaixo de uma palmeira que ficou conhecida como "palmeira de Débora" (Jz 4.5).

Davi e Salomão, durante seus reinados, constituíam a suprema autoridade judiciária, mas ainda assim indicaram cerca de seis mil juízes para cuidar da maioria das causas (1 Cr 23.4). O rei Josafá ampliou esse sistema, incluindo nele também levitas, sacerdotes e chefes das famílias (2 Cr 19.8). Após a queda da monarquia, abriu-se uma grande lacuna no sistema judicial da nação, e, após o exílio, o rei Artaxerxes instruiu a Esdras para que nomeasse juízes encarregados de ministrar a lei (Ed 7.25).

Na época do Novo Testamento, havia o sinédrio, que provavelmente era um aprimoramento do sistema de 70 anciãos, criado por Moisés. Era constituído também de 70 homens, que se reuniam nas dependências do templo, no salão das pedras polidas. Eles se reuniam ali regularmente às segundas e quintas-feiras, e, para tomarem qualquer deliberação, era necessária a presença de 23 membros. Esse grupo de anciãos julgava nos tribunais religiosos de Jerusalém ou da Judéia, mas na mente deles seus poderes se estendiam aos judeus do mundo todo. Eles enviaram Paulo a outros lugares, extrapolando as fronteiras da região, para que prendesse os judeus cristãos, onde quer que os encontrasse (At 9.1,2). E tempos depois os judeus que se achavam em Roma esperavam da Judéia um pronunciamento sobre a inocência de Paulo (At 28.21).

Existiam outros tribunais para julgar causas menores. Nas cidades pequenas havia mini-sinédrios, constituídos de 23 juizes, bem como tribunais comuns, cujos poderes eram bastante limitados. O castigo mais severo que poderiam aplicar a um criminoso eram as 39 chicotadas.

Havia dois tipos de tribunais. O primeiro era o que julgava as causas cíveis, e praticamente qualquer pessoa poderia assumir a condição de juiz. Em segundo lugar, havia também os casos de crimes que só poderiam ser julgados por sacerdotes, levitas ou membros da família levítica. Além disso, cada juiz era auxiliado por um bom número de oficiais de justiça, que executavam as penas. Jesus nos aconselha a solucionarmos nossas pendências com algum adversário o mais prontamente possível, e não esperarmos até ser levados à barra dos tribunais, para que o oficial de justiça não nos lance na prisão (Mt 5.25).

Se uma pessoa tentasse forjar uma acusação contra alguém, não encontraria muitas facilidades. Se ficasse provado que o acusado era inocente, e que o acusador estava usando de falsidade, este receberia a pena que pretendia fosse aplicada ao primeiro (Dt 19.16-21). Esse regulamento servia para desincentivar excesso de litígios.

Como toda a lei tinha suas raízes na religião, o julgamento era muito associado às Escrituras e à interpretação tradicional que lhe era dada. Nos julgamentos comuns, havia muitas cerimônias com tomadas de depoimentos, e as testemunhas juravam por Deus, pelo céu, por Jerusalém, pelo templo, etc. Mas isso era feito de forma muito mecânica, e se achava tão desvestido de significado que Jesus condenou essa prática (Mt 5.33-37). Ele ensina que devemos dizer apenas "sim" ou "não", e não fazer juramentos inúteis. Provavelmente fazia referência aos fariseus, que tinham o hábito de distorcer os termos de juramentos, usando-os como desculpas para mentir (Mt 23.16-22).

Naquela época não existiam os advogados de defesa, no sentido atual da palavra. Quem tinha um papel semelhante ao dos advogados de hoje eram as testemunhas.

Os tribunais não eram supervisionados de perto, e por isso nem sempre se fazia justiça plena. Mas Paulo instrui os crentes a que respeitem os juizes, como autoridades estabelecidas por Deus, seja ele capaz e honesto ou não (Rm 13.1-7). □

**TIPOS DE CRIMES** □ *Crimes de natureza religiosa.* A prática que representava o maior perigo para a integridade da nação israelita era a adoração a ídolos e falsos deuses. Sua história está cheia de exemplos de desvio espiritual com horríveis conseqüências. Desde os primeiros dias de sua existência como povo, Deus condenou com veemência a idolatria (Êx 20.3-5). Entretanto, devido à fraqueza humana e ao fato de estarem cercados de nações idólatras, muitas vezes eles incorporavam práticas idólatras à sua adoração a Deus.



Alguns tipos de idolatria nada mais eram que devoção a imagens de escultura. Os objetos cultuados iam desde pedaços de madeira a ratos de ouro (1 Sm 6.4). É possível que alguns adorassem também a Baal-Zebude, o deus das moscas, e talvez tivessem uma enorme escultura de uma mosca (2 Rs 1.2). Alguns estudiosos acreditam que o nome Baal-Zebude era apenas um trocadilho para se ridicularizar Baal-Zebul.

Além desses objetos e das imagens de escultura, os idólatras adoravam também alguns elementos da natureza como o sol, a lua, os relâmpagos, animais.

A idolatria era considerada imoral não apenas porque negava a natureza de Deus, mas também porque muitas vezes promovia a prática da imoralidade. Alguns povos da terra de Canaã associavam atos sexuais a seus cultos (ver o capítulo 9), e outros realizavam sacrifícios de crianças (2 Rs 21.6).

Nos tempos do Novo Testamento, alguns cristãos eram provenientes de culturas pagãs (At 15.29; 17.23).

No Velho Testamento, as penas para quem fabricasse ou adorasse ídolos era bem severa. O infrator tinha de ser morto, e muitas vezes quem executava a pena eram seus familiares (Dt 13.6-9).

*Crimes de violência.* Havia determinadas leis que visavam à proteção do bem-estar físico dos seres humanos. E nesse aspecto a lei do povo de Israel era mais severa do que as de outras nações, pois aplicava sanções mais abrangentes.

Aquele que ferisse a outrem era certamente punido. Se durante uma discussão um dos litigantes agredisse o outro e o ferisse, teria de indenizá-lo pelas perdas sofridas, e pelas despesas médicas decorrentes do ferimento (Êx 21.18,19).

Os ferimentos acidentais também estavam previstos na lei. Se uma pessoa cavasse uma valeta e alguém caísse nela e se ferisse, o dono era responsabilizado por isso. Os proprietários tinham que construir uma cerca de proteção em torno do telhado de suas casas para evitar quedas (Dt 22.8). Se dois homens estivessem brigando, e isso provocasse um aborto, tinham que pagar uma indenização ao casal (Êx 21.22,23).

Também havia na lei dispositivos para a proteção de escravos. Se o proprietário de um escravo lhe causasse danos físicos, seria penalizado (Êx 21.26,27).

Se alguém agredisse ao próprio pai ou mãe também se achava sujeito à pena de morte (Êx 21.15). Outro crime que também era punido com a morte era o rapto, que se praticava com o intuito de vender a vítima para a escravidão. Se o criminoso fosse apanhado era condenado à morte (Êx 21.16).

As leis relacionadas com o crime de estupro e o julgamento dos culpados são bastante detalhados na Bíblia (Dt 22.23-30). Se o estu-

prador atacasse a vítima na cidade e ela não gritasse, tanto ele como ela seriam apedrejados. Quando um homem era considerado culpado desse crime, tinha que pagar 50 siclos de prata e se casar com a moça. E, obrigado a casar com ela, nunca poderia divorciar-se.

*Danos materiais.* Embora o povo de Israel desse muito valor aos bens e propriedades, procuravam ver essas coisas dentro de uma perspectiva correta. Eles não executavam aquele que roubasse um boi ou uma ovelha, como faziam outras sociedades. Além disso, seu sistema de punição por roubo tornava desnecessárias cadeias e prisões. É que a pena para quem roubasse uma ovelha era devolver quatro ovelhas, e quem roubasse um boi tinha que devolver cinco (Êx 22.1). Se ele não tivesse como fazer restituição nesses termos, teria que ser vendido como escravo até que pagasse todo o débito (Êx 22.2,3).

Contudo, pela lei, um ladrão só poderia ser morto em determinada circunstância. Se ele fosse surpreendido assaltando uma casa em plena luz do dia, por exemplo, não poderia ser morto pelo dono dela. Mas, se isso acontecesse à noite, então o dono poderia matá-lo sem sofrer sanção alguma (Êx 22.2,3). Para ser liberto, o assaltante tinha que pagar ao dono o valor do objeto roubado e mais 20% sobre o valor dele (Nm 5.7). Se uma pessoa incendiasse as plantações de um vizinho, teria que repor o valor do que fora queimado (Êx 22.6). Como a divisão das terras tinha sido orientada por Deus, as linhas demarcatórias eram sagradas. Se alguém, fraudulentamente, removesse os marcos, seria amaldiçoado pelo povo (Dt 27.17). E aqueles que praticassem pesos e medidas justas tinham a promessa divina de gozar uma longa vida (Dt 25.15); podemos deduzir que os que fossem desonestos nessa questão teriam a vida encurtada.

*Crimes de natureza ética.* As tentativas de mentir, enganar, bem como as práticas da avareza, da infidelidade conjugal e da perversão sexual eram consideradas em essência desonestidade contra Deus, contra os outros e até contra o próprio indivíduo.

No livro de Levítico há uma longa lista de relações sexuais que eram estritamente proibidas (18.1-29). São citadas ali e condenadas as relações sexuais extraconjugais e as uniões com animais. Se uma pessoa transgredisse essas leis teria que ser eliminada do meio do povo.

A Bíblia condena todas as formas de mentira; não apenas a mentira verbal, mas também a fraude e o engano. □

**FORMAS DE PUNIÇÃO** □ Pela lei do povo de Israel, existiam diversas formas de punição. A frequência com que se aplicavam essas penalidades variava muito, de acordo com a época e a situação. As mais importantes eram as seguintes.

*Olho por olho.* Chamada a “lei de Talião”, essa penalidade constava também de outras legislações da antigüidade tais como a da Babilônia e da Assíria. O objetivo dela era evitar que uma pessoa ma-

tasse outra que lhe houvesse causado a perda da mão, por exemplo (Lv 24.19,20; Dt 19.21). A Bíblia define os limites em que se podia fazer a retaliação: olho por olho, dente por dente, mão por mão, etc. (Êx 21.23-25). Nunca poderia ultrapassar a lesão original. Crêem alguns que mais tarde essa lei ficou restrita a veredictos de tribunais; mas o fato é que inicialmente regulamentava a prática de vinganças pessoais.

Cristo, ao interpretar essa lei, proibiu a retaliação pessoal (Mt 5.38,39). Num certo sentido, Moisés (Lv 19.18) e Salomão (Pv 24.29) condenaram a vingança pessoal quando ofensores fossem irmãos de raça. Jesus ensinou que não deveríamos pensar em pagar o mal com o mal. A aplicação de penas deve ficar restrita aos juizes e tribunais. O Novo Testamento não defende a tese de se fazer justiça com as próprias mãos, nem a da justiça praticada por grupos de extermínio de criminosos.

*Castigo corporal.* O número máximo de chibatadas que um criminoso poderia receber era 40 (Dt 25.1-3). Mais tarde, temendo que se pudesse errar na contagem e ultrapassar esse número desobedecendo a Deus, ele foi reduzido para 39. Quando o crime não era muito grave, aplicava-se um número menor de chicotadas. Nos dias de Cristo, tanto o sinédrio como as congregações de anciãos de cada cidade praticavam esse tipo de punição (Mt 10.17). O apóstolo Paulo relata que recebeu as 39 chicotadas em cinco ocasiões (2 Co 11.24), e em cada uma delas poderia ter morrido. Normalmente o castigo era aplicado da seguinte maneira. A vítima era deitada de bruços no chão, com pés e mãos seguros, e então eram aplicadas as varadas. De modo geral, havia membros do tribunal presentes à execução para observar se tudo estava sendo feito do modo correto. Com o passar do tempo, a vara foi substituída por tiras de couro de bezerro.

*Multas e fianças.* Havia também penas que consistiam em pagamentos feitos diretamente à pessoa ferida ou lesada. Alguns dos crimes que poderiam ser punidos dessa forma eram roubo (Êx 22.1-4), morte causada por animal (Êx 21.29,30), e aborto causado por acidente (Êx 21.22).

*A pena capital.* A lei do povo de Israel admitia diversas formas de aplicação da pena de morte. Ela contém instruções para execuções por apedrejamento, fogo e espada.

*Apedrejamento.* Esse método, o mais aplicado, era prescrito para vários tipos de crime. Eram inúmeros os delitos que poderiam ser punidos com esse tipo de execução, dentre os quais adultério, sacrifício de crianças, blasfêmia, feitiçaria, quebra do sábado, traição e rejeição dos pais. O grupo que executava a pena devia ser constituído de vários indivíduos da comunidade, sendo que as testemunhas tinham que atirar a primeira pedra (Dt 17.7). Ao que parece, o apedrejamento de Estêvão foi mais um linchamento do que uma execução oficial (At

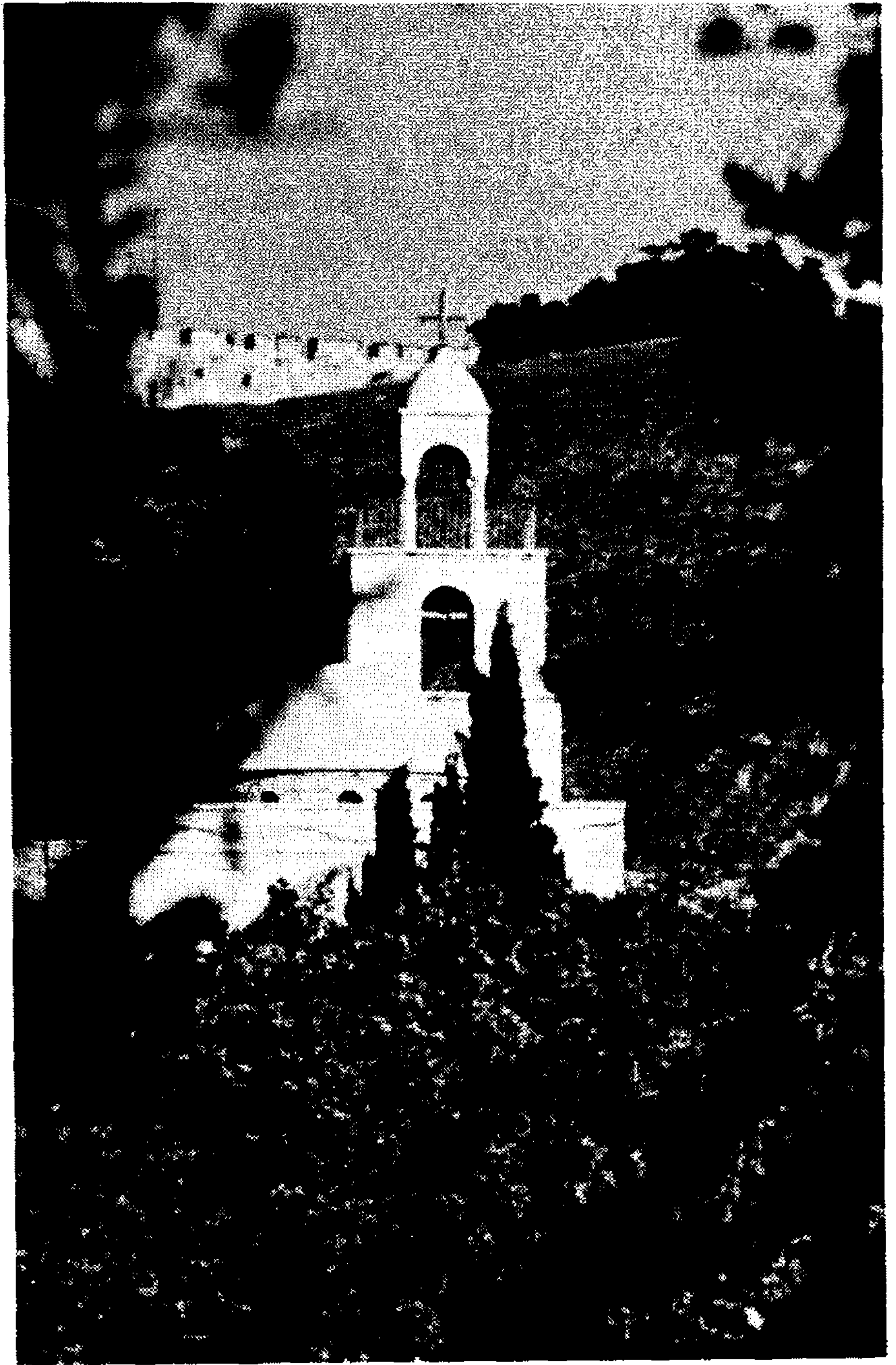
7.57,58). Contudo é possível que ele tenha sido executado de acordo com as prescrições legais (segundo F. F. Bruce, em *Acts, International Commentary of the New Testament* – Comentário Internacional do Novo Testamento, Atos). De qualquer modo, a morte por apedrejamento é muito cruel. O sinédrio tinha uma prática que, segundo eles, amenizava o sofrimento da vítima. Determinavam que ela fosse lançada do alto de um penhasco para ficar meio atordoada.

Certa vez, alguns sacerdotes e escribas tentaram apanhar Jesus num ardil, mas ele reverteu a situação fazendo-lhes uma pergunta difícil. Se eles não a respondessem com cuidado, poderiam até ser apedrejados, pois a multidão ficaria indignada com eles. Eles preferiram não responder (Lc 20.1-8). Em outra ocasião, levaram a Jesus uma mulher que fora apanhada em adultério, e deveria ser apedrejada pelo povo; mas Jesus, com muita sabedoria, salvou-a da morte (Jo 7.53-8.11). Deve-se mencionar, porém, que alguns estudiosos questionam a validade desse texto.

*Pela espada.* Quando uma cidade ou povoado começasse a adorar ídolos, todos os seus moradores deveriam ser mortos a espada (Dt 13.15), como já se tinha feito com os que adoraram o bezerro de ouro (Êx 32.27).

É provável que os vingadores do sangue, isto é, os que matavam o assassino de um parente, ao encontrá-lo numa estrada, utilizassem uma espada para matá-lo (Nm 35.19-21). O fato é que muitos eram mortos à espada, e embora se possa duvidar que essas execuções fossem processadas na forma legal, o certo é que eram praticadas.

No Novo Testamento há o registro de que pelo menos dois cristãos foram executados à espada: João Batista (Mc 6.27) e Tiago, irmão de João (At 12.2).



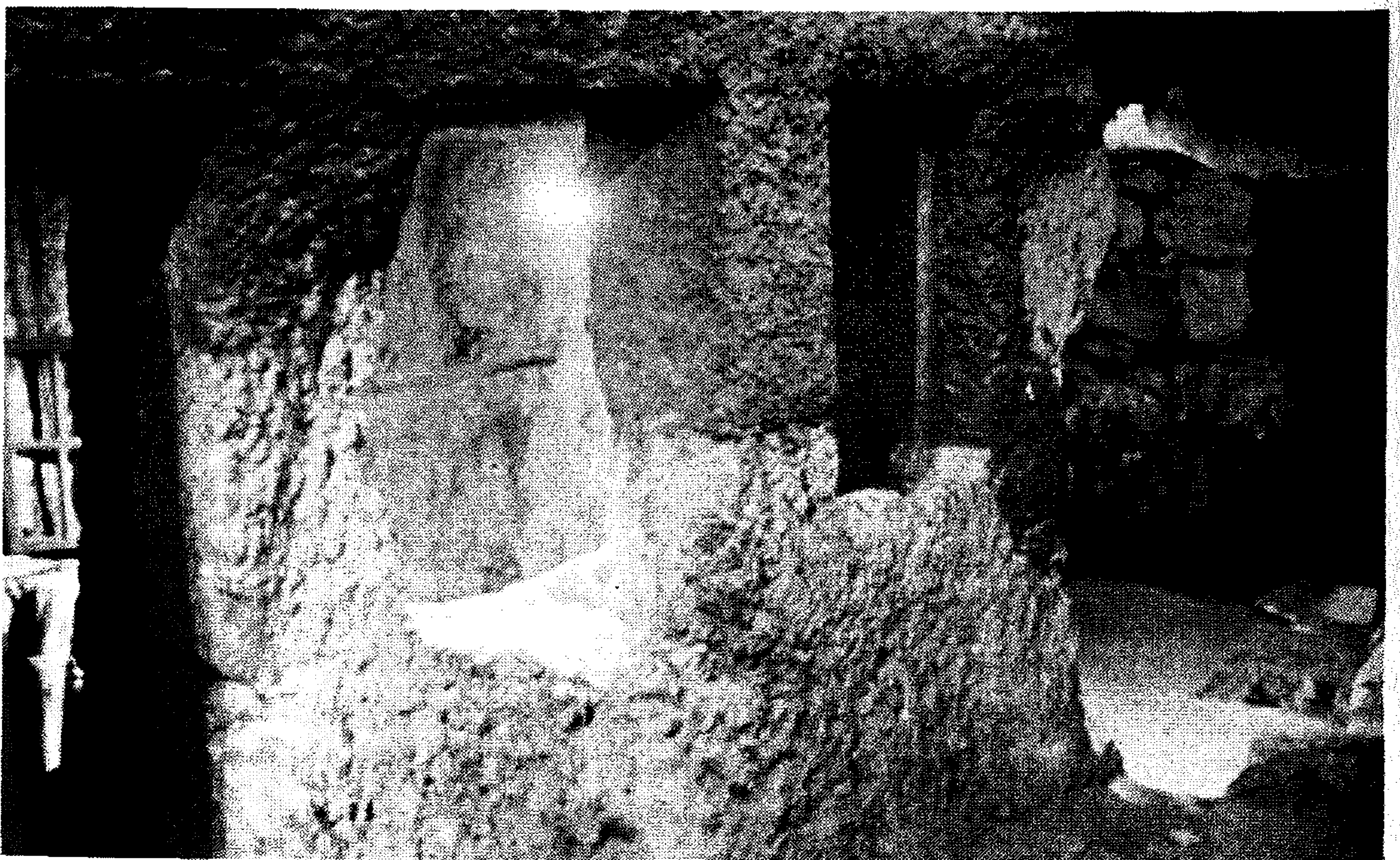
A Igreja de Santo Estêvão pertence à Igreja Ortodoxa Grega, foi construída no sopé do monte das Oliveiras, no local em que Estêvão, o mártir do primeiro século, foi morto por apedrejamento (At 7.54-60). TW

**Fogo.** A Bíblia prescrevia duas situações em que a punição era morrer queimado. Se um homem se casasse com uma mulher e com a mãe dela, teria de ser executado dessa maneira (Lv 20.14). E se a filha de um sacerdote se tornasse prostituta, talvez como forma de adoção dos ritos de fertilidade dos povos cananitas, deveria ser queimada a fogo (Lv 21.9).

No caso do castigo de Acã e sua família, primeiro eles foram apedrejados e depois queimados a fogo (Js 7.25). □

**PRISÕES** □ A maioria das punições previstas pela lei do povo de Israel tinha sido elaborada sem levar em conta a idéia de encarceramento. Se eles vissem nossos sistemas penais hoje os considerariam contraproducentes. A maior preocupação da lei era indenizar a vítima e reintegrar o punido à sociedade. Durante grande parte da história dos israelitas, eles levaram uma existência meio nômade, não estabilizada, que tornava impraticável a punição pelo cárcere. Se considerassem algum criminoso uma ameaça à sociedade, o mais provável era que o executassem. Quando alguém violava a lei era posto em guarda apenas até que se decidisse o que fazer com ele (Nm 15.34). Mas depois que a nação se estabeleceu na terra, e foi instituída a monarquia, surgiram mais prisões. Mas algumas delas eram simplesmente

Esta masmorra está no subsolo da Igreja de São Pedro, em Gallicantu, numa das encostas do monte Sião, que foi construída no local em que a tradição aponta como sendo o pátio interno da casa de Caifás, onde Pedro, segundo o relato bíblico, negou o Senhor. Nesta prisão encontram-se também restos de um tronco para flagelação, com os aros onde as mãos do condenado eram presas, vasilhas feitas de pedra para o vinagre e água salgada, e descansos para os pés. É possível que a cova que há em um canto fosse utilizada para confinamento de prisioneiros condenados. **RW**



casas comuns, ou, às vezes, um buraco no chão. Nesses casos, o criminoso recebia muito poucos cuidados.

É possível que as nações vizinhas a Israel utilizassem mais o encarceramento, e bem antes desse povo. A Bíblia registra casos de israelitas que foram confinados em prisões de outros povos. Exemplos disso são Sansão, que foi preso pelos filisteus (Jz 16.21), e Joaquim, pelos babilônios (2 Rs 25.27).

Ao julgar o caso de Simei, o rei Salomão não achou necessário encarcerá-lo (1 Rs 2.36,37). Disse-lhe apenas que permanecesse sempre em Jerusalém; se saísse da cidade seria executado. Mas ao tomar essa resolução, talvez estivesse buscando ocasião de vingar a humilhação que aquele homem impusera ao seu pai (2 Sm 16.5ss).

Dizem os historiadores que a atitude dos israelitas para com o confinamento de criminosos começou a se modificar no tempo de Esdras e Neemias, quando as autoridades passaram a encarcerar aqueles que não pagavam seus débitos. O encarceramento se dava em condições horríveis. Às vezes o detento era atado a troncos, ou forçado a executar trabalhos pesados, preso a correntes; era chicoteado, mantido em celas escuras e úmidas, e não recebia muita alimentação. Era esse quadro de privação que Jesus tinha em mente quando disse a seus seguidores que visitassem os encarcerados (Mt 25.34-36).

Jesus ensinou também a seus discípulos que não tardassem em acertar as diferenças com seus credores, para evitar que caíssem na mão dos magistrados (Mt 5.25,26). Ir parar numa prisão de insolventes era uma situação desesperadora.

Cristo praticamente disse aos seus seguidores que eles seriam presos (Lc 21.12), e muitos deles passaram por essa experiência. João Batista, Pedro, Tiago, João, Paulo, Silas e muitos outros cujos nomes desconhecemos viram essa palavra se cumprir em sua vida, e alguns deles mais de uma vez. Os apóstolos, de modo geral, foram aprisionados em cárceres de judeus. Pelo que consta, João Batista esteve preso na fortaleza de Herodes, que ficava perto do mar Morto. E foi Herodes também que encarcerou Pedro na prisão de Antonia, onde mais tarde Paulo também seria detido. Paulo esteve preso também no castelo de Herodes, em Cesaréia. Em Filipos, ele e Silas foram encerrados numa prisão romana. Mais tarde, o apóstolo foi submetido a prisão domiciliar em Roma. □

**DESOBEDIÊNCIA CIVIL** □ Durante todo o período da história bíblica houve indivíduos e grupos que se insurgiram contra a autoridade estabelecida. Alguns tinham motivos pessoais, egoístas. Mas outros o fizeram em nome de Deus. Muitos deles — de ambos os tipos de revoltosos — ficaram firmes na posição assumida e alcançaram o objetivo desejado. Outros foram mortos por causa de suas convicções. Moisés foi um dos que exercitaram a desobediência civil

em nome de Deus (Êx 3.10). Outro que fez isso foi Jeremias, que chegou a ser chicoteado e encarcerado por causa da mensagem que pregava (Jr 20.1,2). Também Daniel, desobedecendo a uma ordem emanada da autoridade, prosseguiu fazendo sua oração da forma habitual (Dn 6.6ss).

Quando o povo de Israel foi dominado pelos gregos e em seguida pelos romanos, houve diversas insurreições que resultaram em muito derramamento de sangue, e provocaram sérias controvérsias entre o povo. Os macabeus encabeçaram uma revolta de 3.000 judeus contra o poderoso exército sírio, por causa de conflitos a respeito de práticas religiosas, da qual eles saíram vencedores. Com isso, estabeleceram uma dinastia judaica que liderou a nação durante algum tempo. Isso ocorreu 160 anos antes do nascimento de Cristo. Mais tarde, já eram os galileus que estavam sempre promovendo revoltas, a ponto de em certa ocasião Pilatos mandar matar alguns deles no momento em que estavam no templo, realizando seu ritual de adoração a Deus (Lc 13.1).

Durante os séculos de história do povo de Israel, ocorreram muitos atos de desobediência civil. Sendo um povo tantas vezes oprimido, e tendo uma religião tão "diferente", era de se esperar que vez por outra alguns grupos de fiéis se sentissem inclinados a rebelar-se contra o governo. E foi nesse particular que os fariseus certa vez resolveram tentar "surpreender" Jesus, e para isso mandaram alguns herodianos — simpatizantes de Herodes — interrogá-lo (Mt 22.15-22). Mas Cristo não se deixou envolver em sua armadilha, e respondeu-lhes que dessem a César o que por direito já lhe pertencia. E Paulo confirma esse ensino de Jesus de que a regra geral é sempre obedecer ao governo estabelecido (Rm 13.1-7). Todavia a declaração de Pedro ao concílio judaico a respeito do mesmo assunto, revela que, nos casos em que a lei estiver em oposição à fé, temos que obedecer a Deus (At 5.29).

O povo de Israel nunca gozou de longos períodos de tranqüilidade total. A vida deles foi marcada por invasões, exílios, ocupações, resistências, insurreições e opressão. Durante a época de Cristo, havia um movimento clandestino na Galiléia, bem como rebeliões ostensivas na Judéia. É provável que alguns dos discípulos de Cristo tenham estado envolvidos em organizações de resistência ao governo. □

**FORÇAS POLICIAIS** □ Já no século I existiam diversas organizações policiais em funcionamento. O rei Herodes havia criado sua própria polícia secreta, pois desconfiava praticamente de todo mundo. Os membros dela agiam de forma semelhante à da Gestapo nazista. Infiltravam-se no meio do povo e ficavam a ouvir as pessoas para surpreenderem críticas ao rei.

Outra força policial existente era a dos levitas, que tinham a responsabilidade de guardar o templo, para que ninguém entrasse nos lugares vedados ao público. Assim eles vigiavam atentamente as por-

tas externas, o pátio dos gentios e o das mulheres. A polícia era controlada pelo sinédrio, que podia decretar prisões e ministrar castigos. Ao que parece, os homens enviados para prender Jesus eram da polícia do templo (Mt 26.47; Lc 22.47), e se achavam acompanhados de servos do sumo sacerdote e de soldados romanos (Mt 26.51; Jo 18.3,12). É provável que tenha sido também a polícia do templo que tentara prender a Jesus anteriormente (Jo 7.32). E foi essa força policial que prendeu os apóstolos no templo (At 4.1-4).

Quando Paulo e Silas foram postos em liberdade após seu aprisionamento em Filipos, isso foi feito por policiais romanos, enviados pelo magistrado (At 16.35,38). Esses homens eram chamados de "litores", e carregavam um molho de varas, denominado *fasces*, que era o símbolo de sua autoridade. Eles usavam essas varas para bater nos prisioneiros. A maioria das principais cidades do Império Romano contava com uma força policial desse tipo. A função geral deles era executar as penas determinadas pelos juizes. Como servidores dos magistrados, eles os acompanhavam a todo lugar aonde iam, e atuavam como seus arautos. Nas cidades, eles eram identificados pelas togas que usavam; quando viajavam, eram conhecidos por suas túnicas vermelhas. Não se achavam vinculados nem ao governo municipal nem a governos regionais. Estavam a serviço dos juizes. Ao que parece, Paulo recebeu varadas desses policiais em pelo menos três ocasiões (2 Co 11.25).

Em tempos mais remotos, as prisões e punições eram executadas por soldados ou pelos anciãos das cidades. E antes disso a justiça era feita por familiares ou parentes da vítima, que executavam a vingança. □

**GOVERNANTES DESPÓTICOS** □ As leis estabelecidas pelos governantes variavam muito, e geralmente dependiam bastante do temperamento desses homens, de sua habilidade de aplicá-las, e também do grau de resistência da população. Alguns governantes eram firmes, porém, justos. Outros, como Herodes, por exemplo, eram despóticos e cruéis.

Herodes tinha conceitos bastante extremos sobre crime e castigo, e fazia prevalecer suas manias por meio de um regime de terror, fazendo concessões a grupos interesseiros, e procurando condescender com os imperadores romanos. Ele sofreu fortes oposições por parte de um grande segmento da população judaica, mas conseguiu permanecer no poder durante 35 anos. Entre suas atrocidades, algumas o povo aplaudia: aplicava a lei mandando matar ladrões. Seus súditos apreciavam tais medidas. Embora não fosse um monarca absolutista, seu governo chegava bem perto disso. Sua crueldade levou-o a mandar matar todos os meninos recém-nascidos na cidade de Belém (Mt 2.16).



A Bíblia contém diversos relatos sobre déspotas iguais a ele, que com um simples pronunciamento mandava matar ou prender. □

**O RELACIONAMENTO COM OS ROMANOS** □ De modo geral, Roma permitia que os judeus tivessem seu próprio governo, limitando-se apenas a sufocar as insurreições que porventura surgissem. E sempre que havia problemas desse tipo os soldados romanos intervinham rápida e violentamente. Todavia, procuravam manter-se distantes quando se tratava de problemas do dia-dia e questões religiosas. Os judeus podiam prender um indivíduo e entregá-lo aos romanos para que esses aplicassem o castigo. Foi assim que agiram no caso de Cristo. Os inimigos de Jesus sabiam que se o acusassem de sedição isso iria provocar uma pronta ação por parte dos romanos. Assim, estavam com freqüência lançando mão dessa acusação. Tanto Paulo (At 21.38) como os apóstolos (At 5.35-39) foram acusados de traição contra o governo de Roma. Mas o imperador Augusto tinha baixado uma determinação no sentido de que nenhum cidadão romano poderia ser preso nem chicoteado. E essa lei beneficiou a Paulo mais de uma vez (At 22.25-29; 2 Co 11.25). □

**CRUCIFICAÇÃO** □ Não eram somente os romanos que praticavam a crucificação para execução de criminosos; os fenícios, persas e gregos também já vinham fazendo uso desse recurso. A princípio só era aplicada a escravos, mas depois estenderam-na a outros criminosos, a critério das autoridades. Pela lei romana, um cidadão romano não poderia ser crucificado. Contudo ocasionalmente havia exceções, como no caso dos desertores da segunda guerra púnica. Em Israel, os romanos aplicavam essa pena para desordeiros e revoltosos, bem como a outros tipos de criminosos. Houve ocasião de crucificarem até ladrões (Lc 23.32).

O objetivo básico da crucificação, além da execução do condenado, era também submetê-lo a humilhação. É claro que o objetivo principal era a morte do indivíduo, mas isso poderia ser feito por métodos menos trabalhosos. O fato é que se esperava que a vergonha e o sofrimento infligidos à vítima pudessem servir de exemplo para outros, e dessa forma desincentivar o crime.

Os homens eram crucificados com as costas voltadas para a cruz; as mulheres, com o rosto virado para ela. Na base dela havia uma peça de madeira na qual se apoiavam os pés da vítima, para sustentar seu peso. As mãos eram amarradas ou pregadas aos braços da cruz.

Na maioria dos casos a morte era muito lenta. O condenado sofria os tormentos da fome, sede e asfixia, e presença de urubus; e por fim todos esses flagelos lhe causavam a morte. Se a morte não ocorresse dentro de determinado tempo, os executores da pena lhe quebravam



O "Calvário de Gordon", localizado perto do Jardim do Túmulo, tem esse nome porque o general Charles Gordon passou um ano em Jerusalém pesquisando as Escrituras, e viu nesse morro a imagem de uma caveira, identificando-o, então, como o Gólgota — O Lugar da Caveira — onde Jesus foi crucificado. Quer tenha sido este local ou não, o fato é que se trata de um ponto bem destacado, e se alguém fosse crucificado no alto dele seria avistado por muitos espectadores e transeuntes. TW

as pernas, para que o corpo perdesse o apoio, apressando a asfixia (Jo 19.31-33).



A "Via Dolorosa" é a trajetória que Jesus teria percorrido começando no pretório de Pilatos até o monte Calvário, onde foi crucificado. TW

---

## CAPÍTULO 26

---

# ESPORTES

---

---

**D**urante toda a sua história, o povo de Israel teve contato com povos que apreciavam esportes e competições esportivas; e sofreram a influência deles. Como muitos desses esportes tinham fortes conotações pagãs, grande parte dos filhos de Israel resistiu a eles. Contudo não foram totalmente bem-sucedidos em suas tentativas de se manterem afastados dessa influência. E muitos deles sucumbiram aos atrativos e à beleza dos torneios atléticos, dos quais tinham conhecimento desde alguns séculos antes do nascimento de Cristo.

Os antigos israelitas levavam uma vida ao ar-livre, e apreciavam desafios à sua força e habilidade física, mas provavelmente não realizavam eventos esportivos, como faziam os gregos, romanos e até egípcios. Contudo também não se achavam totalmente imunes aos desafios de uma competição. Os escritores do Velho Testamento fazem pouquíssimas alusões a eventos atléticos, mas as poucas referências em que empregam

imagens tiradas dos esportes dão a idéia de que estes já eram praticados. (O conhecimento que se tem da prática de atividades atléticas antes do ano 100 A. C. é muito pequeno.) Um bom exemplo disso é a ilustração empregada por Isaías 22.18. O profeta afirma que Deus poderá enrolá-los como uma bola e atirá-los a outra terra. Isso

Este teatro romano em Samaria é um exemplo típico das arenas esportivas que Herodes construiu para realização de eventos atléticos. **SAB**



pode ser uma referência a um jogo popular na época.

Em Gênesis 32.24, está registrada a luta de Jacó com um anjo. Alguns estudiosos acreditam que isso pode ser uma alusão a um esporte praticado na época.

Alguns israelitas conseguiam excelentes marcas em arremesso de pedras com a funda. Numa certa época, havia ali 700 canhotos que conseguiam acertar um fio de cabelo (Jz 20.16). Os jovens pastores, como foi o caso de Davi, podiam tornar-se altamente habilidosos nessa arte (1 Sm 17.49). É possível que vez por outra esses atiradores procurassem testar sua perícia entre si. Existem menções a corredores ligeiros (2 Sm 2.18), e Jeremias dá a entender que se faziam competições (12.5). Embora os israelitas mais religiosos tivessem algumas reservas con-

tra os esportes e outras formas de divertimento, é bem possível que nos milhares de anos de história israelita eles tenham promovido competições pelo menos em bases informais.

Por volta do primeiro século de nossa era, os judeus já tinham tido muito contato com eventos esportivos. Os gregos, que haviam dominado a nação por volta do ano 300 A. C., eram apaixonados por esportes. Seu interesse por eles era decorrente de uma busca de condições ideais de vida. A prática do esporte tinha por objetivo a formação de um corpo ideal. Os jogos gregos existiam desde o ano 780 A. C., e eram dedicados aos deuses do Olimpo. E a despeito da resistência e até aversão demonstrada por alguns israelitas, a nação recebeu certa influência com relação a isso. No ano 63 A. C. foi a vez de os romanos ocuparem o país, trazendo consigo as suas competições. Eles também tinham aprendido a apreciar os jogos por influência dos gregos. Os romanos, porém, deram aos eventos atléticos uma feição negativa, pois eles acrescentaram a eles suas modalidades que eram de natureza mais sádica.



Este anfiteatro romano está localizado em Cesaréia, às margens do Mediterrâneo, ao sul de uma muralha erguida pelos Cruzados. O teatro data do século I de nossa era, e foi descoberto em 1961. Cesaréia foi cenário de muitos dos eventos narrados no Novo Testamento, entre os quais a descida do Espírito Santo para os gentios (At 10.44-48). TW

Quando Herodes, o Grande, assumiu o trono de Israel (no ano 37 A. C.), procurou imitar o estilo de vida greco-romano, do qual constava um forte interesse em competições esportivas e outros espetáculos. Grande parte de seu programa de edificações foi dedicada à construção de estádios para a realização de eventos esportivos. Ele havia assistido aos grandiosos jogos olímpicos, e teve desejo de ver a mesma coisa em seu país. Apreciava, em particular, as corridas de carruagens e as lutas corporais. Por causa disso, o rei construiu arenas e anfiteatros em diversos locais da Palestina, dentre os quais Cesaréia, Tariquéia, Samaria, e talvez em Jericó.

Os judeus, de modo geral, sentiam-se chocados com essas formas de divertimento, por diversos motivos. Primeiramente, muitos desses jogos constituíam uma forma de adoração aos deuses pagãos. Em segundo lugar, alguns dos prêmios conferidos tinham gravadas neles imagens, o que desgostava profundamente aos judeus. Terceiro, os atletas competiam sempre nus (os romanos não apreciavam tanto os jogos disputados dessa forma). Os judeus mais religiosos evitavam esses eventos blasfemos. Contudo, já ao tempo de Cristo e Paulo, era menor o número dos que demonstravam aversões fortes. O sumo sacerdote Josué (também conhecido como Jasão, o vil) foi um que incentivou as competições esportivas em Israel. E, por causa disso, foi acusado de corromper os judeus, submetendo-os ao paganismo gentio.

Na antigüidade, os esportes eram tão populares quanto hoje em dia. Os pensadores costumavam escrever artigos protestando contra o excesso de tempo, energias e atenção dedicado ao esporte. Mas o povo não lhes dava atenção. As maiores arenas tinham capacidade para 40.000 espectadores, numa época em que a população de Jerusalém não atingia esse número. O imperador Nero fez um acréscimo ao Circo Máximo, uma imensa estrutura para divertimentos populares, que passou a ter a capacidade de 350.000 espectadores. Com o declínio do império grego, os jogos começaram a perder a popularidade. Mas os romanos vieram injetar um novo interesse neles, e as competições continuaram. □

## **O INTERESSE DE PAULO PELO ESPORTE**

□ Não sabemos ao certo onde foi que Paulo assistiu a eventos esportivos, mas as inúmeras alusões que faz a essa atividade, revelam que ele era um observador atento. À primeira vista, pode parecer que ele fez algumas observações passageiras sobre os esportes. A terminologia que emprega mostra que tinha conhecimento das práticas de sua época, que usa para criar analogias e metáforas muito interessantes. Contudo, com um estudo mais profundo de seus escritos, poderemos sentir que ele era um entusiástico admirador deles, pois faz menção constante de aspectos dos esportes para ilustrar suas mensagens. Ou então era muito bem informado, e sabia aproveitar conceitos que o

povo conhecia bem para tornar mais clara sua exposição do evangelho. Quando um escritor é contabilista de profissão espera-se que ele utilize termos próprios dessa atividade em seus escritos; se ele é pescador, isso transparece muitas vezes em sua obra. No caso de Paulo, ele não apenas revela bom conhecimento esportivo, mas também recorre com freqüência a expressões empregadas no linguajar esportivo. Escrevendo a Timóteo, por exemplo, ele afirma que os crentes devem obedecer às regras assim como um bom atleta segue as normas de seu esporte (2 Tm 2.5). E aos crentes de Filipos ele aconselha a que estejam "lutando juntos" pela fé (Fp 1.27). Essa expressão foi tirada diretamente da arena, e é uma associação de dois termos que literalmente significam "atleta junto" (*sun-athleo*).

E quando o apóstolo diz que se esforce, prosseguindo para alcançar o alvo, quase enxergamos as veias entumescidas no pescoço do corredor (Fp 3.13,14). O vocábulo que aqui é traduzido como prêmio na verdade designa o juiz que ao final da competição, entrega o prêmio ao vencedor.

Mais adiante, diz que, ao interceder pelos colossenses, seu amigo Epafras empenha-se como alguém que luta na arena (Cl 4.12).

Embora não nos seja possível saber o que ia pela cabeça de Paulo só com base nessas e nas outras referências que encontramos em suas cartas, o fato é que elas nos passam a impressão de que ele tinha um forte interesse por esportes. E se for ele mesmo o autor da carta aos hebreus, isso fica ainda mais claro. O escritor dessa epístola aplaude a posição de resistência que os crentes mantiveram face a uma grande luta que enfrentaram (Hb 10.32). O termo aí empregado significa "atletico", e aparece também em 2 Timóteo 2.5. E em Hebreus 12.1, ele recomenda aos fiéis que corram "com perseverança a carreira..." □

**AS LUTAS COM ANIMAIS** □ Herodes, o Grande, apreciava muito as lutas de homens com animais. No ano 10 A. C., ele abriu as festividades populares da cidade de Cesaréia promovendo esse pavoroso tipo de esporte. Mas não só ele tinha gosto tão macabro. Milhares de espectadores se comprimiam na arena para assistir ao espetáculo. Dentre os animais utilizados nessa competição contavam-se leões, ursos, leopardos, rinocerontes, crocodilos, tigres, elefantes. Na parte da manhã, os lutadores poderiam lutar providos de armadura. Contudo, para se intensificar a emoção, obrigavam-se alguns homens a entrar na luta desarmados, (e, às vezes, nus). Era comum também os espectadores atirarem objetos nos animais para enfurecê-los mais. Normalmente, esses lutadores eram prisioneiros. Mais tarde, depois que Tito assumiu o poder no ano 70 A. D., alguns prisioneiros judeus foram executados dessa maneira.

Ao que parece, os romanos nessa época tinham verdadeira necessidade de presenciar esportes sádicos. Quando as lutas não eram de

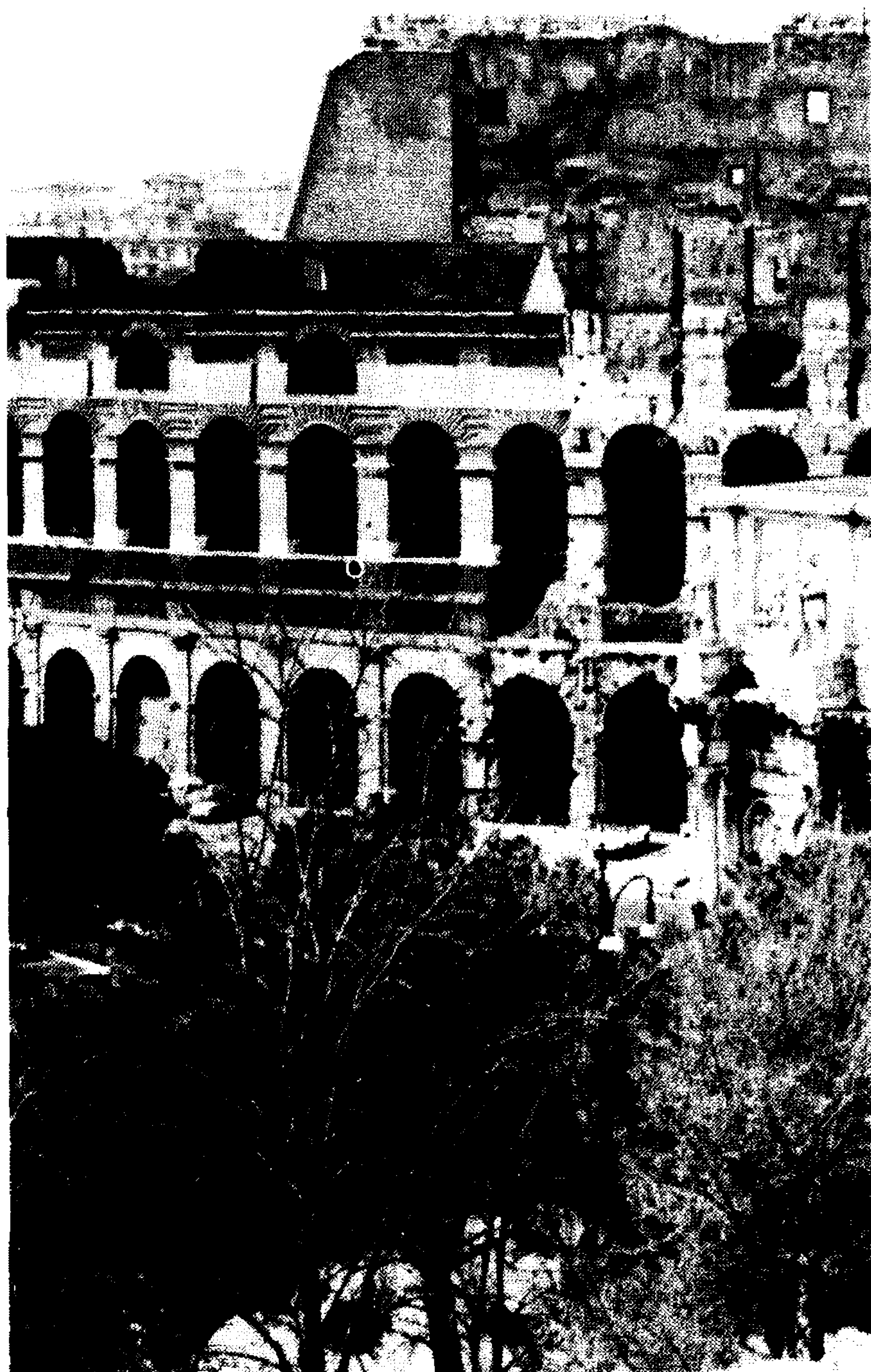
homens com animais, punham os animais para lutarem entre si. Não há dúvida de que esse tipo de crueldade deve ter tido uma influência muito forte sobre pessoas como Herodes. Em alguns lugares eles soltavam focas na arena e um urso polar era conduzido ali para persegui-las. O público delirava ao ver o imenso animal devorar sua presa. E esses esportes sangrentos não eram presenciados apenas por homens, mas também por mulheres e por garotos que ali eram levados por adultos.

Quando Nero desencadeou sua perseguição aos cristãos (64-65 A. D.) recorria a essas práticas horrendas. Esse imperador mandava vestir os cristãos com peles de animais, e fazia com que fossem atacados por cães selvagens. Conta-se também que mandava que os cristãos fossem amarrados aos postes de seus jardins em dias de festa, e atava fogo neles para iluminar o local. □

**OS GLADIADORES** □ A Bíblia não faz nenhuma menção clara aos gladiadores, mas sabe-se que durante mil anos essa luta teve grande popularidade. De modo geral, esses lutadores eram escravos,

prisioneiros ou endividados, que eram forçados a lutar. Alguns deles tinham uma espécie de patrocinador, e às vezes até um treinador.

Essas competições podiam ter várias modalidades. Às vezes, dois gladiadores lutavam um contra o outro; em outras, uma equipe lutava contra outra. As armas utilizadas eram as mais diversas, e entre elas contavam-se redes, espadas, escudos e tridentes. Não era sempre que lutavam até à morte, embora isso acontecesse também. E o saldo dessas lutas, verda-



O Coliseu é uma arena romana cuja construção foi iniciada pelo imperador Vespasiano e concluída por seu filho, Tito. As arquibancadas, feitas de mármore, tinham capacidade para 45.000 espectadores; aqui se realizavam as lutas de gladiadores. ICI

deiros combates, eram quase sempre muitos corpos espalhados pelo chão, e apenas uns dois ou três de pé, que por sua vez eram agraciados com uma coroa de pouquíssimo valor.

O mais famoso gladiador que já existiu foi um homem de nome Teógenes, que teria vivido mais ou menos na época de Salomão. Dizem os historiadores que naquele tempo os lutadores costumavam envolver na mão uma tira de couro toda cravada de pregos ponteados. Os dois lutadores se sentavam um em frente do outro, cada um numa laje de pedra. Dado o sinal para iniciarem a luta, começavam a esmurrar um ao outro até que um caísse morto, naturalmente todo ensangüentado. Dizem que Teógenes enfrentou 1425 homens, e os matou a todos. Esse esporte era muito praticado em Israel na época de Cristo e dos apóstolos. □

**LUTA LIVRE** □ Ao que parece, a luta foi um dos primeiros tipos de esporte a surgir, sendo dos mais antigos. É que, mesmo sem muito treino, qualquer homem poderia lutar com outro, para testar suas habilidades físicas. À medida que ela foi-se tornando mais sofisticada, eles começaram a usar cintos e tangas especiais. Existem gravuras que datam de 3000 A. C. retratando lutadores agarrados um ao cinto do outro.

A luta é citada na Bíblia, às vezes de forma clara, outras de forma implícita. Sansão, por exemplo, aparentemente, além dos seus dotes físicos, era exímio lutador (Jz 15.8). Existem outros textos onde a idéia de luta parece ter sido introduzida pelo escritor. O combate que houve em Gibeom entre os homens de Davi e os de Is-Bosete provavelmente foi um tipo de luta, que aliás terminou num banho de sangue (2 Sm 2.14). Há um texto de Paulo em que ele emprega o termo grego que significa luta. É a passagem onde ele diz aos crentes que nossa luta não é contra a carne e sangue, mas contra os principados e potestades, as forças espirituais do mal (Ef 6.12). É provável que seus contemporâneos tenham conseguido enxergar-se claramente em combate feroz contra o mal, num confronto de força e habilidade. □

**BOXE** □ Os gregos apreciavam muito certo tipo de luta com os punhos, que era bastante semelhante ao nosso boxe de hoje. Os lutadores não usavam luvas, mas suas mãos e braços eram protegidos por tiras de couro.

As lutas travadas naquela época não tinham os mesmos regulamentos que as de hoje. Os atletas não enfrentavam adversários do mesmo peso. O combate não era dividido em assaltos, nem os pugilistas ficavam circunscritos a um ringue. O objetivo da luta era esmurrarem-se um ao outro até que um dos dois não conseguisse mais ficar de pé. Se o combate se tornasse demasiadamente prolongado os juizes poderiam determinar uma pausa. Quando isso acontecia,



em alguns casos eles voltavam à luta usando protetores de couro de boi, providos de pontas de metal. Muitas vezes, ao fim da luta um deles estava morto ou com uma lesão permanente.

Não sabemos o que Paulo achava desse esporte, mas percebe-se que ele conhecia bem a terminologia, pois num dado texto ele se compara a um boxeador, quando diz que luta, mas não desferindo golpes no ar (1 Co 9.26). O termo que emprega aí é o que significa punho, e do qual também deriva a palavra pugilista. Ele fala dos gestos de um boxeador que está treinando e se põe a esmurrar o ar. Afirma que sua disciplina é mais rigorosa que a de um lutador que simplesmente esmurra adversários imaginários. □

**O GINÁSIO ESPORTIVO** □ Os gregos davam grande importância ao teatro, às artes e ao intelecto, mas consideravam também o exercitamento físico um fator essencial ao desenvolvimento integral do indivíduo. Quatrocentos anos antes de Cristo, eles criaram um programa integrado, que visava trabalhar o corpo e a mente. Surgiram então os ginásios, grandes centros de aprendizagem. O complexo de um ginásio consistia num prédio grande onde se praticavam o boxe, a luta e outros esportes, outro prédio com banhos, e ainda outras estruturas, cobertas e não cobertas, onde se realizavam palestras e debates. Alguns dos maiores pensadores da história deram preleções nesses ginásios. Platão foi um dos que ensinaram em um desses locais, em Atenas. Havia um outro ginásio onde Aristóteles expunha suas idéias; e ainda outro onde Cinosarges ensinava.

O termo "ginásio" vem do grego, e significa "nu", pois os jovens se exercitavam nus. Os judeus ficavam muito chocados com essa prática, e os seus jovens, por serem circuncidados, sentiam-se bem constrangidos, e em conseqüência envergonhavam-se de serem judeus. Mas, apesar dessa aversão, no ano 170 A. C., construiu-se um ginásio grego em Jerusalém. Aliás, a construção foi um dos fatores que provocaram a revolta dos macabeus. Alguns judeus aceitaram bem a novidade, mas outros ficaram horrorizados. Estes se mostravam chocados não só com a nudez dos atletas mas também com o fato de usarem chapéus de feltro, de abas largas, que eram associados ao deus grego Hércules.

É possível que o apóstolo Paulo não abrigasse a mesma aversão demonstrada pelos judeus de duzentos anos antes. A forma como ele emprega termos esportivos nos leva a supor que conhecia bem o ginásio e suas atividades, e que não condenava essas práticas. Quando recomendou aos crentes que se exercitassem na santidade (1 Tm 4.7,8) empregou um termo próprio do esporte. A palavra que usa aí — "exercita-te" — é a mesma que significa "fazer ginástica". Ele concorda em que fazer um pouco de ginástica é bom para o corpo, mas que a piedade é de maior valor. Ele não rejeita a idéia nem condena a prá-

tica. Embora isso não seja evidência de que ele a aprovasse totalmente, deixa entrever, porém, que a questão não constituía um problema para ele. Significa também que os que o lessem não se sentiriam chocados com a analogia feita.

O escritor da carta aos hebreus emprega o mesmo termo quando ensina que os crentes devem exercitar-se a fim de aprender a discernir o bem e o mal (Hb 5.14; 12.11). Pedro também relembra os crentes que é possível uma pessoa exercitar-se (da mesma forma como se faz ginástica) na prática dos atos do diabo (2 Pe 2.14). □

**CORRIDAS** □ *Corrida de carruagens.* O primeiro veículo de rodas que foi criado pelo homem era uma carroça pesada, lenta, geralmente puxada por jumentos. Mas, por volta do ano 2.000 A. C., foi criada na Mesopotâmia uma carruagem mais leve, puxada a cavalos, que se movia com grande velocidade. Ela se tornou uma eficiente peça de guerra e durante mais de mil anos dominou o cenário militar. Eventualmente veio a ser um veículo de corridas bastante popular.

Alguns homens, como Jeú, se tornaram conhecidos por conduzirem a carruagem em alta velocidade (2 Rs 9.20).

Já no primeiro século, as corridas de carruagens achavam-se incorporadas aos outros entretenimentos dos gregos e romanos. Quem participasse nesses perigosos torneios precisaria ter grande habilidade, para executar as inúmeras manobras exigidas nas provas e controlar os velozes e vigorosos animais que puxavam os carros. Uma corrida normal consistia em sete voltas no hipódromo numa carruagem de duas rodas, puxada por quatro cavalos. (Algumas carruagens eram de apenas dois animais.) Geralmente a distância percorrida equivalia a mais ou menos nove quilômetros e meio. E não havia regras para essas competições. Por causa disso, e também devido à alta velocidade desenvolvida, muitas corridas terminavam em morte para muitos dos corredores.

Por vezes, surgiam pilotos altamente habilidosos, que criavam movimentos acrobáticos paralelos, que deliciavam o público, como fazem hoje os que montam animais em rodeios. Alguns deles saltavam para o cavalo em plena corrida, e ficavam pulando de um animal para outro. Outros conseguiam pegar no chão um pedaço de pano, sem perder a velocidade. Nesses casos, eles geralmente atavam as rédeas à cintura para mantê-las firmes. Mas, se um deles caísse, seria arrastado pelos animais ou atropelado pelos outros carros. Para evitar isso, eles portavam uma faca para cortar as rédeas, caso caíssem e se soltar.

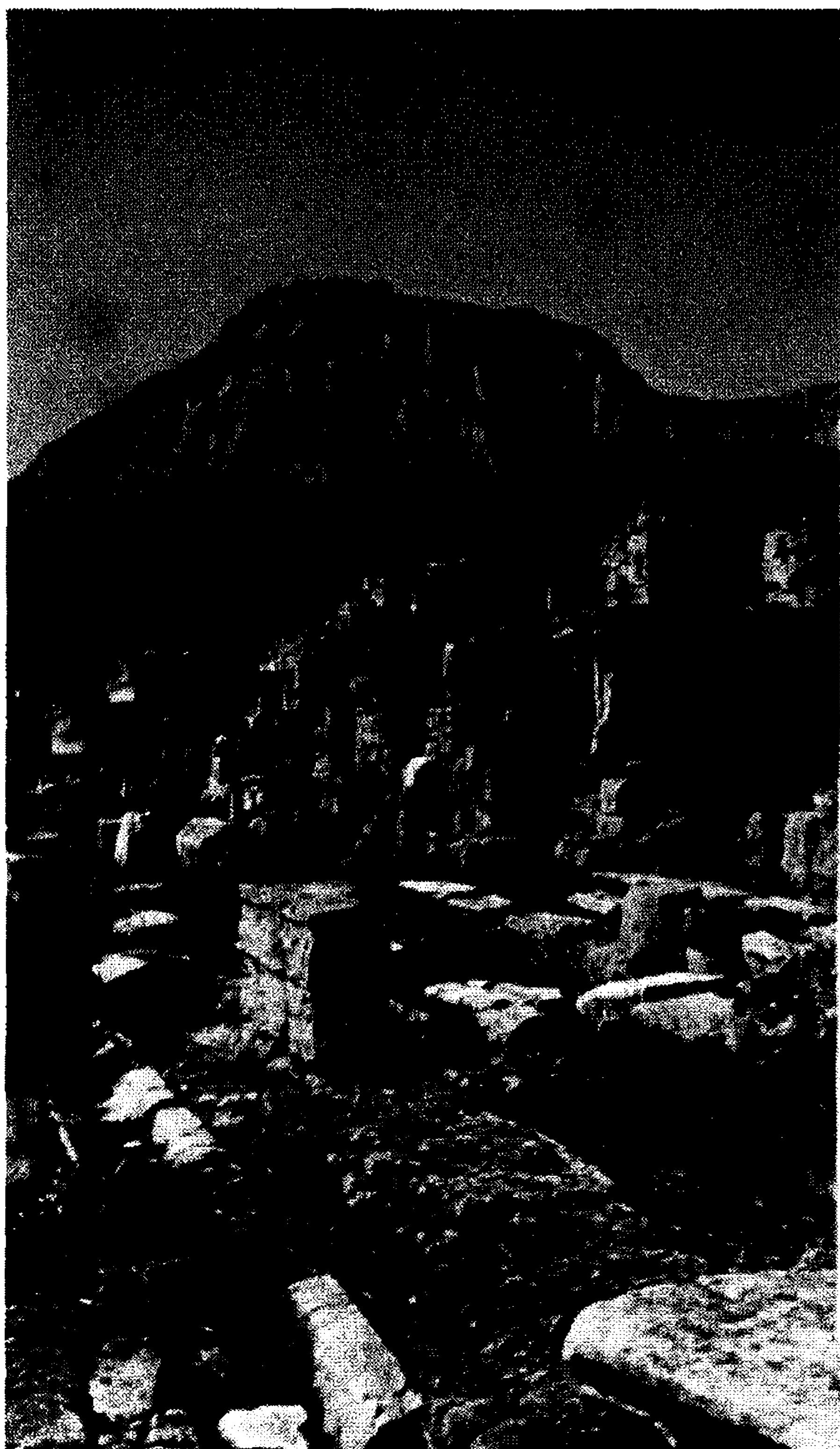
Como acontece em nossas corridas de cavalos, os espectadores podiam apostar nos competidores que mais apreciassem. Muitos desses cavaleiros tornaram-se famosos. Faziam-se efígies deles que eram mostradas publicamente, e alguns chegaram a aposentar-se com excelente situação financeira.

De modo geral, as mulheres não participavam nas corridas, nem em quaisquer outras competições esportivas. Mas havia exceções. Conta-se que uma mulher da Macedônia, de nome Belisiche, venceu uma corrida de carruagens nos 128.º jogos olímpicos.

**Corridas a pé.** Nos dias de Cristo e de Paulo, as competições de atletismo eram muito populares. O famoso pentatlo, a disputa em cinco modalidades, consistia de salto em distância, arremesso de dardo e de disco, luta e corrida a pé. Embora os romanos talvez tivessem alterado algumas dessas modalidades, muitas delas continuaram sendo praticadas da mesma forma.

A antiga corrida denominada *dromos* era uma volta em uma pista de cerca de 600 metros de circunferência, um terço mais longa que as nossas pistas de 400 metros. Mais tarde, criaram-se percursos mais longos. Quando Paulo se refere à carreira espiritual que havia completado, emprega esse termo, *dromos* (2 Tm 4.7). Não sabemos que jogos Paulo conhecia, mas temos conhecimento de que os chamados jogos do istmo eram realizados em Corinto. Tratava-se de um evento muito importante, realizado de dois em dois anos. Em muitas das cidades maiores havia esses tipos de jogos. Naquela época realizavam-se pelo menos 150 grandes eventos esportivos.

O apóstolo Paulo estava ciente de que o atletismo exigia intenso treinamento. An-



Estas ruínas são de uma zona comercial da cidade de Corinto, que na época de Paulo tinha cerca de 500.000 habitantes. Aqui eram realizados eventos culturais e esportivos, dentre os quais os Jogos do Istmo. Ao fundo vê-se o Acro-Corinto, um rochedo com altura de 500 metros acima do nível da cidade, onde era realizado o culto a Afrodite, a deusa do amor, um ritual imoral e corrupto. TW

tes de iniciar as competições, os atletas olímpicos tinham que fazer um juramento no sentido de que haviam treinado vigorosamente durante dez meses. E no último mês de treinamento eles eram observados por um rigoroso instrutor olímpico. Paulo ensina que a causa do evangelho exige a mesma disciplina e treinamento sacrificial exigidos daquele que pratica o atletismo (1 Co 9.22-27).

E ele emprega a mesma figura em outras analogias. Diz, por exemplo, que, se os judaizantes estivessem com a razão, ele acharia que havia corrido em vão (Gl 2.2). Em outro texto afirma que tinha grande desejo de concluir a carreira (corrida) que Cristo havia lhe atribuído (At 20.24). Ensina também que a misericórdia de Deus não está sujeita ao nosso esforço, por mais que nos empenhemos na corrida (Rm 9.16). E ao expressar sua tristeza por causa de alguns que haviam abraçado o judaísmo, emprega novamente a figura da corrida. “Vós corríeis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?” (Gl 5.7.)

O autor de Hebreus revela uma imaginação muito rica ao comparar a vida a uma grande corrida. Deus já determinou o percurso, uma vida de santidade. Nas arquibancadas estão multidões de espectadores — os crentes que já partiram desse mundo — que nos incentivam a correr essa carreira da melhor maneira possível (Hb 12.1). Tanto o escritor como seus leitores poderiam visualizar claramente aqueles milhares de espectadores (eles próprios antigos corredores) gritando para estimular os atletas. □

**COROAS** □ De modo geral, os que venciam as competições esportivas recebiam valiosos prêmios, embora o mais valioso fosse intangível: a alegria da vitória. E quando o atleta campeão voltava para casa, sua cidade lhe prestava grandes honrarias. Em alguns lugares, erigia-se uma estátua do herói para homenageá-lo.

Em épocas mais remotas, os jogos tinham caráter mais elevado e os prêmios eram mais singelos. Muitas vezes, os vencedores recebiam como prêmio uma simples coroa de folhas, que variava de acordo com o evento e com o local. Essas grinaldas poderiam ser de galhos de cipreste, ou de folhas de azeitona silvestre, de aipo, de salsa ou de hera. E eles as levavam para casa com muito orgulho, apenas para vê-la secar-se e descolorir dentro de poucos dias.

Paulo apresenta uma lição muito clara quando contrasta essas coroas temporais com o galardão incorruptível que Deus oferece ao crente (1 Co 9.25). E mais adiante emprega outra vez o mesmo termo ao mencionar a coroa da justiça que o Senhor guardou para ele (2 Tm 4.8). Ele demonstrou que tinha conhecimento desse tipo de premiação citando o termo em outras passagens (Fp 4.1; 1 Ts 2.19). Outros escritores que também o empregaram foram Pedro (1 Pe 5.4), Tiago (1.12) e João (Ap 2.10).

Com o passar do tempo, os jogos foram-se aviltando e os competidores já não se contentavam mais em receber como prêmio apenas uma coroa de louros. Em alguns deles, ofereciam-se belos presentes e prêmios valiosos aos vencedores. E à medida que os torneios foram-se tornando mais complexos também ficou mais difícil preparar-se para eles, e entrar na competição, principalmente se fosse necessário possuir carruagens e cavalos. Embora seja verdade que essa época foi à era de ouro do esporte amador, não se pode afirmar que os jogos fossem tão modelares nem que tivessem caráter tão elevado como se costuma imaginar.

Essas competições foram evoluindo e ganhando novas formas. Tais alterações ocorreram num período de mil anos. Existem poucos registros de algumas das modalidades praticadas naquela época. Sabemos porém que em alguns jogos incluíam-se competições de dança, cambalhota, salto, equilíbrio, e subida em cordas. É possível que tenham ficado perdidas no tempo outras atividades esportivas, cujos nomes não eram conhecidos.

Os jogos romanos cessaram na época do imperador Teodósio, no ano 392 de nossa era.

# ÍNDICE POR ASSUNTO

# ÍNDICE POR ASSUNTO

## A

Abate de animais 215  
Abelhas 46  
Abigail 47, 66  
Abimeleque 42, 191  
Abortos 90  
Abraão 26, 65, 88, 102, 104,  
124, 214  
Absalão 117  
Acabe 147  
Acre 210  
Acro-Corinto 115, 328  
"Açude de Gibeom" 176  
Açudes, poços 175, 177, 190  
Adão 47, 117, 147  
Adulterio 118  
Afrodite 115, 328  
Ágabo 185, 219  
Agiotagem 167  
Agricultura 174ss  
Agripina 116  
Aguilhão 181  
Alfabetização 121, 124  
Alfinetes 71  
Alho 184  
Alho porro 184  
Alimentos 41ss  
Aloés 67  
Amêndoas 198  
Amamentação 88  
Amnom 117  
Amor 110  
Amós 65, 168, 198  
Amuletos 282  
Ana 92, 96  
Anéis 71  
Anfiteatro 321s  
Ano novo 269  
Antíoco Epifanos 272, 299  
Antônio 218, 225

Apedrejamento 312  
Apolo 99  
Aprisco 203  
Aqueduto 131  
Arado 180s  
Aramaico 129  
Arão 93, 158  
Araúna, o jebuseu 188  
Arca 314  
Arca da aliança 276  
Arca da sinagoga 257  
Argolas de tornozelo 71  
Armazenamento de grão 188ss  
"Arrak" 199  
Arrendatários 192  
As mulheres e Jesus 94  
Asa, rei 116, 201, 292  
Assistente da Sinagoga 258  
Assoalhos 18  
Astrologia 288  
Atiradeira 205, 320s  
Aves 214  
"Azazel" 271  
Azeite 81  
Azeite de oliva 20, 195s  
Azeitonas 48s, 195ss

## B

Baal 32, 114  
Baal-Zebude 310  
Balaão 186  
Bancos (assentos) 258  
Bandas (de música) 279  
Banhelros 16  
Banqueiros 144  
Barba 72  
Barbeiros 73  
Barnabé 169  
Barracas (tendas) 25ss  
Barracas de pêlos de cabras

- 29, 207, 214  
 Bartimeu 149  
 Barzilai 137  
 Bastardo 303s  
 Bebida 42ss, 192  
 Beijo 97  
 Belisiche 328  
 "Bema" 257  
 Benjamim 86  
 Berseba 70, 203, 212  
 Bes 281  
 Betesda, tanque de 177  
 Betfagé 198  
 Betonim 198  
 Bibliotecas 122  
 Bisso 62  
 Boaz 65, 85  
 Bode Emissário 271  
 Bois 180, 208  
 "Bom Pastor" 207  
 "Bom Samaritano" 81, 82, 233, 242  
 Boticário 83  
 Boxe 325  
 Brincadeiras (de crianças) 35  
 Brinco de nariz 70  
 Brincos 70
- C**
- Cabeça branca 137  
 Cabeleireiros 73  
 Cabelos brancos 73  
 Cabras 174, 186, 207  
 Cabrito montês 53  
 Caçada 216  
 Cães 215  
 "Cadeira de Moisés" 258  
 Cafarnaum 240, 255  
 Caifãs 228, 250, 296, 314  
 Caim 70, 84  
 Caixão 292  
 Cajado 206  
 Calçados 63s, 65  
 Calcário 183, 194, 196  
 Calendário de Gezer 125, 186  
 Calígula 219  
 "Calvário de Gordon" 319  
 Camas 21  
 Camelos 212s, 236, 237  
 Cananeus 114  
 Capa 59  
 Capa de José 61  
 Caravançarâ 146, 150, 241  
 Carcereiro de Pilipos 39, 279  
 Carne 53  
 "Carnes" 112  
 Carpinteiros 144  
 Carruagens 211  
 Casa de figos 198  
 Casa de Jesus 170  
 Casamentos 101ss  
 Casamentos mistos 107  
 Casas 13ss  
 Cássio 225  
 Castanhas 55, 198s  
 Castigo corporal 312  
 Castor e Polux 235  
 Cavalo 188, 211s, 237  
 Cavernas (túmulos) 294  
 Cebolas 184  
 Cegos 149, 150  
 Cegueira 82  
 Cereais 55, 183, 186, 187  
 Cerimônia de casamento 107  
 César Augusto 218, 234, 239, 318  
 Cesta dos pobres 172s  
 Ceva, filhos de 289  
 Cevada 183, 186  
 Chanucá 272  
 Chapéus e adornos de cabeça 63, 64  
 Chefe da sinagoga 258  
 Chifre de carneiro 278  
 Chuvas de maio 176  
 Chuvas de outubro 176  
 Chuvas índice de 175s  
 Cidadania romana 224  
 "Cidade das Palmeiras" 51, 200  
 Cidades de Refúgio 307  
 Cilicium 29  
 Címbalos (pratos de baterias) 278  
 Cinto 62  
 Circo Máximo 322  
 Circuncisão 79, 88s  
 Cirurgia 78



- Cláudio 173, 185, 219  
Cleofas 95  
Cleópatra 218  
Código civil 306  
Colares 71  
Colheita 186s  
Coliseu 324  
Cômodo no telhado 15  
Corporações de ofícios 141s  
Competições esportivas 239,  
320  
Compositores 276  
Concumbinas 103  
Consagração de recém-nas-  
cidos 40  
Controle de natalidade 84  
Corbã 38, 138  
Cordeiro da páscoa 264  
Cornélio 39  
Coroas 329  
Correios 144  
Corrida de carruagens 327  
Corridas 327ss  
Cosméticos 70  
Couro 145  
Cozinhado vermelho 184  
Credores 167  
Cremação 294  
Crescente fértil 178  
Crimes 309  
Crispo 261  
Crucificação 318  
Culto ao imperador 219s  
Curtidor, Simão 145  
Curtidores 145
- D**
- Damasco (fruta) 201  
Danças 262, 263, 279  
Daniel 145, 184, 288, 305,  
316  
Dario I 241  
Davi 28, 47, 66, 102, 117,  
119, 205, 276, 292,  
321, 325  
Débora 92  
Debulha 187  
Deficientes físicos 90, 166,  
171  
Dentaduras 81  
Dentes 81s  
Desejo de ter filhos 85  
Desemprego 166, 171  
Desobediência Civil 315  
Destruição das culturas 185  
"Deus galileu" 302  
Devedores 168  
Dia de expiação 271  
Diana 155  
Direito de primogenitura 86  
Distância 235  
Distribuição de bens 172, 173  
Dívidas 156, 165  
Divórcio 31, 34, 109  
Dízimos 165, 252  
Doença de Timóteo 81  
Dominio romano 217ss  
Domiciano 116  
Dorcas 66  
Dote 104  
"Doulos" 160, 163  
"Dromos" 328
- E**
- Educação 101ss  
Educação das crianças 132s  
Educação de meninas 132  
Elefantes 238  
Eli 114, 137  
Elias 16, 62, 185  
"Elias" 153  
Elifaz 28, 137  
Elimas Barjesus 289  
Emaús 232  
Embalsamamento 291  
Embriaguez 192  
Encantamentos 16, 286  
Enfermidades 75  
Enxadão 181  
Enxerto 196  
Epafras 323  
Epafrodito 81  
Erosão do solo 179  
Esaú 86, 184  
Escolas 125  
Escolas de medicina 77  
Escolha de nome 87  
Escravidão 156ss

Escravos de Roma 161s  
 Escravos de Salomão 158  
 Escravos em Jerusalém 161  
 Escravos estrangeiros 158  
 Escribas 253  
 Esdras 126, 298  
 Espelhos 72  
 "Espinho na carne" 29  
 Esportes 320ss  
 Esposa de Naamã 157  
 Esposas 33  
 Essênios 169, 173, 245s  
 "Estabelecendo limites" 252  
 Ester 93, 273  
 Esterco 183  
 Estevão 312s  
 Estrada de Jericó 233  
 Estradas 231ss  
 "Estrada real" 231  
 Estupro 117  
 Eufemismos 111  
 Eunuco etíope 297  
 Eunucos 145  
 Euro-Aquilão 234  
 Eva 47, 117  
 Execução por fogo 314

## F

Faixas (de recém-nascido) 87  
 Família 30ss, 39s  
 Familiares 37  
 Faraó 87  
 Fariseus 55, 56, 138  
 Farmácias 83  
 Feijão 183  
 Feixes 187  
 Félix 222  
 Fenícios 147  
 Féretro 292  
 Ferimentos em escravos 159  
 Ferreiros 181  
 Fertilidade 91s  
 Fertilizantes 183  
 Festa da Dedicção 248, 272  
 Festa da Iluminação 272  
 Festa dos pães asmos 264  
 Festas das Luzes 272  
 Festas das Semanas 266  
 Festas dos Macabeus 272

Festas dos Tabernáculos 16, 262, 267s  
 Festas e Festivais 263ss  
 Festival da Rededicção 272  
 Festa da Tosquia 204  
 Festo 223  
 Figos 47s, 197s  
 Filósofos 145  
 Filactérios 282  
 Filemon 163  
 Filhas de Filipe 99  
 Filho pródigo 30, 32, 86, 215, 279  
 Filhos "ilegítimos" 303  
 Filisteus 181  
 Finéias 113  
 Flauta 206, 278  
 Foices 187  
 Fome 167  
 Fome em Jerusalém 172  
 Forcado 189  
 Fornos 57  
 Franjas (em roupas) 59  
 Frutos 55, 192  
 Funerais 290  
 Fungos 185  
 Furar orelha 157, 159

## G

Gabriel 286  
 Gadara 215  
 Gado bovino 208  
 Gafanhotos 50, 185, 196, 283  
 Gaio 219  
 Galileus 301  
 Galinhas 214  
 Gálio 261  
 Gamaliel 128  
 Gansos 214  
 Gêmeos 235  
 Getsêmani 23, 194, 196  
 Gezer 153  
 Gibeom 175, 176, 189  
 Gideão 188  
 Ginásio esportivo 326  
 Gladiadores 324  
 Golias 61, 208  
 Gólgota 319  
 Grego (língua) 129

Gregos 299

## H

Hagar 102

Hamã 273, 305

Hanum 116

Haran el Khalil 290

Harpa 278

Hassidim 248

Hastes 186

Hazzan 258

Hebraico 129

Hebrom 290

Hepatoscopia 286

Herode Agripa II 229

Herodes (casa de) 154

Herodes, o Grande 15, 102, 161, 173, 185, 222, 223, 225, 250, 253, 315, 317, 320, 322, 323s

Herodianos 316

Hiilel 98, 109, 128

Hirão 196

Homossexualismo 115s

Honorários médicos 76

Hospedaria 241

Hospitalidade 23s

Hoteleiros 146

Hulda 93

Huppah 108

## I

Idade do Bronze 153

Idade do Ferro 153

Idolatria 309, 310

Idosos 135s

Igreja da Anunciação 148

Igreja da Multiplicação, em Tabga 46, 195

Igreja de Santo Estevão 313

Igreja de São Pedro 314

Igreja de Todas as Nações 194

Igrejas nos lares 39

Iluminação 18

Impostos 165

Inativo 138

Incenso 67

Incesto 117

Instrumentos musicais 277

Irrigação 175, 178

Isaque 108

Is-Bosete 325

## J

Jabal 26

Jacó 86, 94, 102, 205, 289, 290, 291

Jael 50

Jairo 293

Janelas 18

Jardineiros 147

Jardins 23

Jasão, o vil 322

Jejum 252

Jeremias 173, 177, 316

Jericó 200

Jesus

adulterio 119

afirmação de que era o Messias 247s

assando peixes 57

bom pastor 207

cantando hinos 280

cego 91

cintos 62

circuncisão 79

come mel 47

como carpinteiro 141, 144

como mestre 127s, 133

como o cordeiro de Deus 266

criancinhas 36, 191

curando enfermos 76

devedores 168

divórcio 34, 98, 109s

dono da casa 39

dracma perdida 19

e a pobreza 164, 170

entrada triunfal 59

entregar a capa 60

envolto em faixas 87

era pobre? 170s

figueira 47

franjas (na roupa) 59

galinha e pintinhos 215

hospitalidade 23

idéia sobre família 30ss

iluminação 18

- irmãos 37  
 lavagem de mãos 56  
 lavando os pés dos disci-  
 pulos 66  
 leis da alimentação 42  
 línguas que falou 129, 131  
 manto de púrpura 60  
 médicos 76  
**Monte das Oliveiras 49, 195**  
 196  
 mosquitos e camelos 57  
 mulheres 34, 95ss  
 mulheres presentes à sua  
 morte 94, 95  
 multiplicando pães e peixes  
 46  
 nascimento 86  
 no barco 21  
 o rico e lázaro 61  
 orando 55  
 ovelhas 201s  
 ovos 51  
 pano de cabeça 63  
 parábola do semeador 182  
 peixe 36  
 perdão 110  
 poda 193  
 poderes maléficos 283  
 pranteadores 293  
 refeição 42  
 relação com Roma 225  
 resgatador 160  
 roupas 61  
 samaritanos 298s  
 seguidores 22  
 seu jugo 180  
 sexo ilícito 118  
 solteiro 101  
 sua mãe 34  
 trabalho 142s  
 traição 23, 56  
 tribunais 308s, 314s  
 túmulo 294  
 ungido com perfume 68, 81,  
 97  
 ungir a cabeça 73  
 uso do sal 43  
 vinho 54, 108  
 virgens 19, 108
- Jetro 135  
 Jeú 204, 327  
 Jezebel 69  
 Jó 213  
**João Batista 47, 50, 54, 61, 65**  
 164, 246, 313  
 Joel 50  
 Jogos do Istmo 328  
 Jogos olímpicos 327  
 Jóias 70  
 Jonas 234, 296  
 Jope 145, 234  
 Joquebede 92  
 Josafá 116, 276  
**José (A.T.) 28, 61, 287, 288,**  
 291  
**José (N.T.) 32, 105, 106**  
**José de Arimatéia 254, 291,**  
 302  
 Josias 93, 116, 293, 295  
 Josué 122, 125  
 Josué sumo sacerdote 322  
 Jubileu, ano do 157  
 Juizes 308s  
 Judá 118  
 Judaizantes 329  
 Judas Macabeu 272  
 Judas, o zelote 301  
 Juliano 302  
 Júlio César 218  
 Jumentos 180, 210s, 237  
 Juntas (de bois) 180
- K**
- "Kaffiyah" 64  
 Kefir 50  
 Khan 241  
 Khan Hathrur 242  
 Kinnor 278
- L**
- Lã 58, 203s  
 Labão 284  
 Ladrões 205  
 Lâmpadas 18, 153, 258  
 Lâmpadas, relhas 181  
 Lameque 275  
 Laodicéia 144  
 Lascívia 118

- Latim 131  
Lavagem de mãos 252  
Lavagem de pés 65  
Lázaro 95, 251, 292  
Lázaro, o pobre 149  
Lei de Talião 311  
Leis da alimentação 42  
Leite 50  
Leitura do fígado 286  
Lentilhas 184  
Leões 205  
Levirato (casamento) 102  
Lia 91  
Lídia 39  
Limpeza do grão 188  
Línguas 129  
Linhos 66, 185  
Livro dos justos 294  
Ló 27  
Lobos 205  
Lojas 150s  
Lucas 76  
Lugarejos 24  
Luta 325
- M**
- Maçãs 201  
Macabeu, Judas 272  
Macabeus 249, 283, 316  
Macpela 290  
Mãe 33s  
Magia 281ss  
Magia "branca" 285  
Magos 170  
Males da Velhice 137  
Malta 234  
Manassés 114  
Mar Morto 15, 43, 175  
Mar Vermelho 174  
Mar da Galiléia 134  
Maria, irmã de Lázaro 95  
Maria Madalena 94  
Maria de Betânia 68, 95  
Maria, mãe de Jesus 90, 105, 106, 132  
Maria, mãe de Tiago 95  
Marido 31, 85  
Marinheiros 147, 235  
Marta 94, 95  
Massada 15, 177, 189, 228, 229, 244  
Matatias 249  
Mateus 224  
Matza ou Matzot 265  
Medicina 75  
Médicos 77  
Médicos famosos 83  
Megido 190, 211, 233  
Mel 46s, 80, 199  
Melões 55  
Mendicância 149, 167  
Mendigos 149, 166  
Menino epilético 32  
Meninos 86  
Menorá 18, 258  
Menstruação 118  
Mercadores (comerciantes) 150  
Mesopotâmia 178  
Messias 195, 246ss  
Messias egípcio 250  
Metal 180  
Métodos de Ensino 131  
Mezuzá 17, 283  
Mical 284  
Midianitas 158  
Miguel 286  
Miquéias 181  
Miriã 92  
Mirra 67  
Moagem 190  
Mobília 21  
Moisés 28, 50, 92, 107, 125, 135, 158, 200, 201, 275, 276, 312, 315  
Moloque 113  
Monte da transfiguração 16  
Monte das Oliveiras 49, 195, 248, 313  
Mordecai 273  
"Mohar" 104  
Movimentos messiânicos 247  
Mulas 210  
Mulher com hemorragia 76  
"Mulher de Corinto" 115  
Mulheres 92ss, 303  
Muries 44

Muro das Lamentações 56,  
270

Musht 44

Música 275ss

Músicas em funerais 293s

## N

Nabote 147

Nascimento 84

Natanael 302

Navegação 234s, 238

Nazaré 302

Necromancia 288

Nero 39, 219s, 227, 324

Nicodemos 67, 254, 291, 302

Noé 54, 191

Noivado 105

Nômandes 26, 213s

Nozes 199

Nudez 116

## O

Odede 158

O divórcio e a mulher 98

Oleiros 152

Óleo de ricino 77

Olimpo 321

"Olimpo de Júpiter" 272

Ombreira da porta 17, 159,  
283

Onã 118

Onésimo 162

Orar às refeições 55

Órfãos 169

Organização do Trabalho 140

Orquestras 279

Orvalho 176, 191

Os anciãos 135ss

O setor da construção 154

Os filhos 84ss

Ossuários 291

Otávio 225

Ovelhas 200s

Ovelhas listadas 289

Ovos 51, 215

## P

Padeiros 154

Pais 31s

Palha 188

Palmeira de Débora 199

Palmeiras 80, 199s

Palmyra 199

Panteras 205

"Papiro Médico Edwin Smith"

77

Paredes 20

Parente resgatador 160

Parteiras 87

Páscoa 16, 173, 263s

Pássaro de cerâmica 284

Pastor (de ovelhas) 201ss

Pastora 174

Patamares 179

Patos 214

Paulo 28s, 81, 181s, 245, 260

"aio" 125

Áquila e Priscila 28

casamento 101

corte de cabelo 74

escravos 162s

espelho 72

fabricando tendas 28

fariseu 251

filiação 32s

filósofos 145

galho de oliveira 49

homossexualismo 115

incesto 117

jóias 70

jugo desigual 180

pede a capa 60

pergaminho 60

prostituição 95s

referências a esportes 320ss

salvo pelos romanos 227

seu nome 37

sexo 109, 111

sexo pré-conjugal 120

trabalho 140s

uso do sal 43

viagens 147

viúvas 38s

Pássaro de Cerâmica 284

Paz romana 234, 238

Pecuária 201

Pedra de moinho 190

Pedras 179

Pedro 15, 16, 315

- com Cornélio 39
- escravos 162
- pescando 45
- sobre cabelo 74
- sogra 80
- supremo pastor 207
- visão do lençol 42
- Peixe 41, 42, 43ss
- Peixe (símbolo) 282
- Pele de cabra 207
- Pena capital 312
- Peneira 188
- Penteados 73s
- Pentecostes 239, 266
- Pepinos 184
- Peregrinação no deserto 27
- Perfume 67
- Pergaminhos do Mar Morto 130
- Pérolas 45
- Perversão sexual 117
- Pescadores 45
- Pilatos 221s, 228, 299s
- Pisar o cereal 188
- Pistácio 198
- Poços 176
- Poços de Salomão 177
- Poda 193
- Poliandria 103
- Polícia 316s
- Poligamia 101s
- Pombos 214
- Pompeu 218
- Porcos 215
- Porta 16s
- Porta das ovelhas 204
- Porta do peixe 45
- Portões 25
- Pranteadores 293
- Preceptores 125
- Preconceitos 172, 296ss
- Prensa de azeite 195, 196
- Preparo das refeições 56
- Presbyteros 136
- Pretório de Pilatos 319
- Previsões pela água 287
- Primogênitos 90
- Prisão 314s
- Priscila 99
- Procissões fúnebres 293
- Produtores de laticínios 208
- Professores 127s
- Profissões 139ss, 303
- Prosélitos 304
- Prostituição associada à religião 113ss
- Prostituição masculina 112
- Prostitutas 97, 169, 241
- Puá 87
- Publicanos 223
- Pulseiras (braceletes) 71, 72
- Punição (formas de) 311ss
- Purim 273
- Q**
- Queijo 50, 51, 208
- Quintais 22
- Qunrâ 246
- R**
- Raabe 93, 146, 185, 241
- "Rabi" 127
- Rabi Shetach 127
- Racismo 297
- "Rainha das Estradas" 231
- Rainha Helena de Adiabene 173
- Raposas 193
- Raquel 91, 102, 284
- Rebeca 71, 98
- Recabitas 28
- Receitas (de remédios) 80
- Refeições 55
- Resgatador 160
- Restrições às mulheres 93
- Riqueza 302
- Roboão 114
- Romã 199
- Romarias religiosas 239
- Romeiros 172
- Rosh Hashana 270
- Roxo (cor) 60
- Rúben 86
- Rute 85, 166, 187
- S**
- Sacudir flexas 287
- Saduceus 249s

- Safede 121  
 Sal 42s, 183  
 Sala de segredos 173  
 Salomão 61, 102ss, 147, 158, 165, 188  
 Saltério (lira) 276  
 Samaritanos 107, 264, 298  
 Samuel 92, 288  
 Sandálias 63s  
 Sangria 79  
 Sansão 181, 191, 325  
 Santo dos Santos 271  
 Sara 93, 102  
 Saul 72, 160, 199, 276, 284, 288  
 Seca 167, 174  
 Seda 66  
 Selo judeu 153  
 Sem (filho de Noé) 116  
 Semeador 179, 182  
 Semeadura 182  
 Semeadura (espalhando a semente) 182s  
 Senaqueribe 276  
 Sepultamento 290  
 Sermão do Monte 134  
 Sexo 111s  
 Sexo no casamento 112  
 Sexo pré-conjugal 118s  
 Shadai 17  
 Shammai 109, 128  
 Shema 17, 259  
 Shofar 59, 270, 277, 279  
 Sicômoro 196  
 Sifra 87  
 Siló 207  
 Silos 190  
 Silva 228  
 Simão, o Mago 289  
 Simeão, o curtidor 145  
 Simeão, o Níger 297  
 Simeão, o zelote 245  
 Simonia 289  
 Sinagoga 255ss  
 Sinagoga dos Libertos 256  
 Sinédrios 136, 249, 252s, 308, 317  
 Sinete (selo) 153  
 Siquém 42  
 Síria 157  
 Siroco 185  
 Sisera 50  
 Sistema postal 341  
 Skenoo 25  
 Sodoma 116  
 Sodomia 115s  
 Sombra para os olhos 69  
 Sonhos 288  
 Sóstenes 261  
 Sovela 159  
 "Sugs" 150s  
 Sulamita 104  
 Sulcos (na terra) 181  
 "Sun Athleo" 323  
 Superstições 91, 281ss  
 "Supremo Pastor" 207
- T**
- Talmude 168  
 Tamar 39, 117, 118  
 Tâmaras 51, 199  
 Tamareira 197  
 Tamborete de partos 87  
 Tamboril 278  
 Tanque de Betesda 75  
 Tanque de Siloé 149  
 Tatuagens 159  
 Teógenes 325  
 Teatro 320  
 Telhado 14ss  
 Temperos 55  
 Teodósio 330  
 Terafim 284  
 Tessalônica 260  
 Teudas 248  
 Tiago 47  
 Tiberiades 43, 44, 260  
 Tibério 218  
 Tigelas mágicas 285  
 Tijolos 20  
 Timóteo 38, 79, 90  
 Tingimento de tecidos 66  
 Tipos de cultura 183  
 Tirar sorte 287  
 Tito 229, 323  
 Torre de Davi 226  
 "Torre dos Fornos" 152  
 Torres de Vigia 192s



- Tosquia 204  
Trabalho de parto 86  
Trabalho em metal 153  
Transporte 230ss  
Travesseiros 21  
Trelças 191  
Trenó 188  
Trepanação 78  
Tribunais 308  
Trigo 183s, 186  
Trófimo 81  
Trombetas 269, 276  
Túmulos 294s  
Túnica exterior 59  
Turistas 239
- U**
- Ulemas 82  
Última ceia 21, 266  
Umna 76  
Unção 195  
Ungüentos 68s  
Ur dos Caldeus 26  
Urim e Tumim 287  
Urso 205  
Uso de roupa do sexo oposto 116  
Uvas 53, 54, 191  
Uzias 176, 192, 193
- V**
- Vale de Cedrom 194  
Vale de Jezreel 49  
Vara de Arão 198  
Varas 317  
Velas 18  
Venda de escravos em Delfos 160, 161  
Ventos 185  
Vepasiano 228, 229, 324  
Verduras 53, 184, 185  
Veste interior 61s  
Vestuário 58  
Véus 63, 66, 98  
Via Ápia 231  
Via Dolorosa 319  
Via Maris 233  
Viagem 230ss  
Vidraça 18  
Vidro 72, 291  
Vinhas 191s  
Vinho 53, 81  
Virgindade 106, 118  
Viúvas 38s, 157, 172
- X**
- Xales 98
- Y**
- Yom Kipur 270s
- Z**
- Zaqueu 47, 171, 198, 224, 302  
Zebedeu 84  
Zelotes 226, 244s  
Ziba 160  
Zimri 113  
Zohar 290

# **ÍNDICE DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS**

# ÍNDICE DE REFERÊNCIAS BÍBLICAS

Referência	Pág.	Referência	Pág.
<b>GÊNESIS</b>			
1.14 .....	288	30.32 .....	207
1.26,27 .....	92	30.37-43 .....	289
1.28 .....	140	31.15 .....	37
2.15.....	140, 147	31.19 .....	220, 284
2.24 .....	103	31.39 .....	205
3.7 .....	47, 197	32.24 .....	321
3.16 .....	86	35.4 .....	70, 284
4.8 .....	37	35.11 .....	112
4.20 .....	26, 214	35.16-19 .....	86
4.20-22 .....	275	35.17, 18 .....	87
9.20 .....	191	37.3 .....	61
9.21 .....	55	37.7 .....	187
9.21-23 .....	116	38.1-11 .....	118
11.3 .....	21	38.14 .....	39
12.2, 3 .....	296	38.28 .....	87
12.8 .....	26	40.2 .....	154
13.2 .....	27	43.11 .....	198
16.3 .....	102	44.5, 15 .....	287
17.12 .....	79, 88	48.15 .....	205
18, 19 .....	116	49.3, 4 .....	86
18.4 .....	65	49.30 .....	291
18.8 .....	50	50.2, 26 .....	291
21.8 .....	88	50.3 .....	291
23.17 .....	290	50.5 .....	291
24.30 .....	71	50.25 .....	291
24.47 .....	71	<b>ÊXODO</b>	
24.53 .....	104	1.11 .....	190
24.65 .....	98	1.15-21 .....	87
24.67 .....	108	1.16 .....	87
25.29-34 .....	86, 184	2 .....	92
26.12 .....	182	2.9 .....	88
29.15-30 .....	94	2.21 .....	107
29.18 .....	102, 104	3.1 .....	214
30.1, 2, 22 .....	93	3.5 .....	65
30.14 .....	80	3.8 .....	46, 50
30.14-18 .....	91	3.10 .....	316

Referência	Pág.
9.31 .....	185
10.15 .....	50
10.19 .....	185
12 .....	264
12.2 .....	270
12.7 .....	264
12.46 .....	266
13.2 .....	90
15 .....	276
15.20 .....	279
16.31 .....	46
18 .....	135
18.13-26 .....	308
18.25 .....	253
20.3-5 .....	309
20.4 .....	131, 284
20.5 .....	37
20.8,9 .....	143
20.12 .....	33, 135
20.17 .....	33, 98
21.1-11 .....	158
21.2-4 .....	160
21.5,6 .....	157
21.6 .....	159
21.7 .....	37
21.7-10 .....	160
21.7-11 .....	103
21.10 .....	102
21.15 .....	310
21.16 .....	310
21.18, 19 .....	310
21.20ss .....	159
21.22 .....	312
21.22, 23 .....	90, 310
21.23-25 .....	312
21.26, 27 .....	160, 310
21.29, 30 .....	312
22.1 .....	311
22.1-4 .....	312
22.2, 3.....	311
22.6 .....	311
22.3 .....	157
22.19 .....	117
22.22-24 .....	169
22.25 .....	144, 165, 167
22.26, 27 .....	60
23.14-17 .....	16
24.7 .....	125

Referência	Pág.
26 .....	28
28.33 .....	200
30.34-38 .....	67
32.27 .....	313
34.15, 16 .....	107
34.22 .....	266
36.14-19 .....	28

## LEVÍTICO

2.1 .....	183
2.13 .....	42
2.15, 16 .....	67
3.1 .....	208
4.23 .....	208
11.4 .....	211, 213
11.9-12 .....	45
12.8 .....	90, 170
15.19-24 .....	118
16.8-10 .....	271
16.21, 22 .....	271
18.1-29 .....	311
18.6ss .....	117
18.19 .....	118
19.9, 10 .....	165
19.10 .....	192
19.18 .....	312
19.19 .....	210
19.23 .....	192
19.28 .....	294
20.9 .....	37
20.14 .....	314
20.20, 21 .....	85
21.5 .....	73
21.9 .....	314
21.18 .....	91
23 .....	16
23.15-22 .....	267
23.27-29 .....	252
23.33-43 .....	269
24.19, 20 .....	312
25.3, 4 .....	193
25.39 .....	157
25.39-55 .....	158
25.46 .....	157
25.47-49 .....	160
25.49 .....	160
27.1-8 .....	93

Referência	Pág.	Referência	Pág.
<b>NÚMEROS</b>			
5.1-4 .....	291	15.4, 5 .....	164
5.7 .....	311	15.12-18 .....	165
5.12SS .....	34	15.17 .....	159
5.16-31 .....	119	16 .....	16
9.12 .....	266	17.7 .....	312
11.5 .....	184	17.16 .....	211
11.25 .....	135	17.17 .....	103
13.23 .....	200	18.4 .....	204
13.23, 24 .....	191	19.16-21 .....	309
15.34 .....	314	19.21 .....	312
15.37-41 .....	59	20.7 .....	105
17.8 .....	198	21.10-14 .....	103, 158
18.16 .....	90	21.15-17 .....	102
20.17 .....	231	21.22, 23 .....	291
21.16,17 .....	275	22.5 .....	66, 116
21.22 .....	233	22.6 .....	215
22.24 .....	186	22.8 .....	15, 310
25.1-8 .....	113	22.10 .....	180
27.8 .....	93	22.13-21 .....	106
27.17 .....	205	22.15 .....	120
20.10-12 .....	93	22.20, 21 .....	93
31.11, 12 .....	158	22.22 .....	93, 119
31.32 .....	201	22.23, 24, 28 .....	106
35.19-21 .....	313	22.23-30 .....	310
35.24 .....	307	22.25-27 .....	118
35.28 .....	307	22.30 .....	117
<b>DEUTERONÔMIO</b>			
4.41-43 .....	307	23.2 .....	303
6.4, 5 .....	259	23.2, 3 .....	304
6.4-9 .....	17	23.15, 16 .....	160
6.9 .....	125	23.17 .....	116
8.8 .....	200	23.17, 18 .....	114
8.10 .....	55	23.18 .....	112
11.8-14 .....	178	24 .....	110
11.10, 11 .....	178	24.1 .....	32, 34, 98, 109
11.13-21 .....	17	24.5 .....	109
11.14 .....	176	24.6 .....	168
13.6-9 .....	310	24.7 .....	157
13.15 .....	313	24.10, 11 .....	168
14.1 .....	294	24.19-21 .....	187
14.5 .....	53	24.20 .....	195
14.21 .....	50	25.1-3 .....	312
14.26 .....	266	25.4 .....	188
14.28, 29 .....	165, 170	25.5-10 .....	38, 102
15 .....	158	25.7 .....	308
15.1, 4 .....	165	25.15 .....	311
		27.17 .....	311
		31.30ss .....	276
		34.3 .....	200

Referência	Pág.	Referência	Pág.
<b>JOSUÉ</b>			
2.1 .....	146, 241	1.11 .....	85
2.6 .....	185	1.22 .....	88
6 .....	51	2.22 .....	114
6.20 .....	278	4 .....	137
7.14ss .....	288	6.4 .....	310
7.25 .....	294, 314	8.11 .....	211
8.24-27 .....	297	9.8 .....	160
10.28 .....	297	13.20 .....	181
15 .....	28	14.2 .....	199
16.10 .....	158	14.31-34 .....	208
18.4, 8, 9 .....	125	16.23 .....	276
20.6 .....	307	17.5 .....	61
23.6-13 .....	297	17.18 .....	208
24.32 .....	291	17.34, 35 .....	206
<b>JUÍZES</b>			
1.16 .....	199	17.49 .....	321
3.24 .....	112	18.6, 7 .....	276
3.31 .....	181	18.25 .....	104
4 .....	132	19.13 .....	284
4.5 .....	199, 308	24.3 .....	112
4.6-9 .....	92	25.2 .....	204
4.19 .....	50	25.18 .....	47
4.21 .....	27	25.41 .....	66
5.10 .....	210	28.7ss .....	288
6.5 .....	214	<b>2 SAMUEL</b>	
6.11 .....	188	1.10 .....	72
7.16-22 .....	278	1.18 .....	294
8.24 .....	70	2.13 .....	177
8.33 .....	114	2.14 .....	325
9.45 .....	42	2.18 .....	321
9.53 .....	191	3.31 .....	292
14.18 .....	181	5.13-16 .....	102
14.20 .....	107	6.5 .....	278, 279
15.8 .....	325	6.14 .....	279
16.21 .....	191, 315	7.1-11 .....	28
19 .....	103	9.10 .....	160
20.16 .....	321	10.4 .....	116
21.19ss .....	279	12.8 .....	104
<b>RUTE</b>			
1.22 .....	187	13 .....	117
2.7 .....	187	16.5ss .....	315
3.4-7 .....	112	19.35 .....	137
4.7, 8 .....	65	23.11 .....	184
<b>1 SAMUEL</b>			
1.1-25 .....	92	24.18 .....	188
<b>1 REIS</b>			
2.10 .....			
2.36, 37 .....			
4.22, 23 .....			
31			
315			
208			

Referência	Pág.	Referência	Pág.
4.26 .....	211	16 .....	276
4.32 .....	278	23.4 .....	308
5.11 .....	188, 196	25.1, 5 .....	276
5.18 .....	240	25.7 .....	276
7.20 .....	200	27.25 .....	190
8.37 .....	186	27.28 .....	198
8.63 .....	201		
9.16 .....	104	<b>2 CRÔNICAS</b>	
9.19 .....	190	2.7 .....	61
9.21 .....	158	5.12 .....	278
10.12 .....	278	8.4 .....	199
10.26 .....	211	15.11 .....	201
10.27 .....	198	16.14 .....	292
11.1 .....	107	17.11 .....	207
11.1, 3 .....	102	19.8 .....	308
11.3 .....	103	20.20ss .....	276
11.4 .....	104	21.3 .....	86
14.23, 24 .....	114	26.10 .....	176, 193
14.24 .....	116	28.10 .....	158
15.12 .....	114, 116	28.15 .....	200
17.1 .....	185	31.5 .....	47
18.1 .....	185	33.3 .....	114
18.46 .....	62	35.25 .....	293
20.32 .....	62		
20.35 .....	141	<b>ESDRAS</b>	
21 .....	147	2.42 .....	141
22.6-28 .....	141	3.10, 11 .....	275
22.46 .....	114, 116	4 .....	298
		7.6 .....	126
<b>2 REIS</b>		7.25 .....	308
1.2 .....	310	9.1, 2 .....	107
4.1 .....	157	9.1-3 .....	298
5.2 .....	157		
9.1 .....	63	<b>NEEMIAS</b>	
9.20 .....	327	3.1 .....	204
9.30 .....	70	3.31 .....	141
10.14 .....	204	5.1-5 .....	157
13.18, 19 .....	287	8.2-8 .....	126
17.24-29 .....	298	8.4, 5 .....	257
20.18 .....	145		
21.6 .....	310	<b>ESTER</b>	
22.14-20 .....	93, 132	3-5 .....	305
23.7 .....	114	8.10 .....	211
23.11 .....	211		
23.17 .....	295	<b>JÓ</b>	
23.24 .....	220	1.3 .....	213
25.27 .....	315	4.21 .....	28
		15.10 .....	137
<b>1 CRÔNICAS</b>		24.3, 9 .....	169
5.25 .....	114	27.18 .....	192

Referência	Pág.	Referência	Pág.
29.12 .....	169	2.13 .....	197
30.1 .....	215	2.15 .....	193
31.18 .....	169	3.6 .....	67, 108
<b>SALMOS</b>			
19.10 .....	47	4.3, 13 .....	201
22.18 .....	62	4.5 .....	113
23.4 .....	206	4.6, 14 .....	67
23.5 .....	68	4.11 .....	113
32.4 .....	167	5.15, 16 .....	113
34.20 .....	266	6.7 .....	201
62.4 .....	28	6.8, 9 .....	104
68.5 .....	39	6.11 .....	199
80.13 .....	215	7.3-7 .....	113
90.10 .....	137	7.13 .....	91
94.6 .....	169	8.3 .....	113
113, 114 .....	279	<b>ISAÍAS</b>	
115-118 .....	279	1.8 .....	184
127.3-5 .....	37	2.4 .....	181
127.3-5 .....	84, 85	3.4,5 .....	135
129.3 .....	181	3.21 .....	71
<b>PROVÉRBIOS</b>			
5.15-19 .....	109	5.6 .....	193
7.17 .....	67	8.19 .....	288
11.22 .....	215	10.2 .....	169
16.24 .....	47, 80	18.5 .....	193
16.33 .....	288	20.1 .....	124
19.13 .....	15	20.2-4 .....	117
20.29 .....	73, 137	20.4 .....	116
22.6 .....	37	22.18 .....	320
22.15 .....	37	25.10 .....	183
24.13 .....	47	26.17 .....	86
24.29 .....	312	27.3 .....	193
27.9 .....	67	27.8 .....	185
31 .....	32, 33, 185	28.1 .....	191
31.18 .....	19	28.28 .....	188
31.10-31 .....	93	30.24 .....	210
<b>ECLESIASTES</b>			
2.5 .....	147	30.29 .....	278
4.13 .....	136	40.3-5 .....	246
9.9 .....	110	40.11 .....	205
12.1-7 .....	137	47.13 .....	288
12.11 .....	181	50.6 .....	72
<b>CANTARES DE SALOMÃO</b>			
1.5, 6 .....	297	53.7 .....	204
		61.1, 2 .....	164
		63.3 .....	54
		<b>JEREMIAS</b>	
		3.3 .....	176
		4.30 .....	70
		10.2 .....	288



Referência	Pág.	Referência	Pág.
11.16 .....	196	4.1-3 .....	296
12.5 .....	321	<b>MIQUÉIAS</b>	
18.1-6 .....	152	3.12 .....	181
20.1,2 .....	316	4.3 .....	194
25.30 .....	54	4.4 .....	195
33.13 .....	205	<b>HABACUQUE</b>	
35 .....	28	3.17 .....	47
37.21 .....	155	<b>ZACARIAS</b>	
38.6 .....	177	3.2 .....	285
41.16 .....	145	9.9 .....	210
48.37 .....	73	10.1 .....	176
<b>EZEQUIEL</b>		<b>MATEUS</b>	
8.16 .....	269	1.18-20 .....	32
9.4 .....	159	1.19 .....	106
16.4 .....	42, 87	1.25 .....	106
16.5-58 .....	114	2.1-12 .....	288
17.10 .....	185	2.9 .....	288
20.37 .....	205	2.11 .....	69
21.21 .....	287	2.16 .....	317
22.7 .....	38, 169	3.4 .....	50
23.40 .....	70	3.12 .....	188
43.24 .....	42	4.23 .....	260
<b>DANIEL</b>		5 .....	134
1.12 .....	184	5.13 .....	44
1.19 .....	145	5.15 .....	20
6.6ss .....	316	5.25 .....	309
<b>OSÉIAS</b>		5.25, 26 .....	315
2.9 .....	185	5.27-32 .....	109
6.3 .....	176	5.28 .....	118
<b>JOEL</b>		5.31, 32 .....	119
1.1-12 .....	50	5.33-37 .....	309
2.23 .....	176	5.38, 39 .....	312
<b>AMÓS</b>		5.40 .....	60
2.6 .....	65	6.4 .....	173
2.8 .....	168	6.6 .....	15
4.9 .....	196	6.12 .....	168
5.19 .....	21	6.16-18 .....	252
7.14 .....	141, 198	6.17 .....	73
9.9 .....	188	6.28 .....	143
<b>JONAS</b>		6.28-33 .....	61
1.3 .....	234	6.30 .....	57
3.6 .....	62	7.6 .....	45, 216
		7.24-27 .....	18
		7.28, 29 .....	133

Referência	Pág.	Referência	Pág.
8.14, 15 .....	80	19.8 .....	31
8.16 .....	76	19.8, 9 .....	110, 120
8.30ss .....	215	19.9 .....	35, 98
9.9 .....	224	19.12 .....	145
9.10 .....	224	19.21 .....	302
9.17 .....	54, 208	19.23 .....	302
9.23 .....	278	19.24 .....	237
9.24 .....	293	20.1 .....	143, 192
9.35 .....	260	21.1-7 .....	210
9.36 .....	202	21.8 .....	59
9.37 .....	143	21.12 .....	144
10.9 .....	63	21.19-21 .....	48
10.10 .....	65, 206	21.32 .....	97
10.17 .....	260, 312	22.1ss .....	108
10.27 .....	15	22.4 .....	208
11.5 .....	164	22.5 .....	152
11.15 .....	133	22.11 .....	108
11.16, 17 .....	35	22.15-22 .....	316
11.18, 19 .....	54	22.17-21 .....	219
11.19 .....	42	22.23 .....	249
11.28-30 .....	180	22.23, 24 .....	38
12.1 .....	183	22.30 .....	101
12.9-14 .....	260	23.2 .....	258
12.12 .....	202	23.4, 15 .....	304
13.3-8 .....	182	23.5 .....	60
13.5 .....	179	23.6 .....	258
13.45, 46 .....	45	23.8 .....	128
13.53-58 .....	260	23.15 .....	251, 300
13.55 .....	37, 142, 144	23.16-22 .....	309
13.57 .....	170	23.23 .....	55, 252
14.15ss .....	45	23.24 .....	57
14.17 .....	45	23.27 .....	295
15.2 .....	52	23.37 .....	51, 215
15.14 .....	82	24.3 .....	49
15.26 .....	216	24.17 .....	16
15.36 .....	45, 55	24.23, 24 .....	248
15.38 .....	45	24.24 .....	283
17.4 .....	16	24.41 .....	191
17.15 .....	32	25.1-4 .....	19
17.27 .....	45	25.1-8 .....	154
18.6 .....	191	25.1-10 .....	20
18.12, 13 .....	202	25.1-13 .....	108, 154
18.22 .....	31	25.9 .....	152
18.25 .....	144	25.32, 33 .....	207
18.25-34 .....	168	25.34-36 .....	315
19.3 .....	128	26.6-13 .....	67
19.3-12 .....	109	26.7 .....	95
19.6 .....	103	26.9 .....	81

Referência	Pág.	Referência	Pág.
26.23 .....	56	14.64 .....	254
26.26 .....	55	14.70 .....	301
26.29 .....	54		
26.30 .....	279	<b>LUCAS</b>	
26.47 .....	317	1.46-55 .....	132
26.51 .....	317	1.59 .....	79, 88
26.65 .....	62	1.68 .....	248
26.73 .....	129	2.1 .....	218
27.46 .....	129	2.5 .....	106
27.60 .....	295	2.7 .....	147, 242
		2.12 .....	87
<b>MARCOS</b>		2.21 .....	79
1.6 .....	47	2.22-24 .....	90
1.34 .....	76	2.24 .....	90, 170
3.35 .....	94	2.36 .....	132
4.3-8 .....	182	2.36, 37 .....	96
4.26-29 .....	187	2.41 .....	266
4.38 .....	21	2.42 .....	266
5.26 .....	97	3.3 .....	97
6.3 .....	142, 144	3.11 .....	61
6.8 .....	206	3.17 .....	188
6.13 .....	76, 81	4.14, 15 .....	258
6.27 .....	313	4.16 .....	129
6.34 .....	205	4.18 .....	164, 171
6.56 .....	76	4.20 .....	258
7.5 .....	56, 252	4.23 .....	76
7.11 .....	38	4.40 .....	76
7.11-13 .....	138	6.12, 13 .....	134
7.14-23 .....	42	6.15 .....	245, 301
8.17, 21 .....	133	6.29 .....	60
9.50 .....	43	7.11-15 .....	292
10.2-12 .....	109	7.32 .....	279
10.8 .....	103	7.34 .....	42, 224
10.13 .....	31	7.38 .....	66, 73, 97
10.46 .....	149	7.38, 44 .....	24
11.1 .....	198	7.46 .....	68, 81
11.1-11 .....	237	8.2, 3 .....	94
11.15 .....	152	8.5-8 .....	182
12.1-12 .....	192	8.6 .....	179
12.18 .....	249	9.3 .....	206
12.40 .....	38	9.52-54 .....	299
13.9 .....	259	9.62 .....	181
13.35 .....	51	10.4 .....	65
14.3-9 .....	67	10.7 .....	143
14.7 .....	171	10.25-37 .....	233
14.32 .....	196	10.30-37 .....	82, 299
14.36 .....	32	10.34 .....	81, 147
14.63 .....	62	10.34, 35 .....	147, 242

Referência	Pág.	Referência	Pág.
10.38 .....	96	23.55 .....	294
10.38ss .....	95	24.30 .....	55
11.11 .....	45	24.42 .....	47
11.12 .....	51, 215		
11.38 .....	56	<b>JOÃO</b>	
12.3 .....	15	1.14 .....	25
12.11 .....	260	1.27 .....	65
12.18 .....	190	1.36 .....	266
12.55 .....	185	1.41 .....	247
13.1 .....	245, 301, 316	1.46 .....	302
13.1,2 .....	222	1.48 .....	47, 197
13.6-8 .....	198	1.49 .....	127
13.8 .....	47, 183	2 .....	34
13.14 .....	258	2.1-11 .....	108
13.15 .....	210	2.6 .....	54, 154
13.25 .....	39	2.6ss .....	54
14.1-5 .....	210	2.14 .....	144
14.12-14 .....	165	3.17 .....	144
14.13 .....	24, 171	3.20 .....	19
14.34 .....	183	3.29 .....	107
14.34, 35 .....	44	4 .....	96, 98
15 .....	32	4.7 .....	299
15.8 .....	19, 72	4.25 .....	248
15.11ss .....	215	4.27 .....	31
15.25 .....	279	4.35 .....	187
15.28 .....	86	5.1 .....	274
16.18 .....	109	5.2 .....	75, 204
16.19ss .....	61	5.2ss .....	177
16.19-25 .....	24	6.9 .....	46
16.20 .....	149	6.11 .....	55
18.15-17 .....	37	6.15 .....	248
19.1-10 .....	196, 224	7.1-9 .....	268
19.4 .....	47, 198	7.5 .....	37
19.8 .....	171	7.32 .....	317
19.23 .....	144	7.37 .....	269
20.1-8 .....	313	7.46 .....	133
20.20-25 .....	226	7.50-52 .....	254
20.27 .....	249	7.53-8.11 .....	313
20.46 .....	60	8.48 .....	299
21.12 .....	315	9 .....	151
21.29, 30 .....	48	9.1 .....	91
21.37 .....	196	9.1-11 .....	149
22.12 .....	16	9.7-11 .....	177
22.47 .....	317	10.3-5 .....	204
23.1 .....	254	10.7 .....	207
23.6, 7 .....	222	10.7-9 .....	204
23.32 .....	318	10.11, 14 .....	207
23.50, 51 .....	254	10.15 .....	202, 207

Referência	Pág.	Referência	Pág.
10.22 .....	273	4.19, 20 .....	226
10.24 .....	248	4.32 .....	172
11 .....	95, 96, 295	4.36, 37 .....	169
11.39 .....	292	5.4-17 .....	251
11.48 .....	251	5.29 .....	316
11.49, 50 .....	251	5.34-39 .....	128
11.53 .....	254	5.35-39 .....	318
12.1-8 .....	67	5.37 .....	301
12.13 .....	199	6.1 .....	38, 300
12.14 .....	210	6.1-6 .....	172
13.3-16 .....	24	6.9 .....	256
13.4-10 .....	66	7.33 .....	65
14.6 .....	233	7.54-60 .....	313
15.1, 2 .....	193	7.57, 58 .....	313
15.15 .....	163	8.1-3 .....	245, 305
16.21 .....	86	8.9-24 .....	289
18.1 .....	23	8.26 .....	7
18.3, 12 .....	317	8.26ss .....	145, 297
18.27 .....	215	8.32 .....	204
18.33 .....	228	9.1, 2 .....	308
18.39 .....	229	9.2 .....	260
19.2 .....	60	9.20 .....	260
19.11 .....	226	9.36-41 .....	66
19.13 .....	258	10.6 .....	145
19.14 .....	229	10.7,24 .....	39
19.19 .....	229	10.9 .....	15
19.20 .....	131	10.9-16 .....	43
19.23 .....	62	10.44-48 .....	321
19.31-33 .....	319	11.1-10 .....	42
19.36 .....	266	11.27 .....	173
19.39 .....	67	11.28 .....	172, 185, 219
20.15 .....	23, 147	12.2 .....	313
20.30, 31 .....	163	12.21 .....	258
21.9 .....	45, 57	13.1 .....	128, 297
<b>ATOS</b>		13.6ss .....	289
1.11 .....	302	13.14-41 .....	259
1.13 .....	16, 245, 301	13.15 .....	258
1.14 .....	37, 96	14.13 .....	208
1.26 .....	287	15 .....	300
2.1-4 .....	268	15.5, 19-21 .....	90
2.5ss .....	268	15.19 .....	79
2.9, 10 .....	239	15.29 .....	115, 310
2.41 .....	268	16.1-3 .....	37
2.46 .....	39, 172	16.3 .....	79, 90
3.2 .....	91, 150	16.11-15 .....	66
4.1 .....	260	16.14 .....	152
4.1-4 .....	317	16.14, 40 .....	99
		16.15 .....	39

Referência	Pág.	Referência	Pág.
16.16ss .....	289	27.14 .....	234
16.17 .....	233	27.35 .....	55
16.25 .....	279	27.42, 43 .....	227
16.31-34 .....	39	28.11 .....	235
16.35, 38 .....	317	28.15 .....	231
16.37 .....	225	28.21 .....	308
17 .....	221		
17.1-5 .....	261	<b>ROMANOS</b>	
17.6 .....	230	1.23-27 .....	116
17.18 .....	146	8.15 .....	32
17.22ss .....	146	8.15-17 .....	163
17.23 .....	310	9.16 .....	329
17.32-34 .....	146	10.1-4 .....	245
18.1, 2 .....	219	11.17 .....	196
18.3 .....	28	11.17, 24 .....	49
18.8 .....	261	11.24 .....	197
18.17 .....	261	12.13 .....	24
18.24ss .....	99	13.1-7 .....	219
18.25 .....	233	13.1-7 .....	226, 309, 316
19.9, 23 .....	233		
19.14-16 .....	289	<b>1 CORÍNTIOS</b>	
19.19, 20 .....	286	1.16 .....	39
19.24 .....	155	4.15 .....	125
20.9 .....	18	5.1 .....	117
20.24 .....	329	5.7 .....	266
21.9 .....	99	6.9 .....	116
21.11 .....	63	6.9 .....	120
21.38 .....	248, 318	6.15, 16 .....	115
22.3 .....	128	6.20 .....	161
22.4 .....	233	7.1-7 .....	99, 112
22.25-29 .....	318	7.3-5 .....	109
22.28 .....	225	7.8, 9 .....	101
23.6 .....	252	7.20, 21 .....	163
23.8 .....	250	7.21 .....	161
23.12-14 .....	245	7.23 .....	161
23.23 .....	227	9.7 .....	143
24.14, 22 .....	233	9.22-27 .....	329
24.17 .....	172	9.25 .....	329
24.26 .....	223	9.26 .....	326
24.27 .....	223	10.25 .....	215
25.3 .....	223	11.5 .....	99
25.10-12 .....	219	11.14, 15 .....	74
25.11 .....	225	11.15 .....	63
25.12 .....	223	12.23, 24 .....	112
26.14 .....	182	13.12 .....	72
27, 28 .....	234	14.15 .....	280
27.9 .....	271	14.33-36 .....	100

Referência	Pág.	Referência	Pág.
<b>2 CORÍNTIOS</b>		<b>3.16</b> ..... 280	
5.1-4 .....	26	3.21 .....	40
5.10 .....	258	3.22, 23 .....	140
6.14 .....	180	4.6 .....	44
6.14, 15 .....	107	4.14 .....	77, 83
8.9 .....	171	<b>1 TESSALONICENSES</b>	
11.24 .....	312	2.19 .....	329
11.25 .....	317, 318	<b>2 TESSALONICENSES</b>	
11.33 .....	18	3.6-15 .....	171
12.7-9 .....	81	3.10 .....	143
12.9 .....	29	<b>1 TIMÓTEO</b>	
12.14 .....	38, 138	2.9 .....	63, 70, 71, 74
<b>GÁLATAS</b>		2.11, 12 .....	100
1.13, 14 .....	245	3.4, 5, 12 .....	40
2.2 .....	329	4.7, 8 .....	326
3.13 .....	160	4.12 .....	136
3.24, 25 .....	125	5.1 .....	136
3.28 .....	163	5.3-8 .....	138
4.6 .....	32	5.8 .....	33
4.13-15 .....	81	5.10 .....	24, 66
5.1 .....	161	5.11 .....	38
5.7 .....	329	5.18 .....	143, 210
6.10 .....	30, 39	5.23 .....	81
6.12-16 .....	300	6.1, 2 .....	162
<b>EFÉSIOS</b>		<b>2 TIMÓTEO</b>	
1.7,8 .....	160	4.7 .....	328
2.19 .....	39, 225	4.8 .....	329
5.18 .....	55	4.13 .....	60, 124
5.18, 19 .....	280	4.19 .....	39
5.22 .....	40	4.20 .....	81
5.25 .....	33, 40, 99, 110	<b>TITO</b>	
5.31 .....	112	1.8 .....	24
6.1 .....	33, 40	2.10 .....	143
6.4 .....	32	2.4 .....	33
6.12 .....	325	2.5 .....	34, 40
<b>FILIPENSES</b>		<b>FILEMON</b>	
2.5ss .....	171	Filemon .....	24
2.25-27 .....	81	16 .....	163
3.5, 6 .....	245	<b>HEBREUS</b>	
4.1 .....	329	5.5, 6 .....	272
4.3 .....	180	5.14 .....	327
<b>COLOSSENSES</b>			
2.8 .....	146		
3.11 .....	163		

Referência	Pág.	Referência	Pág.
7.27 .....	272	2.13, 14 .....	226
7.28 .....	272	2.18 .....	143
8.1 .....	272	2.18-25 .....	162
8.2 .....	29	3.3 .....	63, 70, 74
10.1ss .....	271	3.7 .....	99
10.10 .....	271	4.9 .....	24
10.19 .....	272	5.4 .....	207, 329
11 .....	93		
11.9, 10 .....	27	<b>2 PEDRO</b>	
11.31 .....	241	1.13 .....	26
11.37 .....	208	2.14 .....	327
12.1 .....	329		
12.11 .....	327	<b>2 JOÃO</b>	
12.16 .....	86	2 João .....	24
13.4, 5 .....	109		
<b>TIAGO</b>		<b>3 JOÃO</b>	
1.12 .....	329	3 João .....	24
1.27 .....	39, 169		
2.1-4 .....	259	<b>APOCALIPSE</b>	
2.1-7 .....	303	2.10 .....	329
2.2 .....	71	5.9 .....	280
3.12 .....	47	7.15 .....	29
5.2 .....	60	14.3 .....	280
5.4 .....	143	14.14-20 .....	187
5.14 .....	81	15.3 .....	280
<b>1 PEDRO</b>		18.11-13 .....	238
1.13 .....	63		



# MANUAL DOS TEMPOS & COSTUMES BÍBLICOS

**H**á certas expressões bíblicas que só conseguimos compreender plenamente quando descobrimos seu significado no tempo e na situação em que foram proferidas.

Quanto mais conhecermos as emoções, a mentalidade e o estilo de vida dos judeus do Velho e do Novo Testamento, melhor compreenderemos a pessoa do Senhor Jesus Cristo.

Fatos, fatos e dados indispensáveis para pastores e mestres.  
Leitura fascinante para todos os membros da família e grupos de estudo bíblico.

## ALGUNS DOS TÓPICOS ABORDADOS:

Casa e Família ■ Alimentos e Bebidas ■ Educação  
Medicina e Saúde ■ Criminologia e Sistemas Penais  
Religião ■ Política e Vida Social ■ Práticas Sexuais  
Mulheres na Sociedade ■ Escravatura  
Pobreza ■ Ritos e Festas

UMA OBRA CONFIÁVEL E ATUALIZADA, APRESENTADA  
EM ESTILO FASCINANTE E COM AMPLA  
DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA.

Editora  Betânia  
Leitura para uma vida bem-sucedida

Caixa Postal 5010 - 31611-970 Venda Nova, MG  
[www.editorabetania.com.br](http://www.editorabetania.com.br)

ISBN 978-85-358-0157-6



9 788535 801576